NOVAFCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

AS ASSINATURAS DOS ANTIGOS
Marcas de oleiro em *terra sigillata* da província romana da *Lvsitania*

Daniel Cintrão Pires de Andrade

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

(Versão melhorada e corrigida após defesa pública)

Daniel Andrade - As assinaturas dos antigos. Marcas de oleiro em *terra sigillata* da província romana da *Lvsitania* – setembro de 20

Março de 2022

NOVAFCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

AS ASSINATURAS DOS ANTIGOS
Marcas de oleiro em *terra sigillata* da província romana da *Lvsitania*

Daniel Cintrão Pires de Andrade

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

(Versão melhorada e corrigida após defesa pública)

Março de 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica de José Carlos Quaresma e Maria Isabel Fernández García

Aos meus Pais

Ao meu irmão

À Cláudia Santos

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação, apesar de redigida individualmente e representar os pontos de vista e ideias do autor, não teria sido possível sem um grande número de pessoas e instituições a apoiar, facilitar e promover a investigação necessária para a sua redação. Pela sua ajuda merecem o devido reconhecimento neste primeiro texto da tese.

Reconheço primeiramente o papel desempenhado pelo Museu Monográfico de *Conimbriga* e, mais pessoalmente, aos Doutores Virgílio Correia, José Ruivo e Vítor Dias, por terem facilitado imenso o trabalho presencial aquando da investigação dos fragmentos de *terra sigillata*. A sua constante disponibilidade, e o seu auxílio em matérias logísticas durante o estudo foi um grande apoio, bem como os seus conhecimentos sobre as escavações do arqueossítio.

Gostaria de agradecer a Geoffrey Dannel e a Brenda Dickinson, por me terem acolhido em sua casa e dado a melhor hospitalidade, em Petersborough. Agradeço também por me terem ensinado não só como operar a base de dados "*Samian Ware*" e dado conhecimento sobre as melhores técnicas de registo e tratamento de dados no que toca a marcas de oleiro. Dentro da equipa que integra o "*Samian Ware Project*", merece também agradecimentos o Dr. Allard Mees, por me ter deixado integrar este ambicioso e muito necessário projeto de investigação, e por me ter facilitado a visita à Inglaterra.

Ao Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, não só por ter sido um excelente professor, mas por me ter dado a oportunidade de aprender com a sua experiência e orientação, no depósito do Centro de Arqueologia de Lisboa. As suas instruções e ensinamento sobre materiais romanos e procedimento laboratorial serviram-me bem no decorrer desta investigação. Agradeço também a oportunidade de observar as pastas e peças com marcas de oleiro do arqueossítio da Praça da Figueira, que, em conjunção com a sua tese de doutoramento, formaram um excelente ponto de partida para o estudo de *Conimbriga*.

À Doutora Maria Isabel Fernandéz García, pelo seu conhecimento e pela ajuda que deu enquanto co-orientadora desta dissertação. Agradeço também a possibilidade de participar e contribuir para o projeto "*Sigilla Ex Hispania*" que, por se focar exatamente nas marcas de oleiro de *terra sigillata* hispânica na Península, vai diretamente de encontro ao tema desta tese.

Finalmente, um grande agradecimento ao meu orientador, o Professor Doutor José Carlos Quaresma. O seu apoio constante e atento, bem como o seu conhecimento dentro das mais variadas áreas tornaram a sua orientação uma parte incontornável desta dissertação, pelo que sem elas certamente o produto final seria muito inferior ao que é. A sua atenção ao detalhe e a partilha de informações, livros, artigos e outros materiais em muito adicionou à mesma, bem como o ensino prático efetuado durante as escavações de *Mirobriga*.

RESUMO

Durante o decorrer do presente estudo foi possível inventariar e analisar 3240 marcas de oleiro em *terra sigillata* do espaço geográfico compreendido como a antiga província romana da *Lusitania*, recolhidos de bibliografia previamente publicada. Para complementar esta recolha estudou-se presencialmente as 609 marcas de oleiro em *terra sigillata* exumadas em *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha). A análise destes dados permitiu contribuir para o conhecimento de *Conimbriga* e do seu comércio durante o Alto Império. Permitiu também precisar os períodos de maior consumo de *terra sigillata* nos vários assentamentos urbanos estudados. Os assentamentos estudados foram ainda comparados, de maneira a contribuir para o conhecimento da sua importância enquanto centros de redistribuição de produtos como a *terra sigillata*. Por último analisa-se as vantagens e desvantagens de utilizar as marcas de oleiro em *terra sigillata* como indicador económico.

Palavras-chave: Economia Antiga; Cerâmica Romana; Alto-Império; Estatística; Difusão; Centros de Produção

ABSTRACT

For the purposes of this study 3240 potter stamps in *terra sigillata*, arising from the roman province of *Lusitania*, were gathered through bibliographical research, and analyzed. To complement this the 609 potter stamps gathered at the archaeological site of *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha) were also studied in person. The analyses of this data allowed the increase of knowledge about *Conimbriga*, and its commerce during the Early Empire. It also facilitated insight into the periods of highest consumption of *terra sigillata* within individual settlements. The comparison of the consumption of *terra sigillata* between settlements allowed a contribution towards the understanding of their roles as redistribution centers for this commodity. Lastly, the study of these stamps as an economic "proxy" is analyzed, with its advantages and disadvantages.

Keywords: Ancient Economy; Roman Ceramics; Early Empire; Statistics; Diffusion; Production Centers.

ÍNDICE

Agradecimentos.....4
Resumo.....7
1. Enquadramento do Estudo 12
1.1. Introdução.....12
1.2. Objetivos.....15
1.3. Estado da Arte e Problemática.....16
1.4. Metodologia.....23
2. O Caso de Estudo: *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha).....31
2.1. Uma contextualização 32
2.2. A investigação arqueológica em Conimbriga.....34
2.3. Análise e interpretação dos dados.....40
3. Microeconomia - Da produção ao descarte da *terra sigillata.* O panorama das marcas de oleiro na *Lusitania* 47
3.1. Terra Sigillata Itálica.....48
3.1.1. A história da produção e da investigação.....48
3.1.2. A distribuição de marcas de oleiro na *Lusitania*: os resultados do presente estudo 53
3.2. Terra Sigillata Sudgálica.....58
3.2.1. A história da produção e da investigação.....58
3.2.2. A distribuição de marcas de oleiro na *Lusitania*: os resultados do presente estudo 64
3.3. Terra Sigillata Hispânica.....69
3.3.1. A história da produção e da investigação.....69
3.3.2. A distribuição de marcas de oleiro na *Lusitania*: os resultados do presente estudo 76
3.4. Análise e interpretação dos resultados.....82
4. A implicação do comércio de *terra sigillata* no Império 100
4.1. Enquadramento teórico 100
4.2. Assinaturas como um indicador económico fiável?.....109
4.3. Uma análise de indicadores económicos conjugados 117
5. Conclusão e Perspetivas Futuras.....125
Bibliografia.....132

Lista de figuras.....156
Anexos 159

LISTA DE ABREVIATURAS

B. = Bustamante, em referência à obra de M. Bustamante Álvarez (2010).

M. = Mayet, em referência à obra de Mayet (1984)

Consp. = em referência à obra ou à tipologia constante em Ettlinger et al. (1990).

Curle = em referência à tipologia constante J. Curle (1912).

Drag. = em referência à tipologia constante H. Dragendorff (1896).

Déch = em referência à tipologia constante J. Déchelette (1904).

Hayes = em referência à tipologia constante J.W. Hayes (1980).

Hermet = em referência à tipologia constante F. Hermet (1934).

Hisp. = Hispânica, em referência à tipologia constante em M.A. Mezquíriz Irujo (1961 e 1985).

La Grauf. = La Graufesenque.

MNI- Número máximo de indivíduos = número de fragmentos.

NMI- Número mínimo de indivíduos.

Ol. Desc. = Oleiro desconhecido ou indeterminável.

Polak = Polak, em referência à obra de M. Polak (2000).

Ritt. = em referência à tipologia constante E. Ritterling (1912).

Vernhet = Vernhet em referência à tipologia constante em A. Vernhet (1976, 1986b) e M. Passelac e A. Vernhet (1993).

Conspectus = E.Ettlinger et al. (1990).

NOTS = Brian Hartley e Brenda Dickinson, et al. (2008).

(Dir.) = Direcção/Dirigido por

(Ed.) = Editor(es) de volume

(Coord.) = Coordenação/Coordenado por

a.C. = Antes de Cristo

d.C. = Depois de Cristo

c. = Por volta de, em relação a datas

1. Enquadramento do Estudo

1.1. Introdução

"For know, dear ones, that every one of us is undoubtedly responsible for all men -- and everything on earth, not merely through the general sinfulness of creation, but each one personally for all mankind and every individual man"

Fyodor Dostoyevsky. 1879. *Os Irmãos Karamazov*. p. 149

Desde o processo de Bolonha, assinado em 1999 na cidade homónima, é necessário completar o grau de mestre para se receber, legalmente, o título de arqueólogo, e desempenhar as funções que vêm com o cargo. Dispensarei reflexões sobre as verdadeiras causas ou consequências desta medida controversa, pois no que toca a esta tese, estes fatores não tiveram nenhum papel a desempenhar. No entanto, a natureza compulsória do mestrado (para a obtenção do grau de arqueólogo) atribui um papel dicotómico ao mesmo. Por um lado, a desvalorização da licenciatura é óbvia; por outro, a atribuição do grau de mestre no mesmo período de tempo que antes do processo de Bolonha equivaleria a uma licenciatura é sem dúvida vantajoso.

A vantagem menos óbvia e mais importante é, no entanto, a oportunidade de investigação. Para se concluir o mestrado, é necessário concluir também a sua "componente não letiva", normalmente composta por um documento escrito. Este é a sumula de um trabalho de um a dois anos, a investigar algo desconhecido até então, ou no mínimo a analisar de uma maneira inovadora um problema já estabelecido. A oportunidade de criar algo, neste caso uma dissertação, é sempre um privilégio, e uma responsabilidade.

No caso da presente dissertação, o objeto de estudo, as marcas de oleiro em *terra sigillata*, foi decidido cedo. O interesse pelo período romano em geral, e em especial por cerâmica e epigrafia foi uma das facetas desenvolvidas durante a licenciatura, e os estágios efetuados pelo autor. Para além disso, a possibilidade de participar em projetos de investigação como o "*Samian Project*" do R.G.Z.M. e o "*Sigilla ExHispani*a", da Universidade de Granada são grandes privilégios. De facto, esta tese insere-se em ambos os projetos.

Decidiu-se então que existiriam duas bases empíricas para tentar responder aos objetivos que se colocaram. A primeira é o estudo presencial dos fragmentos de *terra sigillata* com marca de oleiro de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha). O segundo é a recolha exaustiva das marcas de oleiro publicadas no que seria o território da *Lusitania* romana Alto Imperial. Através de uma conjunção destes dados torna-se possível analisar questões pertinentes ao período romano do território ao nível de sítio, de província e mesmo analisar tendências económicas gerais ao império romano. Esta dissertação pode ser então resumida, vagamente, como a tentativa de contribuir para o conhecimento da economia romana utilizando as marcas de oleiro em *terra sigillata* como a principal fonte de conhecimento.

No entanto, no decorrer da investigação, perguntas antes formuladas, mas nunca respondidas convenientemente incomodam, não só o autor, mas qualquer pessoa que tenha feito uma tese de arqueologia. As duas primeiras parecem obvias, mas de difícil resposta. Para quê escrever uma dissertação? E para que estudar e investigar arqueologia? Estas perguntas parecem, e de facto devem ser uma crise existencial para qualquer estudante de arqueologia. No entanto, parece-me difícil que alguém consiga fazer uma tese sem que estas ocorram, especialmente em momentos de desespero ou aborrecimento.

A estas perguntas, universais a todos os estudantes de arqueologia, seguem-se duas perguntas especificas para aqueles a estudar temas semelhantes ao da presente dissertação: Porquê estudar o mundo romano? E porquê estudar a economia romana, em específico? Porque escrever *esta* dissertação? As primeiras respostas a estas perguntas vieram aquando da leitura da introdução do *Cambridge Companion to the Roman Economy*, escrita por Walter Scheidel (2012). Neste texto o autor menciona a importância contemporânea de assuntos em que a pesquisa deste tópico necessita de incidir, como a importância da qualidade de vida numa economia, e a dicotomia entre o grande estado romano e os pequenos estados que se formaram após a sua queda (bem como as mentalidades associadas a estes conceitos).

> *The story of the Roman Economy is not a simple story of rise and fall: it is a complex interplay of different determinants of human welfare in which economic output ant its distribution played an important role. Economic history must be incorporated into the study of well-being to be worth doing at all.*
>
> Scheidel 2012, 15

De facto, em análises económicas modernas, a capacidade económica de um país é quase indissociável do nível de vida dos seus cidadãos. É por este motivo que se prefere o PIB *per capita* enquanto indicador económico, ao invés do PIB. No entanto, o bem-estar dos cidadãos não é um estudo meramente económico. Fatores ambientais, políticos, sociais e psicológicos são de igual importância. Estes fatores estão, obviamente, interligados. A economia não pode ser dissociada da sociedade em que se insere, e muito menos do estado físico e psicológico dos seus participantes.

Como indica Polanyi (1944), fatores individuais podem ser fundamentais para o sucesso de uma economia. Sem autonomia individual suficiente, não se darão trocas comerciais do estilo capitalista, e se na sociedade existir uma falta de confiança, ou de segurança, estas não terão sucesso, e serão de alto risco. Todos nós, com toda a nossa complexidade, somos responsáveis pelo gigante amorfo que compõe a economia, e toda ela se revê nas pessoas que a compõem. Visto que o mesmo aconteceria no passado, torna-se então importante estudar a economia do mundo romano, de maneira a melhor perceber que fatores levaram ao seu sucesso, à sua desintegração, e que efeito isso teve nas pessoas.

Também importante é que do estudo destas economias antigas se podem tirar lições importantes para o mundo de hoje. O exemplo de Scheidel, que assenta na dicotomia entre as economias de impérios de grande extensão com medidas económicas inclusivas (Roma, China) versus pequenos estados livres com um comércio de benefício mútuo (antiga Grécia) (Scheidel 2012, 15), não é único. Como o autor indica, é importante perceber como economias falham, e o que indica e pressagia a sua queda, de maneira a prevenir e saber como remediar esse evento. O mesmo acontece no caso da subida.

Agora que explicitamos o motivo de existência desta tese, é necessária uma nota explicativa sobre como ela está estruturada. O texto no qual culminou esta investigação está divido em quatro partes principais. A primeira parte, na qual se integra este capítulo introdutório, está destinada a dar contexto e objetivo à investigação que o autor levou acabo no último ano. Para além desta introdução, e dos objetivos desta dissertação, encontram-se também neste primeiro capítulo a metodologia pela qual se levou a cabo a análise, e uma breve súmula do estado no qual a investigação dos tópicos abordados na dissertação se encontram.

O segundo capítulo apresenta o caso de estudo de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha). Neste texto apresenta-se uma súmula da história de *Conimbriga*, e da investigação que tem vindo a ser efetuada neste sítio desde o século XIX. Mais importante, no que toca a esta tese, é um resumo dos oleiros cujos punções foram exumados em *Conimbriga*, bem como uma análise económica e geopolítica de *Conimbriga* através dos dados recolhidos, e levando em conta bibliografia prévia (Alarcão 1971a; Etienne, Alarcão & Mayet 1976; Cunha 2009; Alarcão 2010; Margalho 2012; Ruivo e Correia 2017, entre outros).

No terceiro capítulo, o autor apresenta uma análise comercial e económica da *Lusitania*. Esta análise assenta não só nos dados recolhidos em *Conimbriga*, mas também numa base de dados que compila todas as marcas de oleiro em *terra sigillata* publicadas até ao início de 2021. Com estes dados é possível contribuir para o conhecimento das dinâmicas comerciais e geopolíticas dentro da *Lusitania*, e compreender como a investigação poderia prosseguir de maneira a discriminar estes tópicos com mais precisão. Para além dos dados da *Lusitania*, fazem-se também resumos dos centros de produção de *terra sigillata*, e tenta-se estabelecer uma ligação entre os centros de produção e a *Lusitania*.

O quarto capítulo, mais abrangente e teórico, aborda a economia e o comercio do Império Romano durante o período Alto-Imperial. Cruzando os dados obtidos nesta dissertação com os de outros projetos de investigação sobre a economia romana, é possível apresentar hipóteses variadas para eventos com grande repercussão económica, como o final da exportação em massa do grande centro de La Graufesenque. Abordam-se também temas mais teóricos, como o debate entre o primitivismo e o modernismo, de maneira a melhor contextualizar a economia romana.

1.2. Objetivos

O primeiro e principal objetivo da tese que aqui se planifica é contribuir para o aprofundamento do conhecimento da *terra sigillata* enquanto classe cerâmica, bem como das distintas produções representadas na *Lusitania*, através do estudo das respetivas marcas de oleiro. Este estudo facilita uma perspetivação do papel da

província romana da *Lusitania* nas rotas comerciais do Mundo Romano (quer atlânticas, quer mediterrâneas).

Também de grande relevo científico é a análise da distribuição quantitativa espacial das marcas de oleiro na *terra sigillata*, que permitirá averiguar questões urbanísticas, ou mesmo territoriais da província lusitana. É também possível, através deste estudo, aprofundar o conhecimento dos mecanismos de entrada, circulação e distribuição deste tipo de cerâmica pela Península Ibérica.

Estes objetivos iniciais, mais contidos, poderão também servir de base para um estudo mais genérico da economia romana, sendo necessário primeiro averiguar se as marcas de oleiro na *terra sigillata*, quando estudadas em grande escala, poderão servir como um forte indicador de atividade económica, contribuindo para o grande tópico que é a macroeconomia no Mundo Romano. Para tal, seria também pertinente abordar, mesmo que seja de um ponto de vista teórico, o valor da *terra sigillata* enquanto indicador de trocas comerciais de víveres, visto que esta era comercializada como carga secundária dos grandes transportes de bens alimentares e matérias-primas que circulavam no Império Romano. Dados contra esta hipótese aparecem em contextos arqueológicos em que a *terra sigillata* seria a carga primária, como acontece no caso de *Cala Culip* IV (Nieto et all 2001).

1.3. Estado da Arte e Problemática

A *terra sigillata* é estudada desde o Antiquarismo, em parte pela sua beleza intrínseca, e posteriormente pela sua qualidade de "artefacto datante". Todas estas qualidades são partilhadas pelas marcas de oleiro que muitas destas peças apresentam no fundo interno. Estas apresentam também algumas vantagens não só pela capacidade de permitirem analisar estruturas de produção e hierárquicas nos centros de produção. São também utilizadas como evidências económicas, ajudando a perceber rotas comerciais no mundo romano (Confort, Oxé & Kenrick 2000; Dannel 2002; Silva, 2013, p. 1-2).

O primeiro catálogo destas marcas foi conduzido em 1492, quando Marco Alessi reúne a transcrição de um conjunto de textos coletados em Gradi. Seguindo esse, o segundo estudo, em tudo semelhante ao primeiro, foi efetuado por Anton Gori em 1734,

durante uma recolha epigráfica da Etrúria. Seguiram-se as escavações de Cincelli (Arezzo) por Francesco Rossi de 1779 (Silva, 2013, p. 2)

O primeiro *corpus* de marcas de *terra sigillata*, propriamente dito e utilizado como referência até hoje é o *Corpus Vasorum Arretinorum*, referente às marcas de *terra sigillata* de produção itálica. Este projeto tinha sido iniciado por August Oxé antes da Segunda Guerra Mundial, tendo sido retomado após esta pelo americano Howard Comfort, com uma revisão atual publicada em 1990 (Confort, Oxé & Kenrick; 2000). Para a *terra sigillata* sudgálica, os mais importantes contributos são o "*Names on Terra Sigillata*" e a dissertação de Polak, ambos vindo atualizar e substituir os tomos de Oswald (Oswald 1931; Polak 2000; Hartley et all. 2008). Também importante é destacar o trabalho de Françoise Mayet, com a publicação da sua monografia "*Terra sigillata* Hispânica", que em muito contribui para o conhecimento das produções ibéricas de *terra sigillata*, incluindo as suas marcas (Mezquíriz 1961; Mayet, 1984).

O estudo internacional da *terra sigillata* tem progredido a passos largos, criando-se mesmo projetos internacionais de investigação, como o *Samian Navigator*, patrocinado pelo museu R.G.Z.M., sediado em Mainz (Frankfurt), e mesmo publicações e congressos sobre o tópico, de onde se destacam o *Rei Cretariae Romanae Favtores* (R.C.R.F) e inúmeros trabalhos de investigação. No caso peninsular, é necessário apontar os trabalhos de Bustamante Álvarez, Mesquíriz, Mayet, Adília e Jorge Alarcão, Rodrigo Banha da Silva, Rui Morais, Quaresma, Fernández García, Roumens e Roumens, entre muitos outros (Mesquíriz 1961; Alarcão 1971; Alarcão 1988; Mayet 1984; Fernández García & Roumens 1999; Morais 2005; 2007; Bustamante Álvarez, 2010; 2013; 2014; Quaresma 2012; 2021; Silva 2005; 2013; Fernández García 2013; 2019).

Recentemente, o trabalho de investigadores de várias nacionalidades, analisando marcas de *terra sigillata* em larga escala nos antigos territórios do Império, tem permitindo resultados interessantes no que toca à utilização desta cerâmica como indicador de atividade económica e cronológica, sendo de destacar B. Hartley, G. Dannel e Allard Mees, que têm vindo a tentar vincular a totalidade das informações relativas a oleiros, moldes, punções, e muitas outras características, focando-se nos sítios mais setentrionais do Império (Silva, 2013, p. 19).

No território português, o primeiro trabalho sobre *terra sigillata*, e marcas de oleiro nas mesmas, foi publicado em 1929, no âmbito do estudo da "Cultura Castreja" do

Noroeste peninsular (Pinto, 1929), e o primeiro estudo em larga escala sendo apresentado em 1958, no seguimento do 23º Congresso Luso-espanhol para o Progresso das Ciências, onde foi estudado o conjunto de marcas da *terra sigillata* proveniente de Represas, Beja (Ribeiro, 1959).

Foi em 1970 que se publicou a primeira síntese sobre *terra sigillata* itálica em Portugal, com 126 marcas legíveis catalogadas (Alarcão, 1971). Esta tendência seria continuada nos próximos anos por Mayet, sobre a *terra sigillata* hispânica (Mayet, 1973); Maia, com a sua dissertação sobre a *terra sigillata* de Troia, seguindo depois para Mértola e Miróbriga (Maia, 1971) e Dias Diogo, que publicou dois *corpora* de *terra sigillata* (itálica e sudgálica) do território atualmente português (Diogo, 1980a e 1980b). Na década de 90 continuou-se com os estudos de inventariação de marcas encontradas em determinados sítios, como *Salacia*, *Bracara Augusta*, *Pax Iulia*, *Conimbriga*, entre outras (Faria, Diogo e Ferreira, 1987; Alarcão, 1975a e 1975b; Mayet, 1975; Lopes, 1994), caracterizando-se estes estudos por se focarem mais na descrição e enumeração das marcas de oleiro.

Com o início do século XXI, esta tendência de estudos de inventariação iniciou um avanço na análise destes artefactos, devido a ideais mais processualistas, com novas tendências para a averiguação das questões económicas, sociais e políticas através dos indicadores, de entre os quais a *terra sigillata*, bem como as suas marcas. Destes estudos podemos destacar os recentes estudos publicados sobre *Mirobriga* (Quaresma, 2012), *Ossonoba*, *Baesuris*, *Lancobriga* (Viegas, 2011), *Scallabis* (Viegas, 2003), *Bracara Augusta* (Morais 2005), *Isturgi* (Fernández García 2013) e sobre as marcas de oleiro na *terra sigillata*, na totalidade da Península de Lisboa, que constituiria o território da *ager Olisiponense*, em época Romana (Silva, 2013).

Com a síntese da investigação das marcas de oleiro convenientemente sumarizada, convém agora abordar a investigação da economia romana em geral. Para isto é necessário, ter em conta duas teorias principais; a Teoria Primitivista, desenvolvida por Finley (Finley, 1973), e a Teoria Modernista, cujo principal autor é Rostovtzeff (Rostovtzeff, 1957). Ambas as teorias possuem apoiantes e críticos, sendo que hoje em dia parece existir um aproveitamento de ambas, criando-se um ambiente mais moderado, entre o Primitivismo e o Modernismo, que pode sempre tender para um dos lados, dependendo do investigador.

O Primitivismo puro tem vindo a ser rebatido extensivamente (Jongman, 2007; P. Bang, 2008), ainda que se aproveite algumas das suas componentes, como a ideia de mercados regionais, que se podem ligar entre si, de melhor ou pior maneira (Blois & Rich; 2002). O Modernismo foi a teoria que melhor se foi desenvolvendo, com os estudos sobre os grandes centros de produção romanos a apoiarem esta teoria (Marichal, 1988), sendo que, no entanto, algumas das postulações originais têm sido desacreditadas (Quaresma, 2012, p.250-253).

Presentemente, para compreender a economia romana torna-se indispensável ler os textos provenientes do mundo anglo-saxónico sobre o tema, onde a investigação da economia se encontra bastante desenvolvida, dando especial atenção à coletânea "*Oxford Studies on the Roman Economy*", editadas por Andrew Wilson, Alan Bowman e Miko Fhlor, entre outros (Wilson & Bowman, 2009; Wilson & Bowman, 2013; Wilson & Flohr, 2016; Tchernia, 2016; Wilson & Bowman, 2017; etc.), bem como os trabalhos e monografias de investigadores independentes (Finley, 1973; Duncan-Jones, 1974). Estes trabalhos são extremamente importantes no que toca a perceber não só a economia do mundo romano, mas como analisar a mesma, visto que possuem inúmeros artigos de valor metodológico para o estudo destas questões.

Olhando agora para o caso particular da *Lusitania*, como seria de esperar, existem menos estudos sobre estas questões. Os que existem possuem uma grande importância, para temas como definições de rotas comerciais (Horden & Purcell, 2000; Arnaud, 2005; Tchernia, 2016), ou dos estudos das dinâmicas comerciais peninsulares (Mayet, 1984; Roumens & García, 1999; Quaresma, 2012). Importante também para compreender as dinâmicas comerciais da *Lusitania*, e dos sítios estudados dentro da *Lusitânia* (as suas dinâmicas urbanísticas, e comerciais intrarregionais), são os estudos com referenciação geográfica e a sua análise. Para a *Lusitania*, os casos de *Olisipo* e o seu *Ager* (Silva, 2013) e *Augusta Emérita* (Bustamante-Álvarez, 2010) são os únicos para o território lusitano. No entanto, trabalhos extra-peninsulares, como o estudo da *terra sigillata* de Poitiers (Tilhard, 2004), Paris (Hofmann, 1986) podem servir como inspiração e exemplos para novos estudos mais completos, tanto de sítios urbanos como rurais.

De maneira a melhor compreender o objeto de estudo desta dissertação, torna-se importante definir a cronologia e o tipo de material que se irá estudar. A ideia de *terra sigillata*, ou seja, cerâmica de torno rápido com um engobe vermelho tem precedentes

no mundo Fenício e Helenístico, sendo que é no mundo Romano Alto Imperial que vai tomar maior expressão (Levéqué & Morel, 1987). A partir do estudo das marcas de oleiro destas cerâmicas, que normalmente se encontram no fundo da face interna, efetuados em baixo-relevo, torna-se possível estudar com mais rigor e profundidade aspetos como a datação relativa de contextos e aspetos da economia da Antiguidade (Silva, 2013, p. 2).

Estas marcas, no mundo alto-imperial, podem ser apresentadas como marcas internas ou como "marcas intra-decorativas", que se apresentam na face exterior da peça, normalmente inserida na decoração (Polak, 2000, p. 40). Esta ideia de marcar peças, já presente no mundo clássico grego, torna-se numa "marca de fábrico" ao longo dos séculos IV e III a.C., mantendo este cariz no mundo romano (Levéqué & Morel, 1987). De facto, a *terra sigillata* não é a primeira cerâmica de mesa fina produzida e exportada em quantidade durante a duração do Mundo Romano. Na fase republicana existia a cerâmica campaniense, que possuía também uma elevada importância. Estas eram cerâmicas de torno rápido, pastas claras e um engobe negro, que eram exportadas para vários pontos sob o domínio da República Romana (Silva, 2013, p. 3).

Nas produções itálicas de *terra sigillata*, postula-se que todos os vasos fossem marcados, como evidenciado por vários casos de estudo, de onde se destacam Pompeia e Herculano, onde de 1000 vasos, apenas 50 não foram marcados (Silva, 2013, p. 3). A partir de 15 d.C. nota-se o sucesso das marcas com a cartela (a delimitação em relevo da marca) *in planta manus* (com forma de mão) e *in planta pedis* (em forma de pé), ainda que as primeiras, e mais antigas fossem radiais. Este tipo de marcas, que serviria como uma espécie de marcas de qualidade, perduraria até ao século II d.C. no mercado, com as produções tardo-itálicas (Confort, Oxé & Kenrick 2000; Kenrick 2005).

Nas produções gálicas, influenciadas pelas itálicas, a utilização de marcas de oleiro é muito menos frequente, sendo que o ambiente de produção ao invés de individualista era mais comunitário, com grandes oficinas em que muitos participantes poderiam ajudar a confecionar o mesmo vaso (dividindo tarefas como produção de argila, moldagem, decoração, cozedura). Isto quer dizer que certos artesãos poderiam estar dispensados de marcar vasos, por terem um estilo de decoração muito característico, por exemplo (Dannell, 2002, p. 2013). No entanto, um grande número de marcas prevalece, este sendo maioritariamente de cartelas retangulares simples, provenientes do grande centro de produção designado "*La Graufesenque*", situada no Langedoc (Silva, 2013).

O pico do interesse das produções gálicas deve-se em parte ao rápido desenvolvimento económico que se observou para estas produções, durante o século I d.C. (Dannel, 2002; Quaresma, 2012, p. 252). A organização da olaria de *La Graufesenque* foi sofisticada pela organização em *collegia* dos seus oleiros, bem como a aplicação de outras figuras jurídicas e políticas, a partir de Cláudio (Marichal, 1986). No entanto, o único indício arqueológico da aplicação desta complexa organização são listas de fornadas, assinaladas através de grafitos de pré-cozedura em certas cerâmicas, com datação entre Cláudio e Trajano (41 – 117 d.C.), com especial expressão em Nero (54 – 68 d.C.) (Marichal, 1986; Polak, 1998). Também indicador de uma hierarquização na operação desta olaria é a expressão do cargo de *casidanos*, que na língua gaulesa pode equivaler a títulos romanos como *flamen* (cargo político-religioso) (Marichal, 1986).

No que toca à produção hispânica de *terra sigillata*, de facto a mais recente das três, destacam-se fenómenos muito diferentes das anteriores, começando pelos tipos de *terra sigillata* precoce de tradição itálica de tipo "*Peñaflor*", de onde só estão documentadas quatro marcas (Silva, 2013, p. 5). As produções verdadeiramente hispânicas mais estabelecidas tinham dois centros agregantes de produção. Os centros setentrionais, riojanos, com uma forte influência gálica, estabelecidos ao longo do Ebro, e a sua contraparte *bética*, mais perto de Andújar. Nestas produções, a marcação parece ser uma prática irregular (Silva, 2013, p. 5-6).

No caso da *Hispânia*, denotam-se vasos com marcas de oleiro contemporâneos a vasos sem marca de oleiro, uma tendência que se alastrava desde as produções do principado de Cláudio de La Graufesenque. Uma possível explicação apresentada seria um número reduzido de oleiros e trabalhadores nas olarias riojanas depois da época flávia (Bustamante-Álvarez, 2010, p. 745). No entanto, isto não explicaria o mesmo fenómeno nas produções de Andújar ou *Singilia Barba*, ou ainda os vasos não marcados de cronologia não flávia (Dannel 2002; Quaresma 2012; Silva, 2013, p. 6).

Estas diferenças entre as produções de *terra sigillata* indicam que teremos que, no caso do estudo de centros de consumo, considerar a ocorrência de marcas de oleiro em função da sua frequência de estampilhagem original (visto que algumas produções eram estampilhadas com marcas mais frequentemente que outras) (Silva, 2013, p. 6). A partir do século II d.C., e com especial ênfase no século III d.C., dá-se uma mudança aparente na economia romana, que na *terra sigillata* se reflete por uma nova predominância da

terra sigillata africana, sendo que esta é quase totalmente desprovida de marcas. Uma análise dos fatores que levaram a esta mudança de paradigma, bem como da economia romana em geral, é necessária para interpretar os dados que serão provenientes da *terra sigillata* (Quaresma, 2012, p. 250-270).

Um dos objetivos desta tese é averiguar se as marcas de oleiro presentes na *terra sigillata* poderão ser um bom indicador económico, ou seja, se através da conjunção da análise das marcas de oleiro com outros indicadores económicos se consegue inferir maiores conclusões sobre a macroeconomia romana. Mesmo que este seja o caso, não deverá ser passível que seja o único, visto haver vários indicadores já estudados, como a quantidade de fauna consumida (Jongman, 2007), a quantidade de chumbo nas calotes da Islândia (que indicam a quantidade de produção minéria) (McConnell et al., 2018), dados historiográficos, como a tabulação de preços (Quaresma, 2012, p. 250-270;), e mais recentemente, e mesmo no território atualmente Português, o consumo de *terra sigillata* (Viegas, 2003; Viegas, 2011; Quaresma, 2012; etc.) e a quantidade de ânforas, de maneira a quantificar o consumo de produtos como o vinho, azeite e preparados de peixe (Bombico, 2017). Uma grande maioria destes indicadores económicos pode ser falacioso, se olhado como um caso separado, ou à parte dos outros. De facto, a análise destes indicadores raramente é fácil e direta.

Mesmo que estes indicadores fossem tomados em conjunto, e todos eles compreendidos e expostos de uma maneira clara e concisa, poderiam ainda dar leituras falaciosas sobre o mundo romano, dado a questão da percentagem da amostragem que se estuda, quando comparada à quantidade real desses indicadores (a quantidade de testemunhos descobertos é sempre menor à quantidade de testemunhos existentes numa determinada altura, na antiguidade), e ainda, da desproporção em que estes se encontram uns perante os outros, devido a processos tafonómicos (por exemplo, são estudadas milhares de ânforas todos os anos, e no entanto nenhum saco de cereal, claramente devido à sua natureza perecível) (Wilson, 2009; Wilson & Bowman, 2009).

De facto, também interessante é esta questão do comércio de cereais, e do comércio secundário. O principal objetivo do comércio romano seria trocar viveres e matérias-primas necessárias para a manutenção da infraestrutura do Império. Como tal, a quantidade de ânforas, carga primária dos navios de viveres, encontra-se bem estudada. No entanto, a falta da capacidade arqueológica de detetar a maneira pela qual se efetuava o comércio de cereais levanta problemas graves no que toca à compreensão do

setor comercial romano. No entanto, devido a bibliografia (Roumens & García, 1999) que indicam que a *terra sigillata* seria uma carga secundária destes carregamentos de viveres e grãos, talvez, através do estudo da dispersão e comercialização da mesma, seja possível averiguar o comércio de cerais no mundo romano, utilizando a *terra sigillata* como indicador económico.

No que toca à contextualização geopolítica da *Lusitania*, Hopkins (1980) apresenta um modelo com três patamares de províncias, sendo que cada patamar desempenharia uma função política e económica diferente. O mais central seria o núcleo italiano, centro do Império, que possuiria os maiores benefícios económicos, fiscais e políticos. No patamar seguinte estariam as províncias intermédias (contando com Roma como o centro, e o limes, ou fronteira do Império, como o extremo), como a *Lusitania*, as províncias da *Hispania* e da *Gallia*, bem como as do Norte de África, o Egipto, entre muitas outras. Estas seriam responsáveis pela produção de viveres e matéria-prima, bem como o financiamento económico bruto do Império (um fenómeno conhecido como *tax-exporting*). O terceiro patamar seria o conjunto das províncias fronteiriças, nas quais estariam as legiões, e as fortalezas do *Limes*, como a *Germania*, *Dacia*, *Britania*, etc. Estas províncias importavam uma enorme quantidade de produtos, e homens, das províncias do patamar intermédio, e mesmo do núcleo itálico (Hopkins, 1980, p. 101).

Esta teoria da hierarquização foi sofrendo melhorias e desenvolvimentos, especialmente devido à mudança geopolítica que foi ocorrendo, especialmente a partir do século II d.C., onde o primado económico começa uma translação da *Galia* e *Italia* para o Norte de África, ainda que a data ou os motivos deste não tenham causa inteiramente definida (Leveau, 2007, p. 651-669). Um provável motivo desta mudança de primazia pode estar relacionado com o início das dinastias cujos imperadores eram oriundos do norte de África, ou ainda com a popularização da *Annona* (Morais 2005; Quaresma 2012).

1.4. Metodologia

Para tornar mais viável a análise realizada, bem como as suas conclusões, foi necessário desenvolver duas metodologias distintas. A sua diferença deve-se à utilização de dados de duas fontes distintas - os fragmentos de *terra sigillata* com marca

de oleiro inéditos estudados presencialmente para esta dissertação, e os fragmentos com marcas de oleiro conhecidas através publicações de outros autores. Ambos estes testemunhos são de igual importância, contribuindo em igual medida para os objetivos finais da tese.

É da *ciuitas* de *Conimbriga* (C.N.S. - 251), localizada perto da vila de Condeixa-a-Nova, no distrito de Coimbra, que provêm as marcas de oleiro inéditas apresentadas neste volume. As marcas provenientes deste arqueossítio já tinham sido estudadas e publicadas em bibliografia de vários dos investigadores (Mayet 1970; Alarcão 1971; Mayet 1973; Alarcão, Delgado & Mayet 1974; Mayet 1984; Cunha 2009; Margalho 2012). Após uma triagem de toda a *sigillata* encontrada no local, foi possível localizar 223 marcas de oleiro inéditas, de um total de 609 marcas estudadas (perfazendo os fragmentos inéditos aproximadamente 36.61% dos fragmentos de *Conimbriga*).

O estudo destes fragmentos efetuou-se ao longo de três campanhas, sendo a primeira entre 22 de junho a 27 de junho de 2020, a segunda entre 13 de julho e 17 de julho do mesmo ano, e a terceira, e última, entre 7 e 11 de Setembro. A primeira etapa deste processo foi uma triagem de toda a *sigillata*, observando com atenção tanto os fundos internos como os bojos e bordos, atentando às marcas intra decorativas. As marcas detetadas foram sistematicamente individualizadas em sacos próprios, sendo que toda a informação sobre o fragmento, tanto estratigráfica como de contentores prévios, foi copiada para um cartão à parte, conservado no mesmo recetáculo que a peça (sendo que muitos dos fragmentos já se encontravam marcados por mais que uma vez). Foram incluídos nesta triagem todos os fragmentos que apresentassem vestígios de uma marca de oleiro, incluindo apenas cantos de cartelas, pela sua importância estatística e tecnológica, existindo precedente para esta prática (Mayet 1983; Morais 2005; Bustamante-Álvarez 2010; Quaresma 2012; Silva 2013; entre outros).

Concluída esta triagem procedeu-se à sistematização dos fragmentos separados, inserindo toda a informação disponível sobre estes numa base de dados feita em *Microsoft Excel*. Esta base de dados permitia registar todos os parâmetros que foram tidos como pertinentes para o estudo das marcas de oleiro. Estes parâmetros são:

- Nº de peça, de acordo com a base de dados em questão;
- Marcação prévia da peça, e o contentor em que se encontrava, bem como o ano em que foi exumada do arqueossítio;

- Identificação do arqueossítio de proveniência (com coordenadas geográficas e C.N.S.);
- Identificação estratigráfica e geográfica da peça, anotando (quando possível, pois nem todos os fragmentos apresentavam esta informação) o setor, quadricula, unidade estratigráfica, e o ano da escavação;
- O centro de oleiro que fabricou a peça, de acordo com a marca e as características da pasta (observada macroscopicamente com uma lupa *Enteck* de dois aumentos (30x22mm e 60x12mm) e iluminação própria;
- O tipo de terra sigillata, utilizando os volumes de referência tipológica (Dragendorff 1896; Mayet 1983; Py 1993; Ettlinger 2002; Bustamante-Álvarez 2010;);
- A forma da peça, de acordo com a sua utilidade, distinguindo entre prato, taça, cálice, pratel, copo e indeterminado (Py 1993; Ettlinger 2002);
- A cronologia da marca de oleiro presente no fragmento, se passível de identificação (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Polak 2000; Hartley et all. 2008; Bustamante-Álvarez 2010);
- O nome do Oleiro, de acordo com os volumes de referência;
- A leitura da marca presente na peça;
- A identificação da punção, de acordo com os volumes de referência (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Polak 2000; Hartley et all. 2008; Bustamante-Álvarez 2010)
- Uma descrição da cartela que rodeia a marca, e mencionando o número de cartela correspondente no *Corpus Vasorum Arretinorum* no caso das marcas itálicas, ou a sua descrição nas restantes (Oxé, Comfort & Kenrick 2000);
- O tamanho da cartela, em milímetros;
- Observações sobre a peça em geral, como se possui algum defeito, o tipo de fabrico, engobe, letras truncadas, etc…
- A bibliografia já existente sobre a marca de oleiro em questão (se existente);
- Registo gráfico da marca.

Após o preenchimento da base de dados, ainda na primeira campanha de trabalho laboratorial, procedeu-se à fotografia de todas as marcas catalogadas. Foram fotografadas utilizando uma máquina fotográfica DSLR Canon EOS2000D, com uma

objetiva Canon EF-S 18-55mm f/3.5-5.6 IS II[1]. Para estabilizar a máquina fotográfica foi utilizado um tripé, o que ajudou a fotografar as marcas da menor distância possível, de maneira a aumentar a qualidade da imagem[2]. Apesar das boas condições de luz natural presentes no laboratório, foram utilizados dois focos de luz fria, colocados num ângulo rasante de 45º à marca de oleiro, de maneira que a leitura desta fosse fácil e clara a partir da fotografia, como explicitado nas metodologias arqueológicas criadas para o propósito (Queiroz 2015).

O estudo da evolução destes punções, através das marcas que deixam, nas quais se verifica inclusivamente o desgaste e as falhas das mesmas (maioritariamente nos cantos que se vão degradando, criando marcas diferentes do mesmo punção, que devem ser diferenciadas), são importantes na medida em que poderão permitir uma atribuição cronológica e geográfica mais precisa à marca (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000; Polak 2000; Hartley et all. 2008). Para uma identificação precisa da punção, é necessário que tanto a "caligrafia", como o tamanho da marca, e ainda a cartela, sejam exatamente correspondentes à punção. Qualquer desvio poderá significar um novo punção (Hartley et all. 2008). Mesmo que não tenha sido possível identificar a punção que produziu uma marca, o oleiro que a produziu ainda pode ser identificado, pela "caligrafia" e a escrita da mesma.

Para a sistematização destas punções, utilizaram-se como volumes de referência principais, para a *terra sigillata* itálica, o *Corpus Vasorum Arretinorum* (Oxé, Comfort & Kenrick 2000) e para a *terra sigillata* gálica, o *Names on Terra sigillata* (Hartley et all. 2008). No entanto, nenhum destes volumes foi o principal meio de obtenção de informação ou comparação para as punções. Esse papel foi dado à base de dados "*Samian Project*"[3], desenvolvido em conjunto pelos autores dos livros mencionados previamente, com a adição do diretor do projeto, Allard Mees. Este projeto, sediado no *Römisch-Germanisches Zentralmuseum* (Mainz, Alemanha) tem como objetivo a

[1] Esta objetiva não é a ideal para fotografar marcas de oleiro, devido à distorção inerente à lente. Uma lente macro com um rácio de magnificação de 1:1 (apresentando o tamanho real do objeto) e uma distância focal entre os 30 e 60 mm seria a ideal para o trabalho, por não causar qualquer distorção do objeto. Uma lente deste género não pode ser adquirida, devido ao seu elevado preço (Ex: Sigma EX 50mm f/2,8 DG Macro).

[2] A distorção de barril causada pela fotografia de objetos pequenos a distâncias pequenas foi corrigida digitalmente recorrendo à ferramenta do *Adobe Lightroom*.

[3] Disponível em: https://www1.rgzm.de/samian/home/frames.htm

inventariação eletrónica e a georreferenciação dos fragmentos de *terra sigillata* itálica e gálica descobertos no mundo romano, utilizando para isto a plataforma online citada. A sua facilidade de uso e a constante atualização a que é sujeita por parte da sua comunidade de investigadores (da qual o autor é afiliado) tornam-na indispensável para qualquer estudo de marcas de oleiro. De maneira a manter a uniformidade necessária para um estudo tão abrangente como o que se pretende neste trabalho, todos os nomes de oleiros, datações e punções de *terra sigillata* itálica e gálica foram obtidos a partir base de dados (e como tal, derivam maioritariamente dos volumes mencionados em cima).

Para as marcas de oleiro na *terra sigillata* hispânica, uma base de dados como a supramencionada não se encontra disponível. Como tal, as obras de referência, pelas quais se obtiveram os nomes dos oleiros, os punções e as datações foram escritas por Françoise Mayet, Macarena Bustamante Álvarez e Isabel Fernández-Garcia (Mesquíriz 1961; Garabito Gomez 1978; Mayet 1984; Bustamante-Álvarez 2010; Fernández-García 2013).

Após o preenchimento da base de dados, ainda na primeira campanha de trabalho laboratorial, procedeu-se à fotografia de todas as marcas catalogadas, com a exceção dos fragmentos expostos no Museu Monográfico de *Conimbriga* (marcas nº **595 – 610**). Estas já se encontravam publicadas previamente (pelo que já existia registo gráfico das mesmas) (Alarcão, Delgado & Mayet 1974) e o seu retirar das vitrines poderia danificar tanto as peças como exposição do museu.

Na segunda campanha laboratorial procedeu-se ao desenho das peças e à elaboração do mata-borrão de todas as marcas. Após uma comparação exaustiva entre as peças originais e as publicações determinou-se uma maioria das marcas de oleiro já publicadas (nomeadamente em - Mayet, 1973; Alarcão, Delgado & Mayet, 1977; Mayet, 1984) não necessitariam de novo desenho ou que se tirasse o mata-borrão, pois a sua representação gráfica nestes volumes era adequada. Para os restantes fragmentos tanto o desenho como o mata-borrão foram efetuados de acordo com as mais recentes normas e metodologias arqueológicas (Hartley et all. 2008; Barreira 2013).

O mata-borrão, ou "*rubbing*" em inglês, foi analisado juntamente com a fotografia, e quando possível a peça física, para criar a digitalização da marca de oleiro (sendo esta a representação gráfica incluída na base de dados), utilizando para esta finalidade o *Adobe Illustrator*. A utilização destes três meios em conjugação é de grande importância para a

coerência metodológica que permite a leitura correta da marca. A fotografia facilmente poderá ficar distorcida tanto em termos de cor, como de sombra e luz, e mesmo criando distorções espaciais devido à lente e à curta distância entre esta e o objeto no momento do disparo (Queiroz 2015). O mata-borrão é uma réplica 1:1 da realidade, no entanto problemáticas como letras mal impressas, ou impressas muito levemente, ou mesmo cartelas fundas em excesso podem levar a erros na impressão criadas no mata-borrão. Devido a estas limitações, uma conjugação das três versões da mesma realidade é a melhor maneira de criar uma interpretação coerente e exata da mesma, expressa na digitalização de cada marca. Os desenhos também foram digitalizados utilizando o *Adobe Illustrator*. Visto que o objeto de estudo são as marcas de oleiro, e não os vasos propriamente ditos, os mesmos não foram fotografados de perfil, e não se tentou colar fragmentos. Após o término do trabalho de laboratório, os fragmentos foram guardados em contentores próprios, e armazenados no depósito do Museu Monográfico de *Conimbriga*.

Paralelo a este trabalho, desde março de 2019 até 31 de dezembro de 2020, o autor veio a recolher informações sobre as marcas de oleiro publicadas no que seria o antigo território romano da *Lusitania*. O processo pelo qual isto foi feito merece alguma atenção. Todas as marcas mencionadas, ou descritas em qualquer bibliografia encontradas receberam uma individualização numa base de dados efetuada em *Microsoft Excel* (em tudo semelhante à base de dados acima descrita), sendo que se recolheu um total de 3849 marcas de oleiro em *terra sigillata* na *Lusitania* (adicionando já as 223 inéditas).

Durante esta recolha, quando possível, foi a representação gráfica da marca que foi tida como a fonte de informação preferencial. De maneira a evitar a disseminação de informações possivelmente falaciosas, não se copiou as leituras ou interpretações das marcas de oleiro dos autores que as publicaram, não por as publicações serem erróneas *à priori*, mas para manter o princípio científico da reprodutibilidade e falseabilidade (Gauch 2003). Desta maneira, apenas a reprodução gráfica foi tomada em conta aquando da identificando do oleiro e da punção. Isto levou também a que todas as marcas presentes na base de dados fossem revistas mais do que uma vez. Apenas nas marcas publicadas sem qualquer registo gráfico, ou onde este fosse insuficiente ou ainda de qualidade reduzida, se decidiu copiar as informações dos autores (por não existir meio de verificar a marca em si). As únicas duas exceções a isto foram os tomos de

referência para a *terra sigillata* hispânica que tratam marcas presentes na *Lusitania* (Mayet 1983; Bustamante-Álvarez 2010), pois sendo eles o ponto de comparação com as outras marcas, não apresentavam nada com que se comparassem eles próprios.

Esta recolha bibliográfica teve como primeiro passo uma pesquisa online extensa, utilizando recursos como a *Nova Discovery*, o *Academia.edu* e a *JSTOR*. Após uma exausta das marcas publicadas em formato digital, procedeu-se à consulta de todos os livros da Biblioteca Nacional de Arqueologia (Ajuda, Lisboa) que apresentassem no catálogo o assunto ou o título de "*terra sigillata*", "marcas de oleiro" e "*alfarero*", o que em tempo de pandemia foi muito demorado. Após esta procura exaustiva, repetiram-se os mesmos passos para a Biblioteca Sotto-Mayor (F.C.S.H., Lisboa). É da conjuntura destes dados com os resultados do trabalho laboratorial efetuado em *Conimbriga* de que resulta a base de dados apresentada bem como toda a análise apresentada nos capítulos vindouros.

Por motivos de conveniência e coerência analítica decidiu-se agrupar as marcas de oleiro em *terra sigillata* por divisões geográficas do período Alto-Imperial do Império Romano. Quando a marca é proveniente de uma cidade romana este processo é simples, visto conhecerem-se as cidades e os seus correspondentes nomes modernos na maioria dos casos (Alarcão 1988). Do total de marcas de oleiro 2938 (≈ 77.33% da amostragem) foram encontradas em cidades. As que não o foram, agruparam-se no *ager* coletivo do convento jurídico em que se inseriam (*Ager Pacensis*, por exemplo). Não se agrupou por *agri* de *ciuitates* por não se conhecer bem os limites e fronteiras dos mesmos, sendo os limites conventuais mais estudados e mais bem conhecidos (Tranoy et al. 1990).

Um dos problemas recorrentes nesta investigação e inventariação bibliográfica foi a publicação repetida de marcas de oleiro. Ou seja, o mesmo fragmento por vezes é divulgado múltiplas vezes, frequentemente sem a citação ou menção da sua reprodução anterior. Isto cria uma tendência à contagem do mesmo fragmento duas ou mais vezes, produzindo um erro estatístico grave (tendo o leitor a impressão de serem marcas de oleiro diferentes, por serem impressas em artigos diferentes, sem a explicação de serem, efetivamente, a mesma peça). Isto verificou-se várias vezes ao longo do desenvolvimento da base de dados, pelo que todas as publicações tiveram de ser revistas para se verificar que não se tinham individualizado duplicados, ou se estes seriam de facto duplicados, podendo ser apenas duas peças com o mesmo punção ou punções semelhantes provenientes do mesmo arqueossítio (como de facto pode acontecer). Este

processo de revisão foi muito facilitado quando o registo gráfico era primoroso (permitindo comparação direta dos fragmentos), ou quando publicações subsequentes esclareciam o erro (como se verificou, por exemplo, no caso de Represas/Lobeira Grande, onde os mesmos fragmentos pareciam ser *inclusive* de arqueossítios distintos) (Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Ribeiro 1959b; 1959a; Lopes 1994).

No entanto, quando o registo gráfico era incompleto, e as publicações confusas quanto à grafia da marca, não foi passível de identificar se se trataria de um fragmento duplamente divulgado, ou de dois distintos. Destes casos o mais emblemático exemplo é Alcácer do Sal, onde as marcas de *terra sigillata* são publicadas 10 vezes, sem se fazer menção ou citação dos prévios volumes e artigos, e apresentando leituras semelhantes, pelo que não se consegue compreender se são os mesmos fragmentos, ou de facto marcas semelhantes provenientes do mesmo arqueossítio (Arthur 1955; Dias 1978; Beirão et al. 1980; Diogo 1980; 1982; Faria, Ferreira & Diogo 1987; Sepúlveda, Faria & Faria 2000; Faria, Faria & Sepúlveda 2009; Ferreira, Mata & Sepúlveda 2014; Sepúlveda, Bolila & Ferreira 2018). Nos casos onde não se foi possível distinguir ou resolver este problema, optou-se por assumir por excesso, e tomar cada leitura como um fragmento diferente.

Concluída a revisão da base de dados procedeu-se à análise dos dados recolhidos, primeiramente recorrendo a visualizações gráficas e geográficas, de maneira a criar uma visão clara do panorama e das tendências apontadas, bem como das diferenças geográficas e das distribuições das marcas, para que a análise possa ser o mais clara possível. Para isto é sempre necessário manter em vista uma representação gráfica honesta e imparcial, que não influencie uma leitura errónea dos dados expostos. Para isto tentou-se seguir o mais possível os métodos estatísticos e gráficos que têm vindo a ser desenvolvidos no estudo da economia romana, como enunciada nos volumes publicados sobre o tema (Jongman 2007; Bowman & Wilson 2009, 11–15; Scheidel 2009; Wilson 2009).

O mapa utilizado para analisar as distribuições das marcas de oleiro foi efetuado no programa de *QGIS*, utilizando por base um "*shapefile*" da Península Ibérica. As fronteiras provinciais alto-imperiais do mundo romano, bem como as fronteiras dos conventos jurídicos foram desenhadas pelo autor, com base em trabalhos já mencionados (Tranoy et al. 1990). Os rios e a linha de costa da Época Romana, bem como as estradas romanas foram incorporados através de "*shapefiles*" que provém do

trabalho feito no *Ancient World Mapping Center*[4], baseados no volume "*Barrington Atlas of the Greek & Roman World*" (Talbert & Roger 2000).

Na descrição das marcas de oleiro de Conimbriga e dos respetivos oleiros, apresentado no Anexo IX, decidiu-se enumerar todas as marcas de oleiro publicadas na *Lusitania* nos paralelos. No entanto, de maneira a sintetizar um texto já por si longo, decidiu-se, para os paralelos fora da *Lusitania*, sumariar o mais possível, de maneira a enumerar só as principais zonas de distribuição do oleiro, ou sítios com uma acumulação anormal deste.

Devido às particularidades da escrita nas marcas de oleiro, é necessário criar convenções para a representação textual de símbolos presentes nas mesmas. Quando se tenta comunicar o texto de uma marca de oleiro, apontou-se ser o mais fiel à sua contraparte empírica quanto possível. Como tal, letras que estejam sublinhadas encontram-se, na sua contraparte real, em nexo ou geminadas, ou seja, juntas (por exemplo, A̲T̲E̲ é a representação textual de "Æ"). Todo o texto que se encontre entre parenteses não se encontra na marca, mas foi entendido pelo autor [por exemplo – "OF(*ficinae*)"]. Quanto uma marca está danificada, utilizou-se os parenteses curvos com reticências (em caso de marca incompleta) ou três traços (em caso de dano na marca). Quando uma letra se encontra sublinhada com dois traços, ou riscada (ou ambas), indica que esta se encontra danificada ou incompleta na marca física. Foi, no entanto, possível compreender a letra apesar do dano [por exemplo, em "VALP~~A~~(…)", o "A" está danificado, mas é possível compreender que se trata de um "A"].

O texto que aqui se apresenta foi redigido segundo o Novo Acordo Ortográfico Português, assinado em 1990 pela Academia de Ciências de Lisboa. A bibliografia segue o modelo de *Chicago Manual of Style*, *17th Edition (CMOS)* de autor-data (Harper 2017). As ilustrações das marcas de oleiro, sempre que possível, foram mantidas à escala 1:1, de maneira a representar mais fielmente a realidade, e a facilitar a sua leitura.

2. O Caso de Estudo: *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha)

[4] Disponível em: https://projectmercury.eu/datasets/

2.1. Uma contextualização

Conimbriga (Condeixa-a-Velha) localiza-se no distrito de Coimbra, a dezassete quilómetros sul da cidade de onde advém o nome do distrito (coordenadas - 40° 05' 58" N; 8° 29' 36" O, segundo o WGS-84)[5]. Esta cidade foi fundada no topo de uma elevação com uma inclinação superior a sul e oeste, inferior a norte e este, com um planalto no seu topo. O nome tem origens pré-indo-europeias - "*Coni*" significa "rocha" ou "elevação rochosa" e "*briga*" significa "fortificação" (Alarcão, Mayet & Nolen 1989, 69–70). O nome da cidade aponta para a sua antiga origem, sendo que se encontram evidências arqueológicas de uma ocupação que remonta do segundo milénio a.C., ou seja, na Idade do Bronze (Correia 2014, 1111).

A sua conquista e anexação no mundo romano deve-se às campanhas do cônsul *Decimus Iunius Brutus*, entre 138 e 136 a.C., consolidando a influência romana nas zonas da *Lusitania* e da *Galaecia* após as guerras lusitanas. O historiador Ápio, que descreve estas conquistas, afirma que a cidade seria já na altura da conquista, muito antiga (Correia 2014, 1111). Após a anexação, ao invés de se expatriar os residentes, arrasar e reconstruir a cidade (*Deductio*) ou de se reorganizar a cidade (*redditio*), esta manteve-se maioritariamente igual, não sofrendo grandes alterações urbanísticas até ao virar da era (Correia 2014, 1111).

Com o principado de Augusto, e a pacificação total da Península Ibérica em 19 a.C., *Conimbriga* recebe a primeira remodelação de que se tem conhecimento, construindo-se a muralha alto-imperial, de fraca espessura e provavelmente meramente simbólica. Ergue-se um primeiro fórum bem como o aqueduto e os primeiros complexos termais. Tudo isto faz parte do grande plano construtivo e de romanização levado a cabo durante este principado, sendo os seus frutos visíveis também em *Bracara Augusta* (Braga), *Augusta Emerita* (Mérida) e outras cidades peninsulares (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, 69–70; Morais 2005; Bustamante Álvarez 2010).

Outra reformulação da cidade parece ter ocorrido na transição entre o principado de Nero e a dinastia flávia, quando a cidade recebe o estatuto legal de *Municipivm*. Este período de meio século parece ser o apogeu da cidade de *Conimbriga*. O antigo *forum* é

[5] Para a localização geográfica de todos os casos analisados para a composição da base de dados de marcas de oleiro em *terra sigillata* que compõe a pedra basilar desta tese, ver o **Anexo I**.

arrasado, e um fórum monumental é construído onde o anterior previamente assentava. Constrói-se também novas termas, no sul da cidade, no principado de *Trajano*, e denota-se também um *floruit* de construções privadas entre 50 e 150 d.C. (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, 69–70; Coelho 2016, 23).

Pensa-se mesmo que existissem dois *fora* nesta altura em *Conimbriga*, visto que o fórum flávio conhecido não apresenta estruturas administrativas (como uma *Basilica*), tendo estas que estar presentes num *Municipium*, e, portanto, noutra localização da cidade. É também de notar que a construção urbana da cidade provavelmente envolveria subúrbios fora do *pomerium*, estendendo-se a urbanização para fora das muralhas (Correia 2010, 91).

Após a crise política e a instabilidade sentida no século III, bem como as incursões dos Francos e Berberes à Península Ibérica, construíram-se as muralhas tardias de *Conimbriga*, sendo que grande parte destas ainda se encontra de pé hoje. Estas não eram meramente simbólicas, apresentando uma espessura bastante considerável, bem como um grande número de torreões nas partes mais expostas a ataque[6]. No entanto, de maneira a tornar a cidade mais defensável, encurtando as frentes de batalha, foi necessário abandonar grande parte da cidade, reduzindo-a ao reduto defensável do baixo império (Correia 2014; Coelho 2016, 23).

Para além desta imponente muralha, na parte mais defensável da cidade foi construída uma fortificação triangular, um tipo de castelo e último reduto. Não se sabe definitivamente a data de construção desta fortificação (Alarcão 1973, 85; Coelho 2016, 25). Apesar deste reforço de fortificações, a cidade é atacada por duas vezes em 465 e 468 d.C., durante as guerras Suevo-Visigodas, segundo afirmam as crónicas de Idácio, Bispo de *Aquae Flauiae* (Chaves). O segundo ataque terá deixado a *ciuitas* parcialmente destruída. Isto levou a um êxodo de grande parte da população para *Aeminium* (Coimbra). Em 589 transfere-se de *Conimbriga* para *Aeminium* a Sede Episcopal, sendo daqui que provavelmente deriva a mudança do nome da cidade à beira do Mondego de *Aeminium* para "Coimbra", provavelmente derivando do nome da antiga sede episcopal, *Conimbriga* (Alarcão, Mayet & Nolen 1989, 72-3; Coelho 2016, 19).

Com o século X, a cidade parece ser abandonada definitivamente, devido à impossibilidade de se obter água, em parte causado pela degradação do aqueduto alto-

[6] Nomeadamente o planalto a este e nordeste, devido a sua menor inclinação.

imperial. Formou-se uma nova vila na parte norte da cidade, entre as muralhas alto imperiais e baixo imperiais, designada *Vila Cova de Condessa Domna Onega* (supondo-se que seria Dona Condessa a regente da cidade), que ainda existia em 928. A cidade baixo-imperial serviria só para enterrar os mortos, e espoliar pedra (Alarcão 1999, 16-29, Coelho 2016; 25). Pensa-se que o nome "Condeixa-a-Velha" derive de Vila Cova de Condessa, transmutando "Condessa" para "Condeixa". O adjetivo "a velha" deriva da criação de uma nova Condeixa (a nova) no século XIII, na estrada que ligava Coimbra a Lisboa (Conceição 1941, 171).

Caindo nas raias do esquecimento, alguns escritores como Frei Bernardo de Brito (século XVI) e Miguel Leitão (século XVII) descrevem fantasiosas referências acerca das ruínas de Condeixa-a-Velha, sendo que a memoria coletiva raramente desaparece totalmente, e que as ruínas da muralha baixo-imperial eram visíveis (Conceição 1941, 278). Gaspar Barreiro, no século XVI, faz uma descrição mais precisa, dos muros tardo-antigos, aquedutos, sepulturas e inscrições romanas (Gomes 2012, 215). Mais recentemente, em 1811, *Conimbriga* tinha sido escavada e espoliado de pedras de maneira a reconstruir Condeixa-a-Nova, aquando do incêndio causado pelas tropas do Marechal francês Massena[7], nas Guerras Napoleónicas (Correia 2010, 90).

2.2. A investigação arqueológica em *Conimbriga*

No âmbito desta dissertação de mestrado foram estudadas as marcas de oleiro em *terra sigillata* provenientes das escavações efetuadas em *Conimbriga.* Os fragmentos podem ser agrupados como provenientes de três grandes grupos: as escavações antigas, ou seja, fragmentos provenientes de intervenções anteriores a 1964; fragmentos recuperados durante as escavações Luso-francesas, entre 1964 e 1971 e fragmentos exumados durante as escavações de Jorge de Alarcão na zona B de *Conimbriga*. Nas restantes escavações de *Conimbriga* ou não recuperaram fragmentos de *terra sigillata* com marca de oleiro, ou os seus fragmentos ainda não foram lavados e

[7] Na terceira invasão napoleónica, após a retirada de Torres Vedras (1811), os homens de Massena destruíram à medida que retiravam, incluindo vários palácios, e Condeixa-a-Nova. O Marechal Ney, na retaguarda, travou uma ação de atraso contra a vanguarda de Wellington em Casal Novo (Oman 1911)

inventariados[8]. Para compreender o significado desta introdução, convém também compreender a história da investigação arqueológica em *Conimbriga*.

As primeiras intervenções arqueológicas em *Conimbriga* iniciam-se em 1899, pelo Instituto de Arqueologia de Coimbra, com as primeiras sondagens realizadas com o patrocínio da Rainha Dª Amélia. De facto, a criação deste instituto teve como um dos motivos para a sua criação a investigação de *Conimbriga*, como consta da primeira ata do instituto, de 1873. Estes primeiros trabalhos consistiram de sondagens a vulto (com o objetivo de retirar espólio), plantas da cidade e levantamento de mosaicos. Destas resultou a primeira planta do sítio, contando apenas com o terreno dentro das muralhas baixo-imperiais, ainda visíveis na altura. A estas intervenções juntaram-se explorações clandestinas, com o objetivo de espoliar materiais valiosos da cidade (Gomes 2012, 217; Correia & Ruivo 2017, 209).

Esta corrida ao espólio de *Conimbriga* levou à sua classificação enquanto monumento nacional em 1910. Em 1929 a Faculdade de Letras de Coimbra compra uma porção do terreno, de maneira a proceder a escavações com os seus alunos (e impedir a espoliação clandestina desses terrenos), competindo nas suas compras com a DGEMN. As primeiras escavações sistemáticas autorizadas pela DGEMN em colaboração com a FLUC são dirigidas pelo Dr. Vergílio Correia, que expõe a casa de *Cantaber*, a *Insula* do Aqueduto, a Casa dos Repuxos, a Casa das Suásticas, a Casa dos Esqueletos, e outros testemunhos arquitetónicos, entre 1930 e 1944 (Gomes 2012, 222; Correia & Ruivo 2017, 210).

O final destas primeiras intervenções de grande envergadura dá-se com a morte do Dr. Vergílio Correia, em 1944. Os seus estudos arqueológicos foram publicados em folhetos ou revistas. Entre 1944 e 1953 deu-se uma interrupção dos trabalhos arqueológicos em *Conimbriga*, mas não da investigação, que passou pela inventariação e estudo dos materiais recuperados, e pela consolidação dos testemunhos arquitetónicos. Isto foi com o objetivo de criar um museu didático de arqueologia nas caves da FLUC, onde os contributos de *Conimbriga* teriam grande importância (Gomes 2012, 225).

[8] Devido ao já elevado número de marcas de oleiro em *terra sigillata* nas escavações mencionadas, e ao consumo de tempo que o estudo destas acarreta, decidiu-se não se lavar e separar os milhares de fragmentos resultantes de escavações onde isto não tenha ocorrido. Seriam centenas de horas para provavelmente não se recuperar nenhuma marca de oleiro.

Das escavações antigas foi possível recuperar 150 fragmentos de *terra sigillata* com marca de oleiro, dos quais 58 eram inéditos, estando os restantes publicados no artigo sobre *terra sigillata* itálica de Adilia de Alarcão (1971) e no artigo de Mayet sobre as marcas de oleiro em *terra sigillata* hispânica de *Conimbriga* (1973). Do total dos fragmentos trinta e oito são demasiado pequenos e não possibilitam uma leitura, ou apresentam leitura ambígua. Não se conhece a proveniência da maioria destes fragmentos. Alguns foram marcados em laboratório com códigos cujo significado não se conhece, como "B-6-A", ou "thesq". Acrónimos como "B" foram interpretados como "Bico da muralha", ou "TH" com "Termas", pelo que estes foram atribuídos às respetivas áreas, mas sempre com algumas reticências.

Em 1952 o Dr. João Manuel Bairrão da Silva Oleiro assumiu a responsabilidade das intervenções arqueológicas em *Conimbriga*, de maneira a prosseguir os trabalhos abandonados quase uma década antes. Isto marca também o início da colaboração com instituições internacionais na investigação de *Conimbriga*, tanto com institutos arqueológicos franceses, como alemães. Também importante é a primeira edição da revista *Conimbriga* em 1958/9, sendo agora uma das revistas mais conceituadas de arqueologia em Portugal, e ainda a inauguração no Museu Monográfico de *Conimbriga*, em 1962 (Gomes 2012, 227-230).

Em 1962, aquando da abertura do Museu Monográfico de *Conimbriga*, Françoise Mayet encontra-se no processo de estudar a *terra sigillata* hispânica, como prelúdio para a sua grande monografia sobre o tópico (1984). Antes, publica vários artigos sobre a *terra sigillata* hispânica em variados centros de consumo (Mérida, *Conimbriga*, Norte de África, etc…). No seu artigo sobre *Conimbriga* separa e estuda todas as marcas de oleiro em *terra sigillata* hispânica recolhida entre 1930 e 1962, das zonas da Casa dos Repuxos, termas sul e outros pontos variados da cidade (Mayet 1973, 1). Para além dos 80 fragmentos publicados no artigo mencionado (e já citado acima), foi possível encontrar ainda 30 fragmentos inéditos, não publicados por não serem hispânicos, das intervenções que se deram entre 1952 e 1962.

Entre 1964 e 1971 deram-se as denominadas "Escavações Luso-francesas", levadas a cabo por uma equipa que envolveu o Museu Monográfico de *Conimbriga*, o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a Universidade de Bordéus e a *Mission Archéologique Française au Portugal* (Alarcão & Etienne, 1977; Correia 2010, 90). Estas escavações seguiram os mais avançados

métodos arqueológicos da altura para expor e estudar cientificamente a área da cidade que compreende o fórum (até então inédito), as termas do sul da cidade e a insula que separa os dois. Os resultados desta escavação foram publicados nos *Fouilles de Conimbriga*, oito volumes que até hoje formam a pedra basilar da investigação de *Conimbriga* (Alarcão, Mayet & Etienne 1974).

Os objetivos da intervenção eram explícitos. A descoberta do fórum e os monumentos que o rodeavam, e a definição de horizontes cronológicos através de um estudo cuidado da estratigrafia do sítio. A metodologia passou pela implantação de uma grande rede de quadriculas entre o extremo norte e o extremo sul da cidade baixo imperial, mais ou menos no centro da cidade. As quadriculas mediam seis metros quadrados, tendo uma parede divisória de um metro entre elas (incluída nestes seis metros), utilizando, portanto, o método de Wheller – Kenyon (Bicho 2006). Quando as quadriculas interferiam com muros de testemunhos arqueológicos, alterou-se a estratégia, passando-se a tomar as divisões arquitetónicas como quadriculas, ou subdivisões das mesmas, como acontece no fórum e nas termas sul (Alarcão, Mayet & Etienne 1974, Vol. I, 10).

As quadriculas estavam inseridas em subdivisões maiores de 800 metros quadrados. Formou-se, portanto, um sistema de rede, em que cada quadricula tinha um número dentro de uma quadricula maior, designada por uma letra (de acordo com a posição este-oeste) e um número romano (de acordo com a posição norte a sul), sendo então possível diferenciar quadriculas na marcação das peças (Ex: 64-G-VIII-23 (5)). A camada estratigrafia também era registada (e marcada na peça entre parenteses), fazendo-se também o registo de cortes, permitindo o estudo dos horizontes cronológicos do sítio. Em total, seria escavada uma área de mais ou menos 3200 metros quadrados, onde seria possível localizar todos os achados, com uma precisão de seis metros quadrados (Alarcão, Mayet & Etienne 1974, Vol. I, 10).

Durante as campanhas luso-francesas exumaram-se 324 fragmentos de *terra sigillata* com marcas de oleiro, representando mais de metade da amostra de *Conimbriga*. Destes fragmentos, apenas 83 não foram publicados no "*Fouilles de Conimbriga*". Desses 83 apenas foi possível identificar o oleiro de doze delas, atestando a qualidade do estudo e da publicação que resultou destas campanhas. Foi possível georreferenciar estes fragmentos com uma precisão muito superior do que os de outras

intervenções, atestando à importância da utilização e referenciação das quadriculas em arqueologia.

Paralelamente às intervenções luso-francesas dão-se as intervenções na denominada Zona B, sob a direção do Dr. Jorge de Alarcão, entre 1963 e 1972. Estas incidiram sobre a zona anexa à muralha tardo antiga, do lado de fora da cidade. Intervencionaram-se, portanto, as *tabernae* que ladeiam o *decumanus*, a Casa dos Esqueletos e a Casa das Suásticas (Alarcão 2010). A metodologia variou entre estes três pontos de interesse. No caso das *tabernae* foram delineadas sondagens quadradas ou retangulares, nomeadas de acordo com o alfabeto (sendo que a sondagem A incidiu sobre a via, e não nas *tabernae*). Estas sondagens não eram contiguas ou agrupadas dentro de um sistema de rede. As *tabernae* exumadas apresentavam grandes depósitos cerâmicos no que deveriam ser as caves. Os níveis mais antigos apresentavam numismas cláudios, e os mais tardios numismas de Aureliano, contribuindo para a hipótese de um arrasamento das casas fora da muralha tardo-antiga, aquando da sua construção (Alarcão 2010)[9].

As escavações nas Casas dos Esqueletos e das Suásticas foram muito menos abrangentes, visto estas já terem sido intervencionadas pelo Dr. Vergílio Correia, em datas anteriores. Na casa das suásticas, apenas se escavou por baixo dos mosaicos, que estavam a ser levantados e recuperados. Em vez de quadriculas, nestes casos optou-se por se operar de acordo com as divisões das estruturas arquitetónicas, apresentando-se números para cada divisão, e registando os achados de acordo. Em ambos os casos os resultados da escavação foram semelhantes. Ambas as casas parecem ser construídas no século I d.C., recebendo uma remodelação no início do século III d.C. No final do século III são ambas demolidas, no âmbito do arrasamento de edificações fora da muralha tardo-antiga (Alarcão 2010).

Da escavação da zona B de Jorge Alarcão resultaram 69 fragmentos de *terra sigillata* com marcas de oleiro. Estes nunca foram publicados pelo orientador da escavação, mas existem duas teses de mestrado relativas ao espólio de *terra sigillata* da Zona B (Cunha 2009; Margalho 2012). Estas duas publicações são, no entanto, ambas

[9] Este arrasamento de edificações perto de muralhas é comum e atestado especialmente durante a idade média, em caso de guerra. São feitos de maneira a impedir que os adversários utilizem edificações como ponto de partida para escalar muralhas.

incompletas[10] e de pouca divulgação. Como tal, de entre as 69, 45 são completamente inéditas, e várias estão publicadas erroneamente. Graças ao livro em que se publicou a escavação (Alarcão 2010), foi possível georreferenciar, com alguma exatidão, os fragmentos associados ao espaço das *tabernae*. No entanto, devido ao sistema menos exato utilizado nas *Domus*, estas ficaram somente atribuídas à zona das casas.

A partir das campanhas luso-francesas, o interesse esmoreceu, com intervenções pontuais, de onde se destaca a de Ana Margarida Arruda entre 1988 e 1989, que tinha por objetivo estudar o *oppidum* pré-romano (Ruivo & Correia 2017, 210). A partir dos anos 90 demonstra-se uma preocupação com a fase tardia de *Conimbriga*, previamente ignorada. Denota-se uma vitalidade antes não assumida durante a época alto medieval, do período suevo-visigodo e islâmico da cidade. Esta vitalidade, antes desconhecida, perdura até ao século X, como demonstram as datações de carbono 14 (Ruivo & Correia 2017, 211). Outro aspeto de salientar foram as modificações à muralha e à fortaleza do bico da muralha, e o seu papel no mundo medieval (Ruivo & Correia 2017, 213). Entre 2000 e 2010 escavaram-se a porta augusta da cidade, o anfiteatro de *Conimbriga*, o fórum, a basílica paleocristã e ainda as termas, sendo estas escavações sempre de pequena escala quando comparadas às campanhas luso-francesas (Ruivo & Correia 2017).

Uns grandes números de estudos sobre os materiais exumados de *Conimbriga* foram redigidos e publicados entre 1964 e 1990, incluindo as várias publicações de Adília Alarcão sobre *sigillata* e lucernas (Alarcão 1971c), as de Jorge de Alarcão sobre vidros romanos, Manuela Delgado sobre *sigillata* africana clara ou as de Françoise Mayet, sobre as "marcas de oleiro" em *terra sigillata* hispânica (Mayet 1973; Etienne, Alarcão & Mayet 1976; Mayet 1984). O mais extenso destes é claro os tomos III-VI dos *Fouilles de Conimbriga* (Silva 2013, 26). Recentemente, ainda que se efetuem estudos (e em específico várias teses de mestrado) sobre o espólio de *Conimbriga*, a primazia tem sido dada à arquitetura da cidade, extensamente publicada (Cunha 2009; Margalho 2012).

Foi possível fazer uma distribuição da *terra sigillata* cronologicamente de acordo com a sua localização na cidade de *Conimbrig*a. O objetivo deste tipo de estudo,

[10] De facto, uma das publicações apresenta dados completamente errôneos no que toca às marcas de oleiro em *terra sigillata*, pelo que não foi consultada no desenvolvimento desta tese.

previamente feito em Poitiers (Tilhard 2004) e Paris (Hoffman 1989) é o de compreender não só a evolução da cidade, mas também as dinâmicas comerciais dentro da cidade. A comparação com outros estudos do mesmo género, feitos nesta dissertação também para *Olisipo* (Lisboa) ajuda também a compreender se diferentes modelos de cidade reagem de maneira diferente ao comércio romano.

Devido às publicações e ao registo da quadriculas feitas nas escavações anteriores, foi possível referenciar geograficamente 513 fragmentos. Estes fragmentos foram localizados com diferentes precisões, de acordo com as publicações das escavações, e a capacidade de ligar as marcações dos fragmentos às publicações. No caso das campanhas luso-francesas todos os fragmentos eram marcados com a sua quadrícula, de seis metros quadrados, pelo que a sua localização é bastante exata. No outro extremo de precisão, existiam fragmentos das escavações antigas cuja marcação é pouco exata e ambígua, pelo que isto é visível na geolocalização.

Graças às particularidades das marcas de oleiro em *terra sigillata* enquanto testemunho arqueológico (ou seja, a sua precisão cronológica e geográfica de produção) é também possível, especialmente quando complementado com a estratigrafia de escavações como as luso-francesas, perceber a vitalidade comercial da cidade ao longo do tempo, e como evoluiu o interesse comercial da cidade.

Para conhecer os oleiros de *terra sigillata* atestados em *Conimbriga*, o seu resumo encontra-se no **Anexo IX.** Neste enumeram-se os oleiros, agrupados por grupo de produção e descreve-se as suas produções, vasos exumados em *Conimbriga*, marcas, mercados e paralelos na *Lusitania*. Foram estes dados que permitiram a análise apresentada no capítulo seguinte. O seu registo gráfico encontra-se nos **Anexos III** e **IV**.

2.3. Análise e interpretação dos dados

Tendo discriminado as produções e os oleiros atestados em *Conimbriga*, passemos agora à análise integrada e combinada dos dados recolhidos. Para isto, foram criados um gráfico cronológico do consumo de marcas de *terra sigillata* em *Conimbriga* (**Figura 1**) e um conjunto de mapas com a distribuição das marcas de

oleiro em *terra sigillata*, em intervalos de vinte e cinco anos, de *Conimbriga* (**Anexo V**). Para além de uma análise da *ciuitas* isolada, tentaremos interligar o seu papel na província da *Lusitania*, utilizando outros casos para comparação.

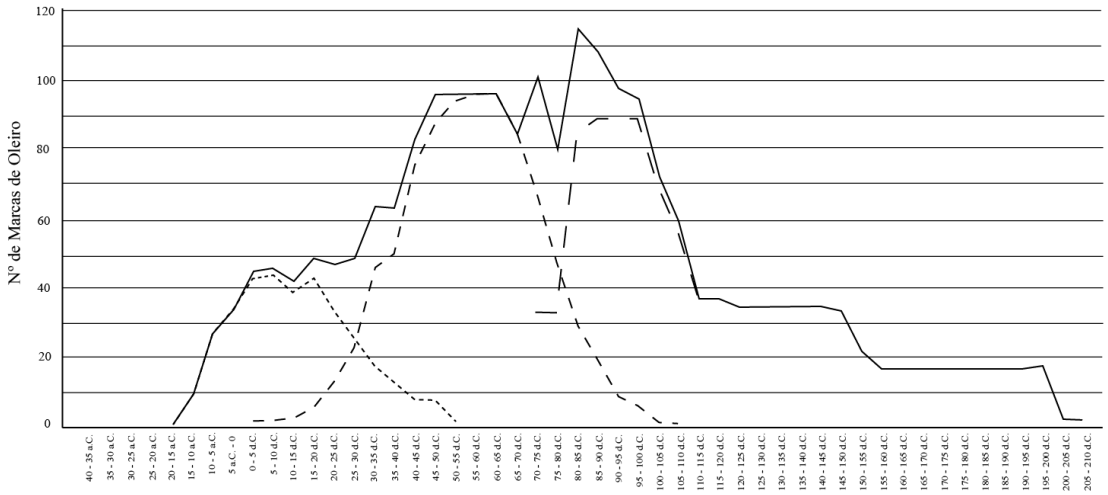


Figura 1: Consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro em *Conimbriga*, com as diferentes produções em diferentes níveis de tracejado.

A importação e o consumo de *terra sigillata* inicia-se, em *Conimbriga*, a partir do principado de *Augustus Otauianus*, coincidindo com as primeiras remodelações da cidade, entre 25 e 20 a.C. (Correia 2014, 1111)[11]. Este consumo, ainda que de pequena escala, dá-se essencialmente em zonas privadas. A zona de maior concentração nesta altura são as *tabernae* a este do fórum, onde posteriormente se erguerá a muralha baixo-imperial (Alarcão 2010; Coelho 2016, 23). De facto, esta zona de *tabernae* manterá um nível de consumo de *terra sigillata* elevado durante toda a importação deste produto, fazendo pensar que talvez uma destas vendesse este produto exclusivamente (Alarcão 2010).

O pico do comércio de *terra sigillata* itálica, em *Conimbriga*, dá-se entre 5 a.C. e 20 d.C., com o estabilizar dos níveis de consumo, ao que se segue um decréscimo da importação deste produto. No entanto, os níveis totais de *terra sigillata* não diminuem, continuando a aumentar devido ao início da importação de *terra sigillata* sudgálica. Isto parece indicar uma incapacidade da *terra sigillata* itálica de satisfazer o mercado da *Lusitania* em termos quantitativos, sendo prematuramente abandonada pelos

[11] Sempre que referida uma realidade comercial, esta é apoiada somente no estudo feito das marcas de oleiro de *terra sigillata*, a menos que o contrário seja explicitamente referido. Para a correlação entre marcas de *terra sigillata* e níveis de consumo de *terra sigillata*, ver o **Anexo VIII**.

conimbrigenses em favor da *terra sigillata* sudgálica que seria, em princípio, mais barata (devido ao menor custo de transporte) e mais disponível[12].

Apesar de uma possível estagnação do comercio de *terra sigillata* sudgálicas a partir de 70 d.C., provavelmente devido a uma conjunção de fatores, que será discutida no **capítulo 3**, o consumo total de *terra sigillata* em *Conimbriga* não diminui, sendo compensado pela *terra sigillata* hispânica, e continuando em crescimento até 95 d.C. O apogeu, realmente, parece ser algures durante a dinastia flávia, altura já reconhecida como o apogeu de *Conimbriga* através do estudo da arquitetura. Esta fase vê um *fluroit* de novas construções, tanto públicas, como é o caso do fórum, bem como privadas (Correia 2010; 2014; Coelho 2016; Ruivo & Correia 2017).

Estas construções, típicas dos grandes programas de construção pública do início da dinastia flávia introduzem informações estratigráficas das quais se pode derivar propostas interessantes, no caso de *Conimbriga*. As escavações luso-francesas atribuíram "fases" cronológicas a certos estratos da sua escavação, de entre os quais se destaca o décimo nono, a fase construtiva do fórum flávio, datada de entre 70 e 80 d.C. (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I, 196-204). Desta fase foram exumadas 30 fragmento de *terra sigillata* com marcas de oleiro, das quais sete provêm de *officinae* hispânicas. Destas sete marcas, uma é do oleiro *Sempronius* (**nº 393**), outra do oleiro *L. Nas*() *De*() (**nº 609**) e ainda outra de *T. Elu*(*ius*) (**nº 372**).

Os meios de datação para as marcas de oleiro de *terra sigillata* hispânica continuam a ser diminutos. Isto, combinado com uma falta crónica de contextos de fundação flávia ou pré-flavios estudados na península leva a que a totalidade das marcas de oleiro tenham sido datados a partir de 70 d.C. e mais normalmente a partir de 80 d.C., ainda que o seu início de produção possa ser anterior (Quaresma 2018). Isto torna *Conimbriga* um caso de estudo único e importante. A datação do oleiro *L. Nas*() *De*(), antes dada como de 80 – 100 d.C., deveria ser, talvez, anterior (Bustamante Álvarez 2013).

[12] Muitas problemáticas observadas em *Conimbriga*, como o diminuir do consumo de *terra sigillata* itálica, encontram paralelos na grande maioria dos sítios da *Lusitania*, bem como no resto do Império. Por este motivo, uma boa parte das problemáticas levantadas neste capítulo sobre o caso de estudo presencial serão elaborados nos capítulos seguintes, referentes à província da *Lusitania*, e ao Império Romano, respetivamente. Este capítulo pode ser visto, em parte, como uma observação empírica das problemáticas que serão abordadas no restante texto.

O fórum não é o único caso de *terra sigillata* hispânica em contextos anteriores ao que tipicamente é associado à mesma, existindo também nos níveis fundacionais da *insula* "*La Patére Emmanuel*" e da sua rua adjacente, datados do principado de Cláudio (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I). Apesar de existir a possibilidade de intrusões, ou de a estratigrafia não se encontrar perfeitamente preservada (devido à possibilidade de espoliação), esta existência precoce de *terra sigillata* hispânica encontra paralelos na província, no caso de *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha) (Quaresma 2018).

Entre 70 e 100 d.C. as maiores acumulações de marcas de oleiro em *terra sigillata* dão-se primeiramente em dois sítios. Nas termas de Trajano, no sul da cidade, e nas *tabernae* previamente mencionados, com acumulações mais pequenas no fórum flávio e na Casa dos Repuxos. A partir de 100 d.C. a *terra sigillata* aparece mais dispersa na cidade, mas em menor quantidade. Esta quebra pode ser só aparente, visto que pode significar uma diminuição na tradição epigráfica nos centros de produção, sendo que a *terra sigillata* hispânica era marcada só na sua minoria, e eventualmente não de todo (Silva 2013)[13].

O setor com maior acumulação de marcas de *terra sigillata* continua a ser o das *tabernae*, dando credibilidade a que uma destas vendesse *terra sigillata* quase exclusivamente (Alarcão 2010). Outros pontos de interesse merecem menção. O primeiro são as canalizações, que apresentavam, por vezes, tantos ou mais fragmentos de *terra sigillata* que todas as outras camadas. No entanto, as suas implicações estratigráficas são ainda desconhecidas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I). Em termos do crescimento económico da cidade, ainda que pelo gráfico pareça fácil de o compreender, a interpretação geográfica é mais difícil.

O objetivo inicial de georreferenciar todas as marcas era compreender, ou pelo menos tentar elucidar o tipo de crescimento económico aparente no gráfico de consumo. Nas últimas décadas a investigação da economia romana tem passado pela diferenciação de crescimento intensivo e extensivo (Bowman & Wilson 2009; Scheidel 2009, 2012; Temin 2012, 2013; Tchernia 2016). Uma das maneiras de averiguar qual delas terá

[13] Outro motivo pode advir de datações incompletas ou deficientes para certos oleiros, visto que as datações usadas nesta tese provêm de uma única fonte, os contextos datados da rua Almendralejo 41 (Bustamante Álvarez 2010), ainda que esta explicação seja menos provável.

ocorrido, ao nível da *ciuitas*, é através da georreferenciação dos fragmentos de um certo produto, ao longo do tempo[14].

Devido às particularidades arqueológicas do conjunto estudado em *Conimbriga*, não é possível distinguir com certeza entre os tipos de crescimento económico através deste método. Isto deve-se ao facto de os fragmentos serem, na sua maioria, provenientes do centro da cidade, sem se ter escavado os subúrbios ou as zonas mais distantes do fórum. Das zonas escavadas (em que se recolheu marcas de *terra sigillata*), a maioria são ou complexos públicos estatais (como o fórum ou as termas) ou zonas de habitação de elevado nível económico (como a Casa dos Repuxos ou das Suásticas) (Correia 2014). Um estudo das zonas mais pobres da cidade (como os subúrbios) seria elucidativa.

Em geral, parece que cidades com continuidade ao longo do tempo sejam mais propícias a este tipo de estudo, devido às suas particularidades arqueológicas. Cidades abandonadas e preservadas [como é o caso de *Conimbriga* ou *Mirobriga* (Chãos Salgados)] apresentam as suas vantagens devido à liberdade que dão aos investigadores para investigar qualquer zona, e à sua menor contaminação, complexidade estratigráfica e ao menor nível de complicações e impedimentos legais. São também mais fáceis de musealizar e, devido a um abandono, encontram-se em regra geral mais bem preservadas do ponto de vista arquitetónico, tornando-as bastante apelativas à investigação arqueológica.

No entanto, as cidades que obtiveram continuidade beneficiam de arqueologia urbana que, continuamente efetuada e financiada, beneficia a investigação deste assunto devido a uma escolha semi-aleatória da incidência da investigação arqueológica (seguindo a necessidade do público), tornando as zonas de estudo variadas. Esta variedade leva a que uma grande parte da cidade, ainda que em parcelas muito pequenas, seja estudada. Um caso icónico da *Lusitania* é *Olisipo* (Lisboa). O estudo georreferenciado desta cidade (que abordaremos no **capítulo 3** e **4**) demonstra

[14] Esta é uma das problemáticas estudadas a fundo nos **capítulos 3** e **4**. A ideia chave é que o crescimento económico intensivo (ou seja, o aumento do PIB *per capita*) pode ser averiguado se as mesmas áreas da cidade aumentarem o seu consumo de produtos. Já o crescimento extensivo (aumento demográfico que leva ao crescimento do PIB, mas uma diminuição do PIB *per capita*) seria diagnosticado por uma expansão da cidade, e por consequência da área geográfica do consumo do produto.

claramente tanto um crescimento intensificado como extensivo (Silva 2013). Estas conclusões só são possível devido à variedade de sítios escavados.

Em termos geopolíticos, *Conimbriga* enquadra-se no grupo das cidades de segundo plano da *Lusitania*, juntamente com *Olisipo* (Lisboa) e *Pax Iulia* (Beja), como veremos nos capítulos seguintes. Torna-se então importante perceber a zona de influência de *Conimbriga* enquanto centro de redistribuição de produtos e como era feito o seu abastecimento (van Oyen 2015; Fulford 2018; Quaresma 2021). Em termos de abastecimento, normalmente parece dar-se prioridade a grandes portos para abastecer uma rede de grandes cidades, tornando-se os portos, por consequência, grandes cidades elas próprias, e normalmente mais duradouras que as cidades que abastecem, após o colapso da estrutura estatal imperial (Quaresma no prelo (b), 36). Podemos olhar para o caso de *Hispalis* (Sevilha), o maior porto mais perto de *Augusta Emerita* (Mérida), entre outras cidades; *Vicus* (Vigo), o maior porto nas proximidades de *Bracara Augusta* (Braga) (ainda que não o mais próximo) e, no caso de *Conimbriga*, *Olisipo* (Lisboa) (Silva 2013; Bustamante Álvarez 2014a; Quaresma 2021; no prelo (b)).

Como foi apontado em volumes anteriores, e será analisado em capítulos posteriores desta tese, as marcas de oleiro e as nuances comerciais diferem entre *Augusta Emerita* e *Olisipo* (os dois principais centros de redistribuição de bens lusitanos). Estas diferenças notam-se ao nível das marcas de oleiro em *terra sigillata*, especialmente, quando se analisa a diferença entre consumos de produtos de *officinae* específicas (como o caso de *Cn. Ateius versvs P. Cornelius*) e mesmo numa diferença entre centros de produção diferentes (Andújar e *Tritium Magallum*) por exemplo (Quaresma 2012; Silva 2013).

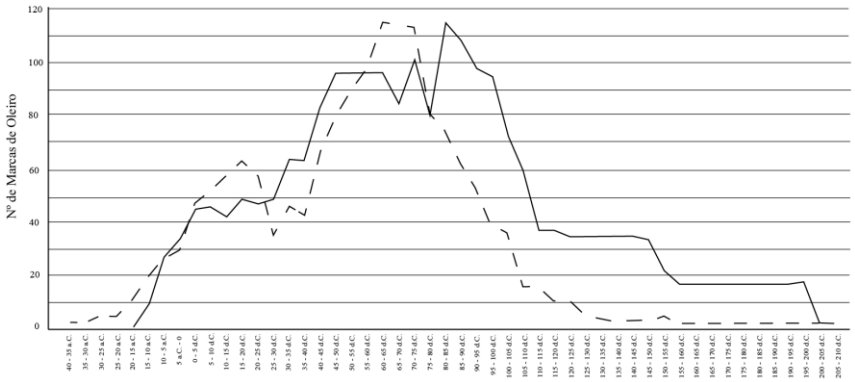


Figura 2: Comparação entre o consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro em *Olisipo* (tracejado - Silva 2013) e *Conimbriga*.

Senso comum faria querer que o espólio de *Conimbriga* se assemelharia com o de *Olisipo* nestas nuances comerciais, visto ser esta cidade o seu porto de abastecimento mais provável[15]. No entanto, o contrário é o observado. As marcas de oleiro em *terra sigillata* de *Conimbriga* mostram tendências alinhadas com *Augusta Emerita*, e não com *Olisipo*. Isto nota-se tanto ao nível de *officinae* individuais como de centros de produção. Como explicar então esta diferença entre porto de abastecimento e centro de consumo?

Uma análise mais abrangente é necessária para responder a esta questão, sendo a análise de um único caso de estudo desaconselhado para resolver a um problema que parece comum no império romano (visto o mesmo acontecer com vários casos da *Lusitania* e de outras províncias). É possível que *Conimbriga*, sendo um centro de redistribuição importante, recebesse cargas comerciais não de um só porto, mas através de várias rotas, quer de *Olisipo*, como de portos mais distantes e mesmo de outras *ciuitates*. É também possível que o abastecimento não tivesse de levar em conta só a proximidade do porto, mas também contratos feitos entre *procuratores* e os produtores de certos produtos, como *terra sigillata* (Fulford 2018, 318-23)

Em termos de formas e usos dos vasos e fragmentos de vasos estudados em *Conimbriga*, uma maioria de quase dois terços são taças (65.52%), ao invés de pratos (23.62%). Estas tendências mantêm-se nos três centros produtores. No entanto, à medida que a cronologia avançou, esta diferença começa a esbater-se, com os fragmentos de *terra sigillata* hispânica mais recentes tendo um maior equilíbrio entre pratos e taças (140 taças para 70 pratos, sensivelmente). Este crescimento de popularidade do prato pode ser o precursor da popularidade e da tomada de preponderância dos grandes pratos a partir da supremacia da *terra sigillata* africana, a partir de 150 d.C. (Quaresma 2012).

As formas mais comuns, no que toca às taças, são Drag. 27 e 24/25, com as restantes formas apresentando menos de cinco exemplares cada. Nos pratos, ainda que mais escassos, nota-se uma tendência para a forma 15/17, com oito exemplares sudgálicas e 31 hispânicos. A aparente falta de Drag. 18 pode ser ilusória, visto que a maioria dos fragmentos eram, exatamente, fragmentos de fundo. O fragmento de fundo

[15] Inclusive segundo a base de dados e mapa do mundo Romano ORBIS, efetuado pela Universidade de Stanford, sobre a direção de Walter Scheidel.

de uma Drag. 18 é difícil de distinguir de outras formas, devido a várias características partilhadas com outras (Dragendorff 1896).

Nos capítulos seguintes juntaremos os dados deste caso de estudo presencial e empírico com os dados recolhidos das publicações sobre as marcas de oleiro em *terra sigillata* na *Lusitania*. Desta maneira, pretendemos analisar e responder a questões mais abrangentes, onde um único caso pode prover dados, mas não explicar com qualquer precisão.

3. Microeconomia - Da produção ao descarte da *terra sigillata*. O panorama das marcas de oleiro na *Lusitania*

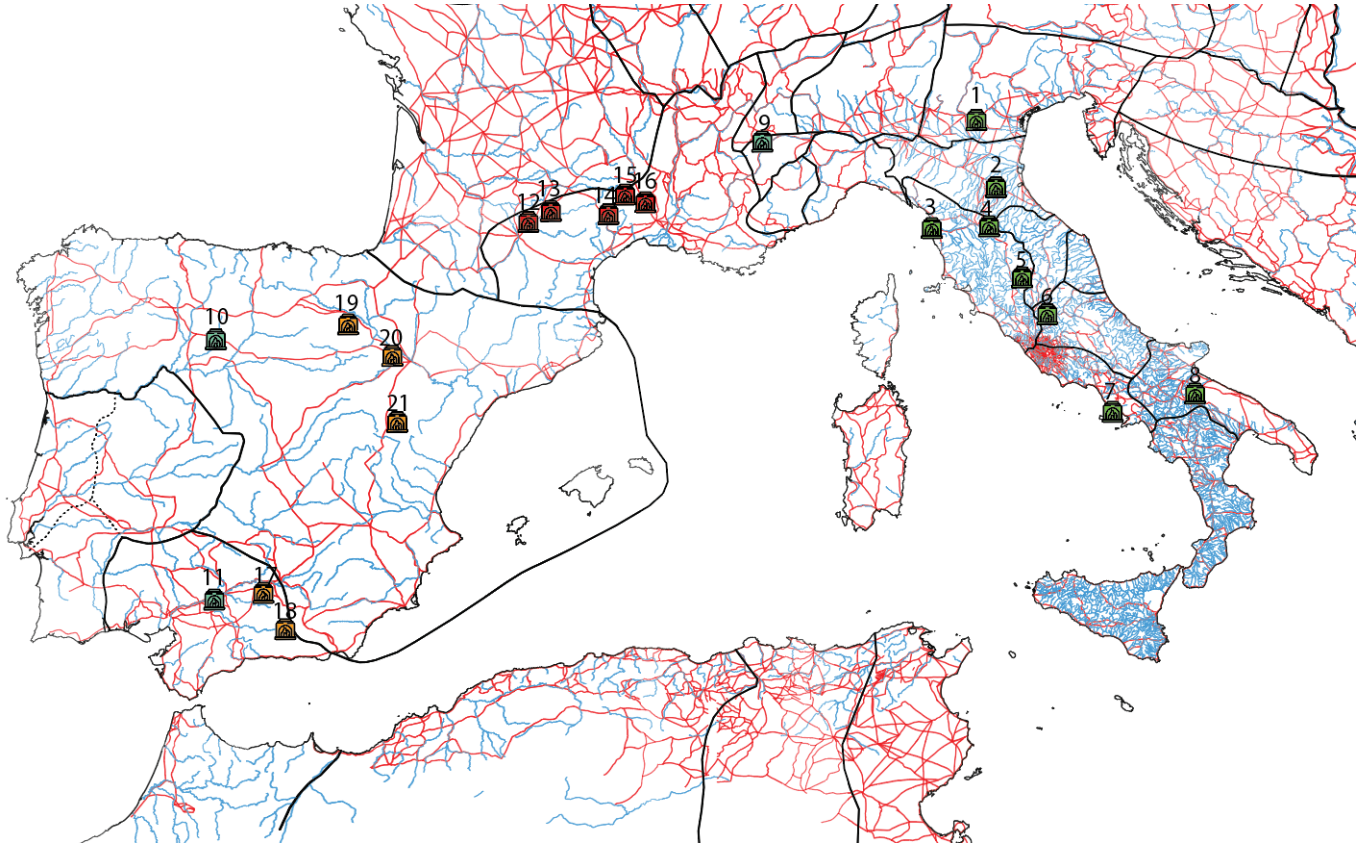


Figura 3: Centros de produção de *terra sigillata* alto-imperial, por grupos de proveniência. A verde – *terra sigillata* itálica (1 – Vale do Pó; 2 – Faenza; 3 – Pisa; 4 – Arezzo; 5 – Scoppieto; 6 – Vasanello; 7 – Pozzuoli e Cales; 8 – Venosa); A ciano – *Terra sigillata* de tradição itálica, produzida fora da Itália (9 – Lyon – La Muette; 10 – Pisuerga; 11 – Terra sigillata hispânica de tradição itálica); A vermelho – *Terra sigillata* sudgálica (12 – Crambade e Saint Saveaur; 13 – Montans; 14 – Babaças; 15 – La Graufesenque; 16 – Le Rozier); A laranja – *Terra sigillata* hispânica (17 – Complexo de Andújar; 18 – Granada; 19 – Complexo de Trício; 20 – Villaroya; 21 – Bronchales)

3.1. *Terra Sigillata* Itálica

3.1.1. A história da produção e da investigação

Arezzo (antiga *Arretium*) é uma cidade localizada a quatro quilómetros sul do rio Arno, na região da Toscânia. A *ciuitas* é mencionada várias vezes no *Ad Urbe Condita* de *Titus Livius*. Este descreve-a como uma das doze capitais do estado Etrusco (*Capita Etruriae*). Narra também da sua conquista pela República Romana em c. 311 a.C., tornando-se um posto militar na *Via Cassia*, e eventualmente um assentamento. Em 293 a.C. a urbe é atacada pela tribo dos *Senonii*, que apesar de derrotarem o exército romano encarregado de defender a cidade, não a tomam ou saqueiam (Smith 1854, 222–23).

Nas séries de guerras civis entre 157 e 86 a.C. a cidade toma o partido de *Gaius Marius*. A vitória do seu opositor, *L. Cornelius Sulla* levou à demolição parcial da mesma, e à sua relocação a 2.5 quilómetros para noroeste, de maneira a instalar os seus veteranos numa nova colónia, intitulada *Arretium Fidens*, oposta à primordial *Arretium Vettium*, ainda habitada. Após isto, os seus habitantes tomariam o partido de *Catilina*, na sua disputa contra *Cicero*, no ano de consulado do mesmo (63 a.C.). Aquando da guerra civil de 49 a.C., foi o primeiro assentamento tomada por *Gaius Iulius Caesar* após atravessar o Rubicão (Smith 1854, 222–23).

Não se sabe até quando remontaria a tradição oleira de *Arretium*, no entanto, sabe-se que foi o primeiro centro produtor itálico de *terra sigillata*. Este era um grupo cerâmico com uma longa tradição e um mercado estável no Mediterrâneo oriental, iniciando a sua popularidade na antiga Fenícia, e posteriormente na Grécia e nas colónias de ambos. Não parece ser coincidência, portanto, que o assentamento dos veteranos de *Pompeius Magnus* das guerras travadas no Oriente[16] em *Arretium* se dê quase ao mesmo tempo que se fabricam os primeiros vasos de engobe vermelho (Silva 2013, 32; Bes 2015).

Da fase mais antiga da produção de *Arretium* existem evidências desta ocupação oriental, primeiramente nos escravos *Tigranes* (O.C.K. 1411-1414) e *Bargathes* (CVA

[16] Referimo-nos aqui à terceira guerra de Mitridates, e às campanhas na Síria e Judeia, entre 73 e 60 a.C.

1404-1406) pertencentes a *M. Perennius* (CVA 1390-1391)[17], para além das punções de *C. Sept* (CVA 1872) e *Q. Afr* (CVA 51), possivelmente relacionados aos legados de *Cn. Pompeius Magnus* nas referidas campanhas (*Q. Afranius* e *C. Septimius)*. Estas punções ocorrem simultaneamente em *terra sigillata* e em cerâmica campaniense, indicando uma produção de ambos os produtos contemporaneamente (Rizzo 1998, 801; Silva 2013, 32–33).

O início desta produção pode ser datado pelo naufrágio *Planier 3*, onde se encontraram fragmentos de *terra sigillata* e ânforas marcadas por *M. Tuccivs Galleo*, cuja morte *Cicerus* relata em 47 a.C. (Tchernia 1969, 488; Garozzo 2000, 571; Silva 2013, 33). Esta fase inicial da produção, situada mais ou menos entre 40 e 20 a.C., é assinalada por formas não padronizadas, as paredes de espessura fina, bem como pelos punções radiais (Goudineau 1968, 167–69; Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 36). Em termos tecnológicos esta *terra sigillata* inicial era conseguida com torno rápido, utilizando pastas muito depuradas, homogéneas e um engobe rico em óxidos de ferro. Mais importante foram os fornos de mufla, que permitem uma cozedura oxidante com uma temperatura constante perto dos 1000º Celsius (através da evacuação do fumo da combustão por tubos), que permitia a coloração vermelha dos vasos. As punções, pelas diferenças de grafia e pelas suas propriedades, parecem ser criadas por cada oleiro ou artesão (ao contrário do que acontece em subsequentes produções) (Silva 2013, 34-36).

O apogeu da olaria de *Arretium* dá-se entre 20 a.C. e 15 d.C., altura em que o seu produto atinge a totalidade do território romano. Nesta segunda fase parece denotar-se uma complexificação da produção e dos seus mecanismos. Introduz-se o molde hemisférico, de maneira a facilitar a decoração[18], levando também à criação da posição do artesão decorador. O uso de bitolas levou também a uma padronização das formas, especialmente dos bordos. Estas inovações parecem apontar para um aumento da velocidade de produção, necessário para satisfazer um mercado maior (Oxé, Comfort and Kenrick 2000, 36; Guerrini & Mancini 2007, 204; Silva 2013, 34–36).

Este inicial sucesso de *Arretium* dever-se-á não em pequena parte ao facto da zona de sua implantação beneficiar previamente não só de uma olaria de renome, mas

[17] Fragmentos nº **1470, 3156, 3242, 3644,** marcas exumadas em *Augusta Emerita* (Mérida), Represas (Beja), *Salacia Imperatoria* (Alcácer do Sal) e Mesas do Castelinho (Almodôvar).

[18] Apesar de também ser utilizado posteriormente nas formas lisas (Hayes 1997, 31).

também da rota de escoamento dos tecidos de Florença, do porto importante de Pisa e dos mármores de Luni. Isto levou também ao interesse do próprio imperador *Caesar Augustus Octauianus*, tendo a cerâmica aretina um papel importante na sua estratégia cultural e propagandística, possivelmente facilitando difusão desta cerâmica (Silva 2013, 33-34). De facto, a cerâmica de *Arretium* parece ter-se tornado sinónimo de qualidade, de tal maneira que uma das mais primordiais marcas gaulesas, de *Rutenos*[19], afirma que o vaso portador da marca teria sido confecionado em *Arretium* (apesar da sua produção em La Graufesenque, *Gallia*) (Vernhet 1971, 188; Dannell 2002, 217).

Entre 15 e 50 d.C. (correspondendo à terceira fase das produções itálicas) dá-se uma perda de preponderância por parte de *Arretium* enquanto principal fabricante de *terra sigillata*, devido a uma acentuada competição não só intra-itálica (com outras olarias itálicas ganhando preponderância) mas também extra-itálica (com o enorme complexo de olarias de La Graufesenque, por exemplo). Isto leva ao desaparecimento de um substancial número de *officinae* do registo arqueológico. Isto pode dever-se a um diminuir da exportação de Arezzo, com uma diminuição de lucros levando à extinção de *officinae* (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 36).

O início do uso de punções com o cartucho em forma "*In Planta Pedis"* (em forma de pé) parece ter sido uma nova estratégia de "*marketing*". Uma maneira de distinguir o produto *Arretinorum* original. Os efeitos desta estratégia são desconhecidos, mas a capacidade comercial de *Aretium* continuou a diminuir (Silva 2013, 47). Após um encolhimento do seu mercado, *Arettium* parece ter mantido os seus mercados maioritariamente na Itália e no Norte de África, sendo os mercados ocidentais dominados por La Graufesenque e os orientais pelas produções autóctones (Quaresma 2012, 250-260; Silva 2013; Bes 2015).

Entre 50 e 160 d.C. inicia-se a produção e exportação da *terra sigillata* itálica tardia. Esta distingue-se da anterior pelos seus engobes, pastas, formas e por serem produzidas por *officinae* diferentes. Isto é acompanhado de uma nova queda no número de oleiros. O mercado de *Arettium* concentra-se agora nos seus mercados nichos, mais próximos. Por outro lado, outros centros de produção, como Pisa e *Puteoli* ganham preponderância (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 36).

[19] Referimo-nos à marca *RVTENOS F*[*ecit*] *ARR*[*etinorum*], registada em Vernhet 1971, 188.

A história da investigação arqueológica em *Arretium* é, paradigmaticamente, uma das mais antigas, mas menos arqueologicamente desenvolvidas. O mais antigo testemunho é de Marco Attilio Alessi que, durante a sua recolha epigráfica da Etrúria de 1492, cria um *corpus* de marcas de oleiro em *terra sigillata* (Pucci 1985, 365; Silva 2013, 8). Neste levantamento epigráfico Alessi descreve vários fragmentos com as marcas de *Colidius Strigo* e *P. Domitius*, provenientes de *Le Carciarelle*. Este mesmo sítio viria a ser escavado por A. Guiducci, cujo relatório indica que este local seria um despejo de vasos descartados devido a defeito (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 26).

Dos quatorze arqueossítios conhecidos em Arezzo relacionados com a atividade oleira, apenas um foi escavado durante o século XX, sendo os restantes intervencionados entre 1752 e 1893. A *Via Nardi* foi a exceção, escavada entre 1954 e 1955 na sequência de um acompanhamento de obra. Deste depósito, também de rejeições durante a fase de produção, resultaram cinto metros cúbicos de cerâmica, com uma maioria sendo da oficina de *Cn. Ateius* (CVA 267-275). Este material encontra-se na sua maioria por ser estudado, no Museu Arqueológico de Florença (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000, 26-27).

Os únicos fornos até agora descobertos parecem ser os de *Cincelli*, que juntamente com o sítio de abastecimento de água de *Orciolaia* formam dos pouco testemunhos que temos da produção. Os outros arqueossítios resultam de sítios de despejo de excedentes de produção. Em *Orciolaia* tanto cerâmica campaniense como *terra sigillata* eram comuns. Esta última aparece sempre nas camadas superiores à campaniense, indicando uma fase de transição clara (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 26-27). Desde o início da produção de *terra sigillata* que o seu sucesso comercial se tornou incontornável. Rapidamente inicia-se a sua produção em outras olarias, primeiramente na Península Itálica, de maneira a satisfazer um mercado também crescente. Infelizmente os restantes centros de produção apresentam muito menos investigação do que o primogénito.

Durante mais de um milénio a baía de Nápoles foi uma das áreas mais dinâmicas no Mediterrâneo, não só comercialmente, mas também pelas suas olarias. O início da produção cerâmica desta zona remonta ao período geométrico proto-histórico e perdura até ao final do período Bizantino. O principal motivo destas grandes produções perto de um dos maiores portos do Mediterrâneo parece claro, o de aproveitar a proximidade do porto, evitando custos de transporte. Como seria de esperar, isto leva a uma rápida

adoção da produção de *terra sigillata* em *Puteoli* (Pozzuoli) (Gassner & Trapichler 2012, 1).

Em 1873 foi escavado um grande fosso de despejo do que parecem ser elementos rejeitados de produção em *Puteolli* (Pozzuoli), com uma grande quantidade de *terra sigillata* descartada e moldes, dos quais alguns apresentavam a marca de *N. Naeuius Hilarus* (CVA 1250). Prospeções posteriores vieram comprovar a presença deste oleiro neste centro de produção, talvez inicialmente trabalhando na olaria mais antiga em *Cumae*, mudando-se depois para *Puteolli*. Datações para a operação deste centro de produção parecem dar-se entre 10 a.C. e o final do principado de *Augustus* (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 32).

O segundo sítio itálico com o maior número de intervenções é Pisa, o porto por onde se escoava os produtos de Arezzo, onde aparentemente se fundou um centro de produção próprio (talvez para cortar o custo da viagem fluvial até ao porto). Estas intervenções parecem ser maioritariamente pequenas escavações de emergência, de onde resultaram fossos de descarte de *terra sigillata* com a capacidade de atestar vários oleiros, para alem de moldes, paredes de forno, e outras facilidades de produção. Denota-se a importância da deslocação das *officinae* de *Cn. Ateius* (e de vários dos seus escravos e libertos) para este porto, provavelmente de maneira a cortar os custos de transporte fluvial (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 29–31).

Também importante para a maneira de operar dos oleiros itálicos é a olaria de *Lyon-La Muette* que, apesar de se situar em território gálico, era operada por oleiros da península itálica, com equipamento e tecnologia itálica. Devido a isto, investigadores inicialmente apontaram para *La Muette* como uma sucursal de *Arettium*. No entanto, esta teoria tem sido largamente desacreditada nos últimos anos. Importantes oleiros deste centro de produção são, por exemplo, *Hilarus*, *Aco* ou *T. Gauius* (Polak 2000; Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Dannell 2002). Para além desta olaria itálica em solo gálico, existe ainda outra em solo hispânico. Na zona setentrional da península hispânica atesta-se a olaria de *Terentius*, previamente oleiro da zona do vale do Pó, provavelmente seguindo os movimentos da *Legio* IIII (Fernández García & Roumens 2008).

Para além destes centros produtores, existiriam centros menores, com um cariz quase rural, ainda mal estudados presentemente. Estes por norma apresentam uma difusão mais pequena, e quando estão atestados em arqueossítios extra-itálicos, e em

muito menor quantidade. De entre estas podem apontar-se as produções da Etrúria, ou vale do Pó, as produções centrais itálicas, as olarias de *Faenza*, *Torrita di Siena*, *Scopietto*, *Vasanello*, *Cales* e *Venosa* (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 25–35).

3.1.2. A distribuição de marcas de oleiro na *Lusitania*: os resultados do presente estudo

3.1.2.1. Arqueometria[20]

A observação de vários fragmentos com marcas de oleiro legíveis tornou óbvio que não seria possível distinguir os produtos de diferentes centros de produção itálicos através das suas pastas. Pelas marcas de oleiro, a *terra sigillata* de *Arretium* perfaz apenas 32.61% da *terra sigillata* itálica. Este número, apesar de não ser reduzido, também não é uma esmagadora maioria, especialmente visto que *Pisa* perfaz 16%, e centros de produção menores como *Puteoli* perfazem 7%.

Todos os fragmentos de *terra sigillata* itálica em que as marcas se encontrassem ilegíveis foram nomeados simplesmente como *terra sigillata* itálica, não atribuindo nenhum centro produtor específico. Foi possível distinguir vários grupos de pastas[21] que parecem ter algumas correspondências quando comparados com as marcas de oleiro a centros produtores específicos[22].

Grupo I.1 - O engobe é quase sempre um vermelho acastanhado (variando entre 10R 4/8 e 7.5R 4/8) brilhante, que cobre o fragmento uniformemente. A fratura parece

[20] Como mencionado na metodologia, qualquer análise de fabrico ou pasta deriva somente do caso de estudo principal desta tese (*Conimbriga*), visto que foi o único em que os fragmentos foram estudados diretamente, e não exclusivamente através de publicações de terceiros.

[21] Este processo foi em muito auxiliado pela base de dados online FACEM (www.facem.at), um repositório de análises arqueométricas, de onde constam várias entradas de *terra sigillata* itálica de vários centros de produção.

[22] Devido à representatividade do centro de consumo escolhido para caso de estudo nesta dissertação (*Conimbriga*) não foi possível observar pastas provenientes de certas olarias. Devido também a isto não se observou nenhum exemplar de *terra sigillata* com o fabrico tardo-itálico descrito como It. 2 e Ti.1 de Rodrigo Banha da Silva (Silva 2013, 184). Apesar disto, graças à cortesia do Dr. Rodrigo Banha da Silva (a qual agradecemos) foi possível visualizar as pastas em questão (e por consequência comparar às de *Conimbriga*). Isto possibilitou a distinção da marca **nº 106** desta tese que, apesar de ser tardo-itálica, não apresenta o fabrico descrito em Silva 2013.

variar entre regular e concoidal. A pasta em si apresenta sempre uma cor clara roseada (normalmente entre 2.5YR 6/6-8). Os elementos não plásticos são raros (entre o 5% e o 10%) e de pequenas dimensões (< 0.2 mm), normalmente calcites. Estes tipos de pasta, observado maioritariamente (mas não exclusivamente) nos exemplares provenientes de *Arretium* parece equivaler[23] ao fabrico de modo itálico 1 (It. 1 de Silva 2013, 183).

Grupo I.2 – Engobe vermelho acastanhado (entre 10R 4/6 e 7.5R 4/6-8) de excelente qualidade, brilhante e que frequentemente apresenta manchas na sua superfície. Pasta de coloração rosa acastanhada (entre 2.5YR 6/6 e 5YR 7/4) com uma fratura regular. Esta pasta apresenta elementos não plásticos mais frequentes (entre os 10% e os 30%) de pequenas dimensões (normalmente <0.2mm, podendo raramente chegar aos 0.4 mm), compostos normalmente de calcite e menos frequentemente elementos não-plásticos indeterminados, de coloração clara e escura. Os vácuos continuam raros, e a pasta muito bem depurada, sem se ter detetado a presença de *chamote*.

Não encontramos equivalência direta para este grupo em outras publicações Peninsulares, sendo, no entanto, o tipo fabrico mais comum entre os oleiros de Pisa[24], especialmente nos oleiros dependentes de *Cn. Ateius* (CVA 575). Fragmentos com esta pasta incluem os nº **121** [*Euhodus* (2)], **557** [*Zoilus* (2)] e **575** [*Cn. Ateius* (3)].

Grupo I.3 - Engobe castanho avermelhado claro (2.5YR 4-5/8) de excelente qualidade, brilhante e que cobre o fragmento uniformemente. A pasta é alaranjada (7.5YR 9-8/6-8) e apresenta fratura regular. Esta pasta apresenta elementos não plásticos pouco frequentes (≈20%), de pequenas dimensões (<0.2mm) e os vácuos raros (≈5%-10%), sendo muito depurada. Os elementos não plásticos mais comuns, por uma grande margem, são as calcites brancas ou amareladas, com inclusões ferromagnesianas muito menos frequentes (de cor vermelha).

Não encontramos equivalência direta para este grupo em outras publicações Peninsulares. Este tipo de fragmento parece ser mais comum entre os oleiros de

[23] Com algumas restrições, pois este grupo é mais abrangente do que o descrito em Silva 2013, 184.

[24] Qualquer correspondência entre pastas e centros de produção é feito com muitas cautelas, pois em todos os casos se observaram exceções (pastas do grupo 2 de oleiros que não estão seguramente atestados em Pisa, ou que o estão em outros centros produtores). Não parece ser possível deduzir com certeza, a partir do grupo de pasta/engobe, o seu centro de produção.

Puteoli[25]. De entre as marcas deste grupo destaca-se as de *Speculator* (CVA 1978, nº **123**), *Nicos*(*tratus*) (3) (CVA 1271, nº **570**), *C. Tap*(*urius*) (CVA 2036, nº **588**) e *Agathemerus* (CVA 53, nº **566**). Em certos casos esta pasta parece confundir-se com as produções precoces de *Trittium Magallum*[26], devido à sua semelhança na cor do engobe, pasta, e elementos não plásticas.

3.1.2.2. As marcas de oleiro

O centro de produção itálico mais representado tanto em *Conimbriga* como na *Lusitania* é, como seria de esperar, o mais antigo, *Arretium*[27]. Provêm deste centro de produção aproximadamente 32.61% de todos os punções itálicos identificados. Seguindo este, os mais representados são *Pisa* (≈16.46%) e *Puteolli* (≈9.06%), com uma representatividade muito menor dos centros de produção da Itália Central (≈6.38%) e quase nula da Itália do Norte[28] (≈1.91%), *Vasanello* (≈0.67%), *Lyon-la Muette* (≈0.50%) e *Scopietto* (≈0.34%).

Em termos cronológicos a maior fase de importação de *terra sigillata* itálica para a *Lusitania* são os períodos B (20 a.C. – 15 d.C.) e C (15– 50 d.C.) definidas por Kenrick na mais recente edição do *Corpus Vasorum Arretinorum* (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 36). Os períodos A (40 – 20 a.C.) e D (50 – 160 d.C.) encontram-se muito mal representadas, constituindo sempre menos de 20 marcas. No Período A, denota-se uma maior representatividade das *officinae* de *A. Sestius* (CVA 1926, nº **1111**, **1550** e **3085**) e os seus dependentes *Priamus* (CVA 1942, nº **2796** e **2864**) e *Dama Hilarus* (CVA 1951, nº **3086**, **3087** e **3120**); *A. Titius* (CVA 2166, nº **1174** e **1524**) e

[25] Observação depois comprovada por comparação com a base de dados FACEM.

[26] Especialmente aos fabricos iniciais de boa qualidade de La Rioja, equivalentes ao Grupo I de Quaresma (2012, 124).

[27] Para os cálculos que se seguem só foram levados em conta os fragmentos legíveis passíveis de identificação, visto que apenas estes apresentam uma proveniência certa.

[28] Por Itália do Norte, referimo-nos aqui aos centros de produção na zona da designada "Etrúria", ou zona do Vale do Pó.

(P.) Hertorius (CVA 1951, nº **3086**, **3087** e **3120**), entre outros, exclusivamente no Sul da *Lusitania*[29].

Os períodos B e C são o auge do consumo de *terra sigillata* itálica na *Lusitania*. Durante estes destacam-se as *officinae* de *Cn. Ateius* (CVA 276) e de *P. Cornelius* (CVA 623), sem dúvida as mais bem representadas *officinae* itálicas na *Lusitania*. O primeiro, entre as suas punções e as dos seus dependentes afirma um total de 52 marcas (≈8.75% das punções identificadas). Já *P. Cornelius* totaliza 94 punções (≈15.77%) entre si e os seus dependentes. O contraste entre mercados destas duas *officinae* foram já abordados em outras publicações (Silva 2013, por exemplo), bem como em capítulos anteriores e posteriores.

A partir do período D o centro de produção de *Arretium* perde a supremacia, sendo as produções atestadas na *Lusitania* deste período maioritariamente de *Pisa*. Desta fase destacam-se as *officinae* de *Sex. M*(u*rrius*) *F*(*estus*) (CVA 121, nº **671**, **900**, **3073**), *C. P*() *Pi*(*sanvs*) (CVA 1342, nº **739**, **852**, **885**, **886**, **1223**, **3074**, **3075**), *Camurius* (CVA 514, nº **850**, **1506**, **3578**), *P. Clod*(*ius*) *Proc*(*ulus*) (CVA 592, nº **1597**, **1598**) e *L. Rasinius Pisanus* (CVA 1960, nº **2886**, **3605**). Um resumo de todos estes dados pode ser visto no **Anexo VI**.

No que toca às cartelas[30] em que estes punções se inserem, há uma preferência ténue por parte dos oleiros pelas cartelas retangulares oblongas de uma só linha (CVA 450-456), que compreendem ≈27% da amostragem total. De facto, estas também seriam os formatos de cartela com uma maior longevidade, sendo que a esmagadora maioria (≈99%) dos punções manufaturados em outras províncias utilizariam este formato. O motivo desta preferência não é claro, mas talvez se deva à facilidade de confeção ou à claridade de texto. O segundo tipo de cartela mais comum é a designada *In Planta Pedis*, por inserir a grafia da marca no interior da forma de uma planta do pé. Este tipo de cartela (CVA 600-617) perfaz ≈21% das marcas itálicas. A terceira forma mais popular é a cartela retangular de duas linhas, comportando ≈19.92% de todas as marcas.

Estes três tipos de cartelas, combinados com as cartelas incompletas, ou cuja forma era inidentificável (≈18%) comportam ≈86.04% do conjunto. Isto é uma

[29] Com os centros de consumo mais setentrionais sendo *Scallabis* (Santarém) e *Augusta Emerita* (Mérida).

[30] O tópico das cartelas encontra-se resumido e representado graficamente no **Anexo VI.**

esmagadora maioria, especialmente quando se tem em conta que foram detetados, sensivelmente, outros doze tipos de cartelas, cujas suas percentagens de representatividade são entre os 5% e os 0.13%. No que toca aos tamanhos das cartelas, uma média dos exemplares completos de *Conimbriga*[31] dá uma média de aproximadamente 11.74 milímetros, com a cartela mais pequena[32] medindo aproximadamente 8 milímetros e a maior[33] aproximadamente 21 milímetros. Das 768 marcas itálicas recolhidas para esta dissertação, apenas 9 (≈ 1.17%) eram intra-decorativas ou supra-decorativas[34], não se encontrando no centro do fundo interior da peça onde foram estampados.

3.1.2.3. As formas e os tipos

No que toca às formas, nota-se uma clara preferência pelas taças, que perfazem aproximadamente 43% de todas os fragmentos observados. Dentro das taças, as tipologias mais comuns (passíveis de identificação) são, por uma grande diferença, as formas de Consp. 22 e 23 (Py 1993, 560–61; Ettlinger 2002), nas suas várias variantes. Estas estão atestadas 71 vezes entre si, com um claro favorecimento da forma consp. 22, sendo encontrada 41[35] vezes. É curioso observar que as formas 22 e 23 correspondem em cronologia quase exatamente às fases B e C da produção de *terra sigillata* itálica (Py 1993, 560–61; Ettlinger 2002) que, como já discutido, foram as que mais fulgor apresentaram na *Lusitania*.

Os pratos representam o terceiro maior grupo[36]. Os pratos representam quase metade das taças, compondo apenas aproximadamente 22.69% dos fragmentos

[31] 38 marcas no total.

[32] *L. Titius*, com a suo punção CVA 2203.18. **Nº 555**.

[33] *Crestus* (1), com a suo punção CVA 689.57. **Nº 127**.

[34] Referimo-nos às marcas nº **861**, **1121**, **1544**, **2858**, **2928**, **3056**, **3273**, **3282** e **3604** da base de dados elaborada para esta dissertação.

[35] Isto é particularmente interessante visto que só foi possível identificar 138 formas de *terra sigillata* itálica, perfazendo assim a Consp. 22 29.71% de todas as formas.

[36] O segundo maior grupo é composto pelos fragmentos de que foi impossível averiguar qualquer forma ou tipologia. Os nomeados "indiferenciados", com 251 fragmentos (≈32.72%).

estudados no decorrer desta dissertação. De entre os pratos, a tipologia mais comum é a do Consp. 12, com sete fragmentos. À Consp. 12 seguem-se em igual número (quatro) o Consp. 18 e 20. A forma menos atestada foram os cálices, com apenas dez exemplares, dos quais apenas quatro foram passíveis de identificação tipológica, dois Consp. R1 e dois Consp. R4 (Py 1993).

Nas formas dos fundos[37] verifica-se exatamente o mesmo paradigma, sendo a supremacia das taças ampliado. Aqui as taças, com as formas de Consp. B.2. e Consp. B.3. apresentam 125 de um total de 142 fragmentos (identificados desta maneira), ou seja, aproximadamente 88.03%. Dentro da forma mais comum, Consp. B.4, atestaram-se somente as variantes B.4.1-14, podendo este grupo ser atribuído com alguma confiança às formas Consp. 22-25, sendo também estas características das fases B e C de produção (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 36; Ettlinger 2002, 163).

3.2. *Terra Sigillata* Sudgálica

3.2.1. A história da produção e da investigação

A importância e o potencial para lucro dos mercados gálicos foram rapidamente compreendidos pelos produtores de *terra sigillata italica*. Isto é percetível não só pela fundação do centro de produção de tradição itálica de *Lyon-La Muette*, destinada a abastecer o *Limes* (que, apesar de utilizar oleiros, tecnologias e tradições itálicas, situava-se na área gálica de Lyon), mas também pelos vários centros produtores de imitações de *terra sigillata* em La Graufesenque, e outros pequenos centros locais (Picon 1973, 11–33; Polak 2000, Supplementum 9:16–17). Este centro de produção (La Graufesenque) tornar-se-ia o maior centro de produção de *terra sigillata* do Alto-Império.

Localizado na margem do Tarn, a sua operação inicia-se em 20 a.C., com as imitações de *terra sigillata*. A produção de *terra sigillata* propriamente dita inicia-se na primeira década do século I d.C., atingindo rapidamente tal intensidade que os outros

[37] Visto que as formas detalhadas no *conspectus* permitem averiguar diferentes formas para quando se consegue identificar a tipologia inteira (do bordo ao fundo – Consp. X) e de quando apenas se consegue identificar a tipologia do fundo (Consp. B.X) (Ettlinger 2002)

centros de produção passam para um plano de fundo. As primeiras *sigillatas* de La Graufesenque são indistinguíveis ao olho nu das produções itálicas, com as formas decoradas sendo muito parecidas às de Arezzo (Polak 2000, Supplementum 9:22). Também os punções primordiais são idênticos aos dos centros itálicos, ainda que não se denote uma partilha de oleiros. Esta primeira fase de produção designa-se por fase de "*rutenização"*, pela sua semelhança às produções de *Arettium* (Polak 2000, Supplementum 9:22).

A segunda fase de produção de La Graufesenque, com início a partir de cerca de 25 d.C., destaca-se por um distanciamento das tradições itálicas. Abandonam-se as formas itálicas em favor de serviços gálicos, mudam-se os estilos decorativos. As marcas de oleiro começam a ganhar formulas próprias, como "*Of*(*ficina*)" ou "*Ma*(*nus*)". Denota-se um gradual aumento na procura parece ter levado a profundas remodelações na olaria, causando uma conversão das casas privadas para olarias e tendo-se fundado a sucursal de Le Rozier (Polak 2000, Supplementum 9:16–17; Dannell 2002).

Este aumento da produção e exportação, bem como a introdução de seis novos serviços de mesa, levou a um apogeu da qualidade e da exportação de La Graufesenque, por volta de 60 d.C. (durante o principado de Nero) quando se inicia uma nova fase. Até esta data o controlo de qualidade da cerâmica tinha sido estrito (como comprova a vala de *Gallicanus*). A partir de 60 d.C. aparecem no mercado cerâmicas de qualidade inferior, tanto na qualidade das pastas, como na grossura e no detalhe das formas, e mesmo nas decorações. Este aparente desleixe pode ter vários motivos, sendo o mais apontado uma incapacidade de satisfazer um mercado crescente (Polak 2000, Supplementum 9:23-24).

Apesar da simbiose inicial entre as tradições itálicas e autóctones, a organização de produção em La Graufesenque parece diferir fundamentalmente das olarias itálicas. A escravatura parece estar ausente da organização da olaria, só se conhecendo um escravo de entre os 600 oleiros de La Graufesenque. A junção dos punções das marcas com os róis de fornalha demonstram também a inexistência do modelo contratual egípcio previamente atribuído a este sítio gaulês. No caso gaulês as marcas de oleiro parecem equivaler mais a marcas de *officina* do que oleiro, pois deve ser um esforço conjunto multigeracional (Marichal 1981, 17–20; Silva 2013, 49–50).

As atividades de grandes centros de produção oleira parecem ser sazonais, não só na *Gallia*, mas na *Italia* e *Hispania*. Isto parece dever-se a uma simbiose natural entre as olarias e as outras produções ou atividades comerciais desenvolvidas nas áreas. Em La Graufesenque, estas parecem ter decorrido entre agosto e setembro. A recoleção de matéria-prima (como lenha) também seria sazonal, normalmente entre novembro e março, com um caracter complementar à olaria. Também importante é a relação entre a produção oleira e a produção de queijos de Nimes (Whittaker & Goody 2001, 233–35; Camodeca 2005; Silva 2013, 54–55;).

A atividade pastorícia também é sazonal, entre dezembro e julho, proporcionando a disponibilidade de efetivos para o trabalho nas olarias entre agosto e setembro. Para além da associação à indústria de queijo, é também possível associar a distribuição de *terra sigillata* à extração de metais que se dava perto do Tarn. Outra importante indústria era a extração de sal do Languedoc, vital não só para a preservação do queijo, mas também como mercadoria de retorno que permitiria rentabilizar a viagem de Millau ao litoral de França, redistribuindo pelo porto de *Narbo Martius* (Narbonne) (Whittaker & Goody 2001; Silva 2013, 56–57).

Em 90 d.C. o declínio iniciado em 60 d.C. acelerou, com uma diminuição no número de oleiros e nas quantidades exportadas. Isto levou a um final da distribuição a longa distância em 120 d.C., mantendo-se a distribuição local até ao principado de Adriano. Este declínio é marcado por um contínuo decrescer da qualidade das cerâmicas e um diminuir no número de oleiros (Polak 2000, Supplementum 9:24). As fases da operação de La Graufesenque podem assim ser resumidas (segundo Dannell 2002, 213) como:

A. Inaugural (20 a.C. – 1 d.C.) – Transferência de tecnologia e saber para La Graufesenque, com uma produção maioritariamente itálica.
B. *Rutenização* (1 – 25 d.C.) – Início da exportação de longo alcance, com a substituição de nomes itálicos por nomes gálicos.
C. Esplendor (25 – 60 d.C.) – Início de conjuntos cerâmicos e formas próprias, fim de imitação itálica. Apogeu da produção.
D. Período Flávia (60 – 90 d.C.) – Fim do controlo de qualidade, início da produção acelerada. Possível fenómeno de sobreprodução.
E. Declínio (90 – 120 d.C.) – Fim da exportação de longo alcance, até só restar o comércio local. Fase tardia e de pouca qualidade.

O motivo da quebra de La Graufesenque tem sido alvo de muito debate. Existem duas grandes teorias. A primeira afirma que La Graufesenque não conseguiu satisfazer a procura de *terra sigillata* devido a um diminuir contínuo da qualidade, mas também devido a competição de centros produtores exógenos (Bémont & Jacob 1986, 43–45)[38]. A segunda relaciona-se com o aumento dos custos de transporte. Pollak afirma que com a constante romanização dos povos anexados, estes começavam a produzir itens que antes só poderiam ser importados. Estes bens trariam a *terra sigillata* sudgálica como carga secundária. Com o final do comércio destes, também o comércio de *terra sigillata* foi cortada, criando um ciclo vicioso de cortar custos para compensar a perda na exportação (Polak 2000, Supplementum 9:36-39). Ambas as teorias têm mérito, e serão analisadas em detalhe após expostos os dados desta dissertação.

Para além destas, existem outras teorias sobre a quebra de produção em La Graufesenque, como uma falta de recursos naturais, nomeadamente a falta de madeira para a utilização dos fornos (Terreaux 2001). Outros autores apontam ainda o encerrar da mina de prata em Ceilhes e o enriquecimento da população em redor (permitindo a compra de outros produtos, como vasos de metal) como fatores contribuintes para o final da exportação em massa de La Graufesenque (Polak 2000, Supplementum 9:35-37).

La Graufesenque possuía um conjunto de olarias secundárias. A maior destas é Banassac, localizada perto de onde o rio Urugne aflui ao Lot, com uma área estimada de 10 hectares. O início de produção de *terra sigillata* em Banassac parece situar-se algures entre 90 e 100 d.C., com os oleiros trabalhando neste centro já após a decadência de La Graufesenque. O fim de produção foi datado entre 135 e 155 d.C., devido à partilha de moldes com a olaria de Lezoux, e não aparecer cerâmica de Banassac no *Limes Vordere* (Polak 2000, Supplementum 9:28-30).

Le Rozier, por sua vez, trata-se provavelmente de uma olaria subsidiária a La Graufesenque. Com uma ocupação de dois hectares, e localizado a 15 quilómetros de La Graufesenque (onde os rios Jonte e Tarn se encontram), parece ter iniciado produção no principado de Nero (devido à presença das formas de Drag. 35 e 37), e continuado até

[38] Alguns contrapontos são a diferença cronológica entre a queda de La Graufesenque e a abertura de outras olarias, ou ainda a seguinte – Se o problema é a incapacidade de satisfazer o mercado, a introdução de outros centros não aliviaria esse peso? Se o problema é a competição de outros centros, para quê acelerar a produção, visto que menos vasos serão consumidos, aumentando o prejuízo?

ao final do principado de Vespasiano (c. 80 d.C.). Este estatuto de sucursal deriva de vários fatores como a partilha de punções, moldes e mesmo argilas entre as duas olarias, sendo as pastas quimicamente indistinguíveis. Pela sua data de início de operação (60 d.C.) parece ter sido uma das maneiras de tentar lidar com o excesso de procura (que eventualmente levaria ao cair do controlo de qualidade da fase D) (Polak 2000, Supplementum 9:26-27).

Montans, o outro grande centro de produção do sul da Gália, apresenta na sua história muitos pontos de contacto com La Graufesenque, apesar de nunca ter chegado à dimensão desta. Inicia a sua produção de *terra sigillata* na primeira década do século I d.C., inicialmente com fortes influências itálicas, notado nas formas, decorações e mesmo nas cartelas das marcas de oleiro. A partir de 25 d.C. existe um afastamento da influência itálica, iniciando a produção de formas novas, e destacando-se pelas marcas *In Tabula Ansatta*, sendo este o período de apogeu. No final do principado de *Nero* começa-se a sentir uma grande influência de La Graufesenque, chegando a notar-se a partilha de moldes e de oleiros entre as duas olarias. A partir deste momento o mercado deste centro de produção começa a contrair-se, com a produção cessando completamente só em 175 d.C. (Polak 2000, Supplementum 9:16-20).

Montans parece ter sido ligada a duas sucursais, Crambade e Saint-Sauveur. Crambade, a quatro quilómetros de Montans, parece produzir cerâmica idêntica a esta, estando todos os oleiros de Crambade também atestados em Montans. O motivo da abertura e do abandono desta sucursal é incerto, operando apenas entre 10 e 20 d.C., apesar de aparentemente apresentar condições para ser utilizado mais tempo. Do forno de Saint-Sauveur, localizado do outro lado do rio de Montans, também pouco se sabe no que toca à motivação para a sua criação e o seu abandono, que distam também só 10 anos entre eles. No entanto, escavações revelaram que este estaria associado a *Logirnus*, tentando ter acesso a ambos os mercados, dividindo a sua *officina* entre La Graufesenque e Saint-Sauveur (Polak 2000, Supplementum 9:19-21).

No que toca à investigação destes centros de produção, a mais antiga menção de uma olaria romana no território gálico provém de Élie Rossignol. Este relata um forno localizado num sítio chamado Saint-Sauveur, na margem direita do rio Tarn. Seria este o primeiro investigador a publicar descrições da *terra sigillata* sudgálica decorada de Montans (Simpson 1976). Apesar desta descoberta precoce, este centro de produção só seria escavado no final do século XX.

Já a descoberta de La Graufesenque parece ter sido acidental, com o exumar de um "forno cerâmico romano" após um deslizar de solos, resultante de uma cheia (Pailler 2010, 2). As primeiras intervenções parecem ter sido de pequena escala, com prospeções efetuadas pelo padre Malzac, e escavações dirigidas pelo Abade Cérès, entre 1880 e 1886 das quais só resulta uma única publicação, devido à morte do Abade. Esta primeira publicação torna já aparente a monumentalidade e importância do sítio. O autor afirma que "os produtos desta olaria podem ser encontrados em todo o sítio" (Marichal 1981; Pailler 2010, 2)[39].

Escavações de grande escala foram realizadas pela primeira vez em La Graufesenque sob a direção de Frédéric Hermet entre 1901 e 1906. Destas escavações resultou uma monografia dividida em dois volumes, publicada em 1934 (Hermet 1934). Nela Hermet afirma que outro investigador (Déchelette) lhe relatou observar "várias marcas de oleiro de *Mommo* em Pompeia". Déchelette observou isto depois de ficar a saber que as escavações de Hermet tinham exumado o provável sítio de produção desse mesmo "*Mommo*" (Déchelette 1904; Hermet 1934).

Após esta primeira fase da investigação, considerada revolucionária pelos investigadores contemporâneos, deram-se prospeções da zona entre 1950 e 1954 sob a direção de Louis Balsan. Este seria o diretor das escavações iniciadas em 1960, financiadas e propiciadas pela família Miquel, donos da quinta Graufesenque (que originou o nome do sítio). O aluguer e posterior venda dos terrenos do arqueossítio por parte da família Miquel permitiram a conservação e musealização dos seus vestígios (Marichal 1981).

Na década de 70 é intervencionado pela primeira vez o sítio arqueológico do outro grande centro de produção sudgálico: Montans. Thierry Martin dirigiu as escavações que decorreram entre 1972 e 1974. Para além das estruturas escavadas, foram exumados 500 fragmentos de *terra sigillata* com marcas de oleiro. É nestas escavações que se adiciona *Acutus*, *Cato*, *Iullus* e *Cadurcus* à lista de oleiro de *Montans* (Martin 1974; 1977). Em 1975 Alain Verhnet viria a herdar o cargo de Balsan como diretor das escavações. Em 1980 o museu de Millau inaugurou o museu dedicado ao

[39] Este relatório de escavação parece ter sido tomado como um exagero pelos investigadores da altura. Blanchet, no seu artigo sobre olarias da *Gallia* romana de 1898 não menciona La Graufesenque, bem como Dragendorff, na sua famosa tese (que até hoje mantém a sua influência através das tipologias usadas nesta mesma dissertação) (Dragendorff 1896; Blanchet 1989).

arqueossítio. Nestas escavações várias descobertas importantes foram feitas, e publicadas, como a famosa vala de *Gallicanus*, templos, casas, fornos cerâmicos (incluindo *Le Très Grand Four*) e os grafitos de fornadas, que em muito ajudaram a compreender a estruturação do centro de produção (Vernhet 1971; Vernhet 1979; 1981; Marichal 1981).

3.2.2. A distribuição de marcas de oleiro na *Lusitania*: os resultados do presente estudo

3.2.2.1. Arqueometria

Em *Conimbriga*, ≈99.61% (254 marcas) das marcas de oleiro sudgálicas legíveis e identificáveis são provenientes do grupo produtivo de La Graufesenque, e apenas uma (nº **110**) foi identificada como pertencente ao grupo de Montans. Como resultado o fabrico de Montans foi estudado e abordado em menor detalhe[40]. É necessário levar em conta esta representatividade no que toca a descrição de fabricos, pastas, formas, cronologias, ou qualquer conclusão sobre o comércio com este grupo do Sul da Gália.

Dentro do grupo de La Graufesenque não foi possível distinguir olarias específicas (La Graufesenque, Le Rozier, Banassac, etc…) através da observação macroscópica das pastas, e como os oleiros frequentemente alternavam a sua produção entre os variados centros, decidiu-se aglutinar todos os oleiros das variadas olarias que rodeavam La Graufesenque, para um grupo do mesmo nome (Polak 2000, Supplementum 9:25–30; Hartley et all. 2008, Vol. I 57). O mesmo sucedeu em Montans, cuja diferenciação macroscópica de pastas era ainda mais reduzida, devido a só se conhecer um fragmento desta origem com marca de oleiro.

Em geral, foi possível agrupar as pastas observadas em *Conimbriga* em quatro grandes grupos, três dos quais pertencentes ao grupo de La Graufesenque. O motivo da diferença entre estes parece ser não de olaria para olaria, mas sim cronológico (Quaresma 2012, 84-87). Os grupos de pastas podem ser descritos como:

[40] De facto, de todas as punções do sul da Gália publicadas na província da *Lusitania*, apenas ≈1.02% (13 marcas) de um total de 1277 marcas pertencem seguramente ao grupo de Montans, pelo que a sua representatividade é reduzida nesta província.

Grupo G.1 – Fabrico do grupo de La Graufesenque com engobe vermelho (10R 4-5/8) de excelente qualidade, acetinado ou lustroso e que normalmente cobre o fragmento uniformemente. A pasta é laranja avermelhada (variando entre o 10R 6/8 e 2.5R 7/6), dura, fina e muito depurada. A fratura é nítida e os elementos não plásticos e vácuos são raros (5-15%) e de pequena dimensão (<0.2mm) de forma irregular. De entre os elementos não plásticos, o mais comum é a calcite branca, sendo mais raras a moscovite e o quartzo.

Grupo G.2 – Fabrico do grupo de La Graufesenque com engobe vermelho acastanhado (variando entre o 10R4-5/6 e o 2.5YR4/6-8) de bom fabrico, mas com um brilho mais mate, mas mais espesso e apresentando *Craquelê.* A pasta apresenta uma cor que varia entre o castanho e o vermelho acastanhado (de 10R 5-6/6 a 2.5YR 6-7/6) e uma consistência dura, mas menos depurada que a anterior. A fratura varia entre nítida e concoidal, e os elementos não plásticos, bem como os vácuos são mais abundantes que no grupo anterior (20-30%) e podem atingir maiores dimensões (<0.4mm). Os elementos não plásticos mantêm-se os mesmos que no grupo anterior, alterando apenas o seu tamanho e frequência.

Grupo G.3 – Fabrico do grupo de La Graufesenque com engobe marmóreo de boa qualidade, muito brilhante e lustroso e uniforme em toda a peça. A cor deste engobe é a principal distinção do grupo G.1, variando na mesma peça entre o amarelo-claro e o vermelho-escuro. A pasta é laranja avermelhada (10R 6/8), dura, fina e muito depurada. A fratura é nítida e os elementos não plásticos são em tudo semelhantes aos do grupo G.1. Este grupo de fabricos compreende um único fragmento no caso de *Conimbriga*, do oleiro *Aper* I (punção 9b, nº **115**).

Grupo G.4 – Fabrico do grupo de Montans com engobe laranja (2.5YR 6/6-8) marcadamente mais claro e mate, e de menor qualidade que os engobes de La Graufesenque. A pasta apresenta uma cor alaranjada clara (5YR 6-7/6), sendo dura, fina e apresentando uma fratura irregular. Os elementos não plásticos e vácuos são pouco comuns (20-30%) e de cor pequena (<0.2mm) compostos maioritariamente por calcite branca irregular, e menos frequentemente por inclusões indeterminados de coloração negra ou avermelhada. Neste grupo encontram-se apenas um fragmento de *Iucundus* I (punção 2b, **nº 110**).

3.2.2.2. As marcas de Oleiro

Na *Lusitania* estão publicadas 1308 marcas provenientes de La Graufesenque, sendo este o centro produtor com a segunda maior representatividade no Alto Império (inferior apenas quando comparado a *Tritium Magallum*). Este inicia a sua ascendência no comércio provincial sensivelmente na mesma época do apogeu da *terra sigillata* itálica (10 - 20 d.C.), com um *fluroit* comercial na *Lusitania* em 60 d.C., após o qual inicia uma queda (sendo rapidamente suplantada pela *terra sigillata* hispânica)[41].

No que toca aos oleiros, em La Graufesenque parece existir uma maior igualdade entre trabalhadores, não só em estatuto (Dannell 2002), mas também em termos de volume de produção. Os oleiros mais atestados na *Lusitania* (ainda que por pouca margem) são *Primus* III, *Sabinus* III, *Mommo*, *Castus* I e *Murranus*, como vem explicitado no **Anexo VI**. Esta imagem é algo de consistente com os volumes de exportação perpetrados pela plataforma R.G.Z.M. onde *Primus* III é o oleiro com um maior número de marcas atestadas (1940 ao total, 25 na *Lusitania*). Os oleiros seguintes correspondem nos top 20, ainda que ordenados de maneira diferente.

Vitalis II, por exemplo, é o segundo oleiro mais exportado para todo o mundo Romano (segundo o R.G.Z.M.) mas apenas o 10º na *Lusitania*. No entanto, é preciso salientar que a diferença entre o 10º e o 2º lugar na *Lusitania* é apenas de 6 marcas, enquanto em todo o Império é de 870. Esta diferença parece dever-se então a duas possibilidades. A um problema de representatividade ou a uma diferença de mercados entre *Vitalis* II (por exemplo) e os seus concorrentes, neste caso *Sabinus* III e *Mommo* (2º e 3º na *Lusitania*, 16º e 18º em todo o território romano) ou ainda em diferenças cronológicas.

Mais raros são os oleiros das fases iniciais de La Graufesenque, o chamado período de "*rutenização*" (Polack 2000; Dannell 2002). Destes, os mais prolíferos na *Lusitania* foram *Bilicatus* (*Bilicatos*) e *Sabinus* I, com 5 marcas, *Lepidus* II, com 4 marcas, e *Ateius*, com apenas uma marca[42]. As fases tardias encontram-se mais bem representadas que as fases arcaicas, com vários oleiros de elevada representação na

[41] Este percurso varia de *conuentus* para *conuentus*, como veremos durante a análise.

[42] *Bilicatus* (*Bilicato*) – nº **535, 914, 2874, 3295, 3638**; *Sabinus* I – nº **829, 1203, 2891, 2969, 2970**; *Lepidus* II – **603, 941, 3407, 3596**; *Ateius* – nº **3630**.

Lusitania, como *Vitalis* II, *Silvinus* II (6 marcas), *L. Cosius Virilis* (5 marcas), *Mercator* I (5 marcas), entre outros. No entanto as fases melhor atestadas são as de apogeu, situadas entre 25 d.C. e 80 d.C., de entre as quais se destacam os oleiros mencionados previamente, bem como *Castus* I (20 marcas), *Murranus* I (19 marcas), *Licinus* (19 marcas), *Secundus* I (19 marcas), *Silvanus* I (19 marcas), entre outros.

Se La Graufesenque é um dos grupos de produção melhor atestados, Montans encontra-se entre os menos frequentes na *Lusitania*, com apenas doze fragmentos de proveniência certa deste grupo produtor. Destes, apenas um foi exumado em *Conimbriga*, dois em *Olisipo*, quatro em *Augusta Emerita*, um no *Ager Aemeritensis*, um em *Balsa*, um em *Vipasca* e dois no *Ager Pacensis*. Cada oleiro foi atestado apenas uma vez, não existindo repetição, e as suas cronologias variam entre 15 d.C. e 110 d.C. Pela dispersão, o comércio entre Montans e as cidades da *Lusitania* parecia ser oportunista, talvez como cargas de retorno após viagens para a zona de Montans (Whittaker & Goody 2001).

Dois oleiros merecem especial atenção. *Acutus* I e *Logirnus*. *Acutus* I é conhecido por ter indubitavelmente trabalhado em ambos os centros produtores de Montans e La Graufesenque (aparentemente quase em simultâneo), partilhando 700 marcas numa unidade de despejo de cerca de 15 d.C. com *Amandus* I e *Cato* I em Montans, mas também várias punções em La Graufesenque. *Logirnus* apresenta uma situação em tudo semelhante (Hartley et all. 2008, 57 Vol. I; Polak 2000, Supplementum 9:25–30). As pastas de *Acutus* I observados em *Conimbriga* apresentavam características do **grupo G.1**. No entanto, nem todas as marcas de *Acutus* I são de *Conimbriga*, e das que não são não de pode observar nenhuma. Preferiu-se assim, de maneira a manter a coerência científica, separar oleiros de ambos os grupos, ou de grupos incertos numa terceira categoria, designada simplesmente "*Sul de Gallia*". Dentro desta, *Acutus* I é o mais significativo, com 10 marcas.

No que toca às cartelas, ao contrário do que sucede na *terra sigillata* itálica, aqui é percetível uma dominância quase total de um determinado tipo. Estas são retangulares sobre compridas, normalmente apresentando as arestas ou os lados menores arredondados[43], compondo aproximadamente 95,78% do conjunto sudgálico[44]. As

[43] Este arredondamento parece não ser intencional, mas sim o resultado da aplicação do punção, e do eventual desgaste do punção (Hartley et all. 2008)

cartelas apresentam uma única linha de texto, com o nome da *officina*. O segundo tipo mais comum é a retangular comprida, cujos lados menores acabam numa forma triangular côncava[45]. Este formato perfaz aproximadamente 2.12% de todas as marcas, com apenas 27 exemplares.

De todos os punções publicados na *Lusitania*, apenas dois são intra-decorativos. Um deles num fragmento de Drag. 37, exumado em *Balsa* (Tavira), apresentando punção de *Sabinus* IV (MS1, nº **2910**) (Pereira 2014, Est. 117.1). O segundo é também um fragmento de Drag. 37, proveniente de *Salacia Imperatoria* (Alcácer do Sal), sendo que para este não foi possível obter leitura, sendo apenas percetível a cartela *In Tabula Ansatta*. A média do tamanho das 83 marcas de oleiro em *terra sigillata* sudgálica que apresentavam impressões completas recuperadas em *Conimbriga* é 14.36 milímetros. As duas maiores cartelas apresentam ambas aproximadamente 23 milímetros de tamanho[46] enquanto a menor, aparentando ser de *Mitus* I (*Mitusus*) (nº **504**), apresenta apenas 8 milímetros.

3.2.2.3. As formas e os tipos

No que toca às formas de *terra sigillata* sudgálica, nota-se algumas semelhanças aos resultados da *terra sigillata* itálica, nomeadamente, a preponderância das taças, que perfazem aproximadamente 70.21% de todos os fragmentos estudados e dos quais foi possível identificar a forma. Para comparação, os pratos só compreendem 29.79% deste grupo. Dentro das taças, a mais representada é a Drag. 27, com 236 fragmentos (33.15% de todas as taças), seguida da Drag. 24/25, com 121 fragmentos (16.99% de todas as taças). Os restantes tipos perfazem sempre menos de 5% da amostragem de taças.

Os pratos perfazem uma quantidade muito menor do conjunto (quando comparado às taças). O tipo mais representado é a Drag. 18, com 96 fragmentos (31.68% de todos os pratos), seguida dos fragmentos de Drag. 15/17, com 49

[44] Das quais foi possível identificar a forma. Devido a publicações onde a forma da cartela não fosse descrita, ou a casos em que a cartela se encontra incompleta o suficiente para não se poder distinguir a sua forma, esta foi marcada como "impercetível" e, como tal, não conta para esta amostra.

[45] As designadas "*swallow tails*" na investigação inglesa de marcas de oleiro (Hartley et all. 2008).

[46] *Peregrinus* I (nº **437**) e *Martialis* I (nº **495**).

fragmentos (16.17% de todos os pratos). A quantificação total dos fragmentos encontra-se no **Anexo VI**.

3.3. *Terra Sigillata* Hispânica

3.3.1. A história da produção e da investigação

A Península Ibérica tem uma longa tradição de olaria e produção cerâmica, prévia à Romanização, normalmente de matriz mediterrânea no sul e sudeste, e atlântica no noroeste e norte. Com o movimento expansionista da produção de *terra sigillata* a partir do momento do seu início na Itália[47], as produções mais precoces de *terra sigillata* no território peninsular situam-se ainda no principado de Augusto (Fernández García & Roumens 2008, 309). A Península Ibérica tinha sido anexada e pacificada pelo Império Romano, com diferentes graus de Romanização dependendo da região, entre 218 a.C. e 31 a.C., sendo por isso um mercado importante e estabelecido dos territórios romanos (Head 2017).

As produções mais precoces de *terra sigillata* (de tradição itálica) na Hispânia estão associadas ao oleiro *L. Terentius*, *figlinarivs* da *Legio* IIII *Macedonica*, presente na Península desde as guerras Cantábrias de 31 a.C. A sua difusão é estritamente local em torno de Herrera de Pisuerga (Palença, Espanha), onde era a sua olaria. Os seus vasos são de matriz itálica, provavelmente oriunda do Vale do Pó[48], visto que o nome de *Terentius* é um dos punções comuns dessa zona[49]. A produção de *Terentius* é a mais bem conhecida em ambientes militares Peninsulares desta época, mas não a única, existindo também, por exemplo, a produção de *C. Licinius Maximus*. Apresentando normalmente uma difusão muito limitada, a sua cronologia parece situar-se entre os

[47] Para acompanhar o exército ou satisfazer mercados provinciais, reduzindo o custo de transporte.

[48] É curioso que a *Legio* IIII *Macedónica* participou na batalha de Mutina, que teve lugar no vale do pó. Especulando, pode ter sido durante este teatro de operações que levou à associação entre o oleiro e a Legião.

[49] *A. Terentius* – (CVA 2065 & 2066); *Terentius* – (CVA 2064). As produções têm o aspeto itálico, com as formas de Consp. 12, 14 e 22, e marcas estereotipicamente itálicas, incluindo marcas radiais (Fernández García & Roumens 2008, 309)

anos 20 a.C. e 5 d.C., sendo, portanto, um caso de *terra sigillata* itálica de tradição itálica (Fernández García & Roumens 2008, 309).

Se as produções setentrionais precoces de *terra sigillata* são devidas a oleiros itálicos fundando olarias num território exógeno, as sulistas são o resultado de imitação da *terra sigillata* itálica por parte dos oleiros autóctones. Estas cerâmicas são conhecidas mais normalmente como as "cerâmicas de tipo *peñaflor*" (Fernández-García & Roumens 1999; Fernández García & Roumens 2008, 309). Apesar de serem de imitação de *terra sigillata*[50], apresentam as mesmas formas que as produções de *Arettium*, como Consp. 7, Consp. 8, Consp. 11 e Consp. 13. A manufatura de cerâmica de *Peñaflor* está atestada no que se virá a tornar um dos dois maiores centros de produção de *terra sigillata* hispânica, Andújar, bem como em Peñaflor e provavelmente outras olarias da região bética. Esta parece ter durado entre os finais do século I a.C. e os meados do século I d.C. (Fernández García & Roumens 2008, 309).

Faz sentido que as mais antigas produções de *terra sigillata* hispânica sejam na *Baetica*, com o seu maior polo sendo *Los Villares de Andújar* (Jaén, Espanha), situado nos subúrbios da cidade romana de *Isturgi* (Andújar, Espanha). Previamente os oleiros dedicavam-se à manufatura de outras cerâmicas, como as cerâmicas do tipo *Peñaflor*, cerâmica comum, cerâmica de tradição ibérica, paredes finas, verniz vermelho pompeiano, lucernas e pesos de tear. Era, portanto, um grande centro produtor de cerâmica antes da produção de *terra sigillata.* Para além disto existem evidências de produção de vidros e artefactos de metal. Estes produtos seriam escoados pela via de Córdoba, com o principal porto em *Hispalis* (Sevilha, Espanha) (Fernández García 2019, 16–18).

O início da produção de *terra sigillata* em meados do século I d.C. (coincidindo com o final da de Peñaflor) dá-se com tanto fulgor que suplanta e dispensa a produção dos outros tipos de cerâmica. A introdução do "*savoir-faire*" associado à manufatura de *terra sigillata* encontrou um polo vantajoso em Andújar, que rapidamente se adaptou ao novo e crescente mercado. Esta adaptação foi tão rápida que durante as escavações encontram-se fornos circulares, de matriz autóctone, a serem operados ao mesmo tempo que fornos quadrangulares, de matriz romana. Até agora não se encontraram fornos de

[50] Ainda que as formas sejam iguais à *terra sigillata* arretina, a tecnologia necessária para obter o engobe típico não estava presente. O processo de cozedura e a manufatura do engobe e da pasta seriam diferentes.

mufla. Os oleiros de *Isturgi* parecem ter desenvolvido outra maneira de isolar as peças acabadas dos fumos da cozedura[51]. Alternativamente podem existir ainda fornos de mufla por escavar em Andújar (Fernández García 2019, 19-21).

A produção de *terra sigillata* em *Isturgi* parece estar dividia em três gerações de oleiro. Estes oleiros, na sua maioria, assinam apenas com as iniciais de seus nomes, normalmente estando presentes *dua nomina* (indicando o estatuto civil de *peregrinus* ou *libertus*) ou *tria nomina* (indicando uma cidadania romana plena) [52]. Isto tem levado a alguma dificuldade na compreensão dos nomes, ou de suas filiações, dificultando também a compreensão da organização operacional deste centro de produção[53] (Salway 1994; Fernández García 2019).

A primeira geração é marcada por uma diferenciação clara entre oleiros, contrastando os que possuem experiência prévia e conhecimento técnico de como produzir *terra sigillata*; e os que parecem estar a aprender os detalhes e técnicas para a sua manufaturação. O primeiro grupo distingue-se pela criação tanto de vasos lisos como decorados[54], ao paço que no segundo grupo os oleiros criam ou vasos lisos, ou vasos decorados, mas nunca o mesmo oleiro cria os dois tipos[55]. Bem como na cerâmica do tipo *Peñaflor*, as influências itálicas desta fase são claras. A primeira geração parece ter uma baliza cronológica entre 50 d.C. e a dinastia flávia (c. 70 d.C.), altura em que se inicia uma nova geração (utilizando paradigmas de produção diferentes) (Fernández García 2019, p. 21-2).

---

[51] Uma possível maneira, utilizada posteriormente na confeção de faiança, são caixas isoladoras refratárias (Sebastian 2010, 460–560). Este método estaria atestado nas olarias pela existência de formas fechadas de pasta caulinita. O autor não tem conhecimento que tais existam.

[52] Exemplos de *dua nomina* incluem *C. A*(), *C. L*(), *P. E*(), entre outros. Exemplos de *tria nomina* incluem *M. S*() *M*(), *C. A*() *H*(). *Q. S*() *P*() (Fernández García 2019)

[53] O autor vem aqui apontar que não se pode atribuir a um fenómeno desconhecido uma explicação igualmente infundada. Apesar de podermos assumir com alguma confiança que as iniciais tratem de uma pessoa envolvida na produção, este pode não ser o caso, podendo-se tratar de várias pessoas diferentes (explicando o oleiro de *Tritium Magallum* C. *I*() *A*() *E*() *I*() *G*() *L*() *0*()) ou mesmo de outras abreviações desconhecidas. O autor não tem conhecimento de qualquer ligação direta empírica entre as letras nas marcas de oleiro e nomes da região.

[54] *M. S() M(), Cvdas, C. P() F()* e *Titus Oppius* (Fernández García 2019, 22).

[55] Para vasos lisos – *M. S*(), *M. S*() *F*(), *Optatvs*; para vasos decorados – *M. T*() *F*(), *O. P*(), *Q. S*() *P*(), *Qvartio* (Fernández García 2019, 22).

Alguns oleiros continuam a sua produção na segunda geração (nomeadamente *M. S*(), *Q. S*() *P*() e *Titus Oppius*), sendo que todos os outros cessam as suas funções. Esta segunda geração é marcada por uma simplificação formal, e um reduzir na qualidade da cerâmica produzida. Uma característica interessante desta geração é que os moldes passam a apresentar marcas de oleiro, mas os vasos decorados perdem a marca de oleiro inteiramente (excetuando *Titus Oppius*) (Fernández García 2019, 23). Talvez as marcas nos moldes dispensassem as marcas nos vasos. Isto poderia indicar que as marcas de oleiro neste centro seriam utilizadas como auxílio à organização da produção (sendo apenas necessário reconhecer quem fez as peças aquando da fornada, sem que o consumidor necessitasse saber). No entanto, como são peças decoradas a molde, seria fácil de as distinguir a olho. O argumento volta, portanto, à questão de *marketing versus* organização produtora no que toca às funções das marcas de oleiro nos centros de produção (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Dannell 2002).

Ao contrário dos vasos decorados, os vasos lisos parecem ser sempre marcados[56]. Este período parece ser o apogeu da produção *Isturgitana* em termos de volume, com o maior número de oleiros assinalados. Esta geração de oleiros encontra-se balizada, cronologicamente, entre o início da dinastia flávia e os últimos anos do século I d.C., podendo chegar aos primeiros anos do século II d.C., quando se inicia a terceira geração de oleiros em *Andújar* (Fernández García 2019, 23-4).

Esta última fase parece ser de decréscimo da capacidade produtiva, com uma redução de formas, passando a existir apenas uma decorada e quatorze lisas. Dá-se também um aumento de marcas anepigráficas abstratas, neste caso marcas de talhe, que mostram figurinos. O aumento de marcas anepigráficas é diretamente proporcional a uma redução das marcas com grafia legível, que encontram nesta geração o seu fim (Fernández García 2019, 24-5). O final do uso de marcas pode significar várias coisas[57]: uma simplificação da cadeia de produção (ou seja, uma produção mais pequena); um aumento da necessidade de produção (apressando a produção de tal maneira que se deixas de fabricar os punções), ou ainda um crescendo analfabetismo por parte dos

[56] Para uma lista detalhada e compreensiva, ver Fernández García 2019, 20-24.

[57] Este final de marcas de oleiro parece ser quase universal. A *terra sigillata* africana, que começa a ser importada em grande volume mais ou menos na altura da terceira geração de Andújar vem já sem marcas de oleiro (Quaresma 2012). Esta perca de tradição de marcar a *terra sigillata* (e outras cerâmicas, como a de construção (Bowman & Wilson 2009)) será analisada com mais detalhe no **capítulo 4.**

consumidores (perdendo assim a necessidade de marca enquanto selo de qualidade) (Bowman & Wilson 2009, 38–40).

Isturgi não era o único centro produtor da *Baetica*, mas até agora parece ser certamente o maior e mais atestado. Na sua periferia parecem funcionar outras pequenas olarias (como acontece com La Graufesenque, Montans ou mesmo *Tritium Magallum*), de entre as quais se conhece as olarias de Cartuja e Albaicín, na província de Granada; *Antikaria* e *Singilia Barba* na província de Antequera; e as olarias de Alameda e Teba na província de Málaga. A sua ligação com o centro de *Andújar* está bem documentado, com oleiros e motivos decorativos comuns a todos estes centros. A maioria destes possui uma baliza cronológica flávia, coincidindo com o apogeu da produção no centro de produção de *Isturgi* (Fernández García & Roumens 2008, 312).

No Norte, os centros de produção agrupam-se em redor da antiga cidade de *Tritium Magallum* (La Rioja, Logroño, Espanha), sendo que o subúrbio desta apresentava o maior centro de produção setentrional da Hispânia, e o único onde, até agora, foi descoberto um forno de mufla. Nesta cidade foram escavados vários sítios relacionados com a produção de *terra sigillata*, como o "Prado Alto", "Garrero", "Los Pozos", "La Albergaria" e "El Quemao". Fora de *Tritium Magallum*, mas no seu território, destacam-se ainda os centros produtores de Bezares e Arenzana de Arriba que apresentam difusão por toda a península e mesmo fora dela. Para além destes, El Burgo de Osma e Bronchales atingem uma dispersão regional dos seus produtos, e existem vários centros produtores de pequena dimensão entre Tarragona e Talavera de La Reina (Fernández García & Roumens 2008, 312-4; Quaresma 2012, 122).

As pastas e os vernizes iniciais destes centros produtores são de ótima qualidade, assemelhando-se aos gálicos. As decorações e as formas são também imitações muito semelhantes aos paradigmas sudgálicos, sendo a única inovação a decoração em círculos concêntricos. O centro de Bezares parece produzir produtos de qualidade superior aos de *Tritium Magallum*, ao contrário dos de Arenzana de Arriba, que apresentam uma pasta ocre alaranjada, bem como cozeduras e vernizes de inferior qualidade, quando comparados à competição (Quaresma 2012, 122).

As datações deste centro são ainda imprecisas, apesar de avanços na investigação. O início de produção parece situar-se algures entre meados e fins do século primeiro. Pensa-se que a olaria original seja de Arenzana de Arriba, em meados do século I d.C., seguida de Bezares. *Tritium Magallum* teria servido mais tardiamente

como centro aglutinador deste esforço de manufatura de *terra sigillata*, possivelmente para responder a uma procura elevada (relacionada com a quebra de produção e escoamento da *terra sigillata* de La Graufesenque). Já a produção em elevadas quantidades não parece ultrapassar o primeiro quartel do século II d.C., com sintomas de estancamento de produção a partir de meados do século II. No entanto, a produção continua até ao século IV e V, com as produções de *terra sigillata* hispânica tardia (Fernández García & Roumens 2008, 314; Quaresma 2012, 122–23).

As marcas de oleiro parecem comprovar este esquema cronológico. No contexto da rua Almendralejo nº 41 de *Augusta Emerita* existe um aumento gradual do número de oleiros atestados neste centro de consumo até c. 100 d.C. Entre 100 e 105 d.C., dos 59 oleiros que tinham sido atestados, apenas quatro continuam presentes na estratigrafia, com os restantes 55 não sendo atestados novamente. Estes 4, todos eles de *Tritium Magallum*, são *Valerius Paternus, Luc*(*ius*), *Lapillus* e *Firmus Tritiensis*. A estes, mais tardiamente (entre 150 d.C. e 200 d.C.) vêm juntar-se as produções de *Agilianus* e *M. Ase*(*llius*?) (*Masse*?) (Bustamante-Álvarez 2010).

No que toca à investigação, foi em 1912 que August Oxé colocou pela primeira vez a possibilidade da existência de fabricos de *terra sigillata* hispânica, que até então tinham sido confundidos com as produções gálicas e itálicas. Esta afirmação foi rapidamente confirmada com o espólio recuperado de Numância, e logo a seguir as olarias de Abella e Solsona por parte de Serra Vilaró, bem como pelas descobertas e enumerações de sítios produtores mencionados por Mezquíriz, permitindo em muito o avanço do conhecimento deste grupo cerâmico (Mesquíriz 1961; Fernández García & Roumens 2008, 32).

O primeiro tomo aprofundado sobre *terra sigillata* hispânica foi escrita em 1961, e inserida na obra sobre cerâmica clássica "*Atlante*" em 1985 (Mesquíriz 1985), coincidindo com a publicação das escavações de Pamplona e do setor das Ampúrias denominado "*Decumanus* A", que muito revelariam para esta classe cerâmica (Mesquíriz 1958; Almagro & Lamboglia 1959; Mesquíriz 1978). Esta publicação de Mesquíriz apresentava um notável vácuo no que tocava à realidade do sul da Península (e como consequência da área de produção bética). Esta falha viria a ser colmatada entre os anos 70 e 80 pelas escavações e investigações em *Los Villares de Andújar*, com destaque para os trabalhos de Sotomayor e Roumens, da qual resultaram duas

monografias (Roumens 1976; Roumens, Sotomayor, & Pérez Casas 1976; Sotomayor 1977; Roumens & Sotomayor 1983; entre outros).

Também entre a década de 70 e 80 a investigação dos centros de produção setentrionais sofreu grandes avanços, com as escavações em *Tritium Magallum*, Bezares e Arenzana de Arriba, por Garabito, Mesquíriz e Elorza (Quaresma 2012, 121). É deste impulso de intervenções arqueológicas que resulta a primeira monografia de fundo sobre as produções setentrionais, com uma análise de formas, marcas e decorações dos variados centros produtores (Garabito Gomez 1978). Os meados da década de 80 presenciam também a publicação da obra de referência sobre *terra sigillata* hispânica, onde se analisa os dados de ambos os centros produtores (norte e sul), dos centros de consumo, e ainda uma revisão tipológica, cronológica e decorativa, bem como das marcas. Esta síntese de Mayet continua ainda a ser a obra de referência para o estudo deste grupo cerâmico (Mayet 1984).

Nos finais da década de 80 e na década de 90 assiste-se a um retomado fulgor de investigação, com a publicação de novos materiais e novas escavações em Andújar (Roumens & Sotomayor 1983; Fernández García et al. 1997; Fernández García & Roumens 1999; entre outros). No norte da península, a publicação de artigos de síntese em revistas arqueológicas, bem como prospeções e escavações nas zonas de *Tritium Magallum* e ainda uma tese de doutoramento sobre a mesma aumentariam o conhecimento sobre estas produções (Saénz Preciado 1999; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999; Romero Carnicero & Ruiz Montes 2005, entre outros).

Em torno do ano 2000 publicar-se-ia uma monografia apresentando o estado da questão da investigação de *terra sigillata* hispânica. Este importante volume contou com contribuições de todos os grandes investigadores, dando uma visão diacrónica do estado de conhecimento dos centros produtores deste grupo cerâmico, no virar do milénio (Fernández-García & Roumens 1999). Artigos, livros e investigação subsequente, na qual se insere esta tese, continuam a aumentar o conhecimento de estes centros de produção (Romero Carnicero & Ruiz Montes 2005; Fernández García & Roumens 2008; Fernández García 2013; Fernández García 2019; entre outros).

3.3.2. A distribuição de marcas de oleiro na *Lusitania*: os resultados do presente estudo

3.3.2.1. Arqueometria

Em geral, os fabricos hispânicos apresentam muito mais diferença entre si do que as suas contrapartes itálicas e sudgálicas. Muitas vezes, os fabricos mais antigos podem ser facilmente confundidos com fabricos da *Gallia* do Sul (no caso das produções setentrionais), ou mesmo itálicos (no caso das produções béticas). Para além desta dificuldade, em *Conimbriga* só se detetaram 8 fragmentos de *terra sigillata* hispânica proveniente de Andújar (nº **154**, **163**, **170**, **201**, **314**, **324**, **354**, **394**), com apenas duas marcas legíveis. Os grupos definidos a partir do estudo de *Conimbriga* são:

Grupo H.1 – Fabrico do complexo de produção de *Tritium Magallum* (La Rioja), com um engobe avermelhado (2.5YR3-4/6-8) homogéneo e nem sempre uniformemente aderente, com um brilho mate e pouco brilhante. A pasta apresenta uma fratura dura e concoidal, com uma coloração entre o castanho e o laranja (10R 5-6/6-8). Os elementos não plásticos são raros (15 – 25%), geralmente de pequenas dimensões (<0.2mm) e bem distribuídos. Os elementos não plásticos podem raramente atingir dimensões maiores (>0.5mm). Os vácuos são em tudo semelhantes aos elementos não plásticos, sendo apenas em muito menor quantidade. Dos elementos plásticos mais abundantes destaca-se a calcite amarela de brilho mate e fratura irregular[58]. Das restantes inclusões a mais comum é o quartzo, surgindo mais raramente inclusões ferromagnesianas de cor escura.

Este grupo encontra equivalências nos grupos 1 de *Mirobriga* (Chãos Salgados), fabrico H.1 da Península de Lisboa, e com alguns dos grupos definidos para o sítio "Calle Almendralejo nº 41" de *Augusta Emerita* (Mérida) (Bustamante Álvarez 2013, 25–27; Quaresma 2012, 120; Silva 2013, 185). Este grupo aparenta ser o mais antigo dos dois fabricos detetados provenientes de *Tritium Magallum*, sendo o grupo H.2. desta dissertação o mais tardio deles. Cronologias para este grupo apontam para um término entre 110 d.C. e meados do século II d.C. (Bustamante Álvarez 2013; Quaresma 2012, 120–25). Em *Conimbriga* encontraram-se múltiplos fragmentos que apresentam este

[58] A cor desta inclusão é a mais marcada e certa diferença entre este grupo de pastas e o **G.3**, proveniente de La Graufesenque, sendo que em todos os outros aspetos, os fabricos são semelhantes.

fabrico, de entre os quais se destaca o que apresenta a marca de *Lvc*() (nº **311**), *Lapillius* (nº **21**, **229**, **280**, **369**, etc…), *Trebius Tritiensis* (nº **2**, **194**, **259**, **319**, etc…) entre outros[59].

Grupo H.2 - Fabrico do complexo de produção de *Tritium Magallum* (La Rioja), com um engobe vermelho alaranjado (2.5YR 4-6/8), de menor qualidade que H.1, sendo menos aderente e mais fino, mas normalmente homogéneo. A pasta apresenta colorações variadas, normalmente mais acastanhadas que as suas contrapartes (2.5YR 4-6/4-6). Apresenta também uma fratura mais grosseira, e uma menor dureza estrutural. Os elementos não plásticos estão presentes em maior quantidade (30-40%) ainda que normalmente de pequenas dimensões (<0.3mm). Os elementos não plásticos são em tudo semelhantes ao grupo H.2, sendo simplesmente mais abundantes.

Este grupo encontra equivalências no grupo 2 de *Mirobriga* (Chãos Salgados), e non fabrico H.2 da Península de Lisboa, e com alguns dos grupos definidos para o sítio "Calle Almendralejo nº 41" de *Augusta Emerita* (Mérida) (Quaresma 2012, 120; Silva 2013, 185; Bustamante Álvarez 2013, 25–27). Em geral, parece ser o grupo tardio do centro de *Tritium Magallum*, com uma detioração da qualidade de fabricos e uma simplificação formal, podendo ser observado até ao século III d.C. (Quaresma 2012, 120–25; Bustamante-Álvarez 2010). Em *Conimbriga* encontraram-se vários exemplos deste fabrico, de entre os quais se destaca *Valerius Paternus* (nº **146**, **191**, **198**, **254**, **279**, **313**, **320**, etc…)[60], *Agilianus* (nº **179**) e *M. Ase*(*elivs*?) (nº **277**), entre outros.

Grupo H.3 – Fabrico do complexo de produção de Andújar, com um engobe alaranjado (2.5YR 4-6/8) pouco homogéneo e pouco aderente, parecendo por vezes manchado devido a falhas no engobe. A pasta apresenta uma coloração laranja-clara, quase rosada (2.5YR 7/6) e uma fratura irregular, embora a pasta seja dura e compacta. Os elementos não plásticos são abundantes (20-30%), variados e de pequenas a médias dimensões (<0.4mm).

[59] Para uma visão detalhada, na base de dados foram explicitados os grupos em "observações". Isto deve ser visto com alguma cautela, pois os grupos apresentam diferenças entre si, e a observação foi macroscópica.

[60] O caso de *Valerius Paternus* é complicado. Este apresenta sem dúvida o maior número de marcas da *Lusitania* (269), por uma margem ordens de magnitudes acima do segundo nome mais atestado. Para complicar o panorama, em *Conimbriga*, existem marcas de *Valerius Paternus* com fabricos do **grupo H.1**, **H.2** e **H.3** (Andújar).

Este grupo encontra equivalências nos grupos 3 de *Mirobriga* (Chãos Salgados), fabrico H.3 da Península de Lisboa (Quaresma 2012, 120; Silva 2013, 185). Este parece estar relacionado com as fases mais antigas em que o comércio de Andújar se faz sentir, equivalendo ao que parece ser a segunda fase do centro de produção (Fernández García 2019). Deste grupo as duas marcas legíveis pertencem a *Iunius Cl*() (nº **314**) e *M. A*() (nº **394**).

Grupo H.4 – Fabrico do complexo de produção de Andújar, com um engobe alaranjado (2.5YR 4-6/8) fino, normalmente mal conservado (ou não conservado de todo) e de aspeto manchado ou quebradiço, por ser pouco aderente. A pasta apresenta uma coloração laranja-clara (2.5YR 7/6) e uma fratura irregular, granulosa e pouco compacta. Os elementos não plásticos são abundantes (20-40%) e de dimensões médias (<0.5mm), geralmente arredondados. Destaca-se a calcite (sendo este o mais abundante).

Este grupo encontra equivalências no grupo 4 de *Mirobriga* (Chãos Salgados), fabrico H.4 da Península de Lisboa (Quaresma 2012, 120; Silva 2013, 185). Este parece estar relacionado com as fases mais tardias em que o comércio de Andújar se faz sentir, equivalendo ao que parece ser a segunda fase do centro de produção (Fernández García 2019). Dos fragmentos que apresentavam este fabrico em *Conimbriga*, em nenhum dos casos foi possível ler a marca de oleiro presente.

3.3.2.2. As marcas de Oleiro

Na *Lusitania* estão publicadas 1746 marcas provenientes de olarias hispânicas de *terra sigillata*, representando este grupo aproximadamente 45,36% de todos os fragmentos com marca publicados nesta província (**Anexo VI**). A importação de *terra sigillata* hispânica para a *Lusitania* parece iniciar-se mais ou menos ao mesmo tempo que se inicia a produção dos centros hispânicos, com um ganhar rápido de preponderância comercial por parte destes produtores. Esta é sentida mais rapidamente e com mais força no *conuentus emeritensis*, e só depois nos restantes[61].

[61] De facto 1075 (62.65%) de todas as marcas de oleiro hispânicas publicadas na *Lusitania* foram publicadas no *conuentus emeritensis*. Se este descalabre em relação aos outros *conuentus* tem a ver com

Dentro da *terra sigillata* hispânica também se denota algumas diferenças entre os dois grandes centros de produção (*Tritium Magallum* e o complexo de Andújar). De Andújar só foi possível registar 81 fragmentos (≈4.90%), e uma esmagadora maioria parece ter sido fabricada no complexo de *Tritium Magallum* (≈89.04%). A diferença entre consumo parece ser regional, como afirmado em trabalhos anteriores (Quaresma 2012).

Convém então mencionar a *officina* mais atestada e mais representada de toda a *Lusitania*. A *officina* de *Valerius Paternus* conta com nada mais nada menos que 299 marcas de oleiro (15.68% das marcas hispânicas). Para colocar este número em perspetiva, as punções de *Valerius Paternus* estão quatro vezes mais numerosas do que as do segundo oleiro mais atestado na província (*Lapillius*, com 76 marcas). A *officina* de *Valerius Paternus* apresenta mais marcas na *Lusitania* do que toda a produção de Arezzo (ou de facto qualquer outro centro de produção itálico), Montans, ou mesmo de Andújar. Apresenta mais marcas de oleiro que os 15 oleiros mais atestados de La Graufesenque combinados, ou os 7 oleiros mais atestados de *Tritium Magallum* combinados (excluindo o próprio). Esta preponderância não parece ser exclusiva à *Lusitania*, tendo a preponderância comercial desta *oficina* sido notada e publicada já antes em outros artigos (Mayet 1970; Linde 1996; Bustamante Álvarez 2013).

De facto, em *Tritium Magallum* parece existir uma menor igualdade no que toca a volumes de produção, com uma pequena quantidade de oleiros produzindo uma exorbitante maioria dos vasos. Para além de *Valerius Paternus*, destacam-se *Lapillius* (76 marcas), *Sempronivs* (53 marcas), *Flaccvs Tritiensis* (38 marcas) e *Firmus Tritiensis* (36 marcas), entre outros. De facto, os quinze oleiros mais atestados de *Tritium Magallum* perfazem 50% de todas as marcas deste centro produtor publicadas na *Lusitania*, com os restantes contribuindo com os restantes 50%.

Devido a uma falta de estudos estratigráficos pormenorizados de contextos selados, 87 oleiros de *Tritium Magallum* identificados na *Lusitania* carecem de datação. As datações para os que a apresentam são provenientes quase exclusivamente dos contextos da "Calle Almendralejo nº 41" (Bustamante Álvarez 2013), pelo que se torna difícil atribuir fases à produção e consumo deste centro. Ainda assim foi possível

diferenças comerciais na altura romana, ou a diferenças de investigação, será uma das questões a abordar neste capítulo.

averiguar alguns oleiros de produção tardia, como é o caso de *Agilianus* (nove marcas) ou de *M. Asse*(*livs*?) (*Masse*?), atestado com seis marcas e datado de entre 210 e 220 d.C., sendo este o aparente término da marcação de *terra sigillata* (Bustamante Álvarez 2013)[62]. Fora da *Lusitania* existem marcas publicadas em *terra sigillata* hispânica tardia, como as duas marcas intradecorativas de *Vasconius* publicadas em *Bracara Augusta* (Morais 2007). No entanto, na *Lusitania* não se averiguou nenhuma.

O oleiro *M. Ase*(*llius*?) (*Masse*?) é um bom exemplo para outra dificuldade na investigação das marcas de oleiro de *terra sigillata* hispânica, nomeadamente, a falta de uniformidade[63]. Dois autores de referência publicaram exatamente o mesmo punção[64] deste oleiro – Mayet nº 353 e Bustamante nº 250 (Mayet 1984, 150; Bustamante Álvarez 2013, Anexo IV, 143). Mayet lê o punção como *M.ASE*(*llius*?), ao paço que Bustamante Álvarez lê *MASSE*[65]. Apesar desta diferença de leituras, claramente trata-se do mesmo punção e do mesmo oleiro, pelo que nesta dissertação se decidiu enunciar as duas hipóteses. No entanto, a preferência é dada a *M. Asellius*, não só pela congruência com o ponto presente na punção observada, como pela tradução fiável do nome como *Marcus Asellius*. *Asellius*, significando "burro"[66]. Para resolver este problema de nomenclatura será necessário um *corpus* das marcas de oleiro de *terra sigillata* hispânica que funcione como referência, como ocorre para a *terra sigillata* itálica (Oxé, Comfort & Kenrick 2000) e sudgálica (Hartley et all. 2008)[67].

[62] Caso estas datações se venham a confirmar com o continuar da investigação. Quando as datações provêm de uma única fonte, devem ser sempre lidas com reservas.

[63] Este é um de vários exemplos. Poderíamos adicionar *Nasde*, ou *L. Nasde* (M. 310-302; B. 265-270), ou as várias variantes de *Luc*() (*Lvcretios*, *Lvcceios*, *Lvcivs*) que apesar de nunca assinarem com mais do que LVC(), resultam em vários nomes diferentes, apesar das punçãos serem em tudo semelhantes.

[64] Esta punção é igual em grafia, tamanho e escrita, diferindo apenas no ponto que separa o "M" do "A". É comum os pontos não serem lidos, devido a punçãos imperfeitas ou feitas de maneira pouco profunda. Deve ter sido este fator que levou Bustamante Álvarez a ler como *Masse*.

[65] Isto levantará problemas quando um investigador, ao tentar registar todos os oleiros hispânicos, por engano ou falta de atenção levar MASSE e M. ASE(*llivs*?) em conta como dois oleiros diferentes, em vez do único oleiro de que realmente se trata.

[66] Referimo-nos ao animal.

[67] Felizmente, como já mencionado, existem presentemente dois projetos a trabalhar para criar um *corpus* compreensivo e feito de acordo com os paradigmas mais modernos da investigação desta categoria de cerâmica.

Dos 81 fragmentos de Andújar publicados que apresentavam marca de oleiro, apenas em 47 foi possível identificar a marca. Deste grupo de produção destaca-se o oleiro de 2ª geração[68] *C. A*() *H*(), com 18 marcas (≈39.30% das marcas identificadas deste grupo). Da primeira e segunda geração apenas foi possível atestar a presença de *Titus Oppius* e *M. S*() *M*() (Fernández García 2019), cada um representado por uma marca de oleiro. Para além destes dois grandes centros produtores, foram ainda atestados vários oleiros de proveniência incerta, sendo que estes foram agrupados na sua própria categoria.

As cartelas mais comuns são retangulares sobre compridas, normalmente apresentando as arestas ou os lados menores arredondados. Estas perfazem aproximadamente 80.13% (1375) de todo o conjunto[69], apresentando uma única linha de texto, com o nome da *officinae.* O segundo tipo mais comum apresenta um formato retangular comprido, cujos lados menores acabam numa forma triangular concava. Este formato perfaz aproximadamente 4.84% de todas as marcas, com 83 exemplares. Denota-se assim uma continuação da tendência iniciada nas produções sudgálicas. De todos os punções publicados na *Lusitania*, 14 são intra-decorativas[70].

No que toca ao tamanho das cartelas, as 80 marcas completas recuperadas em *Conimbriga* apresentam um tamanho médio de 23.25 milímetros, sendo esta média muito superior às dos outros locais de produção. A marca mais comprida apresenta a punção de *Valerius Paternus* (**nº 364**) com 43 milímetros de comprimento. O fragmento mais pequeno, com 10 milímetros, pertence a *M. Ase*(*llius*?) (*Mase*?).

3.3.2.3. As formas e os tipos

[68] Referimo-nos aqui às gerações de oleiros enunciados no artigo mais recente sobre as marcas de oleiro de Andújar (Fernández García 2019)

[69] Das quais foi possível identificar a forma. Devido a publicações onde a forma da cartela não fosse descrita, ou a casos em que a cartela se encontra incompleta o suficiente para não se poder distinguir a sua forma, esta foi marcada como "impercetível" e, como tal, não conta para esta amostra.

[70] Merecem aqui menção duas marcas fora do território da *Lusitania*. Em *Bracara Augusta* foram exumadas duas marcas intra-decorativas em *Terra Sigillata* Hispânica Tardia (Morais 2007, nº 1 e 2). Até agora nenhuma foi publicada em território lusitano.

No que toca às formas de *terra sigillata* hispânica, nota-se algumas semelhanças aos resultados da *terra sigillata* sudgálica, nomeadamente, a preponderância das taças, que perfazem aproximadamente 72.72% (984 fragmentos) de todos os fragmentos estudados em que foi possível identificar a forma (1353 fragmentos). Para comparação, os pratos só compreendem 27.12% deste grupo. Dentro das taças, a mais representada é a His. 27, com 585 fragmentos (59.45% de todas as taças). As restantes tipologias não perfazem mais de 3% dos diferentes tipos de taça.

Os pratos perfazem uma quantidade muito menor do conjunto (quando comparado às taças). A tipologia mais representada é a His. 15/17, com 230 fragmentos (62.67% de todos os pratos), sendo que os restantes tipos não perfazem mais de 7% do conjunto de pratos. Foram também identificados dois fragmentos de cálice (**nº *2350*** e ***2547***), ambos em *Augusta Emerita* (Mérida). Este último apresenta a marca de *Pontius*. A quantificação total dos fragmentos encontra-se no **Anexo VI**.

3.4. Análise e interpretação dos resultados

Em termos de consumo de terra *sigillata*, notam-se claras diferenças entre os diferentes *conuentus* da *Lusitania*, não só em termos de consumo total, mas também diacronicamente. Estas estão também presentes ao comparar cidades e outros tipos de assentamentos. O *conuentus* com menos marcas de oleiro publicadas é o *Pacensis*, com 901 (≈23.96%[71]) marcas de oleiro, das quais aproximadamente 15.13% no *ager*[72]. No *conuentus scallabitanus* foram somadas 1311 (≈34.87%) marcas de oleiro, das quais apenas 100 (≈2.66%) foram publicadas no que seria considerado o *ager* deste *conuentus*. O *conuentus* que se destaca é o *Emeritensis*, somando 1548 (≈41.17%)

[71] As percentagens neste parágrafo são referentes ao conjunto total de 3760 marcas de oleiro catalogadas, até janeiro de 2021.

[72] Sempre que se falta no número total de algum artefacto arqueológico, é necessário manter em mente o problema de representatividade inerente a esta ciência, enunciado e discutido no **capítulo 4** desta dissertação, bem como em - Quaresma no prelo (b), 4-6. Esta falta de marcas pode ser tanto uma menor capacidade comercial deste *conuentus*, como uma falta de investigação. De facto, dos três *conuentus*, este é o único cuja capital não foi publicada – *Pax Iulia* (Beja). No ager incluiu-se o sítio de Represas.

marcas de oleiro, das quais 1181 (≈31.41%) são provenientes de *Augusta Emerita* e apenas 202 (≈5.37%) do *Ager* deste *conuentus*[73].

Estes dados são algo coerentes com publicações anteriores (Silva 2013, 736), no entanto, falham em demonstrar duas questões importantes. A diferença em assentamentos, e a diferença ao longo do tempo. Ao estudar a dispersão das marcas diacronicamente, torna-se aparente que diferentes assentamentos apresentam mais vitalidade comercial em diferentes momentos. Isto é mais aparente na análise do comércio de *conuentus* separados, e na análise da dispersão de marcas ao longo dos tempos.

O *conuentus Pacensis*, apesar de ser o que menos marcas apresenta no total, é o que mais cedo chega ao seu apogeu comercial, por volta da passagem da era. Apesar de em número, nesta data, a sua quantidade total de marcas ser basicamente igual à do *conuentus scallabitanus* (**Figura 3**), é necessário apontar que tanto a capital conventual como várias das grandes cidades escalabitanas foram analisadas[74], ao passo que a capital conventual do *conuentus Pancensis*, bem como a grande cidade de *Ebora* (Évora) continuam por publicar. Este pico inicial deve a sua vitalidade ao comércio de várias *ciuitates*, destacando-se *Salacia Imperatoria* e o sítio de Represas (sem dúvida captando a vitalidade comercial da capital, da qual dista menos de 10 quilómetros) (Ribeiro 1959; Diogo 1980; Lopes 1994; Sepúlveda, Bolila & Ferreira 2018; entre outros).

Tanto *Salacia* como Represas têm um número elevado de marcas de oleiro itálicas, especialmente quando comparados aos restantes sítios analisados. De facto, em número absoluto, apresentam mais marcas itálicas que *Conimbriga*, aproximando-se do comércio de *Olisipo*, e sendo apenas suplantadas por *Augusta Emerita*. Este primeiro pico comercial está patente nos três *conuentus* da *Lusitania*. No entanto, a partir da viragem da Era, o *conuentus Pacensis* é o único que mantem um comércio constante, sendo que o *scalabitanvs* e o *emeritensis* crescem, em ritmos diferentes, até c. 85 d.C.

[73] Por *Ager*, entende-se todo o território que não seja estritamente urbano, ou seja, *Ciuitas*.

[74] A destacar *Olisipo*, *Conimbriga*, *Scallabis*, *Eburobrittivm*, *Aeminivm*, entre outros (Alarcão 1971; Silva 2013; Silva, Carvalho, & Fernández 2018; entre outros)

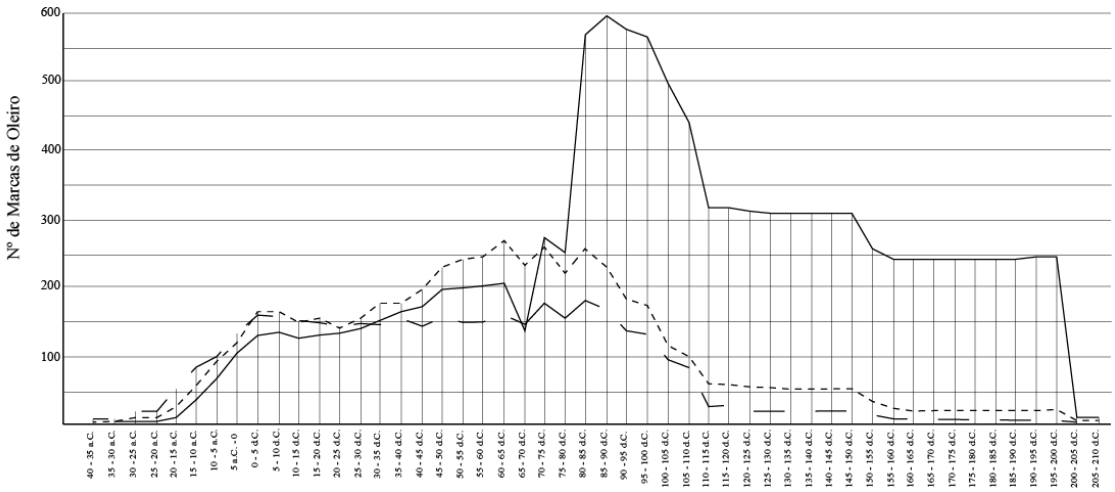


Figura 4: Comparação entre o consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro nos três conventos jurídicos da *Lusitania* (*Pacensis* a tracejado maior, *scallabitanus* a tracejado menor, *emeritensis* em linha)

Este pico inicial do *conuentus pacensis* dá-se, em grande parte, devido à importância de *Salacia Imperatoria*, no seu papel de porto para o sul da *Lusitania* (Mantas 2003a; Silva 2013). A quebra da *terra sigillata* itálica na *Salacia* parece ser irrecuperável, dando-se uma rutura abrupta no consumo de marcas de oleiro desde 5 d.C. O *conuentus* mantém a sua estabilidade devido ao reforço sudgálico no abastecimento de Represas, *Mirobriga* (Chãos Salgados) e dos três grandes portos do Algarve. O *Ager pacensis* é a parte do *conuentus* que mais beneficia do comércio de *terra sigillata* hispânica, que penetra no território rural com o dobro da força das produções anteriores, a partir de 70 d.C.

Apenas nesta análise foi possível averiguar um conceito que marcará as restantes análises diacrónicas comerciais romanas na *Lusitania*. O conceito de "Romanização". Este tem sido muito debatido no mundo científico desde que foi introduzido. No entanto, do estudo diacrónico da dispersão de *terra sigillata*, algo se torna claro e incontornável. À medida que o tempo avança, a vitalidade comercial da *terra sigillata* avança de sul para norte, e do litoral para o interior. Os únicos casos que contrariam isto parecem ser as colónias romanas fundadas por Augusto, *Pax Iulia* e *Augusta Emerita*, que desde o início da importação de *terra sigillata* apresentam uma quantidade deste produto que ultrapassaria o dos grandes portos da *Lusitania*.

No período do apogeu da *terra sigillata* itálica, é o litoral do conuentus *pacensis* e *Olisipo* que apresentam a predominância comercial. Com o avançar do tempo, denota-se um ganhar de importância do *conuentus scallabitanus* e em menor grau o *conuentus*

emeritensis, que parecem ser o *conuentus* com maior fulgor durante o apogeu sudgálico. A maior importação de *terra sigillata* sudgálica já se denota em *Olisipo*, *Conimbriga*, *Augusta Emerita*, Represas e *Mirobriga*. Com a queda da *terra sigillata* sudgálica e o início massivo da importação de *terra sigillata* hispânica, denota-se a supremacia de *Augusta Emerita* no comércio *lusitano*, e uma queda do comércio de todas as outras regiões. De facto, o único centro que cresce em números de marcas nesta fase, para além de *Augusta Emerita* e *Conimbriga*, são os territórios do *Conuentus Emeritensis*.

A diferença não se dá só ao nível de *conuentus*, mas também de *ciuitates* para *ciuitates*, e mesmo entre diferentes tipos de assentamento e ocupação. Esta diferença no consumo pode ser, é claro, outra reflecção da diferença de investigação nos vários sítios (Silva 2013, 737). Outro importante fator é a ausência de cidades como *Ebora* (Évora), *Collipo* (São Sebastião do Freixo) ou *Selium* (Tomar), e a quase ausência da *Egiptania* (Idanha-a-Velha), *Caceres* (Cáceres), e outras cidades de igual relevância histórica, que no registo arqueológico se encontram mal publicadas (no que toca a este grupo cerâmico).

A diferença entre sítios bem estudados refletirá sem dúvida a realidade comercial e de consumo na altura[75]. Isto torna patente a diferença de importância entre cidades (diacronicamente) e a importância das cidades enquanto centros de redistribuição de bens. A ideia de que o comércio de *terra sigillata* entre duas cidades permite a distribuição deste produto por assentamentos de menor importância parece notar-se na distribuição. Uma maioria dos arqueossítios nos quais se atestou *terra sigillata* encontram-se perto de vias entre duas grandes cidades. O papel dos "postos de abastecimento" latentes nas vias romanas também deverá ser importante na distribuição deste bem (van Oyen 2015; Fulford 2018; Quaresma no prelo (a); no prelo (b)).

Apesar desta penetração comercial da *terra sigillata*, a comparação do consumo rural e urbano deste produto torna-se risório. Das 3849 marcas de oleiro estudadas, apenas 849 (≈22.58%) se encontram publicadas em contexto de *Ager* (contando com o caso de Represas), ou seja, menos de um quarto. Se retirarmos o sítio de Represas da equação, este número desce para 497 marcas (≈13.22%). Esta disparidade pode ser atribuída a vários fatores, como uma prevalente falta de investigação em contextos de

[75] Ver o estudo de correlação entre marcas de oleiro e números de fragmentos de *terra sigillata* no **Anexo VIII.**

Ager (pelo menos quando comparada à investigação das *ciuitates*), mas também a padrões de consumo diferentes. Em favor do primeiro fator, estimativas apontam para que 10-20% da população vivesse em cidades (Fentress 2000; Bowman & Wilson 2009; Scheidel 2009, 50–53; 2012, 9–10;). É mais provável que esta percentagem populacional consumisse ≈78% de toda a *terra sigillata*, ou que esta exagerada disparidade se deva a uma disparidade na investigação[76]?

No que toca à importância comercial ao longo do tempo, *Augusta Emerita* é preponderante e encontra-se numa classe própria, apresentando mais marcas que *Olisipo* e *Conimbriga* combinadas. Esta cidade, pelo seu estatuto enquanto capital provincial da *Lusitania*, era a candidata natural a este papel preponderante no comércio. No entanto, a sua posição no centro da península torna a sua preponderância difícil de explicar em termos de rotas comerciais. Ao longo do tempo, este iguala o consumo das grandes cidades pré-romanas da *Lusitania*, e ultrapassando-as por quase o dobro aquando do início da importação da *terra sigillata* hispânica.

Em segundo plano encontram-se *Olisipo*, *Conimbriga* e *Pax Iulia*. *Olisipo* e *Conimbriga*, ambas cidades pré-romanas, apresentam 435 e 609 marcas de oleiro, respetivamente (publicadas em Silva 2013 e no presente volume). *Pax Iulia* está inserida nesta categoria apesar de não ter sido publicada, devido ao caso de Represas, que, sendo um sítio do *Ager*, apresentou 352 marcas de oleiro (Lopes 1994). Se este sítio rural, nas proximidades de *Pax Iulia* apresenta um número de marcas comparável às grandes *ciuitates* lusitanas, e sendo maior de facto do que muitas outras *ciuitates* (*Ammaia*, *Mirobriga*, *Scallabis*, *Aeminium*, etc…) qualquer investigador só pode especular quanto à capacidade comercial de *Pax Iulia* como sendo extremamente elevada.

Em terceiro plano parecem estar *ciuitates* mais modestas e com menos perduração ou importância diacrónica[77]. Estes são os casos de *Ammaia*, *Mirobriga*, *Scallabis*, *Eburobritivm*, entre outros. Os primeiros três, pela sua posição geográfica (normalmente no interior) parecem dever a sua menor quantidade (comparativa) de *sigillata* a dificuldades no abastecimento, e às distâncias de grandes portos ou centros

[76] Ainda que a terra sigillata fosse uma produto maioritariamente citadina, parece exagerado que 10-20% da população consumissem 80% deste produto (Bowman & Wilson 2006; van Oyen 2015)

[77] Podendo isto ser devido ao percurso histórico da cidade, ou a uma falta de investigação.

de redistribuição (Quaresma 2012; Silva 2013; van Oyen 2015). *Salacia*, apesar da sua importância no período inicial do império, parece perder preponderância a partir do virar da era, devido talvez a um aumento de importância de *Olisipo* enquanto porto (Mantas 2003b; 2003a; Silva 2013, 118)[78].

Parecem ser os assentamentos de primeiro e segundo plano que redistribuem os bens importados para elas pelos outros locais de menor importância económica. Isto nota-se através da distribuição de marcas de oleiro nas áreas circundantes, e mesmo na semelhança entre espólios, dos assentamentos próximos de a *Olisipo* e *Augusta Emerita*[79]. Estes dois centros de redistribuição parecem também ser dicotómicos, por receberem cargas de matriz diferente, e de portos diferentes[80]. A diferença entre o consumo destes dois centros depois reflete-se nos assentamentos que deles se serviam para o abastecimento comercial. A capacidade destas *ciuitates* para a redistribuição não é inovadora, encontrando-se já publicada (Mayet 1984; Silva 2013, 65–74)

A primeira diferença que abordaremos neste volume é a distribuição da *officina* itálica de *P. Cornelius* (CVA 624) e a do seu rival, *Cn. Ateius* (CVA 274, entre outros). A preferência de *P. Cornelius* pelos mercados ibéricos é tão aparente na sua distribuição que levou Kenrick e autores subsequentes a questionar o motivo deste fenómeno. Esta mesma constatação levou Rodrigo Banha da Silva a analisar diferenças de distribuição entre *Cn. Ateius* (e os seus dependentes) e *P. Cornelius* (e os seus dependentes). A conclusão é que *Olisipo* e *Augusta Emerita* seriam abastecidos de maneiras diferentes no início do império (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 45–47; Silva 2013, 790–93).

A divergência entre as distribuições de *P. Cornelius* e *Ateius* é muito menos marcada do que ao início parece, especialmente se incluirmos as marcas dos seus dependentes (**Figuras 4 e 5**). A diferença total entre o volume de consumo das duas *officinae* é apenas de 2% quando comparado a toda a importação itálica. O diferencial entre o número de marcas, em ambos os casos, é algo de reduzida. *Augusta Emerita*

[78] Outras cidades analisadas para esta dissertação não foram incluídas nesta conclusão devido a uma aparente falta de investigação, ou de publicação. São o caso, por exemplo, da *Egitania*, *Caetobriga*, *Vipasca*, *Capera*, entre outros.

[79] Uma possível maneira de distinguir os assentamentos subordinados ao consumo de *Augusta Emerita*, para além da distribuição de *terra sigillata*, seria ver as distribuições das paredes finas e lucernas produzidas no século I d.C. (Quaresma 2018, 61).

[80] *Olisipo* sendo o seu próprio porto, e *Augusta Emerita* através de *Hispalis* (Sevilha).

apresenta 19 marcas da *officinae* de *Ateius* e 12 marcas da *officinae* de *Cornelius*. *Olisipo* apresenta 9 marcas de *Ateius* e 13 marcas de *Cornelius*. Isto não parece ser somente entre estas duas cidades, sendo uma diferença entre o sudoeste e o nordeste da província, visto que em *Conimbriga* também *Ateius* está mais bem representado, e em Represas *P. Cornelius* (nunca por uma margem maior que 9 marcas).

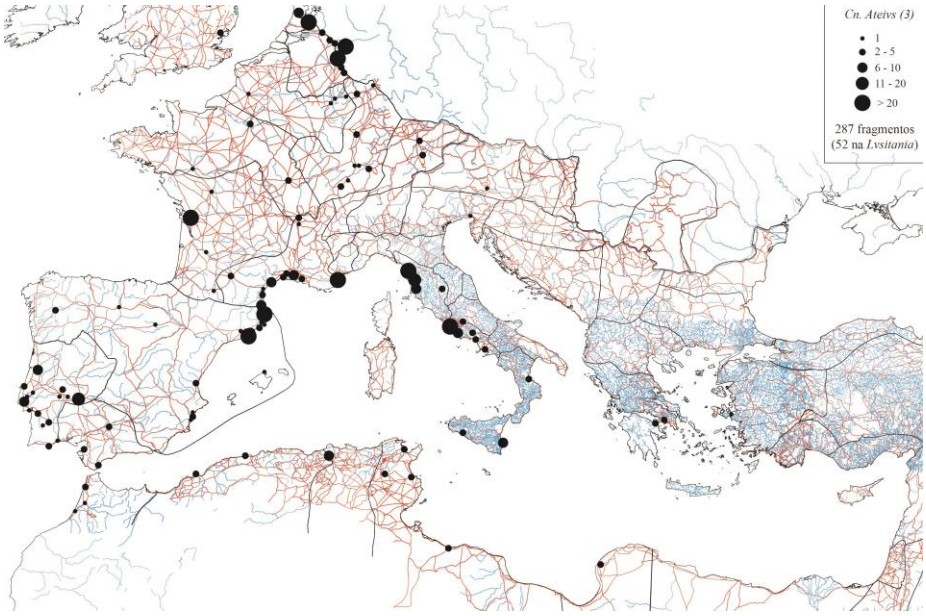


Figura 5: Consumo da *terra sigillata* da *officina* de *Cn. Ateius*[81]

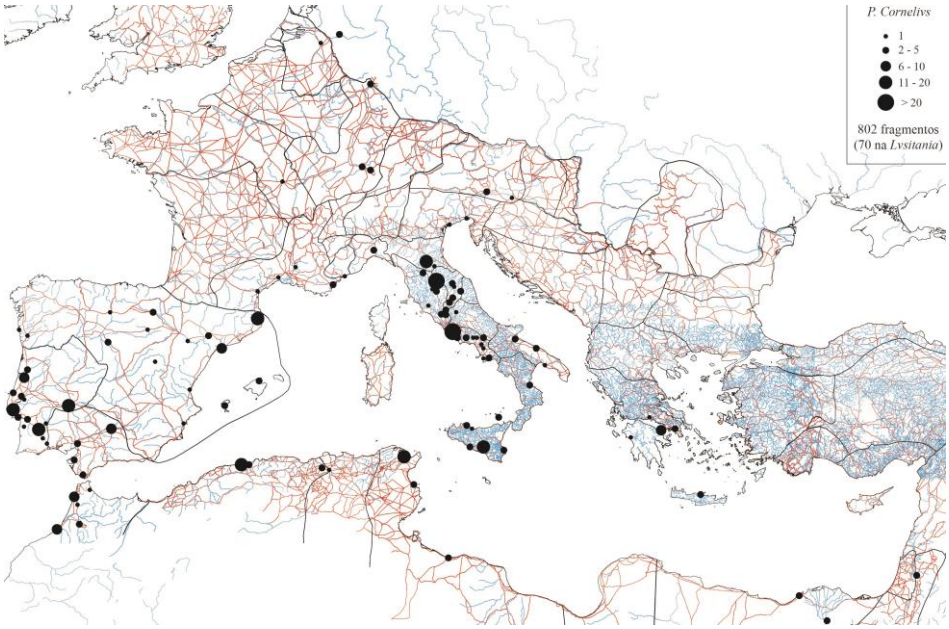


Figura 6: Consumo da *terra sigillata* da *officina* de *P. Cornelius*

[81] Mapas feitos com os dados do CVA (Oxé, Comfort & Kenrick 2000) e da presente dissertação, no caso da *Lusitania*.

À primeira vista estas discrepâncias parecem negligenciáveis. Quando a maior diferença entre sítios é de 9 fragmentos, será possível afirmar uma forma de abastecimento diferente para estas duas grandes cidades da província? A primeira inclinação seria afirmar que uma amostra tão pequena e uma diferença mais reduzida ainda não permitiria afirmações sobre um comércio de uma escala tão grande como o da *terra sigillata*. No entanto, a observação da distribuição de *sigillata* na *Lusitania* ao longo do tempo mostraria um argumento muito mais forte para esta diferença de abastecimento entre o nordeste e o sudoeste provincial, com os centros em *Augusta Emerita* / *Conimbriga* e *Olisipo* / *Pax Iulia*, respetivamente. O caso da *terra sigillata* hispânica.

A discrepância entre a capacidade comercial de *Tritium Magallum* e das olarias béticas de *terra sigillata* hispânica tem sido documentado desde o início da investigação (Mayet 1984; Quaresma 2012; Fernández García 2013; Silva 2013; entre outros). No entanto, esta diferença de comércio parece dar-se em torno do mesmo eixo de diferença que a diferença de consumo de *Cn. Ateius* e *P. Cornelius*. Em *Augusta Emerita* foram recuperadas 751 marcas de oleiro provenientes de *Tritium Magallum*, mas apenas 1 de Andújar (nº **2233** - *Titus Oppius*). Em *Conimbriga* registaram-se 239 marcas de *Tritium Magallum*, mas apenas 8 de Andújar[82].

No setor sudoeste a tendência principia uma inversão (ainda que nunca ao ponto de Andújar ser predominante sobre *Tritium Magallum*). Em *Olisipo*, 31 marcas de oleiro de *Tritium Magallum* são comparadas a 21 marcas de Andújar. Em Represas, 15 marcas de Andújar fazem-se valer pelas 41 marcas de *Trittium Magallum*. A primeira reação a estes dados, seria afirmar que a zona de influência do comércio de Andújar era mais sentida a sul, e daí os resultados. Esta afirmação arrasta consigo vários problemas, que discriminaremos em baixo. No entanto, fica claro que as dicotomias entre nordeste e sudoeste parecem dever-se aos grandes assentamentos de redistribuição, dos quais *Olisipo* e *Augusta Emerita* seriam os polos (Mayet 1984; Bustamante-Álvarez 2010; Quaresma 2012; Silva 2013).

[82] Esta tendência regista-se também em arqueossítios com menos marcas publicadas, quando a amostra é significativa o suficiente. *Aeminium*, por exemplo, apresenta 21 marcas de *Tritium Magallum* para dois de Andújar.

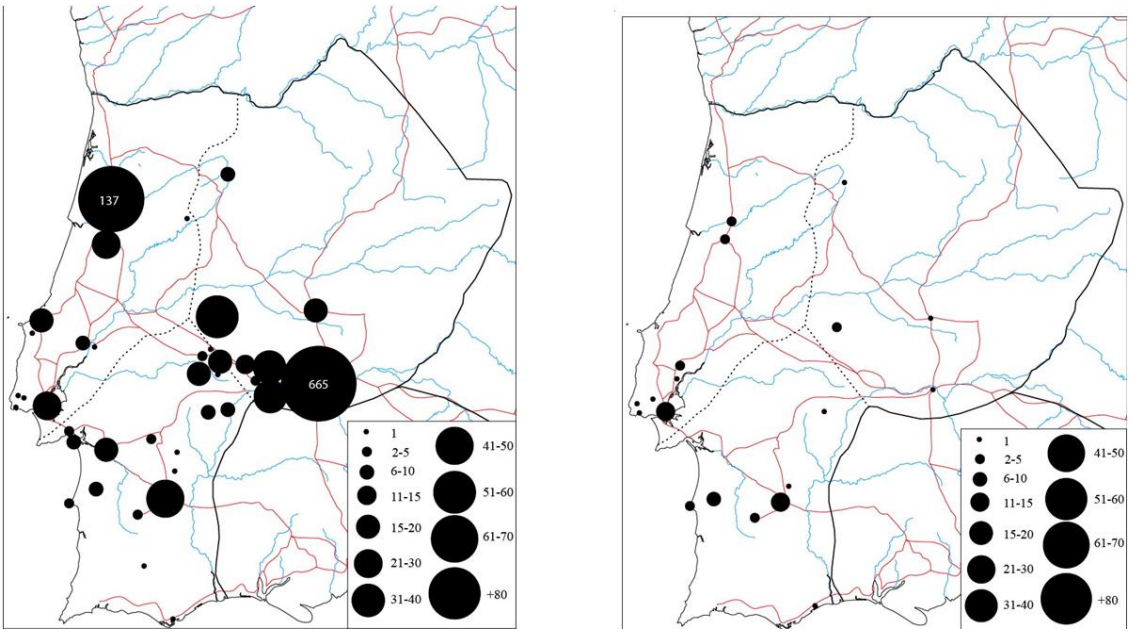


Figura 7: Comparação entre o consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro provenientes de *officinae* tarraconenses (esquerda) e béticas (direita)

A relação de preços de transporte no mundo romano é bem conhecida (Bowman & Wilson 2009; Silva 2013; Scheidel 2013; Quaresma no prelo (a), entre outros). Para estudar melhor este fenómeno a universidade de Standford criou, sob a direção de Scheidel e Meeks, o modelo ORBIS[83], que permite o cálculo do custo e tempo de viagem entre cidades do mundo romano. Se a diferença entre o consumo fosse devido às áreas de afetação comercial de cada centro de produção, seria de esperar que os centros de produção mais perto dos centros de consumo dominassem esses mercados.

No entanto, isto não se verifica. O transporte de um quilograma de trigo entre *Isturgi* e *Augusta Emerita* custaria sete denários, e demoraria nove dias, em agosto e setembro (na altura em que as olarias acabavam o ciclo de produção[84]) e utilizando as rotas mais baratas (de maneira a poupar custos). Por comparação, o transporte de um quilograma de trigo entre *Tritium Magallum* e *Augusta Emerita* custaria 21 denários (2.3 vezes mais caro) e demoraria 29 dias (3.2 vezes mais lento) com a viagem feita por navegação entre o porto de *Tarraco* e *Hispalis*. Mesmo que se equacione uma rota meramente terrestre, o resultado são 27 denários por kilo de trigo, após 25 dias[85]. Isto

[83] Disponível em https://orbis.stanford.edu/.

[84] Sobre este tópico ver especialmente - Whittaker & Goody 2001, 233–35; Camodeca 2005; Silva 2013, 54.

[85] Dados retirados do ORBIS, e confirmados com os dados de - Quaresma no prelo (a).

verifica-se em todos os sítios onde a *terra sigillata* de *Tritium Magallum* é preponderante.

A possibilidade do abastecimento de *Augusta Emerita* ser efetuado por via terrestre é também possível, e tem vindo a ser favorecida ao longo do tempo, com a análise de certos oleiros, como *C.I.A.E.F.*, apoiando esta hipótese (Mayet 1984, Morais 2004). No entanto, a distância de *Isturgi* a *Augusta Emerita* continua a ser inferior à distância de *Trittium Magallum*, levando à mesma questão. Se o custo de transporte de *Isturgi* é inferior ao de *Tritium Magallum*, como explicar a predominância dos produtos deste centro de produção em *Augusta Emerita*? Será que esta diferença no abastecimento poderá explicar também a dicotomia entre as marcas de *Cn. Ateius* e *P. Cornelius*? De entre as várias explicações possíveis para estas observações[86], a mais provável e relevante parece estar relacionada com os agentes e intermediários que tratam do abastecimento de cidades, os *mercatores* e *procuratores* (Remesal Rodríguez 2012; Fulford 2018; Quaresma no prelo (a))[87].

Fulford analisou as marcas de *terra sigillata* ao longo do *limes germanicus* e do sul da *Britannia*. Uma das suas descobertas foi que a produção de Rheinzabern, apesar da sua proximidade com o porto de Londres, encontra-se menos representada na ilha que a produção mais distante de Lezoux. Levantam-se então a questão análoga à desta dissertação. Porque é que certas produções não atingem comunidades mais próximas, ao invés de outras fábricas mais distantes (Fulford 2018, 310–13)? A sua resposta parece advir de dois agentes comerciais importantes no mundo romano. Os *procuratores* imperiais, e os comerciantes privados, pertencentes ao *cursus publicus*, que influenciavam a infraestrutura dos assentamentos a que pertenciam (Fulford 2018, 320–21).

A presença militar na *Lusitania* dos séculos I e II d.C. é, obviamente, quase inexistente quando comparada à presença militar no *Limes Germanicus*. Como tal seria de esperar uma muito maior influência dos comerciantes e políticos privados no que

[86] E tendo em mente que estas observações podem ter explicações diferentes entre si.

[87] Nesta análise já percebemos que as grandes cidades servem como centro de redistribuição de *terra sigillata* (entre outros bens), pelo que o abastecimento das cidades seria essencial no que toca à dispersão e consumo de *terra sigillata*. Por isso se dá importância aqui ao abastecimento das grandes cidades da província, e por consequência aos *procuratores* e *mercatores*, que agendariam o abastecimento destas cidades. (van Oyen 2015; Quaresma no prelo (a)).

toca ao abastecimento das grandes cidades (e, por consequência, dos pequenos assentamentos, através do mecanismo de redistribuição) da *Lusitania*.

Isto explicaria o porquê de apesar das mercadorias de *Cn. Ateius* e *P. Cornelius* saírem do mesmo porto, serem encontrados em diferentes volumes na província, tendo *P. Cornelius* relações contratuais[88] com *Augusta Emerita* e *Conimbriga*, e *Ateius* com *Olisipo* e *Pax Iulia* (por exemplo). Isto explica também o negar do mais elevado custo de transporte entre *Tritium Magallum* e *Augusta Emerita*, tornando o caso análogo à mudança de mercado de *Montans*, entre os séculos I e II d.C. (Fulford 2018, 321). Esta explicação, para já carece de confirmação através de provas empíricas, parecendo, no entanto, a explicação mais plausível.

Esta questão sobre o abastecimento de cidades leva a outra importante interrogação no que toca ao modo de distribuição da *terra sigillata*. Devido ao estudo de naufrágios durante o século XX, bem como através de comparação com os períodos posteriores, é hoje em dia aceite que a *terra sigillata* fosse transportada maioritariamente como carga secundária[89]. Tchernia e Bang, por exemplo, utilizam esta teoria para argumentar que os preços de transporte poderiam tornar o comércio ou demasiado caro ou arriscado. Pollak aponta este papel da *terra sigillata* como carga secundária como um dos motivos nas mudanças que se fazem sentir em La Graufesenque a partir da época flávia[90] (Polak 2000, Supplementum 9:36–38; Bang 2002; Tchernia 2016, 92–93[91]).

Existem alguns problemas com este axioma (o comércio de *terra sigillata* enquanto carga secundária). O primeiro, e mais gritante, é o naufrágio de Cala Culip IV, cuja carga primária era *terra sigillata* de La Graufesenque. Este naufrágio está datado de entre 78-82 d.C., já durante a dinastia flávia, talvez apoiando a teoria de Pollak

[88] Sendo que no mundo romano existem variadas relações deste género, desde contratos escritos, a relações de clientela ou mercados privilegiados.

[89] Ou seja, aproveitando-se do comércio de mercadorias de primeira ordem, como azeite, preparados de peixe, vinho, cereais ou outros bem alimentícios para diminuir o custo de transporte.

[90] Tentando com uma diminuição do custo de manufatura do produto equilibrar um custo crescente de transporte para os mercados desejados (Polak 2000, Supplementum 9:36–38)

[91] Tchernia, no seu volume, argumenta que a *terra sigillata* penetra mais facilmente em territórios do interior devido à sua facilidade no transporte quando comparada com a das ânforas. Isto torna-se um argumento forçoso quando a *terra sigillata* é mais numerosa no interior do que nos portos, como veremos.

(sendo o transporte de *terra sigillata* agora enquanto carga primária para a *Hispania* mais caro que a sua alternativa) (Armengol et al. 1989, 202; Nieto & Puig 2001; Polak 2000, Supplementum 9:36–38). No entanto, demonstra empiricamente que a *terra sigillata* não era transportada exclusivamente enquanto carga secundária.

O segundo problema toca na distribuição da *terra sigillata*. *Augusta Emerita* é, como já vimos, a cidade que de longe consome mais *terra sigillata* na província da *Lusitania*. Se o transporte de *terra sigillata* era como carga secundária, e o seu comércio oportunista, que carga primária viria associada a este comércio? Esta questão é colocada visto que a origem das produções alimentícias, e de *terra sigillata* atestadas diferem em vários centros de consumo, mas mais drasticamente em *Augusta Emerita*.

Até ao momento os dados de importações anfóricas sudgálicas para *Augusta Emerita* são escassos (Calderón Fraile 2002). O arqueossítio "*Cuartel de Hernan Cortes*" é o único que apresenta ânforas gálicas em quantidades suficientes para serem representativas. Mesmo neste sítio, elas compõem apenas 7% das importações anfóricas (Almeida & Sánchez Hidalgo 2013, 50)[92]. Quando levamos em conta que a *terra sigillata* sudgálica em *Augusta Emerita* perfaz 21% de todos os fragmentos com marcas[93], torna-se óbvio que as importações alimentícias são insuficientes para explicar a grande quantidade de *terra sigillata* sudgálica[94].

O mesmo parece acontecer em *Conimbriga* e *Pax Iulia*[95], bem como em outras cidades do império[96]. Existe ainda outro problema. Um grande foco desta teoria é o custo de transporte, afirmando que era a diminuição deste que levava à distribuição de

[92] 29 indivíduos (Almeida & Sánchez Hidalgo 2013, 50).

[93] E que este sítio tem um consumo de *terra sigillata* hispânica em muito superior ao esperado, sem comparação em outros sítios.

[94] Existe a opção do dito "comércio invisível". Cereais e outros bens alimentícios que eram transportados em contentores eles próprios perecíveis, e por isso não conhecidos no registo arqueológico. No entanto, ausência de evidências de um fenómeno não pode ser tomado como evidência por si só, e não podemos assumir que este comércio invisível de facto existia entre *Augusta Emerita* e a *Gallia* no século I em quantidades suficientes para explicar o comércio de *terra sigillata* enquanto carga secundária, até provas empíricas do contrário.

[95] Ambas abastecidas por *Olisipo*, sendo que *Conimbriga* poderia também beneficiar de *Evbvrrobritivm* como porto, e *Pax Iulia* de Sines, ou do rio Guadiana.

[96] De facto, este fenómeno parece ser frequente pela observação dos gráficos de distribuição produzidos pelo R.G.Z.M. Mencionamos Paris, Amiens, entre outros.

sigillata enquanto carga secundária (Tchernia 2016, 92–93). Se o abastecimento de *terra sigillata* tanto dos grandes centros de consumo militares como civis era feito através de administradores com poder e autoridade para isso[97], como indica o estudo de Fulford de marcas de oleiro (Fulford 2018), não seria este "*procurator*" (interessado na mercadoria) quem cobria o custo da viagem, através do lucro da venda do produto?

É possível que existissem duas maneiras de transportar *terra sigillata*, de acordo com a necessidade. A *terra sigillata* poderia ser carga primária numa ocasião em que fosse solicitada contratualmente com alguém encarregado do abastecimento de uma entidade, e carga secundária quando se pretende-se escoar os excedentes de produção. Até se apurarem provas de ambas, ou da supremacia de uma das maneiras de transporte sobre a outra, desviamo-nos de axiomas sobre o transporte desta mercadoria.

No que toca à produção deste produto, existem vários tópicos a abordar. O primeiro será o motivo do declínio e eventual quebra na produção de La Graufesenque, sem dúvida um dos maiores centros manufatureiros pré-industriais. Existem várias teorias explicativas para esta rutura, de entre as quais se destacam uma incapacidade de satisfazer uma procura do mercado (levando a um ganhar de preponderância dos mercados e um diminuir da qualidade); um aumento de custos de transporte, levando a um cortar de custos de maneira a pagar o preço do transporte crescente (Polak 2000, Supplementum 9:36-39); uma falta de recursos naturais, nomeadamente a falta de madeira para a utilização dos fornos (Silva 2013, 52–55) e ainda o encerrar da mina de prata em Ceilhes e o enriquecimento da população em redor (permitindo a compra de outros produtos, como vasos de metal) como fatores contribuintes para o final da exportação em massa de La Graufesenque (Polak 2000, Supplementum 9:35-40).

Obviamente estas teorias não são mutualmente exclusivas, e de facto algumas parecem ser complementares. No entanto, ainda outra teoria seria a competição de outros centros de produção de *terra sigillata*. Esta hipótese foi inicialmente desacreditada por Polack, devido a uma incompatibilidade cronológica, afirmando que as produções centro-gálicas (que se apoderaram o mercado do *Limes Germanicus* a La Graufesenque) iniciam a sua produção muito depois do início do colapso de La

[97] Os *procuratores* nos casos militares, e políticos e administradores do *cvrsvs pvblicvs*, no caso civil. De facto, o Édito de Diocleciano, promulgado em 301 d.C. é bastante criterioso no que toca às taxas de frete e de transporte de mercadorias, indicando um maior planeamento central para a distribuição de produtos do que antes pensado [Quaresma no prelo (a)].

Graufesenque (Polak 2000, Supplementum 9:36). No entanto, na *Lusitania*, o consumo de *terra sigillata* sudgálica inicia a sua queda muito perto do início da importação de *terra sigillata* hispânica [**Figura 7**].

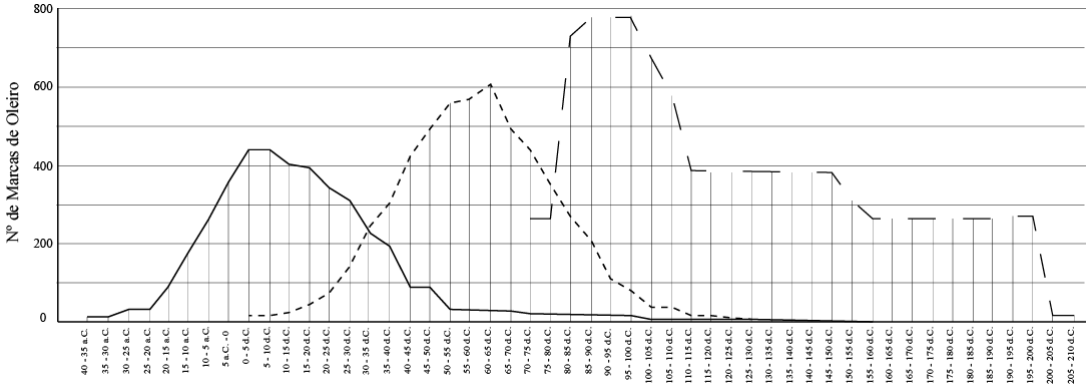


Figura 8: Evolução do consumo da *terra sigillata* itálica, sudgálica e hispânica, respetivamente, na *Lusitania*.

Para analisar se a competição dos centros produtores hispânicos pode ter sido um fator no colapso da produção de *terra sigillata* em La Graufesenque é necessário primeiro abordar o controverso tema das datações de início de exportação de *terra sigillata* hispânica. O contexto de lixeira de *Augusta Emerita* aponta para um início da exportação de *terra sigillata* hispânica, em massa, por volta de 70 d.C. (Bustamante Álvarez 2013, 153). Esta exportação em massa não parece ser o primeiro momento, com fragmentos de *terra sigillata* hispânica encontrados em níveis datados do principado de Cláudio em outros sítios. De entre estes destaca-se *Mirobriga* (Quaresma 2012, 131–57), *Ammaia* (com 5.2% de *terra sigillata* hispânica entre meados do século I – Quaresma 2021; 2018, 61–62) e *Baetulo* (Madrid Fernàndez 1999). Aponta-se aqui também para fragmentos de *terra sigillata* hispânica encontrados em níveis do principado de Cláudio em *Conimbriga* (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 195)[98].

Apresenta-se outra questão. Se como vimos anteriormente, a *Ammaia* pertence à esfera de influência comercial de *Augusta Emerita*, sendo abastecida por esta de *terra sigillata* (e outros produtos), como explicar o diferente consumo da cidade de *Ammaia* perante *Augusta Emerita*? O início da exportação de *terra sigillata* hispânica dá-se no

[98] Ainda que somente dois fragmentos (64.G.VII.47.(4) – 386 e 387) exumados nos níveis de construção da rua e da *Insula* de *Patére Emmanuel*, das escavações luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. 1: 195). Uma grande maioria das unidades estratigráficas não apresenta fronteiras cronológicas, pelo que podem existir mais fragmentos em camadas pré 70 d.C. por identificar, para não mencionar as escavações desprovidas de estratigrafia.

principado de Cláudio, ou por volta de 70 d.C.? É necessário apontar dois fatores óbvios, que colocaram qualquer resposta a estas questões em perspetiva.

Primeiramente, aponta-se o problema de representatividade, detalhado no **capítulo 4** da presente tese. Das 1181 marcas de *Augusta Emerita*, estudadas nesta dissertação, apenas 666 (aproximadamente metade) são provenientes do contexto de lixeira da Rua Almendralejo 41. Se esta lixeira é apenas uma porção de todos os fragmentos de *terra sigillata* analisados de *Augusta Emerita*, esta totalidade de fragmentos analisados será ela só uma porção da realidade. O mesmo acontece com *Ammaia*, *Conimbriga*, ou qualquer outro sítio arqueológico. Em segundo lugar, a melhor e mais fácil explicação para a existência de fragmentos de *terra sigillata* hispânica em contextos pré 70 d.C. de *Ammaia* é que estes viessem do centro de redistribuição, *Augusta Emerita*, e que até à data não tenham sido encontrados contextos em que estes se preservem.

É também necessário relembrar os padrões observados com outros tipos de terra sigillata. As difusões começam sempre por ser locais, expandindo-se, bem como os volumes de exportação. Não faz muito sentido (economicamente) que nos 20 anos entre o início da exportação de *terra sigillata* hispânica e 90 d.C. o consumo desta no *conuentus emeritensis* salte de zero para o dobro do comércio *sudgálico* no seu apogeu. Isto significaria um aumento de 100% ao consumo de *terra sigillata* prévio, algo que seria difícil de explicar demograficamente e economicamente [**Figura 8**][99].

Também importante é apontar que a maioria das datações de oleiros de *terra sigillata* hispânica provêm dos contextos da lixeira da Rua Almendralejo 41, o que pode facilmente deturpar os dados. O oleiro *C. I*() *A*() *E*() *I*() *G*() *L*() *O*() (**nº 1317**, **1950**, **3590**) surge em *Augusta Emerita* numa camada de 70-100 d.C. (Bustamante-Álvarez 2010, Anexo V: 77), mas em *Ammaia* em níveis de Cláudio (Quaresma 2018, Fig. 8: 17). Isto advém, maioritariamente, de uma falta crónica de contextos preservados pré-flávios. A falta de unidades estratigráficas Augustas e Júlio-Cláudias dificulta o conhecimento das tendências comerciais pré-flávias (Quaresma 2018). Este problema só é solucionável com a continuidade de investigação estratigráfica e cuidada de contextos arqueológicos.

[99] Isto pode também ser consequência do contexto. Lixeiras são, afinal de contas, o local onde se descartam bens em final de vida. Os fragmentos de *terra sigillata* podem ter sido utilizados por várias décadas antes de descarte. Estas ideias apresentam-se desenvolvidas em Polak, 2000

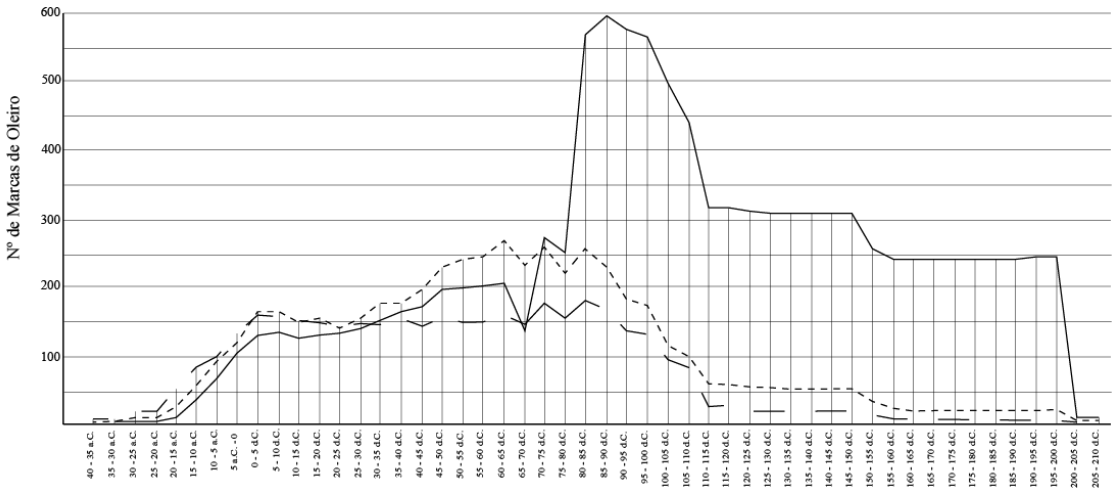


Figura 9 Comparação entre o consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro nos três conventos jurídicos da *Lusitania* (*Pacensis* a tracejado maior, *scallabitanus* a tracejado menor, *emeritensis* em linha)

A teoria mais provável, aos olhos do autor, é que a exportação de *terra sigillata* hispânica se tenha iniciado no principado de Cláudio, ao mesmo tempo que se parecem iniciar as produções de *Tritium Magallum* (Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999) e *Isturgi* (Fernández García 2019)[100]. Esta exportação inicial seria em volumes reduzidos, como ocorre com a *terra sigillata* itálica e sudgálicas, crescendo com um declive em tudo semelhante as produções extra peninsulares anteriores[101] [**Figura 9**]. Estes volumes reduzidos iniciais não só seriam compatíveis com os modelos de consumo de *terra sigillata* anteriores (itálica e sudgálicas) como explicariam as menores quantidades de *terra sigillata* hispânica pré 70 d.C. até agora atestada nos centros de consumo e apoiariam a ideia de competição com La Graufesenque a partir de 60 d.C. (Quaresma 2021; no prelo (a)).

O peso do mercado da *Hispania* no que toca a *terra sigillata* não pode ser subestimado, sendo este um dos três grandes polos de exportação de longa distância de La Graufesenque (sendo os outros dois o *Limes Germanicus* e a *Brittania*). Talvez o início de competitividade dos centros de produção de *terra sigillata* hispânica, entre 45 – 70 d.C., seja um fator contribuidor para o início do fim desta grande olaria

[100] Afinal de contas, 30 anos (40-70 d.C.) de produção sem exportação acarretariam custos desnecessários para ambas as olarias.

[101] Ao contrário do declive acentuadíssimo que se denota na Rua Almendralejo 41 a partir de 70 d.C. (Bustamante Álvarez, 2013).

sudgálica[102]. De facto, o movimento das indústrias de *terra sigillata* de seguirem os mercados para a acomodarem é bem conhecido[103]. É também necessário relembrar que o mais provável é que uma conjunção de fatores, como os descritos acima[104], tenha contribuído para a queda de La Graufesenque. Raramente análises causais unilaterais apresentam respostas convincentes para eventos históricos complexos, e a queda de La Graufesenque não é exceção.

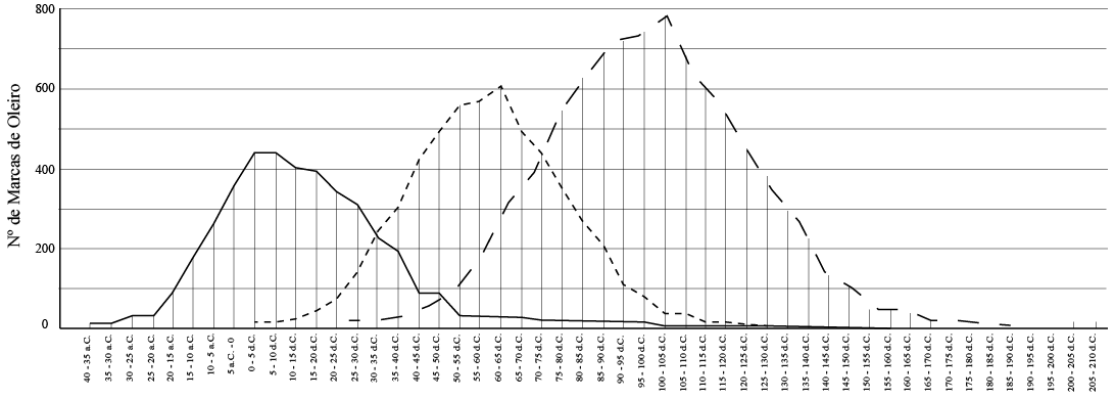


Figura 10: Evolução do consumo da *terra sigillata* itálica, sudgálica e hispânica, expectável (previsão)

A organização das olarias itálicas e gálicas têm sido alvo de vários volumes, especialmente pelas suas diferenças. Os centros de produção itálicos empregavam um grande número de escravos e dependentes. Já os gálicos seriam mais igualitários, só se conhecendo um possível escravo em La Graufesenque (Polak 2000; Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Dannell 2002). Em anos mais recentes, também as olarias hispânicas têm recebido atenção no que toca à sua organização e enquadramento legal (Bustamante Álvarez 2013; Fernández García 2013; Fernández García 2019).

[102] Datações de *terra sigillata* hispânica ainda estão na sua infância, mas o padrão seria o mesmo que se observa entre o ano 0 e 35 d.C., na altura em que a *terra sigillata* sudgálicas substitui a *terra sigillata* itálica como predominante na *Lusitania*.

[103] Lembramos que esta constatação não invalida nenhuma das teorias anteriores no que toca ao final da exportação de longo alcance de La Graufesenque, sendo provavelmente um de muitos fatores que influenciaram este evento histórico. O movimento centrifugo das indústrias de *terra sigillata* será abordado no **capítulo 4**.

[104] Como o fenómeno de sobreprodução flávia; a competição de outros centros de produção; os crescentes custos de transporte; a escassez de madeiras e outras matérias-primas, etc…

Existe também uma observação curiosa no que toca à organização das *officinae* hispânicas. A maioria, após 105 d.C., cessa de estar atestada nos contextos fechados de *Augusta Emerita*, perdurando apenas quatro oleiros, de entre as quais *Valerius Paternus* e *Lapillius* (Bustamante Álvarez 2013, 218). Na *Lusitania*, estes dois oleiros são responsáveis por aproximadamente 27% de todas as marcas de oleiro identificadas. Esta esmagadora maioria comercial estará ligada, sem dúvida, à continua exportação destes oleiros após 105 d.C.

No entanto, o motivo da continuação destes oleiros não é claro. Será possível que tenham parado de marcar os seus vasos, apesar de continuarem com a produção, como acontece em Andújar? Se este é o caso, porque terão continuado as oficinas de *Valerius Paternus* e *Lapillius* a estampar as suas peças? Terão as outras *oficinae* cessado produção? Terão sido absorvidas pelas *officinae* que após esta data se tornam predominantes? A importação de *terra sigillata* com marca de oleiro diminui a partir de 100 d.C., coincidindo também com a diminuição de *terra sigillata* hispânica em geral. Apesar disto, a *terra sigillata* hispânica continua a dominar o mercado lusitano até mais ou menos 150 d.C.[105] (Hayes 1972; Bonifay 2004; Quaresma 2012, 262, por exemplo).

Outra opção provável é que os oleiros que param de aparecer no registo parem de produzir de todo, devido a uma diminuição na capacidade comercial de *terra sigillata* hispânica por volta de 100 d.C., tornando-se *Valerius Paternus* e *Lapillius* os grandes produtores da *terra sigillata* hispânica. A diminuição comercial sentida na *terra sigillata* hispânica a partir de 100 d.C., e questões como o fim do hábito epigráfico e um diminuir de literacia serão utilizados no capítulo subsequente. Outra possibilidade é a absorção das outras *officinae* mais pequenas pelos grandes "capitalistas" das *officinae* hispânicas, *Valerius Paternus* e *Lapillius*.

> *"Pois a quem tem, mais será dado, e terá em grande quantidade. Mas a quem não tem, até o que tem lhe será tirado*."
>
> Mateus 25:29.

No entanto, a alternativa mais provável, na ideia do autor, é a sugerida por Linde (1996), em que devido aos intermediários de *Valerius Paternus*, o seu mercado regional

[105] Esta data é uma aproximação. Devido à falta de contextos analisados para esta temática, apenas é possível fazer uma aproximação.

preferencial seja a província da *Lusitania*, levando a uma concentração dos seus produtos nesta área (Linde 1996).

4. A implicação do comércio de *terra sigillata* no Império

4.1. Enquadramento teórico

Recentemente, o tópico de macroeconomia na Antiguidade Clássica, e especialmente no Império Romano, tem atraído a atenção de vários autores dos mais diversos campos de especialização, entre famosos economistas a renomeados historiadores e arqueólogos. O estudo desta vertente económica do Império não é recente, sendo o primeiro tomo que alude a esta temática o "*The decline & Fall of the Roman Empire"*, redigido por Gibbons em 1776. À medida que os conhecimentos científicos históricos, económicos e arqueológicos floresceram, também a qualidade e quantidade de divergentes opiniões sobre este ramo de saberes aumentam.

No século XX desenvolveram-se duas posições antagónicas sobre a economia Romana. A contenda atribui-se à postulada escala e estrutura desta. O primeiro modelo a surgir foi o modernista, ou formalista (Scheidel 2012, 6), cujos princípios foram enunciados por Mikhail Rostovtzeff no seu livro "*The Social & Economic History of the Roman Empire"*, publicado em 1926. Esta posição afirma que devido à maior segurança do comércio de larga escala durante o Império Romano, os mercados previamente regionais e independentes tornaram-se abrangentes, conectados e interdependentes, levando isto ao crescimento económico observado (Rostovtzeff 1957).

Esta conjetura depressa causou bastante polémica pela sua aplicação de teoria económica eminentemente moderna e capitalista a um Império da Antiguidade Clássica, de matriz agrária. A posição inversa, designada de Primitivista ou Substantivista (Scheidel 2012, 6) foi sumariada por Sir Moses Finley, no tomo "*The Ancient Economy*", publicado em 1973. Baseado nas teorias de David Hume, Salin e Erich Rolls (Finley 1986, 23–26), Finley afirma que a Economia Antiga consistia numa rede de

mercados regionais de pequena abrangência (geográfica) que talvez tenham visto uma ampliação geográfica durante a *Pax Romana*[106] (Finley 1986). Ademais afirmou:

> *"Como hipótese de trabalho sugiro que um tal momento nunca surgiu na Antiguidade, porque a sociedade nunca possuiu um sistema económico que fosse uma enorme conglomeração de mercados interdependentes"*
>
> Finley 1986, 23

Algumas observações a apontar sobre estas posições dicotómicas. Primeiramente, ambas as conjeturas parecem basear-se parcialmente numa má apreciação de princípios económicos enunciados por Erich Rolls no seu livro "*A History of Economic Thought*", publicado em 1938. O erro é duplo na interpretação (e na discussão subsequente destas ideias). O primeiro compreende a temática da interdependência de mercados, que é originalmente postulada não em termos geográficos, mas sim de mercados de diferentes bens. O facto de o mercado Hispânico interagir com o mercado Itálico não é uma interdependência de mercados para Rolls, ao contrário do mercado do vinho variar em resposta a uma variação no mercado do trigo (Tchernia 2016, 76-77)[107].

O segundo erro é que Finley parte do princípio de que a falta de pensamento económico moderno por parte dos antigos indica uma inexistência de mercados unificados (como nas modernas economias de matriz capitalista) (Tchernia 2016, 76–77). O tema do pensamento económico antigo merece alguma atenção. Apesar de não se conhecer tratados de economia escritos por autores romanos[108], a legislação e jurisprudência revelam uma mestria dos princípios económicos. A contribuição romana para o conhecimento económico pode ser dada como a capacidade de conceptualizar e sistematizar na prática princípios económicos teóricos, devido à predisposição natural para o comércio (Vivenza 2012, 26)[109].

---

[106] Por *Pax Romana* entende-se o período de relativa, paz, estabilidade e hegemonia Romana no Mediterrâneo, entre 27 a.C. e 180 d.C. (Head 2017, 85).

[107] Isto não reduz, no entanto, a importância da regionalidade ou dispersão geográfica dos modelos. Esta será igualmente importante, especialmente no que toca a questões de provar uma integração da economia romana por povos exógenos, ou não.

[108] É necessário relembrar que uma esmagadora maioria de trabalhos escritos na Antiguidade foram perdidos para as vicissitudes temporais. Basta exemplificar que dos 142 tomos da História de Roma escrita por Lívio, apenas 35 sobrevivem.

[109] Vários autores tentaram especular sobre pensamento económico romano a partir de escritos ou cartas particulares. Isto não me parece correto, pois depende mais da compreensão económica de um indivíduo

Os dois modelos parecem discordar, essencialmente, sobre a existência, ou não, de mercados interdependentes. Para averiguar a questão é necessário compreender o conceito de mercado. Isto torna-se duplamente importante pois parece existir um equívoco sobre a definição de mercados, no sentido económico da palavra (Temin 2012, 47). Um mercado, em termos económico, pode ser entendido como trocas de bens motivadas por comportamentos instrumentais[110]. Estas trocas normalmente são manipuladas pela procura e oferta, que por sua vez influenciam o equilíbrio entre preço e quantidade (Temin 2012, 46-51).

A resposta a esta questão[111] parece prematura, visto que assume a presença de trocas de mercado na economia romana, uma existência que não deveria ser tomada *a priori*. No entanto, as fontes históricas, arqueológicas e epigráficas apontam para a existência deste tipo de transações, sendo que a discórdia assenta mais na importância que estas transações teriam para a economia romana[112]. As interpretações mais pessimistas das evidências apontam para uma quantia de trocas de mercado de 10% do produto interno bruto (Bang 2002, 22–23)[113]. Esta percentagem é tida como módica pelo autor, no entanto há que lembrar que em economias modernas como a Dinamarca, apenas 25% do PIB está disponível para entrar em trocas de mercado[114] (apesar da percentagem

do que da população em geral ou do governo. Por cada exemplo de "mau pensamento económico", como o de Plínio após a erupção do Vesúvio (Tchernia 2016, 82-83), pode-se citar um exemplo de "bom pensamento económico", como o de Catão, ao diversificar investimentos em navegação (Temin 2006, 17–20). Atualmente, indivíduos com má compreensão económica não podem informar a compreensão económica geral, e mesmo esta compreensão económica geral não pode informar a economia que de facto se pratica.

[110]Entende-se por comportamento instrumental aquele que é feito quando o individuo tem uma elevada autonomia (é livre para fazer trocas) e o meio ambiente apresenta mudanças rápidas (uma economia dinâmica, por exemplo). Isto encaixa na teoria dos três tipos de interações e de trocas económicas possíveis segundo Karl Polanyi (Polanyi 1944; Temin 2012, 47).

[111] Da existência de interdependência de mercados.

[112] As fontes seriam demasiadas para apontar: Scheidel, Morris, & Saller 2007; Bowman & Wilson 2009; Temin 2013; Tchernia 2016; entre outros.

[113] Estimativas de PIB do Império Romano têm sempre de ser lidas com algum cuidado, visto serem baseadas muitas vezes só no trigo, em figuras de população que são, no melhor dos casos, especulação, e em ideias de subsistência que podem ser diferentes no período romano. Para estimativas de PIB ver Hopkins 1980; Bang 2002, Temin 2013 e para os seus problemas - Temin 2013; Tchernia 2016.

[114] Não se pretende comparar de qualquer maneira a economia romana à dinamarquesa atual, mas sim demonstrar que não se precisa de alocar uma maioria do PIB para transações de mercado para que esta tenha um papel preponderante na mesma.

verídica ser muito inferior a isso, levando em conta trocas de reciprocidade[115] (Bang 2002, 13).

Visto que a existência de mercados não levanta discórdia, como podemos então averiguar a sua interdependência[116]? Para isso, é necessário demonstrar que o desequilíbrio dos poderes de procura e oferta de um mercado criariam desequilíbrio em outros mercados. A maneira mais fácil de conseguir isto seria analisar séries de preços de diferentes bens[117], vendo como estes interagem entre si. Sobre isto, as evidências históricas são díspares e escassas.

O estudo de preços na economia romana é vital, mas infelizmente apresenta graves e extensas lacunas. A primeira, talvez irremediável, é que as séries de preços conhecidas, bem como quaisquer informações históricas sobre preços são escassas. Os conjuntos mais completos que se conhecem provêm do Egito, já estudadas em profundidade por vários autores (Rathbone 1997; Scheidel 2008; Harper 2016; entre outros) aos quais se junta o Édito de Diocleciano[118], também normalmente utilizado no estudo de preços da economia Romana (Jones 1953; Bowman & Wilson 2009; Quaresma 2012; Scheidel 2013, entre outros).

Outros documentos históricos, bem como evidências díspares existem para preços no período romano, tendo vários deles sido já averiguados por outros autores, de maneira a perscrutar esta mesma questão (Scheidel, Morris, & Saller 2007; Temin 2013; Tchernia 2016; entre outros). Estes estudos têm apresentado resultados contraditórios. Temin aponta a existência de um mercado que se estenderia a todo o Mediterrâneo, e no qual os preços seriam interdependentes (Temin 2012, 57–59; 2013, 201–2). Já Tchernia aponta a flutuação de preços de certos bens entre curtas distâncias no Egito para questionar esta resolução (Tchernia 2016, 78).

O problema parece advir de uma falta de testemunhos, que está constantemente a ser colmatada com novas descobertas e compilações de provas empíricas em bases de dados

[115] Trocas sem o objetivo de aumentar capital, normalmente feitas devido a relações interpessoais (prendas, semanadas, entre outros)

[116] Entendendo por interdependência de mercados a ideia original de Rolls, de mercados entre diferentes produtos.

[117] Comparando tanto no mesmo local e período como em locais e períodos diferentes.

[118] Referimo-nos aqui ao "*Edictum de Pretiis Rerum Venalium*", promulgado em 301 d.C. Tradução integral disponível em (Kropff 2016).

e estudos abrangentes. A importância destes estudos tem sido apontada por ambos os lados da discussão (Scheidel, Morris, & Saller 2007; Bowman & Wilson 2009; Tchernia 2016), e avanços têm sido feitos para sistematizar a informação e tornar-la disponível online[119]. No entanto, em termos de análises de preços e a sua variação relativa, por enquanto não parece existir consenso.

Este impasse baseado na falta de provas empíricas relacionadas com os preços levou a que ambos os lados (Modernistas e Primitivistas) tenham evoluído para se centrarem em algumas posições diferentes, mudando os seus pontos de contenção ao longo dos anos. Nos últimos anos, os Modernistas têm-se focado em documentar evidências de comércio de larga escala, dando ênfase ao comércio de vantagem comparativa e ao peso do mercado na economia romana. Já os Primitivistas, por sua vez, têm dado enfâse à continuidade entre o Império e outros períodos, bem como à importância dos impostos e do comércio das elites perante a sua contraparte mercantil (Scheidel 2012, 6-7).

"De facto, if not in principle, these positions (modernist and primitivist) frequently tend to correlate with divergent assessments of the scale of economic development, with formalists keen to document growth and integration, and with substantivists pointing out constraints".

Scheidel 2012, 7

Ambas as posições pareceram extremar-se na questão mais contenciosa da argumentação sobre a economia romana no século XXI; o debate sobre o tipo de crescimento económico observado entre o final da República e o final do Alto-Império. Esta dicotomia opinativa parece ter o seu início explícito no artigo de Scheidel "*In Search of Roman Economic Growth",* publicado em 2009. Neste, o autor analisou diversos indicadores económicos, tentando averiguar se o crescimento económico observado no Alto Império era intensivo ou extensivo (Scheidel 2009). Para compreendermos este debate, e para ele contribuirmos, é necessário perceber os conceitos base[120].

[119] Para documentos históricos, como Éditos de Preço e as tabulações de Preço no Egito, ver o projeto Trimegistos - https://www.trismegistos.org/index.php

[120] Os conceitos base são: Crescimento intensivo, Crescimento extensivo, Equilíbrio Malthusiano, Indicador económico.

A primeira pergunta deveria de ser então: Qual a diferença entre crescimento económico intensivo e extensivo? Sumariamente, o crescimento económico intensivo dá-se quando há um aumento do PIB *per capita*. Já o crescimento económico extensivo dá-se quando há um aumento do PIB, devido a um aumento populacional. Ou seja, um depende do aumento de rendimentos individuais, o outro do aumento do número de rendimentos individuais (Temin 2013, 208-9).

Estes diferentes modelos de crescimento diferem não só na sua causa, mas também nas consequências. Um crescimento económico intensivo é, por definição, sustentável. Esta sustentabilidade advém da sua dependência de um aumento de produtividade individual, motivado tanto por uma maior difusão de novas tecnologias e técnicas, como por uma maior especialização de trabalho. Para este crescimento cessar, seriam necessárias pressões exógenas sobre a economia que esta não pudesse suportar[121] (Scheidel 2009, 46; Scheidel 2012, 10; Temin 2013, 218).

O modelo de crescimento extensivo está intrinsecamente ligado com o modelo populacional malthusiano (Malthus 1826). Segundo este sistema, o período da *Pax Romana* teria propiciado uma maior segurança de comércio e disponibilizado mais terras para cultivo através das conquistas precedentes. Este aumento na produção de bens e na sua troca causou um aumento da qualidade de vida. Destas melhorias adveio um aumento demográfico significativo, que por sua vez levou a um crescimento do PIB, mas a uma diminuição do PIB *per capita*[122]. A diminuição da rentabilidade de cada trabalhador leva a uma eventual quebra económica, e consequentemente a um reduzir da população. A isto chama-se a "armadilha malthusiana". A quebra económica do Império Romano seria, portanto, autoinfligida, quando a capacidade económica de acompanhar o crescimento demográfico cessasse (Willem Jongman 2007, 85; Scheidel 2009, 46–47; Bowman & Wilson 2009, 29–30).

Este segundo modelo merece especial atenção na sua natureza circular, e na escala temporal em que acontece. Uma boa maneira de visualizar este modelo é como um pêndulo que tende para um equilíbrio entre população e rentabilidade da mesma.

[121] No caso do Império Romano, estes choques exógenos poderiam ser as Pestes Antoninas (Scheidel 2010), bem como as invasões do Sul de Espanha por parte de povos nómadas Sul Africanos (Quaresma 2013), ou ainda a Crise política do século III d.C. (Bowman & Wilson 2009), de entre outros fatores.

[122] O PIB aumenta devido a um maior número de contribuintes. O PIB *per capita* diminui, pois, cada trabalhador tem menos terra para cultivar (pois a terra está dividida por um maior número de pessoas), logo, é menos rentável.

Quando este equilíbrio é alterado (aumentando da população ou da rentabilidade), o pêndulo começa naturalmente a tender para o equilíbrio. No entanto, estudos do modelo malthusiano têm revelado que as pressões desta tentativa de voltar ao equilíbrio podem demorar séculos a fazer-se sentir (Temin 2013, 220-2).

Como vários autores têm notado nesta última década, isto parece ser, em parte, uma falsa dicotomia. Objetivamente estes dois modelos de crescimento não são totalmente incompatíveis um com o outro. É perfeitamente possível que ambos se tenham manifestado em paralelo. É possível que tanto o crescimento comercial e de terreno arável tenha acontecido em paralelo com um aumento da rentabilidade individual e avanços tecnológicos, e que de facto, os dois eventos estejam interligados (Scheidel 2012, 8; Temin 2013, 223). Scheidel afirma que estes não podem ser tomados como duas caras da mesma moeda, e que mesmo que sejam complementares, apenas um deles terá resultado na quebra económica observada[123] (Scheidel 2012, 8). Temin, por outro lado, afirma que é perfeitamente possível que se tenha dado um crescimento económico intensivo antes que as pressões malthusianas se tenham sentido, devido ao seu desfasamento temporal (Temin 2013, 235).

Para coadjuvar nesta contenda, é necessário examinar com atenção os indicadores económicos disponíveis. Mas o que são indicadores económicos? Indicadores económicos são testemunhos históricos, arqueológicos ou epigráficos através dos quais se consegue inferir ou interpretar mudanças económicas. A leitura e interpretação destes indicadores não é fácil, e requer que se mantenha uma visão precisa de algumas ideias de base sobre a prática da História, Arqueologia, Estatística e Economia (Bowman & Wilson 2009; Scheidel 2012). Exemplifiquemos então os dois maiores problemas, sendo eles a representatividade de um conjunto perante uma população total e o problema da galinha e do ovo[124].

O primeiro problema é fácil de compreender, mas impossível de remediar. Tanto a Arqueologia como a História não são representações de uma realidade, mas sim interpretações de realidades antigas criadas através dos testemunhos que estas deixaram.

[123] A questão torna-se então: A quebra económica deveu-se a fatores exógenos ou a pressões malthusianas?

[124] Estes não são os únicos problemas existentes com leituras modernas de indicadores económicos, mas parecem ser os mais recorrentes. Para bons resumos dos problemas com a quantificação e apresentação de indicadores económicos ver (Bowman & Wilson 2009; Scheidel 2009; Wilson 2009a; 2009b; Harris 2009; Quaresma no prelo (b); entre outros)

Os testemunhos que chegam a nós são sempre uma porção dos que realmente existiram no período histórico sob estudo. Como tal, as conclusões e interpretações têm de ter em mente que apenas uma parte reduzida do que teria sido a realidade está a ser estudada (Quaresma no prelo (b)).

Este problema pode ser, em parte, remediado. O estudo detalhado, sistemático e quantificado dos achados é um importante primeiro passo. O segundo é a compilação metódica destes dados, de forma a obter uma leitura coerente destes ao longo do tempo e do espaço. O terceiro é a interpretação desses resultados levando em conta mentalidades antigas e os modelos teóricos mais corretos e correntes possíveis. Se um destes passos falhar, a sua análise subsequente será falaciosa (Bowman & Wilson 2009; Wilson 2009a, 217).

Um bom exemplo disto é a série de naufrágios no Mediterrâneo publicada por Parker, utilizada posteriormente como indicador económico por vários outros autores (Parker 1992; Willem Jongman 2007; Scheidel 2009). Entretanto este gráfico, e o seu uso para tecer interpretações sobre o comércio no Mediterrâneo já foram criticadas. Estas críticas podem ser resumidas nos seguintes pontos (Wilson 2009a, 216-18):

- Um reduzir de naufrágios pode ser interpretado como uma quebra comercial OU uma melhoria nas técnicas de navegação OU uma diminuição do número de navios perante um uso mais preponderante de navios com maior tonelagem;
- A investigação de arqueologia subaquática não é prevalente em todas as áreas do Mediterrâneo, com uma falta de investigação marcada no Norte de África;
- Os processos tafonómicos não atuam de igual maneira em todos os navios, sendo que os navios que transportavam ânforas e cargas pétreas se preservam mais facilmente que outros, e de facto são estudados mais frequentemente;
- As datações de alguns navios são demasiado amplas para produzir gráficos com grande precisão cronológica.

Quer isto dizer que o estudo quantificado de naufrágios não pode ser utilizado para estudar o desempenho económico romano? Não. Isso seria descartar o trigo com o joio. Todas as séries de dados terão lacunas, porque, tal como se afirmou no problema, não se

pode adquirir todas as provas empíricas que existiriam na realidade histórica (salvo a invenção de uma máquina do tempo que o permita). No entanto, é comparando várias séries de dados de maneira a descobrir (e interpretar) tendências comuns ou diferentes que se poderá chegar a conclusões (Temin 2006, 30; Bowman & Wilson 2009). Indicadores económicos não deveriam, portanto, ser analisados sozinhos num vácuo, mas sempre em comparação com outros indicadores económicos, e como parte de um todo maior do que eles próprios[125].

Apresenta-se aqui também o primeiro problema de utilizar as marcas de oleiro em *terra sigillata* como indicador económico. Estas são um subconjunto da *terra sigillata* como um todo, sendo logo uma amostragem de proporções menores a um grupo inicial já por si reduzido. Será que seus números de consumo são representativos dos números de *terra sigillata* num determinado conjunto? Em que intervalos temporais?[126]

O segundo problema aqui abordado é um problema de matriz causal. "O que veio primeiro, a galinha ou o ovo?". No caso dos estudos económicos, esta é uma pergunta importante quando se ponderam indicadores económicos individuais. Isto trata da causalidade dos indicadores económicos estudados. A pergunta é se o indicador económico mudou, e isso resultou na mudança da economia em geral, ou se o indicador económico (seja ele qual seja) mudou de acordo com a economia (Temin 2012, 48–9).

Recorrendo ao exemplo da cerâmica fina (dentro da qual se insere a *terra sigillata*) - Um aumento acentuado dos níveis de consumo de cerâmica fina indica o crescimento económico. No entanto, este aumento de consumo não é uma causa de crescimento económico, mas sim uma consequência do mesmo. Outro exemplo, mais complicado, é o da educação da população. Uma taxa de educação mais elevada causa um crescimento económico, ou um crescimento económico causa uma taxa de educação mais elevada? O que veio primeiro, a galinha ou o ovo (Temin 2012)?

Como aponta Scheidel, o motivo de algo acontecer é tão importante como o descrever do acontecimento (Scheidel 2012). É então indispensável averiguar o que

[125] No entanto, isto não quer dizer que não se deva separar o trigo do joio (apontando críticas a indicadores individuais). Quanto mais precisos e robustos os indicadores económicos, e mais bem conseguidas as suas análises, inevitavelmente, mais verídicas as conclusões.

[126] Estas questões são analisadas abaixo.

significam as diferenças de consumo de marcas de oleiro em *terra sigillata*, e se possuem o mesmo significado que o aumento de consumo de *terra sigillata*. O que refletem perante a economia, e a sociedade que a dirige?

O objetivo deste capítulo será então estudar a possibilidade de utilizar as marcas de oleiro em *terra sigillata* como indicador económico. Para isto terá de se responder às seguintes perguntas, de maneira a perceber se este método de investigação será exequível:

1. O que representa o consumo de *terra sigillata* perante a economia romana?
2. A *terra sigillata* pode ser tida como um indicador económico fiável?
3. As marcas de oleiro em *terra sigillata*, e o seu estudo quantificado, são representativas do consumo de *terra sigillata*[127]?
4. Quais as vantagens de estudar as marcas de oleiro ao invés da *terra sigillata*?
5. Quais as desvantagens?

Após respondidas estas perguntas base, começará a integração dos dados providenciados pelas marcas de oleiro de *terra sigillata* na província da *Lusitania* no panorama mais abrangente da macroeconomia, relacionando estes achados com outros indicadores económicos, de maneira a tentar retirar conclusões sobre a economia romana durante o Alto-Império

4.2. Assinaturas como um indicador económico fiável?

Que o estudo quantificado da *terra sigillata* pode servir de indicador económico, ninguém disputa. De facto, tem sido usada recorrentemente para medir alterações comerciais nos vários locais onde tem sido encontrada (Polak 2000; Tilhard 2004; Wilson 2009; Bustamante-Álvarez 2010; Viegas 2011; Quaresma 2012; no prelo; entre outros). De facto, atualmente testemunham-se estudos suprarregionais do comércio e consumo de *terra sigillata* e outras cerâmicas finas, com muito sucesso (Bes 2015). Não obstante, as implicações refletidas por este indicador ainda não estão desenvolvidas ao seu máximo potencial.

[127] É importante averiguar se o estudo da parte a estudar (marcas de oleiro) representa fielmente o todo (fragmentos de *terra sigillata*).

O consenso quanto ao significado de um aumento de consumo de *terra sigillata* é que este reflete uma melhoria nas condições de vida (Wilson 2009a; Temin 2013, 196). No entanto há que acautelar que melhorias das condições de vida (neste caso através de um maior poder de compra) não são fatores causantes de um crescimento económico, mas sim uma consequência. Outro problema aparente é que este aumento nas condições de vida não parece ser utilizado como indicador para tentar diferenciar entre crescimento económico intensivo e extensivo, ou mesmo para a perquirição da interdependência dos mercados. O presente autor é da opinião que a análise diligente das quantidades de *terra sigillata* pode contribuir para a possível resposta destas questões.

Comecemos pela problemática mais abrangente. Como discriminar se o ocorrer de um crescimento económico é intensivo ou extensivo (ou ambos) através do consumo de *terra sigillata*? Se apenas se observar crescimento extensivo, o crescimento demográfico apresentará um declive igual ou superior ao consumo de *terra sigillata*[128]. Segundo esta proposição, o incremento do número de *terra sigillata* acompanhará o crescimento demográfico. O crescimento intensivo só por si não pode ser observado[129]. No entanto, se o declive do crescimento demográfico for inferior ao do consumo da *terra sigillata*, pode-se deduzir que existiu um aumento no poder de consumo *per capita*, que permitiu que cada pessoa tivesse um maior poder de compra.

O importante seria, portanto, apreender a diferença de declive entre as duas retas. Esta diferença indicaria o aumento (ou diminuição) do poder de compra de cada cidadão, indicando por sua vez uma mudança no PIB *per capita*. Esta hipótese figura-se impraticável devido a um desconhecimento geral das curvas demográficas do Império Romano, e às dificuldades de averiguar as mesmas (Scheidel 2012, 3). Esta lacuna de dados não parece ser colmatável ao nível necessário para criar modelos que nos permitam apurar a diferença entre os declives das respetivas curvas.

[128] Visto que não existirá um aumento do poder de compra, e se houver variação no poder de compra, segundo o modelo malthusiano, será uma diminuição.

[129] Não se pode analisar uma população fixa de pessoas, determinando o aumento do poder de compra de cada um ao longo do tempo.

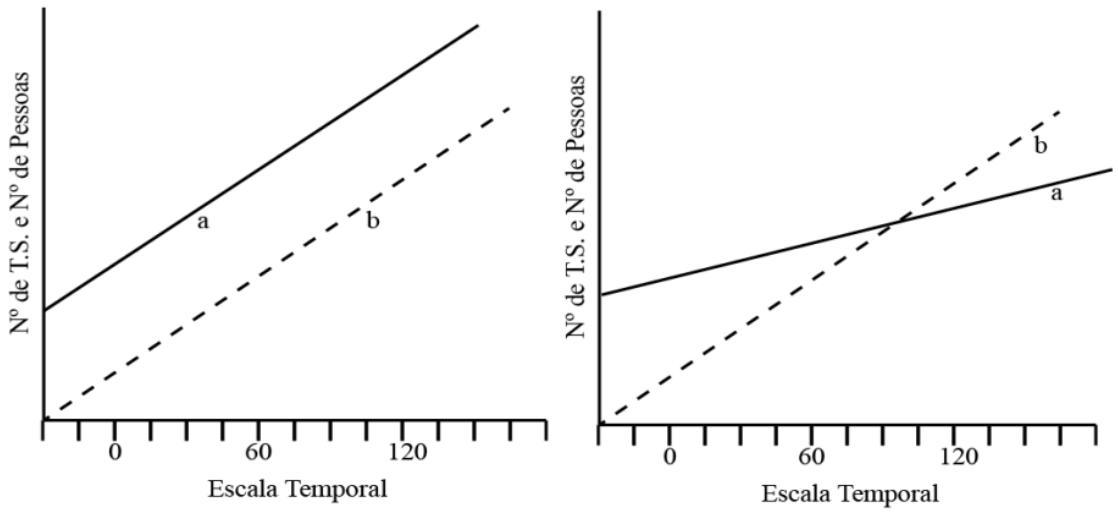


Figura 11: Diferença entre o crescimento intensivo (direita) e extensivo (esquerda). (A) representa a população, e (B) o número de vasos de *terra sigillata* (baseado em Temin 2013).

É aqui que a georreferenciação dos achados se torna importante. Durante o Alto Império, aquando de um crescimento demográfico, parecia optar-se por aumentar a área da cidade, criando subúrbios e aumentando a urbanização (Wilson 2009b, 75–77). Isto torna-se relevante quando conjugado com a quantificação de conjuntos de *terra sigillata* georreferenciados. Se a densidade de *terra sigillata* num determinado espaço geográfico aumenta, mas a população que habita esse mesmo espaço é estável, podemos então assumir que essa população pode, ao longo do tempo, comprar números maiores de *terra sigillata*, denotando um incremento no seu PIB *per capita*.

Mas como estudar a dispersão de *terra sigillata* dentro de assentamentos? A publicação de monografias com estes dados parece cada vez mais indispensável. No entanto, o estudo de dispersão de marcas de oleiro em *terra sigillata* dentro de assentamentos têm-se tornado cada vez mais comum (Hofmann 1986; Tilhard 2004). Antes de tomarmos os dados das marcas de oleiro em *terra sigillata* como indicativos do consumo de *terra sigillata*, temos de provar a correlação entre os seus níveis, e apontar também possíveis fraquezas com esta análise.

Para calcular a correlação, é necessário existirem casos onde o consumo de *terra sigillata* esteja compilado na íntegra e comparar com os dados das marcas de oleiro de *terra sigillata* para esse mesmo sítio. Para este efeito, escolheram-se os casos de Represas (Lopes 1994), *Conimbriga* (Alarcão, Delgado, & Mayet 1974) e *Mirobriga*

(Quaresma 2012), por serem os únicos sítios onde a *terra sigillata* se encontra quantificada[130].

No entanto, alguns reparos no que toca aos critérios destas quantificações. No caso de Represas e de *Conimbriga* a quantificação deu-se pela contagem do número de fragmentos (Alarcão, Delgado & Mayet 1974; Lopes 1994). Este método de contagem é desaconselhado, por exagerar o consumo da cerâmica em estudo (Arcelin & Tuffreau-Libre 1998). No caso de *Mirobriga* a quantificação deu-se pelo número mínimo de indivíduos. Este método de quantificação é mais preciso, ainda que atualmente tenha tenha-se verificando uma tendência para o engrandecimento (ainda que marginalmente) do número de indivíduos, quando comparado a outros métodos, como a Estimativa de Equivalente de Peça (Quaresma no prelo (b), 10). No presente estudo estes dados foram agrupados em intervalos de cinco anos com os números de marcas de oleiro de *terra sigillata*. Após isto, os dados foram utilizados para calcular matematicamente o coeficiente de correlação de Pearson (Barcelo & Bogdanovic 2015).

Caso	Método de quantificação	Amostragem[131]	Intervalos de 5 anos	Coeficiente de Correlação	Interpretação[132]
Represas	Número de fragmentos	203 marcas – 5134 fragmentos	48	0.768527	Correlação elevada
Mirobriga	Nº Mínimo de Indivíduos	55 marcas – 1578 indivíduos	25	0.822167032	Correlação muito elevada
Conimbriga	Número de fragmentos	308 marcas – 3817 fragmentos	48	0.842682	Correlação muito elevada

[130] Os sítios do Algarve (Viegas 2011), S. Cucufate (Étienne, Mayet & Alarcão 1990; Quaresma 2012) e *Ammaia* (Quaresma 2021) também foram considerados, mas descartados por terem uma amostragem de marcas de oleiro demasiado pequena.

[131] Só podem ser contabilizados fragmentos datáveis, tanto das marcas de oleiro como dos fragmentos de *terra sigillata*. Baseado em - Alarcão, Delgado, & Mayet 1977; Lopes 1994; Quaresma 2012.

[132] Baseado em - Hinkle, Wiersma, & Jurs 2003; Barcelo & Bogdanovic 2015

Total	Misto	566 marcas para 10 529 fragmentos	48	0.895937301	Correlação muito elevada

Figura 12: Tabela de resumos das conclusões do estudo da correlação entre marcas de oleiro de *terra sigillata* e o consumo de *terra sigillata*

Através dos resultados, é fácil perceber que a correlação entre as duas variáveis é extremamente elevada[133]. Ainda que se possa com segurança retirar ilações sobre o consumo de *terra sigillata* a partir do consumo de marcas de oleiro de *terra sigillata*, convém apontar as zonas problemáticas nos gráficos de correlação, começando pela zona inicial, antes de se atingir o pico do consumo, no caso de Represas.

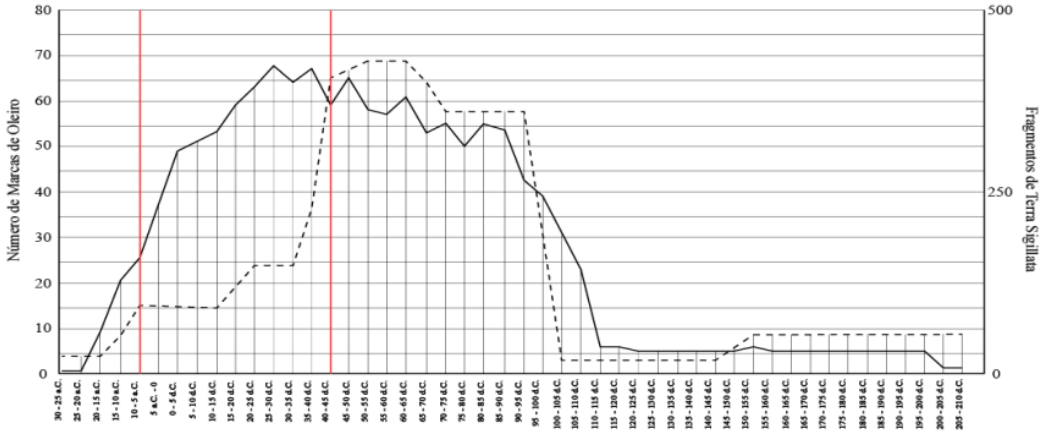


Figura 13: Comparação entre o consumo de *terra sigillata* e o consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro de Represas (feito a partir de - Lopes 1996)

Esta discrepância resulta do progressivo abandono do costume de marcar as peças com marcas de oleiro. De facto, esta *praxis* parece ter sido mais recorrente quanto mais antigas as peças. Nas produções itálicas de *terra sigillata*, postula-se que todos os vasos fossem marcados, como evidenciado por vários casos de estudo, de onde se destacam Pompeia e Herculano, onde de 1000 vasos, apenas 50 não foram marcados (Silva 2013, 3–6), ao passo que nas produções mais tardias, a percentagem de vasos marcados iria

[133] Não se pretende, de maneira alguma, desencorajar o estudo de *terra sigillata* enquanto conjunto completo, pelo contrário (r=1>r=0.89). No entanto, em grandes zonas de dispersão, é muito mais fácil estudar um conjunto de 566 fragmentos do que 10529 fragmentos, pelo que o estudo de marcas aponta com precisão as curvas de consumo de *terra sigillata*, cortando o trabalho em 95%.

diminuindo[134]. Isto é observável se para cada sítio efetuarmos um gráfico de percentagem, entre os fragmentos marcados e os não marcados[135].

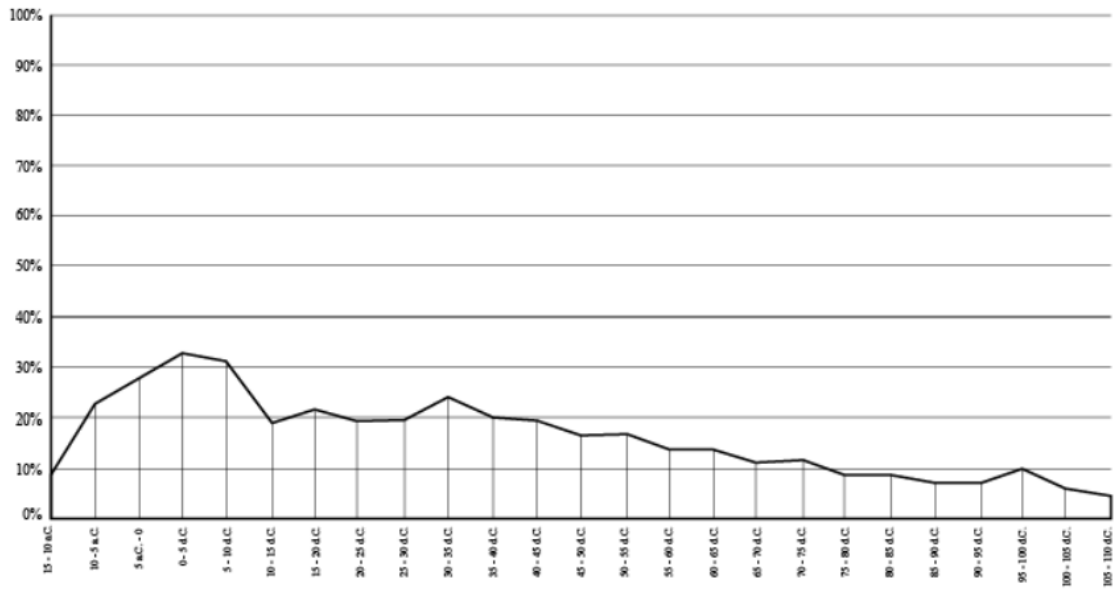


Figura 14: Percentagem de fragmentos de *terra sigillata* que apresentam marcas de oleiro, em *Mirobriga* (segundo - Quaresma 2012)

Coloque-se então uma nova questão. Não será este minguar do número de marcas de oleiro, em relação ao número total de vasos um indicador económico por si só? A educação da força de trabalho, a divisão de trabalhos e especialização dos trabalhadores indubitavelmente são uma causa ou uma consequência de um aumento do volume de produção ou de um acréscimo tecnológico, ou mais provavelmente de ambos (Bowman & Wilson 2009, 32–42). Apresentam-se então outros três indicadores com que as marcas de oleiro podem contribuir para o conhecimento da economia romana. A propagação de tecnologia, um aumento da especialização e divisão de trabalhos[136], e a educação da força de trabalho[137].

[134] De facto, não só menos fragmentos são marcados à medida que o tempo avança, mas parece existir uma diminuição na qualidade das marcações, com um aumento de cartelas maiores e punções ilegíveis, anepigráficas ou de pouca qualidade com o passar do tempo.

[135] Esta discrepância em nada altera a elevada correlação entre ambas as curvas, no entanto, não a apontar poderia causar leituras erróneas dos gráficos de consumo de marcas de *terra sigillata*. Este é um fator que se tem de ter em mente.

[136] Através da propagação dos fornos e técnicas necessárias para produzir *terra sigillata* (Polak 2000).

[137] Estes tópicos foram já abordados num capítulo anterior, mas para o propósito de uma discussão económica, vale a pena resumir os pontos mais importantes.

A *terra sigillata* itálica foi a mais abrangente do Alto Império, propagando-se desde a *Britannia* (Hawkes & Hull 1939, entre outros), Alemanha (Schnurbein 1982; Oxé, Comfort, & Kenrick 2000; entre outros) e o mar Cáspio (Knipowitsch 1929; Oxé, Comfort, & Kenrick 2000) até ao Norte à Síria (Bes 2015), Iraque (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000, nº 278:i)[138] e aos confins da África Romana (Jodin 1967). Esta rápida propagação parece dever-se a dois fatores diferentes, distintos pelos dois diferentes polos do império **(Anexo VII)**.

No ocidente, a *terra sigillata* utilizada no abastecimento de legiões não apresentava competição no mercado de cerâmica fina[139], e os povos das regiões tenramente ocupadas não possuíam os meios tecnológicos para a produzir, criando-se assim um monopólio de *terra sigillata* itálica no Ocidente até à viragem da Era, sensivelmente (Fernández-García & Roumens 1999; Polak 2000). No Oriente existia já há muito cerâmica fina de qualidade igual e por vezes superior à *terra sigillata* itálica. No entanto, a facilitação e propensão ao comércio durante o Período Republicano e a *Pax Romana* levaram a que mesmo no mercado competitivo do Oriente, a *terra sigillata* itálica conseguisse ser adquirida em números significativos (Bes 2015).

A partir deste ponto parece haver uma propagação tecnológica, no Ocidente, dos tipos de fornos necessários para fabricar este tipo de cerâmica fina, no primeiro século antes de Cristo. Primeiramente para o Norte da Itália (acompanhando os movimentos das legiões). Posteriormente, com a abertura de La Graufesenque (Hermet 1934; Polak 2000) na primeira década da nossa era, a *Gallia* ganha um centro de produção que chega a dimensões inéditas. Subsequentemente, seguindo parcimónias locais ou aumentos de procura, novos centros de produção abrem na *Gallia*, *Hispania* e *Africa*. À abertura de um centro de produção novo, o comércio parece tornar-se mais localizado, com cada produção hodierna tendo uma distribuição geográfica mais circunscrita.

A abertura de La Graufesenque não parece afetar a Itália, onde os níveis de *terra sigillata* itálica continuam predominantes (Quaresma 2012, 250-260). Quando as olarias de *terra sigillata* hispânica iniciam funções parecem apoderar-se dos mercados Hispânicos, mas não dos gálicos (sendo que estes passam a ser abastecidos por Lezoux após o fecho de La Graufesenque), e assim também o é para os mercados da *Gallia* e

[138] *Ianvarivs* (1) – CVA 961.1

[139] Exceto a cerâmica de engobe negro também itálica, que veio substituir (Py 1993).

Britannia (partilhados por Lezoux e Rheinzabern) (Fulford 2018). Mesmo La Graufesenque, após o início do declínio se torna um centro de produção de difusão local até 150 d.C. (Pollak 2000).

O centro de produção mais "universal" a este mundo romano, após a *terra sigillata* itálica, parece ser a *terra sigillata* africana, que paulatinamente suplanta a *terra sigillata* itálica na própria península itálica, aproveitando possivelmente a distribuição da *Annona* Imperial para se difundir em grandes números por todo o Império (Quaresma 2012, Bes 2015). Esta difusão tecnológica (que levou a uma maior localização do comércio de cada olaria de *terra sigillata)* é mais facilmente percecionada através da distribuição de marcas de oleiro de cada um dos centros, presente no **Anexo VII**[140].

A educação dos trabalhadores é um bom indicador económico (Bowman & Wilson 2009, 12–13). O propósito das marcas de oleiro é ainda debatido, podendo discrepar entre um auxílio à organização interna das olarias, até uma marca de qualidade para efeitos propagandísticos (Oxé, Comfort & Kenrick 2000). No entanto, ninguém questiona se estas refletem uma maior especialização e educação por parte dos trabalhadores que as fabricavam ou se refletem uma estruturação mais complexa dos espaços produtivos onde estas eram aplicadas (Dannell 2002; Bowman & Wilson 2009, 11–15).

Como esboçado na **figura 14**, a proporção de vasos marcados parece adelgaçar desde a sua introdução, com os vasos mais antigos marcados mais frequentemente. Outro indicador de uma constante redução do hábito epigráfico (Silva 2013, 10-20) é o aditamento de marcas anepigráficas, grafomorfas e abstratas, de entre as marcas normais. As marcas grafomorfas merecem particular atenção por parecerem imitar escrita (sem sucesso), existindo pessoas que provavelmente não conseguiriam escrever o próprio nome (Quaresma 2012). Esta hipótese é, por enquanto, especulativa[141].

[140] Efetuado com base nos dados do "*Samian Project*" (Allard Mees) disponíveis em < https://www1.rgzm.de/Samian/Home/Frames.htm?IPSInput.cfm> para as olarias itálicas e gálicas.

[141] Ao invés de um aumento na iliteracia ou um decrescer da complexidade interna das olarias, este decréscimo poderia atribuir-se a preferências ou modas. A *terra sigillata* africana apresenta quantidades de marcas de oleiro raquíticas, apesar de disporem dos meios e conhecimentos para as criarem. Para o consumidor, uma saliência no fundo de vasos poderia também não ser profícuo.

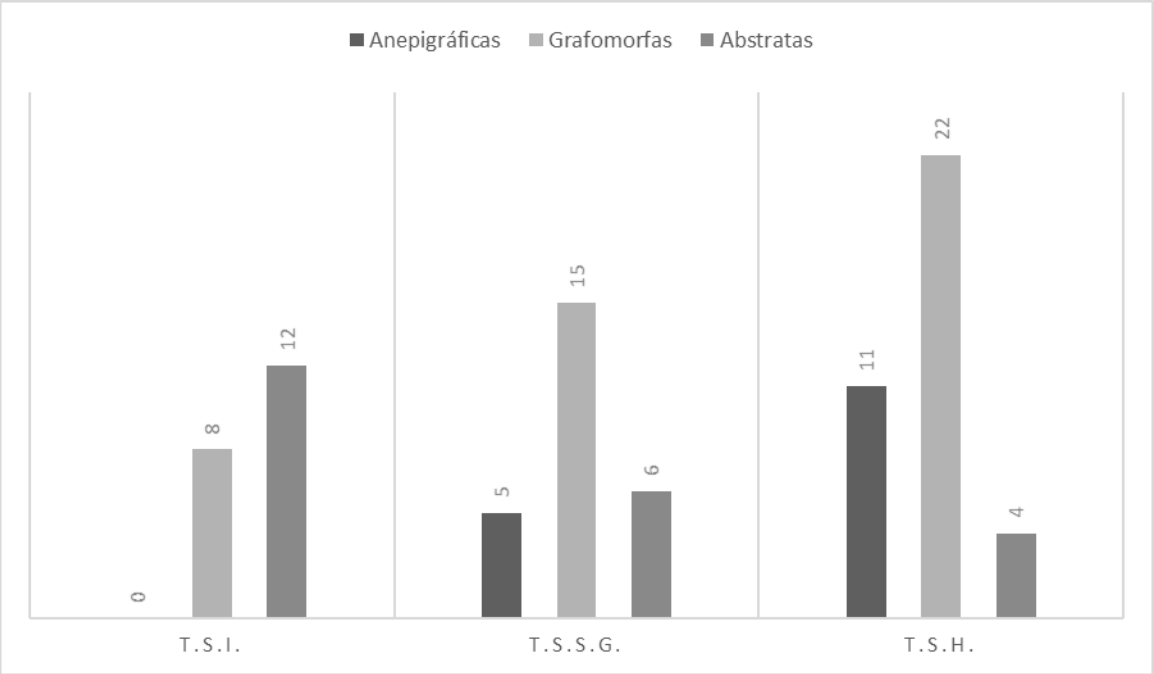


Figura 15: Marcas de oleiro anepigráficas, grafomorfas e abstratas por centro de produção na *Lusitania*

4.3. Uma análise de indicadores económicos conjugados

Tendo fundamentado previamente que o consumo de marcas de oleiro em *terra sigillata* é representativo do consumo de *terra sigillata*, acometamos então a indagação do crescimento económico romano. Ao que alude a georreferenciação quantificada de marcas de oleiro dentro de assentamentos urbanos? Para isto foram analisados os casos de *Olisipo* (Lisboa)[142] e *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha), somando aos casos extrínseco à *Lusitania* previamente publicados - Poitiers (*Pictauium* - Tilhard 2004), Braga (*Bracara Augusta* - Morais 2005)[143] e Paris (*Lutecia* - Hofmann 1986)[144]. Estes dados foram representados graficamente sobre mapas topográficos das cidades ao longo de intervalos de 25 anos, criando uma sequência cronológica do consumo de marcas de oleiro em *terra sigillata*. Estes dados encontram-se no **Anexo V**.

A sua apreciação leva a duas inferências. A primeira é que se constatou um acréscimo da densidade de *terra sigillata* dentro dos assentamentos urbanos. Denotou-

[142] Elaborados com os dados publicados na tese de Rodrigo Banha da Silva (Silva 2013).

[143] Os mapas de Braga foram efetuados pelo autor com base em (Morais 2005)

[144] Os casos foram escolhidos pela sua georreferenciação de achados ao longo das *ciuitas*.

se também uma aparente ampliação das cidades, com fragmentos de *terra sigillata* a surgir fora das muralhas e a dilatar o perímetro dos achados[145]. Isto parece indiciar um crescimento económico intensivo (o densificar de achados), que se deu em paralelo com o crescimento extensivo (o crescimento do perímetro das cidades).

Esta análise não é forçosa, recaindo sobre o problema mencionado no capítulo anterior, de uma falta de representatividade. Estas cidades são todas elas grandes metrópoles, pelo que não puderam ser intervencionadas na sua plenitude, continuando imensos fragmentos subterrados. Mesmo que estas tivessem sido escavadas na íntegra, não se poderia inferir sobre todo o Império Romano a partir destas cinco cidades. Conquanto, isto revela o início de uma tendência, que investigação futura poderá ratificar.

No que toca à ostensiva quebra económica romana, as marcas de oleiro em *terra sigillata* apontam sinais coevos. A quebra comercial de *terra sigillata*[146] parece ocorrer entre o ano 90 e o ano 100 d.C., simultaneamente em todas os conventos jurídicos da *Lusitania.* À primeira vista isto parece apoiar o modelo malthusiano de crescimento económico, sendo que as pressões se começam a sentir entre 80 e 85 d.C. Dá-se então um grande decréscimo, mas gradualmente, até 110-115, quando estabilizam de novo. Ainda assim isto seria ignorar variadíssimos fatores (que iremos levar em conta nos parágrafos que se seguem) bem como a escala temporal em que o modelo malthusiano atua [147].

[145] Exceto onde apenas se estudou os centros das cidades (como *Conimbriga*).

[146] Referimo-nos aqui à quebra comercial no território do Império Romano Ocidental da *terra sigillata* itálica, sudgálica e hispânica.

[147] Sendo esta queda demasiado abrupta para ser devida a pressões malthusianas (Temin 2013).

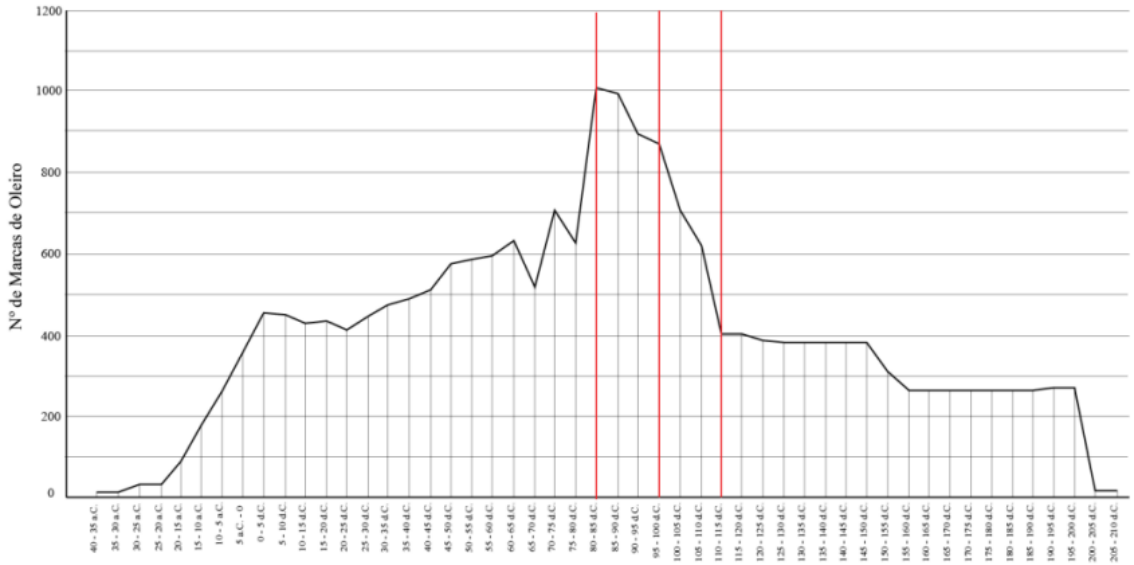


Figura 16: Consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro na *Lusitania*.

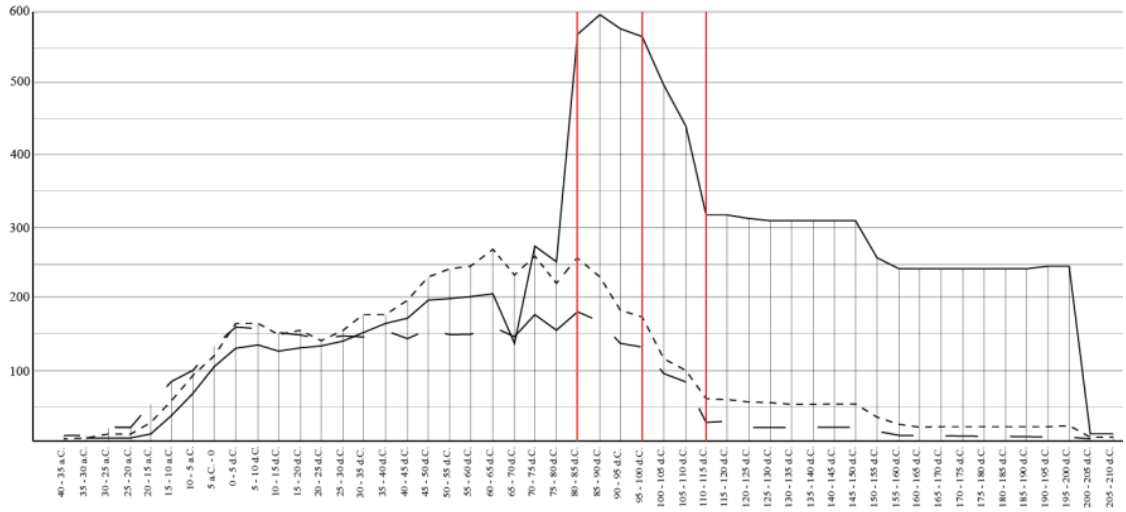


Figura 17 - Comparação entre o consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro nos três conventos jurídicos da *Lusitania* (*Pacensis* a tracejado maior, *scallabitanus* a tracejado menor, *emeritensis* em linha)

A primeira é que a partir de 75-80 d.C. as marcas de *terra sigillata* hispânica são em a maioria. Na *terra sigillata* hispânica, apenas umas minorias dos vasos seriam marcadas, e porque as datações dos oleiros são muito mais largas e imprecisas[148]. Isto pode levar a uma falsa leitura de estabilidade renovada do mercado a partir de 115 d.C., bem como as aparentes diminuições entre 145-150 e 195-200 d.C.[149].

[148] Por o estudo das mesmas estar na sua relativa infância. As datações deste volume foram baseadas em – Bustamante Álvarez 2010.

[149] Isto apesar de as datações atribuídas a oleiros serem, normalmente, mais precisas que as datações atribuídas a formas.

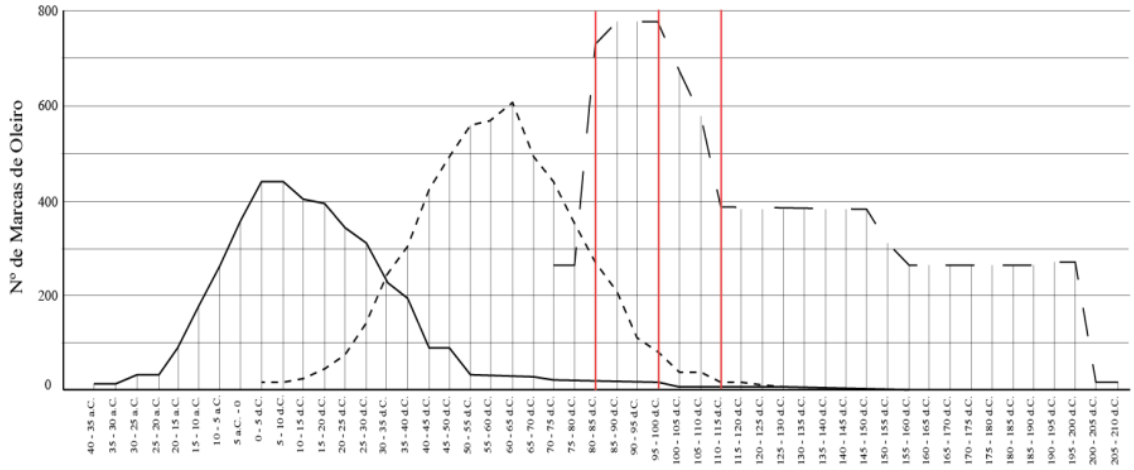


Figura 18 - Evolução do consumo da *terra sigillata* itálica, sudgálica e hispânica, respetivamente, na *Lusitania*.

O segundo problema na análise da curva descendente das marcas de oleiro de *terra sigillata* é que, a partir de 80 d.C. começa a ser importada uma nova variante de *terra sigillata.* A *terra sigillata* hispânica aparenta adquirir primazia no comércio lusitano a partir de 120-150 d.C. Referimo-nos à *terra sigillata* africana[150] (Bonifay 2005; Hayes 1972; Quaresma 2012; entre outros). Este tipo de *terra sigillata* na sua maioria (quase total) não ostenta marcas de oleiro[151], pelo que não foi perscrutada para os propósitos desta tese. Isto leva a que a partir 80 d.C., e mais realisticamente a partir de 150 d.C. (Quaresma 2012, 260), os valores de consumo de *terra sigillata* sejam superiores aos patenteados no gráfico[152]. O resultado é que economicamente, não parecem as marcas de oleiros ser capazes de esclarecer a questão da quebra económica do final do século II d.C., pelos motivos acima discutidos.

Mesmo em casos onde a totalidade da *terra sigillata* é alvo de estudo, esta rutura comercial é constante, normalmente entre 80 – 110 d.C. (Quaresma 2012, 262). Este é um período conturbado da produção de *terra sigillata*, particularmente na Península Ibérica. Na *Gallia*, a colossal olaria de La Graufesenque decai a partir desta data,

[150] Também ocasionalmente denominada de *terra sigillata* clara. Para estudos desta, ver - Hayes 1972; Fentress & Perkins 1988; Bonifay 2004; 2005; Quaresma 2012 entre outros.

[151] Conhecem-se marcas de oleiro para a *terra sigillata* africana, no entanto, totalizam apenas 42 fragmentos em todo o espólio conhecido (Quaresma 2012, 188-9). Tanto quanto é conhecido ao autor, nenhuma foi descoberta na Península Ibérica, nem o autor descobriu nenhuma. Mesmo que tenha escapado alguma, o facto de apenas se conhecerem 42 marcas para o que serão, indubitavelmente centenas de milhares ou mesmo milhões de fragmentos tornaria o seu estudo para o propósito desta tese negligenciável.

[152] A competição entre *terra sigillata* hispânica e *terra sigillata* africana na *Hispania* encontra-se bem documentada em - Quaresma 2012, 260-90.

cessando a sua exportação algures entre 100 e 125 d.C. (Polak 2000), estando este colapso percetível nos diagramas de consumo de *terra sigillata*. Também entre 100 e 110 dão-se remodelações nos centros produtores de *Trittium Magallum* e Andújar, com o desaparecimento de um grande número de oleiros do registo de ambas. Estas granjeiam primazia nos contextos peninsulares, cujo apogeu parece ser também entre 80 – 100 d.C. (Fernández-García & Roumens 1999; Bustamante-Álvarez 2010; Quaresma 2012; Fernández-García 2013).

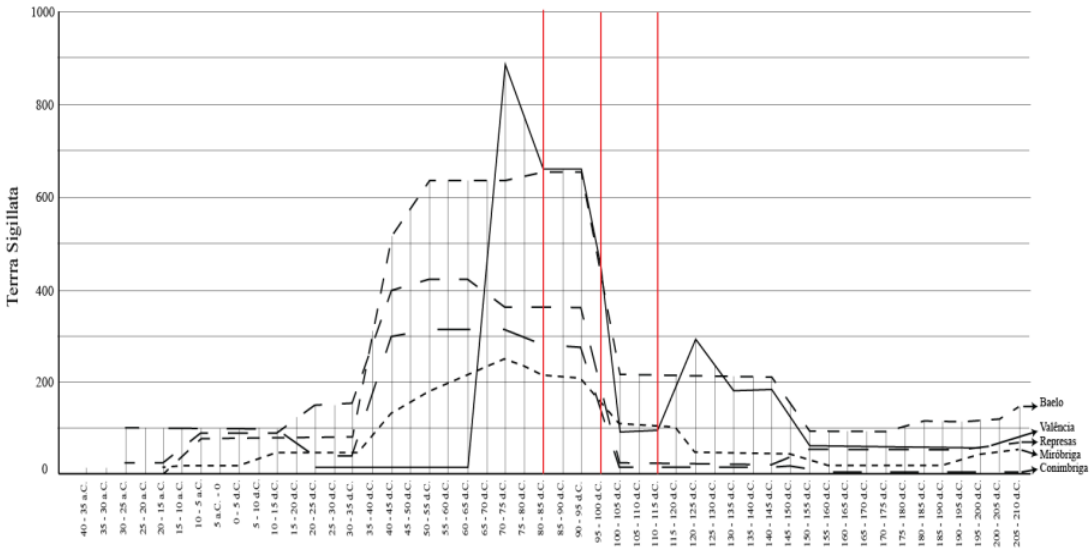


Figura 19: Consumo de *terra sigillata* em diferentes centros de consumo no império.

Com novas olarias a exportar, e La Graufesenque ainda a ser importada em grandes quantidades, a mais credível hipótese para a quebra comercial no mercado de *terra sigillata* parece dever-se a um fenómeno de sobreprodução (Quaresma 2012, 260). Um fenómeno de sobreprodução pode mais facilmente ser compreendido em função do gráfico de procura e oferta, que como estabelecido anteriormente explica os mercados e as suas trocas.

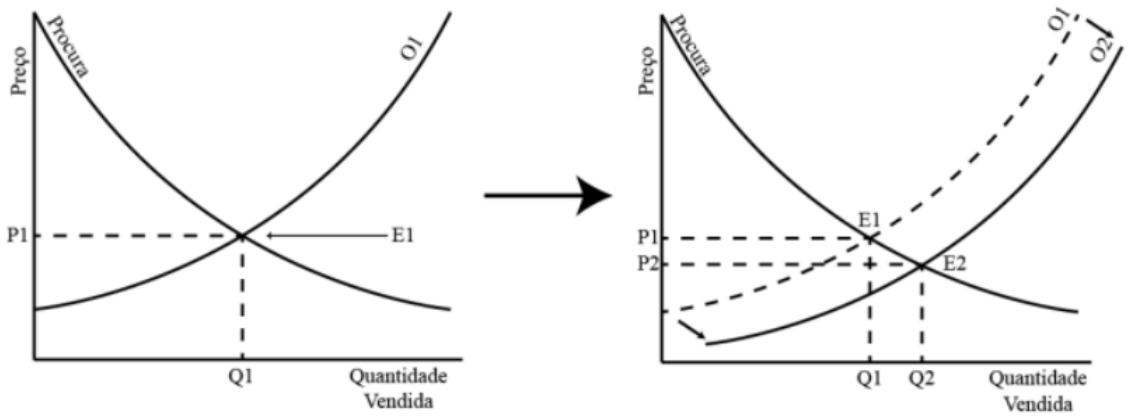


Figura 20: Gráfico de procura e oferta encontrando um novo equilíbrio após um aumento de produção (baseado em Temin, 2013).

Este gráfico de oferta e procura expõe que com um aumento da oferta, mas os mesmos níveis de procura, o preço da *terra sigillata* diminuiria, e a quantidade vendida aumentaria. Isto por si só não germinaria uma crise no setor. O transtorno advém de uma possível baixa elasticidade de procura[153], em que a procura não é alta o suficiente para acompanhar o aumento de oferta, criando o problema supramencionado (Temin 2012, 50-1; Quaresma 2012, 260). Reformulando, sobreprodução ocorre quando um aumento na produção não é acompanhado por um aumento na procura, levando a que a produção tenha excedentes não vendidos e logo a um rombo no setor. Isto pode ser ilustrado na **figura 20**.

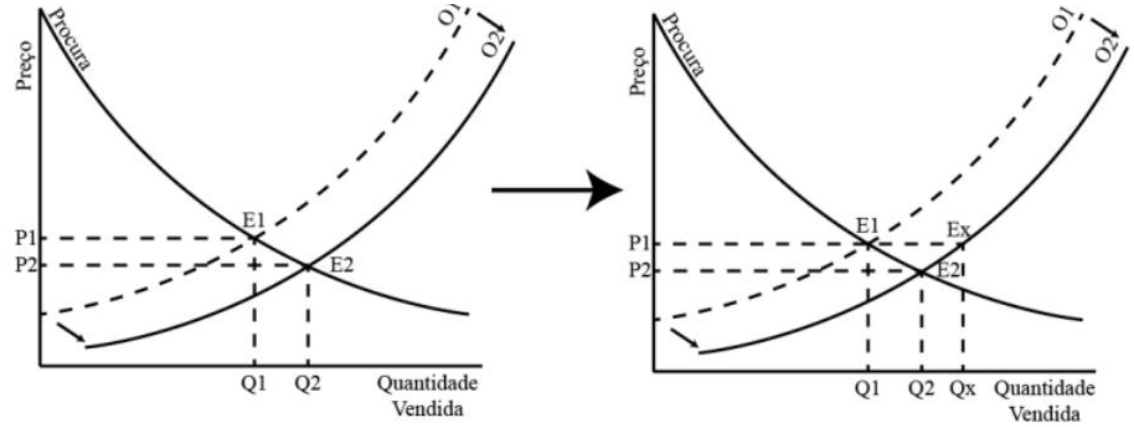


Figura 21: Gráfico de procura e oferta num caso de sobreprodução, em que o preço não flutua com o aumento de produção (baseado em Temin 2013).

[153] Elasticidade de preço é a medida em que a procura de um bem consegue acompanhar as mudanças no preço da mesma. Normalmente esta elasticidade é negativa, pois quanto maior o preço, menor a procura (Browning & Browning 1992, 94–95). Se o preço pedido pelos produtores é superior ao desejado pela procura, o preço dos produtores normalmente descerá para um novo equilíbrio.

Um outro indicador de uma exequível sobreprodução, no que toca as marcas de oleiro, é o minguar da qualidade aparente nas marcas, e a diminuição percentil de vasos com marcas, como ilustrado na **figura 12**. Estes fatores têm já sido estudados, não só no que toca às marcas de oleiro, mas *inclusive* nas pastas, engobes e motivos decorativos (Quaresma 2012, entre outros).

Mas como se compara então, o consumo de marcas de oleiro em *terra sigillata* na *Lusitania*, a outros indicadores económicos, em termos quantitativos? E o que indica isto para a História Económica do Império Romano? Analisemos então o número de naufrágios (Wilson 2009a, 225) e o comprimento do fémur (Jongman 2007, graph. 7)[154] ao longo dos primeiros dois séculos da nossa era, comparando com o número de marcas de oleiro a cada 5 anos[155].

Figura 22: Comparação do número de naufrágios (tracejado menor - Wilson 2009a), comprimento do fémur (tracejado maior - Jongman 2007) e do consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro na *Lusitania*.

Em todos os gráficos denotam-se algumas homogeneidades. A primeira é que as tendências coincidem, com um elevado grau de correlação. Os gráficos parecem subir e descer em alturas e rácios mais ou menos semelhantes. Parece existir uma subida com

[154] O número de naufrágios foi analisado baseado em (Parker 1992) por Wilson, com um intervalo de 20 em 20 anos e recurso a análise de probabilidade aquando de uma datação muito lata do navio (Wilson 2009a, 225). O gráfico de Jongman apresenta um intervalo entre picos de 50 anos, e desconhece-se a amostragem (Jongman 2007).

[155] Estes indicadores são relativamente independentes entre si, não tendo relação direta uns com os outros (tirando talvez os naufrágios e o comércio de *terra sigillata*). No entanto, são os três representativos da economia por si, tanto na capacidade de qualidade de vida (comprimento do fémur e marcas de oleiro) e de comércio a larga distância (naufrágios).

um apogeu de todas as curvas algures entre 45 e 80 d.C., ou seja, entre o principado de Cláudio e a dinastia dos flávios. Com o virar do século começa uma descida acentuada e irreversível nos três indicadores, que parece estabilizar entre o final do principado de Trajano (110 d.C.) e o principado de Antonino Pio (145 d.C.), criando uma estabilidade. Esta estabilidade findaria por volta de 200 d.C. com uma descida abrupta nas marcas de oleiro, bem como uma descida nos naufrágios, ao invés do fémur, que agora cresce. Tanto no comprimento do fémur como no número de navios, o apogeu do século I só seria reproduzido séculos após a queda do Império.

Analisemos então outro conjunto de dados, também anteriormente abordados por vários autores. Refiro-me ao número de moedas em coleções e tesouros (Hopkins 1980, 113)[156] e à poluição de chumbo nas calotes polares, que se forma com a cunhagem de moedas de prata (McConnell et al. 2018, 5729). Nestes vemos dois picos coincidentes. Um dos máximos presente nos três indicadores, entre 65 e 70 d.C., coincide com o principado de Nero, e provavelmente estará relacionado com a primeira desvalorização da moeda de prata. A subsequente queda de moedas e da cunhagem da mesma entre 80 e 100 d.C. pode ter tido algum impacto no fenómeno de sobreprodução que se observa no mercado de *terra sigillata* ocorrendo na mesma altura. Outra vez é aparente um período de estabilidade entre mais ou menos 110 d.C. e 180 d.C. (Quaresma 2012).

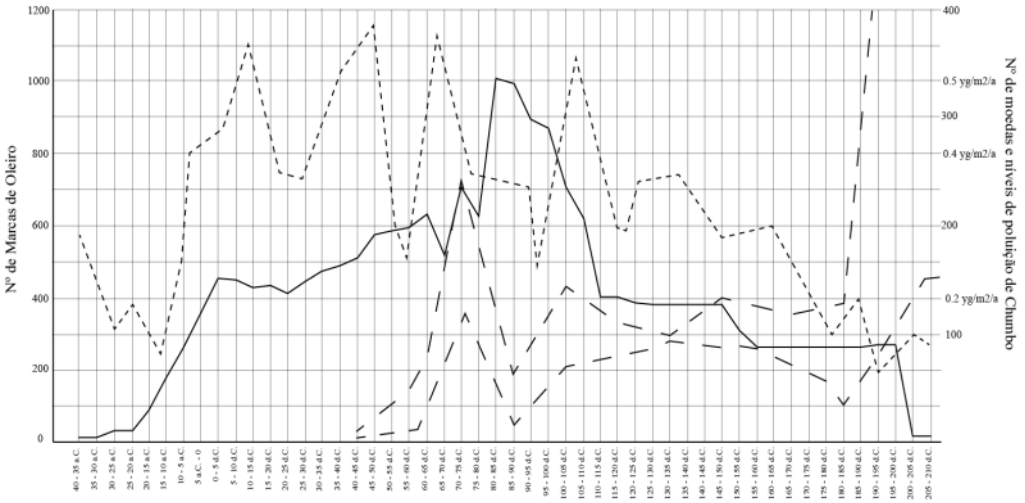


Figura 23: Comparação entre os níveis de poluição de chumbo nas calotes da Gronelândia (tracejado menor - McDonnel et al 2018), do número de moedas no império (máximo e mínimo em tracejado maior - Hopkins 1980) e do consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro na *Lusitania.*

[156] No caso de Hopkins, foram levados em conta os números máximos e mínimos das coleções. No caso da poluição, algum cuidado é necessário com o gráfico. O original tem muito pouca resolução, pelo que podem existir erros. No entanto as tendências mantêm-se.

O movimento a partir de 180 d.C. é interessante. A poluição por chumbo nas calotes polares parece diminuir a pique, não recuperando até à Idade Média. As marcas de oleiro também parecem diminuir a quantidade, bem como noutros gráficos o consumo de *terra sigillata* (Fig. 10). No entanto o número de moedas parece subir a rapidamente. Isto parece coincidir, aproximadamente, com as datas da Peste Antonina e de desvalorizações de moeda no principado de Marco Aurélio (que morre em 181 d.C.). É possível que estes movimentos de desvalorização da moeda[157], que se agravam após o principado de Marco Aurélio, tenham mantido os níveis de poluição de chumbo baixos (pois não seria precisa grandes quantidades de prata para cunhar moeda). O fenómeno da desvalorização gradual da moeda de prata romana é bem conhecido (Jones 1953; McConnell et al. 2018).

A correlação entre os eventos históricos não se pode comprovar, por existir, na vista deste autor, uma insuficiência de dados. No entanto, certamente que existirá alguma correlação entre os eventos históricos e os dados apontados nos gráficos[158].

5. Conclusão e Perspetivas Futuras

A *terra sigillata*, e as marcas de oleiro que se encontram estampadas nos seus fundos internos são estudadas a partir do século XV. A sua investigação passou por várias fases, que diferem de local para local. Em Portugal, estudos de *terra sigillata* ao nível de sítio são comuns no mundo da Arqueologia, mas investigações mais abrangentes, revelando a capacidade de *terra sigillata*, e das suas marcas, enquanto indicador económico são mais raros (Morais 2004; Viegas 2011; Quaresma 2012; Silva 2013, entre outros). No resto do mundo denota-se já a tendência para estudos de cariz mais abrangentes geograficamente, de maneira a aproveitar todo o potencial da *terra sigillata* enquanto indicador económico (Bes 2020, projetos como o R.G.Z.M. e o *Sigilla Ex Hispania*, entre outros).

[157] Ou seja, existia uma menor quantidade de prata em cada moeda, permitindo uma cunhagem de mais moedas. O aumento de moeda numa economia com os mesmos níveis produtivos leva à inflação.

[158] Correlação não é igual a causa.

Após o estudo presencial das marcas de oleiro de *terra sigillata* de *Conimbriga*, e comparando com outros casos lusitanos, foi possível perceber que, se a investigação não revelar dados contraditórios no futuro, *Conimbriga* deveria de ser uma cidade de segundo plano na redistribuição de *terra sigillata* na *Lusitania*. A esta equiparam-se somente a *Olisipo* (Silva 2013) e *Pax Iulia* (Lopes 1996), e apenas *Augusta Emerita*, capital provincial, revela um volume de comércio superior (sendo a única *ciuitas* de primeiro plano) (Mayet 1984; Bustamante Álvarez 2013; entre outros). O consumo de *terra sigillata* de *Conimbriga* é suficientemente diferente de *Olisipo* para dar a entender que *Olisipo* não seria o porto de abastecimento exclusivo de *Conimbriga*, ou que os *procuratores* das duas cidades conduziriam os seus negócios de maneiras diferentes (Silva 2013; Fulford 2018).

O primeiro tipo de *terra sigillata* a ser importado para a *Lusitania* é a *terra sigillata* itálica, desde o início da produção da mesma (c. 40 a.C.). Das *officinae* itálicas destacam-se as de *P. Cornelius* e de *Cn. Ateius*, que pela sua distribuição na província parecem atingir áreas geográficas diferentes, possivelmente devido a intermediários diferentes (Silva 2013). A *terra sigillata* itálica é também a produção menos representativa, com aproximadamente 20% dos fragmentos, dos quais apenas aproximadamente 7% provém das olarias de Arezzo. O pico de consumo dá-se no virar da Era, com um subsequente decair, devido em parte à competição com os grandes centros de produção sudgálicos (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

No final do principado de Tibério, a *terra sigillata* sudgálica toma primazia no quadro das importações da *Lusitania.* A maioria dos vasos sudgálicos provêm do centro de produção de La Graufesenque, cujos produtos representam 33.8% de todos os fragmentos com marcas de oleiro. Os seus produtos atingiriam o seu *floruit* comercial na *Lusitania* com o advento da dinastia flávia. A sua subsequente queda, mais abrupta que a da *terra sigillata* itálica, acompanha provavelmente a quebra nas exportações de La Graufesenque, cujo encerramento se pode dever a uma conjunção de fatores, como falta de recursos materiais, meios de transporte e competição nos seus mercados preferenciais (Polack 2000; Silva 2013; entre outros).

O início da importação de *terra sigillata* hispânica dá-se em meados do século I d.C., como demonstram os contextos cde *Ammaia* (Quaresma 2018, 2021), *Mirobriga* (Quaresma 2012) e Baetulo (Madrid Fernández 1999), entre outros. No entanto, devido a uma falta de contextos pré-flávios preservados e estudados, a sua influência só se faz

sentir por volta de 80 d.C., altura em que as suas importações disparam para níveis elevadíssimos (Bustamante Álvarez 2010; Silva 2013; Quaresma 2018; 2021). De facto, a *terra sigillata* hispânica é o grupo mais bem representada na província, compondo aproximadamente 45.8% de todos os fragmentos.

Ainda que as cronologias dos oleiros de *terra sigillata* hispânica não estejam tão aprimoradas como as das restantes produções, o seu pico de importação parece ser entre 80 e 100 d.C. No entanto, a leitura de uma queda no consumo de *terra sigillata* a partir de 100 pode ser errónea, pois a quantidade de vasos marcados nas olarias hispânicas diminui a partir dessa data (Silva 2013; Fernández Garcia 2019; entre outros). Ao mesmo tempo, inicia-se a importação da *terra sigillata* africana que é desprovida de marcas (Quaresma 2012; 2021; no prelo(a)). De entre os dois centros produtores hispânicos, o mais prolifico é o setentrional, com 40.7% de todas as marcas de oleiro em *terra sigillata*.

Merece especial atenção a *officinae* de *Valerius Paternus*, que sozinha perfaz 8% de todas os fragmentos com marca de oleiro. O seu domínio parece dever-se, em parte, a grande continuidade temporal desta *officinae*, atestada em contextos entre 80 e 200 d.C. (Bustamante Álvarez 2010). É também possível que a sua *officinae* (bem como a de *Lapillius*) tenham absorvido muitas produções de *officinae* setentrionais, descontinuadas por volta de 100 d.C. Mais provável ainda é que os intermediários de *Valerius Paternus* dessem preferência ao território da *Lusitania* para comercializar o seu produto (Linde 1996). Apesar da falta de contextos de produção escavados desincentivar a ideia de existir um possível sucursal deste oleiro, a grande variedade de fabricos nos seus produtos pode ser um indicador dessa realidade.

Os *conuentus* que compõem a *Lusitania* apresentam níveis comerciais diferentes e picos comerciais em alturas diferentes. O *conuentus pacenses* é aquele que tem o menor consumo de *terra sigillata*, mas o que chega ao seu auge mais cedo, devido ao grande peso comercial de *Salacia* e *Pax Iulia* (compreendido através arqueossítio de Represas). A partir do virar da Era, o comércio no *conuentus pacenses* estabiliza, caindo a partir de 90 d.C. O *conuentus scallabitanus* apresenta um apogeu comercial por volta de 50 d.C., maioritariamente devido aos grandes volumes de *terra sigillata* sudgálicas nos dois maiores centros de consumo, *Olisipo* e *Conimbriga*. Destes, apenas *Conimbriga* continua com um aumento no consumo com o advento da *terra sigillata* hispânica e a queda da *terra sigillata* sudgálica. O *conuentus emeritensis* é o que mais

tardiamente alcançou o seu *fluroit*, durante o período flávio. Os grandes centros de consumo deste *conuentus* têm o seu pico entre 80 e 100 d.C., de entre eles destaca-se *Augusta Emerita*, bem como *Ammaia* ou *Capera*. *Augusta Emerita,* até 70 d.C., mantem-se ao nível comercial de *Olisipo*, *Conimbriga* e *Pax Iulia* (em termos de número de marcas de oleiro), mas com o advento da *terra sigillata* hispânica, o seu comércio aumenta para o dobro dos níveis anteriores.

Estas diferenças podem ser um sintoma de Romanização, com o comércio deste produto chegando primeiro às grandes cidades do Sul, depois às cidades costeiras da *Lusitania*, e por último ao interior da Península. No entanto, é necessário ter sempre em conta que a investigação de *terra sigillata* é mais prevalente em certas regiões geográficas, e quase inexistente em outras, podendo levar uma conclusão errônea devido a uma insuficiência de dados ou uma amostragem viciada.

Com a comparação de vários assentamentos foi possível estabelecer quatro estratos de importância no que toca à redistribuição de *terra sigillata*, observando os paradigmas mais recentes na investigação (van Oyen 2015). Em primeiro plano encontra-se *Augusta Emerita*, capital provincial que apresenta o mesmo número de marcas que oleiro de *Olisipo* e *Conimbriga* combinados. Em segundo plano apresentam-se as grandes cidades provinciais – *Olisipo*, *Conimbriga* e *Pax Iulia,* que desempenhariam um papel vital na redistribuição deste produto. Em terceiro lugar estariam as cidades mais modestas, como *Mirobriga*, *Ammaia*, *Scallabis*, *Salacia Imperatoria*, *Ossonoba*, entre outros. Estas podem ter apresentado um comércio constante, mas em menores dimensões (como *Mirobriga*), ou beneficiado apenas inicialmente da sua posição geográfica, sendo rapidamente suplantadas por cidades rivais (como a dicotomia entre *Salacia Imperatoria* e *Olisipo*) (Silva 2013, van Oyen 2015). O quarto estrato destina-se aos assentamentos de cariz rural, de onde merece destaque o caso de Represas, que apresenta um consumo de *terra sigillata* comparável a assentamentos urbanos (Lopes 1996).

Através da comparação entre *ciuitates* e os seus respetivos portos, percebemos que possivelmente os contratos de venda de *terra sigillata* em grandes quantidades, celebrados entre os intermediários e os centros de produção, poderiam ter mais peso na economia do que antes postulado. Primeiramente porque se o comércio de *terra sigillata* fosse oportunista, não faria sentido consumir um produto com um custo de transporte superior a outra de igual qualidade e uso (como acontece em *Augusta*

Emérita, no consumo de *terra sigillata* hispânica, por exemplo). Não faria também sentido que sítios no interior apresentassem maior comércio do que os portos que os abastecem (Fulford 2018).

Isto acontece frequentemente no mercado de *terra sigillata* em geral e encontram-se vários exemplos destes fenómenos na Península Ibérica. Quando combinado com naufrágios cuja carga principal era *terra sigillata* (como Cala Culip IV - Armengol et al. 1989, 202; Nieto & Puig 2001), somos obrigados a ponderar se a compra direta de grandes quantidades de *terra sigillata* não terá sido um dos métodos preferenciais de troca deste produto (Fulford 2018).

Ao nível do Império e da economia imperial, os debates entre as teorias primitivistas e modernistas continuam acesos, tendo agora assentado na diferença entre os tipos de crescimento económicos que se deram durante o Alto Império. Como apontam vários autores, o debate entre Primitivismo e Modernismo, e entre crescimento económico intensivo e extensivo, não pode ser tomado como preto e branco. De facto, o mais provável é que ambos tenham acontecido em diferentes graus (Scheidel 2012, Temin 2013). Grande parte deste debate assenta (e com razão) no estudo de indicadores económicos (Scheidel 2009; Wilson 2009). No entanto até estes são questionáveis, por não serem totalmente infalíveis. É necessário compreender que um indicador económico sozinho não é confiável, mas uma conjunção de indicadores económicos que indiquem realidades semelhantes provavelmente indica um nível de veracidade mais elevado, quanto mais fiáveis forem os indicadores (Scheidel 2009, 2012).

É também necessário ter atenção ao problema da causalidade. Um indicador económico explicita os movimentos de flutuação económica, mas provavelmente não os causa, ou ainda pior, a sua causalidade é incerta. A *terra sigillata*, por exemplo, é um indicador económico que ilumina a capacidade comercial pública e privada, bem como o aumento de capital. No entanto, não podemos assumir que um diminuir nos níveis de *terra sigillata* seja a causa da diminuição do poder de compra, sendo provavelmente um reflexo desta diminuição (Temin 2013).

Algo ubíquo no estudo do Império Romano é a tentativa de descobrir ou apontar causas para eventos. Porque caiu o império romano? Porque parou La Graufesenque de exportar? Como nos lembra Scheidel, no *Cambridge Companion for the Roman Economy* (Scheidel 2012, 15), explicações unilaterais para eventos complexos provavelmente estão erradas. Isto não retira a importância do estudo das causas destes

eventos. Aumenta sim a complexidade deste estudo, criando a necessidade de descobrir todos os fatores contribuintes para um evento, e a ordenar-lhos do mais relevante para o menos relevante (Scheidel 2012).

Em termos de recomendações futuras, estas precisam de ser feitas em três níveis. O primeiro, e mais fundamental, é ao nível de sítio. É necessário aumentar a capacidade de publicação de resultados de escavações empresariais, urbanas e rurais. Estas publicações deveriam incluir o registo e estudo de materiais. Obviamente este pedido é, de momento, utópico. Especialmente quando em Lisboa há centenas de trabalhos arqueológicos por ano. No entanto, como qualquer arqueólogo observará, a salvaguarda de testemunhos arqueológicos passa pelo seu estudo e publicação. O objetivo da arqueologia é a produção de conhecimento histórico, e a divulgação deste conhecimento essencial.

O primeiro nível liga-se ao segundo, que trata da investigação suprarregional, de vários sítios. Ao longo das publicações sobre a Economia Romana, a necessidade de levantamentos exaustivos de grandes zonas geográficas tem vindo a ser apontado como uma das maiores necessidades para a investigação. Projetos recentes têm sido iniciados e levados a cabo com estes parâmetros, especialmente no departamento da cerâmica. No entanto, os investigadores destes projetos não podem ir a todos os repositórios, nem investigar todos os sítios presencialmente. Se os sítios estiverem bem publicados e divulgados, esta investigação suprarregional será em muito facilitada.

A recomendação de interdisciplinaridade é ubíqua. Vale a pena apontar que a interdisciplinaridade não deveria de ser somente entre a Arqueologia e outras ciências exatas, ainda que o contributo destas seja de uma importância extrema. No entanto, outras Ciências Sociais e Humanas também podem beneficiar em imenso a análise e divulgação de Arqueologia. Isto é demonstrado nos contributos de Peter Temin e Scheidel para a Economia Romana, que não seriam possíveis sem os seus conhecimentos das disciplinas de Economia e História. Outro exemplo é a capacidade de análise de dados que uma base de dados como a do "*Samian Ware*" permite. Esta teria sido impossível sem o largo conhecimento na área de programação do Dr. Allard Mees.

Por fim, a esperança do autor, e talvez o principal objetivo desta dissertação, é que ela sirva de ponto de partida para análises semelhantes. O estudo da sociedade romana, e da sua evolução ao longo do tempo pode auxiliar a descoberta de padrões

pertinentes à nossa própria era, e mesmo a nós próprios enquanto indivíduos, como afirma Scheidel, em "*The Cambridge Companion to the Roman Economy*" (2012).

BIBLIOGRAFIA

Alarcão, Adília. 1960. ‘Algumas Peças de «*terra Sigillata*»: Na Secção Arqueológica Do Paço Ducal de Vila Viçosa’. *Conimbriga* II–III: 1–23.

Alarcão, Adília. 1971a. ‘A “*Terra Sigillata*” Itálica Em Portugal’. In *Actas Do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 421–32. Coimbra: Junta Nacional de Educação.

Alarcão, Adília. 1971b. ‘“*Terra Sigillata*” Do Museu Machado de Castro’. *Conimbriga* 10: 45–78.

Alarcão, Adília. 1971c. ‘*Terra sigillata* itálica em Portugal’. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 421–32. Coimbra: Junta Nacional de Educação.

Alarcão, Jorge. 1988. *O Domínio Romano Em Portugal*. Portugal: Mem-Martins: Publicações Europa-America.

Alarcão, Jorge. 2010. *As Casas Da Zona B de Conimbriga*. Coimbra: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.

Alarcão, Jorge, Pedro Carvalho & Ana Gonçalves. 2010. *Castelo de Lousa - Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*. STVDIA LVSITANA 5. Museu Nacional de Arte Romano.

Alarcão, Jorge, A. Mayet & Jeannette Nolen. 1989. *Ruínas de Conimbriga*. Roteiros Da Arqueologia Portuguesa 2. Lisboa: IPPC.

Alcón, Jaime. 2001. ‘Sellos de Alfarero En Terra Sigillata Procedentes de Cáparra (Cáceres)’. *Revista Alcántara* 52: 17.

Almagro, Martin. 1955. *Las Necrópolis de Ampurias Ii, Necrópolis Romanas y Necrópolis Indígenas*. Barcelona.

Almagro, Martin & Nino Lamboglia. 1959. ‘La Estratigrafia Del Decumano A de Ampurias.’ In *Ampurias*, 1–24. XXI. Barcelona.

Almeida, Fernando. 1964. *Ruínas de Miróbriga Dos Célticos (Santiago Do Cacém)*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.

Almeida, Rui & Fernando Sánchez Hidalgo. 2013. Las ánforas del Cuartel de Hernán Cortés. Nuevos datos para el estúdio de la importación y consumo en Augusta Emerita. In *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia. Actas do 2º*

congresso da SECAH. 49-58. Monografias Ex Officina Hispana (2). Braga. Março de 2013.

Alves, Catarina. 2014. 'Os Castella Do Baixo Alentejo. O Caso Do Monte Manuel Galo'. *CIRA-Arqueologia* 3 (Atas-Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo): 385–403.

Amaro, Clementino & Eurico Sepúlveda. 2007. 'Casa Dos Bicos 25 Anos Depois, Marcas de Oleiro Em Terra Sigillata'. *Al-Madan Online* 15.

Arcelin, Patrice & Marie Tuffreau-Libre. 1998. 'La Quantification Des Céramiques. Conditions et Protocole'. *Bibracte*, Actes de la table rode du centre archaéologoque européen du Mont Beauvray, 2: 157.

Armengol, Anna, Antònia Exposito, Anna Griessenberger, Marcel Hamelink, Sergi Martí, Albert Menendez, Hug Miquel, Javier Prieto & Pere Tugas. 1989. *Excavacions arqueològiques subaquàtiques a Cala Culip*. 9 vols. Sèrie Monogràfica 9. Girona: Centre d'Investigacions Arqueològiques de Girona.

Arnaud, Pascal. 2005. *Les Routes de La Navigation Antique. Itinéraires En Méditerranée*. Paris: Editions Errance.

Arnold, Élise. 2015. 'Trois Lots de Sigillée de La Graufesenque Découverts Dans Le Port d'Hispalis (Séville, Espagne): Nouvelles Perspectives de Recherche Pour Sa Diffusion et l'évolution de Sa Consommation En Bétique'. In *SFECAG*, 411–33. Sevilha: SFECAG.

Arruda, Ana Margarida & Ana Dias. 1985. 'O Sítio Romano-Árabe Da Lezíria: 1. A *Terra Sigillata* Itálica e Sudgálica'. *Conimbriga* XXIV: 11–124.

Arruda, Ana Margarida & Íris Dias. 2018. 'A Terra Sigillata Itálica de Monte Molião, Lagos, Portugal'. *Portugalia: Revista de Arqueologia Do Departamento de Ciências e Técnicas Do Património Da Faculdade de Letras Da Universidade Do Porto* 39: 159–78. https://doi.org/10.21747/09714290/port39a4.

Arthur, Lourdes. 1955. 'Uma Taça de *Terra Sigillata* Do Museu de Alcácer Do Sal (Portugal)'. In *III Congreso Nacional de Arqueología*, III:552–54. Zaragoza: Institución Fernando, el Católico. Diputación Provincial [de] Zaragoza.

Artur, Maria. 1983. 'Merobriga. Santiago Do Cacém (Portugal)'. *Caesaraugusta* 57 (8): 51–109.

Baltasar, Luís. 1985. ‘Marcas de Oleiro Em “*Terra Sigillata*” Provenientes de Tróia (Setúbal)’. *Al-Madan* Iª (4–5): 14–16.

Bang, Peter. 2002. ‘Romans and Mughals. Economic Integration in a Tributary Empire’. In *The Transformation of Economic Life Under the Roman Empire*, 2:1–27. Amestardão: J.C. Gieben.

Barbosa, Ernani. 1970. ‘Notícia de Alguns Achados Romanos No Concelho de Alenquer’. In *Actas e Memórias Do I Congresso Nacional de Arqueologia*, II:27–33. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.

Barcelo, Juan & Igor Bogdanovic, eds. 2015. *Mathematics and Archaeology*. U.S.A.: Taylor & Francis Group - Routledge.

Barreira, José. 2013. *O Desenho na Arqueologia*. II. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia.

Bázquez, José. 1968. *Cáparra III*. Excavaciones Arqueologicas En España 67. Madrid: Ministerio de Educacion y Ciencia.

Beirão, Caetano, Luisa Dias, Carlos Silva, Antónia Soares & Joaquina Soares. 1980. ‘Escavações Arqueológicas No Castelo de Alcácer Do Sal (Campanha de 1979).’ *Setúbal Arqueológica* VI–VII: 149–218.

Bémont, Colette. 1976. *Recherches Méthodologiques Sur La Céramique Sigillée: Les Vases Estampillés de Glanum*. Rome.

Bémont, Colette & Jean-Paul Jacob. 1986. *La Terre Sigillée Gallo-Romaine, Lieux de Production Du Haut-Empire. Implantations, Produits, Relation.* Documents d’Archéologie Française 6. Paris: Centre National pour la Recherche Scientifique.

Bes, Philip. 2015. *Once upon a Time in the East. The Chronological and Geographical Distribution of Terra Sigillata and Red Slip Ware in the Roman East*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 6. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd.

Bicho, Nuno. 2006. *Manuel de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa. Edições 70. ISBN 978-972-7716-39-7

Blanchet, Witness. 1989. ‘The Ceramic Workshops of Roman Gaul’. In *Acts of the National Congress of Learned Societies*, 13–29. England: National Congress of Learned Societies.

Blois, Lukas & John Rich, eds. 2002. *The Transformation of Economic Life under the Roman Empire. Proceedings of the Second Workshop of the International Network Impact of Empire (Roman Empire, c.200 B.C. – AD 476)*. Amesterdam: J. C. Gieben.

Bolila, Catarina. 2011. ‘A Terra Sigillata de Tipo Itálico Da Praça Da Figueira (Lisboa)’. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Bombico, Sónia. 2017. ‘Economia Maritíma Da Lusitânia Romana: Exportação e Circulação de Bens Alimentares’. Dissertação de Doutoramento, Évora: Universidade de Évora.

Bonifay, Michel. 2004. *Études Sur La Céramiques Romaine Tardive d’Afrique*. BAR International Series. Oxford: Oxford University Press.

Bonifay, Michel. 2005. ‘Observations Sur La Diffusion Des Céramiques Africaines En Méditerranée Orientale Durant l’Antiquité Tardive’. *Mélanges Jean-Pierre Sodini, Travaux et Mémoires* 15: 565–81.

Bowman, Alan & Andrew Wilson. 2009. *Quantifying the Roman Economy: Methods and Problems*. Oxford Studies on the Roman Economy. Oxford: Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199562596.001.0001.

Bowman, Alan & Andrew Wilson. 2013. *The Roman Agricultural Economy. Organization, Investment and Production*. Oxford Studies on the Roman Economy 5. Oxford: Oxford University Press.

Bowman, Alan & Andrew Wilson. 2017. *Trade, Commerce, and the State in the Roman World.* Oxford Studies on the Roman Economy 7. Oxford: Oxford University Press.

Brentchaloff, Daniel. 1982. *Catalogue Sigillographique Des Fouilles Du Quartier de Villeneuve à Fréjus*.

Browning, Edgar & Jacquelene Browning. 1992. *Microeconomic Theory and Applications*. 4ª. Nova Iorque: Harper Collins.

Bugalhão, Jacinta, Ana Margarida Arruda, Elisa Sousa & Cidália Duarte. 2013. 'Uma Necrópole Na Praia: O Cemitério Romano Do Núcleo Arqueológico Da Rua Dos Correeiros (Lisboa'. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 16: 243–57.

Buruaga, Jose, Jose Martinez & Francisco-Germán Martin. 1992. *La Casa Romana de 'El Pomar'. Jerez de Los Caballeros (Badajoz)*. Cuadernos Emeritenses 4. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.

Bustamante Álvarez, Macarena. 2009. 'La Terra Sigilla Gálica en Augusta Emerita (Mérida, Badajoz)'. *Saguntum (P.L.A.V.)* 41: 149–74.

Bustamante Álvarez, Macarena. 2013. 'Terra Sigillata Hispánica en Augusta Emerita (Mérida, Badajoz). Valoración tipocronológica a partir de los vertederos del subúrbio Norte'. Dissertação de Doutoramento, Cádiz: Universidad de Cádiz.

Bustamante Álvarez, Macarena. 2014a. 'Contextos Augusteos En Augusta Emerita'. *Lvcentvm* XXXIII: 137–50. https://doi.org/10.14198/LVCENTVM2014.33.08.

Bustamante Álvarez, Macarena. 2014b. 'Los Contextos Altoimperiales de Augusta Emerita. Una Visión Diacrónica Del Comercio Cerámico En El Siglo I d.C.' In *Contextos Cerámicos de Época Altoimperial En El Mediterráneo Occidental*, 393–428. Barcelona: Universitat de Barcelona.

Caeiro, José. 1976. 'Marcas de Oleiro Em "Terra Sigillata" Itálica Do Castelo Das Guerras (Moura)'. *Setúbal Arqueológica* 2–3: 419–22.

Caeiro, José. 1979. 'O Espólio Arqueológico Da Herdade Do Reguengo (Vaiamonte)'. *Conimbriga* XVIII: 113–20.

Cagnat, René. 1899. *Musées et Collections Archéologiques de l'Algérie et de La Tunisie, Deuxième Série: Musée Lavigerie de Saint-Louis de Carthage Ii*. Musées et Collections Archéologiques de l'Algérie et de La Tunisie 2. Paris.

Calderón Fraile, Maria Nieves. 2002. 'Sobre Ánforas Romanas Halladas En Mérida'. *Memoria* 6: 360–70.

Camodeca, Giuseppe. 2005. 'Graffito Com Conto Di Infornata Di Sigillata Tardoitalica Da Isola Di Migliarino (Pisa)'. In *Territorio e Produzione Ceramiche. Paisagi, Economia e Società in Età Romana*, 207–16. Intrumenta 2. Pisa: Edizioni Plus, Pisa University Press.

Carneiro, André. 2004. *Povoamento Romano No Actual Concelho de Fronteira*. Cascais: Colibri: Câmara Municipal de Fronteira.

Carneiro, André & Eurico Sepúlveda. 2011. 'Marcas de Oleiro Em *Terra Sigillata* Exumadas No Actual Concelho de Fronteira. Um Indicador Fiável de Trocas Comerciais?' In *Arqueologia Do Norte Alentejano – Comunicações Das 3ª Jornadas*, 203–21. Lisboa: Edições Colibri.

Carvalho, Pedro. 2009. 'O *Fórum* dos *Igaeditani* e os primeiros tempos da *Ciuitas Igaeditanorvm* (Idanha-a-Velha, Portugal)'. *Archivo Español de Arqueología* 82: 115–31. https://doi.org/10.3989/aespa.082.009.005.

Coelho, Filipe. 2016. 'O Sítio Arqueológico de *Conimbriga*. Proposta de Um Novo Museu'. Dissertação de Mestrado, Coimbra: Universidade de Coimbra.

Comfort, Howard. 1961. *Notes and Rubbings Made on a European Tour in 1961*.

Correia, Virgílio Hipólito. 2010. 'O Fórum de *Conimbriga* e a Evolução Do Centro Urbano'. In *STVDIA LUSITANA - Cidade e Foro Na Lusitânia Romana*, 89–105. 4. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.

Correia, Virgílio Hipólito. 2014. 'The Houses of *Conimbriga* (Prov. Lusitania, Portugal): Roman and Pre-Roman Urbanism'. In *Proceedings XVIIIth International Congress of Classical Archaeology*, II:1111–15. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.

Cunha, Cassilda. 2009. 'As Cerâmicas *Sigillatae* de *Conimbriga*: Estudo de Um Conjunto Inédito'. Dissertação de Mestrado, Porto: Universidade do Porto.

Dannell, Geoffrey. 2002. 'Law and Pratice: Further Thoughts on the Organization of the Potteries at La Graufesenque'. In *Céramiques de La Graufesenque et Autres Produtions D´époque Romaine - Nouvelles Recherches - Hommages à Bettina Hoffman*, 211–42. Archéologie et Histoire Romaine 7. Milan: Éditions Monique Mergoil.

Déchelette, Joseph. 1904. *The Ornate Ceramic Vases of Roman Gaul (Narbonnaise, Aquitaine and Lyonnaise)*. Paris: Alphonse Picard and Son.

Dias, Luísa. 1976. 'Terra sigillata de Miróbriga'. *Setúbal Arqueológica* II (3): 361–410.

Dias, Luísa. 1978. ‘As Marcas de “*Terra Sigillata*” Do Castelo de Alcácer Do Sal’. *Setúbal Arqueológica* IV: 145–54.

Dias, Vitor & José Quaresma. 2015. ‘Um contexto do segundo quartel do século II: A vala do estacionamento de *Ammaia*, São Salvador de Aramenha, Marvão’. In *Contextos Estratigráficos na Lusitania (Do Alto Império à Antiguidade Tardia*, 85–105. Monografias AAP 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Diogo, António. 1980a. *Cerâmica Romana de Alcácer Do Sal*. Lisboa.

Diogo, António. 1980b. *Marcas de terra sigillata itálica em Portugal*. Vol. 1. 2 vols. Lisboa.

Diogo, António. 1980c. ‘Marcas de *Terra Sigillata* “Itálica” Em Portugal’. Dissertação de Licenciatura, Lisboa: Universidade de Lisboa.

Diogo, António. 1980d. *Marcas de terra sigillata sudgálica em Portugal*. Vol. 2. 2 vols. Lisboa.

Diogo, António. 1981. ‘Marcas de *Terra Sigillata* “Sudgálica” Em Portugal’. Dissertação de Licenciatura, Lisboa: Universidade de Lisboa.

Diogo, António. 1982. ‘Mais Algumas Marcas de *Terra Sigillata* Itálica de Alcácer Do Sal’. *Arqueologia* 6: 82–86.

Diogo, António. 1985. ‘Algumas Notas Sobre a “*Terra Sigillata*” Em Território Português’. *Pyrenae* 1 (21): 141–49.

Diogo, António & João Catarino. 1999. *Materiais Da ‘Villa’ Romana de S. Miguel Da Golegã*. Golegã: Câmara Municipal da Golegã.

Diogo, António, Laura Trindade & João Costa. 1997. ‘Marcas de *Sigillata* Provenientes de Sines’. *Vipasca* 6: 115–18.

Dostoyevsky, Fyodor. 1879. *The Brothers Karamazov*. David McDuff (Trans.). Londres. Penguin Classics. ISBN 9780140449242

Dragendorff, Hans. 1896. ‘Terra Sigillata’. In *Bonner Jahrbücher*, 18–155. Bonner Jahrbücher 96/97. Alemanha.

Duncan-Jones, Robert. 1974. *The Economy of the Roman Empire. Quantitative Studies*.

Encarnação, José, Marisol Ferreira & Eurico Sepúlveda. 2019. ‘Grafitos de Alcácer do Sal’. In *Ficheiro Epigráfico da Universidade de Coimbra*. 193. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Etienne, Robert, Jorge Alarcão & Françoise Mayet. 1976. *Fouilles de Conimbriga*. VIII vols. Coimbra: Paris Diffusion E. de Boccard.

Étienne, Robert, Yasmine Makaroun & Françoise Mayet. 1994. *Un Grand Complexe Industriel a Tróia (Portugal)*. Paris: De Boccard.

Étienne, Robert, Françoise Mayet & Jorge Alarcão. 1990. *Les villas romaines de São Cucufate*. Paris: Paris E. de Boccard.

Ettlinger, Elisabeth. 2002. *Conspetus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confetae*. Materialen Zur Romisch Germanischen Keramik 10. Bonn: Habelt GMBH.

Faria, João, Marisol Ferreira & António Diogo. 1987. ‘Marcas de Terra Sigillata Em Alcácer Do Sal’. *Conimbriga* XXVI: 61–76.

Feio, Jorge. 2006. *A ocupação em torno de Alvalade: novos dados*. in www.alvalade.info [Consultado 20.06.2010]

Fentress, Elisabeth & Phil Perkins. 1988. ‘Counting African Red Slip Ware’. In *L’Africa Romana. Atti Del V Convegno Di Studio. Sassari*, 205–14.

Fentress, Elizabeth, ed. 2000. *Romanization and the City: Creation, Transformations, and Failures: Proceedings of a Conference Held at the American Academy in Rome to Celebrate the 50th Anniversary of the Excavations at Cosa, 14 - 16 May, 1998*. Vol. 38. Journal of Roman Archaeology Supplementary Series. Portsmouth, RI: Journal of Roman Archaeology.

Fentress, Elizabeth, Sergio Fontana, Robert Hitchner & Phil Perkins. 2004. ‘Accounting for ARS: Fineware and Sites in Sicily and Africa’. In *Side-by-Side Survey*, 147–62. Oxford.

Fernandes, Lídia & Eurico Sepúlveda. 2009. ‘As Marcas Em Terra Sigillata de Tipo Itálico Do Teatro Romano de Lisboa (Campanhas de 2005/2006)’. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12 (1): 139–68.

Fernández García, Maria Isabel. 2019. ‘La Terra Sigillata Hispánica de Los Villares de Andújar y Su Materialización En Los Centros Receptores’. In *La Cerámica de Mesa Romana En Sus Ámbitos de Uso - Terra Sigillata Hispánica*, I:16–63. Andújar: Ayuntamiento de Andújar.

Fernández-García, Maria Isabel. 2013. *Una Aproximación a Isturgi Romana: El complejo alfarero de los villares de Andújar, Jaén, España*. Roma: Edizioni Quasar di Severino Tognon.

Fernández García, Maria Isabel & Mercedes Roumens. 2008. ‘Producciones de Terra Sigillata Hispánica’. In *Cerámicas Hispanorromanas. Un Estado de La Cuestión.*, 307–32. Rei Cretariae Romanae Fautores, XXVI. Cádiz: Universidad de Cádiz.

Fernández García, Maria Isabel, Mercedes Pérez, Genoveva León, Juan José Morales, Antonio Parrondo & José Manuel Robles. 1997. ‘Isturgi Romana y Su Territorio. La Producción de Terra Sigillata y Su Difusión. Resultados de La Producción Arqueológica Superficial En El Yacimiento de Los Villares de Andújar y Su Entorno (1996)’. In *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 145–50. II - Actividades Sistemáticas y Pontuales. Andaluzia.

Fernández García, Maria Isabel & Mercedes Roumens. 1999. *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Málaga: Universidad de Málaga.

Fernández Miranda, Maria. 1970. ‘Cerámica Sigillata Hispánica En Mérida’. In *XI Congresso Nacional de Arqueología*, 811–14. Zaragoza.

Ferreira, Marisol, Vanessa Mata & Eurico Sepúlveda. 2014. ‘O Espólio Da Encosta Do Lado Ocidental Do Castelo de Alcácer Do Sal (LOCAS) Alentejo, Portugal. A Terra Sigillata de Tipo Itálico Decorada e Marcas de Oleiro II (Um Projecto de João Carlos Faria).’ *História Antigua* Espacio, Tiempo y Forma (II).

Ferreira, Octávio da Veiga & Ruy Andrade. 1964. ‘Algumas Marcas de Oleiro Em “Terra Sigillata” de Vipasca, Aljustrel.’ *Revista de Guimarães* 70: 317–22.

Ferreira, Seomara. 1969. ‘Marcas de Oleiro Em Território Português’. *O Arqueólogo Português* 3 (3): 191–177.

Finley, Moses. 1986. *A Economia Antiga*. Porto: Edições Afrontamento.

Flohr, Miko & Andrew Wilson. 2016. *Urban Craftsmen and Traders in the Roman World.* Oxford Studies on the Roman Economy 6. Oxford: Oxford University Press.

Fonseca, Cristovão. 2004. 'A Terra Sigillata Do Fundeadouro de Tróia'. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7 (1): 421–49.

Fulford, Michael. 2018. 'Procurators' Business? Gallo-Roman Sigillata in Britain in the Second and Third Centuries AD'. In *Trade, Commerce, and the State in the Roman World*, 1st ed., 301–26. Oxford Studies on the Roman Economy 15. Oxford: Oxford University Press.

Gadanho, André. 2020. 'Consumo de cerâmicas finas e suas imitações, vidros, e ânforas no sítio romano da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão) - análise tipológica e estratigráfica'. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. https://fcsh-unl.academia.edu/Andr%C3%A9Gadanho/Master-Thesis.

Gamito, Maria & Maria Maia. 1976. 'Um Prato Da Oficina de Cn. Ateius Achado Em Faro.' *Anais Do Município de Faro* 6: 147–58.

Garabito Gomez, Tomas. 1978. *Los Alfares Romanos Riojanos. Produccion y Comercializacion*. Vol. XVI. Bibliotheca Praehistorica Hispania. Madrid: Universidad de Valladolid.

Garozzo, Bruno. 2000. 'Nuovi Dati Sull´instrumentum Domesticum Bollato- Anfore e Laterizi- Del Palermitano'. In *Atti Dei Quarte Giornate Internazionale Di Studi Sull´area Elima*, 1:557–683. Pisa: Scuola Normale Superiori di Pisa, Laboratorio di Storia, Archeologia e Topografia del Mondo Antico.

Gassner, Verena & Maria Trapichler. 2012. 'Pottery Production in the Bay of Naples. Problems, History of Research and Current Strategies'. *F.A.C.E.M.* http://www.facem.at/projectpapers.php.

Gauch, Hugh. 2003. *Scientific Method in Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.

Genin, Martine, ed. 2007. *La Graufesenque (Millau, Aveyron)*. III vols. Études d'Archéologie Urbaine. Aquitania: Éditions de la Fédération Aquitania.

Gibbon, Edward. 1776. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Londres: Strahan & Cadell.

Gomes, Liliana. 2012. 'A Faculdade de Letras Da Universidade de Coimbra e Conimbriga (1911-1962): Um Contributo Para a Memória Dos Trabalhos de Exploração e Escavação Arqueológicos'. *Boletim Do Arquivo Da Universidade de Coimbra* XXV: 215–36.

Goudineau, Christian. 1968. *La Céramique Arétine Lisse – Fouilles de L´École Française à Bolsena (Poggio Moscini), 1962-67*. Mélanges de L´École Fraçaise de Rome 4. Paris: École Française de Rome.

Guerrini, Claudia & Loredana Mancini. 2007. 'La Cerámica Di Età Romana'. In *Introduzione Allo Studio Della Cerámica in Archeologia*, 197–234. Siena: Dipartimento di Archeologia e Storia delle Arti, Universitá di Siena.

Guéry, Roger 1972. 'Révision Des Marques de Poitiers Sur Terra Sigillata Découvertes En Algérie et Figurant Au Corpus Inscriptionum Latinarum.' *Antiquités Africaines* 6: 175–218.

Harper, Kyle. 2016. 'People, Plagues, and Prices in the Roman World: The Evidence from Egypt'. *The Journal of Economic History* 76 (3): 803–39. https://doi.org/10.1017/S0022050716000826.

Harris, William. 2009. 'A Coment on Andrew Wilson: Approaches to Quantifying Roman Trade'. In *Quantifying the Roman Economy: Methods and Problems*, 259–68. Oxford Studies on the Roman Economy. Oxford: Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199562596.001.0001.

Hartley, Brian; Brenda Dickinson; Geoffrey Dannell; Michael Fulford; Allard Mees; Paul Tyers & Rachel Wilkinson. *Names on Terra Sigillata. An Index of Makers' Stamps & Signatures on Gallo-Roman Terra Sigillata (Samian Ware).* Institute of Classical Studies 102, London 2008.

Hawkes, Christopher & Mark Hull. 1939. *Camulodunum. First Report on the Excavations at Colchester*. Oxford.

Hayes, John. 1972. *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.

Hayes, John. 1973. 'Roman Pottery from the South Stoa at Corinth'. *Hesperia* 42: 416–70.

Hayes, John. 1997. *A Handbook of Mediterranean Roman Pottery*. Londres: British Museum Press.

Head, Tom, ed. 2017. *World History 101: From Ancient Mesopotamia and the Viking Conquests to NATO and WikiLeaks, an Essential Primer on World History*. New York: Simon and Schuster.

Hermet, Frédéric. 1934. *La Graufesenque*. 2 vols. Paros: Librairie Ernest Leroux.

Hofmann, Bernard. 1986. *La Ceramique Sigillée.* Paris: Editions Errance.

Hopkins, Keith. 1980. 'Taxes and Trade in the Roman Empire (200 B.C.-A.D. 400)'. *The Journal of Roman Studies* 70: 101–25. https://doi.org/10.2307/299558.

Horden, Peregrine & Nicholas Purcell. 2000. *The Corrupting Sea. A Study of Mediterranean History*. Londres: Blackwell Publishing.

Jiménez Marzo, Marc 2008. 'Estudio Preliminar de Los Restos Arqueológicos Hallados En El Palacio de Mayorazgo de Cáceres En La Campaña 2001-2002'. In *Arqueología Urbana En Cáceres. Intervenciones Recientes En La Ciudad de Cáceres y Su Entorno*, 175–233. Cáceres.

Jodin, André. 1967. *Les Établissements Du Roi Juba II Aux Iles Purpuraires (Mogador)*. Tanger.

Jongman, Willem. 2007. 'Gibbon Was Right: The Decline and Fall of the Roman Economy'. In *Crises and the Roman Empire*, 183–99. Leiden, The Netherlands: Brill. https://doi.org/10.1163/ej.9789004160507.i-448.38.

Jones, Arnold H. M. 1953. 'Inflation under the Roman Empire'. *The Economic History Review*, New Series, 5 (3): 293–318.

Kadous, Ezzat 1988. 'Die Terra Sigillata in Alexandria'. Dissertação de Doutoramento, Trier: Universität Trier.

Kenrick, Philip. 2005. 'Italian Sigillata: The View from Arezzo.' In *Territorio e Produzione Ceramiche. Paisagi, Economia e Società in Età Romana*, 201–6. Intrumenta, II. Pisa: Edizioni Plus, Pisa University Press.

Knipowitsch, Tat′jana. 1929. *Untersuchungen Zur Keramik Römischer Zeit Aus Den Griechenstädten an Der Nordküste Des Schwarzen Meeres i, Die Keramik*

Römischer Zeit Aus Olbia in Der Sammlung Der Eremitage. Materialien Zur Römisch-Germanischen Keramik, 4.1. Frankfurt-am-Main.

Kropff, Antony. 2016. 'An English Translation of the Edict on Maximum Prices, Also Known Asthe Price Edict of Diocletian.', 1–68.

Leitão, Manuel. 1980. 'Alguns Materiais Romanos Provenientes Das Escavações Do Dr. Aut´rlio Ricardo Belo Em CENTUM CELLAE - BELMONTE'. *Revista Da Cultura*, Estudos de Castelo Branco, 6: 98–120.

Leveau, Phillip. 2007. 'The Western Provinces'. In *The Cambridge Economic History of the Graeco-Roman World.*, 651–70. Cambridge: Cambridge University Press.

Lévêque, Pierre, and Jean-Paul Morel. 1987. 'Céramiques Hellénistiques et Romaine'. *Centre de Recherches d'Histoire Ancienne* 70 (II): 279–327.

Limane, Hassan. 1988. 'Contribution à l'étude Des Sigillées d'importation En Maurétanie Tingitane Aux I-II Siècles Après J.C.: Étude Du Matériel de Lixus, Banasa et Tamuda'. Dissertação de Doutoramento, Aix-Marseille: Université de Provence.

Linde, José. 1996. 'Valerius Paternus. Notas Para La Clasificación Tipológica de Las Marcas Alfareras Procedentes de La Cuenca Media Del Guadiana'. In *Mélanges - de La Casa de Velázquez*, 113–38. Antiquité - Moyen Âge, XXXII. Madrid: École des Hautes Études Hispaniques.

Lopes, Maria. 1989. 'Sigillata de Montans No Monte Da Cegonha: (Vidigueira)'. *Conimbriga* XXVIII: 223–28.

Lopes, Maria. 1994. *A Sigillata de Represas - Tratamento Informático*. Conimbriga - Anexos 2. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia.

López Rodríguez, José Ramón. 1979. 'Terra Sigillata Procedente de Italica En La Coleccion de La Casa de La Condesa de Lebrija'. *Boletin Del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia* 45: 81–124.

Madrid Fernández, Maria. 1999. 'Primers Resultats de l'estudi de La Ceràmica Terra Sigillata de Baetulo: Circulació Ceràmica i Aportacions Cronològiques a La Ciutat.' *Pyrenae* 30: 147–72.

Maia, Maria. 1971. ‘Contribuição Para o Estudo Da Terra Sigillata de Tróia de Setubal’. Dissertação de Licenciatura, Lisboa: Universidade de Lisboa.

Maia, Maria & Manuel Maia. 1974. ‘A Vila Romana de D. Pedro (Beja) : 1.ª Campanha de Escavações’. In *Actas Das II Jornadas Arqueológicas*, II:121–38. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Maia, Manuel. 1974. “1ª Campanha de escavações realizada no Cerro do Castelo do Manuel Galo (Mértola) - Uma possível fortaleza romana”, in *Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. vol. 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 139 – 174.

Maia, Manuel A. 1987. *Romanização do território hoje português a Sul do Tejo. Contribuição para a análise do processo de assimilação e interação sócio-cultural*. Dissertação de Doutoramento em pré-História e Arqueologia. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa (policopiado).

Malthus, Thomas. 1826. *An Essay on the Principle of Population*. 6th Edition. London: John Murray.

Mantas, Vasco Gil. 2003a. ‘O Atlântico e o Império Romano’. *Revista Portuguesa de História* 36 (2): 445–68.

Mantas, Vasco Gil. 2003b. ‘Portos Marítimos Romanos’. *Memórias Da Academia de Marinha* VIII: 5–69.

Margalho, Eugénia. 2012. ‘As *Sigillatas* Da Zona B de Conimbriga’. Relatório de Estágio em Arqueologia, Coimbra: Universidade de Coimbra.

Marichal, Robert. 1981. ‘Nouvelles Fouilles et Nouveaux Graffites de La Graufesenque’. In *Comptes-Rendus Des Séances de l’Académie Des Inscriptions et Belles-Lettres*, 2:244–73. França: Académie des Inscriptions et Belles-Lettres.

Martín, Francisco-Germán. 1993. ‘Arqueología de La Villa Romana de Torre Águila’. Dissertação de Doutoramento, Cáceres: Universidad de Extremadura.

Martin, Thierry. 1974. ‘Two Years of Archaeological Research in Montans (Tarn)’. *Revue Archeologique Du Center de La France* 13 (1–2): 123–43.

Martin, Thierry. 1977. ‘Note on Some White Slip Vases from Montans’. *Revue Archeologique Du Center de La France* 16 (1–2): 165–71.

Martins, Ana Isabel. 2019. ‘Contributo Para o Estudo Da Cidade Romana de Ossonoba: A Terra Sigillata Da Rua Infante D. Henrique Nº 58-60’. Dissertação de Mestrado, Évora: Universidade de Évora.

Mayet, Françoise. 1970. ‘A Propos de Deux Potiers de Mérida: Valerius Paternus et Lapillius (Problèmes de Méthode)’. *M.C.V.* VI: 5–41.

Mayet, Françoise. 1973. ‘Marques de Potiers sur Sigillee Hispanique a Conimbriga’. *Conimbriga* XII: 1–65.

Mayet, Françoise. 1978. ‘Les Importations de Sigillées á Mérida Au 1ª Siecle de Notre Ere’. *Conimbriga* XVII: 79–100.

Mayet, Françoise. 1984. *Les céramiques sigillées Hispaniques*. Collection de la Maison des Pays Ibériques 21. Paris: Diffusion de Boccard.

McConnell, Joseph, Andrew Wilson, Andreas Stohl, Monica Arienzo, Nathan Chellman, Sabine Eckhardt, Elisabeth Thompson, Alan Mark Pollard & Jorgen Peder Steffensen. 2018. ‘Lead Pollution Recorded in Greenland Ice Indicates European Emissions Tracked Plagues, Wars, and Imperial Expansion during Antiquity’. *Proceedings of the National Academy of Sciences* 115 (22): 5726–31.

Mees, Allard. 1995. *Modelsignierte Dekorationen auf sudgallischer Terra Sigillata*. Forshungen und berichte zur - und Frühgeschichte in Baden-württemberg 54. Stuttgart: Konrad Theiss Verlag.

Mendes, Henrique, João Pimenta & Rodrigo Banha da Silva. 2017. ‘As «marcas de Oleiro» Na Terra Sigillata de Vale de Tijolos (Almeirim) e as Dinâmicas Comerciais No Ager Scallabitanus Durante o Principado.’ In *Arqueologia Em Portugal. 2017 - Estado Da Questão*, 1205–17. 978-972-9451-71-3. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Mesquíriz, María Angeles. 1958. *La Excavación Estratigrafica de Pompaelo.* I. Pamplona: Institución ‘Principe de Viana’.

Mesquíriz, María Angeles. 1978. *La Excavación Estratigrafica de Pompaelo. II*. II. Pamplona: Institución ‘Principe de Viana’.

Mesquíriz, María Angeles. 1985. ‘Terra Sigillata Ispanica’. In *Terra Sigillata Ispanica*, 97–174. Enciclopedia Dell’Arte Antica Classica e Orientale. Atlante Delle Forme Ceramiche. 2. Espanha.

Mezquíriz de Catalán, Manuel. 1961. ‘Terra Sigillata Hispánica’. In *Cerámicas Hispánicas*. Monografias de W. L. Bryant Foundation de Arqueologia Hispánica, I. Valence.

Morais, Rui. 2004. Um caso único em Marcas de Lucernas: uma Figlina em Bracara Avgvsta documentada pela Oficina de Lvcretivs. In *Conimbriga*. XXXXIII. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. p 227-243. ISSN 0084-9189

Morais, Rui. 2005. *Autarcia e Comércio Em Bracara Augusta. Contributo Para o Estudo Económico Da Cidade No Período Alto-Imperial*. Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas 2. Minho: Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho.

Morais, Rui. 2007. ‘Oficina de Vasconivs. Marca Inédita Em TSHT Recolhida Em Braga’. *Pyrenae* 2 (38): 73–77.

Neves, Josefa. 1972. ‘Uma Colecção Particular de Materiais Romanos de Aramenha’. *Conimbriga* XI: 5–33.

Nieto, Xavier & Anna Puig. 2001. *Excavacions Arqueològiques Subaquàtiques a Cala Culip. 3: Culip IV: La Terra Sigil·lata Decorada de La Graufesenque*. Monografies Del CASC 3. Girona: Centre d’Arqueologia Subaquàtica de Catalunya.

Nóbrega, Pedro Pina. 2003. *Presença Romana nos concelhos de Mangualde e Penalva do Castelo* (Trabalho de Seminário apresentado no Seminário «Sociedade Romana no Ocidente Peninsular»- Docente Prof. Dr. Amílcar Guerra). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

Nolen, Jeannette. 1988. ‘A Villa Romana Do Alto Do Cidreira (Cascais) - Os Materiais’. *Conimbriga* XXVII: 61–140.

Nolen, Jeannette. 1994. *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares, Balsa, Incluindo o Espólio Ósseo e Medieval*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Museu Nacional de Arqueologia, Instituto Português de Museus.

Oleiro, João Bairrão. 1951. 'Elementos Para o Estudo Da "*Terra Sigillata*" Em Portugal: I - Marcas de Oleiro Encontradas No País'. *Revista de Guimarães* 61 (1–2): 81–111.

Oleiro, João Bairrão. 1955. *HVMANITAS*. Vol. IV e V. MCMLV, VI. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Oliveira, Cristina Fernandes de. 2010. *Mosaicos Romanos de Portugal- O Algarve Oriental*, vol. I- Texto (2). Dissertação de Doutoramento em História, Especialidade de Arqueologia Clássica. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Oman, Charles. 1911. *A History of the Peninsular War - Massséna's Retreat, Fuentes de Onoro, Albuera, Tarragon*. Scholar Classics. Vol. IV. VII vols. London: Franklin Classics Trade Press.

Oswald, Felix. 1931. *Index of Potters' Stamps on Terra Sigillata ("Samian Ware")*. East Bridgeford.

Outeiriño, Benito. 1990. *Sellos de Alfarero En Terra Sigillata Italica Encontrados En Merida*. Cuadernos Emeritenses, III. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano. https://pt.calameo.com/read/00120514452c34ab629a6.

Oxé, August, Howard Comfort & Phillip Kenrick. 2000. *Corpvs Vasorvm Arretinorvm*. 2ª, Revista e ampliada. Antiquitas 41. Bonn: Habelt GMBH.

Oyen, Astrid van. 2015. 'The Roman City as Articulated through Terra Sigillata'. *Oxford Journal of Archaeology* 34 (3): 279–99.

Pailler, Jean-Marie. 2010. 'Déchelette et La Graufesenque'. In *Journées d'études PCR Archives et Correspondance de Joseph Déchelette*, 13. Toulouse: HAL - Archives-ouvertes.

Parker, Anthony John. 1992. *Ancient Shipwrecks of the Mediterranean and the Roman Provinces*. Oxford.

Pereira, Carlos. 2012. 'O Sítio Romano de Vidigal, Aljezur'. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 15: 155–79.

Pereira, Carlos. 2014. 'As Necrópoles Romanas Do Algarve'. Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Universidade de Lisboa.

Pereira Maia, Maria. 1971. ‘Subsídios Para o Estudo Da Terra Sigillata de Miróbriga.’ In *Actas Do II Congresso Nacional de Arqueologia (1970).*, 433–44. Coimbra: Junta Nacional de Educação.

Pereira, Maria. 1974a. ‘Marcas de oleiros algarvios do período romano’. *O Arqueólogo Português* 7–9 (3): 243–68.

Pereira, Maria. 1974b. ‘Três Fragmentos Rasinianos No Museu Nacional de Arqueologia’. *Conimbriga* XIII: 41–45.

Pereira, Vitor. 2006. ‘*Terra Sigillata* Em Três Locais Da Lusitânia: Ammaia, Idanha, Mileu’. Dissertação de Mestrado, Coimbra: Universidade de Coimbra.

Pereira, Vitor. 2012. ‘O Sítio Romano Da Póvoa Do Mileu (Guarda). Povoamento, Estruturas, e Materiais Arqueológicos de Uma Pequena *Ciuitas* Localizada Nos Confins Ocidentais Do Império Romano’. Dissertação de Doutoramento, Coimbra: Universidade de Coimbra.

Picon, Maurice. 1973. *Introduction à l’étude Technique Des Céramiques Sigillées de Lezoux*. Dijon: Centre de Recherches sur les Techniques Gréco-Romaines.

Pimenta, João, Henrique Mendes & José Norton. 2008. ‘O Povoado Tardo-Republicano Do Monte Dos Castelinhos - Vila Franca de Xira’. *Al-Madan* 11 (16): 26–37.

Pinto, Inês, Catarina Viegas & Luísa Dias. 2004. ‘Terra Sigillata and Amphorae from the Roman Villa at Tourega (Évora, Portugal)’. In *Close Encounters: Sea and Riverborne Trade, Ports and Hinterlands, Ship Construction and Navigation in Antiquity, the Middle Ages and Modern Time*, 117–27. BAR International Series 1283. England: BAR.

Pinto, José. 1994. *Escavações Arqueológicas Da Necrópole Romana Da Corredoura (Campo, Valongo)*. Valongo: Câmara Municipal de Valongo.

Pinto, Rui. 1929. ‘Mvsev de Martins Sarmento : I - Machados de Pedra Polida. II - Machados de Bronze. - Terra Sigillata’. *Revista de Guimarães* 38–39: 27.

Polak, Marinus. 2000. *South Gaulish Terra Sigillata with Potters´ Stamps from Vechten, Nijmegen*. 1st ed. Vol. Supplementum 9. Rei Cretariae Romanae Fautores 9. Nijmegen: Rei Cretariae Romanae Fautores.

Polanyi, Karl. 1944. *The Great Transformation*. U.S.A.: Farrar & Rinehart.

Ponte, Salete da. 1988. "2.2 - Terra Sigillata", in *Villa rústica S.Pedro Caldelas - Tomar*, n.º1. Tomar: Grupo de Arte e Arqueologia do Centro, p. 72 - 76.

Pucci, Giuseppe. 1985. 'Terra Sigillata Italica'. In *Enciclopedia Dell´Arte Antica Classica e Orientale, II, Ceramica Fine Romana Nel Bacino Mediterraneo (Tardo Ellenismo e Primo Imperio)*, 365–406. Roma: Instituto della Enciclopedia Italiana.

Puig Ochoa, M. R. 1975. 'Marcas de Alfarero En Terra Sigillata Procedentes Del Teatro Romano de Italica'. In *XIII Congreso Nacional de Arqueologia*, 939–44. Zaragoza.

Py, Michel, ed. 1993. *Dicocer - Dictionnaire Des Céramiques Antiques (VIIème s. Av. n. è - VIIème s. de n. è.) En Méditerranée Nord-Occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*. LATTARA 6. Edition de l'Association pour la Recherche Archéologique en Languedoc Oriental: Lattes.

Quaresma, José Carlos. 2003. *Terra sigillata sudgálica num centro de consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Mirobriga?)*. Trabalhos de Arqueologia 30. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

Quaresma, José Carlos e Cristina Calais. 2005. "S.Pedro (Coruche): novos dados para o processo de romanização do Vale do Sorraia em época augustana e julio-cláudia", in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º8, fasc.2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 429 - 447.

Quaresma, José Carlos. 2012. *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Estudos e Memórias 4. Lisboa: UNIARQ.

Quaresma, José Carlos. 2013. 'Economic Growth in the Early and Middle Imperial Periods, Pre-200 A.D.: An Economic Approach from a Peripheral Hispanic Province, Lusitania'. *American Journal of Ancient History*, Roman Empire during the Severan Dynasty, 1: 377–415.

Quaresma, José Carlos. 2018. 'Contextos Alto-Imperiales de Ammaia, São Salvador de Aramenha (Lusitania)'. In *Estudios Para La Configuración de Las Facies Cerámicas Altoimperiales En El Sur de La Península Ibérica*, 59–89. Roman

and Late Antique Mediterranean Pottery 11. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd.

Quaresma, José Carlos. 2021. *Le Commerce de Céramiques fines à Ammaia, une ville du sud de la Lusitania*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 16. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd.

Quaresma, José Carlos. no prelo(a). 'Comércio no mundo romano e tardo-antigo: una análise diacrónica, entre Arqueologia, História e Clima, para os séculos I a VII d.C.'.

Quaresma, José Carlos. no prelo(b). 'Étudier La Céramique et Sa Diffusion: Propositions Méthodologiques Pour l'Époque Romaine et l'Antiquité Tardive'.

Queiroz, Nuno. 2015. 'Fotografia digital aplicada ao trabalho de museu e arqueologia'. Internship Report. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.

Rathbone, Dominic. 1997. 'Prices and Price Formation in Roman Egypt'. In *Economie Antique: Prix et Formation Des Prix Dans Les E´conomies Antiques*, 100–114. Entretiens d'arche´ologie et d'histoire 3. St. Bertrand de Comminges.

Remesal Rodríguez, José. 2012. El control administrativo de la navegación fluvial en la Bética y sus conexiones con Roma. In *Roma, Portus and the Mediterranean*. 267-280. Archaeological Monographs of the British School at Rome. London

Ribeiro, Fernando. 1959a. '"Terra Sigillata" Encontrada Nas Represas - Beja,II - Marcas de Oleiro'. *Arquivo de Beja* 15: 121.

Ribeiro, Fernando. 1959b. *Terra Sigillata Encontrada Nas Represas, Beja: Marcas de Oleiro*. Beja: Minerva Comercial.

Ribeiro, Fernando, João Oleiro & Abel Viana. 1957. 'Breve Nota Sobre a Estação Romana Da Lobeira Grande (Beja)'. In *XXIII Congresso Luso-Espanhol*, XXIII:11. Coimbra: Associação Portuguesa para o progresso das Ciências.

Ribeiro, Inês. 2010. 'A Terra Sigillata Hispânica Da Praça Da Figueira'. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Rizzo, Giorgio. 1998. 'Samia Etiamnunc in Esculentis Laudantur (Pl., N.H. XXXV, 160-161). I Vasi «aretini» a Roma'. In *Mélanges de l'École Française de Rome*, 2:799–848. Antiquité 110. Roma: École Française de Rome.

Rolo, Ana Mónica. 2010. ‘A Necrópole Romana de Rouca (Alandroal, Évora)’. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade de Lisboa.

Romero Carnicero, Maria & Pablo Ruiz Montes. 2005. ‘Los Centros de Producción de T.S.H. En La Zona Septentrional de La Península Ibérica.’ In *Introducción al Estúdio de La Cerámica Romana. Una Breve Guía de Referencia*. CVDAS - Monograficos 1. Málaga: Associación Cultural CVDAS.

Rostovtzeff, Mikhail. 1957. *The Social and Economic History of the Roman Empire*. 2nd Edition. Oxford University Press.

Roumens, Mercedes. 1976. *Sigillata Hispanica Producida En Andujar (Jaen)*. Jaén: Instituto de Estudios Giennenses.

Roumens, Mercedes & Manuel Sotomayor. 1983. ‘Los Alfares Romanos de Los Villares de Andújar (Jaén). Campaña de 1981.’ *Noticiario Arqueologico Hispanico* 15: 271–82.

Roumens, Mercedes, Manuel Sotomayor & Ángel Pérez Casas. 1976. ‘Los Alfares Romanos de Andújar (Jaen). Dos Nuevas Campañas.’ *Noticiario Arqueologico Hispanico*, Arqueologia, 4: 111–48.

Ruivo, José. 1999. ‘Moedas Do Acampamento Romano-Republicano de Chões de Alpompé (Santarém)’. In *Rutas, Ciudades y Moneda En Hispania*, 101–10. Anejos de Archivo Español de Arqueología, XX. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Ruivo, José & Virgílio Hipólito Correia. 2017. ‘Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica Em Conimbriga’. In *Lusitania Romana: Del Pasado al Presente de La Investigación*, 209–32. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

Saénz Preciado, Maria. 1999. ‘Inicio de La Campaña Arqueológica En El Término de “El Quemao” (Tricio) Afectado Por Las Obras de Ensache y Mejora de La LR 430 y de La LR 113 a Arenzana de Abajo.’ *Estrato* 10: 20–21.

Sáenz Preciado, Maria Pilar & Carlos Sáenz Preciado. 1999. ‘Estado de La Cuentión de Los Alfares Riojanos: La Terra Sigillata Hispánica Altoimperial’. In *Terra Sigillata Hispánica - Centros de Fabricación y Producciones Altoimperiales*, 61–136. Málaga: Universidad de Málaga / Universidad de Jaén.

Salvatore, Mariarosaria. ed. 1991. *Il Museo Archeologico Nazionale Di Venosa*. Venosa: I.E.M. Editrice.

Salway, Benet. 1994. 'What's in a Name? A Survey of Roman Onomastic Practice from c. 700 B.C. to A.D. 700'. *Journal of Roman Studies* 84: 124–45.

Santos, Ana Beatriz. 2015. 'A Terra Sigillata e a Cerâmica de Cozinha Africana Do Edifício Sede Do Banco de Portugal (Lisboa)'. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade de Lisboa.

Santos, Maria. 1958. 'Contribuição Para Um Melhor Conhecimento Da "Terra Sigillata" Encontrada Em Portugal. A "Terra Sigillata" Do Museu Etnológico Do Dr. Leite de Vasconcelos'. Dissertação de Licenciatura, Lisboa: Universidade de Lisboa.

Scheidel, Walter. 2008. 'Real Wages in Roman Egypt: A Contribution to Recent Work on Pre-Modern Living Standards'. *Princeton/Stanford Working Papers in Classics*, 1–10.

Scheidel, Walter. 2009. 'In Search of Roman Economic Growth'. *Journal of Roman Archaeology* 22: 46–70. https://doi.org/10.1017/S1047759400020584.

Scheidel, Walter. 2010. 'Roman Wellbeing and the Economic Consequences of the "Antonine Plague"'. *Princeton/Stanford Working Papers in Classics*, 1–29.

Scheidel, Walter. 2012. 'Approaching the Roman Economy'. In *The Cambridge Companion to the Roman Economy*, 1–24. Cambridge Companions to the Ancient World. Cambridge: Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/CCO9781139030199.

Scheidel, Walter. 2013. 'Explaining the Maritime Freight Charges in Diocletian's Price Edict'. *Princeton/Stanford Working Papers in Classics*, 1–7.

Schindler, Maria, and Susanne Scheffenegger. 1977. *Die Glatte Rote Terra Sigillata Vom Magdalensberg*. Klagenfurt.

Scullard, Howard Hayes. 1953. 'Ennius, Cato, and Surus'. *The Classical Review* 3 (3/4): 140–42. https://doi.org/10.1017/S0009840X00995805.

Sebastian, Luís. 2010. 'A produção oleira de faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII)'. Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Sepúlveda, Eurico, Catarina Bolila & Marisol Ferreira. 2018. ‘La Terra Sigillata Itálica Decorada Proveniente Del Ager Salaciensis (Alcácer Do Sal, Portugal)’. *Espacio Tiempo y Forma. Serie I, Prehistoria y Arqueología*, no. 11: 101–28. https://doi.org/10.5944/etfi.11.2018.22218.

Sepúlveda, Eurico, Joao Faria & Marisol Faria. 2000. ‘Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 1: terra sigillata’. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3 (2): 119–52.

Sepúlveda, Eurico, Ana Vale, Vitor Sousa, Vitor Santos & Natalina Guerreiro. 2002. ‘A Cronologia Do Circo de Olisipo: A Terra Sigillata’. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 5 (2): 245–75.

Silva, Ana Patrícia. 2010. ‘A Terra Sigillata Da Oficina de Salga 1 de Tróia: Contextos de Escavações Antigas (1956-1961) e Recentes (2008-2009)’. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade de Lisboa.

Silva, Carlos & Mateus Cabrita. 1964. *Estações Romanas Da Região de Setúbal*. Cetóbriga, 1 e 2. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.

Silva, Carlos, Joaquina Soares, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte & Ricardo Godinho. 2014. ‘Preexistências de Setúbal: 2ª Campanha de Escavações Arqueológicas Na Rua Francisco Augusto Flamengo, n.º 10-12: Da Idade Do Ferro Ao Período Medieval’. *Musa* 4: 161–214.

Silva, Carlos, Joaquina Soares, Luísa Dias & António Coelho-Soares. 1984. ‘Escavações Arqueológicas Na Ilha Do Pessegueiro (Sines). Notícia da 2ª Campanha (1981)’. *Arquivo de Beja* 1: 11–45.

Silva, Ricardo, Pedro Carvalho & Adolfo Fernández. 2018. ‘The Imported Pottery from the Early Empire Contexts of AEMINIUM Forum (Coimbra, Portugal)’. *SPAL - Revista de Prehistoria y Arqueología* 27 (1): 119–43. http://dx.doi.org/10.12795/spal.2018i27.05.

Silva, Rodrigo Banha da. 2005. ‘“Marcas de Oleiro” Em Terra Sigillata Da Praça Da Figueira (Lisboa): Contribuição Para o Conhecimento Da Economia de Olisipo (Séc. I a.C. - Séc. II d.C.)’. Dissertação de Mestrado, Minho: Universidade do Minho.

Silva, Rodrigo Banha da. 2013. ‘As «Marcas de Oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa’. Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. https://run.unl.pt/handle/10362/9472.

Silva, Rodrigo Banha da. 2015. ‘Um contexto alto-imperial da Rua dos Remédios’. In *Contextos Estratigráficos na Lusitania (Do Alto Império à Antiguidade Tardia*, 41–69. Monografias AAP 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Simpson, Grace. 1976. ‘Decorated Terra Sigillata at Montans (Tarn) from the Manuscript of Elie Rossignol at Albi’. *Britannia* 7: 244–73.

Smith, William, ed. 1854. *Dictionary of Greek and Roman Geography*. London: Walton and Maberly.

Sotomayor, Manuel. 1977. *Marcas y Estilos En La Sigillata Decorada de Andújar (Jaén)*. Jaén: Instituto de Estudios Giennenses.

Sousa, Élvio. 1996. ‘Terra Sigillata Marmoreada Proveniente de Tróia de Setúbal’. *Conimbriga* XXXV: 207–15.

Talbert, Richard, and Roger Shaler Bagnall. 2000. *Barrington Atlas of the Greek and Roman World*. New Jersey: Princeton University Press.

Tchernia, André. 1969. ‘Recherches Archéologiques Sous-Marines’. *Gallia* 27 (2): 487–89.

Tchernia, André. 2016. *The Romans and Trade*. 2nd Edition. Oxford Studies on the Roman Economy. Oxford: Oxford University Press.

Teichner, Felix. 1997. ‘Die Römischen Villen von Milreu (Algarve/Portugal) - Ein Beitrag Zur Romanisierung Der Südlichen Provinz Lusitania’. In *Sonderdruck Aus Madrider Mitteilungen (1938-1997)*, 106–62. Mainz: Deutsches Archäologisches Institut Abteilung Madrid / Verlag Philipp von Zabern.

Temin, Peter. 2006. ‘The Economy of the Early Roman Empire’. *Journal of Economic Perspectives* 20 (1): 3–38.

Temin, Peter. 2012. ‘The Contribution of Economics’. In *The Cambridge Companion to the Roman Economy*, 45–70. Cambridge Companions to the Ancient World. Cambridge: Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/CCO9781139030199.

Temin, Peter. 2013. *The Roman Market Economy*. United Kingdom: Princeton University Press.

Terreaux, Jean-Philippe. 2001. *La Graufesenque: éléments d'explication de l'expansion et du déclin des activités*. Montpellier, France: Faculté des sciences économiques.

Tilhard, Jean-Louis. 1991. 'Les Céramiques Sigillées Italiques à Saintes (Mediolanum Santonum) (Charente-Maritime, France)'. In *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*, 31/32:231–54. França.

Tilhard, Jean-Louis. 2004. *Les Ceramiques Sigillées Du Haut-Empire à Poitiers. d'Après Les Estampilles et Les Décors Moulés*. Paris: Société Française d'Étude de la Céramique Antique in Gaule.

Tovar, Luis. 1988. 'Nuevos Datos Sobre El Alfar de Sigillata de Talavera de La Reina (Toledo)'. In *Actas I Congreso de Historia de Castilla-La Mancha (1985)*, IV:141–44. Ciudad Real.

Tranoy, Alain, Pierre Sillières, Manuel Salinas de Frías, Vasco Gil Mantas, Jean-Gerard Gorges & Jorge Alarcão. 1990. 'Propositions Pour Un Nouveau Tracé Des Limites Anciennes de La Lusitanie Romaine'. In *Les Villes de Lusitanie Romaine: Hierarchies et Territoires, Table Ronde Internationale Du CNRS*, 319–29. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.

Vélez, Rocío, Teresa Vera & Félix García, eds. 2009. *El Foro de Augusta Emerita - Génesis y Evolución de Sus Recintos Monumentales*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, LIII. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.

Ventura Solsona, Samuel. 1949. 'Las Marcas Alfareras de La "Terra Sigillata" Hallada En Tarragona'. *Memorias de Los Museos Arqueológicos Provinciales* 9–10: 131–65.

Vernhet, Alain. 1971. 'Observations Sur Les Premières Coupes Carénées de La Graufesenque.' In *Actes Du 96º Congrès National Des Sociétés Savantes*, I:175–90. Archéologie. Toulouse.

Vernhet, Alain. 1979. *La Graufesenque, Gallo-Roman Potter's Workshop*. Toulouse: Saint Raymond Museum of Toulouse.

Vernhet, Alain. 1981. ‘An Oven in Graufesenque (Aveyron): The Cooking of Sigillated Vases’. *Gallia* 31 (1): 25–43.

Viegas, Catarina. 2003a. *A Terra Sigillata Da Alcáçova de Santarérn. Cerâmica, Economia e Comércio*. Trabalhos de Arqueologia 26. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. http://hdl.handle.net/10451/41933.

Viegas, Catarina. 2003b. ‘Les Sigillées de Sud de La Gaule à Castro Marim et Faro (Algarve, Portugal)’. In *Actes Du Congrès de Saint-Romain-En-Gal*, 641–46. França: Société Française d’Étude de la Céramique Antique in Gaule.

Viegas, Catarina. 2003c. ‘Terra Sigillata Imports in Santarém (Portugal)’. In *Rei Cretariae Romanae Fautuorum*, 23:323–30. Abingdon: R.C.F.

Viegas, Catarina. 2006. *A Cidade Romana de Balsa (Torre de Ares - Tavira) : (I) - A Terra Sigillata*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.

Viegas, Catarina. 2008a. ‘A Cidade de Ossonoba – Importações Cerâmicas’. *Promontoria Monográfica* 10: 215–31.

Viegas, Catarina. 2008b. ‘Mosaico Do Oceano (Faro): Cerâmicas Associadas’. In *Hispania Romana: Actas Do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, 197–214. Faro: Centro de Estudos de Património.

Viegas, Catarina. 2011. *A ocupação romana do Algarve, Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Lisboa: UNIARQ.

Viegas, Catarina. 2019. ‘Terra Sigillata Trade in Mesas Do Castelinho (Almodôvar - Portugal): Pattern of Imports and Contextutal Data in Southern Lusitania’. *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueología de La Universidad de Sevilla* 28 (1): 97–129. http://dx.doi.org/10.12795/spal.2019.i28.05.

Vilarinho, Gil. 2019. ‘A Terra Sigillata Do Castro de Romariz (Santa Maria Da Feira, Aveiro): Da Romanização Ao Abandono de Um Povoado Fortificado No Noroeste Peninsular’. *Ophiussa* 3: 91–93.

Vivenza, Gloria. 2012. ‘Roman Economic Thought’. In *The Cambridge Companion to the Roman Economy*, 25–44. Cambridge Companions to the Ancient World. Cambridge: Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/CCO9781139030199.

Whittaker, Dick & Jack Goody. 2001. ‘Rural Manufatoring in the Rouergue from Antiquity to the Present: The Examples of Pottery and Cheese’. *Comparitive Studies in Society and History* 43 (2): 225–43.

Williams, Joey & Rui Mataloto. 2015. ‘Terra Sigillata Italica from Caladinho (Redondo, Portugal)’. In *Contextos Estratigráficos na Lusitania (Do Alto Império à Antiguidade Tardia*, 13–24. Monografias AAP 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Wilson, Andrew. 2009a. ‘Approaches to Quantifying Roman Trade’. In *Quantifying the Roman Economy: Methods and Problems*, 213–49. Oxford Studies on the Roman Economy. Oxford: Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199562596.001.0001.

Wilson, Andrew. 2009b. ‘Indicators for Roman Economic Growth: A Response to Walter Scheidel’. *Journal of Roman Archaeology* 22: 71–82.

LISTA DE FIGURAS OU ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro em *Conimbriga*, com as diferentes produções em diferentes níveis de tracejado.

Figura 2: Comparação entre o consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro em *Olisipo* (tracejado - Silva 2013) e *Conimbriga*.

Figura 3: Localização dos centros de produção de *terra sigillata* abordados nesta dissertação.

Figura 4: Comparação entre o consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro nos três conventos jurídicos da *Lusitania*.

Figura 5: Consumo da *terra sigillata* da *officina* de *Cn. Ateius*

Figura 6: Consumo da *terra sigillata* da *officina* de *P. Cornelius*

Figura 7: Comparação entre o consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro provenientes de *officinae* setentrionais (esquerda) e béticos (direita)

Figura 8: Evolução do consumo da *terra sigillata* itálica, sudgálica e hispânica, respetivamente, na *Lusitania*.

Figura 9: Comparação entre o consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro nos três conventos jurídicos da *Lusitania* (*Pacensis* a tracejado maior, *scallabitanus* a tracejado menor, *emeritensis* em linha)

Figura 10: Evolução do consumo da *terra sigillata* itálica, sudgálica e hispânica, expectável (previsão)

Figura 11: Diferença entre o crescimento intensivo (esquerda) e extensivo (direita)

Figura 12: Tabela de resumos das conclusões do estudo da correlação entre marcas de oleiro de *terra sigillata* e o consumo de *terra sigillata*

Figura 13: Comparação entre o consumo de *terra sigillata* e o consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro de Represas

Figura 14: Percentagem de fragmentos de *terra sigillata* que apresentam marcas de oleiro, em *Mirobriga*

Figura 15: Marcas de oleiro não identificáveis, anepigráficas, grafomorfas e abstratas na *Lusitania*

Figura 16: Consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro na *Lusitania*.

Figura 17: Comparação entre o consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro nos três conventos jurídicos da *Lusitania* (*Pacensis* a tracejado maior, *scallabitanus* a tracejado menor, *emeritensis* em linha)

Figura 18: Evolução do consumo da terra sigillata itálica, sudgálica e hispânica, respetivamente, na Lusitania.

Figura 19: Consumo de *terra sigillata* em diferentes centros de consumo no império.

Figura 20: Gráfico de procura e oferta encontrando um novo equilíbrio após um aumento de produção.

Figura 21: Gráfico de procura e oferta num caso de sobreprodução, em que o preço não flutua com o aumento de produção.

Figura 22: Comparação do número de naufrágios (Bowman & Wilson 2012), comprimento do fémur (Jongman 2007) e do consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro na *Lusitania*.

Figura 23: Comparação entre os níveis de poluição de chumbo nas calotes da Gronelândia (McDonnel et al 2018), do número de moedas no império (máximo e mínimo - Hopkins 1988) e do consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro na *Lusitania*.

ANEXOS

I – Sítios compilados na base de dados de marcas de oleiro em *terra sigillata* na *Lusitania*

II - Base de dados das marcas de oleiro em *terra sigillata* da *Lusitania*

III – Marcas de oleiro em *terra sigillata* de *Conimbriga*

IV – Desenhos de fragmentos inéditos de *Conimbriga*

V – Distribuição de marcas de oleiro em *Conimbriga, Olisipo* e *Bracara Augusta*

VI – Tabelas de resumos das marcas de oleiro, cartelas e formas de *terra sigillata* compiladas nas *Lusitania*

VII – Mapa de distribuição do consumo dos vários centros produtores de *terra sigillata*

VIII – Cálculo do Coeficiente de Relação de Pearson entre consumo de *terra sigillata* com marcas de oleiro e *terra sigillata* no total

IX – Descrição dos oleiros de *terra sigillata* atestados em *Conimbriga*

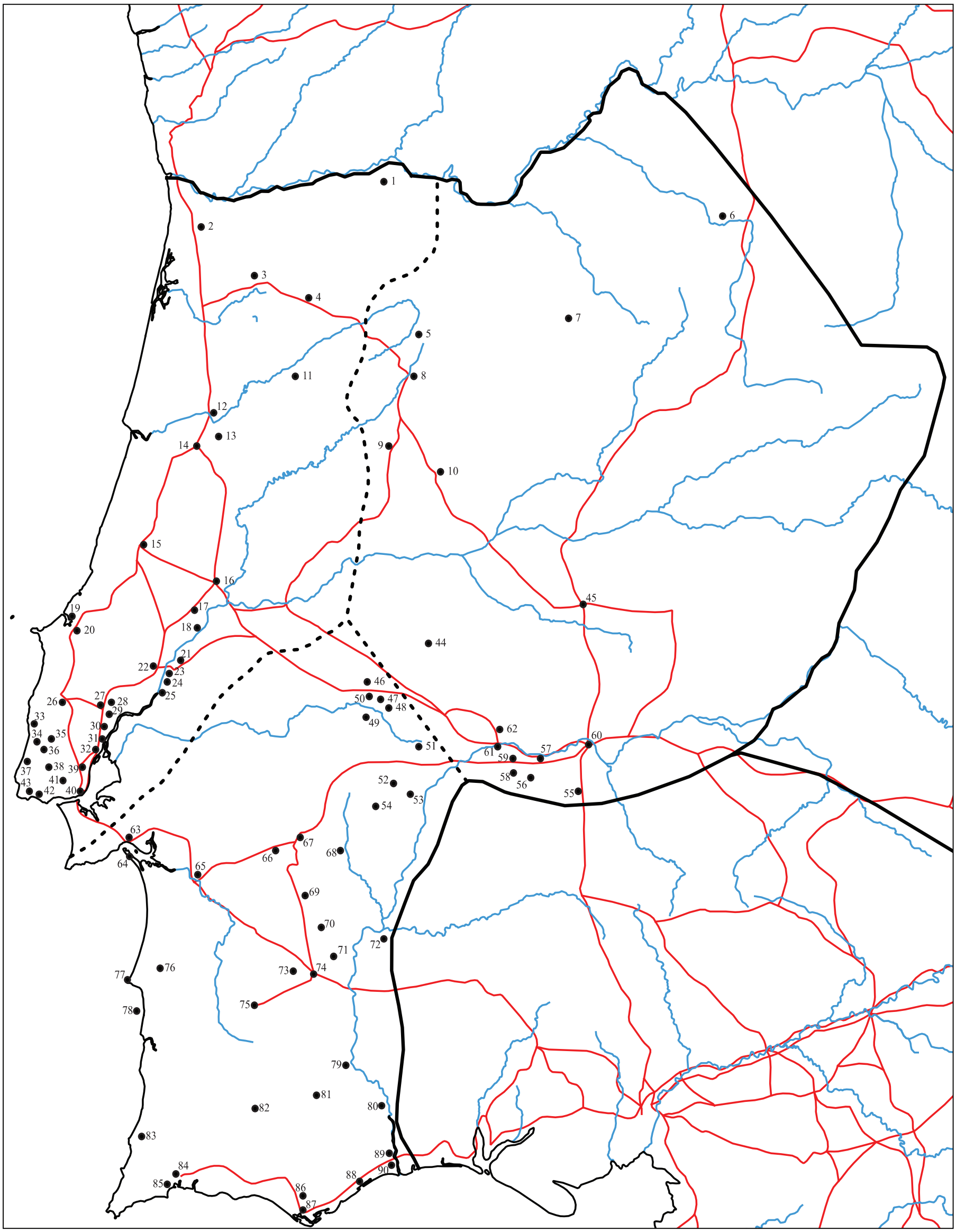
Anexos

Anexo - Sítios Estudados

Nº	Nome	C.N.S.	Marcas	Bibliografia
1	Lamego / *LAMECVM*	-	-	-
2	Castro de Romariz	23	X	Vilarinho 2019
3	Casal do Rebôlo	16175	X	Silva 2013
4	Viseu / *VISEVM*	-	-	-
5	Póvoa de Mileu / *OPPIDANA*	326	X	Pereira 2012
6	Salamanca / *HELMANTICA*	-	-	-
7	Ciudad Rodrigo / *MIROBRIGA*	-	-	-
8	Belmonte / *CENTVM CELLAE*	200	X	Leitão 1980
9	Quinta do Ervedal	6840	X	Gadanho 2019
10	Idanha-a-Velha / *IGAEDITANORA*	302	X	Almeida & Ferreira 1966; Diogo 1980; Pereira 2006; Carvalho 2009
11	Bobadela / IVLIA MODESTA	34	-	
12	Coimbra / AEMINIVM	-	X	Oleiro 1952; Alarcão 1971; Diogo 1980; Mayet 1983; Silva et all. 2018
13	Castelo de Lousã	34169	X	Alarcão, Carvalho & Gonçalves 2010
14	Condeixa-a-Velha / CONIMBRIGA	251	X	Alarcão 1971; Mayet 1973; Alarcão, Delgado & Etiénne, 1977; Mayet 1983; Cunha 2009; Margalho 2012
15	Leiria / COLLIPO	-	-	-
16	Tomar / SELIVM	-	-	-
17	Vila do Cardílio	86	X	Alarcão 1971
18	Vila de S. Miguel	3970	X	Diogo & Catarino 1999
19	Brejos 1	34113	X	Silva 2013
20	Óbidos / EBVROBRITTVM	-	X	Silva 2013
21	Alto dos Cacos	3108	X	Silva 2013
22	Santarém / SCALLABIS	-	X	Diogo 1984; Viegas 2003a; Viegas 2003c; Silva 2013
23	Vale dos Tijolos	3110	X	Silva 2013; Silva, Pimenta & Mendes 2017
24	Azeitada	3106	X	Silva 2013
25	Porto do Sabugueiro	2693	X	Silva 2013
26	Quinta da Portucheira	526	X	Silva 2013
27	Paredes	18150	X	Silva 2013
28	Quinta da Barradinha	50	X	Silva 2013
29	Necrópole de Alenquer	-	X	Barbosa 1970
30	Monte dos Castelinhos / IERABRIGA	3923	X	Pimenta, Mendes & Norton 2008; Silva 2013
31	Ermida do Senhor Boa Morte	984	X	Silva 2013
32	Castelo de Alverca	5881	X	Silva 2013
33	Rua do Joinal	33509	X	Silva 2013
34	S. Miguel de Odrinhas	659	X	Silva 2013
35	Mata Pequena	2084	X	Silva 2013
36	Faião	3243	X	Silva 2013
37	Armês	4567	X	Silva 2013

38	Telhal	30117	X	Silva 2013
39	Casal de Belo	29731	X	Silva 2013
40	Lisboa / OLISIPO	-	X	Silva 2013
41	Amadora/Serra de Carnaxide	24477	X	Silva 2013
42	Alto da Caparide	11267	X	Silva 2013
43	Alto da Cidreira	1	X	Silva 2013
44	Salvador de Aramenha / AMMAIA	300	X	Pereira 2006; Quaresma no prelo
45	Cáceres / CAPERA	-	X	Blázquez 1968; Alcón 2001
46	Monte de S. Pedro	15962	X	Carneiro & Sepúlveda 2011
47	Herdade do Reguengo	4863	X	Caeiro 1979; Mayet 1983
48	Torre de Palma	331	X	Ferreira 1969; Diogo 1980b; Mayet 1983; Wolfram 2015
49	Monte de S. Francisco	5768	X	Carneiro 2004; Carneiro & Sepúlveda 2011
50	Horta da Torre	5760	X	Ferreira 1969; Carneiro & Sepúlveda 2011
51	Chaminé	1472	X	Rolo 2017
52	Paço Ducal de Vila Viçosa	-	X	Alarcão 1961; Mayet 1983
53	Rouca	4902	X	Comfort 1959; Mayet 1983; Rolo 2010
54	Quinta do Caladinho	19662	X	Mataloto & Williams 2015
55	Cabezo II	-	X	Linde 1996
56	Castillo	-	X	Linde 1996
57	La Floriana	-	X	Linde 1996
58	Conde III	-	X	Buruaga, Martinez & Martin 1992; Linde 1996
59	Los Lomos	-	X	Linde 1996
60	Mérida / AVGVSTA EMERITA	-	X	Mayet 1978; Mayet 1983; Outeiriño 1990; Bustamante-Álvarez 2010; Bustamante-Álvarez 2014a & b
61	Las Termas	-	X	Linde 1996
62	Torre de Águilla	-	X	Martin 1993; Linde 1996
63	Setúbal / CAETOBRIGA	-	X	Silva & Cabrita 1964; Silva et all. 2014; Silva, Coelho-Soares & Duarte 2018
64	Tróia	2	X	Santos 1958; Ferreira 1969; Maia 1971; Alarcão 1971; Mayet 1983; Baltazar 1984; Etienne et all. 1994; Sousa 1996; Fonseca 2004; Silva 2010
65	Alcácer do Sal / SALACIA IMPERATORIA	-	X	Alarcão 1971; Dias 1978; Diogo 1982; Diogo 1980; Mayet 1983; Diogo et all 1987; Sepúlveda, Faria & Faria 2000; Sepúlveda, Mata & Ferreira 2013
66	Tourega	5593	X	Pinto, Viegas & Dias 2004
67	Évora / EBORA	-	-	-
68	Vila de D. Pedro I	68484	X	Sepúlveda et all. 2002
69	Herdade da Romeira	198	X	Caeiro 1985
70	S. Cucufate	8	X	Alarcão, Mayet & Etienne 1990
71	Monte da Cegonha	3487	X	Lopes 1989

72	Moura / ARVCCI	-	X	Caeiro 1976
73	Herdade das Represas / Lobeira Grande	1984	X	Ribeiro, Oleiro & Vianna 1957; Ribeiro 1959; Lopes 1994
74	Beja / PAX IVLIA	-	-	-
75	Aljustrel / VIPASCA	18	X	Oleiro 1951; Ferreira & Andrade 1964; Alarcão 1971;
76	Chãos Salgados / MIROBRIGA	4	X	Alarcão 1971; Almeida 1964; Dias 1977; Quaresma 2012
77	Sines	4173	X	Diogo, Trindade & Costa 1997
78	Ilha do Pessegueiro	12747	X	Silva, Soares & Dias 1984
79	Mértola / MYRTILIS	6626	X	Oleiro 1951; Comfort 1959; Alarcão 1971
80	Alcoutim	2650	X	Alarcão 1971
81	Monte Manuel Galo	1186	X	Alves 2014
82	Mesas do Castelinho	4263	X	Viegas 2019
83	Vidigal	7520	X	Pereira 2012
84	Lagos / LANCOBRIGA	-	-	-
85	Monte Molião	11870	X	Oswald 1931; Pereira 2014; Arruda & Dias 2018
86	Milreu	9	X	Oleiro 1951; Alarcão 1971; Teichner 1997
87	Faro / OSSONOBA	-	X	Viegas 2011
88	Tavira / BALSA	-	X	Noeln 1994; Viegas 2006; Viegas 2011; Pereira 2014
89	Sítio da Lezíria	11305	X	Arruda & Dias 1985
90	Castro Marim / BAESVRIS	-	X	Gamito & Maia 1976; Viegas 2003; Viegas 2008; Viegas 2011; Pereira 2014; Martins 2019
91	S. Sebastião do Freixo	-	X	Silva 2013
92	Senhora do Pilar	-	X	Silva 2013
93	Serrones	-	X	Silva 2013
94	S. Pedro de Caldelas	-	X	Silva 2013
95	S. Pedro de Coruche	-	X	Silva 2013
96	St. André de Montargil	-	X	Silva 2013
97	Retorta	-	X	Silva 2013
98	Rio Arade	-	X	Silva 2013
99	Pisões	-	X	Silva 2013
100	Pocilgais	-	X	Silva 2013
101	Monte do Meio	-	X	Silva 2013
102	Mesquitela	-	X	Silva 2013
103	Manta Rota	-	X	Silva 2013
104	Luz de Tavira	-	X	Silva 2013
105	Joinal	-	X	Silva 2013
106	Fiães da Feira	-	X	Silva 2013
107	Escatelar	-	X	Silva 2013
108	Estrada Velha	-	X	Silva 2013
109	Covilhã	-	X	Silva 2013
110	Conqueiros	-	X	Silva 2013
111	Chão do Ti Zé Beatriz	-	X	Silva 2013
112	Choças e Alcaçarias	-	X	Silva 2013


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90

Anexo II - Base de dados das marcas de oleiro em terra sigillata na Lusitania

Nº	Loc	Produção	Forma	Cronologia	Oleiro	Marca	Punção	Cartela	Biblio
1	12	Sg - G	Drag. 15/17	60 - 80 d.C.	Albanvs II	ALB.ANM (Retro)	13c	Rectangular de lado arredondados	Oleiro, 1952, p. 80 - 81; A. Alarcão, 1971a, nº 12; Diogo, 1980b, nº 5
2	12	His - LR (B)	His. 27	80 - 105 d.C.	Trebivs Tritiensis	TREBTR	M. 668	Rectangular alongada	Oleiro, 1952; A. Alarcão, 1971a, Est. II nº 15; Mayet, 1983, p. 181
3	12	It - A		(+) 1 d.C.	P. Cornelivs Qvartio	QVARTIO/P.COR	674	263	Silva et all. 2018, p. 130, nº 16
4	12	It - A	Taça	5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.COR	624,56	501	Silva et all. 2018, p. 130, nº 17
5	12	It - Pi		5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOIL(…)	2544	450	Silva et all. 2018, p. 130, nº 18
6	12	It		10 a.C. - 10 d.C.	Ivnivs	IVN	1000,12	451	Silva et all. 2018, p. 130, nº 19
7	12	It - Pi / L		10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CRESTI	698,58	601	Silva et all. 2018, p. 133, nº 23
8	12	Sg - G	Taça	45 - 75 d.C.	Crestio	CREST(…)	15a	Rectangular de lado arredondados	Silva et all. 2018, p. 133, nº 24
9	12	It - A	Taça	15 a.C. - 30 d.C.	Savfeivs	SAVFEI	1800,18	602	Silva et all. 2018, p. 139, nº 4
10	12	It	Consp. B3.13	(+) 1 d.C.	Stati()	STATI	1988,1	450	A. Alarcão, 1971a, Est. I nº 1
11	12	It - A	Consp. B3.13	1 - 30 d.C.	Rvfrenvs	(…)RE	1728,8	603	A. Alarcão, 1971a, Est. I nº 4
12	12	It	Consp. 33	(+) 15 d.C.	T. Qvadratvs	T.QVAD	1597,1	602	A. Alarcão, 1971a, Est. I nº 5
13	12	It	Taça	(+) 15 d.C.	C. Ma()	C.MA	1078,4	603	A. Alarcão, 1971a, Est. I nº 6
14	12	Sg - G	Prato	25 - 45 d.C.	Sentrvs I	SENTR(…)	6a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, 1971a, Est. I nº 13
15	12	His - LR (TM)	Taça	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	(…)RTTONI		Rectangular alongada	A. Alarcão, 1971a, Est. II nº 19
16	12	His - LR (TM)	His. 27		L. Sempronivs	OI'.L(…)		Rectangular alongada	A. Alarcão, 1971a, Est. II nº 20; Mayet, 1983, p. 148
17	12	His	Taça		Volivs	OVO.LVI.		Rectangular alongada	A. Alarcão, 1971a, Est. II nº 21
18	12	His - A	Taça		N. Protae	(…)ROTAE	M. 773	Rectangular alongada	A. Alarcão, 1971a, Est. II nº 29; Mayet, 1983, p. 190 nº 773
19	12	His - LR (TM)	Taça	85 - 100 d.C.	Caivs Lvc()	CA(…)VO	B. 503-506	Rectangular alongada	A. Alarcão, 1971a, Est. II nº 25; Mayet, 1983, p. 126
20	12	His - LR (TM)	Taça		L. Sempronivs	(…)CIIM		Rectangular alongada	A. Alarcão, 1971a, Est. II nº 24; Mayet, 1983, p. 147
21	12	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATI(…)		Rectangular alongada	A. Alarcão, 1971a, Est. III nº 22; Mayet, 1983, p.122
22	12	His - LR (TM)	Taça	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBR(…)TONI	M. 49	Rectangular alongada	A. Alarcão, 1971a, Est. III nº 26; Mayet, 1983, P. 120, Pl. XXX nº 49
23	12	His - A	Taça		N. Protae	N.P.	M. 741	Rectangular alongada	A. Alarcão, 1971a, Est. III nº 28; Mayet, 1983, p. 187 nº 741
24	12	His - LR	Taça		Valerivs S()	(…)OFVALS	M. 714	Rectangular alongada	A. Alarcão, 1971a, Est. III nº 23; Mayet, 1983, p. 185, Nº 714

25	12	His - LR	Taça		N. Aqv() T()	NAQVT	M. 417	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, 1971a, Est. III nº 27; Mayet, 1983, p. 156, Pl XXX nº 417
26	12	His - LR (TM)	Prato	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRITTA(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, 1971a, Est. III nº 30
27	12	His - LR	Prato		Se() Nico()	OF.SE.NICO	M. 600	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, 1971a, Est. III nº 31; Mayet, 1983, Nº 600
28	12	His - LR	His. 15/17		Valerivs S()	(...)FVALS	M. 714	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, 1971a, Est. III nº 32; Mayet, 1983, p. 185, Nº 714
29	12	His - LR (TM)	His. 36	70 - 110 d.C.	Sempronivs	IIX.OF()EM	B. 626-632	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, 1971a, Est. IV nº 37
30	12	His - LR	His. 35	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PETEROOII		Rectangular alongada	A. Alarcão, 1971a, Est. IV nº 38
31	12	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI.OF	M. 273	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 273
32	12	His - LR	Taça		Lvcivs Pi()	OF.LVPI	M. 311	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 311
33	12	His - LR	Prato	80 - 100 d.C.	Nastvs	OFNASTI	M. 419	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 419
34	12	His - LR (TM)	His. 15/17		S()Ni()	EXOFI.SNI	M. 611	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 611
35	12	His - LR (TM)	Prato		S()Ni()	EXOFI.SNI	M. 611	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, p. 175
36	12	His - LR (TM)	Taça		S()Ni()	(…)XOFSN	M. 620	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 620
37	12	His - LR	His. 15/17		Titivs Aio	EX.OF.TITI.AIO	M. 649	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 649
38	14	It	Taça			D(…)		450	Inédita
39	14	It	Consp. 22.5.2			λ(…)		450	Inédita
40	14	It	Consp. 22			(…)		450	Inédita
41	14	It	Consp. 22			(…)		603	Inédita
42	14	It	Taça			I(…)		108	Inédita
43	14	It	Taça			I(…)		450	Inédita
44	14	It	Consp. 22.2.1			(…)		450	Inédita
45	14	It	Prato			A(…)		381	Inédita
46	14	Sg - G	Drag. 27			(…)N(…)		Rectangular alongada	Inédita
47	14	Sg - G				O(…)		Rectangular alongada	Inédita
48	14	Sg - G	Curle 23	40 - 65 d.C.	Cennatvs	(…)AA	13a	Rectangular alongada	Inédita
49	14	Sg - G	Taça			(…)		Rectangular alongada	Inédita

50	14	Sg - G	Taça			AI(…)		Rectangular alongada	Inédita
51	14	Sg - G	Taça			.(…)		Rectangular alongada	Inédita
52	14	Sg - G				(…)II		Rectangular alongada	Inédita
53	14	Sg - G	Taça			(…)		Rectangular alongada	Inédita
54	14	Sg - G	Taça	45 - 70 d.C.	Tabvr (Tabvrvs?)	TA(…)VR(…)	2a	Rectangular de lados bífidos	Inédita
55	14	Sg - G	Prato			V(…)		Rectangular alongada	Inédita
56	14	Sg - G				(…)T(…)		Rectangular alongada	Inédita
57	14	Sg - G	Taça			I(…)		Rectangular de lados bífidos	Inédita
58	14	Sg - G	Drag. 27			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
59	14	Sg - G	Prato			(…)		Rectangular alongada	Inédita
60	14	Sg - G	Taça			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
61	14	Sg - G	Taça			V(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
62	14	Sg - G	Prato			N(...)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
63	14	Sg - G	Taça			(…)OI?		Rectangular alongada	Inédita
64	14	Sg - G	Taça			(…)		Rectangular alongada	Inédita
65	14	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Rectangular alongada	Inédita
66	14	Sg - G	Prato			M?(…)		Rectangular alongada	Inédita
67	14	Sg - G	Drag. 27			(….)		Rectangular alongada	Inédita
68	14	Sg - G	Taça			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
69	14	Sg - G	Taça			VM?(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
70	14	Sg - G / M		40 - 50 d.C.	Acvtvs I	ΘFI(…)	7a'	Rectangular de lado arredondados	Inédita
71	14	His - LR	Taça			(…)S?		Rectangular alongada	Inédita
72	14	Sg - G	Taça	45 - 70 d.C.	Niger II	OFN(…)		Rectangular alongada	Inédita
73	14	His - LR		80 - 105 d.C.	Fvlvivs Paternvs	(…)VLVP(…)	M. 212	Rectangular alongada	Inédita
74	14	His - LR	Taça			(…)		Rectangular de lados bífidos	Inédita

75	14	His - LR	Prato			L(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
76	14	His - LR	Taça			(…)I		Rectangular de lados bífidos	Inédita
77	14	His - LR	Taça			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
78	14	His - LR	Prato			O(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
79	14	His - LR	Taça			V(…)		Rectangular de lados bífidos	Inédita
80	14	His - LR	His. 18			(…)P(…)		Rectangular alongada	Inédita
81	14	His - LR	Prato			(…)		Rectangular alongada	Inédita
82	14	His - LR	Taça			MV.		Rectangular de lado arredondados	Inédita
83	14	His - LR	Prato			I(…)		Rectangular alongada	Inédita
84	14	His - LR	Ritt. 8			(…)		Rectangular alongada	Inédita
85	14	His - LR	Taça			(…)		Rectangular alongada	Inédita
86	14	His - LR	Taça			OF.I(…)		Rectangular alongada	Inédita
87	14	His - LR	His. 27			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
88	14	His - LR	Taça			(….)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
89	14	His - LR	Taça			(…)		Rectangular de lados bífidos	Inédita
90	14	His - LR	Taça			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
91	14	Sg - G / M	Taça	25 - 50 d.C.	Acvtvs I	ACV(…)	25p	Rectangular de lados bífidos	Inédita
92	14	His - LR	Taça			M(…)		Rectangular de lados bífidos	Inédita
93	14	His - LR	Prato			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
94	14	His - LR	Taça			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
95	14	His - LR	Taça			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
96	14	His - LR (AA - LP)	Taça	80 - 100 d.C.	Brito	(…)TO	M. 74	Rectangular alongada	Inédita
97	14	Sg - G	Taça			(…).T		Rectangular alongada	Inédita
98	14	His - LR	Taça			(…)		Indiferenciada	Inédita
99	14	His - LR	Taça			(…)TR		Rectangular alongada	Inédita

100	14	His - LR	Taça			(…)		Rectangular alongada	Inédita
101	14	His - LR	Taça			A(…)		Rectangular alongada	Inédita
102	14	His - LR	Taça			(…)S?		Rectangular alongada	Inédita
103	14	His - LR			Fvlvivs	(…)FFVL(…)	M. 210-217	Indiferenciada	Inédita
104	14	Sg - G		65 - 90 d.C.	Patricivs I	(…)TR(…)	6c	Indiferenciada	Inédita
105	14	His - LR	His. 15/17			(…)		Indiferenciada	Inédita
106	14	It - A	Taça	40 - 100 d.C.	Clod(ivs) Proc(vlvs)	CL.PR	587.1O	451	Inédita
107	14	Sg - G	Drag. 27			II(…)		Indiferenciada	Inédita
108	14	Sg - G	Taça	20 - 45 d.C.	Scottivs I	(…)SCOTTI	22a	Rectangular alongada	Inédita
109	14	Sg - G	Taça			(…)EN?(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
110	14	Sg - M		40 - 70 d.C.	Ivcvndvs I	IVCVND	2b	Rectangular de lado arredondados	Inédita
111	14	It	Consp. 27?	10 a.C. - 15 d.C.	Q. Arvivs	QA(…)	257,7	451	Inédita
112	14	Sg - G / E	Taça	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	OFSECVN	10d	Rectangular de lado arredondados	Inédita
113	14	Sg - G	Taça	30 - 50 d.C.	Rvsticvs	OF.RVST	8a	Rectangular de lado arredondados	Inédita
114	14	Sg - G	Drag. 24/25			II(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
115	14	Sg - G	Taça	50 - 70 d.C.	Aper I	APRI(…)	9b	Rectangular de lado arredondados	Inédita
116	14	Sg - G	Taça			RO(…)		Indiferenciada	Inédita
117	14	Sg - G / R / B		50 - 80 d.C.	Sabinvs III	SABN.Θ(…)	24a"	Rectangular de lado arredondados	Inédita
118	14	His - LR	Taça			(…)NN(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
119	14	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Indiferenciada	Inédita
120	14	Sg - G	Prato	45 - 75 d.C.	Crestio	OF.C(…)	5a	Rectangular de lado arredondados	Inédita
121	14	It - Pi	Taça	5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVHOD	787,34	601	Inédita
122	14	It	Taça		Unattributable (2)	E(…)	2585,104	105	OCK
123	14	It - Pu	Taça	1 - 15 d.C.	Specvlator	SPECLAT	1978,5	603	A. Alarcão; 1971b; Nº 17
124	14	It - A		10 a.C. - 50 d.C.	Vmbricivs (1)	VMB(…)	2441,27	456	A. Alarcão; 1971b; Nº 49

125	14	It - N	Taça	10 a.C. - 20 d.C.	Sarivs	SAIIISA	1782	601	A. Alarcão; 1971b; Nº 34
126	14	It		(+) 15 d.C.	L. Fastidienvs	(…)ASTID	809,1	449	Inédita
127	14	It - Pi / L		10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CRESTI	698,57	603	A. Alarcão; 1971b; Nº 18
128	14	Sg - G	Drag. 27			O(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão; 1971b; Nº 13
129	14	Sg - G	Prato	30 - 65 d.C.	Lvcceivs I	FLVCCEI	1e	Rectangular alongada	Inédita
130	14	It	Consp. 24.3.1	(+) 1 d.C.	Mvr( )	MVR	1197,2	450	Inédita
131	14	Sg - G	Taça	45 - 70 d.C.	Niger II	OFNGR	3b"	Rectangular alongada	Inédita
132	14	Sg - G		65 - 90 d.C.	Patricivs I	OFPATR(…)	3h	Rectangular de lado arredondados	Inédita
133	14	Sg - G	Taça	35 - 65 d.C.	Licinvs	(…)LICIN	54a	Rectangular de lado arredondados	Inédita
134	14	Sg - G		40 - 70 d.C.	Geminvs I	GEMINV	2a	Rectangular de lado arredondados	Inédita
135	14	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Eme-	IIMII	1a	Rectangular de lado arredondados	Inédita
136	14	His - LR	Taça	70 - 80 d.C.	C. F()	OXO(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
137	14	Sg - G	Taça	40 - 65 d.C.	Gallicanvs II	ALLICAN	10b'	Rectangular alongada	Inédita
138	14	Sg - G	Taça	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SECVND	6b	Rectangular alongada	Inédita
139	14	His - LR	Prato			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
140	14	Sg - G	Taça	70 - 100 d.C.	Vitalis II	VITAL	27b'	Rectangular de lado arredondados	Inédita
141	14	Sg - G / R / B	Drag. 24/25	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	OF.SABI	14-b	Rectangular de lado arredondados	Inédita
142	14	Sg - G	Taça	40 - 70 d.C.	Abitvs (Habitvs)	ABITI	8d	Rectangular de lado arredondados	Inédita
143	14	Sg - G	Drag. 15/17	45 - 60 d.C.	Bollvs II	BOL(…)	1a	Rectangular de lado arredondados	Inédita
144	14	Sg - G	Drag. 18/31			EA(…)		Rectangular alongada	Inédita
145	14	Sg - G	Drag. 35			(…)F		Rectangular alongada	Inédita
146	14	His - LR (TM)	His. 37	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	VP	M. 712	Intradecorativa (Indiferenciada)	Inédita
147	14	His - LR	His. 37			L	M. 2585	Intradecorativa (Indiferenciada)	Inédita
148	14	His - LR	Taça			IIVST(…)		Rectangular alongada	Inédita
149	14	His - LR	Taça			VII		Rectangular alongada	Inédita

150	14	His - LR	Taça	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PA(…)	M. 465	Rectangular alongada	Inédita
151	14	Sg - G	Prato	50 - 65 d.C.	Pastor I	(…)ORIS	1a	Rectangular alongada	Inédita
152	14	Sg - G	Taça		Selivm?	(…)EVM		Rectangular de lado arredondados	Inédita
153	14	Sg - G	Taça			(…)		Indiferenciada	Inédita
154	14	His - A	Taça			G(…)		Indiferenciada	Inédita
155	14	His - LR	His. 15/17			(…)		Rectangular de lados bífidos	Inédita
156	14	Sg - G				OF(…)		Rectangular alongada	Inédita
157	14	His - LR	Prato			(…)		Indiferenciada	Inédita
158	14	His - LR	Taça			(…)V.K	M. 763	Rectangular de lados bífidos	Inédita
159	14	His - LR	Taça		Mir() N()	MIR(B?)N		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 763
160	14	His - LR	His. 15/17			(…)		Rectangular de lados bífidos	Inédita
161	14	His - LR	Taça			V(…)N(…)II		Rectangular de lado arredondados	Inédita
162	14	His - LR	His. 18			(…)		Rectangular alongada	Inédita
163	14	His - A	His. 27			(…)		Indiferenciada	Inédita
164	14	Sg - G	Taça			II(…)		Rectangular alongada	Inédita
165	14	His - LR	Taça			OF(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
166	14	Sg - G	Taça			O(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
167	14	His - LR	Taça			(…)R?(…)		Indiferenciada	Inédita
168	14	His - LR	Prato			O(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
169	14	His - LR	His. 15/17			MΛ(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
170	14	His - A	Prato			OF(…)		Rectangular de lados bífidos	Inédita
171	14	Sg - G / R / B	Drag. 27	50 - 75 d.C.	Martialis I	MARII(…)	12a	Rectangular de lado arredondados	Inédita
172	14	Sg - G	Drag. 15/17	50 - 65 d.C.	G. Salarivs Aptvs	G.SA:AP+	4a	Rectangular de lado arredondados	Inédita
173	14	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	M. 184	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 14; Mayet, 1983, Pl. CCXI, nº 184
174	14	His - LR	His. 15/17		Caivs Lvc()	(…)AI.LV.OFI	M. 105	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 59; Mayet, 1983, Pl. CCIX, nº 105

175	14	His - LR	His. 27		Se() Nico()	OF.SENICO	M. 601	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 63; Mayet, 1983, Pl. CCXVIII, nº 601
176	14	His - LR (TM)	His. 15/17		L. Sempronivs	O.L.SEM(…)	M. 336	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 42; Mayet, 1983, Pl. CCXIII, nº 336
177	14	His - LR (B)			A. R()	IIXOAR	M. 45	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 4; Mayet, 1983, Pl. CCVIII, nº 45
178	14	His - LR	His. 15/17	80 - 105 d.C.	Fvlvivs Paternvs	EX.O.FVL.P	M. 213	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 28; Mayet, 1983, Pl. CCXI, nº 213
179	14	His - LR (TM)	His. 15/17	150 - 210 d.C.	Agilianvs	AGILIANI	M. 22	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 5; Mayet, 1983, Pl. CCVIII, nº 22
180	14	His - LR	His. 15/17	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCITR	M. 193	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 21; Mayet, 1983, Pl. CCXI, nº 193
181	14	His - LR	His. 15/17	100 - 120 d.C.	G. Fvlvivs Paternvs Festvs	(…)O.FVL.PAT.FESTI	M. 215	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 29; Mayet, 1983, Pl. CCXI, nº 215
182	14	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTI BRITTON	M. 52	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 6; Mayet, 1983, Pl. CCVIII, nº 52
183	14	His - LR (TM)	His. 15/17		S()Ni()	EXOF.S.N	M. 616	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 65; Mayet, 1983, Pl. CCXVIII, nº 616
184	14	His - LR (TM)	His. 15/17		S()Ni()	EX OF SN	M. 615	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 67; Mayet, 1983, Pl. CCXVIII, nº 615
185	14	His - LR	His. 27		Se() Nico()	OF.SENICO	M. 602	Rectangular de lado arredondados	Oleiro, 1953, p. 26; Mayet, 1973, Pl. IV, nº 64; Mayet, 1983, Pl. CCXVIII, nº 602
186	14	His - LR (TM)	His. 15/17		S()Ni()	(…)OFSN	M. 613	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 68; Mayet, 1983, Pl. CCXVIII, nº 613
187	14	His - LR	His. 27			EX OF(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 78
188	14	His - LR	Prato	80 - 100 d.C.	Maternvs Tritiensis	(…)TERNI.T		Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 58
189	14	His - LR (TM)	Prato	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	(…)ATERNOF	M. 58	Rectangular alongada	Bairrão e Oleiro, 1951, p. 22; Mayet, 1973, Pl. IV, nº 57
190	14	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVΛPΛ	M. 690	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 75; Mayet, 1983, Pl. CCXX, nº 690
191	14	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAP	M. 710	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 74; Mayet, 1983, Pl. CCXX, nº 710
192	14	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	(…)ITRI	M. 184	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 18
193	14	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVALE	M. 669	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 73; Mayet, 1983, Pl. CCXIX, nº 669
194	14	His - LR (B)	His. 27	80 - 105 d.C.	Trebivs Tritiensis	TREBTR	M. 668	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 71
195	14	His - LR (B)	Taça	80 - 105 d.C.	Trebivs Tritiensis	TR(,,,)		Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 72
196	14	His - LR (TM)	His. 15/17	70 - 110 d.C.	Sempronivs	EX.OF.SE(…)	Boube n 215	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 61
197	14	His - LR	His. 27			QAANI IIMA	Q.AMANE.MA	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 82
198	14	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VΛPΛ(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 76
199	14	His - LR (TM)	Taça		S()Ni()	EXOFSN	M. 614	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 66; Mayet, 1983, Pl. CCXVIII, nº 614

200	14	His - LR	Taça			OFL(…)		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 83
201	14	His - A	Taça			OFM(…)		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 81
202	14	His - LR (TM)	Prato	70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)RON	Boube n 212-213	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 62
203	14	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAP(…)	M. 704	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 77; Mayet, 1983, Pl. CCXX, nº 704
204	14	His - LR (TM)	His. 15/17		S()Ni()	EXOFSN		Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 69
205	14	His - LR (B)	Taça	80 - 105 d.C.	Trebivs Tritiensis	TREBTR	M. 667	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 70; Mayet, 1983, Pl. CCXIX, nº 667
206	14	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…).PAT		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 79
207	14	His - LR (TM)	Taça	85 - 100 d.C.	Caivs Lvc()	CΛLVO (retro)	M. 112	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 9; Mayet, 1983, Pl. CCIX, nº 112
208	14	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLA(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 20
209	14	His - LR	His. 27		Flavinvs	FLΛVINI	M. 203	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 26; Mayet, 1983, Pl. CCXI, nº 203
210	14	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	Boube p. 145 n 66-68	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 19
211	14	His - LR		85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	(…)C.TR	M. 194	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 24; Mayet, 1983, Pl. CCXI, nº 194
212	14	His - LR	Taça	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	(…)IRMITRI	M. 183	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 15; Mayet, 1983, Pl. CCXI, nº 183
213	14	His - LR (TM)		80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLA(…)	Boube p. 145 n 66-68	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 25
214	14	His - LR	His. 27		Fvlvivs	EXOFFVL	M. 210-217	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 27
215	14	His - LR (AAb)	Taça	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI	M. 129	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 10; Mayet, 1983, Pl. CCX, nº 129
216	14	His - LR		85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCI.TR	M. 199	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 22; Mayet, 1983, Pl. CCXI, nº 199
217	14	His - LR	Taça		Abivs Ci()	OFI.ABI.CI	M. 3	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 1; Mayet, 1983, Pl. CCVIII, nº 3
218	14	His - LR	His. 33/46	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	(…)MI.TR	M. 186	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 17; Mayet, 1983, Pl. CCXI, nº 186
219	14	His - LR	Taça		Canivs	CΛNIOF	M. 117	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 11; Mayet, 1983, Pl. CCIX, nº 117
220	14	His - LR (TM)	Taça		Accvnicvs	ACVN(…)	M. 5	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 3
221	14	His - LR (AA - LP)	Taça	80 - 100 d.C.	Brito	OFBRITO(…)	M. 73	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 7; Mayet, 1983, Pl. CCIX, nº 73
222	14	His - LR (TM)	His. 27		Accvnicvs	ACCVN(…)	M. 5	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 2; Mayet, 1983, Pl. CCVIII, nº 5
223	14	His - LR	Taça			CA(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 8
224	14	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Flaccvs Tritienses	(…)CITR	Boube p. 145 n 66-68	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 23

225	14	His - LR		70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	(…)RMITRI	M. 184	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 16
226	14	His - LR	His. 27		Caivs	OF.CAI(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 30
227	14	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMIO	M. 181	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 13
228	14	His - LR	Taça			CO(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 12; Mayet, 1983, Pl. CCXX, nº 733
229	14	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	EXOFλAPIλλI	M. 275	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 35
230	14	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Lvpianvs	OFLV.PIA.NI	M. 324	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 53; Mayet, 1983, Pl. CCXIII, nº 324
231	14	His - LR (TM)	His. 15/17		L. Sempronivs Valerivs	O.λ.S(…)	M. 342	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 43
232	14	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	λAPIλλI	M. 265	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 33
233	14	His - LR (TM)	His. 27		L. Sempronivs	(…)OλVSEM	M. 329	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 48; Mayet, 1983, Pl. CCXIII, nº 329
234	14	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	λAPIλλI	M. 265	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 31
235	14	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Lvpianvs	OFLVPIANI	M. 323	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 52; Mayet, 1983, Pl. CCXIII, nº 323
236	14	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	EXOFLΛPILLI	M. 275	Rectangular alongada	Mayet, 1970, p. 30-31, fig. 24; Mayet, 1973, Pl. IV, nº 36; Mayet, 1983, Pl. CCXII, nº 275
237	14	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	λAPIλλI	M. 265	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 32; Mayet, 1983, Pl. CCXII, nº 265
238	14	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LΛPILLI	M. 267	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 34; Mayet, 1983, Pl. CCXII, nº 267
239	14	His - LR (TM)	Prato		L. Annivs	LVCI.ANNI	M. 306	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 39; Mayet, 1983, Pl. CCXIII, nº 306
240	14	His - LR	His. 27		V() P() Parvs	OF.V.PARI	M. 725	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 80; Mayet, 1983, Pl. CCXX, nº 725
241	14	His - LR (TM)	His. 27		L. Annivs	LVC(…)	M. 306	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 38
242	14	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PAT(…)ALE		Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 56
243	14	His - LR	His. 33/46	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PΛ.TER.Λ(…)	M. 463	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 55
244	14	His - LR (TM)			L. Sempronivs	OF.L.(…)M	M. 335	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 45
245	14	His - LR (TM)	His. 27		L. Sempronivs	OF.L.S.E(…)	M. 334	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 41; Mayet, 1983, Pl. CCXIII, nº 334
246	14	His - LR (TM)	His. 15/17		L. Sempronivs Valerivs	(…).VALE	M. 341	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 50
247	14	His - LR (TM)	Taça		L. Sempronivs	OλVS(…)	M. 330	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 49; Mayet, 1983, Pl. CCXIII, nº 330
248	14	His - LR	Taça	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	(…)OCT.MΛ.O	M. 443	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 54
249	14	His - LR (TM)	Taça		L. Sempronivs	O.λ.SIIM	M. 339	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 47; Mayet, 1983, Pl. CCXIII, nº 339

250	14	His - LR (TM)	Taça		L. Sempronivs	OF.L.S(…)	M. 335	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 46; Mayet, 1983, Pl. CCXIII, nº 335
251	14	His - LR (TM)	Taça		L. Sempronivs	OL(…)	M. 337	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 44
252	14	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	IIX.OF.ΛA(…)	M. 279	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 37
253	14	His - LR	Taça	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	OFI.LVC.FIR	M. 315	Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 40; Mayet, 1983, Pl. CCXIII, nº 315
254	14	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…).VA(…)		Indiferenciada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 51
255	14	Sg - G	Drag. 15/17			(…)FE		Rectangular de lados bífidos	Inédita
256	14	It	Taça			(…)		451	Inédita
257	14	Sg - G	Taça			EV		Rectangular de lado arredondados	Inédita
258	14	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	(…)VMIE	53a	Rectangular de lado arredondados	Inédita
259	14	His - LR (B)	Ritt. 8	80 - 105 d.C.	Trebivs Tritiensis	(…)TR	M. 668	Rectangular alongada	Inédita
260	14	His	Prato			(…)RMA		Rectangular alongada	Inédita
261	14	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PΛT	M. 675	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 772; Margalho, 2012, p. 63
262	14	His - LR	His. 15/17			(…)F		Rectangular alongada	Inédita
263	14	His - LR	Prato			G(…)		Rectangular alongada	Inédita
264	14	His - LR	Prato			(…)PI		Rectangular alongada	Inédita
265	14	His - LR	Prato			IC(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
266	14	His - LR	Taça			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
267	14	His - LR	Prato			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
268	14	His - LR	His. 15/17			E(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
269	14	His - LR (TM)	His. 27			(…)A(…)		Indiferenciada	Inédita
270	14	His - LR (TM)	His. 27			(…)		Rectangular alongada	Inédita
271	14	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	EXOFλAPIλλI	M. 280	Rectangular alongada	Mayet, 1970, p. 33, fig. 39; Mayet, 1983, Pl. CCXII, nº 280; Margalho, 2012
272	14	Sg - G	Taça	50 - 80 d.C.	Mansvetvs I (Masvetvs)	MASVII	1a	Rectangular alongada	Inédita
273	14	Sg - G		50 - 65 d.C.	Martivs II	MART	2a	Rectangular de lados bífidos	Inédita
274	14	Sg - G		40 - 70 d.C.	Castvs I	(…)CASTVS.FE	10a	Rectangular de lado arredondados	Margalho, 2012, p. 65

275	14	Sg - G / R	Taça	40 - 80 d.C.	Primvs III	PRIMI·MA	30b	Rectangular alongada	Cunha, 2009, ficha nº 20; Margalho, 2012, p. 65
276	14	It	Consp. 22		Avi()	(…)VI	370,1	450	Cunha, 2009, ficha nº 17; Margalho, 2012, p. 65
277	14	His - LR	His. 27	195 - 210 d.C.	M. Ase(ellivs?)	MASI		Rectangular de lado arredondados	Margalho, 2012, p. 65
278	14	It	Consp. 22.2.1			(…)		431	Inédita
279	14	His - LR (TM)	His. 18	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVΛPΛ	M. 688	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Pl. CCXX, nº 688; Margalho, 2012, p. 78
280	14	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	λA(…)λλI	M. 268	Rectangular alongada	Inédita
281	14	His - LR (TM)	Taça			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
282	14	His - LR	His. 15/17			(…)N		Rectangular alongada	Inédita
283	14	His - LR	Prato			OF(…)		Rectangular alongada	Inédita
284	14	It - A	Consp. 31	(+) 30 d.C.	C. Cae() Clem(ens)?	CC(…)	475	450	Inédita
285	14	Sg - G	Taça			(…)		Rectangular alongada	Inédita
286	14	Sg - G	Taça			N(…)		Rectangular alongada	Inédita
287	14	Sg - G	Drag. 24/25			(…)A		Rectangular alongada	Inédita
288	14	Sg - G	Taça			(…)		Rectangular alongada	Inédita
289	14	His - LR	His. 27			(…)		Rectangular alongada	Inédita
290	14	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Rectangular alongada	Inédita
291	14	Sg - G	Drag. 27	45 - 70 d.C.	Niger II	FN(…)	3b""	Rectangular alongada	Inédita
292	14	Sg - G	Taça			N(…)		Rectangular alongada	Inédita
293	14	Sg - G	Taça	55 - 70 d.C.	C. Ex- Albinvs	EXALB(…)I	1a?	Rectangular de lados bífidos	Inédita
294	14	Sg - G / R	Taça	40 - 80 d.C.	Primvs III	(…)MI	36b	Rectangular alongada	Inédita
295	14	Sg - G	Taça	60 - 85 d.C.	Mommo	(...)FMO	11b	Rectangular de lado arredondados	Inédita
296	14	Sg - G	Taça			AL(…)		Rectangular alongada	Inédita
297	14	Sg - G	Drag. 18/31	55 - 70 d.C.	C. Ex- Albinvs	C.EX.AVILLIVS	1a	Rectangular de lados bífidos	Margalho, 2012, p. 52
298	14	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVΛPΛ	M. 700	Rectangular alongada	Cunha, 2009, nº 60
299	14	His - LR	Prato			(…)RO		Rectangular alongada	Inédita

300	14	His - LR	His. 27			EX.OF(…)	Novo Dardo	Rectangular alongada	Inédita
301	14	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)FVAVAPPAT	M. 749	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 749; Cunha, 2009, 81; Margalho, 2012, p. 78
302	14	Sg - G	Drag. 24/25		Grafomorfo	CWS		Rectangular alongada	Inédita
303	14	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Rectangular alongada	Inédita
304	14	Sg - G	Taça	30 - 60 d.C.	Salvetvs I (Salve tu - Salve?)	SΛLV(…)	5k	Rectangular alongada	Margalho, 2012, p. 65
305	14	Sg - G	Taça	30 - 50 d.C.	Rogatvs	ROGATI.OF	1a	Rectangular alongada	Margalho, 2012, p. 65
306	14	His - LR (TM)		80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 134
307	14	Sg	Taça			(…)IIV		Rectangular alongada	Inédita
308	14	Sg - G	Prato	55 - 80 d.C.	Cotio (Otio)?	(…)CIO:C	1a'	Rectangular alongada	Cunha, 2009, Ficha nº 33;
309	14	Sg - G	Taça	25 - 55 d.C.	Cantvs	OFC.CAN	5a	Rectangular alongada	Inédita
310	14	His - LR	Taça			(…)N		Rectangular alongada	Inédita
311	14	His - LR	His. 15/17	100 - 145 d.C.	Lvc()	OF.LVC(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 146; Margalho, 2012, p. 65
312	14	His - LR	His. 15/17		Cornelivs F(vscvs?)	(…)OFICOR(…)	M. 153	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1983, Pl. CCX, nº 153; Cunha, 2009, nº 72; Margalho, 2012, p. 52
313	14	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VΛPΛ	M. 703	Rectangular alongada	Cunha, 2009, nº 59
314	14	His - A	Taça			OFIV(…)NCI		Rectangular alongada	Cunha, 2009, nº 59
315	14	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)EM	M. 593	Rectangular alongada	Cunha, 2009, ficha nº 21; Margalho, 2012
316	14	His - LR (TM)	His. 15/17			(…)T.E		Rectangular alongada	Inédita
317	14	His - LR (AAb)	Prato	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI		Rectangular alongada	Cunha, 2009, nº 73
318	14	His - LR (TM)	Taça			V(…)		Rectangular alongada	Inédita
319	14	His - LR (B)	His. 27	80 - 105 d.C.	Trebivs Tritiensis	TREBTR	M. 668	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Pl. CCXIX, nº 668; Cunha, 2009, nº 64
320	14	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	ΘFVΛPΛ	M. 692	Rectangular alongada	Cunha, 2009, nº 63
321	14	Sg - G		40 - 60 d.C.	Capito I	(…)ITO.F	2b'	Rectangular de lado arredondados	Inédita
322	14	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVΛPΛ(…)	M. 701	Rectangular de lado arredondados	Cunha, 2009, nº 61
323	14	Sg - G	Drag. 18/31			OF(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
324	14	His - A	His. 42			(…)		Rectangular alongada	Inédita

325	14	Sg - G	Drag. 18/31	50- 70 d.C.	Tertivs III	TERNTIVS	12b	Rectangular de lado arredondados	Inédita
326	14	Sg - G	Drag. 15/17			(…)		Rectangular alongada	Inédita
327	14	Sg - G	Drag. 18/31			(…)EO		Rectangular alongada	Inédita
328	14	His - LR	Prato			EX(…)		Rectangular alongada	Inédita
329	14	Sg - G	Prato			(…)		Rectangular alongada	Inédita
330	14	Sg - G	Prato			O(…)INI		Rectangular de lado arredondados	Inédita
331	14	Sg - G	Prato			(…)VFI		Rectangular de lados bífidos	Inédita
332	14	Sg - G	Drag. 27		Grafomorfo	OXFE?		Rectangular de lado arredondados	Inédita
333	14	Sg - G	Ritt. 8	30 - 60 d.C.	Ivcvndvs II	IVCiVND		Rectangular alongada	Inédita
334	14	Sg - G	Taça			AMN(…)		Rectangular alongada	Inédita
335	14	Sg - G	Taça		Grafomorfo	ATI(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
336	14	Sg - G	Taça		Grafomorfo	IIVII		Rectangular de lado arredondados	Inédita
337	14	Sg - G	Taça			OF(…)		Rectangular alongada	Inédita
338	14	His - LR	Taça			(…)		Rectangular alongada	Inédita
339	14	Sg - G / Mi / Ra	Prato	35 - 65 d.C.	Masclvs I (Mascvlvs)	OF.MASCL	5e	Rectangular de lado arredondados	Inédita
340	14	Sg - G	Taça	35 - 65 d.C.	Licinvs	.IC.INIAMA(	7c'	Rectangular alongada	Inédita
341	14	Sg - G	Taça			OFI.I(…)		Rectangular alongada	Inédita
342	14	His - LR	Prato			C(…)		Rectangular de lados bífidos	Inédita
343	14	Sg - G	Taça	40 - 65 d.C.	Lvpvs II	LVPIMA	3b	Rectangular alongada	Inédita
344	14	His - LR	Taça			Mal Impresso		Indiferenciada	Inédita
345	14	Sg - G	Taça	35 - 50 d.C.	Grafomorfo	VOLVIS		Rectangular de lado arredondados	Inédita
346	14	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Eme-	IIMII	1a	Rectangular de lado arredondados	Inédita
347	14	Sg - G / E	Taça	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	SECVNDI(…)	Nova Punção	Rectangular alongada	Inédita
348	14	Sg - G	Taça		Grafomorfo	IVIII	Grafomorfo?	Rectangular de lado arredondados	Inédita
349	14	Sg - G	Taça			OF.R(…)		Indiferenciada	Inédita

350	14	Sg - G	Drag. 27			(…)N	Retrogado	Rectangular alongada	Inédita
351	14	His - LR	Prato			(…)		Indiferenciada	Inédita
352	14	Sg - G	Taça			(…)	Mal Impressa	Indiferenciada	Inédita
353	14	It	Taça			C(…)		450	Inédita
354	14	His - A	His. 36			V		Intradecorativa (Indiferenciada)	Inédita
355	14	His - LR (TM)	His. 36			R		Intradecorativa (Indiferenciada)	Mayet, 1983, Pl. CCVII, nº 2588
356	14	His - LR	Prato			(…)		Rectangular alongada	Inédita
357	14	His - LR (AAb)	His. 27	70 - 100 d.C.	Cantaber	(…)BRI		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 380; Mayet, 1983, p. 128
358	14	His - LR	His. 27			(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 128
359	14	His - LR	Taça	80 - 100 d.C.	Lvpianvs	OFLVPIANI		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 387; Mayet, 1983, p. 147
360	14	His - LR (AAb)	Taça	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 378
361	14	His - LR	Prato			EX.OF.(…)		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 413
362	14	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	AT(…)		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 375; Mayet, 1983, p. 121
363	14	His - LR				IIIXOF(…)		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 428
364	14	His - LR (TM)	His. 18	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	IIXOFVAPATI	M. 682	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 411; Mayet, 1983, Pl. CCXX, nº 682
365	14	His - LR				EXO(…)AV	M. 756	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 419; Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 756
366	14	His - LR	His. 15/17		Aemilivs Fro(ntinivs)	AE.FRO(…)	M.15	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977, p. 242, Nº 374; Mayet, 1983, Pl. CCVIII, nº 15
367	14	His - LR		80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATER.ALE		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 397; Mayet, 1983, p. 161
368	14	His - LR	Prato			(…)EN	M. 759	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 420; Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 759
369	14	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)LLI.O		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 384
370	14	His - LR	Taça			IIXO(…)NOI	M. 740	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 426; Mayet, 1983, Pl. CCXXI. Nº 740
371	14	His - LR				(…)VB	M. 777	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 422; Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 777
372	14	His - LR	Taça		T.Elv(ivs)	OFTELV	M. 631	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 409; Mayet, 1983, Pl. CCXIX, nº 631
373	14	His - LR	Taça	100 - 120 d.C.	G. Fvlvivs Paternvs Festvs	EXO.FVL.PAT.F	M. 216	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 382; Mayet, 1983, Pl. CCXI, nº 216
374	14	His - LR	His. 27		T.Elv(ivs)	(…)FTELV	M. 632	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 410; Mayet, 1983, Pl. CCXIX, nº 632

375	14	His - LR				(…)L.OF	M. 765	Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 424; Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 765
376	14	His - LR (TM)			L. Sempronivs	OF.L.SEM		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 390
377	14	His - LR	Taça	70 - 100 d.C.	Miccio	IIXOI'MICCI		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 394; Mayet, 1983, p. 154
378	14	His - LR				OF.N(…)	M. 735	Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 417; Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 735
379	14	His - LR	Drag 27			T(…)OMTR	M. 748	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 416; Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 748
380	14	His - LR				EX(…)	M. 779	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 429; Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 779
381	14	His - LR	His. 15/17					Rectangular alongada	Inédita
382	14	His - LR (TM)	His. 15/17		S()Ni()	EX(…)SN	M. 619	Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 399; Mayet, 1983, Pl. CCXVIII, nº 619
383	14	His - LR (TM)	His. 15/17		S()Ni()	(…)S.N	M. 613	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 402
384	14	His - LR	His. 15/17	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	(…)CITR		Indiferenciada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 381; Mayet, 1983, p. 135
385	14	His - LR	Prato			EXOF(…)		Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 401
386	14	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	OFLPI	M. 284	Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 386; Mayet, 1983, Pl. CCXII, nº 284
387	14	His - LR	His. 27			OF(…)		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 415
388	14	His - LR	Taça			(…)OFS(…)		Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 400
389	14	His - LR	His. 27			E(…)N		Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 403
390	14	His - LR	Prato			L(…)		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 423
391	14	His - LR	Taça			V(…)		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 414
392	14	His - LR	Taça			OF(…)		Rectangular de lados bífidos	Inédita
393	14	His - LR (TM)	Taça	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SE(…)	M. 593	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 405
394	14	His - A	His. 27		M. A()	EXOFMA	M. 767	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 392; Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 767
395	14	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	EXOFLAPILLI	M. 277	Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 385; Mayet, 1983, Pl. CCXII, nº 277
396	14	His - LR (TM)				(…)RO	M. 578	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 406
397	14	His - LR (TM)		85 - 100 d.C.	Caivs Lvc()	(…)VO		Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 377; Mayet, 1983, p. 126
398	14	His - LR (TM)	Taça		L. Sempronivs	O.LV(...)S(...)IIM		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 391
399	14	His - LR (AAb)		70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABR(…)	M. 129	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 379

400	14	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATEALE	M. 469	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 396; Mayet, 1983, Pl. CXVI, nº 469
401	14	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 383
402	14	His - LR		80 - 100 d.C.	Lvpianvs	OFLVP(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 389; Mayet, 1983, p. 147
403	14	His - LR (TM)		85 - 100 d.C.	Caivs Lvc()	CAIVO	M. 109?	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 376
404	14	His - LR				(…)X.O(…)		Indiferenciada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 432
405	14	His - LR	Taça			(…)LLI		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 425
406	14	His - LR				(…)NI(…)		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 431
407	14	His - LR		80 - 105 d.C.	Svrivs	(…)SVRI	M. 626	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 407; Mayet, 1983, p. 176
408	14	His - LR		80 - 100 d.C.	Maternvs Tritiensis	(…)TERNI.T	M. 363	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 398; Mayet, 1983, p. 151
409	14	His - LR	Taça	80 - 100 d.C.	Lvpianvs	(…)OFLVPI(…)	M. 322	Indiferenciada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 388; Mayet, 1983, p. 147
410	14	His - LR		80 - 105 d.C.	Svrivs	(…)VRI	M. 627	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 408; Mayet, 1983, p. 176
411	14	His - LR	Taça	80 - 100 d.C.	Maternvs Tritiensis	(…)MATRI		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 393
412	14	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	OFSE(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 404
413	14	His - LR				(…)IN(…)		Indiferenciada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 412
414	14	His - LR				ON(…)	M. 736	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 418, Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 736
415	14	His - LR	Prato		Valerivs Paternvs	IIXOVAP	M. 750	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 421, Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 750
416	14	His - LR				(…)I'I		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 242; Nº 430
417	14	Sg - G	Drag. 29	45 - 75 d.C.	Labio	OF·LABIONIS	1a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 280
418	14	Sg - G	Ritt. 8			CO		Indiferenciada	Inédita
419	14	His	Ritt. 8		Vrbanvs	VRB ΛNO(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 354
420	14	Sg - G	Drag. 33			OF(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 248
421	14	Sg - G	Drag. 24/25	70 - 90 d.C.	Ivcvndvs III	OFIVCV	6a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 275
422	14	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
423	14	Sg - G	Drag. 24/25	50 - 70 d.C.	Tertivs III	ER·T·IR(…)	14a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 262
424	14	Sg - G	Ritt. 8	20 - 60 d.C.	Damonvs	DAMONVS	11c	Rectangular de lado arredondados	Inédita

425	14	Sg - G				O(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
426	14	It - A		15 a.C. - 5 a.C.	Ateivs (2)	ATEI	267	450	Inédita
427	14	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Rectangular alongada	Inédita
428	14	Sg - G	Drag. 24/25			(…)MA		Indiferenciada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 289
429	14	Sg - G	Drag. 24/25		Laemvs (Laemivs?)	LAEM	2a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 283
430	14	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 70 d.C.	Bassvs II	BAꟾSIO	13a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 326
431	14	Sg - G	Drag. 24/25	50 - 70 d.C.	Perrvs (Pervs)	PERR·IMI	6a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 260
432	14	Sg - G	Drag. 27			(…)D		Rectangular de lado arredondados	Inédita
433	14	Sg - G	Drag. 27	40 - 65 d.C.	Modestvs I	MOD(…)	29c	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 295
434	14	Sg - G / R	Drag. 27	40 - 80 d.C.	Primvs III	OFPRINT	18j'	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 324
435	14	Sg - G	Drag. 27			(…)		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 264
436	14	Sg - G	Drag. 27			(…)A(…)		Rectangular de lado arredondados	Inédita
437	14	Sg - G	Drag. 18	65 - 85 d.C.	Peregrinvs I	PEREGRIN	3a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 317
438	14	Sg - G	Drag. 18	50 - 70 d.C.	Tertivs III	ERTIVS·F	10a'	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 261
439	14	Sg - G	Drag. 18			(…)S		Indiferenciada	Inédita
440	14	Sg - G	Prato	70 - 100 d.C.	Silvinvs II	SILVI(…)	8a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 348
441	14	Sg - G / E	Drag. 27	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	SECVNDI(…)	15b	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 339
442	14	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Albinvs III	(…)ALBN(…)	5b	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 334
443	14	Sg - G	Prato			N(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 308
444	14	Sg - G	Drag. 27	45 - 70 d.C.	Bassvs II	BASSI	15f	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 310
445	14	Sg - G	Drag. 27	50 - 70 d.C.	Pavllinvs I	PAVLLINNI	1a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 314
446	14	Sg - G	Drag. 27	15 - 50 d.C.	Tertivs II	TERT	2a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 350
447	14	Sg - G	Drag. 27	50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	OFPASN(…)	18b	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 309
448	14	Sg - G / E	Drag. 27	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	OFSECVN	10d	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 338
449	14	Sg - G / R / B	Prato	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	OFSABINI	1a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 333

450	14	Sg - G	Prato	30 - 50 d.C.	Rvsticvs	OFRVST	7a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 330
451	14	Sg - G	Drag. 27	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	IILVANI	Ψ2	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 345
452	14	Sg - G / R	Drag. 27	40 - 80 d.C.	Primvs III	OFPRINT	18j'	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 323
453	14	Sg - G	Drag. 24/25	30 - 60 d.C.	Silvinvs I	SILVINI	2a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 347
454	14	Sg - G	Prato	30 - 50 d.C.	Rogatvs	ROGATI·OF	1a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 327
455	14	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 70 d.C.	Niger II	FNGI	3b""	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 305
456	14	Sg - G	Drag. 27	50 - 70 d.C.	Pavllinvs I	PAVLLINI	1a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 315
457	14	Sg - G			Grafomorfo	NI(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 306
458	14	Sg	Taça		Grafomorfo	VIN		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 353
459	14	Sg - G	Drag. 27	30 - 60 d.C.	Salvetvs I (Salve tu - Salve?)	SALVE(…)	11i	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 335
460	14	Sg - G	Drag. 27	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SECVN(…)	6b	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 341
461	14	Sg - G	Prato	25 - 50 d.C.	Severvs II	SEVERVS	2a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 343
462	14	Sg - G			Grafomorfo	(…)VII		Rectangular de lado arredondados	Inédita
463	14	Sg - G / E	Prato	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	SEC(…)	25a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 342
464	14	Sg - G / R	Prato	45 - 65 d.C.	Pavllvs I (Pavlvs)	PΛVLLV(…)	9c	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 316
465	14	Sg - G	Drag. 27	30 - 60 d.C.	Salvetvs I (Salve tu - Salve?)	(…)BIV	5o	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 349
466	14	Sg - G	Prato	25 - 50 d.C.	Severvs III	(…)VER	9d	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 344
467	14	Sg - G			Grafomorfo	IIVΛ		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 357
468	14	Sg - G / R / B		50 - 80 d.C.	Sabinvs III	O.SAB(…)	19b	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 336
469	14	Sg - G / R		40 - 80 d.C.	Primvs III	PRIMI	35g	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 320
470	14	Sg - G		20 - 50 d.C.	Festvs I	(...)EST.VSF	4a	Indiferenciada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 355
471	14	Sg - G				RA(…)		Rectangular alongada	Inédita
472	14	Sg - G				OI(…)		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 312??
473	14	Sg - G				CO		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 356
474	14	Sg - G	Prato		Pontivs	PONTINI	1a'?	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 319

475	14	Sg - G	Drag. 24/25	35 - 65 d.C.	Scotnvs	SCOTNI	3a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 337
476	14	Sg - G	Prato	65 - 95 d.C.	Cat - I	OFGVI(...)	ϕ1	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 325
477	14	Sg - G / R	Prato	40 - 80 d.C.	Primvs III	PRIM(…)	38d	Indiferenciada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 321
478	14	Sg - G		35 - 65 d.C.	Licinvs	(…)INI	39b	Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 322
479	14	Sg - G				(…)		Rectangular alongada	Inédita
480	14	Sg - G	Drag. 27	40 - 70 d.C.	Va- Va- (Vava-) ?	VAVA	1b	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 351
481	14	Sg - G	Taça	30 - 50 d.C	Rvsticvs	RVSIIC(…)	19b	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 329
482	14	Sg - G	Taça	45 - 70 d.C.	Niger II	OF.N(…)	7a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 307
483	14	Sg - G		65 - 90 d.C.	Patricivs I	OFPA(…)	3e	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 311
484	14	Sg - G	Prato	65 - 90 d.C.	Patricivs I	OFPATRIC	4c	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 313
485	14	Sg - G				(…)IVS(…)		Indiferenciada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 318
486	14	Sg - G				VS(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 352
487	14	His - LR	His. 15/17			EXO(…)VN	M. 754	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 427; Mayet, 1983, p. 145
488	14	Sg - G	Drag. 27	25 - 55 d.C.	Cantvs	OF·CAV(…)	ϕ1	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 247
489	14	Sg - G	Prato			CM(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 246
490	14	Sg - G	Drag. 18			(…)RVS		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 240
491	14	Sg - G	Drag. 18	70 - 95 d.C.	Frontinvs	OFRONTNI	1a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 271
492	14	Sg - G	Drag. 15/17	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SIICV(…)	6c	Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 274
493	14	Sg - G	Taça	20 - 60 d.C.	Damonvs	(…)O	5a	Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 244
494	14	Sg - G	Drag. 27	40 - 65 d.C.	Modestvs I	OFMOD	9h	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 294
495	14	Sg - G / R / B	Prato	50 - 75 d.C.	Martialis I	MAR(…)FECIT	14a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 291
496	14	Sg - G / R	Drag. 24/25	60 - 80 d.C.	Avitvs II	(…)IIVΛ(…)	9b	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 263
497	14	Sg - G	Taça			(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 287
498	14	Sg - G	Prato	40 - 60 d.C.	Capito I	(…)APIIO	3a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 250
499	14	Sg - G	Drag. 27	20 - 35 d.C.		MAL	1-a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 290

500	14	Sg - G		30 - 65 d.C.	Amandvs II	OF.N(…)	3d	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 300
501	14	Sg - G				OF(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 242
502	14	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 60 d.C.	Bollvs II	BOLLVSFIC	4a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 243
503	14	Sg - G	Prato			OFN(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 276
504	14	Sg - G	Taça			:MIT.I:		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 293
505	14	Sg - G				OC(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 239
506	14	Sg - G	Drag. 27	50 - 75 d.C.	Felix I -Sev-	FEVXSEX	1a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 267
507	14	Sg - G		65 - 110 d.C.	Ivllinvs I	(…)INI	3b	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 277
508	14	Sg - G	Drag. 27	40 - 70 d.C.	Abitvs (Habitvs)	ABTI	10a	Rectangular alongada	Diogo, 1980b, nº 1; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 232
509	14	Sg - G	Taça			ACN(…)		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 233
510	14	Sg - G	Ritt. 5	20 - 50 d.C.	Dodo-	DODO(…)	1a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 255
511	14	Sg - G		55 - 70 d.C.	Annivs I	ANNII	2a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 238
512	14	Sg - G	Drag. 24/25	60 - 85 d.C.	Firmo II	FIRMO	8b	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 269
513	14	Sg - G	Drag. 27	30 - 55 d.C.	Carvs II	CARI:·F	16a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 251
514	14	Sg - G				CIIDV		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 236
515	14	Sg - G		45 - 85 d.C.		(…)NII	6a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 258
516	14	Sg - G	Drag. 27	60 - 85 d.C.	Mommo	MOMO(…)	Φ- i	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 299
517	14	Sg - G	Taça		Grafomorfo	IIVA(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 302
518	14	Sg - G				GA(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 248
519	14	Sg - G	Drag. 27	60 - 85 d.C.	Mommo	MOMO(…)	Ψ- d	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 298
520	14	Sg - G	Taça			EME		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 256
521	14	Sg - G	Drag. 27		Grafomorfo	IINI		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 257
522	14	Sg - G	Drag. 27	65 - 110 d.C.	Ivllinvs I	IVLN(…)	9a	Rectangular de lados bífidos	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 278
523	14	Sg - G	Ritt. 8	40 - 60 d.C.	Capito I	CΛPITO	3-b	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 249
524	14	Sg - G	Drag. 27	45 - 70 d.C.	Niger II	(…)FNGR	5b	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 304

525	14	Sg - G	Drag. 27			N(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 301
526	14	Sg - G		45 - 70 d.C.	Bellicvs I	(…)ELLICI	4a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 266
527	14	Sg - G	Prato	40 - 70 d.C.	Formosvs	FORMOSVS	2a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 270
528	14	Sg - G / Mi / Ra	Prato	35 - 65 d.C.	Masclvs I (Mascvlvs)	MASC(…)	17a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 292
529	14	Sg - G	Taça	30 - 65 d.C.	Albinvs III	OFALBIN	4a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 235; Diogo, 1980b, nº 9
530	14	Sg - G			Ivbilvs?	IVBI(…)		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 272
531	14	Sg - G	Prato	40 - 65 d.C.	Modestvs I	MOD(…)	ɸ2	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 297
532	14	Sg - G / R	Prato	30 - 60 d.C.	Ivcvndvs II	IVCVN(…)	4a'	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 273
533	14	Sg - G		30 - 65 d.C.	Maccarvs I	OFI·MACCA(…)	6a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 288
534	14	Sg - G	Prato	60 - 85 d.C.	Ivstvs I	IVS(…)	12a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 279
535	14	Sg - G	Prato	10 - 50 d.C.	Bilicatvs (Bilicatos)	OFIC·B(…)	4a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 241
536	14	Sg - R	Drag. 33	50 - 75 d.C.	L. C- Celsvs	L·C(…)	3a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 253
537	14	Sg - G		30 - 65 d.C.	Albinvs III	(…)ALBINI	4a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 234; Diogo, 1980b, nº 8
538	14	Sg - R		50 - 75 d.C.	L. C- Celsvs	(…)ELSIO(…)	3a	Indiferenciada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 252
539	14	Sg - G		60 - 85 d.C.	Mommo	MO(…)	27a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 296
540	14	Sg - G				(…)SF		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 254
541	14	Sg - G		45 - 75 d.C.	Labio	(…)BE	7a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 281
542	14	Sg - G				(…)VI		Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 245
543	14	Sg - G		40 - 60 d.C.	Cacabio (Cacabvs?)	(…)BIOF	1a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 282
544	14	Sg - G		60 - 85 d.C.	Mommo	OF.M(…)	9j	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 147-148; Nº 303
545	14	It - A	Consp. B4.11	10 a.C. - 20 d.C.	Gavivs	(…)GAVI	867,2	450	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 269
546	14	It				(…)		100	Inédita
547	14	It - A	Consp. B3.16	15 a.C. - 30 d.C.	L. Titivs	L.TIT	2203.2O	603	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 263
548	14	It - A	Consp. 18.2	15 a.C. - 5 d.C.	A. Annivs Crispvs	(…)/CRISP(…)	123,9	151	A. Alarcão, 1971b, Pl. 5.28; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 239
549	14	It		20 - 1 a.C.	L. Tettivs Sariva	(…)RIVE/(…)ETI	2106,3	100	Inédita

550	14	It				(…)		100	Inédita
551	14	It - A	Prato	10 a.C. - 50 d.C.	Vmbricivs (1)	VMBI(…)	2441,21	450	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 264
552	14	It	Prato	(+) 30 d.C.	Posid(onivs?)	POSD	1512,2	450	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 253
553	14	It - ItC	Consp. B4.1-10	1 - 20 d.C.	C. Cvrtivs	C.CVRT	718,1	136	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 45; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 240
554	14	It - Pi	Consp. B4.7	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	ATEI	268,48	450	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 9; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 231
555	14	It - A	Consp. B4-12-13	15 a.C. - 30 d.C.	L. Titivs	L.TIT	2203,18	450	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 55; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 262
556	14	It	Prato		Unattributable (2)	Palma	2580,6	701	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 61; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 272
557	14	It - Pi	Consp. B4.11	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOIL	2544,24	450	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 268
558	14	It - A	Consp. B4.1-10	(+) 15 d.C.	P. Cornelivs Firmvs	FIRM/P·CO	646,6	261	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 22; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 242
559	14	It - ItC	Consp. B4.1-10	(+) 10 d.C.	Stephanvs Strato	STRATO/SEPAN	1996,1	261	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 261
560	14	It - Pi	Taça	10 a.C. - 20 d.C.	Volvsvs	VOLVI	2523,3	450	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 267
561	14	It - A	Consp. B4.1-10	(+) 1 d.C.	P. Cornelivs Speratvs	SPERATVS/P·CORN	676,1	100	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 260
562	14	It - Pu		(+) 1 d.C.	Vrbanvs (1)	VR(…)	2528,3	450	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 57; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 265
563	14	It - A	Prato	10 a.C. - 20 d.C.	C. Memmivs	C.MEM(…)	1138,21	450	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 248
564	14	It - A	Consp. B4.1-13	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Anthvs	P.CORNE/(…)VS	628,6	311	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 226
565	14	It - Pu	Consp. B4.1-13	1 - 20 d.C.	Naevivs (2)	(…)EIAA	1232,22	454	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 246
566	14	It - Pu	Consp. B4.1-13	10 a.C. - 10 d.C.	Agathemervs	AGA(…)	53,9	450	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 1; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 225
567	14	It - Pi / L		10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	(…)RCR	698,57	603	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 236
568	14	It - A	Consp. B3.13	(+) 15 d.C.	P. Cornelivs Firmvs	FIRM/P.CO	646,6	261	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 21; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 243
569	14	It - Pi	Consp. B4.1-13	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	MT(…)	268	572	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 247
570	14	It - Pu	Taça	(+) 1 d.C.	Nicos(tratvs) (3)	NI:CO	1271,2	450	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 252
571	14	It - N	Prato	10 a.C. - 30 d.C.	Qvadratvs (2)	QVADRAT	1595,7	608	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 256
572	14	It - Pi	Consp. B4.1-13	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	ATEI	268,138	601	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 230
573	14	It	Prato	(+) 15 d.C.	Unattributable (2)	(…)	2562,3	450	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 37; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 271
574	14	It	Consp. B4.13		Felix (5)	(…)LIAN	823,6	451	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 25; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 244

575	14	It - Pi	Consp. B4.1-13	5 a.C. - 40 d.C.	Cn. Ateivs (3)	CNATEI	276,31	572	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 227
576	14	It - A	Consp. B4.12	10 a.C. - 50 d.C.	Vmbricivs (1)	(…)VIBI	2441.3O	454	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 266
577	14	It - A	Consp. B4.12-13	15 a.C. - 10 d.C.	L. S(avfeivs) G(avsa) (2)	LSG	1824,9	450	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 23; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 259
578	14	It - A / Pi / L	Consp. B4.12	15 a.C. - 50 d.C.	Cn. Ateivs (5)	(…)CNATE:	278,92	450	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 228
579	14	It - A	Consp. B4.1-13	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	(…)RAS	1623,48	451	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 258
580	14	It - A / Pi / L	Consp. B4.13	15 a.C. - 50 d.C.	Cn. Ateivs (5)	CNATEI	278,69	451	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 6; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 229
581	14	It - A	Prato	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Potvs	P.CORN/(…)TVS(…)	669,3	383	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 254
582	14	It - N	Prato	10 a.C. - 30 d.C.	Qvadratvs (2)	(…)DRAT(…)	1595,7	608	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 257
583	14	It - Pi	Prato	5 a.C. - 25 d.C.	Cn. Ateivs Crestvs	CRESTI(…)	285,26	572	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 17; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 237
584	14	It - ItC	Consp. B4.11-13	(+) 15 d.C.	Herm() (2)	(…)RM	925,4	608	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 26; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 245
585	14	It - Pi	Taça	5 a.C. - 20 d.C.	Cn. Ateivs Xanthvs	ATEI	316,24	572	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 7; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 232
586	14	It	Taça		Unattributable (2)	CVLA(...)?	2585,133	535	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 241
587	14	It		1 - 15 d.C.	Me()	(…)MEI	1131,1	121	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 29; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 250
588	14	It - Pu	Consp. B4.1-13	10 a.C. - 10 d.C.	C.Tap(vrivs?)	C.TAP	2036,4	450	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 8; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 233
589	14	It - A	Consp. B4.1-13	10 a.C. - 10 d.C.	L. Pri()	(…)PRI	1520,1	999	A. Alarcão, 1971b, Est. V, Nº 52; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 255
590	14	It - Pi	Consp. B4.1-13	10 a.C. - 20 d.C.	Sex. Avillivs Manivs (1)	AVIL(…)	415,2	534	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 234
591	14	It - Pi / L	Prato	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	(…)RESTI(…)	689,56	606	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 238
592	14	It - A		5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.CO/<<<	624,58	502	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 235
593	14	His	Hisp. 4	70 - 80 d.C.	C. A() F()	C⁞A⁞F⁞	M. 90	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1983, Pl. CCIX, Nº 90; Cunha, 2009, nº 34
594	14	His - LR (AA - LP)	His. 36	70 - 100 d.C.	Segivs Tritiensis	OF.SEGI.TRI	M. 568	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1973, p. 48, nº 60; Mayet, 1983, nº 568
595	14	It	Consp. 23.2	1 - 30 d.C.	C. Me()	C.ME	1132.1O	603	A. Alarcão, 1971b, Pl. 5.30; A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 249
596	14	It - Pu	Taça	1 - 20 d.C.	Naevivs (2)	NA(…)	1232,18	451	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 251
597	14	It	Consp. 27.1		C. R()	CR	1604	601	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 63; Nº 270
598	14	Sg - G	Drag. 27	0 - 70 d.C.	Anivs	ANII	6b	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110; Nº 237
599	14	Sg - G / R	Drag. 18	55 - 85 d.C.	Felix I	OFFELICI	4a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 265

600	14	Sg - G	Drag. 24/25	40 - 70 d.C.	Eron-	IIRC(…)	1b	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 259
601	14	Sg - G	Drag. 27	20 - 50 d.C.	Festvs I	FESTV(…)	6a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 268
602	14	Sg - G	Drag. 15/17	0 - 100 d.C.	Lentinvs I	LENTINVS	1a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 284
603	14	Sg - G	Drag. 27	15 - 45 d.C.	Lepidvs II	F.LEPID		Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 286
604	14	Sg - G	Drag. 15/17	30 - 50 d.C.	Rvsticvs	OF.RVSTIC	6a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 328
605	14	Sg - G	Drag. 27	50 - 65 d.C.	Rvtaenvs	RVTAEN	4a	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 331
606	14	Sg - G / R / B	Drag. 18	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	SABINVSF	41a'	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 332
607	14	Sg - G	Drag. 24/25	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SECVND	2f	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 340
608	14	Sg - G	Drag. 24/25	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	(…)IIVNA:E(…)	Novo Dardo?	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 346
609	14	His - LR	Taça	80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	LNA(…)DII	M. 301	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 395; Mayet, 1983, p. 145
610	20	It - A / Pi / L	Consp. B.4.9	15 a.C. - 30 d.C.	Ateivs (5)	ATE	270,13	999	Silva, 2013, p. 682
611	20	It	Consp. B.4.13	20 a.C. - 40 d.C.	Avillivs	AVIL(…)	371,44	451	Silva, 2013, p. 682
612	20	It	Prato	15 a.C. - 5 d.C.	C. Chrestivs	C.CHRE(…)	550,2	999	Silva, 2013, p. 682
613	20	It - A		15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	R(…) (retro)	1623	999	Silva, 2013, p. 682
614	20	It	Prato			(…)		451	Silva, 2013, p. 682
615	20	It	Consp. 31.1/23			(…)		372	Silva, 2013, p. 682
616	20	Sg - G / M	Prato	25 - 50 d.C.	Acvtvs I	OFIC.ACVT	7a'	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 684
617	20	Sg - G	Drag. 24/25	60 - 85 d.C.	Carbo	CARB(…)	3a	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 684
618	20	Sg - G	Prato	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	(…)VRAN	20b'	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 684
619	20	Sg - G / R		40 - 80 d.C.	Primvs III	PRIMI	36b	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 684
620	20	Sg - G	Prato			(…)RVS(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 684
621	20	Sg - G	Drag. 24/25			(…)S (horizontal?)		Rectangular com moldura	Silva, 2013, p. 684
622	20	His - LR (TM)	Prato	85 - 100 d.C.	Caivs Lvc()	CA.L(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 685
623	20	His - LR	His. 27			(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 685
624	20	His - LR	His. 27			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 685

625	20	His - LR	His. 29			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 685
626	20	Sg - G / Ba	Prato	70 - 90 d.C.	Salvtvs	SALVTV	1a	Rectangular com moldura	Silva, 2013, p. 723
627	20	His - LR	His. 27		Aemilivs	OF.AEMILI		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 725
628	20	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Annivs Mart()	ANNI.MART.OF		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 725
629	20	His - LR (AA - LP)	Prato	70 - 100 d.C.	Segivs Tritiensis	OF.SE(…)	327	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 725
630	20	His - LR	Prato			(…)M		Rectangular de lados bífidos	Silva, 2013, p. 725
631	20	It	Taça		C. Memmivs Vernas	(…)/VERN(..)	1158,1	274	Silva, 2013, p. 732
632	20	It - Pu	Consp. B.2.4	5 a.C. - 15 d.C.	Coma(zon)	COM(…)	601	341	Silva, 2013, p. 676
633	20	It - A	Pratél	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Philon(icvs)	(…)HILON/(…)CORN	665,4	100	Silva, 2013, p. 676
634	20	It - A	Consp. 23	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASI (retro)	1623,82	608	Silva, 2013, p. 676
635	20	It - N		20 a.C. - 20 d.C.	C. Sentivs (1)	C.SEN	1861.21'	451	Silva, 2013, p. 676
636	20	His - LR (TM)	His. 36	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVA(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 678
637	20	His - LR	Prato			(…)I		Rectangular com moldura	Silva, 2013, p. 678
638	20	Sg - G	Ritt. 8	60 - 90 d.C.	Memor	ME(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 695
639	20	Sg - G	Drag. 15/17	40 - 55 d.C.	Firmvs I	OFFIRM	4a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 714
640	20	Sg - G	Drag. 27	40 - 70 d.C.	Victor I	VICT(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 714
641	20	His - LR	His. 27			O(…)M		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 715
642	20	Sg - G	Prato	70 - 95 d.C.	Frontinvs	(…)ONTNI	1c	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 706
643	20	Sg - G	Drag. 24/25	60 - 90 d.C.	Memor	ME(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 706
644	20	Sg - G / R	Drag. 27	40 - 75 d.C.	Silvivs I	(…)ILVIFE		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 706
645	20	His - LR			Accvnes	(…)CCVNES.OF (n retro)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 709
646	20	His - LR (TM)	Prato	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTI.PATERNO	B.60	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 709
647	20	His - LR (B)	His. 27		Frontonivs Patervs	O.FR.PA		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 709
648	20	His - LR (TM)	His. 36		Maternvs Blandvs	O(…)MAT.BLAN	M.358	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 709
649	20	His - LR	His. 36	80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	L.NAS.DII	B.265	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 709

650	20	His - LR	His. 36	80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	L.N(…)	B.267	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 709
651	20	His - LR (AA - LP)	His. 36	70 - 100 d.C.	Segivs Tritiensis	OF.SEGI.TRI	M.568	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 709
652	20	His - LR	Taça			(…)R		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 710
653	20	His - LR				(…)I		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 710
654	20	Sg - G	Prato			(…)F		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 717
655	20	His - LR	His. 15/17	80 - 100 d.C.	Annivs Mart()	(…)T.OF		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 719
656	20	His - LR	His. 15/17	90 - 150 d.C.	V.K.	EXOFV.K		Rectangular de lados bífidos	Silva, 2013, p. 719
657	20	His - LR	His. 27			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 719
658	20	His - LR	His. 27			EXO(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 719
659	20	It	Prato			(...)		999	Silva, 2013, p. 698
660	20	Sg - G	Prato	65 - 90 d.C.	Patricivs I	(…)TRIC	4b	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 699
661	20	Sg - G	Drag. 18	65 - 90 d.C.	Patricivs I	OFPAR(…)	3h'	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 699
662	20	Sg - G				(…)M(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 699
663	20	His - LR (TM)		150 - 210 d.C.	Agilianvs	AGILI(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 700
664	20	His - LR	His. 27			OF(…)		In Planta Pedis	Silva, 2013, p. 700
665	20	His - LR	Taça			III(…)		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 700
666	20	It - A	Taça	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Potvs	P.CORN/POTI	669,3	450	Silva, 2013, p. 692
667	20	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Maccarvs I	MACARV		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 693
668	20	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 693
669	20	His - LR	His. 27			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 693
670	20	It - Pi		5 a.C. - 20 d.C.	Cn. Ateivs Xanthvs	XAN(…)	316,129	451	Silva, 2013, p. 729
671	20	It - Pi	Prato	60 - 150 d.C.	Sex. M(vrrivs) Fes(tvs)	(…)MF	1212	999	Silva, 2013, p. 729
672	20	It	Prato	(+) 10 a.C.	Unattributable (2)	(…)	2549,5	531	Silva, 2013, p. 729
673	20	Sg - G	Drag. 18	50 - 75 d.C.	Neqvres	(…)ES	1a	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 730
674	20	Sg - G	Drag. 18			O(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 730

675	20	Sg - G	Prato			O(…)	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 730
676	20	His - LR				(…)AM	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 731
677	20	It - A		5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	(…)/(…)COR	624	100	Silva, 2013, p. 688
678	20	Sg - G / R	Prato	55 - 85 d.C.	Felix I	FELI(…)	23b	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 690
679	20	Sg - G	Drag. 27	50 - 65 d.C.	Vitalis I	OVIT		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 690
680	20	Sg - G	Drag. 27			(…)NN		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 690
681	40	It - Pu	Consp. B.3.15	10 a.C. - 10 d.C.	Agathemervs	AGA	53,9	450	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
682	40	It - A	Prato	15 a.C.- 5 d.C	Annivs	ANNI	116,12	455	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
683	40	It	Consp. B.4.9	1 - 15 d.C	C. Gavivs Fervs	C.GAVI / FERVS		261	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
684	40	It - ItC		1 - 15 d.C	Carvs	CAR(...)	518,1	999	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
685	40	It - A		5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.CORN	624,35	471	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
686	40	It - A	Consp. B.2.4.	5 - 20 d.C.	P. Cornelivs Diome(des)	DIOME / P.CORN	638,1	261	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
687	40	It - A	Consp. 23	5 - 20 d.C.	P. Cornelivs Diome(des)	DIOME / P.CORN	638,1	261	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
688	40	It - A		(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Potvs	[P.]CORN / POTI	669,3	461	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
689	40	It - Pi / L	Consp. B.3.12	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	(…)ESTI	698,62	454	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
690	40	It - Pi		5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVHOD	787,32	601	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
691	40	It	Consp. 23	(+) 15 d.C.	L. Fastidienvs	L.FAST	809,9	450	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
692	40	It - A		30 a.C.- 10 a.C.	P. Hertorivs	P.HERT	933,34	451	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
693	40	It	Consp. B.4.1	10 a.C. - 10 d.C.	Ivcvndvs (4)	(…)CVND	990	450	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
694	40	It	Consp. B.4.6	(+) 1 d.C.	Mvr( )	(…)VR	1197,4	999	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
695	40	It	Consp. B.4.8		L. R( ) A( )	L.R A	1610	450	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
696	40	It	Consp. B.4.6	10 a.C.- 10 d.C.	Pri( ) (2)	PRI	1519,1	151	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
697	40	It	Consp. 33.1	30 a.C. - 15 d.C.	Titivs	TITI	2149,9	451	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
698	40	It - Pi	Prato	15 a.C.- 15 d.C.	M. Valerivs	M. / VALERI / (palma)	2315,23	451	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
699	40	It - A	Taça	(+) 15 d.C.	C. Vmbricivs Philologvs	VMBRI(…) / PHILOLO	2448.12-14	451	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274

700	40	It - Pu		(+) 1 d.C.	Vrbanvs (1)	VRBAN	2258	454	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
701	40	It		(+) 15 d.C.	(L.) (Vmbricivs) Manci(anvs) Sabbio	SABBIO / L(?) (...)	2475,1	999	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
702	40	It - A	Prato	1 - 20 d.C.	C. Volvsenvs (2)	C.VOL	2500,15	617	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
703	40	It - Pi	Consp. 24.3	5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	XANTHI	2536,131	605	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
704	40	It	Consp. B.3.12			HTI?		451	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
705	40	It	Consp. B.4.1			(...)		999	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
706	40	It	Consp. B.3.15			(...)		999	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
707	40	It	Consp. B.4.9			(...)		999	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
708	40	It				(...)		999	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
709	40	It				(...)		999	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
710	40	It				(...)		999	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
711	40	It				(...)		612	Fernandes & Sepúlveda, 2009, p. 139-168; Silva, 2013, p. 273-274
712	40	It	Taça			(…)(?)		999	Sepúlveda, Gomes & Silva; 2003; Fig. 1 nº 320; Silva, 2013, p. 344
713	40	Sg - G	Drag. 27	35 - 65 d.C.	Licinvs	LICIN	55a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 345
714	40	His - LR (TM)	His. 27	150 - 210 d.C.	Agilianvs	(…)NI	B. 3	Rectangular de lados bífidos	Sepúlveda, Gomes & Silva; 2003; Fig. 2 nº 307; Silva, 2013, p. 346
715	40	It	Prato	20 a.C. - 40 d.C.	Avillivs	AV(…)	371,37	611	Silva, 2013, p. 253
716	40	It - A	Taça	(+) 15 d.C.	P. Cornelivs Firmvs	(…)RNE/FIRMIO	646,1	100	Silva, 2013, p. 253
717	40	It	Prato			(…)FO(…)		999	Silva, 2013, p. 253
718	40	Sg - G		45 - 75 d.C.	Albvs I	(…)BVSFE		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 256-257
719	40	Sg - G	Drag. 18	70 - 100 d.C.	Gaivs I	OF.GAI	1a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 256-257
720	40	Sg - G	Drag. 18	70 - 110 d.C.	Mercator I (Mercatoris?)	LOGIRNM		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 256-257
721	40	Sg - G	Drag. 27	40 - 65 d.C.	Modestvs I	OF MERC		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 256-257
722	40	Sg - G	Drag. 24/25	60 - 85 d.C.	Mommo	OF. M(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 256-257
723	40	Sg - G	Drag. 27	55 - 80 d.C.	Montanvs I	MOM		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 256-257
724	40	Sg - G	Ritt. 8			(…)A.F		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 256-257

725	40	Sg - G	Drag. 27		Grafomorfo	?		Grafomorfo	Silva, 2013, p. 256-257
726	40	Sg - G	Taça			V(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 256-257
727	40	Sg - G	Drag. 27			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 256-257
728	40	Sg - G	Drag. 24/25			(…)F		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 256-257
729	40	Sg - G	Drag. 18R			O(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 256-257
730	40	It	Consp. 33.2	(+) 10 d.C.	Eros (5)	EROS / FIICIIT	780,5	311	Silva, 2013, p. 313
731	40	It - Pu	Consp. B.2.2-3	(+) 1 d.C.	Vrbanvs (1)	VRBAN	2258,3	450	Silva, 2013, p. 313
732	40	Sg - G	Taça	45 - 70 d.C.	Fortis I	(…)TIS	1a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 313
733	40	Sg - G	Drag. 33	80 - 110 d.C.	Celsvs II	OF.CELSI		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 278
734	40	Sg - G	Prato			(…).I		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 324
735	40	It - Pi	Consp. 7.1	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	ATEI	268	571	Silva, 2013, p. 320; Silva 2015, p. 46
736	40	Sg - G	Prato	35 - 50 d.C.	Cina (Cina-)	CINA(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 320; Silva 2015, p. 47
737	40	Sg - G	Prato	30 - 65 d.C.	Lvcceivs I	OFLVCCEI	1c	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 320; Silva 2015, p. 47
738	40	Sg - G / VL	Prato	20 - 50 d.C.	Rvfinvs II	R(…)	3a	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 320; Silva 2015, p. 47
739	40	It - Pi	Taça	50 - 100 d.C.	C. P() Pi(sanvs)	C·P(…)	1342,22	501	Silva, 2013, p. 225
740	40	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 75 d.C.	Albvs I	OF. AL(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 225
741	40	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Amandvs II	OF.AMAN(…)	2a - 2d	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 225
742	40	Sg - G	Prato	90 - 125 d.C.	Amandvs III (Amandinvs?)	OF[.AMA]ND	1a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 225
743	40	Sg - G / Ba	Drag. 27	65 - 90 d.C.	Calvvs I	OF.CALVI	5g	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 225
744	40	Sg - G / R	Drag. 27	80 - 110 d.C.	L. Cosivs Virilis	L.COS.(…)	25a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 225
745	40	Sg - G	Drag. 27	65 - 90 d.C.	Cotto II	COTO M	6a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 225
746	40	Sg - G	Drag. 27	30 - 60 d.C.	Donatvs I	DON(…)	5a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 225
747	40	Sg - G	Drag. 24/25	50 - 75 d.C.	Eme-	(…)M		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 225
748	40	Sg - G	Prato	45 - 70 d.C.	Fortis I	(…)IS	1a	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 225
749	40	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 70 d.C.	Niger II	(…).NGR		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 225

750	40	Sg - G	Pratél	60 - 85 d.C.	Maccarvs II	(…)CCAR(…)	1b´	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 225
751	40	Sg - G	Drag. 18	65 - 90 d.C.	Patricivs I	OF. PATRIC		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 225
752	40	Sg - G / Ca	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Pvdens I	VDES	8a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 225
753	40	Sg - G	Drag. 27	45 - 75 d.C.	Qvartvs III	QVARTVS F.	8a'-8a"	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 225
754	40	Sg - G / R / B	Drag. 27	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	(…)BIN(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 225
755	40	Sg - G	Prato	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	(…)ECV(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 225
756	40	Sg - G / E	Drag. 33	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	(…)SECV(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 225
757	40	Sg - G	Ritt. 9	60 - 85 d.C.	Vimvs (Vimivs)	[V]IMI M.		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 225
758	40	Sg - G	Taça	70 - 100 d.C.	Vitalis II	OVIT		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 226
759	40	Sg - G	Drag. 18			OF.A(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 226
760	40	Sg - G	Drag. 33			Ilegivel		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 226
761	40	Sg - G	Drag. 27			IFVR		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 226
762	40	Sg - G	Drag. 18R			OF(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 226
763	40	Sg - G	Prato			(…)[O]FI		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 226
764	40	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 226
765	40	Sg - G	Drag. 18R			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 226
766	40	Sg - G	Drag. 24/25			O(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 226
767	40	Sg - G	Drag. 33			OF(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 226
768	40	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 226
769	40	Sg - G	Drag. 27			OF(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 226
770	40	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 226
771	40	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 226
772	40	His - A	His. 27		C. A() H()	EXOFCNH		Rectangular de lados bífidos	Silva, 2013, p. 231
773	40	His	His. 27		P. A()	OF.PA		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 231
774	40	His - LR	Taça	70 - 100 d.C.	Agileivs	(…)GILEI	B523	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 231

775	40	His - LR (TM)	His. 33	80 - 110 d.C.	Flaccvs	(…)ACCI	B523	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 231
776	40	His - A	Prato		T. I() F()	EXOFTIF	B537	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 231
777	40	His - LR	His. 36		Martialis	OF.MARTIA		Rectangular com moldura	Silva, 2013, p. 231
778	40	His	His. 36		Octavivs	OC.TA.EXOF	B. 590	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 231
779	40	His - LR	Hisp. 4	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PETERO(…)	B605	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 231
780	40	His	His. 18		Tannvs	X.TA(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 231
781	40	His - LR (TM)	His. 36		S. Venvstvs	NVST		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 231
782	40	His - LR	His. 27			O(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 231
783	40	His - LR	Prato			(…)(?)(2X)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 231
784	40	Sg - G	Prato	90 - 125 d.C.	Amandvs III (Amandinvs?)	OF.AMA(…)	1a	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 488
785	40	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Maternvs Tritiensis	OFMATR	B. 135	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 489
786	40	His - LR	His. 27			EXO(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 489
787	40	It - A	Pratél	15 a.C. - 5 d.C.	Annivs	(…)NI	116	451	Silva, 2013, p. 339-340
788	40	It - ItC	Consp. B.4.7	10 a.C. - 10 d.C.	C. Valerivs Tyrannvs Ant()	AN/(…)	2298,5	999	Silva, 2013, p. 339-340
789	40	It - ItC	Consp. B 4.10	(+) 1 d.C.	Heraclio	HIIR/ACLIO	922,3	511	Silva, 2013, p. 339-340
790	40	It	Consp. B 4.1 - 10	1 - 20 d.C.	Pvpivs	PVPI	1585,1	451	Silva, 2013, p. 339-340
791	40	It - A	Prato	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASI	1623,63	451	Silva, 2013, p. 339-340
792	40	It - A	Prato	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASN	1623,29	451	Silva, 2013, p. 339-340
793	40	It	Consp. B 4.10			(…)		451	Silva, 2013, p. 339-340
794	40	Sg - G	Drag. 24/25	35 - 65 d.C.	Cocvs I	COC(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 341
795	40	Sg - G	Drag. 24/25	50 - 80 d.C.	Dofenvs	DOFIINI	1a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 341
796	40	Sg - G	Taça	65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	RVFINI	1a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 341
797	40	It - Pu	Consp. 23	(+) 1 d.C.	Ennivs	E(…)	761,1	999	Silva, 2013, p. 360
798	40	It	Consp. 23			(?)(…)		999	Silva, 2013, p. 360
799	40	It	Taça			(?)(…)		999	Silva, 2013, p. 360

800	40	It				(…)		617	Silva, 2013, p. 360
801	40	It	Consp. B.4.2			(…)		617	Silva, 2013, p. 360
802	40	Sg - M	Taça	40 - 70 d.C.	Albinvs I	OF ALB(…)	4c	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 365-366
803	40	Sg - G	Ritt. 8	50 - 70 d.C.	Aper I	(…)APRI	5a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 365-366
804	40	Sg - G	Drag. 27	25 - 55 d.C.	Cantvs	OFC.CANT	5a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 365-366
805	40	Sg - G / R	Taça	50 - 75 d.C.	Celadvs	CE(…)	8b	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 365-366
806	40	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Eme-	IM(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 365-366
807	40	Sg - G	Drag. 24/25	30 - 65 d.C.	Maccarvs I	MAC(…)	13d	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 365-366
808	40	Sg - G / R	Prato	75 - 110 d.C.	L. Cosivs Virilis	(…)LI	12d	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 365-366
809	40	Sg - G	Drag. 18	70 - 90 d.C.	Ivcvndvs III	(…)VCV	23a-d	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 365-366
810	40	Sg - G	Drag. 33	25 - 35 d.C.	Oppianvs	OPPIAN(…)	2a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 365-366
811	40	Sg - G	Drag. 24/25	25 - 50 d.C.	Severvs II	SEVERF		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 365-366
812	40	Sg - G	Drag. 24/25	70 - 100 d.C.	Vitalis II	VI(…)		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 365-366
813	40	Sg - G	Prato	50 - 65 d.C.	Partor I-Ce-	(…)ORCE	2a	Rectangular com moldura	Silva, 2013, p. 365-366
814	40	Sg - G	Drag. 29			OF(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 365-366
815	40	Sg - G	Drag. 27			OF(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 365-366
816	40	Sg - G	Drag. 18			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 365-366
817	40	His - A	Taça		T. I()	(…)F T.I(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 367
818	40	His - A	Prato	80 - 90 d.C.	Titvs Oppivs	(…)PPI		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 367
819	40	It - A / Pi / L	Consp. B.4.3.	15 a.C. - 30 d.C.	Ateivs (5)	ATE	270,136	381	Silva, 2013, p. 238
820	40	It	Prato			(…)		501	Silva, 2013, p. 238
821	40	Sg - G	Drag. 15/17	60 - 80 d.C.	Cabvcatvs	CAB(…)	1a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 243
822	40	Sg - G	Drag. 18	65 - 95 d.C.	Carantvs I	OF.CARAN		Rectangular com moldura	Silva, 2013, p. 243
823	40	Sg - G	Taça	60 - 85 d.C.	Dontio	(…)OI	10a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 243
824	40	Sg - G	Drag. 24/25	35 - 65 d.C.	Licinvs	LICIN	54a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 243

825	40	Sg - G / M / SS	Drag. 27	60 - 90 d.C.	Logirnvs	OGIRN	12a'	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 243
826	40	Sg - G	Ritt. 8		Marcvs I	(…)ARCI		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 243
827	40	Sg - G	Drag. 27	60 - 90 d.C.	Memor	MEMOR		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 243
828	40	Sg - G	Taça	50 - 65 d.C.	Protis	PROTIS	1a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 243
829	40	Sg - G	Prato	15 - 45 d.C.	Sabinvs I	(…)BINI		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 243
830	40	Sg - G	Drag. 27	70 - 100 d.C.	Vitalis II	VITAL		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 243
831	40	Sg - G	Drag. 18			OF(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 243
832	40	Sg - G	Drag. 18			O(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 243
833	40	Sg - G	Taça			O(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 243
834	40	Sg - G	Drag. 27			O(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 243
835	40	Sg - G	Drag. 24/25			M(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 243
836	40	Sg - G	Drag. 27			(…)(?)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 243
837	40	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 243
838	40	Sg - G	Prato			(…)(?)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 243
839	40	His - A	Prato		C. A() H()	(…)GAH	B312	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 244
840	40	It - A	Consp. 22.5.1	1 - 30 d.C.	C. Gavivs (2)	C.CAV	869	482	Silva, 2013, p. 307-308
841	40	It - Pi	Prato	5 - 40 d.C.	Zoilvs (2)	(…)/(…)ZOILI (retro)	2544,41	450	Silva, 2013, p. 307-308
842	40	It	Consp. B.4.13			(…)		999	Silva, 2013, p. 307-308
843	40	Sg - G	Drag. 18			(…)CV		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 309
844	40	Sg - G	Pratél			(…)I		Rectangular de lados bífidos	Silva, 2013, p. 369
845	40	Sg - G	Ritt. 8	45 - 75 d.C.	Crestio	OF.CRESTI	5b"	Rectangular de lado arredondados	Sepúlveda et all., 2002, Est. VIII A; Silva, 2013, p. 375
846	40	Sg - G	Drag. 27	50 - 75 d.C.	Pontivs	PONT(…)	1b	Rectangular de lado arredondados	Sepúlveda et all., 2002, Est. VIII B; Silva, 2013, p. 375
847	40	Sg - G / E	Drag. 33	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	SECVNDI		Rectangular de lado arredondados	Sepúlveda et all., 2002, Est. VIII C; Silva, 2013, p. 375
848	40	Sg - G	Drag. 27			(…)III		Rectangular de lado arredondados	Sepúlveda et all., 2002, Est. VIII D; Silva, 2013, p. 375
849	40	His - A	His. 27			E(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 376

850	40	It - A	Taça	30 - 70 d.C.	Camvrivs	(…)VRI	514	999	Silva, 2013, p. 304
851	40	It	Taça	30 - 70 d.C.	L. Avillivs	L.AVIL	403,8	603	Silva, 2013, p. 352
852	40	It - Pi	Consp. 21.3-7	50 - 100 d.C.	C. P() Pi(sanvs)	(…)P	1342	341	Silva, 2013, p. 352
853	40	It - Sc	Consp. B.3.16-17	25 - 50 d.C.	L. Plotivs	L.(…)	1484	451	Silva, 2013, p. 352
854	40	It	Prato	20 - 1 a.C.	Tarqvi(tivs)	TAR(…)	2038	451	Silva, 2013, p. 354
855	40	Sg - G	Drag. 24/25	40 - 70 d.C.	Castvs I	OFI.CAS	2d	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 354
856	40	Sg - G	Drag. 24/25	40 - 65 d.C.	Lvpvs II	(…)PI	5a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 354
857	40	Sg - G	Taça	60 - 85 d.C.	Maccarvs II	(…)F.MAC(…)	13d'	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 354
858	40	Sg - G	Drag. 18	65 - 100 d.C.	L. Ter- Secundus	L.TE(…)		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 354
859	40	Sg - G	Drag. 27			IAMII		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 360
860	40	It	Consp. 22			D(…)		450	Bugalhão et all, 2013, Fig. 16 nº 3267
861	40	It - Pu		1 - 20 d.C.	Pharnaces (2)	(…)RNACES	1437	Supradecorativa (0)	Comfort, 1959, p. 1-12; Pereira, 1974, p. 41
862	40	His - LR (TM)	Taça	85 - 100 d.C.	Caivs Lvc()	OAIVO	M. 111	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Pl. CCIX, nº 111
863	40	His - LR	His. 35		Flavinvs	(…)AVINI	M. 204	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, Pl. CCXI, nº 204
864	40	His	His. 27		L()	EXO.L	M. 261	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Pl. CCXII, nº 261
865	40	His	Taça			(…)CN	M. 758	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Pl. CCXXI, nº 758
866	40	It - N	Consp. B.2.7	(+) 30 d.C.	Amandvs (1)	A(…)D	81,4	617	Silva 2005, fig. 10 nº 1; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 217
867	40	It - Pi	Consp. B.4.2	5 a.C. - 40 d.C.	Cn. Ateivs (3)	CNATEI	276,54	617	Silva 2005, fig. 11 nº 2; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 218
868	40	It - A / Pi / L	Consp. B.4.7	15 a.C. - 30 d.C.	Ateivs (5)	ATEE	270	381	Silva 2005, fig. 11 nº 3; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 219
869	40	It - Pi	Prato	1 - 20 d.C.	Cn. Ateivs Primvs	CN(…)/PRIMV	307	261	Silva 2005, fig. 11 nº 4; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 220
870	40	It - A	Prato	15 a.C. - 30 d.C.	Cn. Ateivs Eros	(…)N/(…)NATE	290	261	Silva 2005, fig. 11 nº 5; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 221
871	40	It - A	Consp. 26.1	15 a.C. - 5 d.C.	A. Annivs Crispvs	AN(…)I/(…)	123.7-10	999	Silva 2005, fig. 12 nº 6; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 222
872	40	It - Pu	Consp. 18.1.1	10 a.C. - 10 d.C.	Atticvs (3)	ATICI	340,8	458	Silva 2005, fig. 12 nº 7; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 223
873	40	It - A	Consp. 23.1	5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P(…)/(palma)	624,58	505	Silva 2005, fig. 13 nº 8; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 224
874	40	It - A	Taça	5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	(…)/RN/EL	624,64	643	Silva 2005, fig. 13 nº 9; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 225

875	40	It - A		5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.CORN	624.17-38	450	Silva 2005, fig. 13 nº 10; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 226
876	40	It - A	Consp. B.4.3	5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.CORNE	624,22	450	Silva 2005, fig. 13 nº 11; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 227
877	40	It - A		5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	(…)RNE	624.20-21	999	Silva 2005, fig. 13 nº 12; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, 228
878	40	It - A			P. Cornelivs P(h)ras(tvs)	PHART/P.COR	666	261	Silva 2005, fig. 13 nº 13; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, p. 229
879	40	It - A	Consp. B.3.2.	(+) 1 d.C.	P. Cornelivs Speratvs	SPERATVS/(…)RN	676,2	100	Silva 2005, fig. 14 nº 14; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 230
880	40	It - Pu	Consp. 22.2.1	(+) 1 d.C.	Ennivs	ENN(…)	761,2	451	Silva 2005, fig. 14 nº 15; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 231
881	40	It	Consp. 33.2	(+) 10 d.C.	Eros (5)	EROS/FIICIT	780,5	261	Silva 2005, fig. 14 nº 16; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 234
882	40	It	Consp. 33.2	20 a.C. - 10 d.C.	Hilarvs (5)	HILA/RVS	953,3	501	Silva 2005, fig. 15 nº 17; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 233
883	40	It	Consp. 9.1.1	1 - 30 d.C.	C. Me()	(…)E	1132,5	341	Silva, 2013, p. 421-432
884	40	It - Pi	Taça	1 - 30 d.C.	Mvrrivs	MVRR	1202,22	450	Silva 2005, fig. 16 nº 18; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 234
885	40	It - Pi	Consp. 34 ou 37	50 - 100 d.C.	C. P() Pi(sanvs)	C.P.P	1342,9	999	Silva 2005, fig. 17 nº 20; Silva 2013, p. 421-432
886	40	It - Pi	Taça	50 - 100 d.C.	C. P() Pi(sanvs)	C.P.P	1342,25	602	Silva, 2013, p. 421-432
887	40	It - Pu	Taça	1 - 20 d.C.	Philargvrvs (1)	PHILAR(…?)	1444	602	Silva 2005, fig. 17 nº 21; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 235
888	40	It - Pu	Consp. 22.1-2	1 - 15 d.C.	Specvlator	SPE/.(…)	1978	999	Silva 2005, fig. 18 nº 22; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 237
889	40	It	Taça	20 - 1 a.C.	Tarqvi(tivs)	TARQ(…)	2038	450	Silva 2005, fig. 18 nº 23; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 236
890	40	It - A	Consp. B.4.11	1 - 40 d.C.	C. Vibienvs (2)	C(.)VIB	2373,52	450	Silva 2005, fig. 19 nº 24; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 238
891	40	It - ItC	Consp. B.3.13	15 a.C. - 4 d.C.	L. Vibivs	(…)IIII/(…)	2419,6	999	Silva 2005, fig. 19 nº 25; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 239
892	40	It - Pi	Taça	10 a.C. - 20 d.C.	Volvsvs	(…)(palma)LVSI	2523,34	372	Silva 2005, fig. 20 nº 26; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 240
893	40	It - Pu	Consp. B.2.7	(+) 1 d.C.	Vrbanvs (1)	VRBAN	2528,3	450	Silva 2005, fig. 20 nº 27; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 241
894	40	It - Pi	Consp. 26.1.2	5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	XAN(…)	2536,132	450	Silva 2005, fig. 21 nº 28; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 242
895	40	It	Prato			(?)V(…)/AV		261	Silva 2005, fig. 22 nº 29; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 243
896	40	It	Taça			(…)OouD/palma		999	Silva 2005, fig. 22 nº 30; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 244
897	40	It	Consp. 20			(…)O(…)L?		999	Silva 2005, fig. 22 nº 31; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 245
898	40	It	Taça		Unattributable (2)	(…)	2557,1	999	Silva 2005, fig. 22 nº 32; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 246
899	40	It	Prato			(…)V(?)		603	Silva 2005, fig. 22 nº 33; Silva 2013, p. 421-432; Bolila, 2011, nº 247

900	40	It - Pi	Cálice	60 - 150 d.C.	Sex. M(vrrivs) Fes(tvs)	SEX.M.F.	1212,25	602	Silva 2005, fig. 16 nº 19; Silva 2013, p. 421-432
901	40	Sg - G	Drag. 27	25 - 45 d.C.	Albinvs II	OF[.]ALBIN	5a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 23 nº 34; Silva 2013, p. 462-463
902	40	Sg - G	Drag. 24/25	30 - 65 d.C.	Amandvs II	(…)MAND		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 24 nº 35; Silva 2013, p. 462-463
903	40	Sg - G	Prato	20 - 45 d.C.	Anextlatvs	(…)EXTLA(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 24 nº 36; Silva 2013, p. 462-463
904	40	Sg - G	Drag. 27	40 - 70 d.C.	Anivs	OF ANI	2a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 24 nº 39; Silva 2013, p. 462-463
905	40	Sg - G	Drag. 24/25	55 - 70 d.C.	Annivs I	ANNI(…)	4-a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 24 nº 37; Silva 2013, p. 462-463
906	40	Sg - G	Prato	45 - 65 d.C.	Aqvitanvs	OF.AQVITANI	1b	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 25 nº 41; Silva 2013, p. 462-463
907	40	Sg - G	Prato	45 - 65 d.C.	Aqvitanvs	OFA(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 25 nº 42; Silva 2013, p. 462-463
908	40	Sg - G	Drag. 15/17	50 - 70 d.C.	Ardanvs	OARDAN	4a'	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 25 nº 43; Silva 2013, p. 462-463
909	40	Sg - G	Drag. 24/25	50 - 70 d.C.	Ardanvs	OAR	7a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 24 nº 38; Silva 2013, p. 462-463
910	40	Sg - G	Drag. 27	20 - 45 d.C.	Ave (I) ou Avetv ou Ave tu ou Ave Vale etc…	AVE	3a	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 26 nº 44; Silva 2013, p. 462-463
911	40	Sg - G	Prato	55 - 80 d.C.	Axo-/Axud-	OFIAX		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 26 nº 45; Silva 2013, p. 462-463
912	40	Sg - G	Prato	45 - 70 d.C.	Bassvs II	(…)BA(…)	6	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 462-466
913	40	Sg - G	Drag. 27	45 - 70 d.C.	Bassvs II	BA(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 462-466
914	40	Sg - G	Ritt. 8	10 - 50 d.C.	Bilicatvs (Bilicatos)	BIL(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 26 nº 46; Silva 2013, p. 462-463
915	40	Sg - G	Drag. 24/25	55 - 75 d.C.	Cabvca	CABVCAF	1a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 26 nº 47; Silva 2013, p. 462-463
916	40	Sg - G / Ba	Prato	65 - 85 d.C.	Calvvs I	OFCALVI	5q	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 27 nº 48; Silva 2013, p. 462-463
917	40	Sg - G	Drag. 15/17	40 - 70 d.C.	Castvs I	OFCANTI	13e	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 462-466
918	40	Sg - G	Drag. 24/25	40 - 60 d.C.	Capito I	CAPITO.F		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 27 nº 49; Silva 2013, p. 462-463
919	40	Sg - G	Drag. 24/25	40 - 60 d.C.	Capito I	CAPITO.F		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 462-466
920	40	Sg - G	Drag. 15/17	40 - 70 d.C.	Castvs I	OFCASTI	2c	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 27 nº 51; Silva 2013, p. 462-463
921	40	Sg - G	Prato	40 - 70 d.C.	Castvs I	OFCAST(…)	2c	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 27 nº 50; Silva 2013, p. 462-463
922	40	Sg - G	Drag. 27	45 - 60 d.C.	Chrestvs	CHR	9a	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 28 nº 52; Silva 2013, p. 462-463
923	40	Sg - G	Drag. 27	45 - 80 d.C.	Chrestvs	CHR		Indiferenciada	Silva 2005, fig. 28 nº 53; Silva 2013, p. 462-463
924	40	Sg - G	Drag. 24/25	35 - 65 d.C.	Cocvs I	I:COCO	13a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 29 nº 54; Silva 2013, p. 462-463

925	40	Sg - G	Prato	70 - 90 d.C.	Cosivs Rufinvs	COSI RVFINI	4-d	Grafomorfo	Silva, 2013, p. 462-466
926	40	Sg - G	Drag. 24/25	65 - 90 d.C.	Crestvs I	CRESTI		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 29 nº 55; Silva 2013, p. 462-463
927	40	Sg - G	Ritt. 8	20 - 40 d.C.	Crispvs II	CRIS		Rectangular com lado menor decorado	Silva 2005, fig. 30 nº 57; Silva 2013, p. 462-463
928	40	Sg - G	Ritt. 5	20 - 45 d.C.	Demioncvs	DE(…)	1-a	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 462-466
929	40	Sg - M	Drag. 27	50 - 70 d.C.	Donicatvs	DONIC	5c	Rectangular com lado menor decorado	Silva, 2013, p. 462-466
930	40	Sg - G	Drag. 24/25	50 - 75 d.C.	Eme-	IIMII		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 31 nº 59; Silva 2013, p. 462-463
931	40	Sg - G	Drag. 29	50 - 75 d.C.	Eme-	IMI		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 31 nº 60; Silva 2013, p. 462-463
932	40	Sg - G	Drag. 27	50 - 75 d.C.	Eme-	IMI		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 31 nº 61; Silva 2013, p. 462-463
933	40	Sg - G	Drag. 27	50 - 75 d.C.	Eme-	IMII		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 31 nº 62; Silva 2013, p. 462-463
934	40	Sg - G	Prato	70 - 90 d.C.	Firmvs II	FIRMO	5a"	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 32 nº 63; Silva 2013, p. 462-463
935	40	Sg - G	Drag. 27	70 - 110 d.C.	Gaivs I	OF GAI	1-a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 462-466
936	40	Sg - G	Prato	40 - 65 d.C.	Gallicanvs II	OF GALIC	2a	Rectangular	Silva 2005, fig. 32 nº 64; Silva 2013, p. 462-463
937	40	Sg - G	Drag. 33	35-65 d.C.	Ingenvvs II	OFINGENVI	5a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 32 nº 65; Silva 2013, p. 462-463
938	40	Sg - G	Drag. 18	30 - 60 d.C.	Ivcvndvs II	IVCVND	6b	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 33 nº 66; Silva 2013, p. 462-463
939	40	Sg - G	Drag. 27	30 - 45 d.C.	Ivlvs II	OFIV		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 33 nº 68; Silva 2013, p. 462-463
940	40	Sg - G	Drag. 18	65 - 100 d.C.	Ivllinvs I	IVLLIN	7a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 33 nº 67; Silva 2013, p. 462-463
941	40	Sg - G	Drag. 18	15 - 45 d.C.	Lepidvs II	LEPID.OF		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 33 nº 69; Silva 2013, p. 462-463
942	40	Sg - G	Drag. 18	55 - 65 d.C.	Lentv-	LENTVF	1a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 34 nº 71; Silva 2013, p. 462-463
943	40	Sg - G	Drag. 18	55 - 65 d.C.	Lentv-	LEN(…)	1a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 34 nº 72; Silva 2013, p. 462-463
944	40	Sg - G	Drag. 24/25	10 - 50 d.C.	Leveos?	LEVIIOS	1a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 34 nº 70; Silva 2013, p. 462-463
945	40	Sg - G	Drag. 18	35 - 65 d.C.	Licinvs	LICINVF		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 35 nº 73; Silva 2013, p. 462-463
946	40	Sg - G	Drag. 27	35 - 65 d.C.	Licinvs	OFLICN	20b	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 35 nº 74; Silva 2013, p. 462-463
947	40	Sg - G	Ritt. 9	35 - 65 d.C.	Licinvs	LICN	55a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 35 nº 75; Silva 2013, p. 462-463
948	40	Sg - G	Prato	40 - 65 d.C.	Lvpvs II	LVPIMA	3b	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 35 nº 76; Silva 2013, p. 462-463
949	40	Sg - G	Drag. 24/25	30 - 65 d.C.	Maccarvs I	MAC(…)	32-b	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 36 nº 77; Silva 2013, p. 462-463

950	40	Sg - G	Prato	60 - 80 d.C.	Mandvilvs	MAND(…)	6b	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 36 nº 78; Silva 2013, p. 462-463
951	40	Sg - G	Drag. 33	60 - 90 d.C.	Memor	OFMEMO		Indiferenciada	Silva 2005, fig. 37 nº 79; Silva 2013, p. 462-463
952	40	Sg - G	Taça	60 - 90 d.C.	Memor	ME(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 37 nº 80; Silva 2013, p. 462-463
953	40	Sg - G	Prato	60 - 90 d.C.	Memor	(…)R OF		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 37 nº 81; Silva 2013, p. 462-463
954	40	Sg - G	Drag. 16	55 - 85 d.C.	Minatu- (Minatus)	MINATIOF		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 38 nº 82; Silva 2013, p. 462-463
955	40	Sg - G	Ritt. 8	40 - 65 d.C.	Modestvs I	OFMOD	9a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 38 nº 83; Silva 2013, p. 462-463
956	40	Sg - G	Taça	40 - 65 d.C.	Modestvs I	(…)M	29b	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 38 nº 84; Silva 2013, p. 462-463
957	40	Sg - G	Drag. 24/25	60 - 85 d.C.	Mommo	MOM	9n	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 39 nº 85; Silva 2013, p. 462-463
958	40	Sg - G	Ritt. 8	60 - 85 d.C.	Mommo	OFMOM	11e	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 39 nº 86; Silva 2013, p. 462-463
959	40	Sg - G	Drag. 24/25	60 - 85 d.C.	Mommo	OM	27d	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 39 nº 87; Silva 2013, p. 462-463
960	40	Sg - G	Prato	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	MVRAN(…)	21a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 39 nº 88; Silva 2013, p. 462-463
961	40	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	MVR	29a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 39 nº 89; Silva 2013, p. 462-463
962	40	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 70 d.C.	Niger II	OF.NIGR	3b"	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, p. 179; Silva 2013, p. 462-463
963	40	Sg - G	Drag. 24/25	50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	O.PASEN	18a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 40 nº 91; Silva 2013, p. 462-463
964	40	Sg - G	Drag. 27	65 - 90 d.C.	Patricivs I	OF[.]PA(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 40 nº 92; Silva 2013, p. 462-463
965	40	Sg - G / E	Drag. 24/25	40 - 65 d.C.	Primvs I	OFPRIMI		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 41 nº 93; Silva 2013, p. 462-463
966	40	Sg - G	Drag. 29	60 - 85 d.C.	Pvdens II	FPVDEN	3a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 41 nº 94; Silva 2013, p. 462-463
967	40	Sg - G	Drag. 24/25	50 - 70 d.C.	Qvintvs II (Qvintivs)?	QVI	5a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 42 nº 95; Silva 2013, p. 462-463
968	40	Sg - G	Prato	35 - 50 d.C.	Rogatvs	ROGAT(…)	6a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 462-466
969	40	Sg - G	Drag. 27	65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	.T.RV(…)	25a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 29 nº 56?; Silva 2013, p. 462-463
970	40	Sg - G	Drag. 29	65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	RVF(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 42 nº 96; Silva 2013, p. 462-463
971	40	Sg - G	Drag. 33	65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	RVFINI		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 42 nº 97; Silva 2013, p. 462-463
972	40	Sg - G	Ritt. 8	65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	RVFINI		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 42 nº 98; Silva 2013, p. 462-463
973	40	Sg - G / R / B	Drag. 18	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	OF.SABINI		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 462-466
974	40	Sg - G / R / B	Drag. 15/17	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	OF.SAB(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 43 nº 99; Silva 2013, p. 462-466

975	40	Sg - G / R / B	Drag. 33	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	ABINIO		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 43 nº 100; Silva 2013, p. 462-466
976	40	Sg - G / R / B	Drag. 27	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	SABINIO		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 43 nº 101; Silva 2013, p. 462-466
977	40	Sg - G / R / B	Prato	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	(…)ABINI		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 43 nº 102; Silva 2013, p. 462-466
978	40	Sg - G / R / B		50 - 80 d.C.	Sabinvs III	(…)BINO		Indiferenciada	Silva 2005, fig. 43 nº 103; Silva 2013, p. 462-466
979	40	It - Pi	Taça	(+) 5 d.C.	Cn. Ateivs Sabinvs	OF.SABI/CN(…)	311	999	Silva, 2013, p. 462-466
980	40	Sg - G / E	Drag. 15/17	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	OF.SECVND		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 44 nº 104; Silva 2013, p. 462-466
981	40	Sg - G	Drag. 18	30 - 65 d.C.	Senicio	SEN(…)CIOF		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 44 nº 105; Silva 2013, p. 462-466
982	40	Sg - G	Drag. 24/25	30 - 60 d.C.	Senomant-	SENOM	9a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 45 nº 106; Silva 2013, p. 462-466
983	40	Sg - G	Drag. 27	25 - 50 d.C.	Severvs II	OFSEVER		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 45 nº 107; Silva 2013, p. 462-466
984	40	Sg - G	Ritt. 8	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVANIOF		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 46 nº 108; Silva 2013, p. 462-466
985	40	Sg - G	Drag. 15/17	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVANI		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 46 nº 109; Silva 2013, p. 462-466
986	40	Sg - G	Drag. 27	70 - 100 d.C.	Silvinvs II	OFS(…)VIN		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 46 nº 110; Silva 2013, p. 462-466
987	40	Sg - G / R	Drag. 24/25	40 - 75 d.C.	Silvivs I	OFISILVI		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 46 nº 111; Silva 2013, p. 462-466
988	40	Sg - G	Prato	25 - 50 d.C.	Vapuso (Vapvsvs)	VAP(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 462-466
989	40	Sg - G	Drag. 15/17	25 - 50 d.C.	Vapuso (Vapvsvs)	VAPVSO	6a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 47 nº 112; Silva 2013, p. 462-466
990	40	Sg - G	Drag. 27	50 - 65 d.C.	Vitalis I	OVITA		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 462-466
991	40	Sg - G	Drag. 24/25	50 - 65 d.C.	Vitalis I	OVIIA		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 47 nº 114; Silva 2013, p. 462-466
992	40	Sg - G	Prato	70 - 100 d.C.	Vitalis II	(…)TAL(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 47 nº 113; Silva 2013, p. 462-466
993	40	Sg - G	Prato	50 - 70 d.C.	Angivs	(…)FANGI(…)	1a	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 47 nº 115; Silva 2013, p. 462-466
994	40	Sg - G	Drag. 18			AIVFA		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 462-466
995	40	Sg - G	Drag. 18			IIFIN(…)VII		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 48 nº 116; Silva 2013, p. 462-466
996	40	Sg - G	Drag. 27			OIL(?)MI		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 48 nº 117; Silva 2013, p. 462-466
997	40	Sg - G	Drag. 27			MIINA		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, Est. 24 nº 40; Silva, 2013, p. 462-466
998	40	Sg - G	Ritt. 8			?E(…)		Indiferenciada	Silva 2005, fig. 48 nº 118; Silva 2013, p. 462-466
999	40	Sg - G	Drag. 29			N(…)		Indiferenciada	Silva 2005, fig. 48 nº 119; Silva 2013, p. 462-466

1000	40	Sg - G	Prato	(…)QE(…)	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 48 nº 120; Silva 2013, p. 462-466
1001	40	Sg - G	Drag. 24/25	(…)AOFI	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 48 nº 121; Silva 2013, p. 462-466
1002	40	Sg - G	Ritt. 5	(…).AR	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 49 nº 123; Silva 2013, p. 462-466
1003	40	Sg - G	Prato	(…)AN	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 49 nº 124; Silva 2013, p. 462-466
1004	40	Sg	Drag. 33	(…)ANO	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 50 nº 125; Silva 2013, p. 462-466
1005	40	Sg	Drag. 15/17	(…)I	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 50 nº 126; Silva 2013, p. 462-466
1006	40	Sg	Drag. 18	(…)(?)	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 50 nº 127; Silva 2013, p. 462-466
1007	40	Sg - G	Prato	(…)ICI	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 50 nº 128; Silva 2013, p. 462-466
1008	40	Sg - G	Prato	(…)M	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 50 nº 129; Silva 2013, p. 462-466
1009	40	Sg - G	Drag. 27	(…)IO.OF	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 50 nº 130; Silva 2013, p. 462-466
1010	40	Sg	Drag. 15/17	(…)M	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 51 nº 131; Silva 2013, p. 462-466
1011	40	Sg	Prato	(…)NI	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 51 nº 132; Silva 2013, p. 462-466
1012	40	Sg	Drag. 24/25	(…)NO	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 51 nº 133; Silva 2013, p. 462-466
1013	40	Sg	Drag. 15/17	(…)O	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 51 nº 134; Silva 2013, p. 462-466
1014	40	Sg	Taça	(…)O	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 51 nº 135; Silva 2013, p. 462-466
1015	40	Sg		(…)TI?	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 51 nº 136; Silva 2013, p. 462-466
1016	40	Sg	Drag. 18	(…)N(…)	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 52 nº 137; Silva 2013, p. 462-466
1017	40	Sg	Drag. 27	(…)OI?(…)	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 52 nº 138; Silva 2013, p. 462-466
1018	40	Sg	Drag. 27	(…)	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 52 nº 139; Silva 2013, p. 462-466
1019	40	Sg	Drag. 18	(…)	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 52 nº 140; Silva 2013, p. 462-466
1020	40	Sg	Drag. 27	(…)	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 53 nº 140; Silva 2013, p. 462-466
1021	40	Sg	Prato	(…)	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 462-466
1022	40	Sg	Drag. 27	(…)	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 462-466
1023	40	Sg	Drag. 27	(…)	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 53 nº 141; Silva 2013, p. 462-466
1024	40	Sg	Drag. 24/25	(…)	Indiferenciada	Silva 2005, fig. 53 nº 143; Silva 2013, p. 462-466

1025	40	Sg	Drag. 33			(…)		Indiferenciada	Silva 2005, fig. 53 nº 144; Silva 2013, p. 462-466
1026	40	His - A	Taça		C. A()	EXOFCA	M. 78	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 54 nº 146; Ribeiro 2010, est. 19 nº 216; Silva 2013, p. 475-476;
1027	40	His - A	His. 27		C. A() H()	EXOFCAH		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 54 nº 148; Ribeiro 2010, est. 19 nº 218; Silva 2013, p. 475-476;
1028	40	His - A	His. 27		C. A() H()	EXOFCA	M. 98	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 54 nº 147; Ribeiro 2010, est. 19 nº 217; Silva 2013, p. 475-476;
1029	40	His - A	His. 27		C. A() H()	EXOFCAH	M. 98	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 54 nº 149; Ribeiro 2010, est. 19 nº 219; Silva 2013, p. 475-476;
1030	40	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTIPATE(…)	B. 60	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 475-476
1031	40	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTIPAT(…)	B. 60	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 475-476
1032	40	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	(…)ACCI	M. 188	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 55 nº 150; Ribeiro 2010, est. 19 nº 220; Silva 2013, p. 475-476;
1033	40	His - LR (TM - Q)	Prato	70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)ILLI(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 55 nº 151; Ribeiro 2010, est. 19 nº 221; Silva 2013, p. 475-476;
1034	40	His - LR	His. 27	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	EXOFPET		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 56 nº 152; Ribeiro 2010, est. 20 nº 222; Silva 2013, p. 475-476;
1035	40	His - A	His. 15/17		P. T()	EXOFPT	M. 504	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 475-476
1036	40	His - LR	His. 15/17	80 - 100 d.C.	Satvrninvs	(…)INI	M. 539	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 56 nº 154; Ribeiro 2010, est. 20 nº 223; Silva 2013, p. 475-476;
1037	40	His - LR	His. 27		Scapvla	(…)VLAE	M. 556	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 57 nº 155; Ribeiro 2010, est. 20 nº 224; Silva 2013, p. 475-476;
1038	40	His - LR (AA - LP)	Taça	70 - 100 d.C.	Segivs Tritiensis	(…)RIT	M. 568	Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 57 nº 156; Ribeiro 2010, est. 20 nº 225; Silva 2013, p. 475-476;
1039	40	His - LR	His. 27		Valerivs Ma()	OFVAL MA	M. 673	Rectangular com moldura	Silva 2005, fig. 58 nº 157; Ribeiro 2010, est. 21 nº 226; Silva 2013, p. 475-476;
1040	40	His - LR (TM)	Prato	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)LEPA		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 58 nº 158; Ribeiro 2010, est. 21 nº 227; Silva 2013, p. 475-476;
1041	40	His - LR	Taça			LVIII(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 59 nº 159; Ribeiro 2010, est. 21 nº 228; Silva 2013, p. 475-476;
1042	40	His - A	Taça			LII(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 59 nº 160; Ribeiro 2010, est. 21 nº 229; Silva 2013, p. 475-476;
1043	40	His - LR	His. 27			EXOF(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2005, fig. 59 nº 161; Ribeiro 2010, est. 21 nº 230; Silva 2013, p. 475-476;
1044	40	His - LR				?(…)		Indiferenciada	Silva 2005, fig. 59 nº 162; Ribeiro 2010, est. 21 nº 231; Silva 2013, p. 475-476;
1045	40	His - LR	Taça			(…)S		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 475-476
1046	40	His - LR				(…)OF		Indiferenciada	Silva 2005, fig. 59 nº 163; Ribeiro 2010, est. 22 nº 232; Silva 2013, p. 475-476;
1047	40	His - A	His. 15/17			EXOF?(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 475-476
1048	40	His - A	His. 15/17			?(…)		Indiferenciada	Silva 2005, fig. 59 nº 164; Ribeiro 2010, est. 22 nº 233; Silva 2013, p. 475-476;
1049	40	His - A	His. 15/17			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 475-476

1050	40	His - A	His. 27			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 475-476
1051	40	His				(...)XF(…)		Indiferenciada	Silva 2005, fig. 59 nº 166; Ribeiro 2010, est. 22 nº 234
1052	40	It	Taça	20 - 1 a.C.	Statilia Canopvs	CANOPV/STAT ILIAE	1991	100	Silva, 2013, p. 381
1053	40	It - L	Consp. B.4.4	20 a.C. - 20 d.C.	Rvsticvs (1)	RVS/TIC	1742,1	501	Silva, 2013, p. 381
1054	40	Sg - G	Drag. 18	30 - 65 d.C.	Ardacvs II	FI.ARDAC	4a'	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 384-385
1055	40	Sg	Taça	50 - 70 d.C.	Arvs I	ARI M		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 384-385
1056	40	Sg - G		40 - 65 d.C.	Gallicanvs II	OFGALIC	2a	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 384-385
1057	40	Sg - G	Drag. 33	65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	OFRVF		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 384-385
1058	40	Sg - G		65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	(…)FIN		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 384-385
1059	40	Sg - G		30 - 60 d.C.	Senomant-	(…)ENOMA		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 384-385
1060	40	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 385
1061	40	It - A		15 a.C. - 15 d.C.	L. Tarqvitivs	(…)TAR	2040,15	451	Santos, 2015, Est. 1 nº 5
1062	40	Sg - G	Ritt. 9			(…)		Rectangular de lado arredondados	Santos, 2015, Est. 2 nº 26
1063	40	Sg - G	Taça	90 - 130 d.C.	C. Cincius Senovirus (G. Cingius)	OFSENOV		Rectangular de lado arredondados	Santos, 2015, Est. 3, Nº 40
1064	40	His	His. 27			(…)		Rectangular de lado arredondados	Santos, 2015, Est. 4, Nº 57
1065	40	His	His. 15/17			N(…)		Rectangular de lado arredondados	Santos, 2015, Est. 5, nº 88
1066	40	It - A	Pratél	30 a.C. - 10 a.C.	A. Vibivs	A.V.	2397	999	Silva, 2013, p. 290
1067	40	It - Pi	Taça	10 a.C. - 20 d.C.	Sex. Avillivs Manivs (1)	SEX. AVILLI MANI	415,5	533	Silva, 2013, p. 290
1068	40	It - A		(+) 10 d.C.	Calidivs (Strigo) Onirvs	(…)NIRVS/(…)LIDI	501,1	261	Silva, 2013, p. 290
1069	40	It - A		(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Himeros	HIMER/P. CORN	654,4	413	Silva, 2013, p. 290
1070	40	It	Prato	10 a.C. - 10 d.C.	Crispinvs (1)	CRISPI	702	999	Silva, 2013, p. 290
1071	40	It - N	Taça	1 - 20 d.C.	Evmenes	EV(…)/(…)N(…)	789,1	999	Silva, 2013, p. 290
1072	40	It	Consp. 32		Felix (5)	FELIX	823,19	471	Silva, 2013, p. 290
1073	40	It	Consp. B.4.13		C. Memmivs Vernas	C.MEM/VERNA[S]	1158,1	274	Silva, 2013, p. 290
1074	40	It - A	Prato	1 - 30 d.C.	C. Mvrrivs	C.MVRRI	1203,27	602	Silva, 2013, p. 290

1075	40	It - Pu	Consp. 35.1.1	10 a.C. - 10 d.C.	Agathemervs	AGA	53,9	451	Silva, 2013, p. 290
1076	40	It - Pu	Taça	1 - 15 d.C.	Specvlator	SPEC(…)	1978,4	450	Silva, 2013, p. 290
1077	40	It - Pu	Consp. B.3.12	10 a.C. - 10 d.C.	Serenvs (2)	SERENV	1878,6	510	Silva, 2013, p. 290
1078	40	It - A	Taça	(+) 15 d.C.	C. Vmbricivs Philologvs	VMBRIC PHILOLO	2448,14	151	Silva, 2013, p. 290
1079	40	It - A	Taça	(+) 15 d.C.	C. Vmbricivs Philologvs	PHILO(…)	2448,16	999	Silva, 2013, p. 290
1080	40	It		20 a.C. - 15 d.C.	L. Vmbricivs Hilario	HILARIO / L VMBRI		261	Silva, 2013, p. 290
1081	40	It - Pi	Consp. 22	15 a.C. - 15 d.C.	M. Valerivs	V"(…)	2315,12	999	Silva, 2013, p. 295-296
1082	40	It	Taça			P(?)(…)		999	Silva, 2013, p. 295-296
1083	40	It	Taça			(…)/(…)(?)I		999	Silva, 2013, p. 295-296
1084	40	It	Prato			E(…)/(…)		999	Silva, 2013, p. 295-296
1085	40	It	Consp. 18			(…)/(…)		999	Silva, 2013, p. 295-296
1086	40	Sg - G	Drag. 33	45 - 70 d.C.	Bassvs II	OF BASSI	4d	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 295-296
1087	40	Sg - G	Drag. 15/17	25 - 55 d.C.	Cantvs	CAN(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 295-296
1088	40	Sg - G / R	Drag. 33	80 - 100 d.C.	L. Cosivs Virilis	OF L C VIRILI	12c	Rectangular com moldura	Silva, 2013, p. 295-296
1089	40	Sg - G	Drag. 33	0- 100 d.C.	Dario (Darionvs?)	DARIO	2 - a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 295-296
1090	40	Sg - G	Taça	65 - 85 d.C.	Felicio I	FELICI	7 - a	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 295-296
1091	40	Sg - G / R	Ritt. 8	55 - 85 d.C.	Felix I	FELICIS[MA]	24a'	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 295-296
1092	40	Sg - G / VL	Taça	20 - 50 d.C.	Rvfinvs II	RVFINVS	3a	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 295-296
1093	40	Sg - G	Drag. 27	65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	(…)FRVFN	4c'	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 295-296
1094	40	Sg - G / R / B	Drag. 15/17	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	SABINI		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 295-296
1095	40	Sg - G	Drag. 27	30 - 60 d.C.	Salvetvs I (Salve tu - Salve?)	SALVE TV		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 295-296
1096	40	Sg - G	Taça		Grafomorfo	AIIISII		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 295-296
1097	40	Sg - G	Drag. 29			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 295-296
1098	40	Sg - G	Ritt. 8			(…)OF		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 295-296
1099	40	Sg - G	Prato			(…)S		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 295-296

1100	40	His - LR	His. 27		Aemilivs Maternvs	(…)AT	Mezq. 9	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 298
1101	40	His - LR (TM)	His. 27	150 - 210 d.C.	Agilianvs	OF AGIL		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 298
1102	40	His - A	His. 27		L. C() A()	IIXOF LCA	B. 125-6	Rectangular com lado menor decorado	Silva, 2013, p. 298
1103	40	His - LR (TM)	His. 27	85 - 100 d.C.	Caivs Lvc()	C.ALVO	705	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 298
1104	40	His - A	His. 27			(…)I OF		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 298
1105	40	His - LR	His. 27					Indiferenciada	Silva, 2013, p. 298
1106	40	His - A	His. 27			OF P(?)(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 298
1107	40	It	Taça			X(...)A		462	Silva, 2013, p. 249
1108	40	Sg - G	Taça		Grafomorfo	IAIIIII(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 260
1109	40	It	Consp. B.3.10	20 - 1 a.C.	P. Attivs	(…)PATI(…)	347,8	999	Amaro & Sepúlveda, 2007, Fig. 8, nº 2; Silva, 2013, p. 329
1110	40	It - Pu	Consp. B.4.10	10 a.C. - 10 d.C.	Agathemervs	AGATH	53,8	451	Amaro & Sepúlveda, 2007, Fig. 8, nº 1; Silva, 2013, p. 329
1111	40	It - A / N	Consp. 1.1.3	40 - 10 a.C.	A. Sestivs	(…)SEST	1926,5	100	Amaro & Sepúlveda, 2007, Fig. 8, nº 3; Silva, 2013, p. 329
1112	40	It	Consp. B.2.3			(…)		999	Amaro & Sepúlveda, 2007, Fig. 8, nº 4; Silva, 2013, p. 329
1113	40	Sg - G	Ritt. 8	60 - 80 d.C.	Albanvs II	OF ALBANI		Rectangular de lado arredondados	Amaro & Sepúlveda, 2007, Fig. 8, nº 6; Silva, 2013, p. 330
1114	40	His - A	His. 27		M. S() M()	OFMSM		Rectangular de lado arredondados	Amaro & Sepúlveda, 2007, Fig. 8, nº 7; Silva, 2013, p. 332
1115	40	His - A (C)			Ivstvs Otavivs	IVST/OCTA		Rectangular	Amaro & Sepúlveda, 2007, Fig. 8, nº 5; Silva, 2013, p. 332
1116	22	Sg - G / R	Drag. 27	45 - 65 d.C.	Pavllvs I (Pavlvs)	ALBVSFE	2b	Rectangular de lado arredondados	Silva 2013, p. 624 Sc. 87
1117	22	It	Taça	1 - 15 d.C.	Sex. Arvivs	SEX.ARVI	259,3	999	Viegas, 2003aa, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 579 Sc. 15
1118	22	It - ItC	Taça	1 - 20 d.C.	Favstvs (2)	FAVS/TVS	815,4	100	Viegas, 2003aa, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013; p. 579 Sc. 16
1119	22	It - A	Taça	15 a.C. - 5 d.C.	C. Memmivs Primvs	C.MEM(…)/PRI(…)	1156,5	261	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 579 Sc. 17
1120	22	It - ItC		40 - 1 a.C.	P. Messenivs Menopilvs	(…)SE/(…)ME/(…)VS	1171,4	100	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013; p. 579 Sc. 18
1121	22	It - Pu	Cálice	(+) 1 d.C.	Primvs (2)	PRIM(…)	1530,1	Supradecorativa (0)	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013; p. 579 Sc. 19
1122	22	Sg - G		45 - 65 d.C.	Sentrvs II	(…)NTRVS(…)	2a	Indiferenciada	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 580 Sc. 23
1123	22	It	Taça			(…)		999	Viegas, 2003a, p. 93; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 579 Sc. 20
1124	22	It	Taça			(…)		999	Viegas, 2003a, p. 93; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 579 Sc. 21

1125	22	It	Taça			(…)		601	Viegas, 2003a, p. 93; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 579 Sc. 22
1126	22	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)ILI		Rectangular alongada	Viegas, 2003a, p. 160; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 581 Sc. 26
1127	22	Sg - G	Drag. 27			IIFII		Rectangular de lado arredondados	Viegas 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 566 Sc. 4
1128	22	It	Prato			(…)		999	Viegas, 2003a, p. 93; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 566 Sc. 2
1129	22	It - A	Taça	15 a.C. - 15 d.C.	C. Arvivs	C.ARV	254,19	999	Viegas, 2003a, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 42
1130	22	It - A / Pi / L	Taça	15 a.C. - 50 d.C.	Cn. Ateivs (5)	CNA.EI	278	450	Viegas, 2003a, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 43
1131	22	It	Prato	1 - 30 d.C.	C. Me()	C.ME	1132,21	602	Viegas, 2003a, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 52
1132	22	It - A	Taça	5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.COR / ////	624,58	999	Viegas, 2003a, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 44
1133	22	It - A		5 - 20 d.C.	P. Cornelivs Diome(des)	(…)OM(…)/P.CO(…)	638,1	261	Viegas, 2003a, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 45
1134	22	It - A	Taça	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Apollo()	APOL(…)/«««/P.CORN	630	505	Viegas, 2003a, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 46
1135	22	It - A	Taça	(+) 15 d.C.	P. Cornelivs Heracla	HERAC/(…).COR	651,4	100	Viegas, 2003a, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 47
1136	22	It - Pu		(+) 1 d.C.	Ennivs	.ENN.I	761,4	450	Viegas, 2003a, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 48
1137	22	It	Taça	(+) 10 d.C.	Her()	HER	916,1	471	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 49
1138	22	It	Taça	20 a.C. - 10 d.C.	Hilarvs (5)	HILA/RVS	953,3	501	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 50
1139	22	It	Prato		Marivs (2)	MARI(…)	1125,2	450	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 51
1140	22	It - ItC	Prato	20 a.C. - 10 d.C.	C. Memmivs Anthvs	ANTHV/C.MEM	1139,1	457	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 53
1141	22	It - N	Taça	15 - 30 d.C.	Primvs (7)	PRIMV(…)	1535,5	617	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 55
1142	22	It - A		15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASI(…)	1623,19	999	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 56
1143	22	It - Pu	Consp. 22.1.2.	10 a.C. - 10 d.C.	C.Tap(vrivs?)	C.TAP	2036,4	471	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 57
1144	22	It - A		20 a.C. - 5 d.C.	L. Tettivs Samia (1)	(…)TETI/SMAIA	2109	100	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 58
1145	22	It - A / N	Pratél	30 - 15 a.C.	A. Titivs Figvlvs (2)	(…)/FIGVL	2168,2	631	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 607 Sc. 59
1146	22	Sg - G	Taça	40 - 60 d.C.	Capito I	(…)APIIO	3a	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 612 Sc. 65
1147	22	Sg - G	Taça	40 - 65 d.C.	Cennatvs	CENN(…)	3b	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 612 Sc. 66
1148	22	Sg - G	Drag. 27	60 - 85 d.C.	Mommo	OFMO	11c-d	Rectangular alongada	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 612 Sc. 67
1149	22	Sg - G / R	Drag. 27	45 - 65 d.C.	Pavllvs I (Pavlvs)	PAVLLVS(…)	11e	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 612 Sc. 69

1150	22	Sg - G	Drag. 29	65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	OF.RVFINI	2c	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 612 Sc. 70
1151	22	Sg - G / E		60 - 90 d.C.	Secvndvs II	OFSECVN(…)	10f	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 612 Sc. 71
1152	22	Sg - G	Drag. 27	25 - 50 d.C.	Severvs III	OFSEVE	9j	Rectangular alongada	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 612 Sc. 72
1153	22	Sg - G	Taça	60 - 90 d.C.	C. Silvivs Patricivs	C.SILVI		Rectangular alongada	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 612 Sc. 73
1154	22	Sg - G	Drag. 27	40 - 70 d.C.	Victor I	V(…)C(I?)(…)		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 612 Sc. 74
1155	22	Sg - G	Taça	25 - 50 d.C.	Lavratvs	LNR(…)	2b	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 612 Sc. 76
1156	22	It - Pu	Consp. 22.1.22	1 - 20 d.C.	Philargvrvs (1)	PHILARGVRI	1444,1	450	Silva 2013, p. 607 Sc. 54
1157	22	It	Taça			(…)/(…)VI		531	Silva 2013, p. 607 Sc. 60
1158	22	It	Taça			(…)X(…)		999	Silva 2013, p. 608 Sc. 61
1159	22	It	Taça			(…)		999	Silva 2013, p. 608 Sc. 62
1160	22	It				(…)		617	Silva 2013, p. 608 Sc. 63
1161	22	It				(…)		999	Silva 2013, p. 608 Sc. 64
1162	22	Sg - G	Ritt. 8	60 - 85 d.C.	Mommo	MO	30a	Rectangular alongada	Silva 2013, p. 612 Sc. 68
1163	22	Sg - G	Drag. 29	65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	OFRVFINI	2c	Rectangular alongada	Silva 2013, p. 612 Sc. 70
1164	22	Sg - G	Drag. 27			XIIM		Rectangular alongada	Silva 2013, p. 612 Sc. 75
1165	22	Sg - G	Taça			OF.N(…)		Indiferenciada	Silva 2013, p. 612 Sc. 77
1166	22	Sg - G	Taça			(…)		Indiferenciada	Silva 2013, p. 612 Sc. 78
1167	22	Sg - G	Taça			(…)		Indiferenciada	Silva 2013, p. 612 Sc. 79
1168	22	Sg - G	Prato			(...)M		Rectangular com moldura	Silva 2013, p. 613 Sc. 80
1169	22	Sg - G	Taça	25 - 50 d.C.	Lavratvs	(…)NVRATVS	2d?	Rectangular alongada	Silva 2013, p. 613 Sc. 81
1170	22	His - LR (B)	His. 27		Fvscvs	EXOFVC	SMM.21	Rectangular	Silva 2013, p. 613 Sc. 82
1171	22	It	Taça	15 a.C. - 5 d.C.	C. Chrestivs	(…)ST	550,3	450	Silva 2013, p. 573 Sc. 6
1172	22	It - Pi	Pratél	5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVHODI	787,2	450	Silva 2013, p. 573 Sc. 7
1173	22	It - ItC	Taça	(+) 1 d.C.	M. Servilivs Figvlvs	(…)SER(…)	1919	531	Silva 2013, p. 573 Sc. 8
1174	22	It - A / N	Consp. B.1.4	30 - 10 a.C.	A. Titivs (3)	A.TITI	2166,9	450	Silva 2013, p. 573 Sc. 9

1175	22	It - A	Prato	(+) 20 a.C.	L. Vmbricivs Scavrvs Hilarvs	HILAR/(…)MB(…)	2487	261	Silva 2013, p. 573 Sc. 10
1176	22	It	Prato			(…)		999	Silva 2013, p. 573 Sc. 11
1177	22	Sg - G	Drag. 24/25	40 - 70 d.C.	Res-	RES	1b	Rectangular alongada	Silva 2013, p. 573 Sc. 12
1178	22	Sg - G	Ritt. 8			(…)		Indiferenciada	Silva 2013, p. 573 Sc. 13
1179	22	Sg - G	Taça			I(?)(…)		Indiferenciada	Silva 2013, p. 573 Sc. 14
1180	22	Sg - G	Drag. 33			(…)		Indiferenciada	Silva 2013, p. 568 Sc. 5
1181	22	It - A	Taça	20 a.C. - 10 d.C.	Sex. Annivs (1)	(…)SEX/ANN	183.1O	471	Viegas, 2003a, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 590 Sc. 34
1182	22	It - ItC	Taça	(+) 10 a.C.	Grafomorfa	(…)	2549,9	565	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 590 Sc. 35
1183	22	Sg - G	Taça	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	OFICVN	2f"	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 593 Sc. 40
1184	22	Sg - G	Drag. 24/25	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	(…)VNDI	2c	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 592 Sc. 39
1185	22	Sg - G / R / B	Taça	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	(…)NIO		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 592 Sc. 38
1186	22	Sg - G	Ritt. 9	65 - 95 d.C.	Pontvs (Pontivs?)	OF.PONT		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013; p. 592 Sc. 37
1187	22	His - LR (TM)	Taça		Poapril	POAPRIL		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 160; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 593 Sc. 41
1188	22	Sg - G	Taça			(…)E.		Indiferenciada	Silva 2013, p. 580 Sc. 24
1189	22	Sg - G	Taça			(…)		Indiferenciada	Silva 2013, p. 580 Sc. 25
1190	22	It - A	Consp. B.1.4	20 - 10 a.C.	A. Avilivs Eros	EROS/A.AVIL	397,1	100	Viegas, 2003a, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 617 Sc. 83
1191	22	It	Prato			(…)		617	Silva 2013, p. 584 Sc. 29
1192	22	It	Taça	15 a.C. - (+) 15 d.C.	A() (2)	A	2.4'	999	Silva 2013, p. 586 Sc. 30
1193	22	It - Pi	Taça	5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	(…)NTHI	2536	999	Silva 2013, p. 586 Sc. 31
1194	22	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI	B.229	Rectangular de lado arredondados	Silva 2013, p. 586 Sc. 32
1195	22	His - LR (TM)	His. 15/17	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEM(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva 2013, p. 587 Sc. 33
1196	22	It	Taça			(…)		451	Silva 2013, p. 590 Sc. 36
1197	22	It	Taça			(…)		617	Silva 2013, p. 617 Sc. 84
1198	22	It - A	Taça	5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.COR(…)	624.4O	450	Viegas, 2003a, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 584 Sc. 27
1199	22	It - Vas		10 - 1 a.C.	Eros (3)	(…)OS	778,8	301	Viegas, 2003a, p. 92; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 584 Sc. 28

1200	22	It - ItC	Consp. B.3.4-7	10 a.C. - 10 d.C.	Romanvs (1)	ROMANVS	1713,8	531	Silva 2013, p. 620 Sc. 85
1201	22	Sg - G	Drag. 24/25	30 - 65 d.C.	Albinvs III	(…)BNI	4b	Rectangular de lado arredondados	Silva 2013, p. 621 Sc. 86
1202	22	It	Taça	15 a.C. - 5 d.C.	C. Chrestivs	C.CH(…)	550	451	Viegas, 2003a, p. 91; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 565 Sc. 1
1203	22	Sg - G	Taça	15 - 45 d.C.	Sabinvs I	(…)FSABINI		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 132; Viegas, 2003c, Table 3; Silva 2013, p. 566 Sc. 3
1204	22	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILI		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003a, p. 160; Viegas, 2003c, Table 3; Diogo, 1984, p. 120
1205	43	Sg - G		0 - 100 d.C.	Lentinvs I	LENTINVS	1a	S/R	Nolen, 1988, p. 74
1206	28	It - A		20 a.C. - 5 d.C.	L. Tettivs Samia (1)	MNL(?)(…)/SAMIA	2109	X - 404	Silva, 2013, p. 515
1207	28	Sg - G	Drag. 29	30 - 65 d.C.	Amandvs II	(…)MAND		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 515
1208	28	His - A	His. 27		A. H() E()	O(…)HE	Boube 295	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 516
1209	28	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPIL(…)		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 516
1210	28	It				MLI(…)SMIA(…)		100	Barbosa, 1970, p. 28
1211	29	Sg - G	Prato	0 - 70 d.C.	Anivs	OI.I.ANO		Rectangular	Barbosa, 1970, p. 29
1212	21	Sg - G	Drag. 36			(…)CI		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 655
1213	23	It	Consp. B.2.5.			(…)		999	Silva, 2013, p. 630
1214	23	Sg - G	Drag. 29	70 - 100 d.C.	Vitalis II	OF.V(…)		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 631
1215	23	His - LR	His. 27			(…)M(uel V,A)		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 631
1216	23	It		20 a.C. - 40 d.C.	Avillivs	(…)	371,28	601	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1217	23	It - A		5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	(…)	624.51-58	592	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1218	23	It - A	Prato	1 - 20 d.C.	L. Crispivs	(…)	711,6	451	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1219	23	It - Pu		(+) 1 d.C.	Ennivs	(…)	761,4	215	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1220	23	It - Sc		25 - 75 d.C.	L. Plo(tivs) Por()	(…)	1485,6	601	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1221	23	It - Pi	Taça	5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	XANTHI	2536,126	601	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1222	23	It - A		10 a.C. - 50 d.C.	Vmbricivs (1)	(…)	2441.74-75	592	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1223	23	It - Pi	Prato	50 - 100 d.C.	C. P() Pi(sanvs)	(…)	1342	999	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1224	23	Sg - G	Drag. 24/25	65 - 90 d.C.	Crestvs I	(…)	8d	Indiferenciada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217

1225	23	Sg - G	Drag. 18	30 - 65 d.C.	Maccarvs I	(…)		Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1226	23	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	(…)	15-d	Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1227	23	Sg - G / R / B	Drag. 27	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	(…)	20a	Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1228	23	Sg - G	Drag. 18	70 - 100 d.C.	Silvinvs II	(…)	9a	Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1229	23	Sg - G	Drag. 18	70 - 100 d.C.	Vitalis II	(…).VIIA		Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1230	23	Sg - G	Drag. 18		Grafomorfo	(…)		Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1231	23	Sg - G	Prato			E(…)		Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1232	23	Sg - G	Drag. 18			(…)S		Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1233	23	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1234	23	Sg - G	Drag. 18			(…)		Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1235	23	Sg - G	Drag. 18			(…)		Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1236	23	His - LR	Taça	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	(…)MI.TRITO		Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1237	23	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1238	23	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1239	23	His	Taça			(…)P(…)		Rectangular alongada	Silva, Pimenta & Mendes; 2017; p. 1205-1217
1240	21	It - ItC	Prato	20 a.C. - 15 d.C.	C. Memmivs Anthvs	ANTH V(…)/C.MEM(…)	1139,1	457	Silva, 2013, p. 655
1241	21	It - Pi	Prato	15 a.C. - 15 d.C.	Valerivs (2)	VALERI	2291,4	451	Silva, 2013, p. 655
1242	21	Sg - G	Prato	50 - 70 d.C.	Aper I	(…)PRI	5a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 655
1243	32	It	Taça	30 a.C. - 15 d.C.	L.AT()	L.AT	264	451	Silva, 2013, p. 497
1244	24	It - A	Prato	10 a.C. - 10 d.C.	C. Annivs Ingenvvs	(...)INCEN/(…)NN(…)	150	261	Silva, 2013, p. 638
1245	24	It	Consp. 34.1	40 - 60 d.C.	Marc()	MARC(…)	1114,6	451	Silva, 2013, p. 638
1246	24	It - Pu	Taça	(+) 10 a.C.	L. Valerivs Titvs	TITVS	2314,1	522	Silva, 2013, p. 638
1247	24	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 65 d.C.	Cennatvs	CENNAT	3a	Rectangular com lado menor decorado	Silva, 2013, p. 645
1248	24	Sg - G	Drag. 27	60 - 80 d.C.	Criciro I	R()ICIV		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 645
1249	24	Sg - G	Prato	30 - 60 d.C.	Ivcvndvs II	(…)CVNDVS	2-a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 645

1250	24	Sg - G	Prato	50 - 75 d.C.	C. Ivlivs Celer (Cicelr- etc.)	OFCICELR	1a'	Rectangular de lados bífidos	Silva, 2013, p. 645
1251	24	Sg - G	Drag. 18	30 - 65 d.C.	Lvcceivs I	OFLVCC		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 645
1252	24	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Maccarvs I	M(…)	28b	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 645
1253	24	Sg - G	Drag. 27	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	OF.MV RN	13e	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 645
1254	24	Sg - G	Drag. 18	0 - 70 d.C.	Notvs	NOTVSF	1b	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 645
1255	24	Sg - G / R	Drag. 24/25	45 - 65 d.C.	Pavllvs I (Pavlvs)	PAVLLVS	11e	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 645
1256	24	Sg - G / R	Taça	45 - 65 d.C.	Pavllvs I (Pavlvs)	T.PAVLLI		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 645
1257	24	Sg - G	Drag. 27	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVANI.OF		Rectangular com lado menor decorado	Silva, 2013, p. 645
1258	24	Sg - G / Mi / Ra	Drag. 24/25	35 - 65 d.C.	L. Tr- Mascvlvs	OFMASCL	1a?	S/R	Silva, 2013, p. 645
1259	24	Sg - G	Drag. 18			OF(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 645
1260	24	Sg - G	Drag. 18			(…)		S/R	Silva, 2013, p. 645
1261	24	His - A	His. 27		C. A() H()	EXOFCA(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 647
1262	24	His - A	His. 27		T. I() F()	OF.TIF		Rectangular	Silva, 2013, p. 647
1263	24	His - LR (TM - Q)	Prato	70 - 150 d.C.	Lapillvs	OFLAPILLI		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 647
1264	24	His - LR	His. 36			OF(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 647
1265	41	Sg - G	Drag. 18	65 - 85 d.C.	Mont- Cres- (Montius Cres)	(…)CRE		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 518-519
1266	41	Sg - G	Drag. 27			(…)II(?)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 518-519
1267	41	His - A	His. 27		Aemilivs	OF.AEI		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 518-519
1268	30	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Rectangular alongada	Pimenta, Mendes & Norton; 2008, nº 11
1269	30	Sg - G	Drag. 24/25	60 - 85 d.C.	Mommo	MOM		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 505
1270	8	His - LR (TM - Q)	His. 15/17	70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		Rectangular alongada	Leitão, 1980, p. 100-101
1271	35	Sg - G				(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 541
1272	35	Sg - G				(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 541
1273	33	Sg - G	Prato	65 - 95 d.C.	Carantvs I	OF.CARAN		Rectangular com moldura	Silva, 2013, p. 543
1274	18	Sg - G		30 - 65 d.C.	Senicio	SENIC(…)	5c	Rectangular de lado arredondados	Diogo e Catarino, 1999, Fig. 1 nº 5

1275	13	It - A	Prato	20 a.C. - 5 d.C.	L. Tettivs Samia (1)	L.TETTI/SAMIA	2109,36	261	J. Alarcão, Carvalho, and Gonçalves 2010, Est. VIII, p. 150 nº 37
1276	26	Sg - G		60 - 90 d.C.	C. Silvivs Patricivs	C.SILVI		S/R	Silva, 2013, p. 546
1277	25	It	Taça			(…)OPN		999	Silva, 2013, p. 660
1278	25	Sg - G	Drag. 29	60 - 80 d.C.	Mandvilvs	MAN M	6a	Indiferenciada	Silva, 2013, p. 661
1279	25	Sg - G	Drag. 27			(…)		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 661
1280	31	Sg - G	Drag. 15/17	60 - 85 d.C.	Carbo	CARBONISM	1a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 502
1281	31	Sg - G	Drag. 18	60 - 85 d.C.	Maccarvs II	MAC(…)VSF	1a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 502
1282	38	Sg - G	Drag. 18	40 - 70 d.C.	Castvs I	OFCAN(…)	13	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 527
1283	38	Sg - G	Prato	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	(…)VRRA	8c'	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 527
1284	38	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOVAP		Indiferenciada	Silva, 2013, p. 527
1285	34	His - LR	Prato	80 - 100 d.C.	Satvrninvs	(…)X.SA(…)		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 538
1286	34	His - A	His. 27		P. T()	EXOFPT		Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 538
1287	19	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	Miccio	(…)F.MICC	B.235	Rectangular alongada	Silva, 2013, p. 734
1288	27	Sg - G	Ritt. 8	20 - 60 d.C.	Damonvs	DAMONI	13h	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 510
1289	27	Sg - G	Drag. 15/17	45 - 65 d.C.	Labio	OF.LABIO	3a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 510
1290	42	It - N	Prato	25 - 50 d.C.	Salvivs (2)	SA(…)/VI(…)	1176,1	311	Silva, 2013, p. 522
1291	42	Sg - G	Prato	40 - 70 d.C.	Castvs I	OF CAS(…)	2i	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 523
1292	42	Sg - G		45 - 65 d.C.	Ivcvndvs II	(…)VNDI		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 523
1293	42	Sg - G	Prato	70 - 110 d.C.	Mercator I (Mercatoris?)	(…)MERC	1a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 523
1294	42	His - A	His. 27		C. A() H()	C.A.H.	Mayet 91	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 524
1295	42	His - LR	His. 27		Caemaro	CAEMARO	Boube 312	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 524
1296	36	Sg - G	Drag. 18	40 - 65 d.C.	Lvpvs II	LVPIMA	3A	Rectangular de lados bífidos	Silva, 2013, p. 535
1297	3	Sg - G	Drag. 33	70 - 110 d.C.	Gaivs I	OFCAL	1a	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 530
1298	3	His - LR	His. 15/17			(…)I		Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 530
1299	37	Sg - G	Drag. 33	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SECVNDI	22d	Rectangular de lado arredondados	Silva, 2013, p. 532

1300	39	It - Pi	Taça	5 a.C. - 20 d.C.	Cn. Ateivs Xanthvs	XANTH(…)	316,13	451	Silva, 2013, p. 493
1301	9	His - LR	Prato			(…)		S/R	Gadanho, 2018, p. 206
1302	2	It	Taça	1 - 30 d.C.	C. Me()	(…)ME	1132,18	603	Vilarinho, 2019, Fig. 3 nº 1
1303	44	His	His. 27			OFIRE(...)		Indiferenciada	Neves, 1972, I, 7; Quaresma, no prelo
1304	44	His - LR		85 - 105 d.C.	Ivnivs	O.I(...)		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1305	44	His - A	Taça		N. Protae	(...)AE		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 75 nº 461
1306	44	His - A	Taça			(...)APO		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 60, nº 371
1307	44	His - LR (TM)	Taça	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEM		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 44, nº 296
1308	44	His - A	Prato			(…)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1309	44	His - A				OF(...)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1310	44	His - A	Prato			OF(...)		Rectangular de lados bífidos	Pereira, 2006, p. 49; Quaresma, no prelo
1311	44	His - A	His. 15/17			(…)		Rectangular alongada	Pereira, 2006, p. 49; Quaresma, no prelo
1312	44	His - A	Prato			OF(...)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1313	44	His - LR				.ACILIMIIF		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 454
1314	44	His - LR	His. 15/17		Aemilivs	OFAIIMI		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 85, nº 521
1315	44	His - LR				OC(...)		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 26, nº 151
1316	44	His - A	Prato		C. A()	C.A(...)		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 85, nº 522
1317	44	His - LR	Prato	70 - 100 d.C.	C. I() A() E() I() G() L() O()	(...)EIIG.L.O		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 15, nº 17
1318	44	His - A	His. 35		C. S()	OF.2(...) ?		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1319	44	His - LR	Prato	70 - 100 d.C.	C. I() A() E() F()	C.IA(...)		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 21, nº 130
1320	44	His - LR			Cornelivs F(vscvs?)	CORLV		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 455
1321	44	His - LR	Prato	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	(...)L CCI		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1322	44	His - LR	Prato	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLAC(...)CI(...)TR		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 60, nº 363
1323	44	His - LR	Prato		Ianvarivs	O.IAN(...)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1324	44	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	(...)PILLI		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo

1325	44	His - LR (TM - Q)	His. 15/17	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAP.ILLI		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 60, nº 364
1326	44	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(...)APILII		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 456
1327	44	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(...)PILLI		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 457
1328	44	His - LR (TM - Q)	Prato	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILI		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 102, nº 657
1329	44	His - LR (TM - Q)	His. 36	70 - 150 d.C.	Lapillvs	OFLAPI	M. 283	Indiferenciada	Mayet, 1984, nº 283; Quaresma, no prelo, Rel. Lus., 243
1330	44	His - LR (TM)	Prato		Soteros	(...)ILI.SOTERI		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 85, nº 524
1331	44	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	OFLVC(...)F(...)IR	M. 316	Rectangular de lados bífidos	Neves, 1972, I, 17; Mayet, 1984, nº 316; Quaresma, no prelo, Fig. 102, nº 658
1332	44	His - LR	Taça	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	OF LV(...)		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 85, nº 523
1333	44	His - LR	His. 15/17	80 - 100 d.C.	Lvpianvs	OF. ILVPIANI		Rectangular alongada	Neves, 1972, I, 20; Mayet, 1984, nº 322; Quaresma, no prelo, Fig. 102, nº 659
1334	44	His - LR	His. 15/17	80 - 100 d.C.	Lvpianvs	OF.(...) (...)LVPI		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1335	44	His - LR	His. 15/17		Mamilivs Praesens	OF(...) (...)MP		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1336	44	His - LR			Mamilivs Praesens	OFMANP		Rectangular alongada	Quaresma & Dias 2015, p. 91 nº 10; Quaresma no prelo, Fig. 28 nº 161
1337	44	His	His. 18		Mallvs Maternvs Tritiensis	MALI.MAT.T	M. 344	Rectangular alongada	Comfort, 1961, nº 11; Mayet, 1984, nº 344; Quaresma, no prelo, Fig. 102, nºs 660, 652
1338	44	His - LR			M. Valerivs	(...)M.VAL		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 460
1339	44	His - LR			M() Flavivs Lvpianvs	OF.M.FLA.LVP		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 459
1340	44	His - LR	Taça			(...)MI		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 60, nº 370
1341	44	His - LR	His. 24/25	70 - 100 d.C.	Miccio	IIX.OF.MICC		Rectangular de lados bífidos	Comfort, 1961, nº 17; Oleiro, 1952, p. 97; Mayet, 1984, p. 154; Quaresma, no prelo, Rel. Lus., 242
1342	44	His - LR			S() Ma() Tr(itiensis)	OF.SMA		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 462
1343	44	His - LR (TM)	Taça		S()Ni()	EX O(...)F N(...)SN		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 60, nº 368
1344	44	His - LR (TM)	Taça		S()Ni()	EX O(...)F N(...)SN		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1345	44	His - LR			Se() Nico()	(...)E.NICO		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 464
1346	44	His - LR	His. 15/17		Se() Nico()	OF SENICO		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 463
1347	44	His - LR (TM)	His. 18	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF SEMPR		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 60, nº 366
1348	44	His - LR (TM)	His. 15/17	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF SEMPRO		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 60, nº 367
1349	44	His - LR (TM)	Hisp.17	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SE(...)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma & Dias 2015, p. 91 nº 7; Quaresma no prelo, Fig. 28 nº 158

1350	44	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEMP	Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 102, nº 661
1351	44	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEMPRO	Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1352	44	His - LR (TM)			Sempronivs Valerivs	O.L.SEM.VA F	Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 458
1353	44	His - LR	His. 24/25		Sentivs	SENTI F	Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 102, nº 662
1354	44	His - LR	His. 15/17		Titivs	EXOF.TI	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 85, nº 525
1355	44	His - LR			Titivs Aio	EX OF.TITAIO	Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 465
1356	44	His - LR (B)	Taça	80 - 105 d.C.	Trebivs Tritiensis	(...)TBRI	Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 44, nº 295
1357	44	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAP(...)	Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 60, nº 369
1358	44	His - LR (TM)	Prato	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	.OF.VA(...) (...)APA	Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 467
1359	44	His - LR (TM)	Prato	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(...)A	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo
1360	44	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(...)APA	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 85, nº 528
1361	44	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(...)APA	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 85, nº 527
1362	44	His - LR (TM)	Prato	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EX OF VA(...)	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 85, nº 526
1363	44	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VAP	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 466
1364	44	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	Rectangular de lado arredondados	Quaresma & Dias 2015, p. 91 nº 5; Quaresma no prelo, Fig. 28 nº 156
1365	44	His - LR			Vil()	(...)OF.VIL	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 75, nº 468
1366	44	His - LR	His. 27			Anepigrafica	Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1367	44	His - LR	Prato			E(...)	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo
1368	44	His - LR	Taça			EX O IIIIIIA	Rectangular de lado arredondados	Quaresma & Dias 2015, p. 91 nº 11; Quaresma no prelo, Fig. 28 nº 162
1369	44	His - LR	Taça			EX OF O.N	Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo, Fig. 60, nº 365
1370	44	His - LR	His. 15/17			EX OF(...)	Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1371	44	His - LR	Taça			(…)	Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1372	44	His - LR	Taça			(…)	Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1373	44	His - LR				(…)	Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1374	44	His - LR	Prato			(…)	Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo

1375	44	His - LR	Taça			(…)		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1376	44	His - LR	Taça			O(...)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1377	44	His - LR	Taça			O(...)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1378	44	His - LR				O(...)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1379	44	His - LR	His. 15/17			O(...) (...)F(...) (...)N(...) (...)O		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1380	44	His - LR				OF.MMF?		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1381	44	His - LR				OF(...)		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1382	44	His - LR				OF(...)		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1383	44	His - LR				OFMMME		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1384	44	His - LR	His. 15/17			(…)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1385	44	His - LR	His. 33			(…)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1386	44	His - LR	Prato			(…)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1387	44	His - LR	Taça			(...)I		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1388	44	His - LR	Prato			(...)V		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1389	44	His - LR				IIX(...)		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1390	44	His - LR	His. 27			(…)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1391	44	His - LR	His. 27			(…)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1392	44	His - LR	His. 27			(…)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1393	44	His - LR	His. 35			(…)		Indiferenciada	Quaresma, no prelo
1394	44	His - LR				O(...) (?)		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1395	44	It - Pi	Taça	(+) 1 d.C.	Amar(Antvs)	AMAR	83	449	Quaresma, no prelo, Fig. 102, nº 649
1396	44	It - Pi	Taça	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	ATEI	268,68	450	Quaresma, no prelo, Fig. 21, nº 127
1397	44	It - Pi		5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	(…)TEI	268	449	Quaresma, no prelo
1398	44	It				CN.(…)		449	Quaresma, no prelo, Fig. 21, nº 126
1399	44	It				(…)		601	Quaresma, no prelo, Fig. 15, nº 21

1400	44	It - Pu	Taça	1 - 15 d.C.	Specvlator	SPECL	1978,4	450	Quaresma, no prelo, Fig. 44, nº 291
1401	44	Sg - G	Prato	25 - 45 d.C.	Albinvs II	ALBINI	1b	Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 85, nº 519
1402	44	Sg - G	Prato	30 - 65 d.C.	Albinvs III	OF ALBIN	5-a	Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 85, nº 520
1403	44	Sg - G	Prato	65 - 90 d.C.	Crestvs I	CREST(…)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1404	44	Sg - G	Taça	60 - 85 d.C.	Firmo II	FIRMO	8a	Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 44, nº 292
1405	44	Sg - G		35 - 65 d.C.	Licinvs	(…)ICNI	40d	Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 21, nº 129
1406	44	Sg - G	Taça	45 - 85 d.C.	Ivnivs I	IV NINV		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1407	44	Sg - G / R	Drag. 24/25	55 - 85 d.C.	Ve- i	OFIVII	1a?	Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 21, nº 128
1408	44	Sg - G	Taça	50 - 65 d.C.	Martivs II	(…)MART	3a	Rectangular alongada	Quaresma, no prelo, Fig. 15, nº 18
1409	44	Sg - G	Taça			(...)MV (?)		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1410	44	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	(...)SM		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1411	44	Sg - G / E	Taça	25 - 50 d.C.	Primvs I	OF.PRIM(...)	1a	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 44, nº 294
1412	44	Sg - G		30 - 60 d.C.	Salvetvs I (Salve tu - Salve?)	(...)ALVETV		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1413	44	Sg - G / R	Taça	50 - 70 d.C.	Svccessvs II (Svcesvs)	(...)SVCCES	7a	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, no prelo, Fig. 44, nº 293
1414	44	Sg - G	Prato			(...)I		Rectangular alongada	Quaresma, no prelo
1415	44	Sg - G	Taça			(…)		Indiferenciada	Quaresma, no prelo
1416	44	Sg - G	Taça			OF(...)		Rectangular alongada	Pereira, 2006, p. 32; Quaresma, no prelo
1417	44	Sg - G	Taça			OF(...)		Rectangular alongada	Pereira, 2006, p. 32; Quaresma, no prelo
1418	44	Sg - G				(…)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1419	44	Sg - G				(…)		Rectangular de lados bífidos	Quaresma, no prelo
1420	44	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAP(…)O		Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1984, p. 143
1421	44	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVAPA	M. 693	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1984, nº 693
1422	44	His - LR (TM)				(…)LVO		Rectangular de lados bífidos	Pereira, 2006, p. 49
1423	44	His - LR (TM)			Scme()	OFSCMII		Rectangular de lados bífidos	Pereira, 2006, p. 49
1424	91	His	Taça		Calvinvs Paternvs	OFCALVINIPR		Rectangular de lado arredondados	Tovar, 1988, Fig. 1

1425	10	It - ItC		10 a.C. - 15 d.C.	Ianvarivs (1)	IANVARIV·SFECI·	961,1	551	Carvalho 2009, Fig. 15
1426	10	It - Pu		1 - 20 d.C.	Naevivs (2)	NAEVI	1232	151	Carvalho 2009, Fig. 15
1427	10	It - Pi		5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOIL (retro)	2544	601	Ferreira, 1966, p. 111-113; A. Alarcão, 1971
1428	10	Sg - G		45 - 75 d.C.	Albvs I	(…)		Rectangular de lado arredondados	Ferreira, 1969, p. 166; Diogo, 1980b, nº 11
1429	10	Sg - G				(…)CR(…)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2006, p. 85
1430	10	His - LR (TM)				P(…)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2006, p. 101
1431	45	His - LR (TM)	Ritt. 8	85 - 100 d.C.	Caivs Lvc()	CA.LV.O		Rectangular de lado arredondados	Blázquez, 1967; Alcón, 2001, L. I nº 1
1432	45	His - LR		80 - 100 d.C.	Clodivs	CLO(…)		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 2
1433	45	His - A	His. 27	100 - 120 d.C.	C. L()	C.L.OF		Rectangular de lados bífidos	Alcón, 2001, L. I nº 3
1434	45	His - LR	His. 27		Fvlvivs	FVLVI.		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 4
1435	45	His - LR	His. 27		Fvlvivs	FVLVI.		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 5
1436	45	Sg - G	Drag. 27	35 - 65 d.C.	Licinvs	LICINIVS	46-a	Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 6
1437	45	His - LR (TM)	His. 27		L. Annivs	LVCIANNI		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 7
1438	45	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	OF.LVFL		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 8
1439	45	His - LR (TM)	His. 15/17		Maternvs	MATER(…)		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 9
1440	45	His - LR	Ritt. 8			OM		Rectangular de lado arredondados	Blazquez, 1968; Alcón, 2001, L. I nº 10
1441	45	His - LR	His. 15/17			OFPRA		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 11
1442	45	His - LR (B)	Ritt. 8	80 - 105 d.C.	Trebivs Tritiensis	TREBRT		Rectangular de lado arredondados	Bázquez, 1968, p. 33 nº 212; Alcón, 2001, L. I nº 12
1443	45	Sg - G / R		40 - 80 d.C.	Primvs III	OFPRI	22c	Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 13
1444	45	It - Pu	Consp. 22	1 - 20 d.C.	Princeps (1)	(…)RIN	1539,3	451	Alcón, 2001, L. I nº 14
1445	45	His - LR (TM)	His. 15/17		L. Sempronivs	OF.L.SEM		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 15
1446	45	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEM		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 16
1447	45	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)EMPR		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 17
1448	45	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)MPRO		Rectangular de lados bífidos	Alcón, 2001, L. I nº 18
1449	45	His - LR	His. 15/17		Sempronivs Paternvs	IIOFSEPAT		Rectangular de lados bífidos	Alcón, 2001, L. I nº 19

1450	45	His - LR (TM)	His. 27		S. Venvstvs	S.VENV		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 20
1451	45	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Satvrninvs	SATV		Rectangular de lados bífidos	Alcón, 2001, L. I nº 21
1452	45	Sg - G	Drag. 27	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVANI	11c	Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 22
1453	45	His - LR	His. 27		Titivs	IIX.OFTIT		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 23
1454	45	His - LR	His. 27			OF.T(…)		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 24
1455	45	His - LR	His. 15/17		V() Bir()	OF.VBIR		Rectangular de lado arredondados	Blázquez, 1968, nº 67; Alcón, 2001, L. I nº 25
1456	45	Sg - G	Drag. 27	50 - 65 d.C.	Vitalis I	(…)OF.VITAL	2b	Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 26
1457	45	It - A	Consp. 22	1 - 20 d.C.	C. Volvsenvs (2)	C.VOL	2500,2	603	Alcón, 2001, L. I nº 27
1458	45	Sg - G / R	Drag. 27	55 - 85 d.C.	Felix I	FELICISM	26a	Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 28
1459	45	His - LR	His. 15/17		Maternvs	MATR(…)		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 29
1460	45	His - LR	His. 15/17			(…)RM(…)		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 30
1461	45	His - LR	His. 15/17			VI(…)		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 31
1462	45	His - LR	His. 15/17			OF.S(…)		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 32
1463	45	His - LR	His. 27			IIXOFT(…)		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 33
1464	45	His - LR	His. 27			(…)LN(…)		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 34
1465	45	His - LR	His. 27			IIX(…)		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 35
1466	45	His - LR	His. 36		Maternvs	MATE(…)		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 36
1467	45	His - LR	His. 36		Maternvs	(…)ATE(…)		Rectangular de lado arredondados	Alcón, 2001, L. I nº 37
1468	60	It	Consp. 27	20 a.C. - 10 d.C.	Hilarvs (5)	HILA/RVS	953	502	Outeiriño, 1990, p. 62
1469	60	It - A	Consp. B 3.7-11	20 - 1 a.C.	A. Sestivs Soter	SOTERI/A.SESTI	1945,1	285	Mayet, 1978, nº 25; Outeiriño, 1990, p. 83
1470	60	It - A	Consp. B4.9	20 a.C. - 20 d.C.	M. Perennivs (4)	MPIRIN	1391,3	454	Mayet, 1978, nº 17; Outeiriño, 1990, p. 69
1471	60	It - A		1 - 30 d.C.	C. Gavivs (2)	G.GAVI(palma)	869,1	454	Mayet, 1978, nº 11; Outeiriño, 1990, p. 59
1472	60	It - A		(+) 10 d.C.	(L.) Savfeivs Philomvsvs	LOMVSVS/SAVFEI	1818,2	261	Mayet, 1978, nº 22; Outeiriño, 1990, p. 80
1473	60	It - A	Consp. 22-23	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Primvs	PRIMVS/P.CORN	672,6	999	Mayet, 1978, nº 9; Outeiriño, 1990, p. 51
1474	60	It - ItC	Consp. 22-23	(+) 10 a.C.	Stephanvs Strato	STRATO/STEPAN	1996,2	291	Outeiriño, 1990, p. 84

1475	60	It - A	Consp. 32	15 - 5 a.C.	Pvblivs Samo	SAM/PVB	1577,5	471	Bustamante-Álvarez 2010, p. 241 L. 2, nº 12; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 5 nº 12; Bustamante-Álvarez, 2014b, Fig. 5 nº 8
1476	60	It - Pi	Consp. 23	5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVHODI	787,6	451	Bustamante-Álvarez 2010, p. 242 L. 3, nº 13
1477	60	It - N	Consp. 23	10 - 50 d.C.	A. Terentivs (2)	ATER.	2066	603	Bustamante-Álvarez 2010, p. 242 L. 3, nº 14
1478	60	It		(+) 15 d.C.	C. Ma()	(…)MA(…)	1078,2	603	Bustamante-Álvarez 2010, p. 242 L. 3, nº 14
1479	60	It - Pi	Consp. 24.2	5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVHODI	787,5	451	Bustamante-Álvarez 2010, p. 247 L. 7, nº 6
1480	60	It		(+) 15 d.C.	Unattributable (2)	(…)	2557	611	Bustamante-Álvarez 2010, p. 247 L. 7, nº 9
1481	60	It - ItC	Consp. 23	0 - 50 d.C.	Priscvs (1)	PRISCI	1542,11	603	Bustamante-Álvarez 2010, p. 248 L. 8, nº 8
1482	60	It - Pi	Consp. 23	5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVHODI	787,5	450	Bustamante-Álvarez 2010, p. 248 L. 8, nº 11
1483	60	It - Pi / L		10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CRESTI	698,58	604	Bustamante-Álvarez 2010, p. 248 L. 8, nº 12
1484	60	It	Consp. 23	(+) 15 d.C.	L. Milit(ivs)	L.MILII	1183,3	603	Bustamante-Álvarez 2010, p. 249 L. 9, nº 4
1485	60	It - Pi		5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOIL	2544,85	612	Bustamante-Álvarez 2010, p. 249 L. 9, nº 9
1486	60	It - Pi / L	Consp. 23	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CRESTI	698,58	612	Bustamante-Álvarez 2010, p. 253 L. 13, nº 5; Bustamante-Álvares, 2014a, Lám. 7 nº 5
1487	60	It - A		15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASIN	1623.6O	612	Bustamante-Álvarez 2010, p. 253 L. 13, nº 7; Bustamante-Álvares, 2014a, Lám. 7 nº 7
1488	60	It - A		10 a.C. - 20 d.C.	C. Memmivs	C·MEN	1138,33	605	Bustamante-Álvarez 2010, p. 253 L. 13, nº 8; Bustamante-Álvares, 2014a, Lám. 7 nº 8
1489	60	It - Pi		5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOIL(…)	2544,43	451	Bustamante-Álvarez 2010, p. 253 L. 13, nº 9; Bustamante-Álvares, 2014a, Lám. 7 nº 9
1490	60	It	Consp. 23			(…)RTE-S		450	Bustamante-Álvarez 2010, p. 254 L. 14, nº 12; Bustamante-Álvares, 2014a, Lám. 8 nº 12
1491	60	It - Pi	Consp. 23	5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	XANTTH(…)	2536,117	601	Bustamante-Álvarez 2010, p. 254 L. 14, nº 8; Bustamante-Álvares, 2014a, Lám. 8 nº 8
1492	60	It				ʌ		999	Bustamante-Álvarez 2010, p. 257 L. 17, nº 7
1493	60	It - Pi		5 a.C. - 40 d.C.	Cn. Ateivs (3)	CNʌTEI	276,47	601	Bustamante-Álvarez 2010, p. 257 L. 17, nº 8
1494	60	It - Pi		5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOII(…)	2544,28	999	Bustamante-Álvarez 2010, p. 257 L. 17, nº 9
1495	60	It - A / Pi / L	Consp. 22-23	15 a.C. - 30 d.C.	Ateivs (5)	ATEI (retro)	270,107	450	Outeiriño, 1990, p. 20
1496	60	It - A / Pi / L	Haltern 9	15 a.C. - 30 d.C.	Ateivs (5)	ATEI (palma)	270,139	458	Outeiriño, 1990, p. 21
1497	60	It - Pi	Consp. R 1	5 a.C. - 40 d.C.	Cn. Ateivs (3)	CN.ATEI	276,63	612	Outeiriño, 1990, p. 23
1498	60	It - Pi		5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVHODI (D retro)	787,21	374	Outeiriño, 1990, p. 27
1499	60	It - Pi	Prato	5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVOD	787,38	602	Outeiriño, 1990, p. 28

1500	60	It - Pi	Consp. 22-23	5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVHODI	787,29	604	Outeiriño, 1990, p. 28
1501	60	It - Pi	Consp. 22-23	5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVHOI	787,32	631	Outeiriño, 1990, p. 29
1502	60	It - Pi	Prato	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOILI	2544,88	381	Outeiriño, 1990, p. 34
1503	60	It - Pi	Consp. B4.13	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	(palma)/(…)OILI	2544,58	372	Outeiriño, 1990, p. 34
1504	60	It - Pi	Consp. B2.5	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOILI	2544,66	603	Outeiriño, 1990, p. 35
1505	60	It - Pi	Consp. 27	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOI(…)	2544	100	Outeiriño, 1990, p. 35
1506	60	It - A	Consp. B3.17 Var	30 - 70 d.C.	Camvrivs	CAMVR	514,46	603	Outeiriño, 1990, p. 39
1507	60	It - Pi / L		10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CRESTI	698,1	451	Outeiriño, 1990, p. 41
1508	60	It - Pi / L		10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CRESTI	698.(60)	604	Outeiriño, 1990, p. 42
1509	60	It - Pi / L	Prato	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CRESTI	698,53	601	Outeiriño, 1990, p. 43
1510	60	It - Pi / L	Prato	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	(…)RESTI	698,62	616	Outeiriño, 1990, p. 44
1511	60	It - A		(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Plocamvs	(…)RNELI/(…)CAM	668,3	272	Outeiriño, 1990, p. 51
1512	60	It - A	Haltern 9	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Primvs	(…)MV/(…)COR	672,7	261	Outeiriño, 1990, p. 52
1513	60	It - A	Prato	(+) 1 d.C.	P. Cornelivs Speratvs	SPERATV/(…)CORN	676,2	100	Outeiriño, 1990, p. 53
1514	60	It - ItC	Consp. B3.12-19	(+) 1 d.C.	Daphnvs	DAPH/(…)S.F.	722,1	261	Outeiriño, 1990, p. 55
1515	60	It	Consp. 23.2	(+) 10 d.C.	Her()	HER	916,1	450	Outeiriño, 1990, p. 61
1516	60	It - Pu	Prato	(+) 15 d.C.	Ingen(vvs) (2)	INGE	980,3	611	Outeiriño, 1990, p. 63
1517	60	It - A	Consp. 23.2	10 a.C. - 20 d.C.	C. Memmivs	(palma)/C.MEM	1138,23	151	Outeiriño, 1990, p. 67
1518	60	It	Consp. B4.13	(+) 15 d.C.	Nat(alis?) (2)	NAT	1256,3	605	Outeiriño, 1990, p. 68
1519	60	It - ItC	Consp. 22	(+) 10 d.C.	L. Nonivs Svriscvs	SVRISC/L.NON	1282,1	261	Outeiriño, 1990, p. 69
1520	60	It - Pi	Consp. B3.20	0 - 50 d.C.	L. Ple() Amar()	(…)PLE/A	1477,12	372	Outeiriño, 1990, p. 71
1521	60	It - A	Consp. 31/33	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASI	1623,93	450	Outeiriño, 1990, p. 75
1522	60	It - A		(+) 30 d.C.	Rasinivs Celer	(…)LER/RASIN (N retro)	1635,2	261	Outeiriño, 1990, p. 76-77
1523	60	It - A		15 a.C. - 10 d.C.	L. Tettivs Menoph(ilvs)	MENOPH/L.TETTI (N retro)	2098,2	261	Outeiriño, 1990, p. 86
1524	60	It - A / N	Prato	30 - 10 a.C.	A. Titivs (3)	(…) TITI	2166,1	100	Outeiriño, 1990, p. 88

1525	60	It	Taça	(+) 10 a.C.	Vettivs Felix	I'IILIX/VIITTI	2350,1	100	Outeiriño, 1990, p. 89
1526	60	It - A		15 - 40 d.C.	(Sex.) Villius Nat(alis) (2)	VILLI.N	2431,3	602	Outeiriño, 1990, p. 90
1527	60	It - A	Consp. 22-23	5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	CORN?	624,35	999	Outeiriño, 1990, p. 94
1528	60	It - Pu	Consp. 31/33	20 - 1 a.C.	Apella	(…)PEI.A?	215	999	Outeiriño, 1990, p. 96
1529	60	It	Consp. 31/33			(…)NA?		450	Outeiriño, 1990, p. 97
1530	60	It	Haltern 9			(…)		601	Outeiriño, 1990, p. 97
1531	60	It	Haltern 9			(…)		603	Outeiriño, 1990, p. 98
1532	60	It	Haltern 7/10		Anepígrafa	(…)		999	Outeiriño, 1990, p. 98
1533	60	It - A	Consp. 22	5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.CORNELI	624,9	450	Mayet, 1978, nº 5; Outeiriño, 1990, p. 46-47
1534	60	It - Pi / L	Consp. 32.1	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	C.RES.TI	698,39	450	Mayet, 1678, nº 64; Outeiriño, 1990, p. 44
1535	60	It - ItC	Consp. B3.17 Var	20 - 70 d.C.	C. Me() R()	C.ME.R	1133,12	603	Mayet, 1978, nº 14; Outeiriño, 1990, p. 65
1536	60	It - Pi	Consp. B4.13	5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVHODI	787,6	450	Outeiriño, 1990, p. 27
1537	60	It - Pi	Consp. 22	(+) 15 d.C.	(Cn.) Ateivs Rvfvs	ATE RVF	310,4	601	Mayet, 1978, nº 3; Outeiriño, 1990, p. 31
1538	60	It	Pratél	20 - 1 a.C.	P. Attivs	P.ATTI	347,15	100	Outeiriño, 1990, p. 36
1539	60	It	Consp. B3.16	1 - 20 d.C.	Cres() (1)	CRES/(palma)	690,5	335	Outeiriño, 1990, p. 40
1540	60	It - N	Consp. B4.13	(+) 20 d.C.	C. Sentivs Philoti(mvs)	PHYL./SENT	2585,27	311	Mayet, 1978, nº 23; Outeiriño, 1990, p. 81
1541	60	It - A	Haltern 7/10	15 a.C. - 5 d.C.	Pvblivs Arch()	ARC/PVB	1557,1	454	Outeiriño, 1990, p. 72
1542	60	It - Pi / L	Consp. B4.1-13	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CREST	698,23	450	Outeiriño, 1990, p. 41
1543	60	It - Pi	Consp. B4.1-13	5 - 40 d.C.	Cn. Ateivs Zoilvs	ZOIL (Retro)	318,85	612	Outeiriño, 1990, p. 101
1544	60	It - A	Cálice	5 a.C. - 40 d.C.	Primvs (1)	PRIMVS	1529,1	Intradecorativo (0)	Outeiriño, 1990, p. 102
1545	60	It - A	Taça	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASI	1623	397	Outeiriño, 1990, p. 103
1546	60	It - A	Consp. B7.3-11	10 a.C. - 50 d.C.	Vmbricivs (1)	VMBRI	2441,11	450	Outeiriño, 1990, p. 104
1547	60	It			Anepígrafa	(…)		372	Outeiriño, 1990, p. 99
1548	60	It - Pu	Consp. 22-23	10 a.C. - 10 d.C.	Q. Pompeivs Serenvs	.Q./POMPEI/.SERE/.NI	1500	521	Mayet, 1978, nº 19; Outeiriño, 1990, p. 71
1549	60	It - A	Prato	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASIN	1623,22	450	Outeiriño, 1990, p. 74

1550	60	It - A / N		40 - 10 a.C.	A. Sestivs	A. SES(…) (E retro)	1926,11	450	Mayet, 1978, nº 24; Outeiriño, 1990, p. 82
1551	60	It - Pi	Consp. R 1	1 - 20 d.C.	Cn. Ateivs Evryalvs	CN. ATEI/EVRYALVS	294,2	261	Mayet, 1978, nº2; Outeiriño, 1990, p. 30
1552	60	It - Pu	Consp. 22-23	1 - 20 d.C.	Hermaiscvs	HER	926,15	450	Outeiriño, 1990, p. 61
1553	60	It - Pi	Consp. B3.16	0 - 50 d.C.	L. Ple() Amar()	L.PLE/A	1477,12	372	Mayet, 1978, nº 18; Outeiriño, 1990, p. 70
1554	60	It - Pi	Pratél	5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVHODI/(Sol, Palma)	787.(20)	374	Outeiriño, 1990, p. 27
1555	60	It - Pi	Consp. B4.13	(+) 15 d.C.	(Cn.) Ateivs Rvfvs	ATE RVF	310,5	601	Outeiriño, 1990, p. 32
1556	60	It		15 a.C. - 15 d.C.	Chrestvs (2)	(palma)CHRES/TI	553,11	601	Outeiriño, 1990, p. 42
1557	60	It - A	Taça	15 a.C. - 5 d.C.	A. Annivs Crispvs	(…)NN/(…)SPI	123,2	501	Outeiriño, 1990, p. 19
1558	60	It - A / Pi / L	Consp. 22-23	15 a.C. - 30 d.C.	Ateivs (5)	ATEI	270,11	100	Outeiriño, 1990, p. 20
1559	60	It - A / Pi / L	Consp. 22-23	15 a.C. - 30 d.C.	Ateivs (5)	ATEI (retro)	270,139	450	Outeiriño, 1990, p. 21
1560	60	It - Pi	Consp. 33.4	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	ATEI	268,139	604	Outeiriño, 1990, p. 22
1561	60	It - A / Pi / L	Consp. 31/33	15 a.C. - 50 d.C.	Cn. Ateivs (5)	CN.AT	278,102	440	Outeiriño, 1990, p. 23
1562	60	It - Pi	Consp. B4.13	(+) 30 d.C.	Cn. A(teivs) D()	C.N.A.D	287,2	606	Outeiriño, 1990, p. 25-26
1563	60	It - A	Consp. B2.5 Var	5 a.C. - 25 d.C.	Cn. Ateivs Evhodvs (2)	CN./ATE/EVH	292,32	372	Outeiriño, 1990, p. 26-27
1564	60	It - Pi	Consp. 22	5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVHODI	787,34	601	Outeiriño, 1990, p. 28
1565	60	It - Pi	Consp. B3.14	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZO	2544,36	471	Outeiriño, 1990, p. 33-34
1566	60	It - Pi	Consp. B3.14	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	(palma)/ZOILI	2544,51	372	Outeiriño, 1990, p. 34
1567	60	It - ItC	Consp. 22-23	(+) 10 d.C.	Sex. Avillivs	SEX. AVILI	410,2	531	Outeiriño, 1990, p. 37
1568	60	It - A		(+) 15 d.C.	C. Caenivs	C. CAEN	480,9	616	Outeiriño, 1990, p. 37-38
1569	60	It - Pi		10 a.C. - 10 d.C.	Chres()	CHRES	548,2	450	Outeiriño, 1990, p. 40
1570	60	It - Pi	Consp. B4.1-13	10 a.C. - 10 d.C.	Chres()	CHRES	548,2	450	Outeiriño, 1990, p. 41
1571	60	It - Pi / L	Consp. B4.1-13	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CR(…)TI	698	450	Outeiriño, 1990, p. 41
1572	60	It - Pi / L	Consp. B4.13	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CRESTI	698,61	601	Outeiriño, 1990, p. 42
1573	60	It - Pi / L	Consp. B4.13?	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CRESTI	698	601	Outeiriño, 1990, p. 43
1574	60	It - Pi / L	Prato	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CRESTI (palma)	698,55	601	Outeiriño, 1990, p. 43

1575	60	It	Consp. 22-23		Felix (5)	(palma)/FELIX	823,18	509	Outeiriño, 1990, p. 57
1576	60	It	Consp. B3.12-19	10 a.C. - 10 d.C.	Fvscvs (2)	FVSC	858,5	450	Outeiriño, 1990, p. 58
1577	60	It	Consp. 22	1 - 30 d.C.	Rvfvs (3)	RVFI	1739,6	617	Outeiriño, 1990, p. 78
1578	60	It	Prato	(+) 20 d.C.	L. Tettivs Pamphilvs	(…)HILVS/(…)TTI	2100,1	311	Outeiriño, 1990, p. 87
1579	60	It - L	Taça	10 a.C. - 10 d.C.	Vrbanvs (2)	VRB/ANI	2529,4	261	Mayet, 1978, nº 26; Outeiriño, 1990, p. 91
1580	60	It - Pi	Consp. 22	0 - 50 d.C.	L. Ple() Amar()	LPA (retro)?	1477,1	450	Mayet, 1978, nº 13; Outeiriño, 1990, p. 92
1581	60	It - Pi	Consp. 22-23	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOI?	2544	999	Outeiriño, 1990, p. 94
1582	60	It - Pi		5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOILI?	2544	631	Outeiriño, 1990, p. 94
1583	60	It	Consp. B3.19		Unattributable (2)	(…)DAF?	2585,162	606	Outeiriño, 1990, p. 96
1584	60	It	Consp. 22			(…)		451	Outeiriño, 1990, p. 97
1585	60	It - Pi	Consp. 22-23	(+) 1 d.C.	Amar(Antvs)	AMAR	83,3	450	Outeiriño, 1990, p. 24-25
1586	60	It - ItC	Consp. B3.12-19	20 - 70 d.C.	C. Me() R()	C.ME.R	1133,6	603	Outeiriño, 1990, p. 65
1587	60	It - Pi	Consp. B3.11	5 a.C. - 20 d.C.	Cn. Ateivs Mahes	ATEIVS. MA	299	531	Outeiriño, 1990, p. 30
1588	60	It - A	Prato	(+) 1 d.C.	P. Cornelivs Gemellvs	GEMEL/PCORN	648,8	457	Outeiriño, 1990, p. 49
1589	60	It - A	Consp. 31/33	1 - 40 d.C.	T. Rvfrenvs	T. RVFR.	1730,23	617	Outeiriño, 1990, p. 79
1590	60	It - A		(+) 10 d.C.	(L.) Savfeivs Felix	FELIX/SAVFEI	1813,2	261	Outeiriño, 1990, p. 79
1591	60	It - A	Consp. B4.13	15 a.C. - 15 d.C.	C. Arvivs	C. ARVI	254,1	999	Outeiriño, 1990, p. 19
1592	60	It - Pi	Prato	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	AT/E/I	268,128	372	Mayet, 1978, Nº 1; Outeiriño, 1990, p. 21
1593	60	It - A	Consp. B3.9	15 a.C. - 5 a.C.	Ateivs (2)	ATEI	267,86	544	Outeiriño, 1990, p. 22
1594	60	It - Pi	Haltern 9	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	ATEI	268,149	604	Outeiriño, 1990, p. 22
1595	60	It - Pi	Consp. B4.1-13	5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	XANTHI	2536,126	601	Outeiriño, 1990, p. 32
1596	60	It - A	Prato	15 - 5 a.C.	Calidivs Strigo Protvs	(…)ROTI/(…)LIDI	504,4	261	Outeiriño, 1990, p. 38
1597	60	It - A	Consp. B3.12-19	40 - 100 d.C.	P. Clod(ivs) Proc(vlvs)	P.CL.PR	592,16	603	Mayet, 1978, nº 4; Outeiriño, 1990, p. 45-46
1598	60	It - A		40 - 100 d.C.	P. Clod(ivs) Proc(vlvs)	(…)CLO.PRO	592,7	999	Outeiriño, 1990, p. 46
1599	60	It - A	Consp. 26.1	(+) 15 d.C.	P. Cornelivs Firmvs	P.CORN/(F)IRM	646,4	311	Mayet, 1978, nº 6; Outeiriño, 1990, p. 48

1600	60	It - A	Prato	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Ingen(vvs)	ING(…)/P.COR(…)	655,4	366	Outeiriño, 1990, p. 49
1601	60	It - A	Taça	(+) 1 d.C.	P. Cornelivs Phile()	PHILE/P.COR	663,1	366	Mayet, 1978, nº 7; Outeiriño, 1990, p. 50
1602	60	It - A	Consp. 22	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Primvs	PRIM/P.CORN	672,4	372	Mayet, 1978, nº 8; Outeiriño, 1990, p. 51
1603	60	It - A	Consp. 31/33	(+) 1 d.C.	P. Cornelivs Gemellvs	(…)LI/(…)ORN	648	100	Mayet, 1978, nº 10; Outeiriño, 1990, p. 53
1604	60	It	Consp. 12.5	10 a.C. - 10 d.C.	Crispinvs (1)	CRIS/PINI	702,3	100	Outeiriño, 1990, p. 54
1605	60	It	Consp. B4.11	10 a.C. - 10 d.C.	Crispinvs (1)	CRIS/PINI	702,8	100	Outeiriño, 1990, p. 54
1606	60	It	Consp. B4.12	10 a.C. - 10 d.C.	Crispinvs (1)	(…)S/(…)NI	702,1	100	Outeiriño, 1990, p. 54
1607	60	It	Consp. B4.8	(+) 10 a.C.	Eros (5)	EROS/EPOI	780,4	261	Outeiriño, 1990, p. 56
1608	60	It - A	Consp. 22.5	10 a.C. - 20 d.C.	Gavivs	GAV(…)	867	451	Outeiriño, 1990, p. 59
1609	60	It - A	Taça	10 - 50 d.C.	Gellivs	GELL(…)	878,2	450	Outeiriño, 1990, p. 60
1610	60	It - ItC	Taça	(+) 15 d.C.	Herm() (2)	HE(…)	925	450	Outeiriño, 1990, p. 61
1611	60	It - Pu	Taça	10 a.C. - 10 d.C.	Ivlivs	IVL(…)	991,6	522	Outeiriño, 1990, p. 64
1612	60	It - ItC	Prato	20 - 70 d.C.	C. Me() R()	(…).ME.R	1133	603	Mayet, 1978, nº 15; Outeiriño, 1990, p. 66
1613	60	It - A	Consp. B1.8	10 a.C. - 20 d.C.	C. Memmivs	C.MEM	1138,15	100	Mayet, 1978, nº 16; Outeiriño, 1990, p. 66-67
1614	60	It - A	Consp. B4.9	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASIN	1623,22	450	Outeiriño, 1990, p. 73
1615	60	It - A	Consp. B4.8	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASIN	1623	450	Mayet, 1978, nº 20; Outeiriño, 1990, p. 74
1616	60	It - A		15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	(…)ASIN	1623,25	450	Outeiriño, 1990, p. 74
1617	60	It - A	Consp. B4.8	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASI	1623.(40)	450	Outeiriño, 1990, p. 75
1618	60	It - A	Consp. B3.12	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASI	1623.(40)	450	Outeiriño, 1990, p. 75
1619	60	It - A		(+) 1 d.C.	Rasinivs Evticvs	EVTICVS/RASI(…)	1650,5	366	Mayet, 1978, nº 21; Outeiriño, 1990, p. 77
1620	60	It - A		20 a.C. - 5 d.C.	L. Tettivs Samia (1)	L.TETTI/SAMIA	2109,71	311	Outeiriño, 1990, p. 85
1621	60	It - ItC	Consp. B3.11	20 - 1 a.C.	L. Vmbricivs Archebvs	L. VMBRICI/ARCHEBI	2455,4	100	Outeiriño, 1990, p. 90
1622	60	It				(…)STE?		450	Outeiriño, 1990, p. 95
1623	60	It	Consp. 22-23		Chres	(…)TITI?		100	Outeiriño, 1990, p. 95
1624	60	It	Taça		Unattributable (2)	(…)	2549,9	565	Outeiriño, 1990, p. 98

1625	60	It - Pi	Consp. 22-23	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	ATEI	268,141	605	Outeiriño, 1990, p. 22
1626	60	It - ItC		1 - 15 d.C.	C. Valerivs	(…)	2293	X - 404	C.V.A. nº 2186:a; C.I.L. II, nº 6257200
1627	60	It		(+) 10 d.C.	Her()	HER		451	Mayet, 1978, nº 12
1628	60	It - A	Taça	10 a.C. - 50 d.C.	Vmbricivs (1)	VMB	2441,7	451	Mayet, 1978, nº 192
1629	60	It - Pu	Consp. 22.1	10 a.C. - 10 d.C.	C.Tap(vrivs?)	C.TAP	2036,2	451	Vélez et all; 2009; p. 429, fig 28, nº 15
1630	60	It - A	Consp. 22.1	30 a.C. - 10 d.C.	Hertorivs	HEDICI	932	451	Veléz et all.; 2009; p. 422, fig 21, nº 2; Bustamante-Álvarez, 2014a
1631	60	Sg - G	Taça		Ivlianvs	IVLIAN(…)		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 90
1632	60	Sg - G	Drag. 18		Lvpvs?	(…)DVS.FECIT		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 102
1633	60	Sg - G	Drag. 24/25	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SLVʌNO	7b'	Rectangular de lados bífidos	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 62; Bustamante-Álvarez 2010, p. 242 L. 3, nº 10
1634	60	Sg - G / VL	Drag. 24/25	20 - 50 d.C.	Rvfinvs II	RVFNI	2a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 50; Bustamante-Álvarez 2010, p. 242 L. 3, nº 12
1635	60	Sg - G	Drag. 24/25	35 - 65 d.C.	Licinvs	(…)ICNVS	49c	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 29; Bustamante-Álvarez 2010, p. 242 L. 3, nº 15
1636	60	Sg	Drag. 27			ONIV		Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 44; Bustamante-Álvarez 2010, p. 242 L. 3, nº 11
1637	60	Sg	Drag. 18			OFCA(…)		Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 9; Bustamante-Álvarez 2010, p. 242 L. 3, nº 18
1638	60	Sg				(…)ʌʌHʌ(…)		Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez 2010, p. 242 L. 3, nº 16
1639	60	Sg - G	Drag. 15/17	70 - 100 d.C.	Vitalis II	(…)ITAL	6d-	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 71; Bustamante-Álvarez 2010, p. 244 L. 4, nº 2
1640	60	Sg - G	Ritt. 8	65 - 90 d.C.	Crestvs I	CRESTI		Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 20; Bustamante-Álvarez 2010, p. 244 L. 4, nº 3
1641	60	Sg	Drag. 18			O(…)		Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 21; Bustamante-Álvarez 2010, p. 244 L. 4, nº 4
1642	60	Sg - G	Drag. 24/25	40 - 70 d.C.	Castvs I	OFCAS	6a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 14; Bustamante-Álvarez 2010, p. 244 L. 4, nº 5
1643	60	Sg - G	Drag. 27	60 - 85 d.C.	Mommo	OFMON	9c"	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 42; Bustamante-Álvarez 2010, p. 244 L. 4, nº 6
1644	60	Sg - G	Drag. 27	65 - 90 d.C.	Crestvs I	OFCRES	2a'	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 19; Bustamante-Álvarez 2010, p. 244 L. 4, nº 7
1645	60	Sg - G	Drag. 18	30 - 60 d.C.	Silvinvs I	OFSILVIN	5b	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 60; Bustamante-Álvarez 2010, p. 246 L. 6, nº 8; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 6, nº 4,
1646	60	Sg - G	Drag. 18	25 - 50 d.C.	Severvs II	(…)EVERVS	2a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 64; Bustamante-Álvarez 2010, p. 246 L. 6, nº 5; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 6, nº 3,
1647	60	Sg - G	Drag. 24/25	70 - 100 d.C.	Vitalis II	OVITALI (…)	11a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 70; Bustamante-Álvarez 2010, p. 246 L. 6, nº 6; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 6, nº 6,
1648	60	Sg - G	Drag. 27	50 - 70 d.C.	Ardanvs	OARDAV	4a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 5; Bustamante-Álvarez 2010, p. 246 L. 6, nº 7; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 6, nº 7,
1649	60	Sg - G	Drag. 27	50 - 75 d.C.	Eme-	INII	2a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 27; Bustamante-Álvarez 2010, p. 246 L. 6, nº 10; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 6, nº 10,

1650	60	Sg - G	Drag. 27	35 - 55 d.C.	Darra (Darrantvs)?	OʌRRʌF	2a'	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 6; Bustamante-Álvarez 2010, p. 246 L. 6, nº 11; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 6 nº 11
1651	60	Sg - G	Drag. 18	35-65 d.C.	Ingenvvs II	OFINGENI	13c	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 25; Bustamante-Álvarez 2010, p. 247 L. 7, nº 2
1652	60	Sg - G	Drag. 27	50 - 70 d.C.	Ardanvs	OʌRD(…)	4a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 4; Bustamante-Álvarez 2010, p. 247 L. 7, nº 3
1653	60	Sg - G	Drag. 15/17Pratél	35 - 60 d.C.	Paestor	PʌESTO(…)	2a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 49; Bustamante-Álvarez 2010, p. 248 L. 8, nº 3
1654	60	Sg - G	Ritt. 8	40 - 65 d.C.	Qvintanvs	QVINAVI	2a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 48; Bustamante-Álvarez 2010, p. 248 L. 8, nº 5
1655	60	Sg - G	Drag. 27	40 - 65 d.C.	Potitvs I	POTITVS	7a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 45; Bustamante-Álvarez 2010, p. 248 L. 8, nº 6
1656	60	Sg - G	Drag. 27	40 - 65 d.C.	Modestvs I	OFMOES		Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 41; Bustamante-Álvarez 2010, p. 248 L. 8, nº 7
1657	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Albinvs III	(…)ALBIN	5a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 2; Bustamante-Álvarez 2010, p. 248 L. 8, nº 9
1658	60	Sg - G	Drag. 18	20 - 50 d.C.	Festvs I	FESTVS	6a	458	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 23; Bustamante-Álvarez 2010, p. 250 L. 10, nº 1
1659	60	Sg - G	Drag. 18	50 - 65 d.C.	Vitalis I	OFVITA	1d'	Rectangular alongada	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 69; Bustamante-Álvarez 2010, p. 250 L. 10, nº 7
1660	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 55 d.C.	Silanvs II	SILAN	6a	Rectangular alongada	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 61; Bustamante-Álvarez 2010, p. 250 L. 10, nº 8
1661	60	Sg - G	Drag. 27	50 - 70 d.C.	Ardanvs	OARDA	5-a	Rectangular alongada	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 5; Bustamante-Álvarez 2010, p. 250 L. 10, nº 9
1662	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Lvcceivs I	(…)FLVCCE	1c	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 32; Bustamante-Álvarez 2010, p. 250 L. 10, nº 10
1663	60	Sg - G / M	Drag. 27	25 - 50 d.C.	Acvtvs I	ACVTV(…)	28d	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 1; Bustamante-Álvarez 2010, p. 250 L. 10, nº 11
1664	60	Sg - G		40 - 70 d.C.	Formosvs	FORM(…)	2a	Radial	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 24; Bustamante-Álvarez 2010, p. 254 L. 14, nº 10; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 8 nº 10
1665	60	Sg - G / R / B	Drag. 18	50 - 75 d.C.	Martialis I	MARTIA(…)	6a	Rectangular alongada	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 37; Bustamante-Álvarez 2010, p. 254 L. 14, nº 3; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 8 nº 3
1666	60	Sg - G / E			Primvs I	PRIMVSF	9a	Rectangular alongada	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 47; Bustamante-Álvarez 2010, p. 254 L. 14, nº 11; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 8 nº 11
1667	60	Sg - G	Drag. 18	35 - 65 d.C.	Scotnvs	SCOTNS	5-b	Indiferenciada	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 55; Bustamante-Álvarez 2010, p. 254 L. 14, nº 4; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 8 nº 4
1668	60	Sg - G	Drag. 27	40 - 70 d.C.	Castvs I	OFCAS	6a	Rectangular alongada	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 14; Bustamante-Álvarez 2010, p. 254 L. 14, nº 5; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 8 nº 5
1669	60	Sg - G	Drag. 27	40 - 65 d.C.	Modestvs I	MODE	26-a	Rectangular alongada	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 40; Bustamante-Álvarez 2010, p. 254 L. 14, nº 6; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 8 nº 6
1670	60	Sg - G	Drag. 27	85 - 120 d.C.	Bassvs III	ΘFBʌSS	2j	Rectangular alongada	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 8; Bustamante-Álvarez 2010, p. 254 L. 14, nº 7; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 8 nº 7
1671	60	Sg - G / R / B	Drag. 17Pratél	50 - 75 d.C.	Martialis I	MARTIALISA	6a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 33; Bustamante-Álvarez 2010, p. 255 L. 15, nº 1; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 9 nº 1
1672	60	Sg - G / R	Drag. 18	40 - 80 d.C.	Primvs III	OFPRIMI	12o	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 46; Bustamante-Álvarez 2010, p. 255 L. 15, nº 2; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 9 nº 2
1673	60	Sg - G		40 - 60 d.C.	Cacabio (Cacabvs?)	CACA(…)	1a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 10; Bustamante-Álvarez 2010, p. 255 L. 15, nº 5; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 9 nº 5
1674	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVA(…)	11d	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 65; Bustamante-Álvarez 2010, p. 255 L. 15, nº 6; Bustamante-Álvarez, 2014a, Lám. 9 nº 6

1675	60	Sg - G	Drag. 27	50 - 65 d.C.	Vitalis I	(…)ITALI(…)	2a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez 2010, p. 255 L. 15, nº9; Bustamante-Álvares, 2014a, Lám. 9 nº 9
1676	60	Sg - G	Drag. 15/17	30 - 65 d.C.	Senicio	(…)SIINICIO(…)	1a ou 5a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 58; Bustamante-Álvarez 2010, p. 256 L. 16, nº 3
1677	60	Sg - G		50 - 65 d.C.	Martivs II	MART	3-a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez, 2009, Anexo I nº 36; Bustamante-Álvarez 2010, p. 263 L. 23, nº 3
1678	60	Sg - G	Drag. 15/17	65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	RVFINI OF	10-a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante-Álvarez 2010, p. 267 L. 27, nº 5
1679	60	Sg - G / M	Prato	25 - 50 d.C.	Acvtvs I	ACVTVS	28b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 27
1680	60	Sg - G	Taça	30 - 65 d.C.	Albinvs III	OF.ALBN	5b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 28
1681	60	Sg - G	Drag. 27		Ainvs	AINI		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 29
1682	60	Sg - G	Taça		Ainvs	AINI		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 30
1683	60	Sg	Prato			ALL(…)		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 31
1684	60	Sg - G	Drag. 15/17	90 - 125 d.C.	Amandvs III (Amandinvs?)	OF.AMANDI	1a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 32
1685	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Amandvs II	OFAMA ND	3a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 33
1686	60	Sg - G	Drag. 27	0 - 70 d.C.	And-	OF AND	1a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 34
1687	60	Sg - G	Taça	50 - 70 d.C.	Aper I	OFAPRI	5b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 35
1688	60	Sg - G	Drag. 27	50 - 70 d.C.	Aper I	OF.APRI	5c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 36
1689	60	Sg - G	Drag. 27	50 - 70 d.C.	Aper I	OF.APRI(…)	5b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 37
1690	60	Sg - G	Drag. 15/17	50 - 70 d.C.	Aper I	OFAPRIS	4a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 38
1691	60	Sg - G	Taça	40 - 65 d.C.	Aqvitanvs	AQVITAN	12a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 39
1692	60	Sg - G	Drag. 29	40 - 65 d.C.	Aqvitanvs	ACVITA	21a'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 40
1693	60	Sg - G	Drag. 29	30 - 65 d.C.	Ardacvs II	OF.A(…)DAC	7c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 41
1694	60	Sg - G	Taça	30 - 65 d.C.	Ardacvs II	ARDACI	12a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 42
1695	60	Sg - G	Taça	30 - 65 d.C.	Ardacvs II	ARDACI	12b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 43
1696	60	Sg - G	Taça	45 - 70 d.C.	Bassvs II	BASS	16a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 44
1697	60	Sg - G	Ritt. 8	45 - 70 d.C.	Bassvs II	(…)FBASS	5b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 45
1698	60	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 70 d.C.	Bassvs II	OFBAS(…)	7b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 46
1699	60	Sg	Drag. 15/17		Caesvs	CAES(…)	Φ- a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 47

1700	60	Sg - G	Drag. 27	35 - 65 d.C.	Licinvs	CNIAMA	10a'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 48
1701	60	Sg - G	Prato	35 - 65 d.C.	Licinvs	(…)NIAMAC	7c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 49
1702	60	Sg - G	Drag. 27	25 - 55 d.C.	Cantvs	CANTO.F(…)		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 50
1703	60	Sg - G	Prato	25 - 55 d.C.	Cantvs	OFCAN	15-a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 51
1704	60	Sg - G	Prato	25 - 55 d.C.	Cantvs	CANT		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 52
1705	60	Sg - G	Taça	0 - 120 d.C.	Ocarvs?	OCAN		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 53
1706	60	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 65 d.C.	Carillvs II	CARI(...)	1a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 54
1707	60	Sg - G / R / B	Taça	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	SABINVSF	41a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 55
1708	60	Sg - G	Drag. 24/25	70 - 95 d.C.	Carvs III	(…)ARV	1a'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 56
1709	60	Sg - G	Taça	40 - 70 d.C.	Castvs I	CAST	17g	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 57
1710	60	Sg - G	Drag. 27	45 - 65 d.C.	Chrestvs	CHRES(…)	8a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 58
1711	60	Sg - G	Drag. 18	20 - 50 d.C.	Festvs I	(…)ESTVS	6a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 59
1712	60	Sg - G	Prato	35 - 65 d.C.	Cocvs I	OFCOCI	4b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 60
1713	60	Sg - G	Taça	30 - 60 d.C.	Donatvs I	DONATVS		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 61
1714	60	Sg - R	Drag. 27	0 - 70 d.C.	Corn-	(…)CORN		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 62
1715	60	Sg - G	Taça	45 - 70 d.C.	Cosiv Vrap- (Cosivs Vrappvs)	COSIVS(…)	1a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 63
1716	60	Sg - G	Drag. 27	65 - 90 d.C.	Crestvs I	C.RES.TI		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 64
1717	60	Sg - G	Drag. 27	45 - 75 d.C.	Crestio	CRESTI	17h	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 65
1718	60	Sg - G	Drag. 27	45 - 75 d.C.	Crestio	CRESTIO	15a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 66
1719	60	Sg - G	Prato	45 - 75 d.C.	Crestio	CRESTI.O	15b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 67
1720	60	Sg - G	Prato	20 - 60 d.C.	Damonvs	(…)AMONVS	11c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 68
1721	60	Sg - G	Prato	20 - 60 d.C.	Damonvs	(…)DAMONVS	11c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 69
1722	60	Sg - G	Drag. 27	20 - 60 d.C.	Damonvs	DAMONI	13d	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 70
1723	60	Sg - G	Prato	20 - 60 d.C.	Damonvs	DAMONI	13f	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 71
1724	60	Sg - G	Drag. 27	40 - 80 d.C.	Diocarvs	(…)IOCARI	2a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 72

1725	60	Sg - G		30 - 60 d.C.	Donatvs I	DONAT(…)	6a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 73
1726	60	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Eme-	IIMII	1a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 74
1727	60	Sg - G	Taça	50 - 70 d.C.	Tertivs III	ER.T.II.	14a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 75
1728	60	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 75 d.C.	Evanvs?	IIVAN		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 76
1729	60	Sg - G	Taça	45 - 75 d.C.	Evanvs?	IIVAN	2a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 77
1730	60	Sg - G	Prato	60 - 85 d.C.	Firmo II	O.FIRMON	11a'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 78
1731	60	Sg - G	Taça	70 - 90 d.C.	Firmvs II	FIRMI	7a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 79
1732	60	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Florvs II	LORV	4a"	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 80
1733	60	Sg - M	Drag. 18	25 - 50 d.C.	Fronto I (Frontvs)	OFRONTO		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 81
1734	60	Sg - G	Taça	40 - 65 d.C.	Gallicanvs II	(…)ALLICANI	10a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 82
1735	60	Sg - G	Taça	50 - 70 d.C.	Gallvs II	C.ALLIO	5a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 83
1736	60	His - LR	Taça		G. S() R()	G.S.R.		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 84
1737	60	Sg - G	Drag. 24/25	35-65 d.C.	Ingenvvs II	(…)INGENVI	21e	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 85
1738	60	Sg - G	Prato	70 - 90 d.C.	Ivcvndvs III	OF.IVCVN	5f	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 86
1739	60	Sg - G	Drag. 29	70 - 90 d.C.	Ivcvndvs III	OF.ICVCN	5b"	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 87
1740	60	Sg - G	Prato	70 - 90 d.C.	Ivcvndvs III	OF.IVCVN	5c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 88
1741	60	Sg - G / R	Drag. 29	30 - 60 d.C.	Ivcvndvs II	IVCVNDI	1c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 89
1742	60	Sg - G	Drag. 27	45 - 85 d.C.	Ivnivs I	IVNI	6a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 91
1743	60	Sg - G	Drag. 24/25	60 - 85 d.C.	Ivstvs I	IVSTI.OF	7a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 92
1744	60	Sg - G	Taça	60 - 85 d.C.	Ivstvs I	IVSTI.OFI	7b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 93
1745	60	Sg - G	Prato	45 - 75 d.C.	Labio	OF.LABE	7a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 94
1746	60	Sg - G	Prato	45 - 75 d.C.	Labio	(…)FLABIO	3b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 95
1747	60	Sg - G	Drag. 29	45 - 75 d.C.	Labio	OF.LABIONI	1a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 96
1748	60	Sg - G	Prato	35 - 65 d.C.	Licinvs	LICINVS	46m	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 97
1749	60	Sg - G	Drag. 18	35 - 65 d.C.	Licinvs	(…)LICNI	20c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 98

1750	60	Sg - G	Prato	30 - 65 d.C.	Lvcceivs I	OFLVCCEI	1c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 99
1751	60	Sg - M	Taça	20 - 70 d.C.	Lvcivs I	LV.CI	1a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 100
1752	60	Sg - G	Drag. 15/17	40 - 65 d.C.	Lvpvs II	LVPIMA	3b'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 101
1753	60	Sg - G	Drag. 18	30 - 65 d.C.	Maccarvs I	OF.MACCAR	13c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 103
1754	60	Sg - G	Drag. 18	60 - 85 d.C.	Maccarvs II	MACCARVSF	1a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 104
1755	60	Sg - G	Taça	50 - 80 d.C.	Mansvetvs I (Masvetvs)	OFMANSV(…)	1a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 105
1756	60	Sg - G	Drag. 33	60 - 85 d.C.	Maponvs	MAPONVMA		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 106
1757	60	Sg - G	Taça	40 - 65 d.C.	Marinvs I	MRIN	4a'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 107
1758	60	Sg - G / R / B	Drag. 15/17	50 - 75 d.C.	Martialis I	MARTIALIS	12b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 108
1759	60	Sg - G / Mi / Ra	Taça	35 - 65 d.C.	Masclvs I (Mascvlvs)	MASCVL	26a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 109
1760	60	Sg - G / Mi / Ra	Taça	35 - 65 d.C.	Masclvs I (Mascvlvs)	OFMASCI	4a'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 110
1761	60	Sg - G	Taça	50- 65 d.C.	Matvgenvs II	MA TVG	3b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 111
1762	60	Sg - G	Drag. 29	30 - 65 d.C.	Melvs I	MELVSFE	3a'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 112
1763	60	Sg - G	Taça	60 - 90 d.C.	Memor	OF.MEM	1a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 113
1764	60	Sg - G	Drag. 27	40 - 70 d.C.	Mitvs I (Mitvsvs)	MIVST(…)	1-a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 114
1765	60	Sg - G	Drag. 18	40 - 65 d.C.	Modestvs I	OFMODE.ST	2b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 115
1766	60	Sg - G	Drag. 18	40 - 65 d.C.	Modestvs I	OFMODES	4b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 116
1767	60	Sg - G	Drag. 27	40 - 65 d.C.	Modestvs I	OF.MODES	4b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 117
1768	60	Sg - G	Drag. 27	40 - 65 d.C.	Modestvs I	OFMODI	7-a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 118
1769	60	Sg - G	Ritt. 8	40 - 65 d.C.	Modestvs I	OFIMOD	9a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 119
1770	60	Sg - G	Taça	40 - 65 d.C.	Modestvs I	OFMOD	9b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 120
1771	60	Sg - G	Taça	40 - 65 d.C.	Modestvs I	MOD	29b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 121
1772	60	Sg - G	Prato	60 - 85 d.C.	Mommo	OFMOM	9b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 122
1773	60	Sg - G	Taça	60 - 85 d.C.	Mommo	OI'MOM	9i	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 123
1774	60	Sg - G	Taça			MO(…)		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 124

1775	60	Sg - G	Taça	60 - 85 d.C.	Mommo	OFMO(…)	11c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 125
1776	60	Sg - M	Prato	70 - 110 d.C.	Nomvs II	MON(…)	2a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 126
1777	60	Sg - G	Taça	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	OF.MVR	16f	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 127
1778	60	Sg - G	Taça	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	MVRRAN	24a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 128
1779	60	Sg - G	Prato	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	OF.MVRRANI	8a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 129
1780	60	Sg - G	Taça	45 - 70 d.C.	Niger II	OF.NIG	7a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 130
1781	60	Sg - G	Drag. 18	45 - 70 d.C.	Niger II	OFNGRI	3b'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 131
1782	60	Sg - G	Prato	45 - 70 d.C.	Niger II	OFNIGR	4a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 132
1783	60	Sg - G	Drag. 27	45 - 70 d.C.	Niger II	OFNI (retro)	9a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 133
1784	60	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	O.PASIE	53a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 134
1785	60	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	OPASSIEN	50a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 135
1786	60	Sg - G	Drag. 29	50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	OFPA(…)IEN	5a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 136
1787	60	Sg - G	Drag. 15/17	50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	PASSIENVF	57b'	Rectangular de lado arredondados	Allmer / Dissard, 1892, p. 308-234; Mayet, 1978, nº 137
1788	60	Sg - G	Drag. 37	50 - 65 d.C.	Pastor I-Ce-	PASTO(…)	2a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 138
1789	60	Sg - G	Drag. 15/17	65 - 90 d.C.	Patricivs I	OFPATRICI	3d	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 139
1790	60	Sg - G	Taça	50 - 70 d.C.	Perrvs (Pervs)	(…)ERRVSF.	12c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 140
1791	60	Sg - G	Taça	50 - 70 d.C.	Pi-	OFPI	1a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 141
1792	60	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Pontivs	PONTIV	2a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 142
1793	60	Sg - G / R	Prato	40 - 80 d.C.	Primvs III	OF.PRIMI	12o	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 143
1794	60	Sg - G / R	Drag. 15/17	40 - 80 d.C.	Primvs III	OF.PRIMI	12v	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 144
1795	60	Sg - G / R	Drag. 29	40 - 80 d.C.	Primvs III	OF(…)IMI	12d	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 145
1796	60	Sg - G / E	Taça	25 - 50 d.C.	Primvs I	OI'.PRIM	5b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 146
1797	60	Sg - G / R	Drag. 27	40 - 80 d.C.	Primvs III	(…)PRIM	12u'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 147
1798	60	Sg - G / R	Taça	40 - 80 d.C.	Primvs III	OF.PRI	22f	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 148
1799	60	Sg - G / R	Taça	40 - 80 d.C.	Primvs III	OF.PRI	22f	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 149

1800	60	Sg - G / R	Taça	40 - 80 d.C.	Primvs III	OFPRI	22e	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 150
1801	60	Sg - G / R	Taça	40 - 80 d.C.	Primvs III	OF.P.RI	12a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 151
1802	60	Sg - G / R	Drag. 27	40 - 80 d.C.	Primvs III	OFPR	23d	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 152
1803	60	Sg - G	Taça	60 - 80 d.C.	Primvs III-Sco-	PRIMISCO	6a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 153
1804	60	Sg - G	Taça	30 - 50 d.C.	Rogatvs	ROCAII	6a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 154
1805	60	Sg - G	Taça	50 - 65 d.C.	G. Salarivs Aptvs	SAL.APT	10a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 155
1806	60	Sg - G	Taça	50 - 65 d.C.	G. Salarivs Aptvs	G.SA.A	1a'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 156
1807	60	Sg - G / Ba	Taça	85 - 120 d.C.	Satto I	SAT		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 157
1808	60	Sg - G	Drag. 27	20 - 45 d.C.	Scottivs I	OF.SCOTT	5a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 158
1809	60	Sg - G / E	Drag. 27	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	OFSEC	12d	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 159
1810	60	Sg - G	Taça	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SECVN	6a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 160
1811	60	Sg - G	Taça	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SECVND(…)	2c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 161
1812	60	Sg - G / E	Prato	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	OFSECVND	8g	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 162
1813	60	Sg - G / E	Drag. 18	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	OFSECVND	8f	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 163
1814	60	Sg - G	Taça	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SECVNDI	2e	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 164
1815	60	Sg - G	Taça	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SECVNDI	2c	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 165
1816	60	Sg	Taça			OFSE(…)		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 166
1817	60	Sg - G	Taça	30 - 65 d.C.	Senicio	SENECIO	7a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 167
1818	60	Sg - G / R	Taça	50 - 65 d.C.	Senilis I	SENLI	5b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 168
1819	60	Sg - G	Taça	30 - 60 d.C.	Senomant-	SENO	12a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 169
1820	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVANV(…)	11d	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 170
1821	60	Sg - G	Drag. 29	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVANI	11d	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 171
1822	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SIL.V.A.N.I	11a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 172
1823	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVAN(…)	11d	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 173
1824	60	Sg - G	Drag. 29	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	OF.SI(…)VANI	2a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 174

1825	60	Sg - G	Drag. 18	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVANI	15b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 175
1826	60	Sg - G	Taça	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVANI	11h	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 176
1827	60	Sg - G	Taça	30 - 60 d.C.	Silvinvs I	SILVINIO	2a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 177
1828	60	Sg - G / R	Taça	40 - 75 d.C.	Silvivs I	(…)OI'SILVI(…)	8b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 178
1829	60	Sg - G	Drag. 27	45 - 70 d.C.	Tabvr (Tabvrvs?)	(…)TABVR	novo?	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 179
1830	60	Sg - G	Taça	50 - 70 d.C.	Tvsso	TVSSO	1a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 180
1831	60	Sg - G	Taça			OF.IA(…)		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 181
1832	60	Sg - G	Drag. 27	25 - 50 d.C.	Vapuso (Vapvsvs)	VAPI		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 182
1833	60	Sg - G	Prato	50 - 65 d.C.	Vitalis I	(…)VITALIS	16a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 183
1834	60	Sg - G	Drag. 18	50 - 65 d.C.	Vitalis I	O.VITAL.IS	16a	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 184
1835	60	Sg - G	Taça	70 - 100 d.C.	Vitalis II	VITALI	26b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 185
1836	60	Sg - G	Drag. 18	70 - 100 d.C.	Vitalis II	OF.VITA	8g	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 186
1837	60	Sg - G	Drag. 27	70 - 100 d.C.	Vitalis II	OF.VITA	8k'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 187
1838	60	Sg - G	Drag. 33	50 - 65 d.C.	Vitalis I	OFVITA	3b'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 188
1839	60	Sg - G	Taça	70 - 100 d.C.	Vitalis II	VITA	31g	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 189
1840	60	Sg - G	Drag. 27	40 - 65 d.C.	Vivvs I	OFVIVI	1a'	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 190
1841	60	Sg - G	Taça	40 - 65 d.C.	Vivvs I	OIVIV	1-a"	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 191
1842	60	Sg - G	Taça	55 - 100 d.C.	Vo- I	OFVO	1b	Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 193
1843	60	Sg - G	Drag. 27		Anepígrafa	(…)		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 194
1844	60	Sg - G	Taça		Anepígrafa	(…)		Rectangular de lado arredondados	Mayet, 1978, nº 195
1845	60	Sg - G	Drag. 27	70 - 110 d.C.	Atticvs	ATAII		Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 7
1846	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 55 d.C.	Carvs III	CARVR		Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 12
1847	60	Sg - G	Drag. 27	40 - 70 d.C.	Castvs I	OFCAS	6a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 13
1848	60	Sg - G	Drag. 27	20 - 50 d.C.	Dodo-	DODO	1a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 22
1849	60	Sg - G	Drag. 18	25 - 40 d.C.	Cirratvs	OFFCITRA		Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 15

1850	60	Sg - G	Drag. 27	35 - 55 d.C.	Celer II	CELERVS		Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 16
1851	60	Sg - G	Drag. 27			CEL(…)		Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 17
1852	60	Sg - G	Prato	45 - 60 d.C.	Chrestvs	OFCHRE		Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 18
1853	60	Sg - G	Drag. 18	70 - 90 d.C.	Ivcvndvs III	OFIVCVN	5h	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 26
1854	60	Sg - G	Drag. 18			IVDIM		Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 28
1855	60	Sg - G	Drag. 27	35 - 65 d.C.	Licinvs	LICIN	54e	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 30
1856	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Lvcceivs I	OFLVCCE	1e	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 31
1857	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Lvcceivs I	(…)CEI	1a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 33
1858	60	Sg - G	Drag. 18			OFL(…)		Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 34
1859	60	Sg - G	Drag. 27	40 - 65 d.C.	Modestvs I	MOB	4b'	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 38
1860	60	Sg - G	Drag. 27	40 - 65 d.C.	Modestvs I	OFMOE	4b	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 39
1861	60	Sg - G	Drag. 27	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	OMVR	16f	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 43
1862	60	Sg - G	Drag. 15/17	65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	OFRVFINI	3a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 51
1863	60	Sg - G / R / B	Drag. 27	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	OF SAB	16e	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 52
1864	60	Sg - G	Prato	30 - 65 d.C.	Senicio	SENICIO	6b	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 54
1865	60	Sg - G	Drag. 15/17	30 - 65 d.C.	Senicio	SENICIO	6-b	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 55
1866	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Senicio	SENICIO	6b	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 56
1867	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Senicio	SENICIO	6a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 57
1868	60	Sg - G	Drag. 27	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SECNVDV	4a'	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 59
1869	60	Sg - G	Drag. 18	70 - 100 d.C.	Silvinvs II	(…)LVINI	2a	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 65
1870	60	Sg - G	Drag. 27			VE(…)		Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 66
1871	60	Sg - G	Drag. 27	30 - 50 d.C.	Vervs II	IIIV	Ψ1?	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 67
1872	60	Sg - G	Drag. 27	10 - 35 d.C.	Vibivs	VIDV		Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 68
1873	60	Sg - M	Drag. 27		Anepígrafa	(+)		Indiferenciada	Bustamante Álvarez, 2009, Anexo 1, Nº 73
1874	60	His - LR (TM)	His. 27	150 - 210 d.C.	Agilianvs	AGILIANI	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

1875	60	His - LR (TM)	His. 27	150 - 210 d.C.	Agilianvs	AGILIANI	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1876	60	His - LR (TM)	His. 27	150 - 210 d.C.	Agilianvs	AGILIANI	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1877	60	His - LR	His. 15/17		Albinvs	ALBINI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1878	60	His - LR	His. 27		Annivs Maternvs	ANNI.MATRI.OF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1879	60	His - LR	His. 27		Attivs	ATTI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1880	60	His - LR	His. 27		Attivs	ATTI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1881	60	His - LR	His. 27		Attivs	A.TT(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1882	60	His - LR	His. 27		Attivs	(…)ATTI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1883	60	His - LR	His. 33		Attivs	ATTI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1884	60	His - LR	His. 33		Attivs	ATTI.(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1885	60	His - LR (TM)	His. 15/17	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	(…)TTI BRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1886	60	His - LR	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRITON	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1887	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTBR(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1888	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1889	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	A(…)TI(…)RI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1890	60	His - LR (TM)	His. 33	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1891	60	His - LR	His. 33	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1892	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	(…)TIBRI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1893	60	His - LR	His. 33	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTBR.TON	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1894	60	His - LR	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	AT(…)BRITON	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1895	60	His - LR (TM)	His. 33	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1896	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBR(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1897	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1898	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1899	60	His - LR	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTBRITON	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

1900	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	(…)ATIBRTIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1901	60	His - LR	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRITON	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1902	60	His - LR (TM)	His. 15/17	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	(…)TIBRITO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1903	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1904	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	(…)ATTIBRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1905	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	(…)BRIT(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1906	60	His - LR (TM)	His. 15/17	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTBR(…)LL	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1907	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTITTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1908	60	His - LR (TM)	His. 15/17	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	(….)TBRI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1909	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.IIIS	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1910	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.FE.S.T.	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1911	60	His - LR	Hisp. 4	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	(…)TTI.FE.S.TI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1912	60	His - LR	Hisp. 4	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI(…)S.TI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1913	60	His - LR	Hisp. 4	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTIFESTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1914	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.FEST	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1915	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.FIISTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1916	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.FIISTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1917	60	His - LR	His. 33	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.IIIISTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1918	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.IIIISTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1919	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.FIISTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1920	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	AT(…)III	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1921	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.FIISTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1922	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.FIISTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1923	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.FIISTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1924	60	His - LR	His. 33	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.FESTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

1925	60	His - LR	His. 33	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.FESTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1926	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.FESTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1927	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.FIISTI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1928	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	ATTI.PII(…)I	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1929	60	His - LR	Hisp. 4	80 - 110 d.C.	Attivs Festvs	(…)TTI.FE.S.TI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1930	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Flaccvs	ATTIFLACI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1931	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTPAE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1932	60	His - LR (TM)	Hisp. 4	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTPAE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1933	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTIPATERN	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1934	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTPATRN	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1935	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	(…)ATPATERNIOF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1936	60	His - LR	Hisp. 4	80 - 95 d.C.	Attivs Paternvs Tritiensis	ATTPATERMIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1937	60	His - LR	His. 15/17	80 - 95 d.C.	Attivs Paternvs Tritiensis	ATPEN.TRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1938	60	His - LR (AA - LP)	His. 27	80 - 100 d.C.	Brito	OFBRITO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1939	60	His - LR (AA - LP)	His. 27	80 - 100 d.C.	Brito	O.FB.(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1940	60	His - LR (AA - LP)	His. 27	80 - 100 d.C.	Brito	OFBRITO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1941	60	His - LR (AA - LP)	His. 15/17	80 - 100 d.C.	Brito	OFBRITO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1942	60	His - LR (AA - LP)	His. 15/17	80 - 100 d.C.	Brito	(…)BRITON	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1943	60	His - LR (AA - LP)	His. 27	80 - 100 d.C.	Brito	OFBRIT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1944	60	His - LR (AA - LP)	His. 27	80 - 100 d.C.	Brito	(…) IBR(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1945	60	His	His. 33	70 - 80 d.C.	C. A() F()	C⁞A⁞F⁞	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1946	60	His - LR	His. 27	70 - 80 d.C.	C. F()	OXOCF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1947	60	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	C. I() A() E() F()	C.I.A.E.F.	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1948	60	His - LR	His. 17	70 - 100 d.C.	C. I() A() E() F()	C.I.A.E.(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1949	60	His - LR	His. 27		C. I() A() E() P() G() R()	CIAEPGR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

1950	60	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	C. I() A() E() I() G() L() O()	CIAECIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1951	60	His - LR	His. 27		Caivs	OF.CAI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1952	60	His - LR	His. 27		Caivs Valerivs	OFCAIVALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1953	60	His - LR	His. 27		Caivs Valerivs	OFCALVA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1954	60	His - LR	His. 15/17		Camvrrivs	CAMV(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1955	60	His - LR (AAb)	His. 27	70 - 100 d.C.	Cantaber	(…)ANBRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1956	60	His - LR (AAb)	His. 27	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1957	60	His - LR (AAb)	His. 33	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1958	60	His - LR (AAb)	His. 15/17	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1959	60	His - LR (AAb)	His. 27	70 - 100 d.C.	Cantaber	(…)TABRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1960	60	His - LR (AAb)	His. 27	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1961	60	His - LR (AAb)	His. 27	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1962	60	His - LR (AAb)	His. 27	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1963	60	His - LR (AAb)	His. 27	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1964	60	His - LR	His. 24/25	80 - 100 d.C.	Clodivs	CLOD	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1965	60	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Clodivs	CLOD	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1966	60	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Clodivs	CLOD	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1967	60	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Clodivs	OFC	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1968	60	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Clodivs	C.L.O(…)	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1969	60	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Clodivs	CLO	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1970	60	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Clodivs	CLOD	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1971	60	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Clodivs	CLO	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1972	60	His - LR	His. 15/17	80 - 100 d.C.	Clodivs	CLOD	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1973	60	His - LR	His. 24/25	70 - 90 d.C.	Enivs	EINIE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1974	60	His - LR	His. 24/25		L. Clodivs	EX.OF.L.CLO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

1975	60	His - LR (TM)	His. 33	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRM(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1976	60	His - LR (TM)	His. 33	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1977	60	His - LR (TM)	His. 33	80 - 110 d.C.	Firmvs	(…)RMI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1978	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1979	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1980	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Firmvs	(…)MI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1981	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1982	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1983	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1984	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Firmvs	(…)MO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1985	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRM(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1986	60	His - LR (TM)	His. 33	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1987	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1988	60	His - LR (TM)	His. 33	80 - 110 d.C.	Firmvs	(…)MIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1989	60	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Firmvs Paternvs	O.FR.PA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1990	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRTR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1991	60	His - LR	Taça	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1992	60	His - LR	His. 15/17	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1993	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1994	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1995	60	His - LR	Taça	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1996	60	His - LR	His. 15/17	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	OF(…)TR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1997	60	His - LR	His. 15/17	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1998	60	His - LR	Taça	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
1999	60	His - LR	His. 15/17	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2000	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2001	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMI.TR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2002	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	O.FR.TR(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2003	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2004	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2005	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2006	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2007	60	His - LR	Taça	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2008	60	His - LR	Taça	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2009	60	His - LR	His. 15/17	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	(…)FIR.TR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2010	60	His - LR	His. 15/17	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FI(…)MTR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2011	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2012	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	OFMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2013	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIRMITRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2014	60	His - LR	Taça	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIR.MI.TR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2015	60	His - LR	His. 27	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	FIMI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2016	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2017	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACC(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2018	60	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Flaccvs	(…)ACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2019	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	EXOFFLACIA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2020	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLAC(…)R	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2021	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	(…)ACC(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2022	60	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2023	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2024	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2025	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	F(…)CCI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2026	60	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2027	60	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2028	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2029	60	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2030	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLAC(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2031	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	(…)LACC	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2032	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2033	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2034	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2035	60	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2036	60	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Flaccvs	(…)CCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2037	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2038	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2039	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	(...)L(…)CI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2040	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	(…)ACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2041	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2042	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2043	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2044	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Flaccvs	(…)ACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2045	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2046	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	(…)ACCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2047	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FL(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2048	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	(…)CTR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2049	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	(…)CCI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2050	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FL(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2051	60	His - LR	His. 33	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCITR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2052	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	EXOFLAC(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2053	60	His - LR	His. 33	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	(…)CC(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2054	60	His - LR	Taça	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACITR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2055	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACITR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2056	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACITR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2057	60	His - LR	Taça	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACI.TR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2058	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	F(…)CCITR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2059	60	His - LR	His. 15/17	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACITR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2060	60	His - LR	His. 15/17	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCITR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2061	60	His - LR	Taça	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACITR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2062	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	(…)ACCTR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2063	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCITR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2064	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCITR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2065	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	(…)ACCTR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2066	60	His - LR	Taça	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCITR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2067	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	(...)LA.CCI.R	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2068	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCITR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2069	60	His - LR	His. 15/17		Frontivs	FON(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2070	60	His - LR	His. 15/17		Frontivs	EXOFNT(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2071	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	G. Fvlvivs Paternvs	(…)X.O.FVLPATE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2072	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	G. Fvlvivs Paternvs	EX.OGFPATE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2073	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	G. Fvlvivs Paternvs	(…)X.O.FVLPATE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2074	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	G. Fvlvivs Paternvs	EXOGFPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2075	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	G. Fvlvivs Paternvs	EXOGFPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2076	60	His - LR	His. 27	100 - 120 d.C.	G. Fvlvivs Paternvs Festvs	(…).FV.PAT.FES	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2077	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	Fvlvivs Paternvs	FVL.PATE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2078	60	His - LR	Taça	80 - 105 d.C.	Fvlvivs Paternvs	EX.O.FVL.P	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2079	60	His - LR	His. 15/17	80 - 105 d.C.	Fvlvivs Paternvs	EX.O.FV(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2080	60	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Ivnivs	IVMI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2081	60	His - LR	His. 15/17	85 - 105 d.C.	Ivnivs	IVIIN	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2082	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)LLI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2083	60	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPIL(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2084	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LA(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2085	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	OFLAPI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2086	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPIL(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2087	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	OFLAPI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2088	60	His - LR (TM - Q)	His. 15/17	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2089	60	His - LR (TM - Q)	His. 24/25	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LA(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2090	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	OFLAPILLI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2091	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	L(…)PILLI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2092	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPIL(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2093	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LA(…)	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2094	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2095	60	His - LR (TM - Q)	His. 15/17	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2096	60	His - LR (TM - Q)	His. 15/17	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2097	60	His - LR (TM - Q)	His. 15/17	70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)LICNI	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2098	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2099	60	His - LR (TM - Q)	His. 15/17	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2100	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2101	60	His - LR (TM - Q)	His. 15/17	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2102	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPIL(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2103	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…).LA.PIL.	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2104	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	OFLAPILLI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2105	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)PILL	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2106	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2107	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2108	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)APILLI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2109	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	OFLAPILLI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2110	60	His - LR	His. 15/17	100 - 145 d.C.	Lvc()	L.VC(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2111	60	His - LR	His. 15/17	100 - 145 d.C.	Lvc()	EXLVI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2112	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	EXOF.LV.F(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2113	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	OF.LVC.FIR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2114	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	(…)LVCFIR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2115	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	.V(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2116	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	EX.OF.LVF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2117	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	OF.LV.F(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2118	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	LVCRIITI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2119	60	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Lvpianvs	OFLVPIANI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2120	60	His - LR	His. 15/17	80 - 100 d.C.	Lvpianvs	OFLVPIANI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2121	60	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Lvpianvs	OIIIVPI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2122	60	His - LR	His. 15/17		Manlivs	EX.OF.MNL	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2123	60	His - LR	His. 27	195 - 210 d.C.	M. Ase(ellivs?)	OFMASE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2124	60	His - LR	His. 27		Maternvs	MATERNI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2125	60	His - LR	Taça	70 - 100 d.C.	Miccio	EXOFMICC	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2126	60	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	Miccio	IIX.OFMICC	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2127	60	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	Miccio	EX.OFMICC	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2128	60	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	Miccio	EXOMICCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2129	60	His - LR	His. 15/17	70 - 100 d.C.	Miccio	OFMICCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2130	60	His - LR	Taça	70 - 100 d.C.	Miccio	MI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2131	60	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	Miccio	IIXOMICCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2132	60	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	Miccio	OFMICC	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2133	60	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	Miccio	OFMICCI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2134	60	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	Miccio	OFMICC	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2135	60	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Nastvs	NATII	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2136	60	His - LR	His. 27		Nassvs	NASSI8	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2137	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	NAS.DII	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2138	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	L.NAS.DII	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2139	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	NAS.DII	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2140	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	L.NASDII	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2141	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	N(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2142	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	NASDI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2143	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	NASDII	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2144	60	His - LR	His. 27		Nemivs Pontivs	NNIIPOT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2145	60	His - LR	His. 27		Novvs	IIXOFNOVI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2146	60	His - LR	His. 27	85 - 90 d.C.	Octavivs Brito	OC.BRITO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2147	60	His - LR	His. 15/17	80 - 105 d.C.	Octavivs Fronto(nvs)	OCTA.FRON	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2148	60	His - LR	His. 15/17	80 - 105 d.C.	Octavivs Fronto(nvs)	OCTAFRON(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2149	60	His - LR	His. 15/17	80 - 105 d.C.	Octavivs Fronto(nvs)	OCTAFRON(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2150	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	(…)CT.MA.O	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2151	60	His - LR	Taça	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	(…)CT.MA.O	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2152	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCT.M(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2153	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCT.MA.O	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2154	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCT.MA.O	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2155	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCT.MA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2156	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCT.MA.O	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2157	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	(…)MAT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2158	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCTMAO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2159	60	His - LR	Taça	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCT.MA.OF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2160	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCT.MA.OF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2161	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	O.M.O.F	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2162	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCTMARO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2163	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCT.MA.	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2164	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCTMAO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2165	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCTMAO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2166	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCTMAO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2167	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OC.T.MAO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2168	60	His - LR	His. 27		Octavivs Qvietvs	OC.QVES	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2169	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATERALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2170	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	(…)ERALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2171	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATER.AL	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2172	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATERALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2173	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATERALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2174	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	(…)ALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2175	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	(…)ALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2176	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATER.ALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2177	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATERAL(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2178	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	(…)EALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2179	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	(…)TEALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2180	60	His - LR	Taça	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	(…)ALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2181	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	(...)ATER.ALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2182	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	(…)ATEALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2183	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	ATEALE(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2184	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATERALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2185	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATE(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2186	60	His - LR	His. 24/25		Paternvs	PA(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2187	60	His - LR	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PAT(…)ALE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2188	60	His - LR	His. 27	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PET.FROOF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2189	60	His - LR	His. 27	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PET.FROOF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2190	60	His - LR	His. 27	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PET.FROOF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2191	60	His - LR	His. 15/17	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PET.FROOF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2192	60	His - LR	His. 27	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PET.FROOF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2193	60	His - LR	His. 15/17	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PET.FROOF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2194	60	His - LR	His. 15/17	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	IIFTIOO(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2195	60	His - LR	His. 15/17	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	OCT.FROOF	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2196	60	His - LR	His. 27		Qvietvs Dent	QVETIDENT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2197	60	His - LR	His. 27	80 - 100 d.C.	Satvrninvs	OFSATV	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2198	60	His - LR	His. 15/17		Segimvs	SEGINI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2199	60	His - LR (AA - LP)	Taça	70 - 100 d.C.	Segivs Tritiensis	OF.SEG.TRITϕ	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2200	60	His - LR (AA - LP)	Taça	70 - 100 d.C.	Segivs Tritiensis	OF.SEG(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2201	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2202	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OFSEMPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2203	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMP	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2204	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMP(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2205	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2206	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMP(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2207	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2208	60	His - LR (TM)	Taça	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2209	60	His - LR (TM)	His. 15/17	70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)EMPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2210	60	His - LR (TM)	His. 46	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2211	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2212	60	His - LR (TM)	Taça	70 - 110 d.C.	Sempronivs	IIX.OFI.SEM	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2213	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OSEMP	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2214	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	S(…)MPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2215	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2216	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2217	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)MPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2218	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2219	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	S(…)MPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2220	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OFSEMPR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2221	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OFSEM(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2222	60	His - LR (TM)	His. 17	70 - 110 d.C.	Sempronivs	EXOFSEM	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2223	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SE(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2224	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEM	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2225	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OFSEMP	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2226	60	His - LR	His. 15/17		Sextivs	SEXT(…)	B.	Rectangular de lados bífidos	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2227	60	His - LR	Taça	80 - 105 d.C.	Svrivs	O.SVRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2228	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	Svrivs	O.SVRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2229	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	Svrivs	O.SVRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2230	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	Svrivs	O.SV(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2231	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	Svrivs	O.SVRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2232	60	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	Svrivs	O.SVRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2233	60	His - A	His. 15/17	80 - 90 d.C.	Titvs Oppivs	I.OPICI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2234	60	His - LR (B)	His. 27	80 - 100 d.C.	T. L() S()	OF.T.L.S.	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2235	60	His - LR (B)	His. 27	80 - 105 d.C.	Trebivs Tritiensis	TBR(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2236	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2237	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	IIV(…)VAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2238	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2239	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVAPRI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2240	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VP	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2241	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2242	60	His - LR (TM)	Hisp. 4	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2243	60	His - LR (TM)	Hisp. 4	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)XOF.VA.PA.T	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2244	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	XOF.VA.PA.T	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2245	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAP	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2246	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(...)VAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2247	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2248	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2249	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	VAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2250	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2251	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFV(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2252	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFV(…)T	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2253	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	IIXOFVA(…)P	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2254	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVA.PA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2255	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2256	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2257	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2258	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2259	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2260	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2261	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2262	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAPAT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2263	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2264	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VA.PA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2265	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	IIXOFVAP	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2266	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAP(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2267	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2268	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2269	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2270	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)APAT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2271	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VAP(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2272	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2273	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2274	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2275	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVA.PAT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2276	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF(…)PA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2277	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2278	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	VA(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2279	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2280	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2281	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)XOFVA.PA.	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2282	60	His - LR (TM)	His. 46	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2283	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVA(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2284	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2285	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2286	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFV(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2287	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAPAT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2288	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAP(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2289	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2290	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)OFVAPAT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2291	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)FVAPAT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2292	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)AP	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2293	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAPAT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2294	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2295	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2296	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2297	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2298	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2299	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2300	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2301	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2302	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PA.T	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2303	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVA.PA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2304	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2305	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2306	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2307	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2308	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2309	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2310	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAP(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2311	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVA.PA.	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2312	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAPAT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2313	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2314	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2315	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)EXOFVA(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2316	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFV(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2317	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVA(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2318	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)EXOFVA(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2319	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2320	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2321	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPAT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2322	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2323	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2324	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PAT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2325	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2326	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2327	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2328	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2329	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2330	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVA(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2331	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2332	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2333	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2334	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2335	60	His - LR	His. 15/17			AIL(retro)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2336	60	His - LR	His. 27			A(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2337	60	His - LR	His. 27			OIIIIIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2338	60	His - LR	His. 15/17			(…)AVI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2339	60	His - LR	His. 27			IO(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2340	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2341	60	His - LR	His. 27			OZTV	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2342	60	His - LR	His. 15/17			(…)MAO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2343	60	His - LR	His. 27			(…)RT	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2344	60	His - LR	His. 27			(…)MP	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2345	60	His - LR	His. 27			(…)N.INN	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2346	60	His - LR	Taça			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2347	60	His - LR	Taça			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2348	60	His - LR	His. 27			(…)MINN	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2349	60	His - LR	His. 15/17			(…)OIIIIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2350	60	His - LR	Ludowici Tb			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2351	60	His - LR	His. 15/17			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2352	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2353	60	His - LR	His. 15/17			(…)AROP	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2354	60	His - LR	His. 15/17			(…)RIIII.FLAC	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2355	60	His - LR	His. 15/17			IIIIOO(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2356	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)EMP	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2357	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2358	60	His - LR	His. 27			(…)NM.TR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2359	60	His - LR	His. 15/17			EX(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2360	60	His - LR	His. 27			(…)MO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2361	60	His - LR	His. 15/17			NIIIII	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2362	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2363	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2364	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2365	60	His - LR	His. 27			(…)V(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2366	60	His - LR	Taça			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2367	60	His - LR	Taça			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2368	60	His - LR	His. 27			(…)IMI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2369	60	His - LR	His. 27			(…)IMI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2370	60	His - LR	His. 27			IIIAIO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2371	60	His - LR	His. 27			(…)VM	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2372	60	His - LR	His. 27			O(…)VIIR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2373	60	His - LR	His. 27			(…)RAR	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2374	60	His - LR	His. 27			IIIOIII	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2375	60	His - LR	Taça	TER(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2376	60	His	Taça	OF(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2377	60	His	His. 24/25	(…)TO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2378	60	His - LR	Taça	(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2379	60	His	Taça	(…)AIII	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2380	60	His	His. 17	EXO(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2381	60	His	His. 27	(…)TO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2382	60	His	His. 27	(…)CI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2383	60	His	His. 27	(…)IIPLN	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2384	60	His	His. 15/17	EX(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2385	60	His	His. 27	CI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2386	60	His	His. 15/17	(…)TO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2387	60	His	His. 33	NI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2388	60	His	His. 27	II(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2389	60	His	His. 27	EXOCI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2390	60	His - LR	His. 27	XL	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2391	60	His	His. 15/17	EXOCI(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2392	60	His - LR	His. 27	(…)EMT.	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2393	60	His	His. 17	DODO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2394	60	His - LR	His. 15/17	(…)LVGIPI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2395	60	His - LR	His. 15/17	OF(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2396	60	His - LR	His. 15/17	OF(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2397	60	His - LR	His. 15/17	EX(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2398	60	His - LR	His. 15/17	O(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2399	60	His - LR	His. 15/17	(…)XIVIK	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2400	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2401	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2402	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2403	60	His - LR	His. 27			(…)ZO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2404	60	His - LR	His. 27			A(…)A(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2405	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2406	60	His - LR	His. 27			(…)VE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2407	60	His - LR	His. 27			(…)VE	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2408	60	His - LR	His. 35			OF(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2409	60	His - LR	His. 27			EXOF(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2410	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2411	60	His - LR	His. 27			(…)O(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2412	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2413	60	His - LR	His. 27			(…)A(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2414	60	His - LR	His. 27			EX(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2415	60	His - LR	His. 27			(…)A(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2416	60	His - LR	His. 27			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2417	60	His - LR	His. 15/17			EXOF(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2418	60	His - LR	His. 15/17			EX(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2419	60	His - LR	His. 15/17			(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2420	60	His - LR	His. 15/17			(…)VNGC	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2421	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)AP	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2422	60	His - LR	His. 15/17			(…)F(…)III(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2423	60	His	His. 27			EXO(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2424	60	His	His. 27			EX(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1

2425	60	His - LR	His. 27		EX(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2426	60	His - LR	His. 27		(…)O	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2427	60	His - LR	His. 27		(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2428	60	His - LR	His. 35		OF(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2429	60	His - LR	His. 27		(…)IPI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2430	60	His - LR	His. 15/17		OF(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2431	60	His - LR	His. 27		OF(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2432	60	His - LR	His. 27	Enefa	OFIINIIFA	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2433	60	His - LR	His. 27		(…)MO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2434	60	His - LR	His. 15/17		(…)IR.T.ICIVI	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2435	60	His - LR	His. 27		(…)TIN	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2436	60	His - LR	His. 15/17		(…)MAO	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2437	60	His - LR	His. 27		(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2438	60	His - LR	His. 27		(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2439	60	His - LR	His. 15/17		(…)APL	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2440	60	His - LR	His. 27		(…)	B.	Rectangular de lado arredondados	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2441	60	His - LR	His. 27	Grafomorfa	(…)	B.	Radial	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2442	60	His - LR	His. 27	Titvs Sangenivs	(…)	B.	Radial decorada	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2443	60	His - LR	Hisp. 101	Grafomorfa	(…)	B.	Radial decorada	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2444	60	His - LR	His. 35	Grafomorfa	(…)	B.	Radial	Bustamante Álvarez, 2010, Anexo V, nº 1
2445	60	It	Consp. B3.19	Ponivs	(…)PONI?	2585,184	605	Outeiriño, 1990, p. 95
2446	60	His - LR	His. 15/17	Aemilivs E()	EXOFAEME	M. 12	Rectangular de lados bífidos	Mezquerís, 1961, Pl. 8 nº 56; Fernándes-Miranda, 1968, p. 811; Mayet, 1983, nº 12
2447	60	His - LR	Taça	Aemilivs E()	EXOFAEME	M. 13	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 13
2448	60	His - LR (TM)	His. 27	150 - 210 d.C.	Agilianvs	AGILLIANI	M. 23	Rectangular de lados bífidos	Mezquerís, 1961, Pl. 8 nº 62; Fernándes-Miranda, 1968, p. 812; Mayet, 1983, nº 23
2449	60	His	His. 37			(…)AIT(…)	M. 34	Intradecorativa (Indiferenciada)	Mezquerís, 1961, Pl. 7 nº 1; Mayet, 1983, nº 34

2450	60	His - LR	Taça		Accvnes	ACVNES.OFI	M. 46	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 46
2451	60	His - LR	His. 37		Ast()	OF.AST(…)	M. 47	Intradecorativa (Indiferenciada)	Mezquerís, 1961, nº 7 e nº 8; Mayet, 1983, nº 47
2452	60	His - LR	His. 27		Ateditivs	ATEDITIO	M. 48	Rectangular alongada	Mezquerís, 1961, nº 72; Fernándes-Miranda, 1968, p. 811; Mayet, 1983, nº 48
2453	60	His - LR (TM)			Ateditivs	ATEDITIO		Rectangular alongada	Mezquerís, 1961, nº 72; Fernándes-Miranda, 1968, p. 811; Mayet, 1983, p. 120
2454	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRITTON	M. 50	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 50
2455	60	His - LR (TM)	Taça	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTI.BRI	M. 54	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 54
2456	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	(…)T.I.BRI	M. 56	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 56
2457	60	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIB(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 121
2458	60	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRITTON		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 121
2459	60	His - LR	Taça	80 - 110 d.C.	Attivs Flaccvs	ATTI.FLACCI	M. 57	Rectangular alongada	Fernándes-Miranda, 1968, p. 811-813; Mayet, 1983, nº 57
2460	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTI.PATERNI.OF	M. 58	Rectangular alongada	Mezquerís, 1961, nº 79; Fernándes-Miranda, 1968, p. 811-813; Mayet, 1983, nº 58
2461	60	His - LR (TM)	His. 36	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTIPATERN(…)	M. 60	Rectangular alongada	Mezquerís, 1961, nº 76; Mayet, 1983, nº 60
2462	60	His - LR (TM)	Prato	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	(…)TERN	M. 61	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 61
2463	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTI.PATER	M. 62	Rectangular alongada	Mezquerís, 1961, nº 78; Mayet, 1983, nº 62
2464	60	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTI.PATER	M. 63	Rectangular alongada	Mezquerís, 1961, nº 77; Mayet, 1983, nº 63
2465	60	His - LR (AA - LP)		80 - 100 d.C.	Brito	OF.B(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 123
2466	60	His - LR (AAb)	Taça	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI	M. 123	Rectangular alongada	Fernándes-Miranda, 1968, p. 811-813; Mayet, 1983, nº 123
2467	60	His - LR (AAb)	His. 15/17	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI	M. 126	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 126
2468	60	His - LR (AAb)	Taça	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI	M. 127	Rectangular alongada	Fernándes-Miranda, 1968, p. 811-813; Mayet, 1983, nº 127
2469	60	His - LR (AAb)	Prato	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI	M. 128	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 128
2470	60	His - LR (AAb)		70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRIO		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 128
2471	60	His - LR (AAb)		70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 128
2472	60	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	C. I() A() E() F()	C.I.A.E.F	M. 133	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 133
2473	60	His - LR	Taça	70 - 100 d.C.	C. I() A() E() F()	C.I.A.E.F	M. 134	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 134
2474	60	His - LR	Taça	70 - 100 d.C.	C. I() A() E() F()	C.I.A.E.F	M. 135	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 135

2475	60	His - LR	Taça	70 - 100 d.C.	C. I() A() E() F()	C.I.A.E.F		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 128
2476	60	His - LR	Taça	70 - 100 d.C.	C. I() A() E() F()	C.I.A.E.F		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 128
2477	60	His - LR	His. 27		C. N() C()	EXOFC.N.C.	M. 146	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 146
2478	60	His - LR	His. 27		C. N() C()	EXOF.CNC	M. 147	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 147
2479	60	His - LR	Taça		C. N() C()	IIXOFCNC	M. 148	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 148
2480	60	His - LR	His. 15/17		C. N() C()	IIXOFGNC	M. 149	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 149
2481	60	His - LR			C. N() C()	EXOF.C(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 129
2482	60	His - LR	Taça		Cvrivs	CVRS	M. 166	Rectangular alongada	Mezquerís, 1961, nº 65; Fernándes-Miranda, 1968, p. 811; Mayet, 1983, p. 166
2483	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMOFIC	M. 179	Rectangular alongada	Fernándes-Miranda, 1968, p. 811-813; Mayet, 1983, nº 179
2484	60	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMOFI	M. 180	Rectangular alongada	Fernándes-Miranda, 1968, p. 811-813; Mayet, 1983, nº 180
2485	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMIO	M. 181	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 181
2486	60	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMIO	M. 182	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 182
2487	60	His - LR (TM)		80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMIO		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 133
2488	60	His - LR (TM)		80 - 110 d.C.	Firmvs	FIRMIO		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 133
2489	60	His - LR	Prato	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	OF.FIRTR	M. 187	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 187
2490	60	His - LR		70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	F(…)MI(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 133
2491	60	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACC(…)	M. 189	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 189
2492	60	His - LR	His. 15/17	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCI.TR	M. 191	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 191
2493	60	His - LR		85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCI.(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 135
2494	60	His - LR		85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCI.TR		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 135
2495	60	His - LR	Taça		Fvlvivs	FVIAOF	M. 210	Rectangular alongada	Mezquerís, 1961, nº 64; Fernándes-Miranda, 1968, p. 811; Mayet, 1983, p. 210
2496	60	His - LR	His. 15/17	80 - 105 d.C.	Fvlvivs Paternvs	FVLVIPA	M. 211	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 211
2497	60	His - LR	Taça		G. S() R()	G.S.R.	M. 236	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 236
2498	60	His - LR	His. 46		Karacter	KARACTER	M. 259	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 259
2499	60	His - LR	His. 46		Karacter	KARACTER		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 141

2500	60	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI	M. 263	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1970, fig. 26; Mayet, 1983, nº 263
2501	60	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	OFLAPILLI	M. 271	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1970, fig. 30; Mayet, 1983, nº 271
2502	60	His - LR (TM - Q)	His. 15/17	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI.O	M. 274	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 29-30; Mayet, 1983, nº 274
2503	60	His - LR (TM - Q)	His. 15/17	70 - 150 d.C.	Lapillvs	EXOFLAPILLI	M. 276	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 31-32; Mayet, 1983, nº 276
2504	60	His - LR (TM - Q)	His. 15/17	70 - 150 d.C.	Lapillvs	IIXOFLAPILLI	M. 278	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 37; Mayet, 1983, nº 278
2505	60	His - LR (TM - Q)	Taça	70 - 150 d.C.	Lapillvs	IIX.OF.LAPILLI	M. 279	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 38; Mayet, 1983, nº 279
2506	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2507	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2508	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2509	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2510	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2511	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2512	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2513	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2514	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2515	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2516	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2517	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2518	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2519	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2520	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2521	60	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 143
2522	60	His - LR	Taça		L. Clodivs	EX.OF.L.CLO	M. 295	Rectangular alongada	Mezquerís, 1961, nº 70; Fernándes-Miranda, 1968, p. 811; Mayet, 1983, nº 295
2523	60	His - LR	Prato		Lvber	OFLVBER	M. 305	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 305
2524	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	OFLVC.FIR	M. 317	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 317

2525	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	OF.LV.FIR	M. 318	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 318
2526	60	His - LR		80 - 110 d.C.	Lvcretivs Firmvs	OFL(…)FIR		S/R	Mayet, 1983, p. 146
2527	60	His - LR (TM)	Taça		L. Sempronivs	OFLSEM	M. 333	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 333
2528	60	His - LR (TM)	His. 27		L. Sempronivs	OLSIIM	M. 338	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 338
2529	60	His - LR	His. 37		Mas()	MAS(…)	M. 352	Intradecorativa (Indiferenciada)	Mezquerís, 1961, P. 49; Mayet, 1983, nº 352
2530	60	His - LR	His. 27	190 - 210 d.C.	M. Ase(ellivs?)	OFM.ASE	M. 353	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 353
2531	60	His - LR		190 - 210 d.C.	M. Ase(ellivs?)	OFM.AS(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 150
2532	60	His - LR		190 - 210 d.C.	M. Ase(ellivs?)	(…)M.ASE		S/R	Mayet, 1983, p. 150
2533	60	His - LR (TM)			Maternvs Blandvs	OF.MAT.BL(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 151
2534	60	His	His. 15/17		M. Fla(vinivs)	OFM.FLA(…)	M. 377	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 377
2535	60	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	Miccio	OF.MICCIO	M. 384	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 384
2536	60	His - LR	Taça	70 - 100 d.C.	Miccio	EX.MICCIO	M. 386	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 386
2537	60	His - LR	His. 15/17		Octavivs Aes()	OCTAES	M. 434	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 434
2538	60	His - LR	His. 15/17	80 - 105 d.C.	Octavivs Fronto(nvs)	EX.OF.OCT.F	M. 437	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 437
2539	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCT.MAOF	M. 439	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 439
2540	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCT.MO	M. 446	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 446
2541	60	His - LR		80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCT.MAOF		S/R	Mayet, 1983, p. 159
2542	60	His - LR	Prato		P. At() Octavivs Tri(tiensis)	P.AT.OCT.TR	M. 451	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 451
2543	60	His - LR (TM)	Prato		Paternvs	PATERNI	M. 454	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 454
2544	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATER.ALE	M. 465	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 465
2545	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATEALE	M. 468	Rectangular alongada	Mezquerís, 1961, P. 47; Fernándes-Miranda, 1968, p. 811-814; Mayet, 1983, nº 468
2546	60	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATELAE		S/R	Mayet, 1983, p. 161
2547	60	His - LR	Ludowici Tb		Pontivs	OF.PON	M. 495	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 495
2548	60	His	His. 15/17		Pontivs Pe()	EXOF.PONPII	M. 497	Rectangular alongada	Fernándes-Miranda, 1968, p. 811-814; Mayet, 1983, nº 497
2549	60	His - LR (B)	His. 27		Perticivs	P(…)ICIV	M. 478	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 478

2550	60	His - LR		70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	(…)RO.OFI		S/R	Mayet, 1983, p. 163
2551	60	His - LR	His. 36	80 - 100 d.C.	Satvrninvs	OFSATVR	M. 550	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 550
2552	60	His - LR	His. 36	80 - 100 d.C.	Satvrninvs	OFSATVR	M. 551	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 551
2553	60	His - LR (B)	Taça		Segivs Avitvs	SEGIAVI	M. 562	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 562
2554	60	His - LR (B)	Taça		Segivs Avitvs	SEGIAVI	M. 563	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 563
2555	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEMP	M. 590	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 590
2556	60	His - LR (TM)	His. 15/17	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEMP	M. 591	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 591
2557	60	His - LR (TM)	Prato	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEMP	M. 592	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 592
2558	60	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	EXOFSEM	M. 594	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 594
2559	60	His - LR (TM)	Taça	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEM	M. 595	Rectangular alongada	Fernándes-Miranda, 1968, p. 811-814; Mayet, 1983, nº 595
2560	60	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEMP		S/R	Mayet, 1983, p. 173
2561	60	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)EMP		S/R	Mayet, 1983, p. 173
2562	60	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SE(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 173
2563	60	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)EMP		S/R	Mayet, 1983, p. 173
2564	60	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SE(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 173
2565	60	His - LR (TM)	His. 27		Sempronivs Valerivs	OF.SEM.VAL	M. 598	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 598
2566	60	His - LR	His. 27		Sentivs	OF.SEN(…)	M. 606	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 606
2567	60	His - LR (TM)	His. 15/17		S()Ni()	IIXOFSNI	M. 612	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 612
2568	60	His - LR (TM)	His. 27		S()Ni()	EXOFSN	M. 617	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 617
2569	60	His - LR (TM)	His. 27		S()Ni()	EXOFSN	M. 618	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 618
2570	60	His - LR	His. 27		Valerivs Firmvs	VALFIRM	M. 671	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 671
2571	60	His - LR (TM)	Hisp. 4	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)X.OF.VAL.PAT	M. 676	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 5; Mayet, 1983, nº 676
2572	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VAL.PAT	M. 678	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 8; Mayet, 1983, nº 678
2573	60	His - LR (TM)	His. 36	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VAL.PAT	M. 679	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 9; Mayet, 1983, nº 679
2574	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAL.PA	M. 680	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1970, fig. 7; Mayet, 1983, nº 680

2575	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EX.OFVA.PA.T	M. 683	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 1; Mayet, 1983, nº 683
2576	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EX.OFVA.PA.T	M. 684	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 2; Mayet, 1983, nº 684
2577	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOVAPAT	M. 686	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 3; Mayet, 1983, nº 686
2578	60	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAPA	M. 689	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1970, fig. 2; Mayet, 1983, nº 689
2579	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVAPA	M. 691	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 19; Mayet, 1983, nº 691
2580	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVAPA	M. 692	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 20; Mayet, 1983, nº 692
2581	60	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VA.PA	M. 695	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 18; Mayet, 1983, nº 695
2582	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VA.PA	M. 696	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 17; Mayet, 1983, nº 696
2583	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVA.PA	M. 697	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 16; Mayet, 1983, nº 697
2584	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VAPA	M. 698	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 15; Mayet, 1983, nº 698
2585	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	M. 699	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 13; Mayet, 1983, nº 699
2586	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	M. 701	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1970, fig. 14; Mayet, 1983, nº 701
2587	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	M. 702	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1970, fig. 12; Mayet, 1983, nº 702
2588	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	M. 703	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 11; Mayet, 1983, nº 703
2589	60	His - LR (TM)	His. 37	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	M. 705	Intradecorativa (Indiferenciada)	Mayet, 1970, fig. 12; Mayet, 1983, nº 705
2590	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOF.VA.P	M. 706	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 22; Mayet, 1983, nº 706
2591	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	IIXOVAP	M. 707	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1970, fig. 23; Mayet, 1983, nº 707
2592	60	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVAP	M. 709	Rectangular alongada	Mayet, 1970, fig. 21; Mayet, 1983, nº 709
2593	60	His - LR (TM)	His. 37	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	VP	M. 712	Intradecorativa (Indiferenciada)	Mayet, 1970, fig. 4; Mayet, 1983, nº 712
2594	60	His - LR (TM)	His. 37	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA		S/R	Mayet, 1983, p. 195
2595	60	His - LR (TM)	His. 37	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA		S/R	Mayet, 1983, p. 195
2596	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 195
2597	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 195
2598	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 195
2599	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 195

2600	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2601	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2602	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2603	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2604	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2605	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2606	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2607	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2608	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2609	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2610	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2611	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2612	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2613	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2614	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2615	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2616	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2617	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2618	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2619	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2620	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2621	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2622	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2623	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2624	60	His - LR (TM)	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195

2625	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2626	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2627	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2628	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2629	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2630	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2631	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2632	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2633	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2634	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2635	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2636	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2637	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2638	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2639	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2640	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2641	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2642	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2643	60	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 195
2644	60	His - LR	His. 27		Valerivs S()	IIXOFVALS	M. 713	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 713
2645	60	His - LR			Vllo	OFIVLLO		S/R	Fernándes-Miranda, 1968, p. 811-814; Mayet, 1983, p. 186
2646	60	His	His. 27			OF.PAVO	M. 744	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 744
2647	60	His	His. 15/17			OF(…)PAF	M. 771	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, nº 771
2648	60	His	His. 15/17			(…)VI	M. 781	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 781
2649	5	His	His. 35		L. Marcelvs	EXOLMARCEL		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 75

2650	5	His - LR	Taça			EXOFM(…)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 75
2651	5	His - A			L. I() A()	(…)L.T.A		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 75
2652	5	His - LR (TM)	Taça	80 - 105 d.C.	Svrivs	O.SVRI		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 75
2653	5	His - LR	Taça			SLN(…)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 76
2654	5	His - LR	Taça			.T		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 76
2655	5	His - LR	Prato		Accvnes	(…)ACCV(retro)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 76
2656	5	His - LR				(…)TA.EP(…)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 76
2657	5	His - LR				EXOF(…)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 76
2658	5	His - LR	Taça			(…)		Indiferenciada	Pereira, 2012, Prancha 77
2659	5	His - LR	Taça			(…)		Indiferenciada	Pereira, 2012, Prancha 77
2660	5	His - LR				(…)FLIL		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 77
2661	5	His - LR	Taça			M		Indiferenciada	Pereira, 2012, Prancha 77
2662	5	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)MPR(…)		Indiferenciada	Pereira, 2012, Prancha 77
2663	5	It - N	Taça	30 - 80 d.C.	C. T() Fes()	OF.FES	2023	606	Pereira, 2012, Prancha 77
2664	5	His - LR				AN(…)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 77
2665	5	His - LR (TM)			Maternvs Blandvs	M-BOF		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 77
2666	5	His - LR	Taça			(…)		Indiferenciada	Pereira, 2012, Prancha 78
2667	5	His - LR	Taça		Elonivs	ELONIS		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 78
2668	5	His - LR (TM)	Taça	70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)SEMP(…)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 78
2669	5	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VA(…)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 78
2670	5	His - LR	Taça			EXOF(…)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 78
2671	5	His - LR	His. 27			(…)IA		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 78
2672	5	His - LR				EX(…)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 78
2673	5	His - LR (B)	Taça	80 - 105 d.C.	Trebivs Tritiensis	(…)TR		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 78
2674	5	His - LR				(…)M		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, Prancha 75

2675	5	His - LR	Taça			(…)	341	Pereira, 2012, Prancha 75
2676	55	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVA.P(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2677	55	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	VA.PA(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2678	55	His - LR				EXO(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2679	56	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PA.T	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2680	56	His - LR				EX(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2681	56	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VA(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2682	61	His - LR				EXO(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2683	61	His - LR				EX(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2684	61	His - LR				EX(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2685	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…).PA.T	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2686	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)OFV(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2687	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)FVA(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2688	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PA.T	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2689	61	His - LR	Taça			(…)EXOFV(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2690	61	His - LR				(…)XO(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2691	58	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVA.PA.T	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2692	58	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PA.T	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2693	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVA(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2694	62	His - LR (TM)	Prato	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VA.PA.T	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII; Linde, 1996, Fig. 2
2695	55	His - LR (TM)	Prato	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)AT	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2696	55	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)T	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2697	62	His - LR (TM)	Prato	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EX.OF.VAL.PAT	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. L nº 231; Linde, 1996, Fig. 2
2698	56	His - LR				EXO(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2699	56	His - LR (TM)	Prato	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PAT	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2

2700	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EX.OF.VAL(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2701	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…).VAL.PA(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2702	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)AT	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2703	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PAT	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2704	61	His - LR				(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2705	61	His - LR				E(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2706	61	His - LR				EX.O(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2707	62	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VAL.PAT	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LI nº 249; Linde, 1996, Fig. 2
2708	62	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VAL.PAT	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII; Linde, 1996, Fig. 2
2709	55	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VA.PA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2710	55	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVA.PA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2711	55	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVA.PA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2712	55	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVAP	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2713	55	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVAP	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2714	55	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVAP	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 2
2715	62	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII; Linde, 1996, Fig. 3
2716	62	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA(…)	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII; Linde, 1996, Fig. 3
2717	62	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAP(…)	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII; Linde, 1996, Fig. 3
2718	62	His - LR	Taça			OFV(…)	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII; Linde, 1996, Fig. 3
2719	62	His - LR	Taça			OFV(…)	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII; Linde, 1996, Fig. 3
2720	62	His - LR	His. 18			OFV(…)	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. L nº 232; Linde, 1996, Fig. 3
2721	59	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVA(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2722	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAP	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2723	57	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2724	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3

2725	55	His - LR	Taça			OF(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2726	55	His - LR	Taça			OF(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2727	55	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2728	55	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2729	55	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2730	55	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2731	55	His - LR	Taça			OFV(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2732	56	His - LR	Taça			(…)A	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2733	56	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2734	57	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2735	62	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII; Linde, 1996, Fig. 3
2736	62	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VAPA	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII; Linde, 1996, Fig. 3
2737	62	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)FVAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2738	62	His - LR				(…)A	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2739	62	His - LR	Taça			OF(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2740	62	His - LR	Taça			O(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2741	62	His - LR	Taça			O(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2742	62	His - LR	His. 27			OF(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2743	62	His - LR	Taça			(…)A	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2744	62	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2745	62	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAP(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2746	59	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2747	59	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVA(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2748	59	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)APA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2749	56	His - LR	Taça			OF(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3

2750	56	His - LR				OFV(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 3
2751	56	His - LR	Taça			O(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2752	56	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)APA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2753	56	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	VAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2754	56	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAE(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2755	56	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2756	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVA(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2757	61	His - LR	Taça			OF(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2758	61	His - LR				OF(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2759	61	His - LR	Taça			O(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2760	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2761	61	His - LR (TM)	Taça			(…)A	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2762	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)APA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2763	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2764	61	His - LR	Taça			O(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2765	61	His - LR	Taça			O(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2766	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)APA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2767	61	His - LR (TM)	Taça			OFV(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2768	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VA(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2769	61	His - LR (TM)	Prato			O(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2770	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)FVAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2771	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)VAPA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2772	61	His - LR (TM)				O(…)	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2773	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)APA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2774	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PA	Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4

2775	61	His - LR (TM)	Taça			OFV(…)		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2776	61	His - LR (TM)	Taça			OF(…)		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2777	61	His - LR (TM)	Taça			O(…)		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2778	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)APA(…)		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2779	61	His - LR (TM)	Taça			O(…)		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2780	61	His - LR (TM)	Taça			OFV(…)		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2781	61	His - LR (TM)	Taça			O(…)		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2782	61	His - LR (TM)	Taça			OFV(…)		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2783	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PA		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2784	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFV(…)A		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2785	61	His - LR (TM)				O(…)		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2786	61	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	FVAE		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 4
2787	61	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 5
2788	61	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 5
2789	61	His - LR (TM)	Prato			EXO(…)		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 5
2790	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)APA(retro)		Intradecorativa (Indiferenciada)	Linde, 1996, Fig. 5
2791	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	V		Intradecorativa (Indiferenciada)	Linde, 1996, Fig. 5
2792	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	V		Intradecorativa (Indiferenciada)	Linde, 1996, Fig. 5
2793	61	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	AM		Intradecorativa (Indiferenciada)	Linde, 1996, Fig. 5
2794	61	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA		Rectangular de lado arredondados	Linde, 1996, Fig. 5
2795	91	It - A	Taça	(+) 10 d.C.	Annivs Acvtvs	ACVTVS/ANNI	118,1	100	Linde, 2008, fig. 4-5
2796	62	It - A	Prato	30 a.C. - 10 a.C.	A. Sestivs Priamvs	PRIAM/A.SEST	1942	265	Martim, 1993, L. I
2797	62	It - Pi		5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	EVO(…)	787	601	Martim, 1993, L. II nº 9
2798	62	It - Pi		5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	ATEO	268	372	Martim, 1993, L. II nº 8
2799	62	It - A			L. Titivs Felix	FELIX/TITI	2219,3	261	Martim, 1993, L. II nº 10

2800	62	It - Pi	Taça	10 a.C. - 10 d.C.	Chres()	CHRES	548,3	601	Martim, 1993, L. III nº 16
2801	62	It	Consp. 36			VRBV		451	Martim, 1993, L. III nº 17
2802	62	It	Taça	(+) 10 d.C.	Her()	HER	916,2	451	Martim, 1993, L. III nº 21
2803	62	It	Taça	15 a.C. - 15 d.C.	Chrestvs (2)	CHREST	553	451	Martim, 1993, L. III nº 23
2804	62	Sg - G / E	Drag. 29	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	OFSECVN(…)		Rectangular alongada	Martim, 1993, L. X nº 53
2805	62	Sg - G	Taça			(…)IANI(…)		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XIV nº 70
2806	62	Sg - G	Drag. 33	50 - 70 d.C.	Macervs	MC.RI.MA		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XIV nº 71
2807	62	Sg - G	Drag. 27	40 - 70 d.C.	Castvs I	(…)FCA	1a	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XIV nº 72
2808	62	Sg - M	Drag. 24/25	15 - 35 d.C.	Contouca	(…)NOV		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XIV nº 73
2809	62	Sg - G	Drag. 18	40 - 65 d.C.	Gallicanvs II	GALICAN	10b	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XV nº 75B
2810	62	Sg - G	Drag. 17a	30 - 60 d.C.	Senomant-	SENOMA	6a'	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XV nº 75D
2811	62	Sg - G / R	Drag. 35	40 - 80 d.C.	Primvs III	(…)RIA	3a"	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XLIV nº 206
2812	62	It	Taça	40 - 10 a.C.	C. P() E()	C.P.F.	1338,1	450	Martim, 1993, L. XLIV nº 208
2813	62	Sg - G	Drag. 35			(…)FI		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XLIV nº 210
2814	62	His - LR (TM)	His. 36	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTI.TIIOI		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XLVI nº 221
2815	62	His - LR (TM)	His. 33	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTBRITTO		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XLVIII nº 226
2816	62	His - LR	Hisp. 4	70 - 100 d.C.	C. I() A() E() F()	C.I.A.E.F.		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XLVIII nº 227
2817	62	His - LR	His. 15/17	80 - 100 d.C.	Lvpianvs	EX.OF.LVPI		Rectangular de lados bífidos	Martim, 1993, L. XLIX nº 228
2818	62	His - LR (TM - Q)	His. 15/17	70 - 150 d.C.	Lapillvs	OF.LAPILI		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XLIX nº 229
2819	62	His - LR	His. 15/17			AEMFIOR		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XLIX nº 230
2820	62	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	(…) TTPATERN		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XII nº 241
2821	62	His - LR (TM)	His. 27		S()Ni()	EXOSN		Rectangular de lados bífidos	Martim, 1993, L. XII nº 242
2822	62	His - LR (AAb)	His. 27	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XII nº 243
2823	62	His - LR (AAb)	His. 27	70 - 100 d.C.	Cantaber	CMTABRI		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XII nº 244
2824	62	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPPILI		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XII nº 245

2825	62	His	His. 27		Se() Va() P()	OFSEVAP		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XII nº 246
2826	62	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OFSEMP		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. XII nº 248
2827	62	It		15 a.C. - 15 d.C.	Chrestvs (2)	CHRES	553	601	Martim, 1993, L. LVIII nº 3
2828	62	Sg - G		55 - 75 d.C.	Bionis (Bio)?	IOFECI	2b'	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 2
2829	62	Sg - G		85 - 120 d.C.	Bassvs III	OFBASSI	2y	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 4
2830	62	Sg - G		65 - 95 d.C.	Pontvs (Pontivs?)	IPONTI		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 8
2831	62	Sg - G		60 - 85 d.C.	Mommo	MOA		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 9
2832	62	Sg - G		45 - 75 d.C.	Qvartvs III	QVARTVS	9a	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 10
2833	62	Sg - G / R / B		50 - 80 d.C.	Sabinvs III	OFSABINI	8c?	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 11
2834	62	Sg - G		80 - 100 d.C.	L. S- Sabinvs	L.S.SABN	5a	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 12
2835	62	Sg - G / E		60 - 90 d.C.	Secvndvs II	OFSECV (retro)	11d?	Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 14
2836	62	His - LR			A. C() T()	A.C.T.		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 1
2837	62	His - LR			Rvfvs	(…)FION		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 4
2838	62	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTB(…)		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 5
2839	62	His - LR				(…)NOI		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 7
2840	62	His - LR (AAb)		70 - 100 d.C.	Cantaber	CA(…)		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 10
2841	62	His - LR		85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCTR		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 14
2842	62	His - LR		85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	(…)CCITR		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 15
2843	62	His - LR				EXOFVM(…)		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 16
2844	62	His - LR		80 - 105 d.C.	Fvlvivs Paternvs	FVLVIPATOI		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 17
2845	62	His - LR		90 - 100 d.C.	Novvs	IIXOFNOV		Rectangular de lados bífidos	Martim, 1993, L. LVIII nº 20
2846	62	His - LR			Pompeivs	POM.M		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 35
2847	62	His			Festvs	FESTI.A		Rectangular de lado arredondados	Martim, 1993, L. LVIII nº 39
2848	62	His - LR				IIX(…)		Rectangular de lados bífidos	Martim, 1993, L. LVIII nº 39
2849	62	Sg - G / R	Prato	55 - 85 d.C.	Ve- I	OFIVE		Rectangular de lado arredondados	Buruaga, Martinez, and Martin 1992, Fig. 8 nº 8

2850	58	His - LR				(…)RIO		Rectangular de lado arredondados	Buruaga, Martinez, and Martin 1992, Fig. 8 nº 10
2851	72	It - A		10 a.C. - 10 d.C.	C. Annivs Ingenvvs	INGENS/C.ANNI	150,2	100	Caeiro, 1976, nº 1
2852	72	It - A		(+) 10 d.C.	C. Annivs Primvs	PRIMV:/C.ANNS(…)	155,2	261	Caeiro, 1976, nº 2
2853	72	It - Pi / L		10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	(…)REST	698,52	451	Caeiro, 1976, nº 3
2854	72	It - Pi / L		10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	(…)CRESTI(…)	698,26	451	Caeiro, 1976, nº 4
2855	72	It - A		5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	(…)CORN(…)	624.59?	617	Caeiro, 1976, nº 5
2856	72	It - A		10 a.C. - 20 d.C.	C. Memmivs	C.MEM	1138,15	454	Caeiro, 1976, nº 6
2857	72	It	Taça	1 - 30 d.C.	C. Me()	C.ME	1132,11	603	Caeiro, 1976, nº 7
2858	72	It - A		15 a.C. - 15 d.C.	Rasinivs (1)	RASIN(…)	1622,1	Intradecorativa (0)	Caeiro, 1976, nº 8
2859	72	It - A		1 - 40 d.C.	Villivs	(…)VILLI	2428,4	605	Caeiro, 1976, nº 9
2860	72	It - Pu		(+) 1 d.C.	Vitvlvs (1)	VITVI(…)	2435,5	127	Caeiro, 1976, nº 10
2861	72	It - Pi		5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	XANTHI(…)	2536,129	617	Caeiro, 1976, nº 11
2862	90	It - Pi	Consp. 20.4	5 a.C. - 10 d.C.	(Cn.) Ateivs Crestvs Evhodvs	HOD/CREST	286	283	Viegas, 2011, p. 443
2863	90	It - ItC		10 a.C. - 30 d.C.	Gallvs	GALL/(…)FE	864,6	311	Viegas, 2011, p. 443
2864	90	It - A	Prato	30 a.C. - 10 a.C.	A. Sestivs Priamvs	PRIAMI/A.SEST	1942	100	Viegas, 2011, p. 443
2865	90	It		20 - 1 a.C.	Statilia Canopvs	CNOPVS./STATILIAE	1991,4	100	Viegas, 2011, p. 443
2866	90	It - A		1 - 40 d.C.	C. Vibienvs (2)	(…)C.VB	2373	393	Viegas, 2011, p. 443
2867	90	It - Pi	Taça	5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	XATH	253678	451	Viegas, 2011, p. 443
2868	90	It - Pi	Taça	5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	N THI	2536,25	450	Viegas, 2011, p. 443
2869	90	It			T. Ver(a)nivs Davvs	TVE (…)	2342	450	Viegas, 2011, p. 443
2870	90	It	Consp. 22.2?			(…)		X - 404	Viegas, 2011, p. 443
2871	90	It				(…)		X - 404	Viegas, 2011, p. 443
2872	90	Sg - G	Drag. 15/17	50 - 70 d.C.	Angivs	VOFANGIV	1a	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2003b, fig. 4 nº 1; Viegas, 2011, p. 457
2873	90	Sg - G		85 - 120 d.C.	T. Ivlivs Aplastvs	T.API(…)	3-a	Rectangular alongada	Viegas, 2011, p. 457
2874	90	Sg - G		10 - 50 d.C.	Bilicatvs (Bilicatos)	OFIC.B(…)	6d	Rectangular alongada	Viegas, 2011, p. 457

2875	90	Sg - G / R		40 - 80 d.C.	Primvs III	(…)IM	18b	Rectangular de lados bífidos	Viegas, 2011, p. 457
2876	90	Sg - G		85 - 120 d.C.	Fvscvs II	FV.SC(…)		Indiferenciada	Viegas, 2011, p. 457
2877	90	Sg - G	Taça	70 - 90 d.C.	Ivcvndvs III	OF IVCVN	3a	Rectangular alongada	Viegas, 2003b, fig. 4 nº 3;Viegas, 2011, p. 457
2878	90	Sg - G / R	Taça	30 - 60 d.C.	Ivcvndvs II	(…)VCVND	6e	Rectangular alongada	Viegas, 2003b, fig. 4 nº 2; Viegas, 2011, p. 457
2879	90	Sg - G	Taça	70 - 90 d.C.	Ivcvndvs III	IVCVNI	19a	Rectangular alongada	Viegas, 2003b, fig. 4 nº 4; Viegas, 2011, p. 457
2880	90	Sg				(…)INI		Rectangular alongada	Viegas, 2011, p. 457
2881	90	Sg				(…)NI(…)		Indiferenciada	Viegas, 2011, p. 457
2882	90	Sg				(…)M		Rectangular alongada	Viegas, 2011, p. 457
2883	90	Sg				(…)V.SP		Rectangular alongada	Viegas, 2011, p. 457
2884	88	It - A		1 - 40 d.C.	C. Vibienvs (2)	CVIBI	2373	471	Viegas, 2006, nº 27; Viegas, 2011, p. 294
2885	88	It - A	Taça	1 - 40 d.C.	C. Vibienvs (2)	C·VIB	2373,32	100	A. Alarcão, 1971; Nolen, 1994, p. 66, est. 10, fig. 20; Viegas, 2011, p. 294;
2886	88	It - Pi	Taça	50 - 120 d.C.	L. Rasinivs Pisanvs	(…)INPISANI	1960,55	581	Viegas, 2011, p. 294; Nolen, 1994, p. 66, est. 10, fig. 20
2887	88	Sg - G	Drag. 18	40 - 65 d.C.	Marinvs i	MARINI	2a	Rectangular alongada	Viegas, 2006; Viegas, 2011, p. 318
2888	88	Sg - G		45 - 70 d.C.	Niger II	(…)ONICI		Rectangular alongada	Viegas, 2006; Viegas, 2011, p. 318
2889	88	Sg - G		65 - 90 d.C.	Patricivs I	OFPAT(…)		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2006; Viegas, 2011, p. 318
2890	88	Sg - G		60 - 85 d.C.	Pvdens II	OFPVDE		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2006; Viegas, 2011, p. 318
2891	88	Sg - G		15 - 45 d.C.	Sabinvs I	(…)SBIN		Rectangular alongada	Viegas, 2006; Viegas, 2011, p. 318
2892	88	Sg - G / E	Drag. 27	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	SECVN(…)	25a	Rectangular alongada	Viegas, 2006; Viegas, 2011, p. 318
2893	88	Sg - G	Drag. 18		Secvndinvs I	SECVNDINI		Rectangular alongada	Viegas, 2006; Viegas, 2011, p. 318
2894	88	Sg - G / Ba	Drag. 37	85 - 110 d.C.	Biragillvs I	BIRACIL	1a	Rectangular de lado arredondados	Comfort 1959, 7; Mees 1995, 134; Viegas 2006, 42; Viegas, 2011, p. 318; Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2895	88	Sg - G	Drag. 27	40 - 70 d.C.	Castvs I	(…)FCAS(…)	2b	Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2014, Est. 116 nº 6; Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2896	88	Sg - G	Ritt. 8	45 - 60 d.C.	Chrestvs	CH HR		S/R	Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2897	88	Sg - G	Drag. 27	45 - 75 d.C.	Crestio	CRESTI		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2898	88	Sg - G	Drag. 27	45 - 75 d.C.	Crestio	FCRES		Indiferenciada	Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2899	88	Sg - G	Drag. 27	60 - 85 d.C.	Ivstvs I	OF IVS(T?)		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20

2900	88	Sg - G	Drag. 15/17	40 - 65 d.C.	Melain- (Melainvs ou Melanio)?	ME LANO	2a	Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2014, Est. 116 nº 11; Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2901	88	Sg - M	Drag. 27	40 - 70 d.C.	Micio (Micivs)?	MICIV	Φ- a	Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2014, Est. 116 nº 7; Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2902	88	Sg - G	Drag. 18	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	(…)L.MVRRA	10a'	Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2014, Est. 116 nº 9; Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2903	88	Sg - G / R	Drag. 27	40 - 80 d.C.	Primvs III	PRM(...)	49-a	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2904	88	Sg - G	Drag. 18		Secvndinvs I	SECV(…)INI		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2905	88	Sg	Drag. 24/25	70 - 100 d.C.	Vinivs I	VINI	11a	S/R	Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2906	88	Sg - G	Drag. 27	50 - 65 d.C.	Vitalis I	VITA(L?)		S/R	Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2907	88	Sg	Drag. 27		Naevivs	NAII(V?)		S/R	Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2908	88	Sg	Drag. 15/17			O(…)		S/R	Viegas, 2011, p. 318, Nolen, 1994, p. 83, est. 16, fog. 20
2909	88	His - A	His. 27			(…)		S/R	Viegas, 2011, p. 349
2910	88	Sg - G	Drag. 37	90 - 110 d.C.	Sabinvs IV	SABINI	MS1	Infradecorativa (Indiferenciada)	Bairrão Oleiro 1951, 100; Conrort 1959, 6; Alves 1989, p. 78; Mess 1995, Taf. 179,2; Pereira 2014: Est. 117.1
2911	88	His - A	His. 15/17		C. A() H()	EXOF(…)AH	M. 100	Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2014, Est. 116 nº 12
2912	63	Sg - G		65 - 95 d.C.	Crispvs III	RISPVS(…)	12a	Rectangular alongada	Silva & Coelho-Soares, 2014, fig. 5 nº 15
2913	63	Sg - G	Drag. 18/31	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	(…)DVSI	3a	Rectangular alongada	Silva et all, 2014, Fig. 8 nº 9
2914	63	Sg - G	Drag. 27	65 - 90 d.C.	Patricivs I	OFPATRICI	3f	Rectangular de lado arredondados	Silva et all, 2014, Fig. 9 nº 5
2915	63	Sg - G	Taça			ISA(…)		Rectangular alongada	Silva et all, 2014, Fig. 9 nº 7
2916	63	Sg - G		55 - 75 d.C.	Bionis (Bio)?	BIOECIT	4a	Rectangular alongada	Silva et all, 2014, Fig. 9 nº 8
2917	63	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	C. I() A() E() F()	C.I.A.E.F.	M. 133	Rectangular alongada	Silva, Coelho-Soares & Duarte; 2018; Fig. 8 nº 9
2918	63	It - Pi	Taça	5 a.C. - 40 d.C.	Cn. Ateivs (3)	CNATEI	276.2O	451	Silva e Cabrita, 1964, Fig. 29
2919	63	Sg - G	Taça	65 - 90 d.C.	Patricivs I	PATRIC	13e	Rectangular de lado arredondados	Silva e Cabrita, 1964, Fig. 5
2920	63	Sg - G	Taça	70 - 100 d.C.	Vitalis II	VITALI	26b	Rectangular de lado arredondados	Silva e Cabrita, 1964, Fig. 3
2921	63	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLAC(…)	M. 190	Rectangular de lado arredondados	Costa, 1960, Fig. 13; Silva e Cabrita, 1964, Fig. 4; Mayet, 1983, p. 135
2922	63	Sg - G	Taça	65 - 85 d.C.	Vaxivs?	VAXII	1a	Rectangular de lado arredondados	Silva e Cabrita, 1964, Fig. 6
2923	63	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(?)		(?)	C.I.L. II, 4970-357; Mayet, 1983, p. 184
2924	76	It - A	Prato	(+) 5 a.C.	P. Cornelivs Anteros	ANTEROS/PCORN	627,2	100	Almeida, 1964, p. 63; A. Alarcão, 1971; Quaresma, 2012, p. 84

2925	76	It - Pu	Consp. B4.1-10	10 a.C. - 10 d.C.	C.Tap(vrivs?)	C.TAP	2036,4	501	A. Alarcão, 1971; Dias, 1976-7, 18; Quaresma, 2012, p. 84
2926	76	It - A	Prato	1 - 40 d.C.	C. Vibienvs (2)	.VIBI	2373	471	Quaresma, 2012, p. 84
2927	76	It - A	Prato	1 - 40 d.C.	C. Vibienvs (2)	CVB	2373,78	440	Quaresma, 2012, p. 84
2928	76	It - Pi	Taça	5 a.C. - 20 d.C.	Xanthvs (1)	(…)XAN(…)	2535,3	Intradecorativa (0)	Dias, 1976-7, 18; Quaresma, 2012, p. 84
2929	76	It	Taça	(+) 10 a.C.	Unattributable (2)	Roseta		101	Dias, 1976-7, 19; Quaresma, 2012, p. 84
2930	76	Sg - G	Drag. 18	45 - 70 d.C.	Bassvs II	(…)SI	4e	Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 122; Quaresma, 2012, p. 112
2931	76	Sg - G	Taça	45 - 70 d.C.	Bassvs II	(…)SI	15f?	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 112
2932	76	It	Prato	15 a.C. - 15 d.C.	Chrestvs (2)	CHREST	553,3	450	Almeida, 1964, 9; A. Alarcão, 1971; Quaresma, 2012, p. 112
2933	76	Sg - G	Prato	40 - 70 d.C.	Ivcvndvs II ou III	IV(…)		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 112
2934	76	Sg - G	Taça	40 - 70 d.C.	Ivcvndvs II ou III	IV(…)		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 112
2935	76	Sg - G	Taça	70 - 100 d.C.	Ivcvndvs II	FIVC	27g?	Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 106; Quaresma, 2012, p. 112
2936	76	Sg - G	Taça	40 - 70 d.C.	Ivlivs Vpvs	OF IVPIA		Rectangular de lado arredondados	Almeida, 1964, p. 63, 12; Quaresma, 2012, p. 112
2937	76	Sg - G	Drag. 18	45-75 d.C.	Labio	OF.L.A(…)	3d	Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 107; Quaresma, 2012, p. 112
2938	76	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Libertvs I	(…)IBERTV(…)	4a	Rectangular de lado arredondados	Almeida, 1964, 5; Quaresma, 2012, p. 112
2939	76	Sg - G / R	Taça	75 - 110 d.C.	L. Cosivs Virilis	OFLCVIRI(…)	12c	Rectangular com moldura	Dias, 1976-7, 108; Quaresma, 2012, p. 112
2940	76	Sg - G / R		75 - 110 d.C.	L. Cosivs Virilis	OFLCVIRI		Rectangular de lado arredondados	Almeida, 1964, 6; Quaresma, 2012, p. 112
2941	76	Sg - G	Taça	30 - 65 d.C.	Maccarvs I	(…)IIM(…)		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 112
2942	76	Sg - G	Prato	30 - 65 d.C.	Maccarvs I	(…)CA	17a	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 112
2943	76	Sg - G	Taça	30 - 65 d.C.	Maccarvs I	OFMAC		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 113
2944	76	Sg - G	Drag. 24/25	30 - 65 d.C.	Maccarvs I	(…)A(…)	28c?	Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 113
2945	76	Sg - G / Mi / Ra	Prato	14 - 85 d.C.	Masclvs I (Mascvlvs)	MASCVLVSF	17a	Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 110; Quaresma, 2012, p. 113
2946	76	Sg - G	Taça	70 - 110 d.C.	Mercator I (Mercatoris?)	(…)RCATOR	6b'?	Rectangular de lado arredondados	Almeida, 1964, 1; Dias, 1976-7, 112; Quaresma, 2012, p. 113
2947	76	Sg - G	Prato	70 - 110 d.C.	Mercator I (Mercatoris?)	MERCATO(…)	7b	Rectangular de lado arredondados	Almeida, 1964, 7; Dias, 1976-7, 111; Quaresma, 2012, p. 113
2948	76	Sg - G		60 - 85 d.C.	Mommo	(…)MOMON	2a	Rectangular de lado arredondados	Pereira, 1970, 5; Quaresma, 2012, p. 113
2949	76	Sg - G	Drag. 18	60 - 85 d.C.	Mommo	(…)MO-N-		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 113

2950	76	Sg - G	Taça	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	OF.MVRA(…)	6a	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 113
2951	76	Sg - G	Taça	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	OF.MVR	16f	Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 113; Quaresma, 2012, p. 113
2952	76	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	(…)MV(…)		Indiferenciada	Dias, 1976-7, 114; Quaresma, 2012, p. 113
2953	76	Sg - G	Taça	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	OF MVR(…)		Indiferenciada	Quaresma, 2012, p. 113
2954	76	Sg - G	Taça	15 - 45 d.C.	Nicivs I	OF NCII		Indiferenciada	Quaresma, 2012, p. 113
2955	76	Sg - G	Taça	15 - 45 d.C.	Nicivs I	(…)NICIO		Indiferenciada	Dias, 1976-7, 115; Quaresma, 2012, p. 113
2956	76	Sg - G		15 - 45 d.C.	Nicivs I	OF N(…)	2-a	Indiferenciada	Almeida, 1964, 4; Quaresma, 2012, p. 113
2957	76	Sg - G		15 - 45 d.C.	Nicivs I	NI(…)		Rectangular de lado arredondados	Artur, 1983, p. 55; Quaresma, 2012, p. 113
2958	76	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	(…)MA	5a	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 113
2959	76	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	PASS(…)MA	5a	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 113
2960	76	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	(…)SENIMA	5a	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 113
2961	76	Sg - G		50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	(…)SSENI.MA	5a	Rectangular de lado arredondados	Pereira, 1971, 6; Quaresma, 2012, p. 114
2962	76	Sg - G	Taça	50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	(…)ENMA	5a	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2003; Quaresma, 2012, p. 114
2963	76	Sg - G	Taça	55 - 75 d.C.	Pater I	(…)R		Rectangular de lado arredondados	Artur, 1983, p. 83, 1; Quaresma, 2012, p. 114
2964	76	Sg - G		55 - 75 d.C.	Pater I	PATR		Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 116; Artur, 1983, p. 78, 3; Quaresma, 2012, p. 114
2965	76	Sg - G	Prato	60 - 85 d.C.	Primvlvs I	PRIM(…)		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 114
2966	76	Sg - G	Drag. 15/17	60 - 85 d.C.	Primvlvs I	PRIMVLI	4b?	Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 117; Quaresma, 2012, p. 114
2967	76	Sg - G / E	Taça	40 - 85 d.C.	Primvs I	(…)IMIN(...)		Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 118; Quaresma, 2012, p. 114
2968	76	Sg - G	Taça	65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	(…)FRVFINI		Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 119; Quaresma, 2012, p. 114
2969	76	Sg - G	Prato	15 - 45 d.C.	Sabinvs I	(…)ABIN(…)		Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 120; Quaresma, 2012, p. 114
2970	76	Sg - G	Prato	15 - 45 d.C.	Sabinvs I	(…)SABIN(…)		Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 121; Quaresma, 2012, p. 114
2971	76	Sg - G / R / B		50 - 80 d.C.	Sabinvs III	OFSᴀBINI	14c?	Rectangular alongada	Almeida, 1964, 8; Quaresma, 2012, p. 114
2972	76	Sg - G	Taça	70 - 100 d.C.	Silvinvs II	OF SILVI(…)		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 114
2973	76	Sg - G	Taça	70 - 100 d.C.	Silvinvs II	SILVINM(…)		Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 114
2974	76	Sg - G	Taça	70 - 100 d.C.	Vitalis II	VITALIS		Rectangular de lado arredondados	Artur, 1983, p. 63, 31; Quaresma, 2012, p. 114

2975	76	Sg - G	Taça	70 - 100 d.C.	Vitalis II	VITALIS	Rectangular de lado arredondados	Artur, 1983, p. 64; Quaresma, 2012, p. 114
2976	76	Sg - G	Taça		Grafomorfo	IIIIIIII	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 114
2977	76	Sg - G	Prato		Grafomorfo	IIIIIIII(…)	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 114
2978	76	Sg - G	Taça		Grafomorfo	IIIIM	Rectangular de lado arredondados	Almeida, 1964, 10; Quaresma, 2012, p. 114
2979	76	Sg - G	Taça		Grafomorfo	IIIM	Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 123; Quaresma, 2003; Quaresma, 2012, p. 114
2980	76	Sg - G	Drag. 33		Grafomorfo	III[I]I	Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 104; Quaresma, 2012, p. 115
2981	76	Sg - G	Taça			(…)F	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 115
2982	76	Sg - G	Drag. 27			(…)NV	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 115
2983	76	Sg - G	Taça			(…)M	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 115
2984	76	Sg - G	Taça			(…)NV	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 115
2985	76	Sg - G	Drag. 18			(…)	S/R	Quaresma, 2012, p. 115
2986	76	Sg - G	Taça			(…)	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 115
2987	76	Sg - G	Taça			(…)	Indiferenciada	Quaresma, 2012, p. 115
2988	76	Sg - G	Taça			(…)	S/R	Quaresma, 2012, p. 115
2989	76	Sg - G	Prato			(…)	S/R	Quaresma, 2012, p. 115
2990	76	Sg - G	Taça			(…)	S/R	Quaresma, 2012, p. 115
2991	76	Sg - G	Taça			(…)	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 115
2992	76	His - LR (AA)				(…)N	Rectangular de lado arredondados	Dias, 1976-7, 147; Quaresma, 2012, p. 154
2993	76	His - LR (AA)	His. 27			(…)	S/R	Dias, 1976-7, 149; Quaresma, 2012, p. 154
2994	76	His - LR (AA)	Taça		Memmo	MIIM(…)MI	Rectangular de lado arredondados	Quaresma, 2012, p. 154
2995	76	His - LR (AA)	Taça			OO	S/R	Quaresma, 2012, p. 154
2996	76	His - LR (AA)	Taça			OF(…)	S/R	Quaresma, 2012, p. 154
2997	76	His - LR (AA)	Taça			(…)	S/R	Quaresma, 2012, p. 154
2998	76	His - LR	Taça	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PETRNI	Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
2999	76	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	(…)MA.OF	Rectangular alongada	Dias, 1976-7, 162; Quaresma, 2012, p. 154

3000	76	His - LR (TM)	His. 15/17			(…)/\E(…)		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3001	76	His - LR (TM)	His. 27			(…)		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3002	76	His - LR (TM)	Taça			(…)		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3003	76	His - LR (TM / B)	Taça		Iv(nivs) M()	IVM.F		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3004	76	His - LR (TM)	Taça			(…)		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3005	76	His - LR (TM)	Taça			(…)		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3006	76	His - LR (AA)	Taça		Memmo	OFME		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3007	76	His - LR (TM)				(…)		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3008	76	His - LR	Taça	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	(…)ACCI.TI		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3009	76	His - LR	Taça		Ianvarivs	IAN(…)		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3010	76	His - A			O() V() P() C()	(…)C		Rectangular alongada	Dias, 1976-7, 146; Quaresma, 2012, p. 154
3011	76	His - A	Taça			EXOF(…)		Rectangular alongada	Dias, 1976-7, 158; Quaresma, 2012, p. 154
3012	76	His - A	Taça		C. A() H()	EX OF CAH		Rectangular alongada	Dias, 1976-7, 160; Quaresma, 2012, p. 154
3013	76	His - A	His. 27		C. A() H()	(…)H		Rectangular alongada	Dias, 1976-7, 150; Quaresma, 2012, p. 154
3014	76	His - A	Prato		C. S()	EXOFC2		Rectangular alongada	Dias, 1976-7, 161; Quaresma, 2012, p. 154
3015	76	His - A	Taça		Pes()	EX OF P E S		Rectangular alongada	Pereira, 1971, 10; Quaresma, 2012, p. 154
3016	76	His - A	Taça		Anepígrafa	(…)		Indiferenciada	Quaresma, 2012, p. 154
3017	76	His - A	Taça			EX OF (…)N(…)		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3018	76	His - A	Taça			E(…)		Rectangular alongada	Dias, 1976-7, 164; Quaresma, 2012, p. 154
3019	76	His - A	Taça			(…)IF		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3020	76	His	Taça			IIXOF(…)		Rectangular alongada	Quaresma, 2012, p. 154
3021	79	It - A	Pratél		P. Cornelivs Felix	FELIX/x/PCORNEl	644,2	275	Oleiro, 1951, nº 17; Comfort, 1959, nº 54; A. Alarcão, 1971
3022	79	It - Pi	Consp. 22	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	(…)ILI	2544	601	A. Alarcão, 1971
3023	87	Sg - G	Drag. 27			OFSA		Rectangular alongada	Pereira, 2014, Est. 142 nº 6
3024	87	Sg - G	Prato	90 - 130 d.C.	C. Cincius Senovirus (G. Cingius)	OFG(…)EN	2a	Rectangular alongada	Pereira, 2014, Est. 145 nº 2

3025	87	It - Pu	Prato	10 a.C. - 10 d.C.	Anthvs (1)	(…)NTHVS	200	450	Viegas, 2008, p. 219; Viegas, 2011, p. 134
3026	87	It - Pi	Prato	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	ATIE	268,145	603	Viegas, 2008, p. 219; Viegas, 2011, p. 134
3027	87	It - A	Consp. B 1.4	15 a.C. - 5 a.C.	Cn. Ateivs (2)	(…)N.ATEI	275,28	999	Viegas, 2011, p. 134
3028	87	It - Pi	Consp. 18.2	5 a.C. - 40 d.C.	Cn. Ateivs (3)	CN.ATE	276,37	372	Viegas, 2011, p. 134; Gamito e Maia, 1976; Martins, 2019, p. 50
3029	87	It - Pi / L	Consp. B 4.14	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CRESTI	698.3O	450	Viegas, 2008, p. 219; Viegas, 2011, p. 134
3030	87	It - Pi	Consp. B 4.12	5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	XANTI	2536,67	431	Viegas, 2008, p. 219; Viegas, 2011, p. 134
3031	87	Sg - G		25 - 55 d.C.	Cantvs	OF.CANT(…)		Rectangular alongada	Viegas, 2003, fig. 4 nº 5; Viegas, 2008, Fig. 2 nº 23; Viegas, 2011, p. 145
3032	87	Sg - G		40 - 60 d.C.	Capito I	CAPITO F		Rectangular alongada	Viegas, 2003, fig. 4 nº 6; Viegas, 2008, Fig. 2 nº 22; Viegas, 2011, p. 145
3033	87	Sg - G		30 - 65 d.C.	Lvcceivs I	(…)CEI	1e	Rectangular alongada	Viegas, 2011, p. 145
3034	87	Sg - G	Drag. 29	45 - 75 d.C.	Crestio	OF.CRESTIO		Rectangular alongada	Viegas, 2003, fig. 4 nº 7; Viegas, 2008, Fig. 2 nº 24; Viegas, 2011, p. 145
3035	87	Sg - G				IAN(…)		Rectangular alongada	Viegas, 2011, p. 145
3036	87	Sg - G	Drag. 29			(…)BINVSF		Rectangular alongada	Viegas, 2011, p. 145
3037	87	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	VAPA		Rectangular alongada	Viegas, 2011, p. 145
3038	87	Sg - G	Drag. 24/25	35 - 65 d.C.	Licinvs	LICINIMO	7c	Rectangular alongada	Martins, 2019, Anexo IV, Est. 12, nº 50
3039	87	Sg - G	Drag. 24/25	60 - 85 d.C.	Vimvs (Vimivs)	VIM(…)	2a	Rectangular alongada	Martins, 2019, Anexo IV, Est. 12, nº 51
3040	87	Sg - G / R / B		50 - 80 d.C.	Sabinvs III	OF SABI	14a	Rectangular alongada	Martins, 2019, Anexo IV, Est. 12, nº 94
3041	87	Sg - G		30 - 60 d.C.	Firmo I	FIRMO	9b	Rectangular alongada	Martins, 2019, Anexo IV, Est. 12, nº 101
3042	87	His				(…)		Rectangular alongada	Martins, 2019, Anexo IV, Est. 19, nº 242
3043	87	His				M(…)		Rectangular alongada	Martins, 2019, Anexo IV, Est. 19, nº 243
3044	87	Sg - G				V(…)		Rectangular alongada	Martins, 2019, Anexo IV, Est. 12, nº 95
3045	87	Sg - G				(…)FA(…)		Indiferenciada	Martins, 2019, Anexo IV, Est. 12, nº 99
3046	87	Sg - G				(…)XI		Rectangular alongada	Martins, 2019, Anexo IV, Est. 12, nº 100
3047	65	It - Pi / L	Prato	10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CRES(…)	698,69	367	Diogo et all., 1987, nº 8
3048	65	It - A	Prato	20 a.C. - 10 d.C.	Sex. Annivs (1)	SEX.ANNI	183	100	Diogo et all., 1987, nº 1
3049	65	Sg - G	Taça	35 - 60 d.C.	Paestor	PAESTOR		Rectangular de lado arredondados	Diogo et all., 1987, nº 33

3050	65	His - LR (AAb)	His. 33	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI		S/R	Diogo et all., 1987, nº 38
3051	65	It - A / L	Consp. B2.4	15 a.C. - 5 d.C.	C. Annivs Cerdo	CERDO/L.ANNI	137,2	100	Encarnação, Ferreira e Sepúlveda, 2019, 193, 711-1.
3052	65	Sg - G / E	Drag. 15/17	60 - 90 d.C.	Secvndvs II	OFSECVND	8f	Rectangular de lado arredondados	Encarnação, Ferreira e Sepúlveda, 2019, 193, 711-3.
3053	65	It - A	Consp. 12	20 a.C. - 10 d.C.	Sex. Annivs (1)	SEX/ANNI	183,37	108	A. Alarcão, 1971a, nº 2; Diogo et all., 1987
3054	65	It - Pi	Taça	5 a.C. - 40 d.C.	Cn. Ateivs (3)	CN.ATE	276,28	999	Diogo et all., 1987, nº 2
3055	65	It - Pi	Taça	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	ATEI	268,137	601	Diogo et all., 1987, nº 3
3056	65	It		20 a.C. - 40 d.C.	Avillivs	AVI	371	Intradecorativa (0)	A. Alarcão, 1971a; Diogo et all., 1987
3057	65	It - ItC	Prato	20 - 10 a.C.	P. C() N()	P.C.N	466	100	Diogo et all., 1987, nº 5
3058	65	It - A	Prato	(+) 10 a.C.	P. Cornelivs Epigo(nvs)	EPIGO/P.COR	641	999	Diogo et all., 1987, nº 7
3059	65	It - A		(+) 1 d.C.	P. Cornelivs Memor	P.CORNE/MEN	659,1	261	A. Alarcão, 1971a, 32; Diogo et all., 1987
3060	65	It - A	Cálice	5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (1)	PCORNL·LI	623,4	451	A. Alarcão, 1971a, 41; Diogo et all., 1987
3061	65	It - ItC	Consp. 22	15 a.C. - 5 d.C.	A. Coroncanivs	A/CORON/CAN	683	X - 404	D. Diogo, 1982, nº1; Diogo et all., 1987
3062	65	It	Prato	(+) 10 a.C.	C. Crispinivs	CRIS/PINI	707	X - 404	D. Diogo, 1984c, nº 4; Diogo et all., 1987
3063	65	It	Consp. 22	(+) 10 a.C.	C. Crispinivs	CRIS/PINI	707	577	Diogo et all., 1987, nº 9
3064	65	It	Taça	(+) 10 a.C.	C. Crispinivs	CRISPIN/INI	707,1	X - 404	D. Diogo, 1982, nº 1; Diogo et all., 1987
3065	65	It - ItC		1 - 20 d.C.	C. Cvrtivs	(…)CVRTI	718,1	126	A. Alarcão, 1971a, 44; Diogo et all., 1987
3066	65	It - ItC		1 - 20 d.C.	Favstvs (2)	FAVS/TVS	815,5	100	A. Alarcão, 1971a, 19; Diogo et all., 1987
3067	65	It - ItC	Consp. 22	(+) 1 d.C.	Heraclio	HII/ACLI(…)	922	X - 404	D. Diogo, 1982, 1; Diogo et all., 1987
3068	65	It - ItC	Consp. 14	10 a.C. - 10 d.C.	(H)ermeros	ERM/EROS	929,2	277	A. Alarcão, 1971a, 16; Diogo et all., 1987
3069	65	It - A		30 a.C.- 10 a.C.	P. Hertorivs	PHERT(…)	933	423	Diogo et all., 1987, nº 10
3070	65	It - Pi	Taça	5 a.C. - 20 d.C.	Mahes (2)	MAHEI	1087,27	451	Diogo et all., 1987, nº 11
3071	65	It - A	Consp. 14.1	10 a.C. - 20 d.C.	C. Memmivs	(…)MEMM(…)	1138	X - 404	D. Diogo, 1980c, 9; Diogo et all., 1987
3072	65		Consp. 14.1	10 a.C. - 20 d.C.	C. Memmivs	(…)MEMMI(…)	1138,3	450	Diogo et all., 1987, nº 12
3073	65	It - Pi		60 - 150 d.C.	Sex. M(vrrivs) Fes(tvs)	SEX·M·F	1212.3O	601	A. Alarcão, 1971a, 20; Diogo et all., 1987
3074	65	It - Pi	Prato	50 - 100 d.C.	C. P() Pi(sanvs)	C.P.P	1342,32	601	A. Alarcão, 1971a, 38; Diogo et all., 1987

3075	65	It - Pi	Prato	50 - 100 d.C.	C. P() Pi(sanvs)	C.P.P	1342	610	Diogo et all., 1987, nº 14
3076	65	It - A	Consp. 4.3	40 -20 a.C.	S(ex.) Pe()	S.PE	1383,1	X - 404	D. Diogo, 1982, nº 1; Diogo et all., 1987
3077	65	It - A	Prato	40 - 10 a.C.	L. Petr(onivs) Coria C. Petr(onivs) Coria	L.C.PE(…)/CORI	1430	X - 404	D. Diogo, 1980c, 8; Diogo et all., 1987
3078	65	It - A	Prato	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RAS(…)	1623	X - 404	D. Diogo, 1980c, 11; Diogo et all., 1987
3079	65	It - A	Consp. 20.4	15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RASN	1623	X - 404	Diogo et all., 1987, nº 15
3080	65	It - L		10 a.C. - 1 a.C.	Rasinivs (3)	RASINI	1624,6	131	Diogo et all., 1987, nº 16
3081	65	It - A	Consp. 20.4	(+) 30 d.C.	Rasinivs Celer	CELER/RASIN	1635,6	X - 404	A. Alarcão, 1971a; Diogo et all., 1987
3082	65	It	Consp. 22			L/(…)/(…)		372	A. Alarcão, 1971a, 24; Diogo et all., 1987
3083	65	It - N	Taça	20 a.C. - 20 d.C.	C. Sentivs (1)	C.SENTI	1861	X - 404	D. Diogo, 1980c, 12; Diogo et all., 1987
3084	65	It - ItC	Consp. 22	10 a.C. - 10 d.C.	Sergivs Felix	(…)LIX/SER(…)	1881,1	501	Diogo et all., 1987, nº 17
3085	65	It - A / N	Consp. 12.3	40 - 10 a.C.	A. Sestivs	(…)SES(…)	1926	X - 404	D. Diogo, 1982, 3; Diogo et all., 1987
3086	65	It - A		30 a.C. - 10 a.C.	A. Sestivs Dama Hilarvs	HILA(…)/(…).SEST	1951	X - 404	D. Diogo, 1982, 2; Diogo et all., 1987
3087	65	It - A		30 a.C. - 10 a.C.	A. Sestivs Dama Hilarvs	HILARI/A.SEST(…)	1951	X - 404	D. Diogo, 1980c, 7; Diogo et all., 1987
3088	65	It			Stativs Antero	ANTERO/STATII		X - 404	D. Diogo, 1980c, 1; Diogo et all., 1987
3089	65	It			Stativs Svaves	SVAVI/STATI		X - 404	D. Diogo, 1980c, 15; Diogo et all., 1987
3090	65	It - A	Taça	20 a.C. - 5 d.C.	L. Tettivs Samia (1)	L.TETTI/SAMIA	2109,21	100	A. Alarcão, 1971a, 47; Diogo et all., 1987
3091	65	It - A	Taça	20 a.C. - 5 d.C.	L. Tettivs Samia (1)	L.TETTI/SAMIA	2109	X - 404	D. Diogo, 1980c, 13; Diogo et all., 1987
3092	65	It - A	Consp. 22	20 a.C. - 5 d.C.	L. Tettivs Samia (1)	L.TETTI/SAMIA	2109	X - 404	D. Diogo, 1980c, 14; Diogo et all., 1987
3093	65	It	Consp. 22	20 - 1 a.C.	L. Tettivs Sariva	SARIVA/L.TETTI	2106,5	100	Diogo et all., 1987, nº 18
3094	65	It - A	Consp. 4.3	20 a.C. - 10 d.C.	L. Titivs Thyrsvs (2)	TI.TYRSI	2246	X - 404	D. Diogo, 1980c, 16; Diogo et all., 1987
3095	65	It - A	Prato	30 - 15 d.C.	Sex. Titivs	S.TI/TIVS	2251	100	Diogo et all., 1987, nº 19
3096	65	It	Consp. 15	30 a.C. - 15 d.C.		CRV(…)TVR(…)		121	Diogo et all., 1987, nº 20
3097	65	It - Pi	Consp. 12.3	10 a.C. - 10 d.C.	M. Valerivs Evhemervs	M.VAL/EVEM	2316	X - 404	D. Diogo, 1980c, 17; Diogo et all., 1987
3098	65	It - A	Prato	40 a.C. - 15 a.C.	A. Vibivs Scrofv(la)	AVIBI/SCROF	2400	X - 404	D. Diogo, 1980c, 2; Diogo et all., 1987
3099	65	It - A		1 - 40 d.C.	Villivs	(…)VILLI(…)	2428,6	617	Diogo et all., 1987, nº 22

3100	65	It - A		1 - 15 d.C.	S(ex.) V(illivs) Nat(alis) (1)	S·VNAT	2430,1	451	A. Alarcão, 1971a, 35; Diogo et all., 1987
3101	65	It - Pu		10 a.C. - 10 d.C.	L. Vrbanvs	L.VRBA	2530	X - 404	A. Alarcão, 1971a, 33; Diogo et all., 1987
3102	65	It - Pu		10 a.C. - 10 d.C.	L. Vrbanvs	L.VRBA	2530,3	450	Diogo et all., 1987, nº 24
3103	65	It - A	Consp. 22	(+) 15 d.C.	C. Vmbricivs Philologvs	VMBRIC/PHILOLOGO	2448,16	X - 404	D. Diogo, 1982, 4; Diogo et all., 1987
3104	65	It	Consp. 22	30 a.C. - 15 d.C.	Anepígrafa	(…)		X - 404	D. Diogo, 1982, 5; Diogo et all., 1987
3105	65	It - A		(+) 15 a.C.	P. Cornelivs Firmvs	I'IR^M/P.CO	646,6	261	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 1
3106	65	It - A		15 a.C. - 30 d.C.	Savfeivs	SAVEF (S retro)	1800,16	602	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 2
3107	65	It - A	Taça	20 a.C. - 5 d.C.	L. Tettivs Samia (1)	(…)TI(…)/(…)IA	2109	100	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 3
3108	65	It - A	Taça	20 a.C. - 10 d.C.	L. Titivs Thyrsvs (2)	iHRII	2246,41	450	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 4
3109	65	It - A		40 a.C. - 15 a.C.	A. Vibivs Scrofv(la)	AVB/SCR	2400	100	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 5
3110	65	It - A		15 a.C. - 50 d.C.	L. Gellivs	L. GELI(…)	879,102	450	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 6
3111	65	It		(+) 15 a.C.	L. Vmbricio Hospes	HO(…)/L.V(…)	2471	261	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 7
3112	65	It				GA(…)		999	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 8
3113	65	It - Pu		(+) 10 a.C.	Epigonvs	EPIG(…)	770	999	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 9
3114	65	It		30 a.C. - 15 d.C.	Avillivs Phil()	AVIL(…)/PHI(…)	381	261	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 10
3115	65	It	Consp. B 4.9	15 a.C. - 30 d.C.	A. Avillivs	A.AVI	395	450	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 11
3116	65	It	Consp. 7	20 - 1 a.C.	Philosi(Tus)	PHL(…)	1460	999	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 12
3117	65	It			Unattributable (2)	(…)	2585,132	500	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 13
3118	65	It			Unattributable (2)	(…)	2580,139	450	Sepúlveda, Mata e Ferreira, 2013, nº 14
3119	65	It - A	Consp. 11.1	20 - 10 a.C.	A. Avilivs Eros	IIROS/AVILII	397	261	Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 2; Diogo et all., 1987, nº 26
3120	65	It - A	Consp. 11.1	30 a.C. - 10 a.C.	A. Sestivs Dama Hilarvs	HILARI/A.SEST(…)	1951,16	171	C.T.Silva, 1980-81; Diogo et all., 1987; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 3
3121	65	It	Consp. 12	20 - 1 a.C.	P. Attivs	P.AT(…)	347	999	Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 5; Diogo et all., 1987, nº 27
3122	65	It - Vas	Consp. 22.2	10 - 1 a.C.	Felix (2)	FELIX	820,3	450	D. Diogo, 1980a, 44; Diogo et all., 1987; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 24
3123	65	It - Vas	Consp. 22	10 - 1 a.C.	Eros (3)	IIROS	778,8	X - 404	Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 27; Diogo et all., 1987, nº 28
3124	65	It - A	Taça	20 a.C. - 10 d.C.	Sex. Annivs (1)	SEX/ANNI	183,18	261	Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 37; Diogo et all., 1987, nº 29

3125	65	It	Taça	15 a.C. - 15 d.C.	Chrestvs (2)	CHRE/STVS	553,2	261	Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 38; Diogo et all., 1987, nº 30
3126	65	It - A	Taça	20 a.C. - 10 d.C.	Memmivs (2)	MEMMI	1137,3	450	Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 39; Diogo et all., 1987, nº 31
3127	65	It - A	Prato	40 - 15 a.C.	Pila	PILA	1464,3	X - 404	C.T.Silva, 1980-81; Diogo et all., 1987; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 40
3128	65	It - A	Taça	(+) 40 d.C.	Sestivs Pila	SEST/PILA	1924,2	100	Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 41; Diogo et all., 1987, nº 32
3129	65	It - A	Taça	15 - 5 a.C.	Pvblivs Acvtvs	AVCT/PVB	1555	261	F. Dias, 1978, 8; Diogo et all., 1987; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 42
3130	65	It - A	Taça	15 a.C. - 50 d.C.	L. Gellivs	L.GELLI	879,49	509	Diogo et all., 1987, nº 33; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 43
3131	65	It - ItC	Taça		L. Mammivs	L.M(…)	1092	450	Diogo et all., 1987, nº 34; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 44
3132	65	It - Pi	Taça	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOIL	2544,24	450	Diogo et all., 1987, nº 35, Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 45
3133	65	It	Taça			(…)M		451	F. Dias, 1978, 9; Diogo et all., 1987; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 46
3134	65	Sg - G		25 - 55 d.C.	Cantvs	OPFCANTI	8-a	Rectangular de lado arredondados	F. Dias, 1978, 6; Diogo et all., 1987; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 52
3135	65	Sg - G	Taça	40 - 50 d.C.	Rvfinvs II-G-	RVFINI.O	1a	Rectangular de lado arredondados	Diogo et all., 1987, nº 26; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 53
3136	65	Sg - G	Taça			NAPF		Indiferenciada	C.T.Silva, 1980-81; Diogo et all., 1987; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 54
3137	65	Sg - G	Prato			(…)		Indiferenciada	Diogo et all., 1987, nº 27; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 55
3138	65	Sg - G	Drag. 37			(…)		Intradecorativa (Indiferenciada)	D. Diogo, 1980a, 44; Diogo et all., 1987; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 56
3139	65	His - LR (AAb)	His. 27	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANT(…)		Rectangular alongada	Diogo et all., 1987, nº 28; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 58
3140	65	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	IAL I		Indiferenciada	Diogo et all., 1987, nº 29; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 59
3141	65	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)ALP(…)		Indiferenciada	Diogo et all., 1987, nº 30; Sepúlveda, Faria, Faria; 2000, nº 60
3142	65	Sg - G	Taça	45 - 75 d.C.	Albvs I	ALBV(…)		Rectangular de lado arredondados	Diogo et all., 1987, nº 27
3143	65	Sg - G	Ritt. 1	25 - 55 d.C.	Cantvs	OFICANI	6g	S/R	D. Diogo, 1980a, 44; Diogo et all., 1987
3144	65	Sg - G	Prato	40 - 70 d.C.	Castvs I	F.CAST(…)	2b	Rectangular	Diogo et all., 1987, nº 28
3145	65	Sg - G	Drag. 27	60 - 85 d.C.	Pvdens II	OFPVDE		Rectangular de lado arredondados	Diogo et all., 1987, nº 34
3146	65	Sg - G	Taça	50 - 65 d.C.	Vitalis I	(…)VITA		S/R	D. Diogo, 1980c, 18; Diogo et all., 1987
3147	65	Sg - G	Drag. 24/25		Grafomorfo	(…)		Rectangular alongada	Diogo et all., 1987, nº 36
3148	65	His - LR (TM)	Taça	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTI.PA(…)		S/R	Veiga Ferreira, 1964, p. 167; D. Diogo, 1980, 19; Diogo et all., 1987; Mayet, 1983, p. 122
3149	65	His - LR (AAb)	Taça	70 - 100 d.C.	Cantaber	(…)ABRI		S/R	D. Diogo, 1980c, 20; Veiga Ferreira, 1968, p. 167; Diogo et all., 1987, nº 37; Mayet, 1983, p. 122

3150	65	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	(…)ACCI		Indiferenciada	Diogo et all., 1987, nº 39
3151	65	It - Pi	Taça	5 a.C. - 40 d.C.	Evhodvs (2)	(…)EVHO(…)	787	999	Diogo et all., 1987, nº 4
3152	65	It - A	Prato	(+) 10 a.C.	P. Cornelivs Epigo(nvs)	EPIGO/(…)OR	641	X - 404	F. Dias, 1978, 2; Diogo et all., 1987
3153	65	It - A	Prato	15 a.C. - 50 d.C.	L. Gellivs	L.GELI	879	X - 404	F. Dias, 1978, 3; Diogo et all., 1987
3154	65	It - Pu	Taça	(+) 1 d.C.	Naevivs Agathemervs	AGA/NAEVI	1233,4	X - 404	F. Dias, 1978, 1; Diogo et all., 1987
3155	65	It - Pu	Taça	30 a.C. - 15 d.C.	L. Nostivs	L.NOSTI	1295,1	451	Diogo et all., 1987, nº 13
3156	65	It - A		20 a.C. - 20 d.C.	M. Perennivs (4)	M.P(…)	1391	X - 404	F. Dias, 1978, 4; Diogo et all., 1987
3157	65	It - A	Prato	(+) 30 d.C.	Rasinivs Celer	CELER/RASIN	1635	X - 404	F. Dias, 1978, 5; Diogo et all., 1987
3158	65	It - A		1 - 40 d.C.	C. Vibienvs (2)	C.VBE	2373,66	603	Diogo et all., 1987, nº 21
3159	65	It - A		1 - 40 d.C.	Villivs	VILLI	2428,6	601	Diogo et all., 1987, nº 23
3160	65	It - Pi	Prato	5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	XANTHI	2536	X - 404	F. Dias, 1978, 7; Diogo et all., 1987
3161	65	It	Taça	15 - 30 d.C.	Anepígrafa	(…)		601	Diogo et all., 1987, nº 25
3162	65	Sg - G		30 - 65 d.C.	Albinvs III	OFALBIN		S/R	C.T.Silva, 1980-81; Diogo et all., 1987
3163	65	Sg - G	Taça	40 - 70 d.C.	Castvs I	OFCAS(…)	2e	Rectangular de lado arredondados	Diogo et all., 1987, nº 29
3164	65	Sg - G	Taça	35 - 55 d.C.	Darra (Darrantvs)?	DARRAF	2a'	S/R	Diogo et all., 1987, nº 30
3165	65	Sg - G	Drag. 15/17	70 - 95 d.C.	Frontinvs	OF FRONTINI	1b	Rectangular de lado arredondados	Diogo et all., 1987, nº 31
3166	65	Sg - G		70 - 90 d.C.	Ivcvndvs III	OF IVCVND	3a-c	S/R	C.T.Silva, 1980-81; Diogo et all., 1987
3167	65	Sg - G	Drag. 27	45 - 75 d.C.	Labio	OF LABI	6-a	S/R	F. Dias, 1978, 8; Diogo et all., 1987
3168	65	Sg - G	Taça	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVA		S/R	F. Dias, 1978, 9; Diogo et all., 1987
3169	65	His - LR			M. Valerivs	MVALER		S/R	F. Dias, 1978, 6; Diogo et all., 1987
3170	65	His - LR (TM)		80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTI.PA(…)		S/R	Diogo et all., 1987, nº 37
3171	65	His - LR (AAb)	His. 27	70 - 100 d.C.	Cantaber	(…)NTABRI		S/R	F. Dias, 1978, 10; Diogo et all., 1987; Mayet, 1983, p. 128
3172	65	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLACCI.(…)		S/R	F. Dias, 1978, 11; Diogo et all., 1987; Mayet, 1983, p. 135
3173	65	His - LR (TM)	His. 27		Maternvs Blandvs	OF MAT(…)		S/R	D. Dias, 1978, 12; Diogo et all., 1987; Mayet, 1983, p. 151
3174	65	His - LR (TM)	His. 27		Qvelid	QVELI.I(…)		S/R	C.T.Silva, 1980-81; Diogo et all., 1987

3175	65	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)MP		S/R	F. Dias, 1978, 13; Diogo et all., 1987; Mayet, 1983, p. 173
3176	65	His - LR	His. 15/17		Titvs Fvlvivs Paternvs	OF.TI.FV.PA	M. 641	S/R	F. Dias, 1978, 14; Diogo et all., 1987; Mayet, 1983, nº 641
3177	65	His - LR (TM)	Prato	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PAT		S/R	F. Dias, 1978, 15; Diogo et all., 1987; Mayet, 1983, p. 184
3178	65	It - A	Prato	5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	(…)P.CORNE	624	999	Diogo et all., 1987, nº 6
3179	65	It	Taça		C. Me() Vibivs	C.ME/VIBIV		X - 404	D. Diogo, 1980c, 10; Diogo et all., 1987
3180	65	Sg - G / M	Taça	25 - 50 d.C.	Acvtvs I	ACVTVS	28a	Rectangular de lado arredondados	Diogo et all., 1987, nº 26
3181	65	Sg - G	Taça	70 - 100 d.C.	Ivcvndvs II	OFIVC(…)		Indiferenciada	Diogo et all., 1987, nº 32
3182	65	Sg - G	Drag. 24/25	30 - 65 d.C.	Senicio	SENICIO F	5c	Rectangular de lado arredondados	Diogo et all., 1987, nº 35
3183	75	It - A		15 a.C. - 15 d.C.	C. Arvivs	C.ARV(…)	254.2O	601	; Valdoca, Est. XI, 137; A. Alarcão, 1971
3184	75	Sg - G				ANI		Rectangular alongada	Oleiro, 1951; Ferreira & Andrade, 1964, Nº 1;
3185	75	His - LR			Canivs	EX.OF.CAN		Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 1
3186	75	It - A / Pi / L		15 a.C. - 30 d.C.	Ateivs (5)	ATEI	270,88	501	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 9; A. Alarcão, 1971
3187	75	Sg - G		40 - 60 d.C.	Capito I	CAPITO	3b	Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 6
3188	75	His - A			C()	EX.OF.C		Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, nº 5
3189	75	Sg - G		65 - 90 d.C.	Crestvs I	CRESTI	5a	Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 4; Alarcão, 1971
3190	75	It			Stantibvs Chrestvs	CHRESTN/(…)STAN		450	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 4
3191	75	His - A			C. S()	EX.OF.CS	M. 161	Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 12; Mayet, 1983, Nº 161
3192	75	Sg - G		60 - 80 d.C.	Criciro I	(…)CIR.OF		Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 7
3193	75	His - A			F()	EX.OF.F	M. 170	Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 13; Mayet, 1984, p. 132
3194	75	His			Co()	EX.OF.GO		Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, nº 10
3195	75	Sg - G / M / SS		60 - 90 d.C.	Logirnus	OF.LO		Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, nº 11
3196	75	Sg - G		15 - 45 d.C.	Nicivs I	NIC(…)	8a	Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 8; Alarcão, 1971
3197	75	Sg - G		35 - 75 d.C.	Romanvs I	OF.II.ROMA		Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 2
3198	75	Sg - G		25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SECVN	6b	Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 5
3199	75	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Sempronivs	OFSEMP		Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 3

3200	75	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOVAP	M. 708	Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 14; Mayet, 1983, Nº 708
3201	75	Sg - M		0 - 100 d.C.	Virecvs	VIRE	1a'?	Rectangular alongada	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 11
3202	75	It				A(…)HI.		601	Ferreira & Andrade, 1964, Fig. 10
3203	75	It			C. C() S()	(…)CS	426,1	450	A. Alarcão, 1971, Pl. 5.48
3204	75	It - Pi	Consp. 15	(+) 1 d.C.	Amar(Antvs)	AMA(…)	83.O	450	A. Alarcão, 1971
3205	73	It				T(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 554
3206	73	It - A		5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.COR/(…)	624	X - 404	Lopes, 1994, nº 693
3207	73	It				(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 944
3208	73	It		30 a.C. - 15 d.C.	Sex()	SEX	1958,1	450	Lopes, 1994, nº 947
3209	73	It	Taça	15 - 50 d.C.	Unattributable (2)	(…)	2557,3	601	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 78; Lopes, 1994, nº 948
3210	73	It - A		15 a.C. - 5 d.C.	C. Annivs Apollo	C.GAVI/APOLON	131	X - 404	Lopes, 1994, nº 949
3211	73	It - A		15 a.C. - 5 d.C.	C. Annivs Apollo	APOLLO/CANNI	131	X - 404	Lopes, 1994, nº 951
3212	73	It				R(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 953
3213	73	It - Ve	Taça	(+) 1 d.C.	P. Crepereius	CRES/(palma)	688,1	261	Ribeiro, 1959, nº 32; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 954
3214	73	It				(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 957
3215	73	It	Consp. 22			(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 1430
3216	73	It - A	Consp. B.4.3-11	1 - 20 d.C.	L. Crispivs	L.CRISP	711,11	603	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 30; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1589
3217	73	It - Pu	Consp. B4.3/11	20 - 1 a.C.	Apella	APELA	215,3	450	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 83; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1590
3218	73	It - A	Consp. B4.11-13	15 a.C. - 30 d.C.	L. Titivs	C.TITI	2203.3O	603	Ribeiro, 1959, nº 126; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1591
3219	73	It				(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 1592
3220	73	It		(+) 15 d.C.	C. Ma()	C.MA	1078	450	Lopes, 1994, nº 1593
3221	73	It	Consp. B4.1-10	20 a.C. - 10 d.C.	Hilarvs (5)	(…)A/(…)VS	953,3	501	A. Alarcão, 1971b, Est. V nº 27; Lopes, 1994, nº 1594
3222	73	It - Pi	Consp. B4.3/11	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOE	2544,31	450	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 8; Lopes, 1994, nº 1595
3223	73	It - N	Prato	20 a.C. - 20 d.C.	C. Sentivs (1)	C.SENTI	1861,13	450	Ribeiro, 1959, nº 62; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1596
3224	73	It - A		(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Anthvs	P.CORNEL/ANTHVI	628,5	311	A. Alarcão, 1971b, Est.V nº 5; Lopes, 1994, nº 1597

3225	73	It				(…)CA		X - 404	Lopes, 1994, nº 1598
3226	73	It - Pi	Prato	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	ATEI	268.3O	450	Ribeiro, 1959, nº 86; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1599
3227	73	It				(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 1600
3228	73	It - ItC	Consp. 22	1 - 20 d.C.	C. Titivs	C.TIT	2170,14	471	A. Alarcão, 1971b, Est. V nº 36; Lopes, 1994, nº 1601
3229	73	It - A	Prato	10 a.C. - 20 d.C.	C. Memmivs	C.MEM	1138.3O	601	Ribeiro, 1959, nº 40; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1602
3230	73	It - A		15 a.C. - 5 d.C.	Annivs	ANNIVS	116	X - 404	Lopes, 1994, nº 1603
3231	73	It - A	Consp. 26.1	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Potvs	POTVS.P.COR	669,5	100	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 18; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1604
3232	73	It				(…)		601	Lopes, 1994, nº 1605
3233	73	It	Consp. 26/27	15 - 35 d.C.	Ama()	AMA	79,4	609	A. Alarcão, 1971b, Est.V nº 3; Lopes, 1994, nº 1606
3234	73	It	Consp. 26.1	(+) 10 d.C.	Unattributable (2)	999	2549,9	501	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 76; Lopes, 1994, nº 1609
3235	73	It	Prato	(+) 15 d.C.	L. Fastidienvs	L.FASTI	809,16	603	Ribeiro, 1959, nº 100; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1610
3236	73	It - A	Taça		P. Cornelivs Felix	P.COR(…)/FEL(…)	644,1	151	Ribeiro, 1959, nº 27; Lopes, 1994, nº 1611
3237	73	It - A	Prato	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Ingen(vvs)	INGE(…)/P.C(…)	655,2	261	Ribeiro, 1959, nº 24; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1612
3238	73	It - Pu		20 - 1 a.C.	Apella	APE	215,9	601	Ribeiro, 1959, nº 82; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1613
3239	73	It		15 - 50 d.C.	Unattributable (2)	(…)	2557,9	604	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 77; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1614
3240	73	It - Pu	Taça	10 a.C. - 10 d.C.	Serenvs (2)	SERENI	1878,3	450	Ribeiro, 1959, nº 124; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1615
3241	73	It	Consp. B4.1-13		Unattributable (2)	COR/CME	2585,15	261	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 20; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1616
3242	73	It - A	Consp. B4.1-10	20 a.C. - 20 d.C.	M. Perennivs (4)	ER/OW	1391,65	532	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig 1; Ribeiro, 1959, nº 75; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1617
3243	73	It - A	Prato	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Potvs	P.CORN/POTI	669,3	361 (383)	Ribeiro, 1959, nº 25; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1618
3244	73	It	G.37	20 a.C. - 40 d.C.	Avillivs	AVIL	371,4	601	Ribeiro, 1959, nº 11; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1619
3245	73	It - A		(+) 1 d.C.	P. Cornelivs Memor	ME/P.COR	659	X - 404	Lopes, 1994, nº 1621
3246	73	It - A / Pi / L	Prato	15 a.C. - 30 d.C.	Ateivs (5)	ATEI	270.9O	100	A. Alarcão, 1971b, Est. V nº 10; Lopes, 1994, nº 1622
3247	73	It - A		1 - 20 d.C.	L. Crispivs	L.CR(palma)(palma)	711,8	100	Ribeiro, 1959, nº 98; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1623
3248	73	It - A	Consp. B4.11-13	20 a.C. - 10 d.C.	Memmivs (2)	MEM	1137,23	606	Ribeiro, 1959, nº 112; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1624
3249	73	It	Taça	10 a.C. - 10 d.C.	Ivnivs	IVN	1000.1O	454	Ribeiro, 1959, nº 102; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1625

3250	73	It - A		1 - 40 d.C.	C. Vibienvs (2)	G.VIB(…)	2373,71	603	Ribeiro, 1959, nº 130; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1626
3251	73	It				(…)		601	Lopes, 1994, nº 1627
3252	73	It				(…)FI		X - 404	Lopes, 1994, nº 1628
3253	73	It - Pi	Prato	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	ATE(…)	268,31	478	Ribeiro, 1959, nº 87; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1629
3254	73	It				(…)		601	Lopes, 1994, nº 1630
3255	73	It - Pu	Consp. B4.1-10	1 - 30 d.C.	C. Avrelivs	(…)AVRELI	423,1	450	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 7; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1631
3256	73	It - A	Consp. B4.11-13	5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.COR(…)	624,8	450	Ribeiro, 1959, nº 22; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1632
3257	73	It - A	Consp. B4.11-13	10 - 50 d.C.	Gellivs	GELLI	878,51	611	Ribeiro, 1959, nº 68; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1633
3258	73	It - Pi	Consp. B3.12-19	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOILI	2544,74	601	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 9; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1634
3259	73	It - A		15 a.C. - 40 d.C.	Rasinivs (2)	RAS	1623,98	999	Ribeiro, 1959, nº 52; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1635
3260	73	It - Pi	Consp. B4.3-11	5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	XANTHI	2536,124	602	Ribeiro, 1959, nº 132; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1636
3261	73	It				RANE		100	Lopes, 1994, nº 1637
3262	73	It - A	Consp. B4.11-13	5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	(…)COR	624,42	100	Ribeiro, 1959, nº 26; Lopes, 1994, nº 1638
3263	73	It - A	Taça		P. Cornelivs Favstvs	FAV/P.COR	643,3	100	Ribeiro, 1959, nº 21; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1639
3264	73	It - A	Consp. B4.3/11	1 - 40 d.C.	C. Vibienvs (2)	GVBE	2373,66	603	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 35; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1640
3265	73	It	Consp. B4.3/11	(+) 15 d.C.	C. Rasinivs	CRASI	1686,13	608	Ribeiro, 1959, nº 116; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1641
3266	73	It - A	Consp. B4.11-13	(+) 1 d.C.	P. Cornelivs Frvctvs	FRVCT/P.COR	647,1	100	Ribeiro, 1959, nº 19; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 1642
3267	73	It - A		5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.CORNE	624,52	532	A. Alarcão, 1971b, Est. V nº 14; Lopes, 1994, nº 1643
3268	73	It - Pi	Prato	(+) 15 d.C.	(Cn.) Ateivs Rvfvs	ATE RVF	310,5	602	A. Alarcão, 1971b, Est.V nº 46; Lopes, 1994, nº 1644
3269	73	It				(…)		601	Lopes, 1994, nº 2010
3270	73	It - A		(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Anteros	ANTER/P.COR	627,3	100	Lopes, 1994, nº 2250
3271	73	It - A		5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.C.	624	999	Lopes, 1994, nº 2252
3272	73	It		10 a.C. - 10 d.C.	Crispinvs (1)	CRIPS(…)	702	X - 404	Lopes, 1994, nº 2439
3273	73	It - Pu	Consp. R.4	(+) 1 d.C.	Atticvs (2)	ANTICVS	339,1	Intradecorativa (0)	Lopes, 1994, nº 2786
3274	73	It				(...)MB		X - 404	Lopes, 1994, nº 2935

3275	73	It				(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 2936
3276	73	It				O(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 2937
3277	73	It				(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 2938
3278	73	It		10 a.C. - 10 d.C.	Crispinvs (1)	(…)RIS	702	X - 404	Lopes, 1994, nº 2939
3279	73	It	Consp. 22/23	20 a.C. - 40 d.C.	Avillivs	AVIL	371.1O	450	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 10; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 3002
3280	73	It - Pu		(+) 10 d.C.	Epigonvs	EPIGON	770,1	450	Ribeiro, 1959, nº 99; Lopes, 1994, nº 3969
3281	73	It - Pi	Cálice	5 a.C. - 25 d.C.	Cn. Ateivs Evhodvs (2)	CN.ATEI/EVHODI	292,2	311	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 6; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 3988
3282	73	It				(…)		Intradecorativa (0)	Lopes, 1994, nº 4089
3283	73	It				(…)		601	Lopes, 1994, nº 4101
3284	73	It - Pu		(+) 10 d.C.	Epigonvs	EPI(…)	770	X - 404	Lopes, 1994, nº 4117
3285	73	It				TSON		X - 404	Lopes, 1994, nº 4118
3286	73	It				(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 4119
3287	73	It - A		15 a.C. - 30 d.C.	Savfeivs	SAVF(…)	1800,2	151	Lopes, 1994, nº 4120
3288	73	It - ItC		(+) 30 d.C.	Helivs	HIIL(…)	914	601	Lopes, 1994, nº 4121
3289	73	It				(…)D		601	Lopes, 1994, nº 4122
3290	73	It - Pu		1 - 30 d.C.	Corinthvs	(…)RINTH	608	602	Lopes, 1994, nº 4123
3291	73	It				(…)AB(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 4124
3292	73	It - A		15 a.C. - 50 d.C.	L. Gellivs	LG	879	611	Ribeiro, 1959, nº 31; A. Alarcão, 1971b; Lopes, 1994, nº 4125
3293	73	It				CN(…)		X - 404	Lopes, 1994, nº 6287
3294	73	Sg - G	Drag. 33	60 - 85 d.C.	Mommo	OFMO(…)		Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro e Viana, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 42; Lopes, 1994, nº 6
3295	73	Sg - G	Drag. 24/25	10 - 50 d.C.	Bilicatvs (Bilicatos)	OFBILIC	10b	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 433
3296	73	Sg - G	Ritt. 8	20 - 45 d.C.	Scottivs I	SCOTIVS	29c	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 58; Lopes, 1994, nº 434
3297	73	Sg - G			Anepígrafa	(…)IXII		S/R	Lopes, 1994, nº 494
3298	73	Sg - G		80 - 110 d.C.	Sextivs Can- (Sex- Can-)	(…)F.SEX.C(…)	3b	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 498
3299	73	It - A	Prato	30 - 70 d.C.	Manneivs	(…)AN	1099,2	450	Ribeiro, 1959, Nº 107; Lopes, 1994, nº 499

3300	73	Sg - G	Ritt. 8	35 - 65 d.C.	Cocvs I	COC(…)I	17a	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 943
3301	73	Sg				VIC(…)		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 946
3302	73	Sg - G		45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	MVRRF(…)		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 109; Lopes, 1994, nº 952
3303	73	Sg - G				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 961
3304	73	Sg - G				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 962
3305	73	Sg - G				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 963
3306	73	Sg - G				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 964
3307	73	Sg - G / E		60 - 90 d.C.	Secvndvs II	OFSECVN(…)	6a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 61; Lopes, 1994, nº 1170
3308	73	Sg - G		25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SECVNDI	2e	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1171
3309	73	Sg - G	Drag. 27	20 - 45 d.C.	Apronivs I	APRO(…)	4a	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Viana, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 5; Lopes, 1994, nº 1172
3310	73	Sg - G	Drag. 27	40 - 70 d.C.	Victor I	VICTOR	2a	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 71; Lopes, 1994, nº 1173
3311	73	Sg - G			Ivlivs?	IVIV?		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 74; Lopes, 1994, nº 1174
3312	73	Sg - G				O(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 1175
3313	73	Sg - G	Drag. 27	20 - 40 d.C.	Coelvs I	OFCOELI	1b	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 16; Lopes, 1994, nº 1178
3314	73	Sg - G	Drag. 27	45 - 75 d.C.	Albvs I	ALBVCFE		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 2; Lopes, 1994, nº 1180
3315	73	Sg	Drag. 27			IV(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 1182
3316	73	Sg - G / R	Drag. 27	40 - 80 d.C.	Primvs III	OFPRIM	21-a	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 51; Lopes, 1994, nº 1183
3317	73	Sg - G	Drag. 27	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	OFMVRRAN	5a	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 44; Lopes, 1994, nº 1184
3318	73	Sg - G / R / B	Drag. 33	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	OFSAB	16d	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 57; Lopes, 1994, nº 1349
3319	73	Sg - G	Drag. 33	55 - 80 d.C.	Montanvs I	OFMONTC	4a	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1350
3320	73	Sg - G / Ba	Drag. 33	65 - 90 d.C.	Calvvs I	OFCALVI		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 90; Lopes, 1994, nº 1351
3321	73	Sg - G	Drag. 16	50 - 80 d.C.	Fvscvs I ou II	(…)VSCI.MA		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1440
3322	73	Sg - G		65 - 95 d.C.	Macrinvs I	M(…)CR(…)N		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1452
3323	73	Sg - G	Taça	20 - 40 d.C.	Anteros II	(…)EROSF	1a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 54; Lopes, 1994, nº 1588
3324	73	Sg - G		0 - 70 d.C.	Anivs	ANI		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1603

3325	73	Sg - G				(…)INI		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1607
3326	73	It - Pi	Consp. 12	15 a.C. - 15 d.C.	M. Valerivs	(…)ALERI	2315,2	450	Lopes, 1994, nº 1608
3327	73	Sg - G / M		25 - 50 d.C.	Acvtvs I	(…)CVTI	13d	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1620
3328	73	Sg - G	Drag. 27	80 - 110 d.C.	Sextivs Can- (Sex- Can-)	OF.SEX.CAN	3b	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1917
3329	73	Sg - G	Drag. 27			O(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 1919
3330	73	Sg - G / E	Drag. 27	50 - 70 d.C.	Secvndvs I ou II	SECVNDVS	4a	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 60; Lopes, 1994, nº 1920
3331	73	Sg	Drag. 27	0 - 100 d.C.	Agilis II	AGIL(retro)		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1923
3332	73	Sg - G	Drag. 27	45 - 65 d.C.	Genialis I	GENI	3a	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1924
3333	73	Sg - G		40 - 60 d.C.	Capito I	(…)APITOF	2b	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1927
3334	73	Sg - G		60 - 85 d.C.	Firmo II	FIRMON	2-a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 101; Lopes, 1994, nº 1928
3335	73	Sg - G		60 - 80 d.C.	Criciro I	RICI	1b	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 120; Lopes, 1994, nº 1929
3336	73	Sg - G	Drag. 18	30 - 60 d.C.	Firmo I	OFIFIR(…)		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1930
3337	73	Sg - G				(…)MO		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1931
3338	73	Sg - G		65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	OFRVFI	4c'	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 55; Lopes, 1994, nº 1992
3339	73	Sg - G	Drag. 15/17	40 - 65 d.C.	Gallicanvs II	OFGAL(…)		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 2004
3340	73	Sg - G / R	Drag. 15/17	45 - 65 d.C.	Pavllvs I (Pavlvs)	PAVLVS	11-c	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 46; Lopes, 1994, nº 2008
3341	73	Sg - G			Anepígrafa	(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 2078
3342	73	Sg - G / M		25 - 50 d.C.	Acvtvs I	OFIC.AC(…)	7a	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 2110
3343	73	Sg - G	Drag. 27	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	(…)SILVANI		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 2506
3344	73	Sg - G				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 2507
3345	73	Sg - G				O(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 2508
3346	73	Sg - G		50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	(…)ENIMA	24a	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 2872
3347	73	Sg - G				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 2873
3348	73	Sg - G				O(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 2937
3349	73	Sg - G				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 2938

3350	73	Sg - G				OFIC(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 2940
3351	73	Sg - G / Ba		65 - 90 d.C.	Calvvs I	OFCALVI		Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 14; Lopes, 1994, nº 2947
3352	73	Sg - G				OF.(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 2948
3353	73	Sg - G				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 2949
3354	73	Sg - G	Drag. 27			O(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 3077
3355	73	Sg - G		55 - 70 d.C.	Canvsinvs (Canvsinivs)	(…)ANVSINVS	1a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 91; Lopes, 1994, nº 3166
3356	73	Sg - G	Ritt. 8	30 - 65 d.C.	Regenvs	OFREGEN	6b	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 3167
3357	73	Sg - G	Ritt. 8			OF(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 3168
3358	73	Sg - G				OFI.CA(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 3173
3359	73	Sg - G				CA(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 3223
3360	73	Sg - G				(…)ALRI		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 3250
3361	73	Sg - G	Drag. 24/25			OFLIABI		Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 36; Lopes, 1994, nº 3362
3362	73	Sg - G	Ritt. 9			INI		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 3369
3363	73	Sg - G / Mi / Ra	Drag. 27	35 - 65 d.C.	Masclvs I (Mascvlvs)	MASCV(…)	17a	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 3949
3364	73	Sg - G	Drag. 27	70 - 100 d.C.	Vitalis II	VITALISP	23b'	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 3974
3365	73	Sg - G	Drag. 27	45 - 70 d.C.	Tabvr (Tabvrvs?)	TABVR	2a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 125; Lopes, 1994, nº 3975
3366	73	Sg - G	Drag. 24/25			ILICI		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 3976
3367	73	Sg - G		50 - 70 d.C.	Angivs	VOFANGIV	1a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 131; Lopes, 1994, nº 3977
3368	73	Sg - G	Drag. 29			C.AR-		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 85; Lopes, 1994, nº 3978
3369	73	Sg - G / R		45 - 65 d.C.	Pavllvs I (Pavlvs)	(…)AVLLVS		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 89; Lopes, 1994, nº 3979
3370	73	Sg - G				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 3980
3371	73	Sg - G	Drag. 27	80 - 110 d.C.	Sextivs Can- (Sex- Can-)	OFSEX.CA(…)		Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 64; Lopes, 1994, nº 3981
3372	73	Sg - G / M		25 - 50 d.C.	Acvtvs I	(…)ACVTI	13d	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 1; Lopes, 1994, nº 3982
3373	73	Sg - G		50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	(…)ASSIENI	57a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 113; Lopes, 1994, nº 3983
3374	73	Sg - G		50 - 70 d.C.	Ardanvs	O.ARD(…)		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 84; Lopes, 1994, nº 3984

3375	73	Sg - G		65 - 90 d.C.	Patricivs I	OFPATR(…)		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 114; Lopes, 1994, nº 3985
3376	73	It		(+) 15 d.C.	Restit(vtvs?)	(…)RESTITI	1703,2	450	Ribeiro, 1959, nº 122; Lopes, 1994, nº 3986
3377	73	Sg - G	Drag. 18	0 - 100 d.C.	Cotivs I (Cotvs)	COTIOF		Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 29; Lopes, 1994, nº 3987
3378	73	Sg - G	Drag. 24/25			ADAI(retrogada)		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 3990
3379	73	Sg - G	Drag. 24/25	20 - 45 d.C.	Ave (I) ou Avetv ou Ave tu ou Ave Vale etc…	AVE	1a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 88; Lopes, 1994, nº 3993
3380	73	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 3994
3381	73	Sg - G	Drag. 24/25	25 - 55 d.C.	Cantvs	OFICANTI		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 13; Lopes, 1994, nº 3995
3382	73	Sg - G	Drag. 24/25	85 - 120 d.C.	Fvscvs II	FVSCI		Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 34; Lopes, 1994, nº 4000
3383	73	Sg - G	Drag. 24/25	45 - 70 d.C.	Bellicvs I	OFBELLICI	4a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 33; Lopes, 1994, nº 4002
3384	73	Sg - G		35 - 65 d.C.	Licinvs	(…)LICIN	23a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 103; Lopes, 1994, nº 4003
3385	73	Sg - G	Drag. 27	50 - 65 d.C.	Vitalis I	OFVITA	6d	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 72; Lopes, 1994, nº 4242
3386	73	Sg - G		25 - 50 d.C.	Secvndvs I	OFSECV(…)		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 4243
3387	73	Sg - G				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4244
3388	73	Sg - G				O(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4245
3389	73	Sg - G				(…)OF(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4247
3390	73	Sg - G				OF(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4248
3391	73	Sg - G				O(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4249
3392	73	Sg - G		50 - 65 d.C.	Vitalis I	OFVITALIS	1a	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Viana, 1957, Fig.1; Ribeiro, 1959, nº 73; Lopes, 1994, nº 4250
3393	73	Sg - G / E		60 - 90 d.C.	Secvndvs II	SECVNDIOF	15a	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 59; Lopes, 1994, nº 4251
3394	73	Sg - G				CA(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4252
3395	73	Sg - G		40 - 70 d.C.	Castvs I	CASSI	18a'	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 4253
3396	73	Sg - G / E		60 - 90 d.C.	Secvndvs II	IICVN		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 4254
3397	73	Sg - G				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4255
3398	73	Sg - G		30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVANIOF	6a	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 4256
3399	73	Sg - G	Drag. 24/25	30 - 80 d.C.	Silvanvs I	SILVANIC	11h?	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 65; Lopes, 1994, nº 4257

3400	73	Sg - G			(…)NIR		S/R	Lopes, 1994, nº 4258
3401	73	Sg - G		45 - 70 d.C.	Cosiv Vrap- (Cosivs Vrappvs)	COSIVS VRAP	1a	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 28; Lopes, 1994, nº 4259
3402	73	Sg - G		65 - 95 d.C.	Severvs III	OFSEVER		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 63; Lopes, 1994, nº 4323
3403	73	Sg - G	Drag. 18/31			OF(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4403
3404	73	Sg - G	Drag. 33	70 - 110 d.C.	Gaivs I	OFCAI(…)	1a	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 4918
3405	73	Sg - G		70 - 110 d.C.	Gaivs I	OFCA(…)		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 4916
3406	73	Sg - G	Drag. 15/17	30 - 50 d.C.	Rvsticvs	OFRVSTI	7a	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 56; Lopes, 1994, nº 5038
3407	73	Sg - G	Drag. 15/17	15 - 45 d.C.	Lepidvs II	LCPD	11a	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 5042
3408	73	Sg - G	Drag. 29	45 - 75 d.C.	Crestio	OFCREST		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 6056
3409	73	Sg - G		60 - 85 d.C.	Carbo	(…)AEM		S/R	Lopes, 1994, nº 6057
3410	73	Sg - G / R		30 - 60 d.C.	Ivcvndvs II	IVCVN(…)		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 6058
3411	73	Sg - G				(…)GEN		S/R	Lopes, 1994, nº 6059
3412	73	Sg - G	Drag. 33	65 - 90 d.C.	Patricivs I	PATRI	19c	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 6060
3413	73	Sg - G	Drag. 24/25	30 - 60 d.C.	Silvinvs	(…)LVIN		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 6061
3414	73	Sg - G / VL	Drag. 29	20 - 50 d.C.	Rvfinvs II	RVFINI	1a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 117; Lopes, 1994, nº 6062
3415	73	Sg - G		40 - 65 d.C.	Modestvs I	MODE		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 6063
3416	73	Sg - G				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 6064
3417	73	Sg - G		40 - 65 d.C.	Cennatvs	(…)INATV		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 95; Lopes, 1994, nº 6065
3418	73	Sg - G				OF(…)BR(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 6066
3419	73	Sg - G	Drag. 27	45 - 75 d.C.	Crestio	OFCRES	9a'	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 6067
3420	73	Sg - G	Drag. 29			OFMA		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 106; Lopes, 1994, nº 6068
3421	73	Sg - G	Drag. 27	50 - 65 d.C.	Matvgenvs II	OFMATVG	Φ- a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 108; Lopes, 1994, nº 6069
3422	73	Sg - G				OFP(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 6271
3423	73	Sg - G	Drag. 33			(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 6278
3424	73	Sg - G				CA(…)		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 6279

3425	73	Sg - G		75 - 95 d.C.	Gratvs I	CRATVS	1a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 97; Lopes, 1994, nº 6280
3426	73	Sg - G	Drag. 33	50 - 65 d.C.	Vitalis I	VIT(…)F		S/R	Lopes, 1994, nº 6281
3427	73	Sg - G		0 - 70 d.C.	Anivs	AN		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 6282
3428	73	Sg - G		20 - 45 d.C.	Ave (I) ou Avetv ou Ave tu ou Ave Vale etc…	AVE		S/R	Lopes, 1994, nº 6283
3429	73	Sg - G				(…)SI		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 6284
3430	73	Sg - G / R		40 - 80 d.C.	Primvs III	OFPRI	22c	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 115; Lopes, 1994, nº 6285
3431	73	Sg - G / VL		20 - 50 d.C.	Rvfinvs II	RVFINI		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 118; Lopes, 1994, nº 6286
3432	73	Sg - G		25 - 55 d.C.	Cantvs	OFCAN(…)		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 6290
3433	73	Sg - G	Drag. 27			(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 6291
3434	73	Sg - G		65 - 85 d.C.	Peregrinvs I	(…)ERGN	5-a	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 6292
3435	73	Sg - G		45 - 75 d.C.	Qvartvs III	CVART(…)	14-a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 70; Lopes, 1994, nº 6293
3436	73	Sg - G		40 - 65 d.C.	Lvpvs II	LVPVS	6a	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 6294
3437	73	Sg - G		85 - 110 d.C.	Svlpicivs	SVLPI		Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 66; Lopes, 1994, nº 6295
3438	73	Sg - G		25 - 55 d.C.	Cantvs	(…)F.CANTI	2g	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 15; Lopes, 1994, nº 6296
3439	73	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Lvcceivs I	OFLVCCE		Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 38; Lopes, 1994, nº 6297
3440	73	Sg - G		35 - 65 d.C.	Licinvs	(…)LICIN(…)CI(…)		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 37; Lopes, 1994, nº 6298
3441	73	Sg - G		70 - 95 d.C.	Ponteivs	OFPONI	1a'	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 49; Lopes, 1994, nº 6299
3442	73	Sg - G		35 - 65 d.C.	Cocvs I	COCIOF		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 17; Lopes, 1994, nº 6300
3443	73	His	His. 33/46			E(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 3
3444	73	His - LR (TM)	His. 46	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRITTON	M. 53	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 12; Mayet, 1984, nº 53; Lopes, 1994, nº 5
3445	73	His				(…)M		S/R	Lopes, 1994, nº 171
3446	73	His - LR		80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PAT(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 178
3447	73	His - LR		80 - 100 d.C.	Clodivs	(…)CLOC		Grafomorfo	Lopes, 1994, nº 475
3448	73	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)F.VA.PAT		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 128; Mayet, 1983, nº 685; Lopes, 1994, nº 476
3449	73	His - LR (TM)	His. 27		Maternvs Tritiensis	OFMATRI	M. 685	Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 477

3450	73	His				F(...)		S/R	Lopes, 1994, nº 479
3451	73	His - LR (AAb)	Taça	70 - 100 d.C.	Cantaber	(…)ANTABRI.OF	M. 121	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 81; Mayet, 1983, nº 121; Lopes, 1994, nº 480
3452	73	His				OF.M		S/R	Lopes, 1994, nº 482
3453	73	His - LR	Taça		Patricivs Lv()	(…)OFPATLV	M. 472	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 472; Lopes, 1994, nº 492
3454	73	His - LR (TM)	Taça	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRI		S/R	Lopes, 1994, nº 493
3455	73	His - LR			Patricivs Lv()	PATLVOFI	M. 471	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 471; Lopes, 1994, nº 500
3456	73	His				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 966
3457	73	His				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 967
3458	73	His				O(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 968
3459	73	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	(…)TIBRITTO(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 121; Lopes, 1994, nº 1169
3460	73	His - A	His. 15/17		T. I() S() F()	EXOTIFS		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 1200
3461	73	His	His. 27			EX(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 1201
3462	73	His				E(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 1202
3463	73	His				EOF(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 1203
3464	73	His				EXCI		S/R	Mayet, 1983, p. 129; Lopes, 1994, nº 1204
3465	73	His - A	Taça		C. S()	EXOCS		S/R	Lopes, 1994, nº 1205
3466	73	His - LR (TM)	Taça	150 - 210 d.C.	Agilianvs	AG(…)	M. 118	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 118; Lopes, 1994, nº 1206
3467	73	His - A			C. A()	(…)XOFCA	M. 78	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 78; Lopes, 1994, nº 1207
3468	73	His				(…)L	M. 764	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 764; Lopes, 1994, nº 1208
3469	73	His - LR			Flavinvs	FLAVINI	M. 202	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 53; Mayet, 1983, nº 202; Lopes, 1994, nº 1210
3470	73	His - LR (TM)	His. 15/17	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOF(…)T		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 184; Lopes, 1994, nº 1869
3471	73	His				CA(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 1926
3472	73	His - LR (AAb)		70 - 100 d.C.	Cantaber	CAN(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 128; Lopes, 1994, nº 1971
3473	73	His				FV(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 1974
3474	73	His - LR (B)		80 - 100 d.C.	T. L() S()	OF.T.L.S.	M.661	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 67; Mayet, 1983, nº 661; Lopes, 1994, nº 2009

3475	73	His			EXCI		S/R	Mayet, 1983, p. 129; Lopes, 1994, nº 2085
3476	73	His			EXOFM		S/R	Lopes, 1994, nº 2096
3477	73	His - LR	85 - 105 d.C.	Lvpianvs	OF.LV(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 147; Lopes, 1994, nº 2103
3478	73	His		Tefr()	IEFR(…)		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 2108
3479	73	His			(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 2192
3480	73	His - LR		Gaivs	OFGAI	M. 218	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 218; Lopes, 1994, nº 2204
3481	73	His - A		C. A() H()	EXOFCAH	M. 98	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 98; Lopes, 1994, nº 2351
3482	73	His - A		C. A() H()	(…)A.H.		S/R	Lopes, 1994, nº 2460
3483	73	His - LR	80 - 105 d.C.	Svrivs	SVRI(…)	M. 176	S/R	Mayet, 1983, nº 176; Lopes, 1994, nº 2944
3484	73	His			EX(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 2950
3485	73	His			OF(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 2951
3486	73	His					6Indiferenciada1	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig 1; Lopes, 1994, nº 2956
3487	73	His - LR (TM)	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OFSE(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 173; Lopes, 1994, nº 3183
3488	73	His - A		A() A()	(…)AA		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 3221
3489	73	His - LR (TM)	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OFSEM(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 173; Ribeiro, 1959, nº 121; Lopes, 1994, nº 3224
3490	73	His			OF(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 3293
3491	73	His	His. 37	Tannvs	F.TANNI(retro)	M. 629	Intradecorativa (Indiferenciada)	Mayet, 1983, p. 629; Lopes, 1994, nº 3308
3492	73	His - LR	His. 15/17	Rvfvs	EXOFRVFI	M. 536	Rectangular com lados bífidos	Mayet, 1983, p. 536; Lopes, 1994, nº 3363
3493	73	His - LR	His. 36	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PET(…)OO(…)	S/R	Mayet, 1983, p. 163; Lopes, 1994, nº 3364
3494	73	His - LR	His. 15/17	Valerivs Ma()	EXOFVALM	M. 673	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 673; Lopes, 1994, nº 3365
3495	73	His - A		C. A() H()	(…)EXOFCAH		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 3960
3496	73	His - LR		70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PET.F.ROOFI		Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 48; Mayet, 1983, p. 163; Lopes, 1994, nº 4320
3497	73	His - LR (TM)		70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	(…)TIBRITTON		S/R	Mayet, 1983, p. 121; Lopes, 1994, nº 4322
3498	73	His - LR	Hisp. 4	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PET.EROOFI	M. 480	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 47; Mayet, 1983, nº 480; Lopes, 1994, nº 4324
3499	73	His - LR		85 - 105 d.C.	Lvpianvs	LV(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 147; Lopes, 1994, nº 4911

3500	73	His				EX(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4912
3501	73	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)ALPA		S/R	Mayet, 1983, p. 184; Lopes, 1994, nº 4917
3502	73	His			Annivs Festvs	(…)AN.FES		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 4919
3503	73	His			P. Ca()	OFP.CA(…)	M. 476	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 93; Mayet, 1983, nº 76; Lopes, 1994, nº 4920
3504	73	His				(…)A		S/R	Lopes, 1994, nº 4921
3505	73	His				OF(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4923
3506	73	His - A	His. 27			EXOA		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 4924
3507	73	His				EX(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4925
3508	73	His - LR		70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	(…)ROOFI	M. 483	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 483; Lopes, 1994, nº 4927
3509	73	His				OF.(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4928
3510	73	His				EXO(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4929
3511	73	His - A			T. I() L()	EXOFTIL		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 4930
3512	73	His - LR (TM)			Maternvs Blandvs	(…)MATBL		S/R	Mayet, 1983, p. 151; Lopes, 1994, nº 4931
3513	73	His - LR		70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	(…)IRMI.T(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 133; Lopes, 1994, nº 4932
3514	73	His				EX(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4933
3515	73	His				(...)O		S/R	Lopes, 1994, nº 4934
3516	73	His - LR	His. 27	80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	LNASDII	M. 301	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 110; Mayet, 1983, nº 301; Lopes, 1994, nº 4935
3517	73	His				EX(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4936
3518	73	His				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4937
3519	73	His - LR		80 - 100 d.C.	Satvrninvs	SA(…)		341	Mayet, 1983, p. 170; Lopes, 1994, nº 4938
3520	73	His				ON(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 4939
3521	73	His - A	His. 15/17		C. A() H()	EXOFCAH	M. 99	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 99; Lopes, 1994, nº 5576
3522	73	His - LR	His. 15/17		Lvpvs	(…)LVPI		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 5605
3523	73	His	His. 15/17			OM(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 5635
3524	73	His - LR			L. Clodivs	(…)F.LCLO	M. 295	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 96; Mayet, 1983, nº 295; Lopes, 1994, nº 5720

3525	73	His - A			L. C() S()	(…)F.L.CS		Rectangular alongada	Lopes, 1994, nº 5723
3526	73	His - A			C. S()	EXOFCS	M. 160	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 123; Mayet, 1983, nº 160; Lopes, 1994, nº 5724
3527	73	His - A				(…)EXOFP(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 166; Lopes, 1994, nº 5725
3528	73	His - A				(…)		S/R	Lopes, 1994, nº 5726
3529	73	His - LR (TM)	His. 27	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVAPA		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 184; Ribeiro, 1959, nº 69; Lopes, 1994, nº 5727
3530	73	His - LR (AAb)		70 - 100 d.C.	Cantaber	OFCA(…)	M. 732	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 732; Lopes, 1994, nº 5728
3531	73	His - A	His. 15/17		C. A() H()	EXOFCVH	M. 100	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 129; Mayet, 1983, nº 100; Lopes, 1994, nº 5729
3532	73	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Attivs Brittonis	ATTIBRI		S/R	Mayet, 1983, p. 121; Lopes, 1994, nº 5730
3533	73	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Flaccvs	FLA(…)		S/R	Mayet, 1983, p. 134; Lopes, 1994, nº 5731
3534	73	His - LR		80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	NADI	M. 302	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 111; A. Alarcão, 1971b; Mayet, 1983, nº 302; Lopes, 1994, nº 5991
3535	73	It	Consp. 12.3	15 a.C. - 5 d.C.	Anteros	ANTERI	199,6	450	A. Alarcão, 1971b, Est. V nº 4
3536	73	It - A		(+) 1 d.C.	P. Cornelivs Stativs	PCORI/(…)T(…)	677,3	450	A. Alarcão, 1971b, Est. V nº 50
3537	73	It	Prato	(+) 15 d.C.	L. Ti() Fe(lix)	LT.FE(palma)	2137,2	605	A. Alarcão, 1971b, Est. V nº 53
3538	73	It - A	Consp. 26/27	(+) 15 d.C.	L. Ti() Hy()	H.TIT	2129,4	602	A. Alarcão, 1971b, Est. V nº 54
3539	73	It - A		15 a.C. - 30 d.C.	L. Titivs	L.T(…)	2203	617	A. Alarcão, 1971b, Est. V nº 56
3540	73	It - Pi		5 a.C. - 50 d.C.	Xanthvs (2)	(…)NTH	2536	450	A. Alarcão, 1971b, Est. V nº 58
3541	73	Sg - G				ALSV		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 3
3542	73	His			Anivs Fabri(civs)	ANFABRI.OF		Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Viana, 1957, fig 1; Ribeiro, 1959, nº 4
3543	73	It - A	Consp. B4.11-13	(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Anthvs	(…)NI/P.COR	628,14	501	Ribeiro, 1959, nº 23
3544	73	Sg - G		30 - 65 d.C.	Lvcceivs I	(…)FLVCCEI		Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro e Viana, 1957, fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 39
3545	73	Sg - G		60 - 85 d.C.	Mommo	OFMOM	9b	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro e Viana, 1957, fig. 1; Ribeiro, 1959, nº 41
3546	73	Sg - G		45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	OFMVRRAN	5a	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 43
3547	73	Sg - G				NOSI		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 45
3548	73	Sg - G / R		40 - 80 d.C.	Primvs III	OFPRI	22c	Rectangular alongada	Ribeiro, Oleiro & Vianna, 1957, Fig 1; Ribeiro, 1959, nº 50
3549	73	Sg - G				AL.IPRI		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 79

3550	73	Sg - G		30 - 65 d.C.	Amandvs II	MANDIF	9a'	Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 80
3551	73	Sg - G		40 - 70 d.C.	Castvs I	CASTVSF		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 92
3552	73	Sg - G				(…)CCF(…)		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 94
3553	73	Sg - G				(…)RM(…)		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 104
3554	73	His				(…)FLOS		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 105
3555	73	His - LR (TM)			S()Ni()	EXOFSN		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 119
3556	73	Sg - G				VARIVF		Rectangular alongada	Ribeiro, 1959, nº 127
3557	46	His - LR (TM)				(…)T.AVIO(…)		Indiferenciada	Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 8;
3558	46	His - LR			Mallvvs	M(…)LL.IVS		Rectangular de lado arredondados	Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 7;
3559	46	His				(…)RVS		Rectangular alongada	Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 10;
3560	46	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI		Rectangular com lados bífidos	Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 6;
3561	46	His				(…)		Rectangular com lados bífidos	Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 14;
3562	49	His - LR	His. 27		Fvlvivs	OFV(…)		Rectangular de lado arredondados	Carneiro, 2004, fig. 49; Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 9;
3563	49	Sg - G		40 - 70 d.C.	Castvs I	(…)FCASTI	2e	Rectangular de lado arredondados	Carneiro, 2004, fig. 49; Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 3;
3564	49	His				(…)		S/R	Carneiro e Sepúlveda, 2011
3565	49	Sg				(…)		S/R	Carneiro e Sepúlveda, 2011
3566	50	His	His. 15/17			(…)RI		Rectangular alongada	Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 11;
3567	50	His	His. 27			(…)R		S/R	Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 12;
3568	50	His - LR (TM)				ASI(…)		Rectangular alongada	Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 4;
3569	50	It - A		15 a.C. - 5 d.C.	C. Sertorivs Procvlvs	C.SERTO/PROCL	1913,8	311	Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 1;
3570	50	It - Pi		5 a.C. - 25 d.C.	Cn. Ateivs Evhodvs (2)	(…)ATEIS.EV(…)	532	532	Ferreira 1969, p. 144; Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 2;
3571	50	His - LR (TM)		80 - 110 d.C.	Firmvs	FIR.OFIC(…)		Rectangular de lado arredondados	Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 5;
3572	50	His				(…)		S/R	Carneiro e Sepúlveda, 2011
3573	50	His	His. 27			(…)R		Rectangular alongada	Carneiro e Sepúlveda, 2011, Ets. 2, 13;
3574	50	His				(…)		S/R	Carneiro e Sepúlveda, 2011

3575	54	It - L	Consp. B1.2	30 - 20 a.C.	Darevs	DAR/(E)VS	782,1	100	Mataloto & Williams 2015, Fig. 8
3576	54	It	Consp. 8.1	20 - 5 a.C.	A. Vibivs Figvlvs	AVIB/FIG	2398,13	100	Mataloto & Williams 2015, Fig. 9
3577	54	It	Taça	20 - 5 a.C.	Dio(medes) Scro(fvla)	DIO/SCRO		505	Mataloto & Williams 2015, Fig.10
3578	54	It - A	Taça	30 - 70 d.C.	Camvrivs	CAMVRF	514	601	Mataloto & Williams 2015, Fig.11
3579	64	It - A		15 a.C. - 30 d.C.	L. Titivs	L·TITIVS	2203,13	181	Baltazar 1984-1985, Fig. 1
3580	64	Sg		65 - 100 d.C.	Adivtor	ADIVTORF	1a	Rectangular alongada	Baltazar 1984-1985, Fig. 2
3581	64	Sg - G		30 - 65 d.C.	Albinvs III	OFALBIN	5a	Rectangular alongada	Baltazar 1984-1985, Fig. 3
3582	64	Sg - G / Ba		65 - 90 d.C.	Calvvs I	OFCΛLVI	5d'?	458	Baltazar 1984-1985, Fig. 4
3583	64	Sg - G		60 - 85 d.C.	Carbo	CARBON(…)	1a	Rectangular alongada	Baltazar 1984-1985, Fig. 5
3584	64	Sg - G / R		55 - 85 d.C.	Felix I	(…)ELICISMN	23c	Rectangular alongada	Baltazar 1984-1985, Fig. 6
3585	64	Sg - G		50 - 65 d.C.	Matvgenvs II	(…)MT·GVI	10-b	Rectangular alongada	Baltazar 1984-1985, Fig. 7
3586	64	Sg - G / R / B		50 - 80 d.C.	Sabinvs III	(…)SABINI(…)	11-a	Rectangular alongada	Baltazar 1984-1985, Fig. 8
3587	64	Sg - G		30 - 60 d.C.	Silvinvs I	SILVINI	3b	Rectangular alongada	Baltazar 1984-1985, Fig. 9
3588	64	His - LR (TM)		80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATTPΛERNI		Rectangular alongada	Baltazar 1984-1985, Fig. 10
3589	64	His - LR (AAb)		70 - 100 d.C.	Cantaber	CΛ ΛBRI		Rectangular alongada	Baltazar 1984-1985, Fig. 11
3590	64	His - LR		70 - 100 d.C.	C. I() A() E() I() G() L() O()	(…)I·A·E.IIIO(…)		Rectangular alongada	Baltazar 1984-1985, Fig. 12
3591	64	His - LR (B)		80 - 105 d.C.	Trebivs Tritiensis	(…)EBTR		Rectangular alongada	Baltazar 1984-1985, Fig. 13
3592	64	It	Consp. 22/23			(…)		450	Silva, 2010, p. 39
3593	64	Sg - G		35-65 d.C.	Ingenvvs II	OFINGE(…)	14j	Rectangular alongada	Silva, 2010, Est. 1 nº 11
3594	64	Sg - G		20 - 60 d.C.	Damonvs	OFDA(…)		Rectangular alongada	Silva, 2010, Est. 1 nº 12
3595	64	Sg - G	Drag. 18/31			N(…)		Rectangular alongada	Fonseca, 2004, p. 433, nº 4
3596	64	Sg - G	Ritt. 8	15 - 45 d.C.	Lepidvs II	(…)EPID.L	5-a	Rectangular alongada	Sousa, 1996, nº 2
3597	64	Sg - G	Drag. 24/25	40 - 60 d.C.	Ivcvndvs II	IVCVNDV	1c	Rectangular alongada	Sousa, 1996, nº 3
3598	64	Sg	Ritt. 8		Anepígrafa	IIIII		Rectangular alongada	Sousa, 1996, nº 4
3599	64	It - A		5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	CO(…)		602	A. Alarcão, 1971

3600	64	It		(+) 5 d.C.	P. Cornelivs Comen	COMN/PCOR		261	Ettiene et alii; 1994, p. 51 Fig. 12 nº 1
3601	64	Sg - G		65 - 95 d.C.	Severvs III	OF.SEVER+	7e"	Rectangular alongada	Maia, 1971, p. 222; Ettiene et alii; 1994, p. 51 Fig. 12 nº 7
3602	64	Sg - G	Drag. 24/25	25 - 50 d.C.	Secvndvs I	SEC(…)		Rectangular alongada	Santos, 1958, p. 185; Ferreira, 1969; Maia, 1971, p. 145; Ettiene et alii; 1994, p. 51 Fig. 12 nº 8
3603	64	Sg - G	Drag. 18			OIDMA(…)		Rectangular alongada	Ettiene et alii; 1994, p. 51 Fig. 12 nº 6
3604	64	It - Pu		1 - 20 d.C.	Pharnaces (2)	(…)ARNACES	1437,1	Supradecorativa (0)	Maia, 1971, p. 77
3605	64	It - Pi		50 - 120 d.C.	L. Rasinivs Pisanvs	L.R.P.	1690,46	601	Maia, 1971, p. 92
3606	64	His	His. 27			(…)		Rectangular alongada	Maia, 1971, p. 106
3607	64	It - Pi		5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOILI	2544	450	Maia, 1971, p. 136
3608	64	Sg - G	Drag. 27	50 - 65 d.C.	Matvgenvs II	OF.MAT(…)	1a	Rectangular alongada	Maia, 1971, p. 147
3609	64	Sg - G / R		40 - 80 d.C.	Primvs III	OFPRIMI	12h	Rectangular alongada	Maia, 1971, p. 148
3610	64	Sg - G		65 - 90 d.C.	Patricivs I	PATRICI	13e	Rectangular alongada	Maia, 1971, p. 149
3611	64	His - LR		80 - 110 d.C.	Octavivs Maternvs	OCT.MA.OF	M. 438	Rectangular alongada	Maia, 1971, p. 160; Mayet, 1984, nº 438
3612	64	Sg - G	Drag. 27	60 - 85 d.C.	Mommo	MON	27a'	Rectangular alongada	Maia, 1971, p. 162
3613	64	Sg - G	Drag. 18/31			OI(…)IEI		Rectangular alongada	Maia, 1971, p. 163
3614	64	His	His. 27		Malvti	MALVTI	M. 345	Rectangular alongada	Maia, 1971, p. 164; Mayet, 1984, nº 345
3615	64	Sg - G	Taça	60 - 90 d.C.	Memor	OF.MEN	1a'	Rectangular alongada	Maia, 1971, p. 165
3616	64	His - LR		80 - 100 d.C.	Clodivs	CLOD	M. 145	Rectangular de lados bífidos	Mayet, 1983, Nº 145
3617	64	It - A		50 - 100 d.C.	M. P() Capito	M/PCA	1350,1	X - 404	A. Alarcão, 1971
3618	66	It - A	Cálice	20 a.C. - 10 d.C.	Sex. Annivs (1)	SEX/ANNI		100	Pinto, Viegas & Dias; 2004; p. 118
3619	66	His - LR		80 - 100 d.C.	Clodivs	C.LOD		Rectangular alongada	Pinto, Viegas & Dias; 2004; p. 118
3620	66	His			Seliesivs FI()	SELI(…)		Rectangular alongada	Pinto, Viegas & Dias; 2004; p. 118
3621	66	His - LR			Titvs Lvpv()	TI.TI.LV.PI		Rectangular alongada	Pinto, Viegas & Dias; 2004; p. 118
3622	52	His - LR (TM)	His. 15/17	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEMPRO	M. 578	Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 1; Mayet, 1983, nº 578
3623	52	His	His. 18		Seliesivs FI()	SELIESI.FE	M. 573	Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 3; Mayet, 1984, Est. CCXXII, nº 573
3624	52	His - A	His. 18/31		M. C()	O.MC		Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 4

3625	52	Sg - G	Drag. 18	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	OFMVRRAN	8b	Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 5
3626	52	His - LR (TM)	His. 18/31	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVA(…)PAT	M.675	Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 6; Mayet, 1983, p. 185
3627	52	His - LR (TM)	His. 18/31	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)OF.VALPAT	M.675	Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 7; Mayet, 1983, p. 185
3628	52	His - LR (TM)	His. 18/31	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAPA.		Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 8; Mayet, 1983, p. 185
3629	52	His - LR	His. 18/31	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PET.EROOFI	M. 480	Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 9; Mayet, 1983, p. 163
3630	52	Sg - G	Drag. 36	10 - 40 d.C.	Ateivs	ATEIVS(...)O		Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 11
3631	52	His	His. 36		Volivs	OVOL.IVID		Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 12
3632	52	His - LR (TM)	His. 27	80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	ATR.PATFRM	M. 58-72	Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 13
3633	52	Sg - G / R	Drag. 27	55 - 85 d.C.	Ve- I	OFVI	2a	Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 14
3634	52	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLAC.CTR	M. 195	Rectangular alongada	Alarcão, A. Moutinho; 1960-1961; Nº 15; Mayet, 1983, p. 135
3635	52	His - LR (AA - LP)	His. 33	70 - 100 d.C.	Segivs Tritiensis	SEGITRI.OF	M. 570	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Nº 570
3636	78	Sg - G		50 - 75 d.C.	Passenvs (Passienvs)	OFIPAS (letras retro)		Rectangular alongada	Silva, Soares & Dias; 1984; Fig. 16 nº 1
3637	89	It - Pi / L		10 a.C. - 30 d.C.	Crestvs (1)	CR.EZTI	698,36	450	Arruda & Dias, 1985, Pl. 3.3
3638	89	Sg - G		10 - 50 d.C.	Bilicatvs (Bilicatos)	(…)BILIC(…)	6a	Rectangular alongada	Arruda & Dias, 1985, nº 4
3639	82	It - A	Consp. B 4.2	(+) 15 d.C.	C. Annivs Gemelvs	GEME/C.ANI	147,2	100	Viegas, 2019, fig. 7 nº 58
3640	82	It - A	Consp. B 1.3	15 a.C. - 5 a.C.	Ateivs (2)	(…)EI	267,26	450	Viegas, 2019, fig. 5 nº 36
3641	82	It - Pi	Consp. 28	5 a.C. - 25 d.C.	Ateivs (3)	AT(…)	268.14O	601	Viegas, 2019, fig. 5 nº 37
3642	82	It - ItC	Consp. B 2.10	15 a.C. - 5 d.C.	C. Pac(ideivs) Par()	C.PA/.PAR	1367,2	261	Viegas, 2019, fig. 5 nº 38
3643	82	It - A	Consp. R 4.2.1.	20 a.C. - 20 d.C.	M. Perennivs (4)	M. PER(…)	1390,4	451	Viegas, 2019, fig. 7 nº 62
3644	82	It - A	Consp. B 3.9	20 a.C. - 20 d.C.	M. Perennivs (4)	MPER(…)	1391,44	454	Viegas, 2019, fig. 5 nº 39
3645	82	It - A	Consp. B 4.6	1 - 40 d.C.	C. Vibienvs (2)	CVBE	2373,66	601	Viegas, 2019, fig. 5 nº 40
3646	82	It - A		30 a.C. - 15 d.C.	C. Annivs Onesimvs	OR(…)/C.ANN(…)	152	100	Viegas, 2019, fig. 5 nº 41
3647	82	It	Consp. B 4.7			CV(…)		451	Viegas, 2019, fig. 5 nº 42
3648	82	It	Consp. 33			CFA(…)		601	Viegas, 2019, fig. 5 nº 43
3649	82	It	Taça			(...)I		381	Viegas, 2019, fig. 5 nº 44

3650	82	Sg - G		40 - 70 d.C.	Castvs I	CAST(…)	17	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2019, fig. 10 nº 96
3651	82	Sg - G		55 - 85 d.C.	Copiro	(…)PIRO	1a	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2019, fig. 10 nº 97
3652	82	Sg - G	Drag. 18	30 - 60 d.C.	Firmo I	FIRMO	9-b	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2019, fig. 8 nº 83
3653	82	Sg - G	Drag. 27	30 - 65 d.C.	Maccarvs I	OF.MACCAI	13-j	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2019, fig. 10 nº 98
3654	82	Sg - G / R / B	Drag. 27	50 - 80 d.C.	Sabinvs III	O.SABIN(…)	19-b	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2019, fig. 10 nº 99
3655	82	Sg - G	Drag. 27			LA(…)		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2019, fig. 8 nº 78
3656	82	His - LR (TM / B)			Fvscvs	FFVSCVS	M. 217	Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2019, fig. 11 nº 109
3657	82	Sg - G				(…)		Rectangular de lado arredondados	Viegas, 2019, p. 122
3658	83	Sg	Drag. 24/25		Riomarvs	RI.OFE		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, p. 163
3659	83	Sg - G	Drag. 27		Grafomorfo	IIIII		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2012, p. 163
3660	83	Sg - G		65 - 85 d.C.	Felicio I	FELICISI		S/R	Pereira, 2012, p. 163
3661	86	It		15 a.C. - 15 d.C.	Chrestvs (2)	CHRESTI	553	450	Oleiro nº 16; A. Alarcão, 1971
3662	86	It - ItC		15 a.C. - 15 d.C.	Vibi(vs?)	VIBI	2379	450	Teichner, 1997, Abb. 18 G. 5
3663	71	Sg - M	Drag. 29	30 - 65 d.C.	Repentinvs I	OF.REPE	2b	368	Lopes, 1989, fig. 2
3664	85	It - ItC		10 a.C. - 10 d.C.	Epo()	(…)EPO		X - 404	Arruda & Dias, 2018, p. 167
3665	85	It		15 a.C. - 15 d.C.	Chrestvs (2)	(…)HRIISTI		X - 404	Arruda & Dias, 2018, p. 167
3666	85	Sg - G		40 - 70 d.C.	Castvs I	CASTVSF	11-a	S/R	Oswald 1931
3667	85	Sg - G		60 - 80 d.C.	Primvs III-Sco-	PRIMISCO	6-a	S/R	Oswald 1931
3668	85	Sg - G	Drag. 24/25	85 - 120 d.C.	Fvscvs II	F(…)SC	9a	Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2014, Est. 154 nº 3
3669	85	His	His. 15/17		A. F() P()	EXOFAFP		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2014, Est. 154 nº 6
3670	85	Sg - G	Drag. 18			(…)		Rectangular de lado arredondados	Pereira, 2014, Est. 89.1
3671	85	Sg - M		5 - 25 d.C.	L. Paconivs	L. PACONIVS		Rectangular alongada	Arruda & Sousa, 2018, p. 210
3672	80	It - A		5 a.C. - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.COR	624,39	450	A. Alarcão, 1971
3673	48	Sg - G / M		25 - 50 d.C.	Acvtvs I	(…)		Rectangular alongada	Ferreira, 1969, p. 166; Diogo, 1980b, nº 3
3674	48	His - LR	Taça		Aemilivs E()	EXOFAEME	M. 11	Rectangular com lados bífidos	Mayet, 1983, Nº 11

3675	48	His - LR (AAb)	Taça	70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI	M. 125	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Nº 125
3676	48	His - LR	Taça	70 - 155 d.C.	Firmvs Tritiensis	(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1983, P. 133
3677	48	His - LR	His. 35		Karacter	KARACTER	M. 259	Rectangular com lados bífidos	Mayet, 1983, Nº 259
3678	48	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI	M. 262	Rectangular com lados bífidos	Mayet, 1983, Nº 262
3679	48	His - LR (TM - Q)	His. 27	70 - 150 d.C.	Lapillvs	LAPILLI	M. 264	Rectangular com lados bífidos	Mayet, 1983, Nº 264
3680	48	His - LR	His. 15/17		Lvcivs Pi()	OF.LVCIPI	M. 310	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Nº 310
3681	48	His - LR	Taça		Lvcivs Pi()	OFLVPI	M. 313	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Nº 313
3682	48	His - LR	His. 27		L. Sempronivs Valerivs	(…)SEM.VALE	M. 313	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Nº 341
3683	48	His - LR	His. 15/17		L. Sempronivs Valerivs	O.L.S(…)M.VALE	M. 313	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Nº 342
3684	48	His - LR (TM)	Taça	70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMPRO	M. 576	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Nº 576
3685	48	His - LR (TM)	Taça	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OF.SEM	M. 593	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Nº 593
3686	48	His - LR	His. 15/17		S() Ma() Tr(itiensis)	OFSMA	M. 610	Rectangular alongada	Mayet, 1983, Nº 610
3687	48	His - LR	His. 15/17	80 - 105 d.C.	Svrivs	OFSVR	M. 628	Rectangular com lados bífidos	Mayet, 1983, Nº 628
3688	48	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVAPA		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 185
3689	48	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAPA		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 185
3690	48	His - LR (TM)		80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	(…)PA.T		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 185
3691	48	His	Taça			OF.V(…)RI	M. 752	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 752
3692	48	His	His. 27			(…)FV.K	M. 761	Rectangular com lados bífidos	Mayet, 1983, nº 761
3693	48	His	His. 27			OF(…)M		Rectangular alongada	Wolfram, 2015. Fig 15
3694	48	His	His. 27		Anepígrafa	(…)		Rectangular alongada	Wolfram, 2015. Fig 15
3695	48	His	His. 15/17		M. P() M()	OFMPM		Rectangular alongada	Wolfram, 2015. Fig 15
3696	70	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	(…)XOFSEM		Rectangular alongada	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Nº 233
3697	70	His - A	Taça		C. A() H()	C.A(…)		Rectangular alongada	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Pl. XIX Nº 150
3698	70	Sg - G	Drag. 27			(…)A		Rectangular alongada	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Pl. XVII Nº 72
3699	70	Sg - G		25 - 50 d.C.	Secvndvs I	(…)NDI	2c	Rectangular alongada	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Pl. XIV Nº 30

3700	70	Sg - G		50 - 75 d.C.	C. Ivlivs Celer (Cicelr- etc.)	OFCIC(…)	1-a	Rectangular alongada	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Pl. XIV Nº 31
3701	70	Sg - G	Taça	65 - 90 d.C.	Crestvs I	OFCRES	2a'	Rectangular alongada	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Pl. XIV Nº 32
3702	70	Sg - G / R / B		50 - 80 d.C.	Sabinvs III	OSABIN	20b	Rectangular alongada	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Pl. XIV Nº 33
3703	70	Sg - G	Taça	70 - 100 d.C.	Vitalis II	VITALIS	25d	Rectangular alongada	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Pl. XIV Nº 34
3704	70	Sg - G				AL		Rectangular alongada	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Pl. XIV Nº 35
3705	70	Sg - G	Taça			(…)EI		Rectangular alongada	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Pl. XIV Nº 36
3706	70	It - Pi	Taça	5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOILI	2544,66	603	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Pl. XIII Nº 4
3707	70	Sg - G	Drag. 18/31		Secvndinvs I	SECVNDINI	5a	Rectangular alongada	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Pl. XIII Nº 7
3708	70	Sg - G	Drag. 18/31	80 - 120 d.C.	Flavivs Sabinvs	OFFSAB	3e	Rectangular alongada	Alarcão, Mayet & Etienne, 1990, Pl. XIII Nº 12
3709	68	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFVAP(…)		Rectangular de lado arredondados	Maia e Maia, 1974, p. 126, Fig. 18
3710	17	It		20 a.C. - 40 d.C.	Avillivs	AVIL	371,33	601	Cardílio, est. IV.13; A. Alarcão, 1971
3711	17	It - Pi		5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	ZOIL (retro)	2544,84	612	Cardílio, est. IV.13; A. Alarcão, 1971
3712	81	It - A		10 a.C. - 10 d.C.	L. Annivs (2)	(…)	164	X - 404	Alves, 2014, p. 394
3713	81	It - A	Consp. 12-13	20 - 1 a.C.	L. Tettivs (2)	L.TE	2094	501	Alves, 2014, p. 394
3714	81	It - Pi		5 a.C. - 50 d.C.	Zoilvs (2)	(…)	2544	450	Alves, 2014, p. 394
3715	81	It - Vas		10 a.C. - 10 d.C.	Qvartio (2)	(…)	1599	X - 404	Alves, 2014, p. 394
3716	47	His - LR	His. 27	70 - 105 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PETEROOFI	M. 482	Rectangular alongada	Caeiro, 1979, nº 1; Mayet, 1984, Pl. CCXVI nº 482
3717	47	His - LR	Taça	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATER.ALE	M. 464	Rectangular alongada	Caeiro, 1979, nº 9; Mayet, 1984, Pl. CCXVI nº 464
3718	47	His - LR	His. 27		Annivs O()	EX.OF.ANO	M. 438	Rectangular alongada	Caeiro, 1979, Estampa A; Mayet, 1983, Nº 438
3719	47	His - LR (TM)		80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	A(…)RN		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 122
3720	47	His - LR (AA - LP)	His. 27	80 - 100 d.C.	Brito	OFBRITO	M. 74	Rectangular alongada	Caeiro, 1979, Estampa A; Mayet, 1983, Nº 74
3721	47	His - LR (TM)		85 - 100 d.C.	Caivs Lvc()	CA(…)VO		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 126
3722	47	His - LR	His. 15/17	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCITR	M. 192	Rectangular alongada	Caeiro, 1979, p. 228 - 230; Mayet, 1983, Nº 192
3723	47	His - LR	His. 15/17	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCITR	M. 200	Rectangular alongada	Caeiro, 1979, p. 230; Mayet, 1983, Nº 200
3724	47	His - LR	His. 15/17	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	FLACCI(…)		Rectangular alongada	Caeiro, 1979, p. 230, Estampa A; Mayet, 1983, p. 135

3725	47	His - LR	His. 15/17	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	(…)ACCITR		Rectangular alongada	Caeiro, 1979, p. 230; Mayet, 1983, p. 135
3726	47	His - LR			Gaivs Tritiensis	G.A(…)TR		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 137
3727	47	His - LR	His. 27		Gaivs Tritiensis	G.A.I.TR.	M. 219	Rectangular alongada	Caeiro, 1979, Nº 3; Mayet, 1983, Nº 192
3728	47	His - LR		70 - 100 d.C.	Miccio	OFM(…)		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 154
3729	47	His - LR	His. 15/17		Mimvs	EXOMIM	M. 395	Rectangular com lados bífidos	Mayet, 1983, nº 395
3730	47	His - LR (TM)	His. 24/25		Paternvs	PATERNI	M. 455	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 455
3731	47	His - LR	His. 27	80 - 110 d.C.	Paternvs Ale()	PATERALE	M. 467	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 467
3732	47	His - LR (TM)	His. 27	70 - 110 d.C.	Sempronivs	OFSEMPR	M. 585	Rectangular alongada	Mayet, 1983, nº 585
3733	47	His - LR (AA - LP)		80 - 100 d.C.	Brito	(…)RITO		Rectangular alongada	Mayet, 1983, p. 123
3734	53	His - LR	His. 46	70 - 100 d.C.	Miccio	OF.MICCIO	M. 385	Rectangular alongada	Comfort, 1959, P. 22 Nº 2; Mayet, 1983, Nº 385; Rolo, 2010, p. 361
3735	53	His - LR	His. 46	70 - 100 d.C.	Miccio	IIX.OF.MICC	M. 390	Rectangular alongada	Comfort, 1959, P. 3 Nº 6; Mayet, 1983, Nº 390; Rolo, 2010, p. 390 - 391
3736	53	His - LR	His. 46	70 - 100 d.C.	Miccio	IIX.OF.MIC	M. 392	Rectangular alongada	Comfort, 1959, P. 3 Nº 5; Mayet, 1983, Nº 392; Rolo, 2010, p. 363-364
3737	53	His - LR	His. 46	70 - 100 d.C.	Miccio	IIX.OF.MI	M. 393	Rectangular alongada	Comfort, 1959, P. 3 Nº ; Mayet, 1983, Nº 393; Rolo, 2010, p. 392-393
3738	53	His	His. 27		Scren()	OF.SCRIIN		Rectangular de lado arredondados	Rolo, 2010, p. 244
3739	53	His - LR	His. 27			M(…)IV		Rectangular de lado arredondados	Rolo, 2010, p. 315
3740	53	His - LR	His. 35			O(…)O		Rectangular de lado arredondados	Comfort, 1959, p. 3, nº 9, e Fig. 1, nº 3.; Rolo, 2010, p. 333-334
3741	53	His - LR	His. 27		Oem()	OIIM		Rectangular de lado arredondados	Rolo, 2010, p. 258
3742	53	His - LR	His. 27			OII(…)INO		Rectangular de lado arredondados	Comfort, 1959, p. 3, nº 3.; Rolo, 2010, p. 359-360
3743	53	His - LR	His. 27		Anepígrafa	(…)		Rectangular de lado arredondados	Rolo, 2010, p. 3429
3744	51	His	His. 24/25		M. P() M()	MLBM		Rectangular de lado arredondados	Rolo, 2017, fig. 8 nº 3
3745	77	Sg - G	Drag. 18	50 - 75 d.C.	Libertvs I	IREX(…)IBER(…)		Rectangular de lado arredondados	Diogo, Trindade & Costa, 1997, nº 1
3746	77	Sg - G	Drag. 27	70 - 110 d.C.	Mercator I (Mercatoris?)	OFMERC	1-a	Rectangular de lado arredondados	Diogo, Trindade & Costa, 1997, nº 2
3747	77	Sg - G	Taça	50 - 65 d.C.	Pipervs	PIPERI	2b	Rectangular de lado arredondados	Diogo, Trindade & Costa, 1997, nº 3
3748	77	His - A	Taça		C. A() H()	EXOF(…)AH		Rectangular de lado arredondados	Diogo, Trindade & Costa, 1997, nº 4
3749	77	His - A	Taça		C. A() H()	(…)AH		Rectangular de lado arredondados	Diogo, Trindade & Costa, 1997, nº 5

3750	77	His - A	Taça		F()	EXOF.F		Rectangular de lado arredondados	Diogo, Trindade & Costa, 1997, nº 6
3751	77	His - LR	His. 27	85 - 105 d.C.	Flaccvs Tritienses	(…)LACCIT(…)		Rectangular de lado arredondados	Diogo, Trindade & Costa, 1997, nº 7
3752	77	His - LR	Prato		Q. Fabivs Tritiensis	OFQFABTR		Rectangular de lado arredondados	Diogo, Trindade & Costa, 1997, nº 8
3753	69	His	Taça		Octavivs	OCTA		Rectangular de lado arredondados	Caeiro, 1985, p. 18
3756	14	Sg - G	Drag. 15/17	0 - 100 d.C.	Lentinvs I	LENTINVS	1a	Rectangular de lado arredondados	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 284
3757	14	Sg - G	Drag. 24/25			(…)		Rectangular de lado arredondados	Escavações antigas
3558	14	His - LR	His. 27			(…)		Rectangular de lado arredondados	Escavações antigas
3759	14	Sg - G	Drag. 24/25			SPNII		Rectangular de lado arredondados	Escavações antigas
3560	14	It	Consp. 36		N. K()	NK		6S/R3	Escavações antigas
3561	14	His - LR	His. 27			(…)O		Rectangular de lado arredondados	Escavações antigas
3760	14	Sg - G	Drag. 24/25			(…)II		Rectangular de lado arredondados	Escavações antigas
3761	14	His - LR	Taça	80 - 105 d.C.	L. Nas() De()	LNA(…)DII	M. 301	Rectangular alongada	A. Alarcão, Delgado, Etienne; 1977; p. 110-130; Nº 395; Mayet, 1983, p. 145
3762	78	Sg - G / R		40 - 80 d.C.	Primvs III	OFPRIMI	12g	Rectangular alongada	Silva et all 1984, 31
3763	92	Sg - G		70 - 95 d.C.	Frontinvs	(…)		S/R	Silva 2013, 705
3764	15	Sg - G		70 - 95 d.C.	Frontinvs	(…)		S/R	Silva 2013, 705; Ruivo 1999
3765	49	Sg - G		30 - 65 d.C.	Maccarvs I	(…)		S/R	Carneiro e Sepúlveda, 2011, Silva 2013
3766	88	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	VAPA		Rectangular alongada	Nolen 1994, nº 9
3767	88	His - LR (TM)	Taça	80 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	VAPA		Rectangular alongada	Nolen 1994, nº 9
3768	48	His - LR (TM)			Maternvs Tritiensis	(…)		Rectangular alongada	Silva 2013, 488; Bustamante Alvarez 2010a, 565
3769	48	His - LR (TM)		80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	(…)		Rectangular alongada	Silva 2013, 469
3770	93	His - LR (TM)		80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	(…)		Rectangular alongada	Silva 2013, 469
3771	94	His - LR (TM)		80 - 110 d.C.	Attivs Paternvs	(…)		Rectangular alongada	Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 93
3772	63	His - LR (AAb)		70 - 100 d.C.	Cantaber	CANTABRI		S/R	Diogo 1980, 23 nº 20; Bustamante Alvarez 2010, 192
3773	60	His - LR (TM)			Accvnicvs	ACVNIC		Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 2; Mayet, 1983, Pl. CCVIII, nº 5
3774	60	His - LR (TM)			Accvnicvs	ACVNIC		Rectangular alongada	Mayet, 1973, Pl. IV, nº 2; Mayet, 1983, Pl. CCVIII, nº 5

3775	45	His - LR (TM - Q)		70 - 150 d.C.	Lapillvs	(…)		S/R	Jiménez Marzo 2008: 182
3776	40	His - LR			Lvcretivs Firmvs	(…)LVC.FIR		Rectangular alongada	Mayet 1984, 146
3777	40	His - LR		70 - 100 d.C.	Miccio	OF.MCCIO		Rectangular alongada	Mayet 1984, 154
3778		Sg. - G		70 - 110 d.C.	Frontinivs	OFFRONTINI		Indiferenciada	Ruivo 1999, 128; Silva 2013, Anexos
3779		It - Pz		10 a.C. - 10 d.C.	Corn()	CORN	609.2	S/R	Andrade & Andrade 1974-77, 409; Silva 2013, Anexos
3780		His		70 - 120 d.C.	Volvs	OVOL.IVID		Indiferenciada	Ferreira 1969, p. 191; Silva 2013, Anexos
3781		His - LR		70 - 100 d.C.	Pet(ronivs) Eros	PET.EROOFI		Indiferenciada	Mayet 1984, 163; Silva 2013, Anexos
3782		His - LR		80 - 100 d.C.	Segivs Tritiensis	SEGITR.OF	M.570	Indiferenciada	Mayet 1984, nº 570; Silva 2013, Anexos
3783		His - LR		70 - 100 d.C.	Seliesivs FI()	SELIESI.FI	M.573	Indiferenciada	Mayet 1984, nº 573; Silva 2013, Anexos
3784		His - LR		90 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EX.OFVAPA		Indiferenciada	Mayet 1984, 185; Silva 2013, Anexos
3785		His - LR	Hisp. 27	90 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OF.VAPA		Indiferenciada	Ponte 1988, 74; Silva 2013, Anexos
3786		It - P		5 a.C. - 20 d.C.	Cn. Ateivs (3)	CN.ATE		S/R	Ponte 1988, 72; Silva 2013, Anexos
3787		It - Et	Pratél	40 - 20 a.C.	Zethvs Caivs Sentivs	(…)HI/(…)SENT	1868.1	S/R	Quaresma & Calais 2005, 431; Silva 2013, Anexos
3788		Sg. - G	Drag. 15/17	60 - 100 d.C.	Sabinvs III	OF.SABI		Indiferenciada	Diogo 1980a, nº 240; Silva 2013, Anexos
3789		Sg. - G			L. Tr() Masc(v)lvs	P.LASCI		Indiferenciada	Oliveira 2010, 358; Silva 2013, Anexos
3790		Sg. - G		45 - 70 d.C.	Masclvs I (Mascvlvs)	PLASCI(…)	V.M.35-36	Indiferenciada	Oleiro 1951, 19; Silva 2013, Anexos
3791		Sg. - G	Drag. 24/25			(…)		Indiferenciada	Silva 2013, Anexos
3792		Sg. - G	Drag. 27	65 - 100 d.C.	Patricivs I	OFPATRIC	V. 23-	Indiferenciada	Silva 2013, Anexos
3793		It - P	Taça	65 - 150 d.C.	Sex. Mvrrivs Festvs	S.M.F.		S/R	Silva 2013, Anexos
3794		Sg. - G	Drag. 18	35 - 65 d.C.	Licinvs	LICINVS		Indiferenciada	Diogo 1980a, nº 124; Silva 2013, Anexos
3795		His - LR	Hisp. 15/17			(…)		Indiferenciada	Carneiro 2004, 99; Silva 2013; Anexos
3796		His - LR	Hisp. 15/17			(…)		Indiferenciada	Carneiro 2004, 99; Silva 2013; Anexos
3797		His - LR	Hisp. 27			(…)		Indiferenciada	Carneiro 2004, 99; Silva 2013; Anexos
3798		His - LR	Hisp. 27			(…)		Indiferenciada	Carneiro 2004, 99; Silva 2013; Anexos
3799		His - LR	Hisp. 27			(…)		Indiferenciada	Carneiro 2004, 99; Silva 2013; Anexos

3800	It - P	Taça	5 a.C. - 50 d.C.	Cn. Ateivs Xanthvs (2)	XAN(…)	2536.O	S/R	Diogo 1980b, nº 31; Silva 2013, Anexos
3801	His - LR	Taça	90 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	EXOFVAPA		Indiferenciada	Nóbrega 2003; Silva 2013, Anexos
3802	It	Consp. 2.2.6	15 a.C. - 15 d.C.		(…)		S/R	Viegas 2006, 187; Silva 2013, Anexos
3803	Sg. - G		45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	OMVRRA		Indiferenciada	Oleiro 1951, 21; Silva 2013, Anexos
3804					(…)		S/R	Correia 2009, 20; Silva 2013, Anexos
3805	Sg. - G		40 - 70 d.C.	Castvs I	OFCAS(…)O		Indiferenciada	Ferreira 1969, 80; Silva 2013, Anexos
3806	Sg. - G	Taça	30 - 55 d.C.	Fvscvs I	FVSCI		Indiferenciada	Silva, Soares & Dias, 1984, Fig. 20; Silva 2013, Anexos
3807	Sg. - G		50 - 70 d.C.	Bassvs II	OFBASSI		Indiferenciada	Silva, Soares & Dias, 1984, Fig. 20; Silva 2013, Anexos
3808	Sg. - G		65 - 90 d.C.	Rvfinvs III	RVFNI		Indiferenciada	Silva, Soares & Dias, 1984, Fig. 20; Silva 2013, Anexos
3809	His - LR	His. 27	70 - 100 d.C.	Attivs Brittonis	ATTBRTTON	M.52	Indiferenciada	Silva, Soares & Dias, 1984, Fig. 20; Silva 2013, Anexos
3810	Sg. - G		60 - 80 d.C.	Sabinvs III	ONIBAS.		Indiferenciada	Silva, Soares & Dias, 1984, Fig. 20; Silva 2013, Anexos
3811	Sg. - G		40 - 70 d.C.	Castvs I	OFCAST		Indiferenciada	Oleiro 1950, 12; Silva 2013, Anexos
3812	Sg. - G	Drag. 27	45 - 75 d.C.	Crestio	CREST		Indiferenciada	Pinto 1929, 22; Silva 2013, Anexos
3813	It	Taça			(…)		S/R	Figueiredo & Santos 2006, 56; Silva 2013, Anexos
3814	Sg. - G				(…)		Indiferenciada	Santos 2009, 89; Silva 2013, Anexos
3815					(…)		S/R	Silva 2013, Anexos
3816	His - LR	Taça	90 - 200 d.C.	Valerivs Paternvs	OFIVAPA		Indiferenciada	Mayet 1984, 185; Silva 2013, Anexos
3817	It	Taça		Primvs	PRIM		S/R	Feio 2006, 11; Silva 2013, Anexos
3818	His - LR		70 - 110 d.C.	Sempronivs	SEMPER		Indiferenciada	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3819	His - LR		70 - 110 d.C.	Svrivs	OF.SVRIV		Indiferenciada	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3820	It - A			Rasinivs (1)	RASN		S/R	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3821	It - A/P	Taça	10 a.C. - 10 d.C.	Memmivs (2)	MEM	1137.2	S/R	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3822	It - A/P/L			Ateivs (5)	ANTEI		S/R	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3823	It			Favstvs Clavdivs?	(…)		S/R	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3824	It				(…)VCEA/(…)MOM		S/R	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos

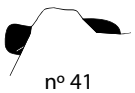
3825	It - Ic		Anthvs	ANT/HVS	201.1	S/R	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3826	Sg. - G			M(...)		Indiferenciada	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3827	Sg. - G		Castvs I	CASTI		Indiferenciada	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3828	Sg. - G	60 - 90 d.C.	Mommo	MOM(…)		Indiferenciada	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3829	Sg. - G	60 - 90 d.C.	Mommo	MOMO		Indiferenciada	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3830	Sg. - G	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	MVR(…)		Indiferenciada	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3831	Sg. - G	45 - 90 d.C.	Mvrranvs I	MVRRM		Indiferenciada	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3832	Sg. - G		Primvs III	PRIMVS		Indiferenciada	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3833	Sg. - G	25 - 70 d.C.	Secvndvs I	SECVND		Indiferenciada	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3834	Sg. - G	55 - 95 d.C.	Verecvndvs	VER(…)		Indiferenciada	Ferreira 1969, 95; Silva 2013, Anexos
3835	Sg. - G	35 - 65 d.C.	Scotnvs	SCOTNVS		Indiferenciada	Baptista 1998; Silva 2013 Anexos
3836	Sg. - G	65 - 90 d.C.	C. Silvivs Patricivs	C. SILVI		Indiferenciada	Diogo 1980a, 173; Silva 2013, Anexo
3837	Sg. - G	45 - 75 d.C.	Crestio	OFCRES		Indiferenciada	Diogo 1980a, 173; Silva 2013, Anexo
3838	It	10 a.C. - 10 d.C.	A. Vettivs Optatvs	VETTI/OPTAT	2355.5	S/R	Maia 1987, 100; Silva 2013, Anexo
3839	It - A	Consp. 23.1	15 - 50 d.C.	L. Gellivs	GELI	878.39	S/R	Maia 1987, 100; Silva 2013, Anexo
3840	It - A		(+) 5 a.C.	Avctvs P. Cornelivs	P.CORNE/AVCTV	633.1	S/R	Maia 1987, 100; Silva 2013, Anexo
3841	It - A	Consp. 22	20 - 1 a.C.	L. Tittivs	L.TI	2094.16	S/R	Maia 1987, 100; Silva 2013, Anexo
3842	It - P		15 - 40 d.C.	Cn. Ateivs (3)	CN.ATE	275.66-77	S/R	Maia 1987, 100; Silva 2013, Anexo
3843	It - P		15 - 50 d.C.	Cn. Ateivs Zoilvs (2)	ZOILI	3544.60-69	S/R	Maia 1987, 100; Silva 2013, Anexo
3844	It - Vp		120 - 40 d.C.	Fortvnatvs (1)	FO(…)	846.1	S/R	Maia 1974; Silva 2013, Anexo
3845	It - Vp		1 - 15 d.C.	Rom()	ROM	1712.1	S/R	Maia 1974; Silva 2013, Anexo
3846	Sg. - G		40 - 70 d.C.	Sentrvs II	SENTRVS.FE	2a	Indiferenciada	Diogo 1980a, 267; Silva 2013, Anexos
3847	Sg. - G	Prato	40 - 70 d.C.	Sentrvs II	SENTRVS.FE	2a	Indiferenciada	Diogo 1980a, 267; Silva 2013, Anexos
3848	Sg. - G	Drag. 24/25	55 - 75 d.C.	Severvs III	SEVER		Indiferenciada	Diogo 1980a, 267; Silva 2013, Anexos
3849	It - A	Consp. 23.2.2	25 - 40 d.C.	P. Cornelivs (2)	P.CORN	624.61	S/R	Diogo 1980a, 267; Silva 2013, Anexos

Anexo III - Marcas de oleiro em *terra sigillata* de *Conimbriga*

nº 38
(Conimbriga - inédita)

nº 39
(Conimbriga - inédita)

nº 40
(Conimbriga - inédita)



nº 41
(Conimbriga - inédita)

nº 42
(Conimbriga - inédita)

nº 43
(Conimbriga - inédita)

nº 44
(Conimbriga - inédita)

nº 45
(Conimbriga - inédita)

nº 46
(Conimbriga - inédita)

nº 47
(Conimbriga - inédita)

nº 48
(Conimbriga - inédita)

nº 49
(Conimbriga - inédita)

nº 50
(Conimbriga - inédita)

nº 51
(Conimbriga - inédita)

nº 52
(Conimbriga - inédita)

nº 53
(Conimbriga - inédita)

nº 54
(Conimbriga - inédita)

nº 55
(Conimbriga - inédita)

nº 56
(Conimbriga - inédita)

nº 57
(Conimbriga - inédita)

nº 58
(Conimbriga - inédita)

nº 59
(Conimbriga - inédita)

nº 60
(Conimbriga - inédita)

nº 61
(Conimbriga - inédita)

nº 62
(Conimbriga - inédita)

nº 63
(Conimbriga - inédita)

nº 64
(Conimbriga - inédita)

nº 65
(Conimbriga - inédita)

nº 66
(Conimbriga - inédita)

nº 67
(Conimbriga - inédita)

nº 68
(Conimbriga - inédita)

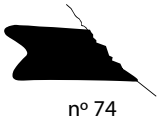
nº 69
(Conimbriga - inédita)

nº 70
(Conimbriga - inédita)

nº 71
(Conimbriga - inédita)

nº 72
(Conimbriga - inédita)

nº 73
(Conimbriga - inédita)



nº 74
(Conimbriga - inédita)

nº 75
(Conimbriga - inédita)

nº 76
(Conimbriga - inédita)

nº 77
(Conimbriga - inédita)

nº 78
(Conimbriga - inédita)

nº 79
(Conimbriga - inédita)

nº 80
(Conimbriga - inédita)

nº 81
(Conimbriga - inédita)

nº 82
(Conimbriga - inédita)

nº 83
(Conimbriga - inédita)

nº 84
(Conimbriga - inédita)

nº 85
(Conimbriga - inédita)

nº 86
(Conimbriga - inédita)

Escala 1:1

nº 87
(Conimbriga - inédita)

nº 88
(Conimbriga - inédita)

nº 89
(Conimbriga - inédita)

nº 90
(Conimbriga - inédita)

nº 91
(Conimbriga - inédita)

nº 92
(Conimbriga - inédita)

nº 93
(Conimbriga - inédita)

nº 94
(Conimbriga - inédita)

nº 95
(Conimbriga - inédita)

nº 96
(Conimbriga - inédita)

nº 97
(Conimbriga - inédita)

nº 98
(Conimbriga - inédita)

nº 99
(Conimbriga - inédita)

nº 100
(Conimbriga - inédita)

nº 101
(Conimbriga - inédita)

nº 102
(Conimbriga - inédita)

nº 103
(Conimbriga - inédita)

nº 104
(Conimbriga - inédita)

nº 105
(Conimbriga - inédita)

nº 106
(Conimbriga - inédita)

nº 107
(Conimbriga - inédita)

nº 108
(Conimbriga - inédita)

nº 109
(Conimbriga - inédita)

nº 110
(Conimbriga - inédita)

nº 111
(Conimbriga - inédita)

nº 112
(Conimbriga - inédita)

nº 113
(Conimbriga - inédita)

nº 114
(Conimbriga - inédita)

nº 115
(Conimbriga - inédita)

nº 116
(Conimbriga - inédita)

nº 117
(Conimbriga - inédita)

nº 118
(Conimbriga - inédita)

nº 119
(Conimbriga - inédita)

nº 120
(Conimbriga - inédita)

nº 121
(Conimbriga - inédita)

nº 122
(Conimbriga - O.C.K.)

nº 123
(Conimbriga - Alarcão 1971b, 17)

nº 124
(Conimbriga - Alarcão 1971b, 49)

nº 125
(Conimbriga - Alarcão 1971b, 34)

nº 126
(Conimbriga - Alarcão 1971b)

nº 127
(Conimbriga - Alarcão 1971b, 18)

nº 128
(Conimbriga - Alarcão 1971b, 13)

nº 129
(Conimbriga - inédita)

nº 130
(Conimbriga - inédita)

nº 131
(Conimbriga - inédita)

nº 132
(Conimbriga - inédita)

nº 133
(Conimbriga - inédita)

nº 134
(Conimbriga - inédita)

nº 135
(Conimbriga - inédita)

nº 136
(Conimbriga - inédita)

nº 137
(Conimbriga - inédita)

nº 138
(Conimbriga - inédita)

nº 139
(Conimbriga - inédita)

nº 140
(Conimbriga - inédita)

nº 141
(Conimbriga - inédita)

nº 142
(Conimbriga - inédita)

nº 143
(Conimbriga - inédita)

nº 144
(Conimbriga - inédita)

nº 145
(Conimbriga - inédita)

nº 146
(Conimbriga - inédita)

nº 147
(Conimbriga - inédita)

nº 148
(Conimbriga - inédita)

nº 149
(Conimbriga - inédita)

nº 150
(Conimbriga - inédita)

nº 151
(Conimbriga - inédita)

nº 152
(Conimbriga - inédita)

nº 153
(Conimbriga - inédita)

nº 154
(Conimbriga - inédita)

nº 155
(Conimbriga - inédita)

nº 156
(Conimbriga - inédita)

nº 157
(Conimbriga - inédita)

nº 158
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 159
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 763)

nº 160
(Conimbriga - inédita)

nº 161
(Conimbriga - inédita)

nº 162
(Conimbriga - inédita)

nº 163
(Conimbriga - inédita)

nº 164
(Conimbriga - inédita)

nº 165
(Conimbriga - inédita)

nº 166
(Conimbriga - inédita)

nº 167
(Conimbriga - inédita)

nº 168
(Conimbriga - inédita)

nº 169
(Conimbriga - inédita)

nº 170
(Conimbriga - inédita)

nº 171
(Conimbriga - inédita)

nº 172
(Conimbriga - inédita)

nº 173
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 184)

nº 174
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 105)

nº 175
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 601)

nº 176
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 336)

nº 177
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 45)

nº 178
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 213)

nº 179
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 22)

nº 180
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 193)

nº 181
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 215)

nº 182
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 52)

nº 183
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 616)

nº 184
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 615)

nº 185
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 602)

nº 186
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 613)

nº 187
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 78)

nº 188
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 58)

nº 189
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 57)

nº 190
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 75)

nº 191
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 74)

nº 192
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 18)

nº 193
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 73)

nº 194
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 71)

nº 195
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 72)

nº 196
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 61)

nº 197
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 82)

nº 198
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 76)

nº 199
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 66)

nº 200
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 83)

nº 201
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 81)

nº 202
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 62)

nº 203
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 77)

nº 204
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 69)

nº 205
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 70)

nº 206
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 79)

nº 207
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 9)

nº 208
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 20)

nº 209
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 26)

nº 210
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 19)

nº 211
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 24)

nº 212
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 15)

nº 213
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 25)

nº 214
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 27)

nº 215
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 10)

nº 216
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 22)

nº 217
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 1)

nº 218
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 17)

nº 219
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 11)

nº 220
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 3)

nº 221
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 7)

nº 222
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 2)

nº 223
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 8)

nº 224
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 23)

nº 225
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 16)

nº 226
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 30)

nº 227
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 13)

nº 228
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 12)

nº 229
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 35)

nº 230
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 53)

nº 231
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 43)

nº 232
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 33)

nº 233
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 48)

nº 234
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 31)

nº 235
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 52)

nº 236
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 36)

nº 237
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 32)

nº 238
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 34)

nº 239
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 39)

nº 240
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 80)

nº 241
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 38)

nº 242
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 56)

nº 243
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 55)

nº 244
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 45)

nº 245
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 41)

nº 246
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 50)

nº 247
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 49)

nº 248
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 54)

nº 249
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 47)

nº 250
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 46)

nº 251
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 44)

nº 252
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 37)

nº 253
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 40)

nº 254
(Conimbriga - Mayet 1973, nº 51)

nº 255
(Conimbriga - Mayet 1973)

nº 256
(Conimbriga - inédita)

nº 257
(Conimbriga - inédita)

nº 258
(Conimbriga - inédita)

nº 259
(Conimbriga - inédita)

nº 260
(Conimbriga - inédita)

nº 261
(Conimbriga - Margalho 2012, 63)

nº 262
(Conimbriga - inédita)

nº 263
(Conimbriga - inédita)

nº 264
(Conimbriga - inédita)

nº 265
(Conimbriga - inédita)

nº 266
(Conimbriga - inédita)

nº 267
(Conimbriga - inédita)

nº 268
(Conimbriga - inédita)

nº 269
(Conimbriga - inédita)

nº 270
(Conimbriga - inédita)

nº 271
(Conimbriga - Mayet 1984, nº 280)

nº 272
(Conimbriga - inédita)

nº 273
(Conimbriga - inédita)

nº 274
(Conimbriga - Margalho 2012, 64)

nº 275
(Conimbriga - Margalho 2012, 64)

nº 276
(Conimbriga - Margalho 2012, 64)

nº 277
(Conimbriga - Margalho 2012, 64)

nº 278
(Conimbriga - inédita)

nº 279
(Conimbriga - Margalho 2012, 64)

nº 280
(Conimbriga - inédita)

nº 281
(Conimbriga - inédita)

nº 282
(Conimbriga - inédita)

nº 283
(Conimbriga - inédita)

nº 284
(Conimbriga - inédita)

nº 285
(Conimbriga - inédita)

nº 286
(Conimbriga - inédita)

nº 287
(Conimbriga - inédita)

nº 288
(Conimbriga - inédita)

nº 289
(Conimbriga - inédita)

nº 290
(Conimbriga - inédita)

nº 291
(Conimbriga - inédita)

nº 292
(Conimbriga - inédita)

nº 293
(Conimbriga - inédita)

nº 294
(Conimbriga - inédita)

nº 295
(Conimbriga - inédita)

nº 296
(Conimbriga - inédita)

nº 297
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 298
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 299
(Conimbriga - inédita)

nº 300
(Conimbriga - inédita)

nº 301
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 302
(Conimbriga - inédita)

nº 303
(Conimbriga - inédita)

nº 304
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 305
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 306
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 307
(Conimbriga - inédita)

nº 308
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 309
(Conimbriga - inédita)

nº 310
(Conimbriga - inédita)

nº 311
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 312
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 313
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 314
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 315
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 316
(Conimbriga - inédita)

nº 317
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 318
(Conimbriga - inédita)

nº 319
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 320
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 321
(Conimbriga - inédita)

nº 322
(Conimbriga - Cunha 2009)

nº 323
(Conimbriga - inédita)

nº 324
(Conimbriga - inédita)

nº 325
(Conimbriga - inédita)

nº 326
(Conimbriga - inédita)

nº 327
(Conimbriga - inédita)

nº 328
(Conimbriga - inédita)

nº 329
(Conimbriga - inédita)

nº 330
(Conimbriga - inédita)

nº 331
(Conimbriga - inédita)

nº 332
(Conimbriga - inédita)

nº 333
(Conimbriga - inédita)

nº 334
(Conimbriga - inédita)

nº 335
(Conimbriga - inédita)

nº 336
(Conimbriga - inédita)

nº 337
(Conimbriga - inédita)

nº 338
(Conimbriga - inédita)

nº 339
(Conimbriga - inédita)

nº 340
(Conimbriga - inédita)

nº 341
(Conimbriga - inédita)

nº 342
(Conimbriga - inédita)

nº 343
(Conimbriga - inédita)

nº 344
(Conimbriga - inédita)

nº 345
(Conimbriga - inédita)

nº 346
(Conimbriga - inédita)

nº 347
(Conimbriga - inédita)

nº 348
(Conimbriga - inédita)

nº 349
(Conimbriga - inédita)

nº 350
(Conimbriga - inédita)

nº 351
(Conimbriga - inédita)

nº 352
(Conimbriga - inédita)

nº 353
(Conimbriga - inédita)

nº 354
(Conimbriga - inédita)

nº 355
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 356
(Conimbriga - inédita)

nº 357
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 358
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 359
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 360
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 361
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 362
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 363
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 364
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 365
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 366
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 367
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 368
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 369
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 370
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 371
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 372
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 373
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 374
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 375
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 376
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 377
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 378
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 379
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 380
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 381
(Conimbriga - inédita)

nº 382
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 383
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 384
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 385
(Conimbriga - Mayet 1984)

nº 386
(Conimbriga - Mayet 1984)

Escala 1:1

nº 387
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 388
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 389
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 390
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 391
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 392
(Conimbriga - Inédita)

nº 393
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 394
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 395
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 396
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 397
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 398
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 399
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 400
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 401
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 402
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 403
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 404
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 405
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 406
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 407
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 408
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 409
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 410
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 411
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 412
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 413
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 414
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 415
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 416
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 417
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 418
(Conimbriga - Inédito)

nº 419
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 420
(Conimbriga - Inédito)

nº 421
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 422
(Conimbriga - Inédita)

nº 423
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 424
(Conimbriga - Inédita)

nº 425
(Conimbriga - Inédita)

nº 426
(Conimbriga - Inédita)

nº 427
(Conimbriga - Inédita)

nº 428
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 429
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 430
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 431
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 432
(Conimbriga - Inédita)

nº 433
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 434
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 435
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 436
(Conimbriga - Alarcão, Mayet & Etienne 1974)

nº 437
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 438
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 439
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 440
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 441
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 442
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 443
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 444
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 445
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 446
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 447
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 448
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 449
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 450
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 451
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 452
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 453
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 454
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 455
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 456
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 457
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 458
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 459
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 460
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 461
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 462
(Conimbriga - inédita)

nº 463
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 464
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 465
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 466
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 467
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 468
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 469
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 470
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 471
(Conimbriga - Inédita)

nº 472
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 473
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

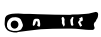
nº 474
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 475
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 476
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 477
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 478
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)



nº 479
(Conimbriga - Inédita)

nº 480
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 481
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 482
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 483
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 484
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 485
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 486
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 487

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 488

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 489

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 490

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 491

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 492

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 493

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 494

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 495

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 496

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 497

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 498

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 499

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 500

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 501

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 502

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 503

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 504

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 505

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 506

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 507

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 508

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 509

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 510

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 511

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 512

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 513

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 514

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 515

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 516

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 517

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 518

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 519

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 520

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 521

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 522

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 523

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 524

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 525

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 526

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 527

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 528

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 529

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 530

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 531

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 532

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 533

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 534

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 535

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 536

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 537

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 538

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 539

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 540

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 541

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 542

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 543

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 544

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 545

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 546

(Conimbriga - inédita)

nº 547

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 548

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 549

(Conimbriga - inédita)

nº 550

(Conimbriga - inédita)

nº 551

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 552

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 553

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 554

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 555

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 556

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 557

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 558

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 559

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 560

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 561

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 562

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 563

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 564

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 565

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 566

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 567

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 568

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 569

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 570

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 571

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 572

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 573

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 574

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 575

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 576

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 577

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 578

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 579

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 580

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 581

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 582

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 583

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 584

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 585

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 586

(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 587
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 588
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 589
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 590
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 591
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 592
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 593
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 594
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 595
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 596
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 597
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 598
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 599
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 600
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 601
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 602
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 603
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 604
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 605
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 606
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 607
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 608
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 609
(Conimbriga - Alarcão, Étienne & Mayet 1974)

nº 3756
(Conimbriga - inédita)

nº 3757
(Conimbriga - inédita)

nº 3758
(Conimbriga - inédita)

nº 3759
(Conimbriga - inédita)

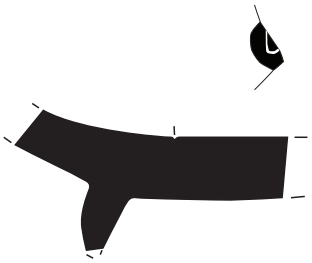
nº 3760
(Conimbriga - inédita)

nº 3761
(Conimbriga - inédita)

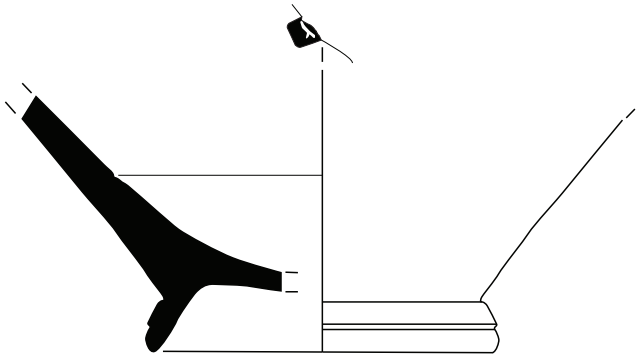
nº 3762
(Conimbriga - inédita)

nº 3763
(Conimbriga - inédita)

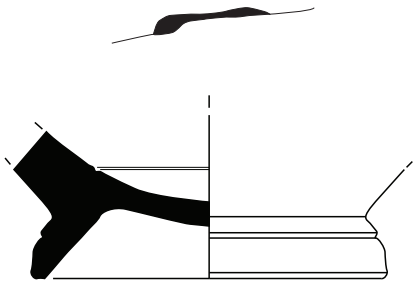
Anexo IV: Desenhos de fragmentos inéditos de *Conimbriga*



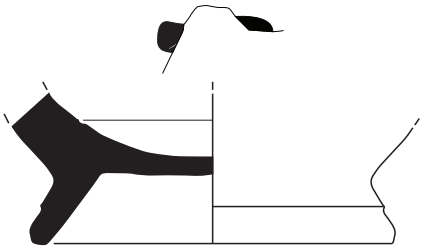
Nº 1
71-PAL-13-2
T.S.I.



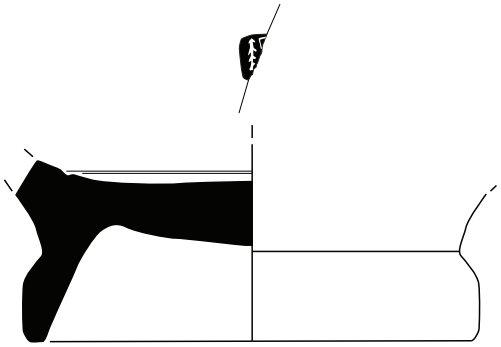
Nº 2
64-G-VIII-45-5
T.S.I.
Consp. 22.5.2



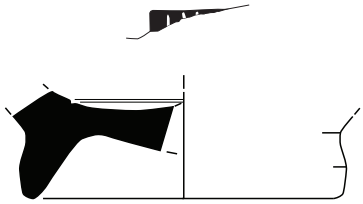
Nº 3
67-10
T.S.I.
Consp. 22



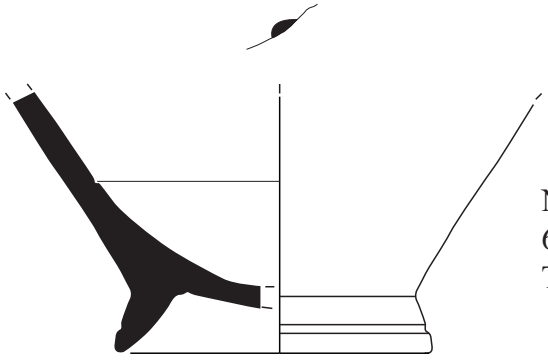
Nº 4
64-G-VIII-45-5
T.S.I. - Arezzo
Consp. 22



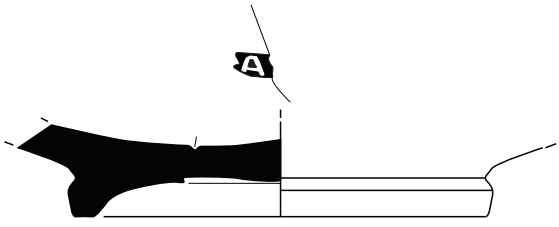
Nº 5
66-G-VII-14-7
T.S.I.



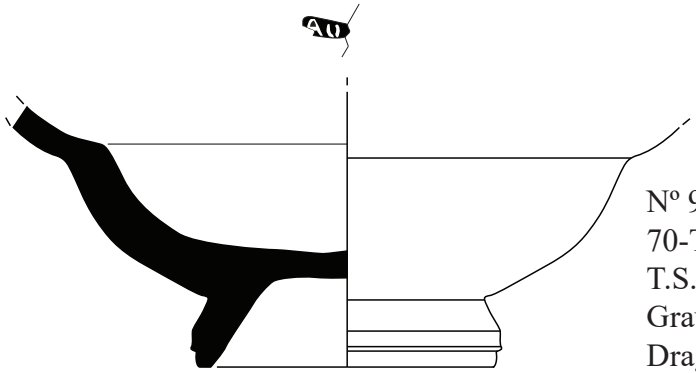
Nº 6
69-R5-A
T.S.I.



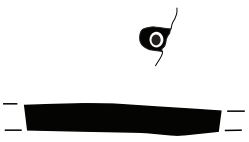
Nº 7
68-R1-B-8
T.S.I. - Arezzo



Nº 8
70-TH-II-1
T.S.I.



Nº 9
70-TH-VIII-5-1
T.S.S.G. - La Graufesenque
Drag. 27

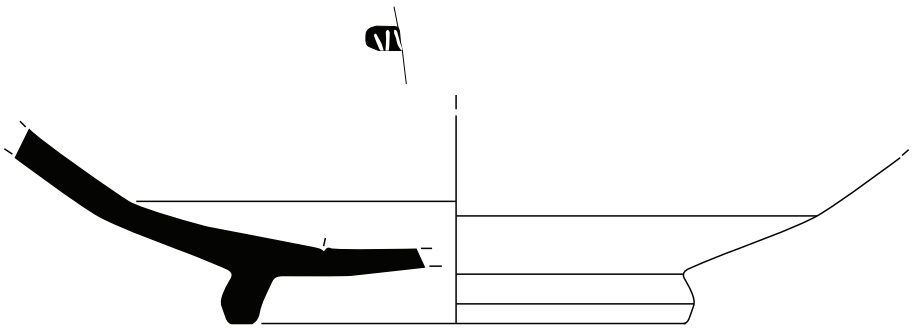


Nº 10
64-F-IX-32-2
T.S.S.G.

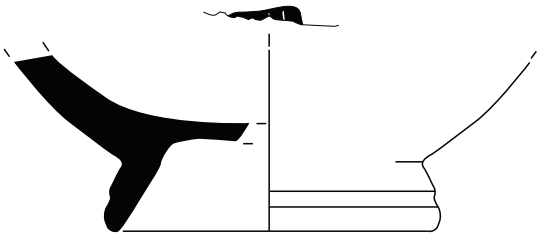
10 cm

*O número destes fragmentos é relativo só a *Conimbriga*. Para equivaler à base de dados, adicionar 38. Nº 1 = nº 58

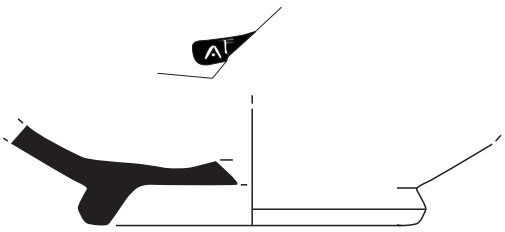
Escala 1:1



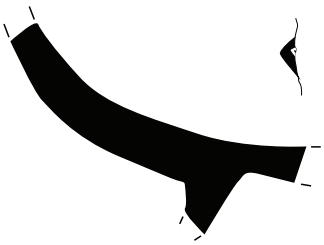
Nº 11
64-G-IX-32-7
T.S.S.G.
La Graufesenque
Curle 23



Nº 12
64-G-IX-33-6
T.S.S.G.
La Graufesenque
Drag. 27

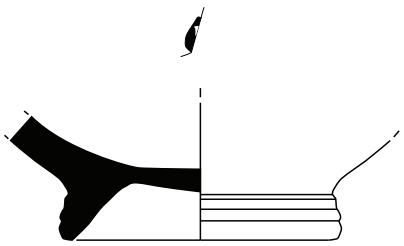


Nº 13
64-G-IX-40-3
T.S.S.G.
La Graufesenque

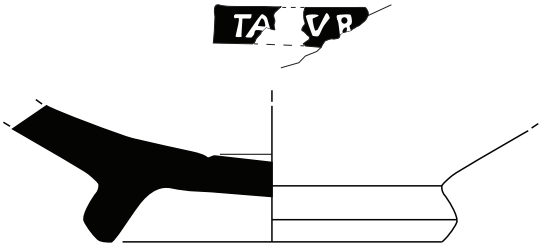


Nº 14
68-R1-C-4
T.S.S.G.
La Graufesenque

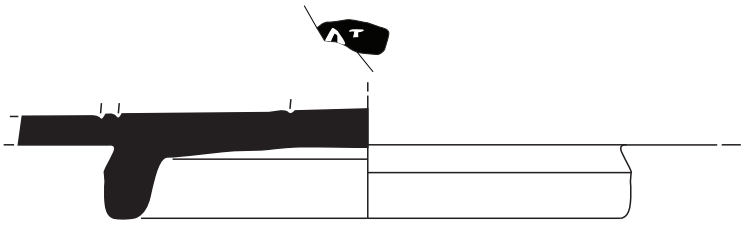
Nº 15
68-R-6
T.S.S.G.
La Graufesenque



Nº 16
69-TH-IV-1-2
T.S.S.G.
La Graufesenque



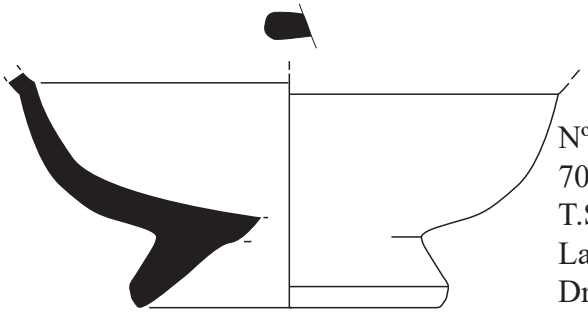
Nº 17
68-B-42-1
T.S.S.G.
La Graufesenque



Nº 18
69-TH-IV-1-2
T.S.S.G.
La Graufesenque

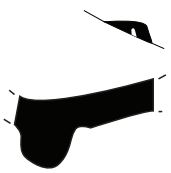
Nº 19
68-R1-C-4
T.S.S.G.
La Graufesenque

Nº 20
69-TH-I-5-1
T.S.S.G.
La Graufesenque

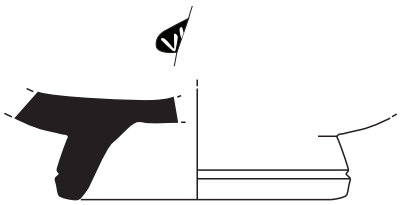


Nº 21
70-TH-29-3
T.S.S.G.
La Graufesenque
Drag. 27

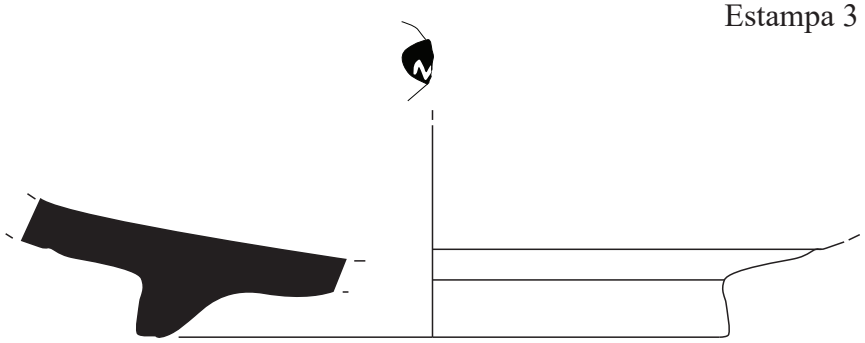
Nº 22
70-H-VIII-2B-2
T.S.S.G.
La Graufesenque



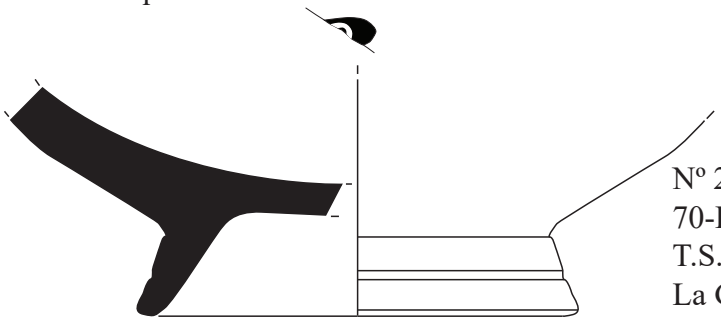
Nº 23
3
T.S.S.G.
La Graufesenque



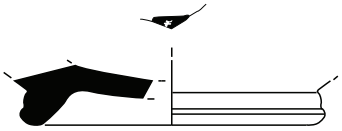
Nº 24 - 67-H-VI-24-2
T.S.S.G. - La Graufesenque



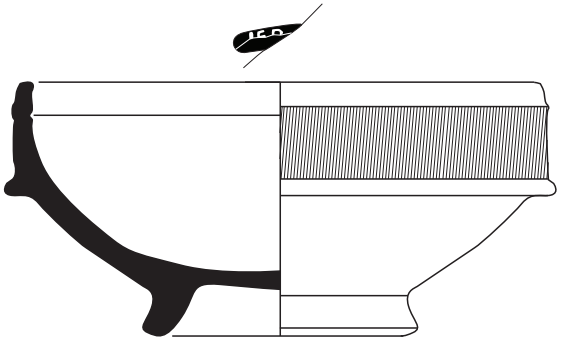
Nº 25 - 65-G-IX-10-6
T.S.S.G. - La Graufesenque



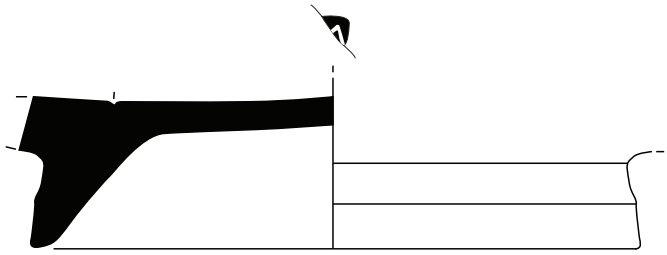
Nº 26
70-FOR-SE
T.S.S.G.
La Graufesenque



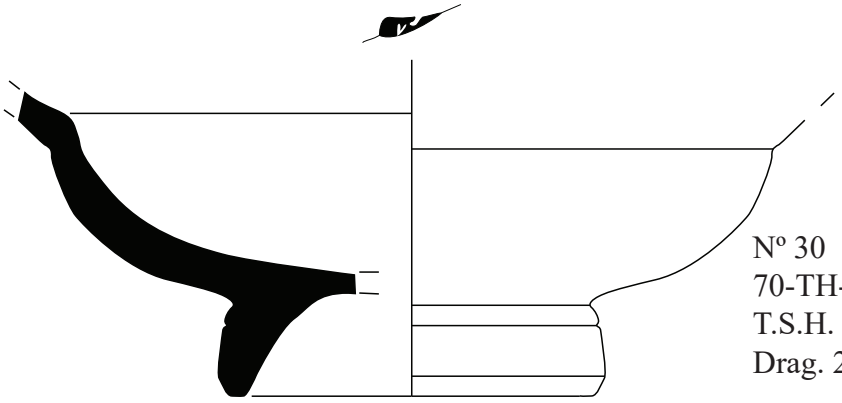
Nº 27
70-TH-III-5
T.S.S.G.
La Graufesenque



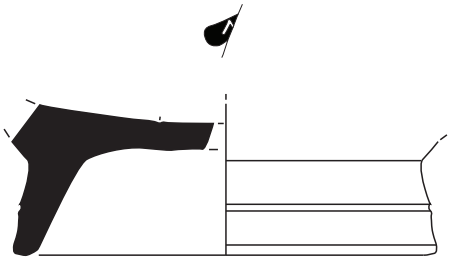
Nº 28
T.S.S.G.
La Graufesenque
Drag. 24/25



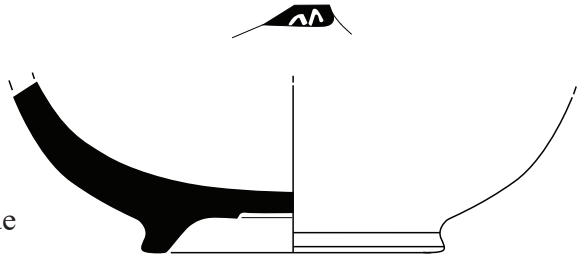
Nº 29
70-TH-II-1
T.S.S.G.
La Graufesenque



Nº 30
70-TH-III-7
T.S.H. - La Rioja
Drag. 27

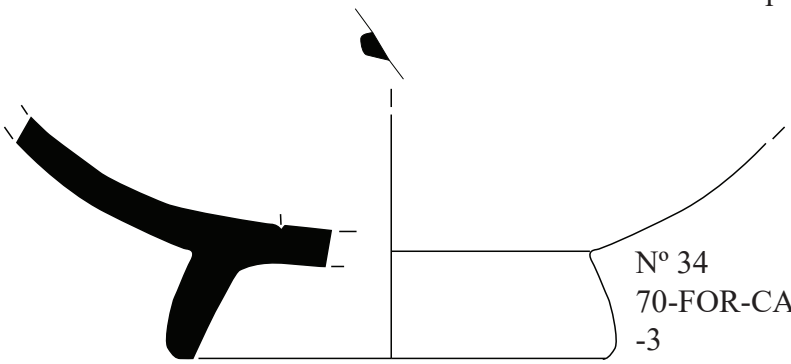


Nº 31
71-TH-7-3
T.S.S.G.
La Graufesenque

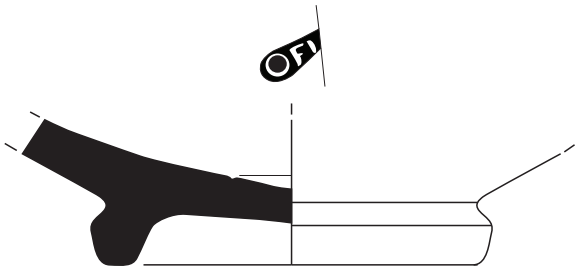


Nº 32
71-TH-7-3
T.S.H. - La Rioja
Drag. 24/25

Nº 33
68-H-VI-41-3
T.S.S.G.
La Graufesenque

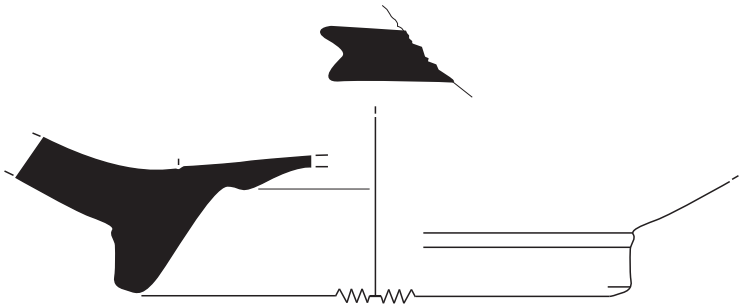


Nº 34
70-FOR-CANO-III
-3
T.S.S.G.
La Graufesenque

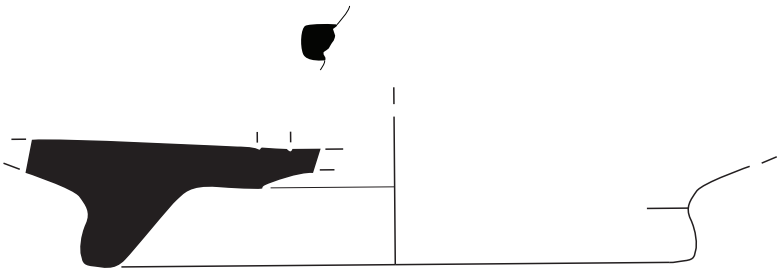


Nº 35
69-TH-V-I-1
T.S.S.G.
La Graufesenque

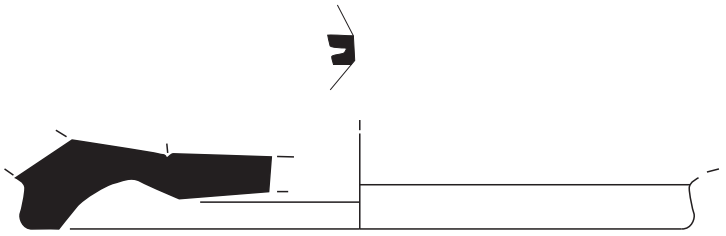
Nº 36
T.S.H. - La Rioja



Nº 37
68-R4-A-3
T.S.H. - La Rioja
Drag. 36?

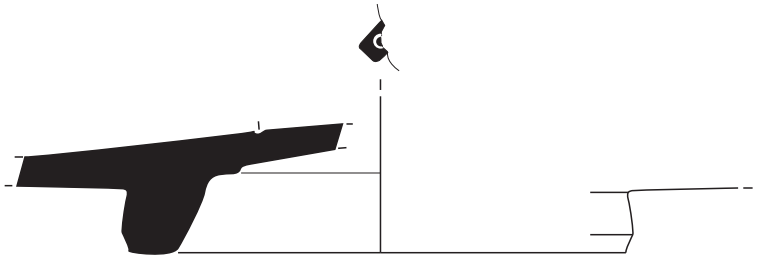


Nº 38
68-AHS-A4N-3
T.S.H. - La Rioja

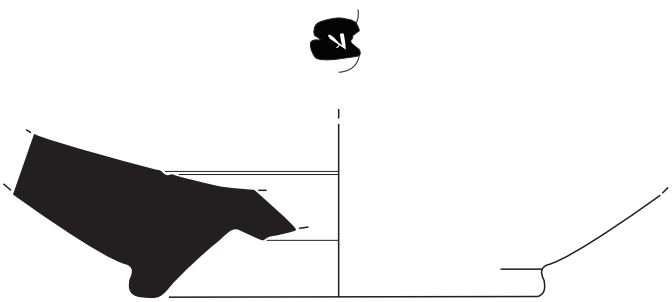


Nº 39
69-TH-I-4-CANO
T.S.H. - La Rioja

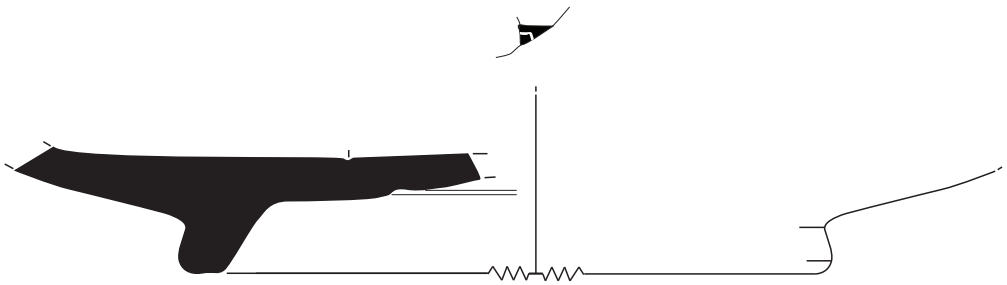
Nº 40
68-R-3-2
T.S.H. - La Rioja



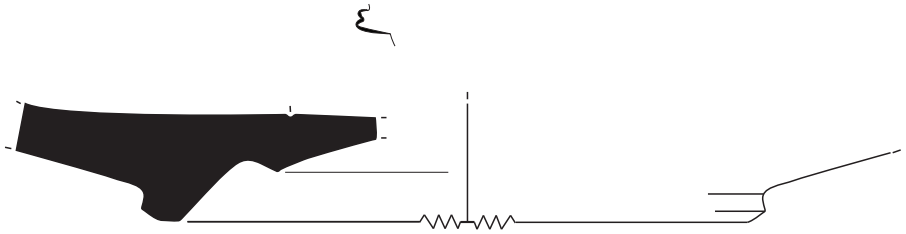
Nº 41
66-FOR-3
T.S.S.G. -
La Graufesenque
Drag. 31?



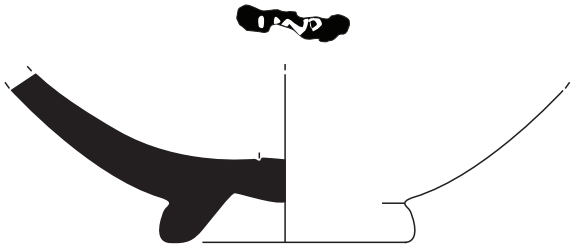
Nº 42
66-D-X-3-1
T.S.H. - La Rioja



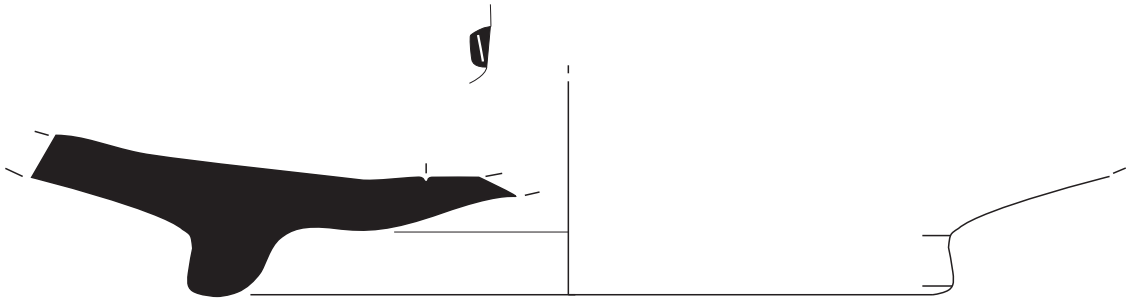
Nº 43
66-FOR-2
T.S.H. - La Rioja
Drag. 18



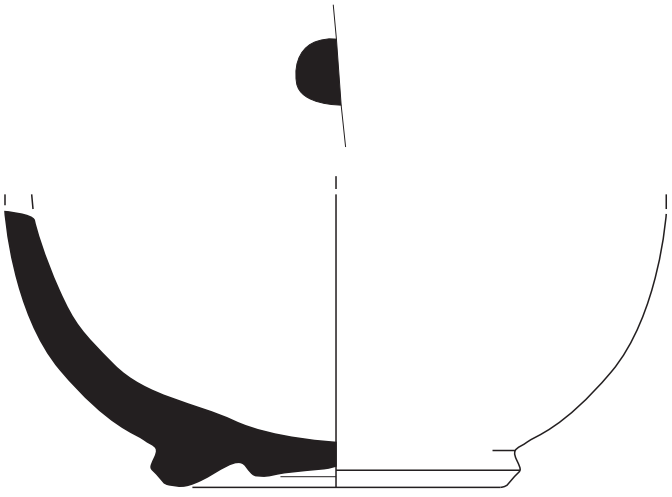
Nº 44
66-G-XI-II-2
T.S.H. - La Rioja
Drag. 15/17



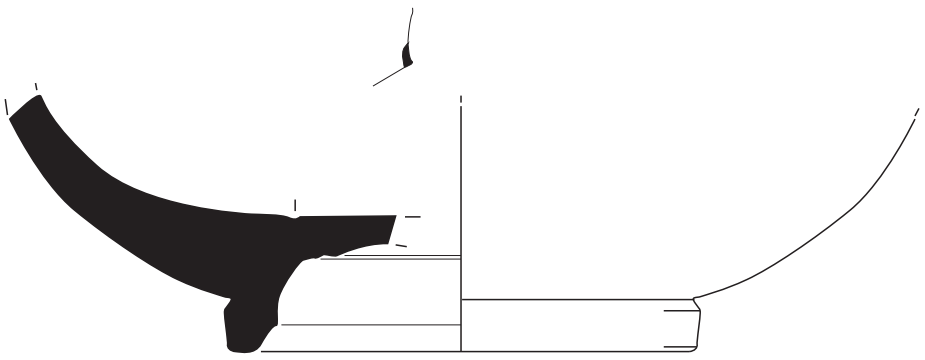
Nº 45
69-TH-I-4-CANO
T.S.S.G. - La Graufesenque
Drag. 24/25?
Mal Impressa



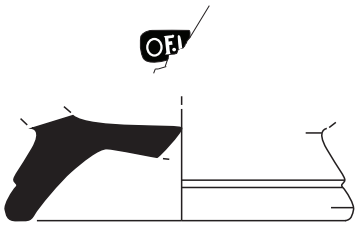
Nº 46
67-ESPIN-2
T.S.H - La Rioja
Drag. 18



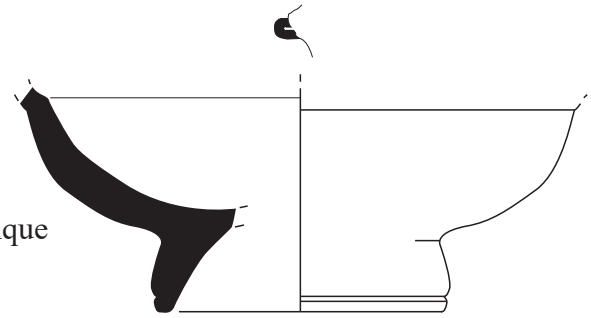
Nº 47
70-TH-1-I-5
T.S.H - La Rioja
Ritt. 8



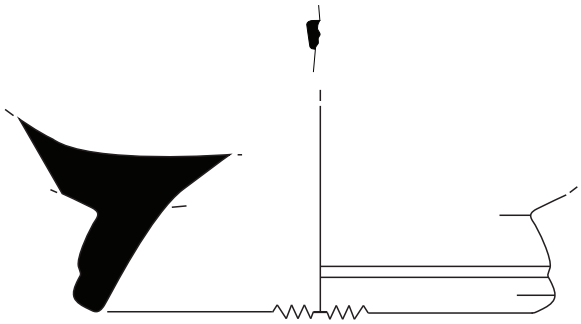
Nº 48
70-H-VIII-3-2/33.3
T.S.H - La Rioja
Drag. 29?



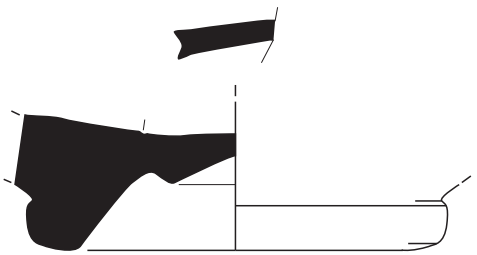
Nº 49
67-CRY-2-IA
T.S.S.G. - La Graufesenque



Nº 50
67-H-VI.47-4
T.S.S.G. -
La Graufesenque
Drag. 27

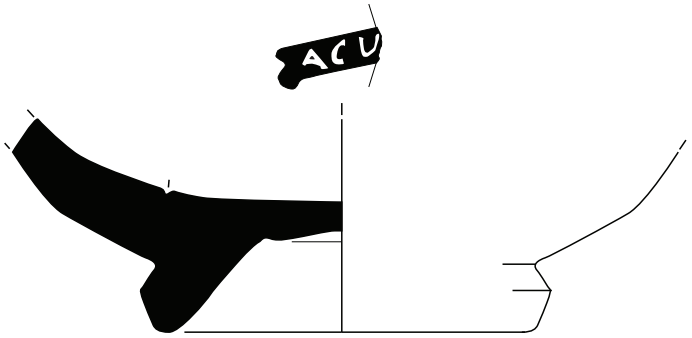


Nº 51
67-J-3-2
T.S.S.G. -
La Graufesenque

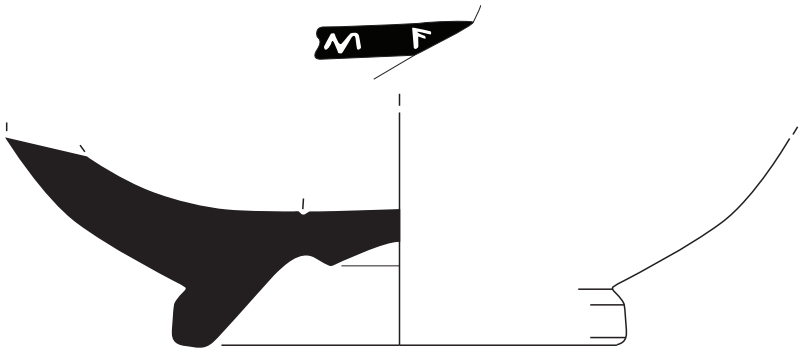


Nº 52
67-CRY-6-2
T.S.H.
La Rioja

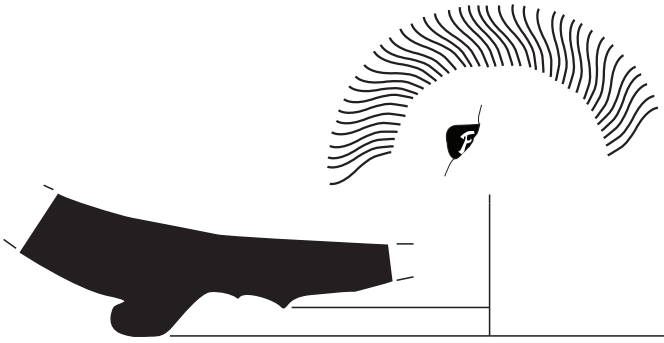
Nº 53
67-H-VI-22-9
T.S.S.G. -
La Graufesenque



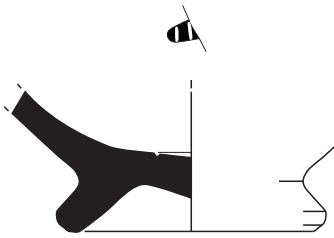
Nº 54
60-TH-I-11-
CANO
T.S.H. - La Rioja
Drag. 24/25?



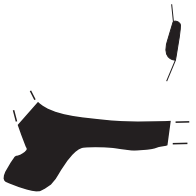
Nº 55
67-ESPIN-1
T.S.H. - La Rioja
Drag. 24/25?



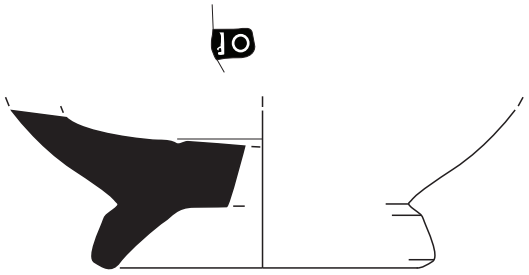
Nº 56
67-ESPIN-2
T.S.H. - La Rioja



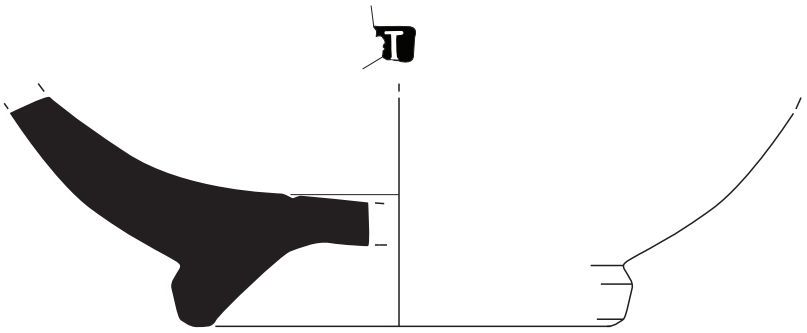
Nº 57
69-TH-I-4-CANO
T.S.S.G. -
La Graufesenque



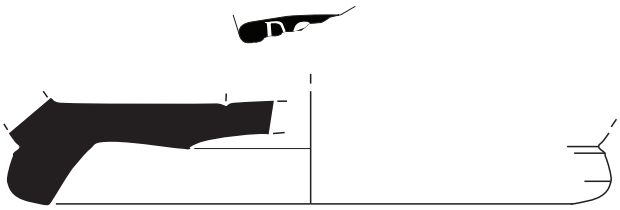
Nº 59
71-PAL-11
T.S.H. - La Rioja



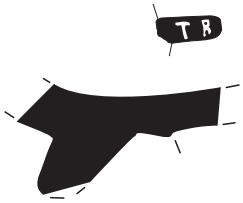
Nº 60
69-TH-I-4-CANO
T.S.S.G. -
La Graufesenque



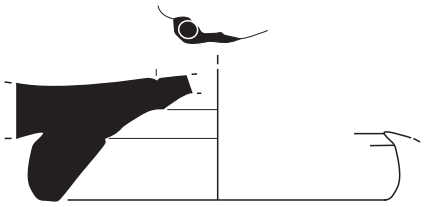
Nº 61
69-TH-I-4-CANO
T.S.S.G. -
La Graufesenque



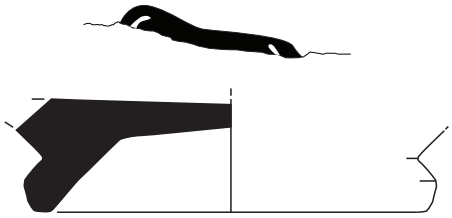
Nº 62
69-TH-I-4-CANO
T.S.H. - La Rioja



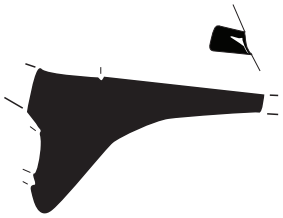
Nº 63
69-TH-I-4-CANO
T.S.H. - La Rioja



Nº 64
69-TH-I-4-CANO
T.S.H. - La Rioja



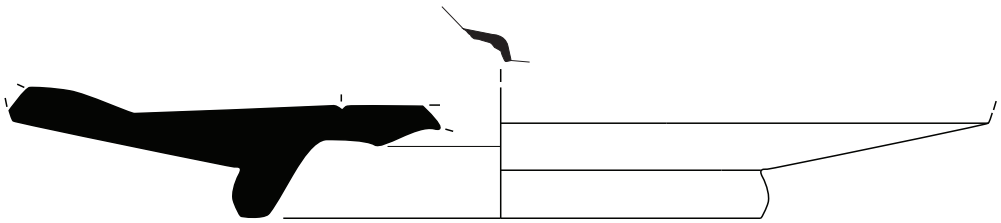
Nº 65
69-TH-I-4-CANO
T.S.H. - La Rioja



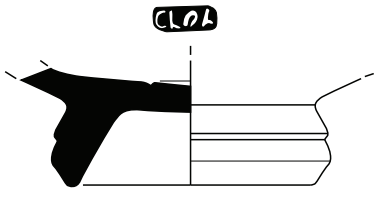
Nº 66
69-TH-I-4-CANO
T.S.H. - La Rioja

Nº 67
69-H-VII-41-7
T.S.H. - La Rioja

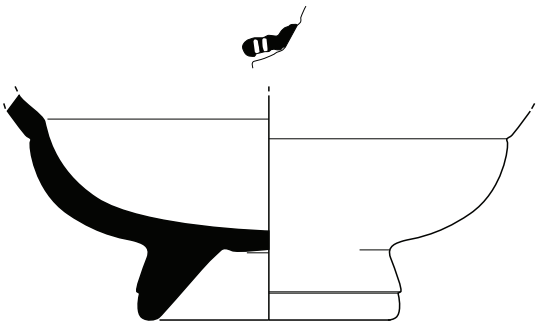
Nº 68
69-TH-I-4-CANO
T.S.H. - La Rioja



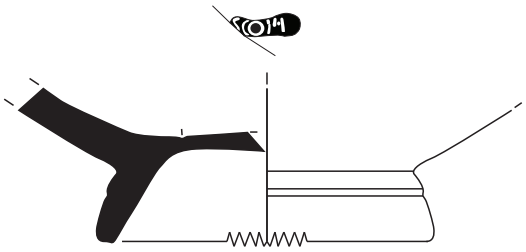
Nº 69
71-1-D-1
T.S.H. - La Rioja
Drag. 15/17



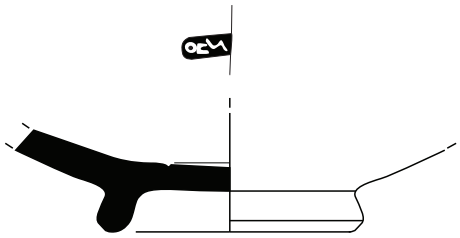
Nº 70
H-ESC-150
T.S.S.G. -
La Graufesenque



Nº 71
H-3
T.S.S.G. -
La Graufesenque
Drag. 27

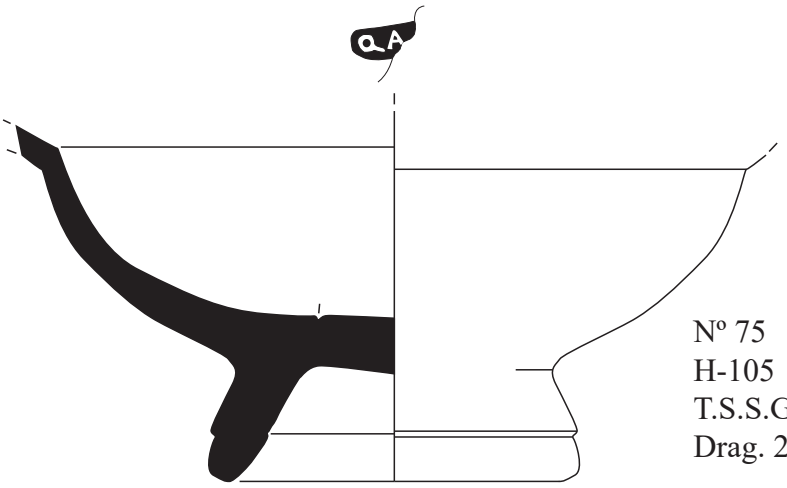


Nº 72
H-5-161
T.S.S.G. -
La Graufesenque

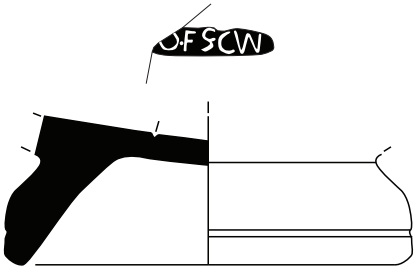


Nº 73
H-ESC-144
T.S.S.G. -
La Graufesenque

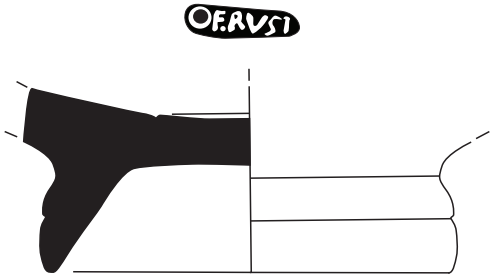
Nº 74
H-165
T.S.S.G. -
La Graufesenque



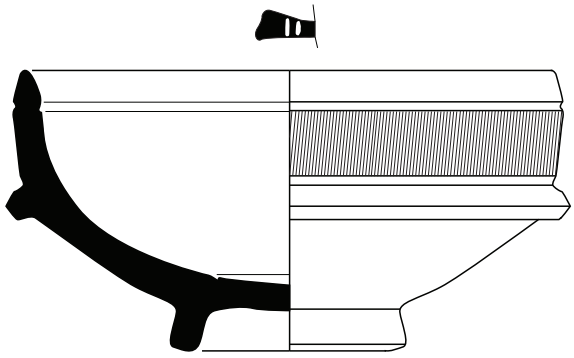
Nº 75
H-105
T.S.S.G.
Drag. 27



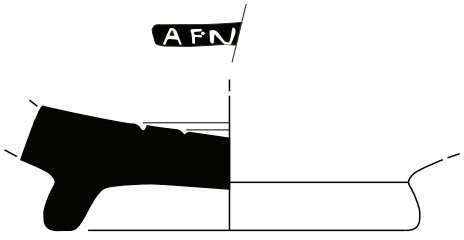
Nº 76
H-5-121
T.S.S.G. -
La Graufesenque



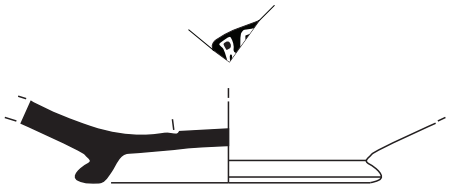
Nº 77
H-120
T.S.S.G. -
La Graufesenque



Nº 78
IH-5-160
T.S.S.G.
Drag. 24/25

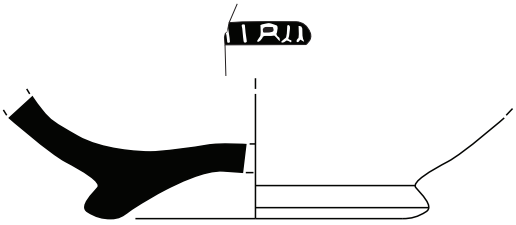


Nº 79
H-3-173
T.S.S.G. -
La Graufesenque
Marmoreada

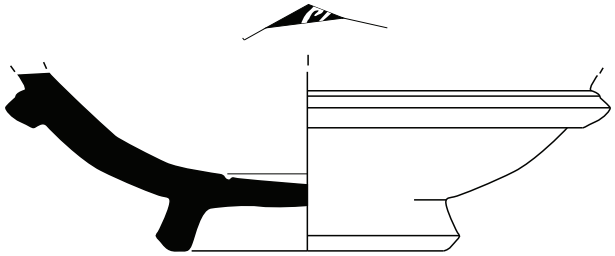


Nº 80
H-145
T.S.S.G. -
La Graufesenque

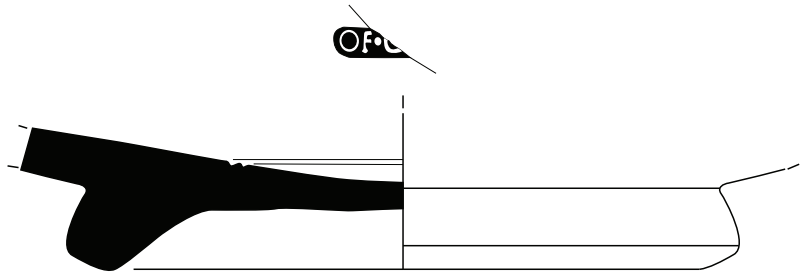
Nº 81
H-5-133
T.S.S.G. -
La Graufesenque



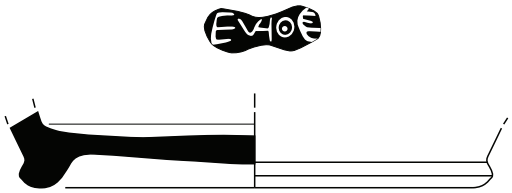
Nº 82
H-5-198
T.S.S.G. -
La Graufesenque



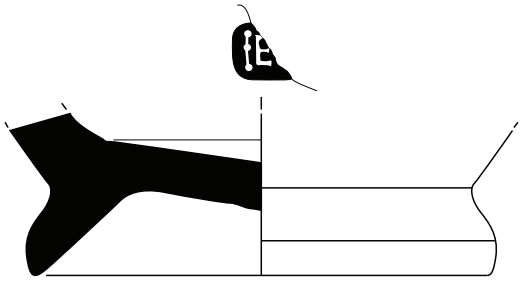
Nº 83
IH-3
T.S.S.G.
Drag. 24/25



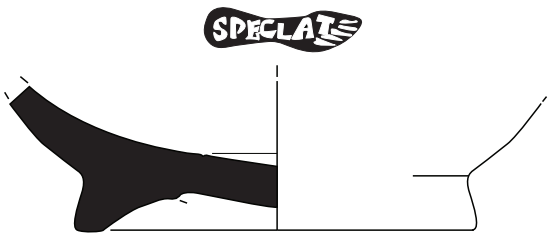
Nº 84
63-H-153
T.S.



Nº 85
C-H-2-262
T.S.I. - Arezzo



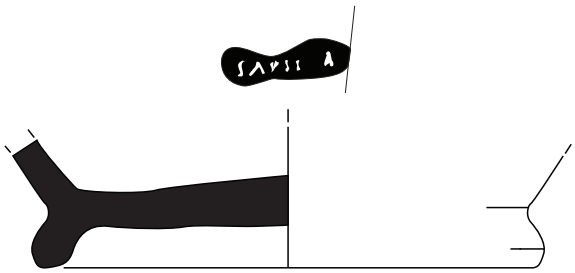
Nº 86
H-3-17
T.S.I. -
Arezzo



Nº 87
12-49
T.S.I. -
Arezzo

Nº 88
85-34
T.S.I.

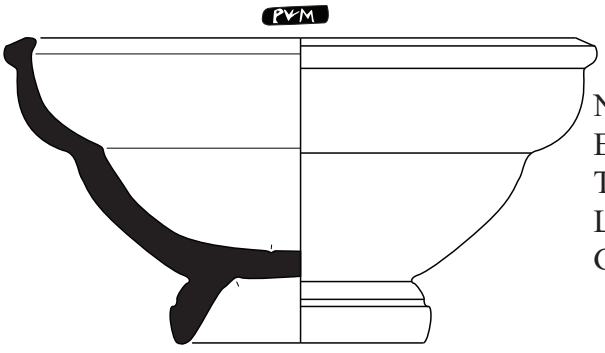
Nº 90
81-146
T.S.I.



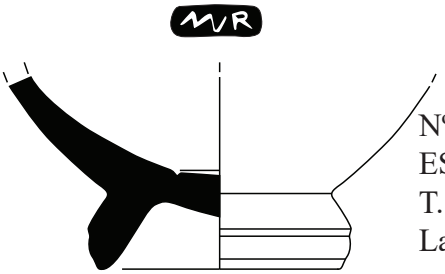
Nº 89
H-3-42-171
T.S.I. -
Arezzo

Nº 91
ESC-ANT-18-13
T.S.I.

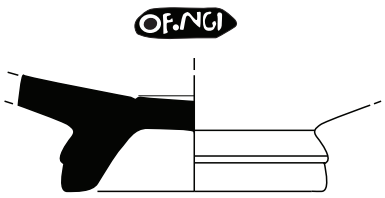
Nº 93
Sem Marcação
T.S.I.



Nº 92
ES-CANO-18-13
T.S.S.G. -
La
Graufesenque

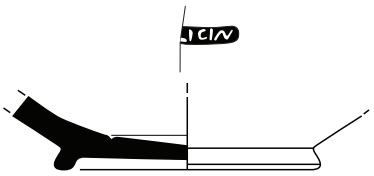


Nº 94
ESC-ANT-43
T.S.S.G. -
La Graufesenque



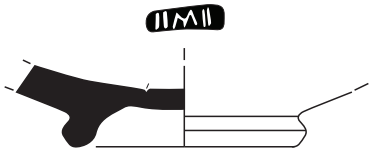
Nº 95
ESC-ANT-33
T.S.S.G. -
La Graufesenque

Nº 96
Sem Marcação
T.S.S.G. -
La Graufesenque

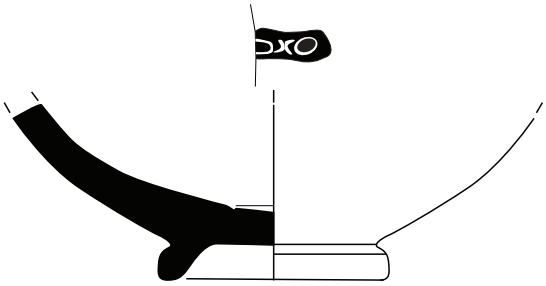


Nº 97
ESC-ANT-51
T.S.S.G. - La
Graufesenque

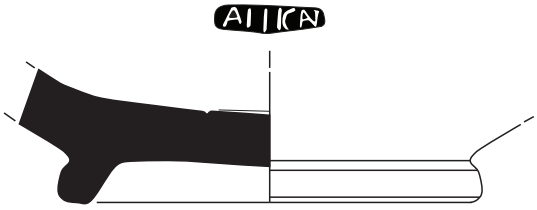
Nº 98
Sem Marcação
T.S.S.G. - La
Graufesenque



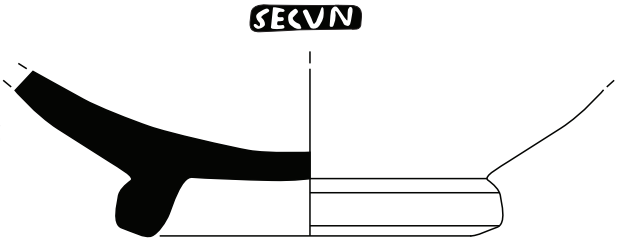
Nº 99
ESC-ANT-137
T.S.S.G. - La
Graufesenque



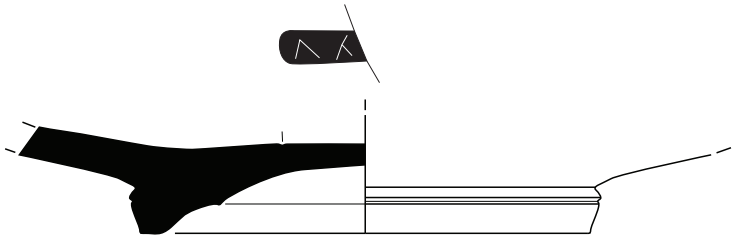
Nº 100
ESC-ANT-36
T.S.S.G. - La
Graufesenque



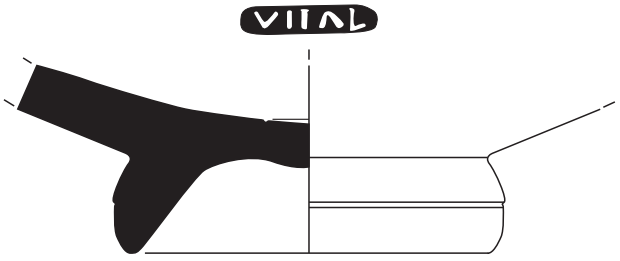
Nº 101
ESC-ANT-125
T.S.S.G. - La
Graufesenque



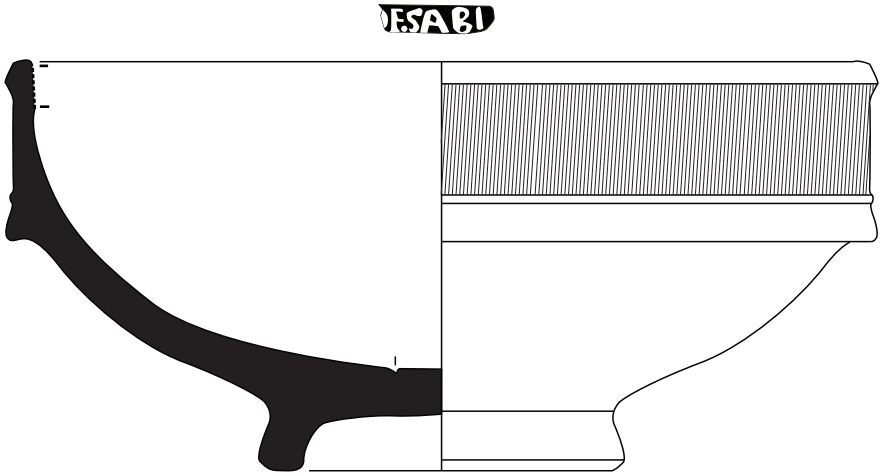
Nº 102
ESC-ANT-50
T.S.S.G. - La
Graufesenque



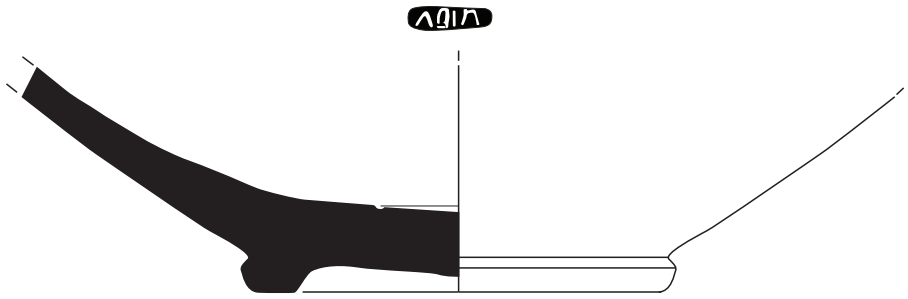
Nº 103
ESC-ANT-73
T.S.H. - La Rioja
Mal impressa e muito pouco
legível, talvez anepigráfica



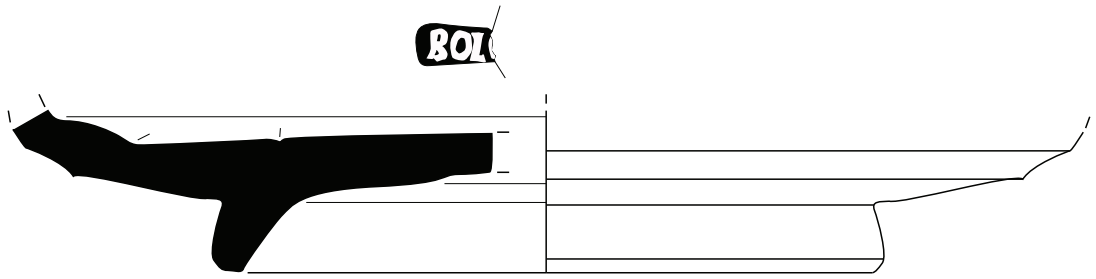
Nº 104
ESC-ANT-57
T.S.S.G. - La
Graufesenque



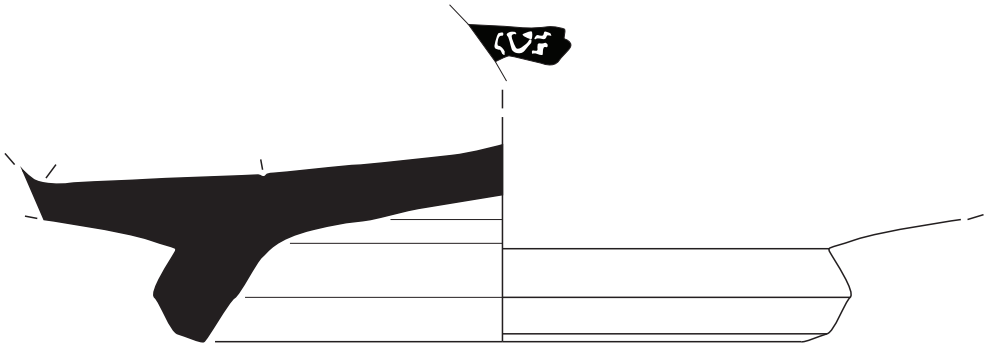
Nº 105
ESC-ANT-60
T.S.S.G. - La
Graufesenque
Drag. 24/25



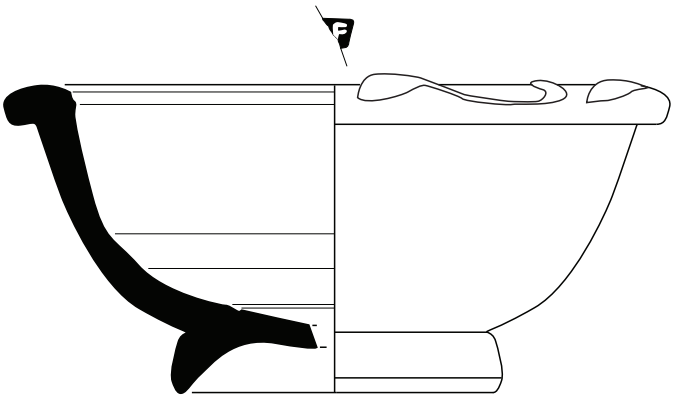
Nº 106
Sem Marcação
T.S.S.G. - La Graufesenque



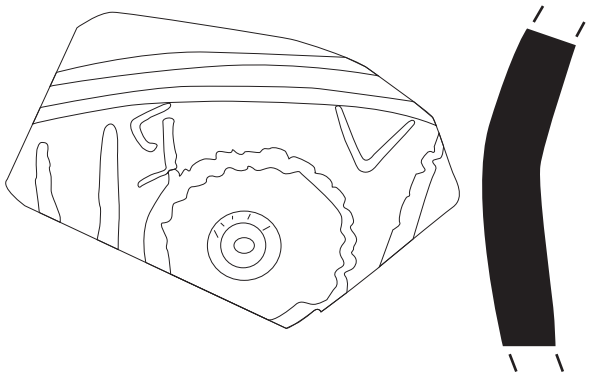
Nº 107
ESC-ANT-64
T.S.S.G. - La Graufesenque
Drag. 15/17



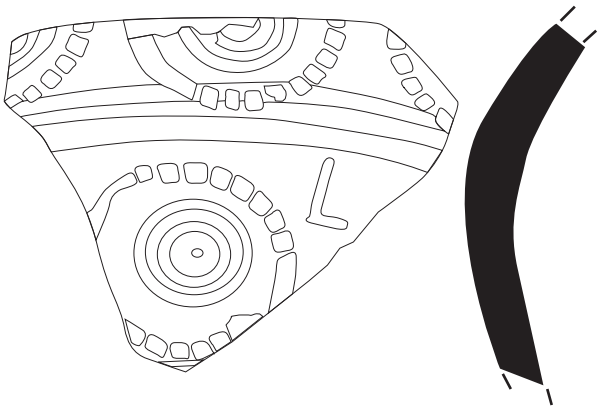
Nº 108
ESC-ANT-77
T.S.S.G. - La Graufesenque
Drag. 18



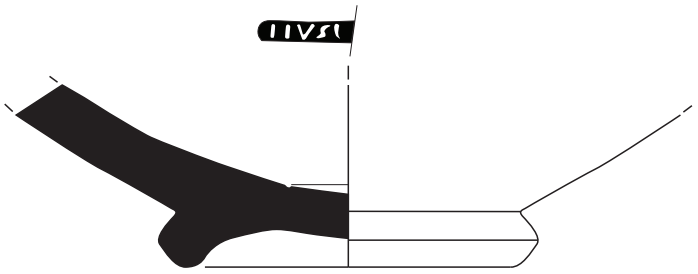
Nº 109
ESC-ANT
T.S.S.G. - La Graufesenque
Drag. 36



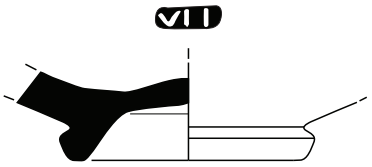
Nº 110
ESC-ANT-B-16
T.S.H. - La Rioja
Mayet 2597



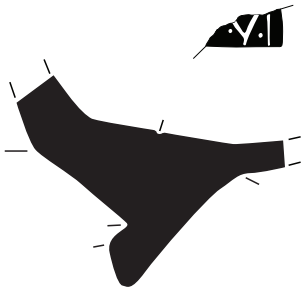
Nº 111
Sem Marcação
T.S.H. - La Rioja



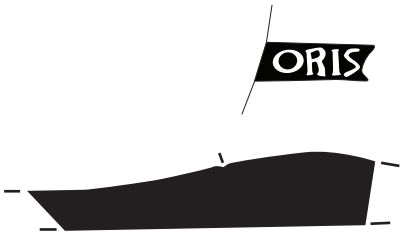
Nº 112
ESC-ANT-157
T.S.S.G. - La Graufesenque



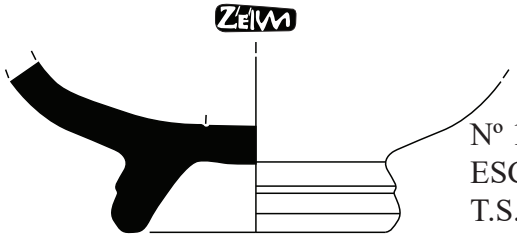
Nº 113
ESC-ANT-159
T.S.S.G. - La Graufesenque



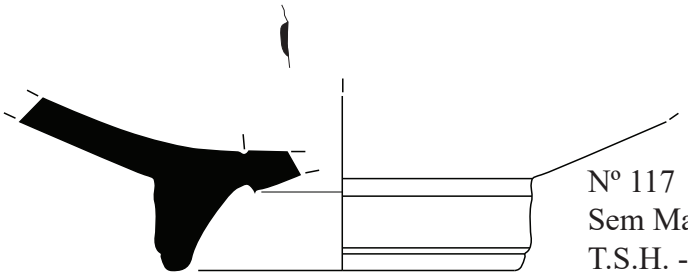
Nº 114
Sem Marcação
T.S.S.G. - La Graufesenque
Sem Orientação ou Raio



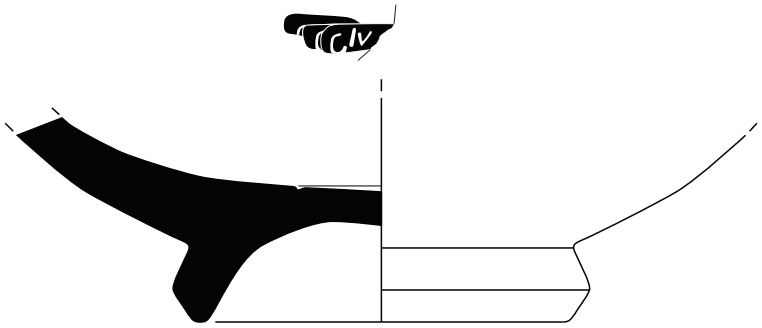
Nº 115
ESC-ANT-127
T.S.S.G. - La Graufesenque



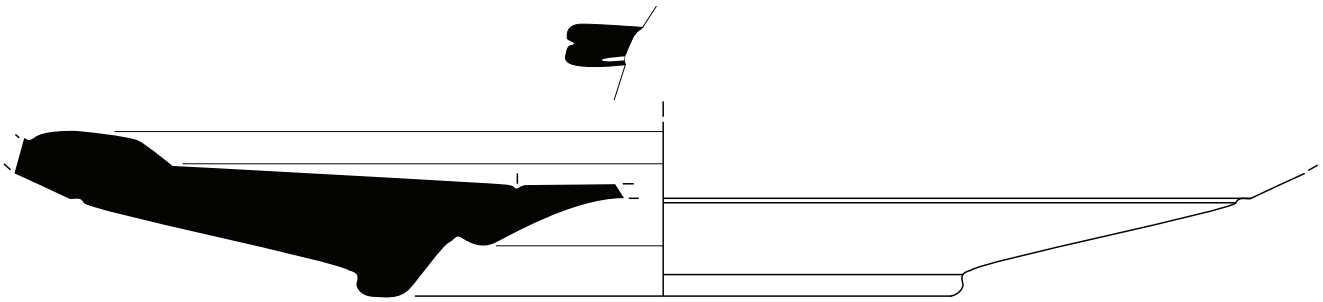
Nº 116
ESC-ANT-129
T.S.H. - La Rioja



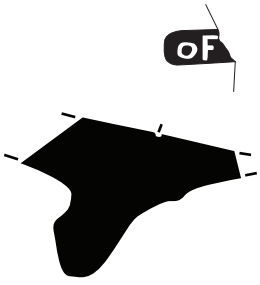
Nº 117
Sem Marcação
T.S.H. - La Rioja



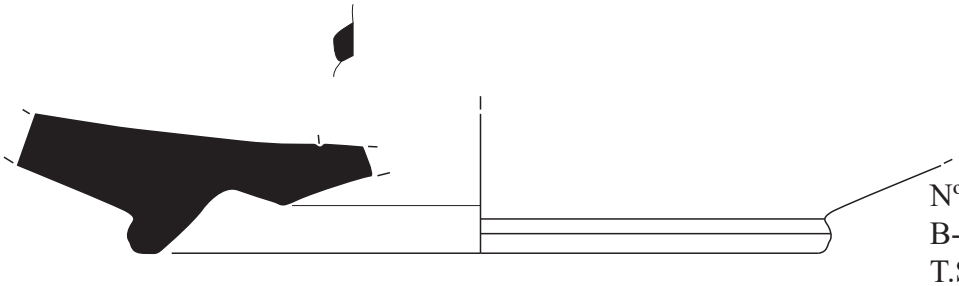
Nº 118
ESC-ANT-104
T.S.H. - La Rioja
Mal Impressa



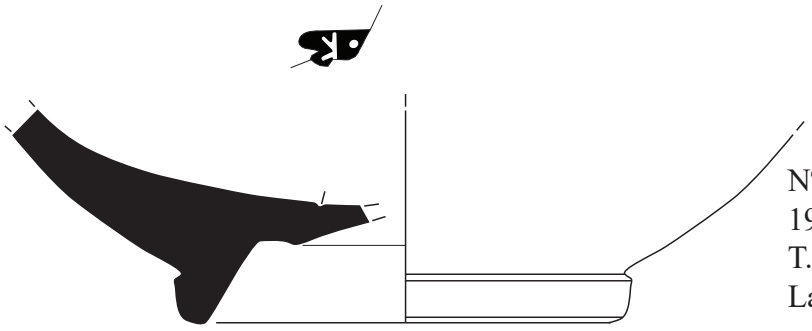
Nº 119
B-V-3
T.S.H. - La Rioja
Drag. 15/17



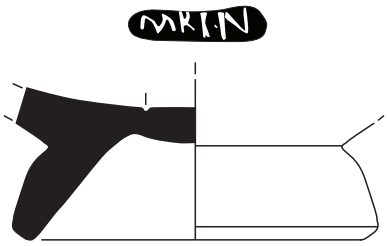
Nº 120
B-V-141
T.S.H. - La Rioja
Sem orientação



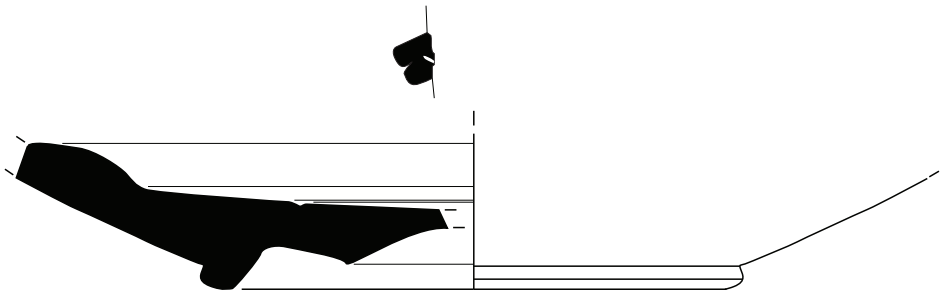
Nº 121
B-6
T.S.H.
La Rioja



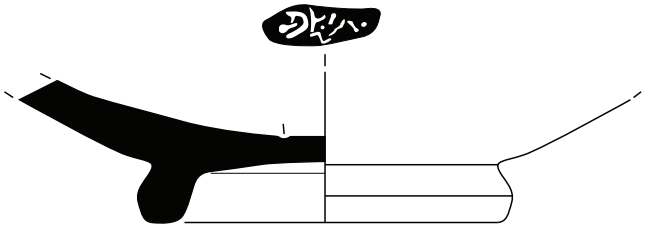
Nº 122
1958-B
T.S.H.
La Rioja



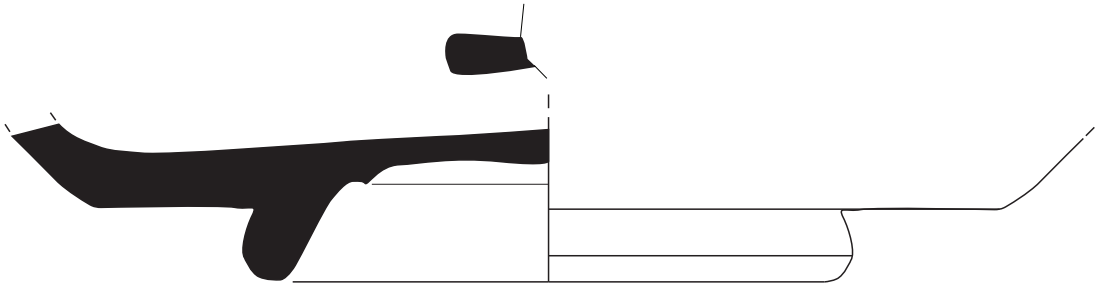
Nº 123
CANO-124
T.S.H.
La Rioja



Nº 124
C-C-I
T.S.H. - La Rioja
Drag. 15/17

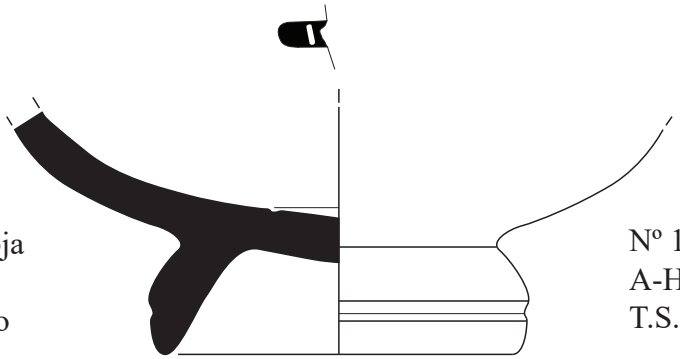


Nº 125
1957-E
T.S.H. - La Rioja

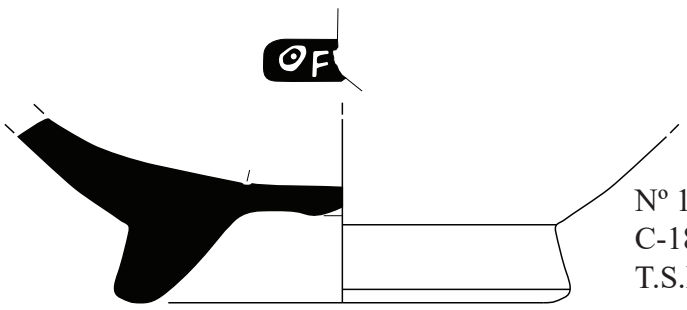


Nº 126
ESC-ANT
T.S.H. - La Rioja
Drag. 18

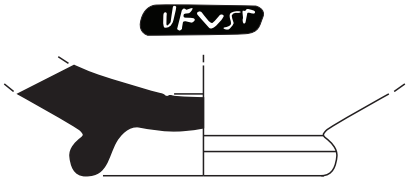
Nº 127
ZONA-H
T.S.H. - La Rioja
Drag. 27
Sem Orientação



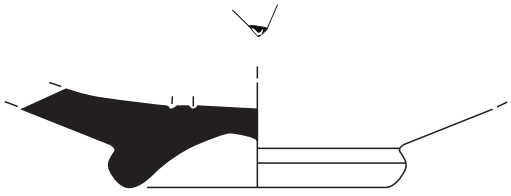
Nº 128
A-H-155
T.S.H. - La Rioja



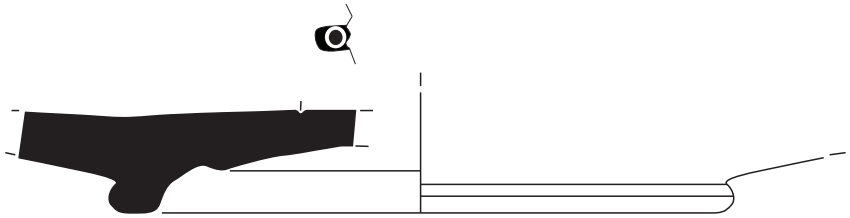
Nº 129
C-181-B-134
T.S.H. - La Rioja



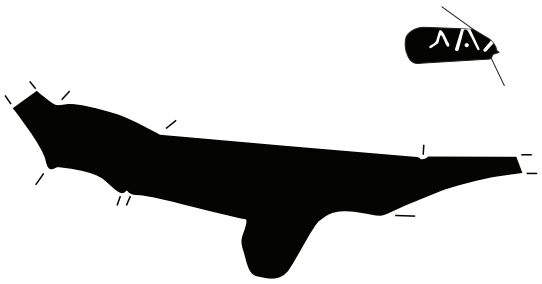
Nº 130
H-5-172
T.S.H. - La Rioja



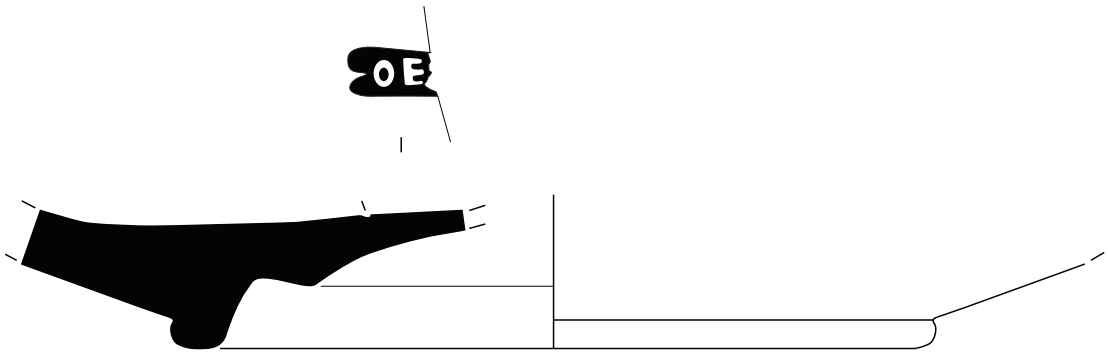
Nº 131
1-H-ESQ
T.S.H.
La Rioja



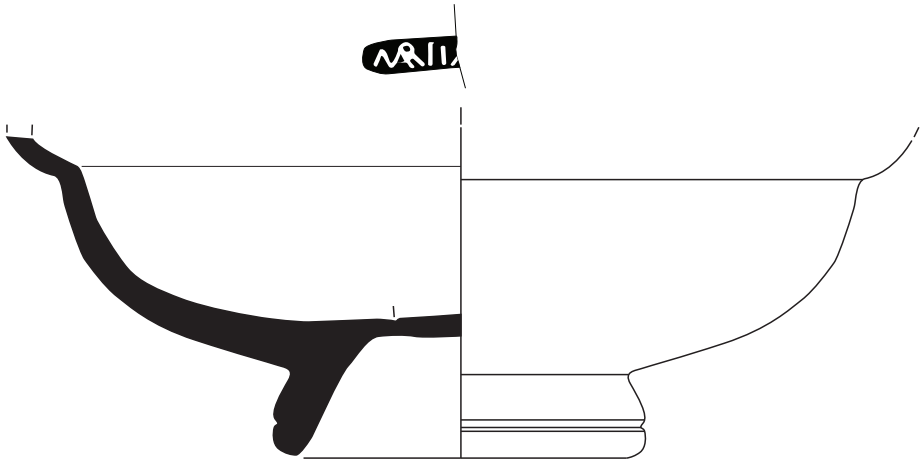
Nº 132
ESQ-ANT
T.S.H.
La Rioja



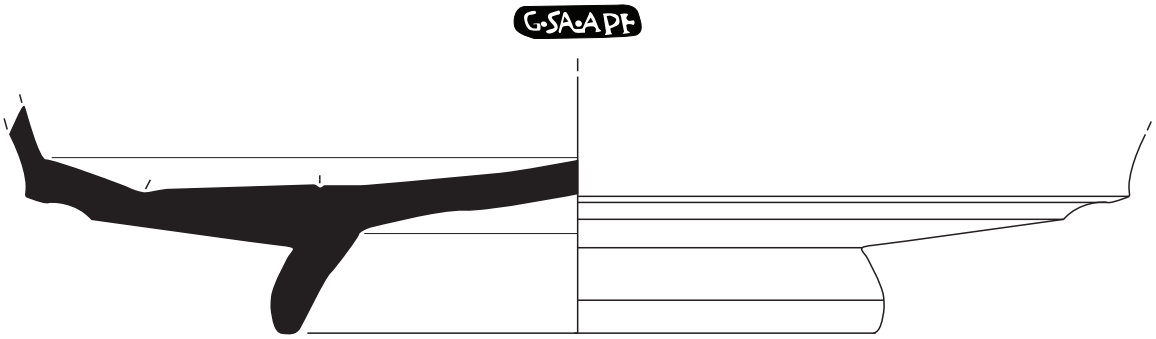
Nº 133
ESQ-ANT-74
T.S.H.
La Rioja



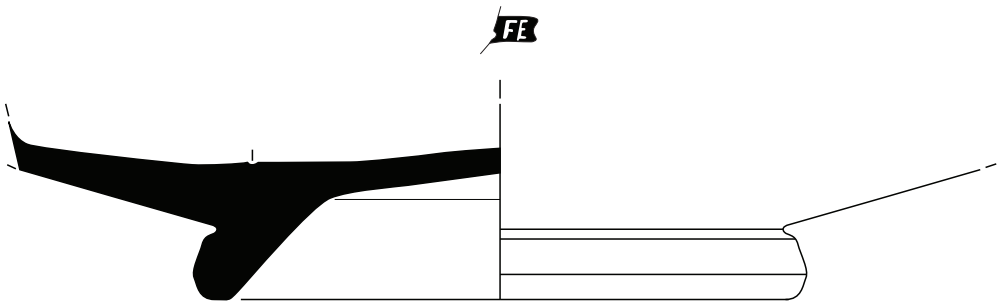
Nº 134
ESQ-ANT-88
T.S.H.
La Rioja



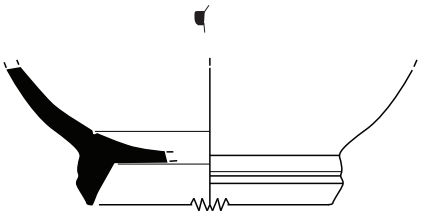
Nº 135
ESC-ANT-45
T.S.S.G. - La
Graufesenque
Drag. 27



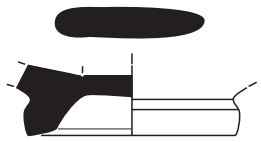
Nº 136
T.S.S.G. - La
Graufesenque REVER
Drag. 15/17



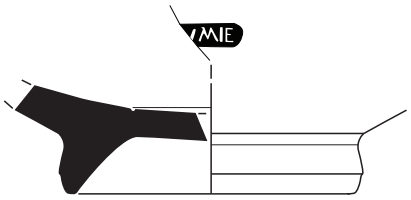
Nº 219
T.S.S.G. -
La Graufesenque



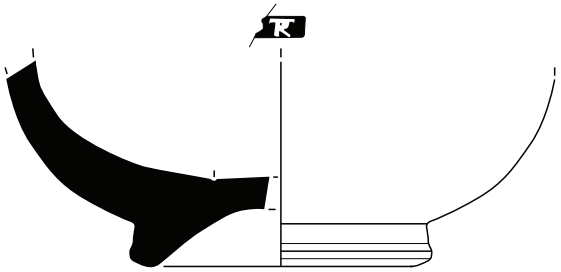
Nº 220 - T.S.I
Rever Orientação



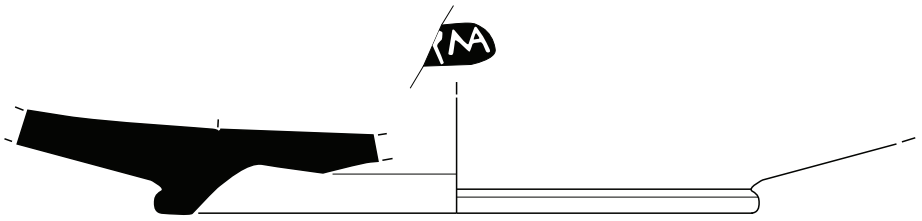
Nº 221 - T.S.H. - La Rioja
Mal Impressa



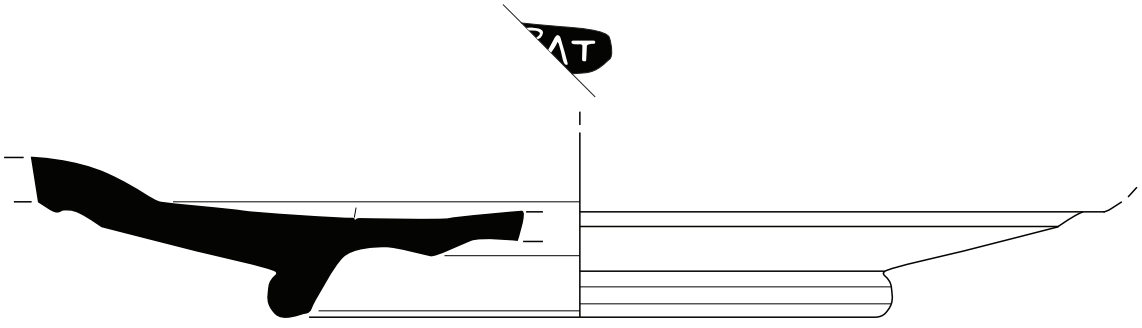
Nº 222 - T.S.S.G.
La Graufesenque



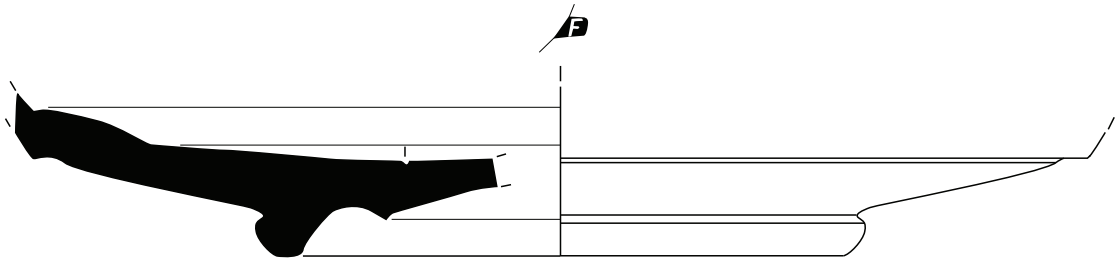
Nº 223
T.S.H. - La Rioja



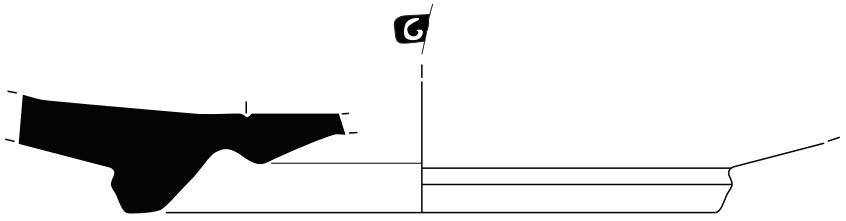
Nº 224
T.S.S.G.
La Graufesenque



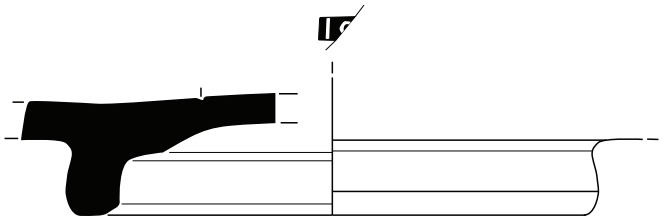
Nº 225
T.S.H. - La Rioja
Drag. 15/17



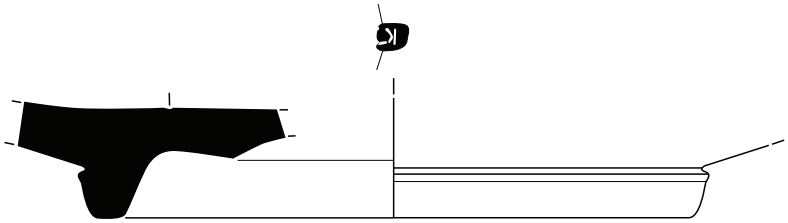
Nº 226
T.S.H. - La Rioja
Drag. 15/17



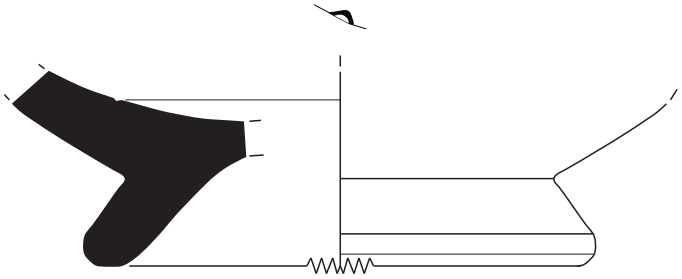
Nº 227
T.S.H. - La Rioja



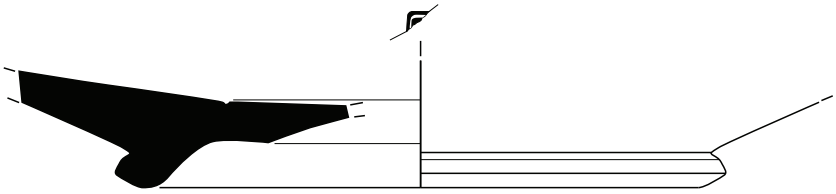
Nº 228
T.S.H. - La Rioja



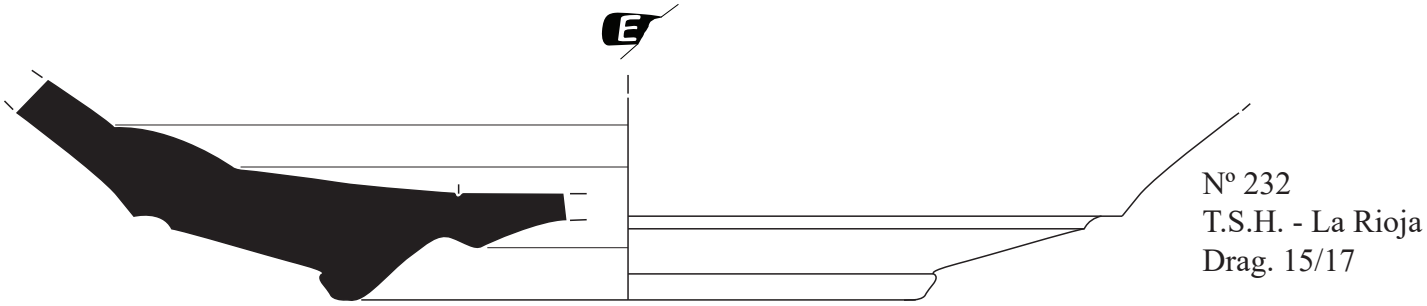
Nº 229
T.S.H. - La Rioja



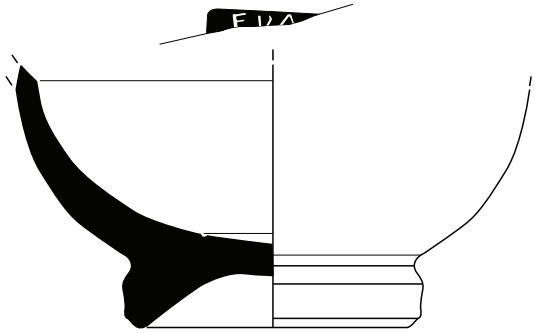
Nº 230
T.S.H. - La Rioja
Sem Diametro



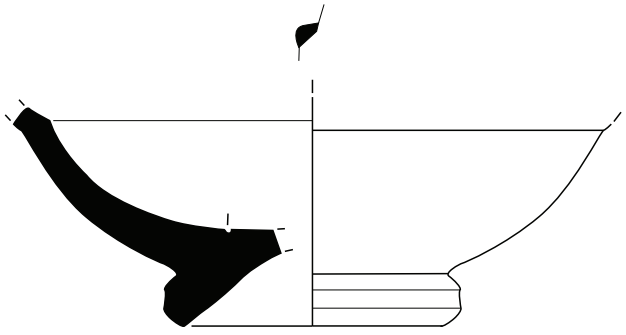
Nº 231
T.S.H. - La Rioja



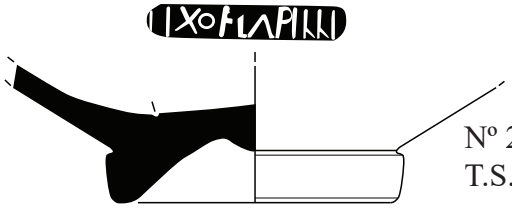
Nº 232
T.S.H. - La Rioja
Drag. 15/17



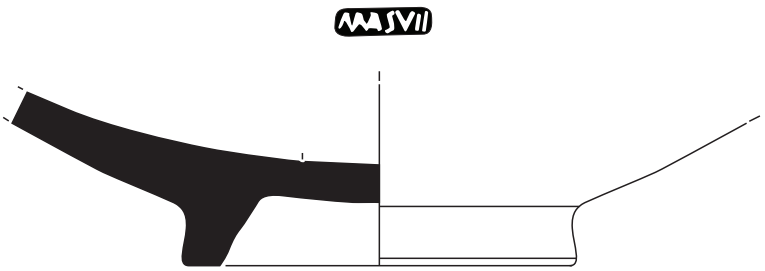
Nº 233 - T.S.S.G.
La Graufesenque - Drag. 27



Nº 234 - T.S.S.G. -
La Graufesenque - Drag. 27



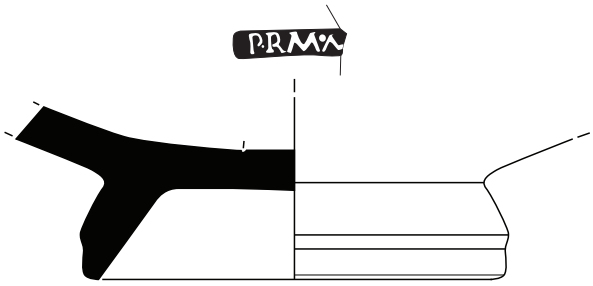
Nº 235
T.S.H. - La Rioja



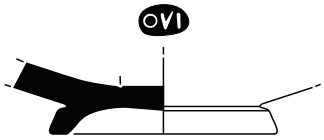
Nº 236
T.S.S.G.
La Graufesenque

Nº 237
T.S.S.G.
La Graufesenque

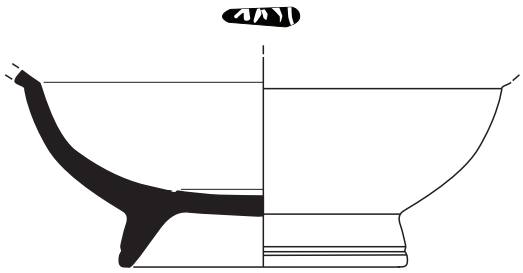
Nº 238
T.S.S.G.
La Graufesenque



Nº 239
T.S.S.G.
La Graufesenque

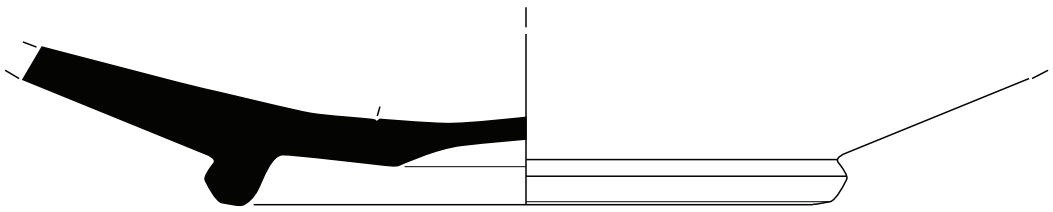


Nº 240
T.S.S.G.
La Graufesenque

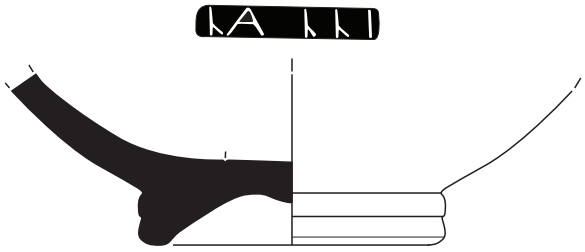


Nº 241
T.S.S.G.
La Graufesenque
Drag. 27

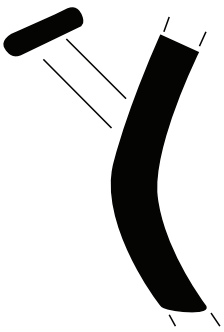
Nº 242
T.S.I. - Arezzo
Sem Orientação



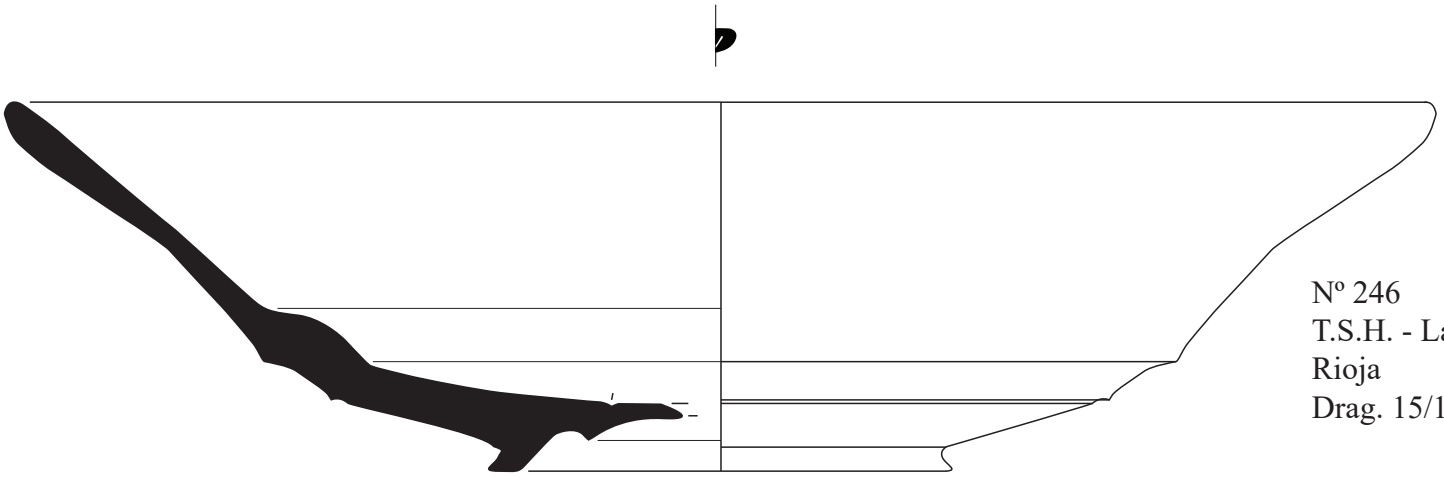
Nº 243
T.S.H. - La Rioja
Drag. 18



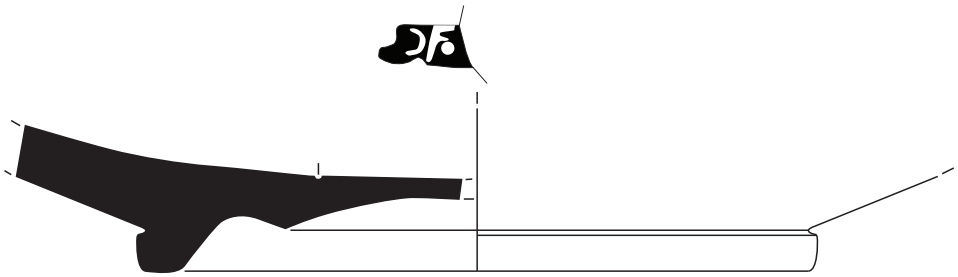
Nº 244
T.S.H. - La Rioja



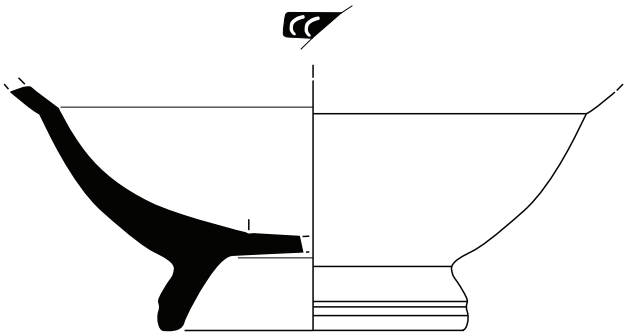
Nº 245
T.S.H. - La Rioja



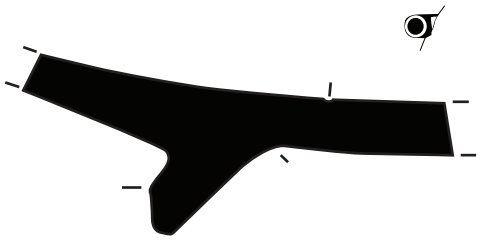
Nº 246
T.S.H. - La Rioja
Drag. 15/17



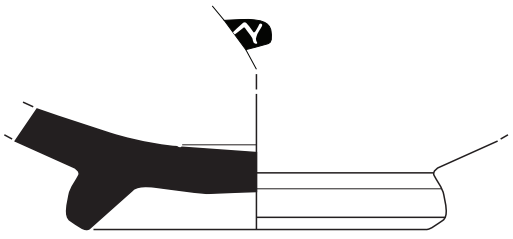
Nº 247
T.S.H. - La Rioja
Danificada



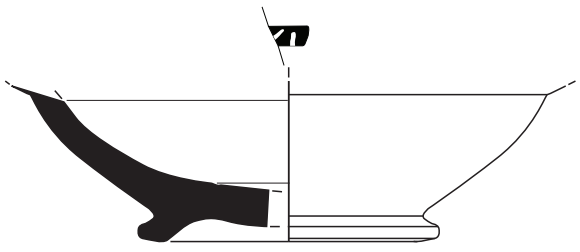
Nº 248 - T.S.S.G.
La Graufesenque - Drag. 27



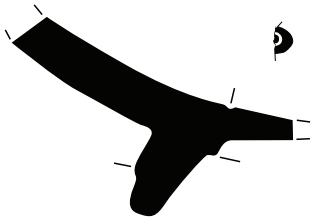
Nº 249 - T.S.S.G. - La Graufesenque
Sem Diametro ou Orientação



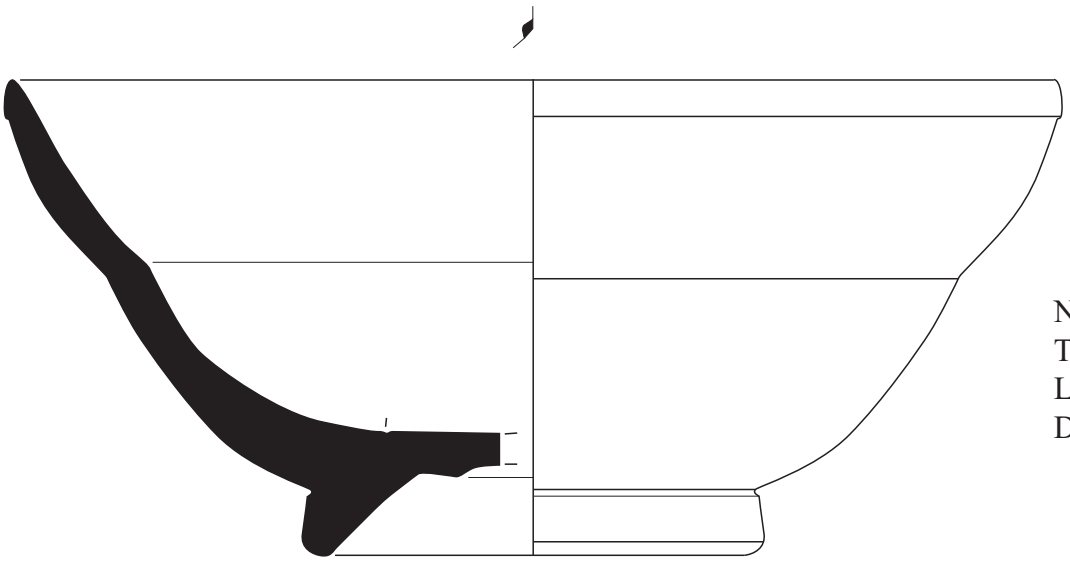
Nº 250 - T.S.S.G. - La Graufesenque



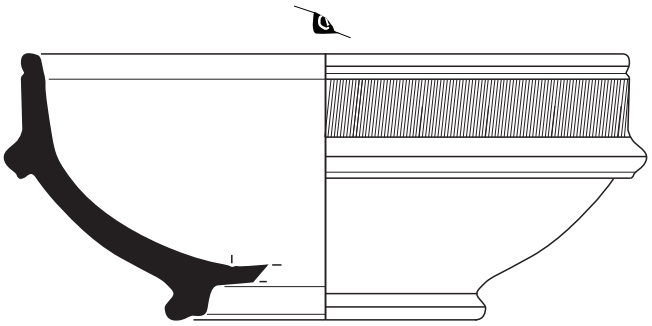
Nº 251 - T.S.S.G.
La Graufesenque



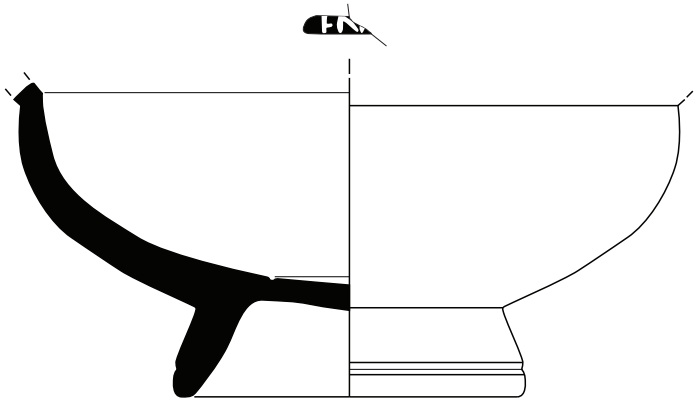
Nº 252
T.S.H. - La Rioja



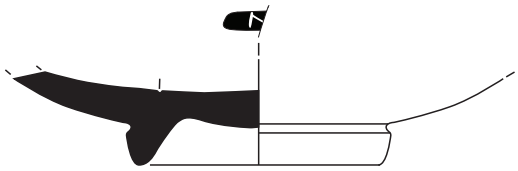
Nº 253
T.S.S.G.
La Graufesenque
Drag. 27



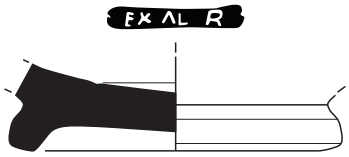
Nº 254 - T.S.S.G.
La Graufesenque - Drag. 24/25



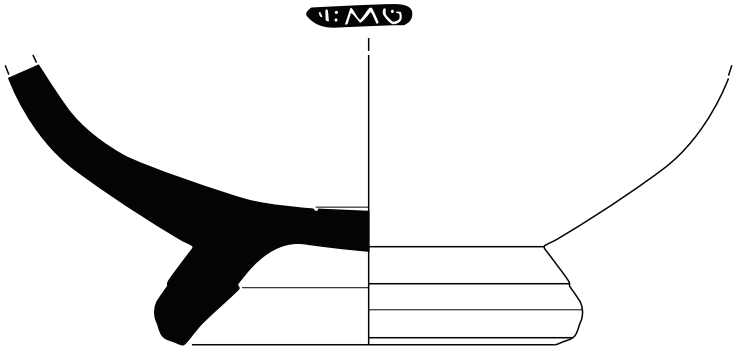
Nº 255 - T.S.S.G.
La Graufesenque - Drag. 27



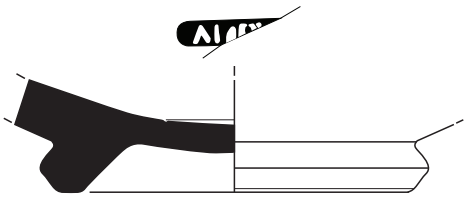
Nº 256 - T.S.H. - La Rioja



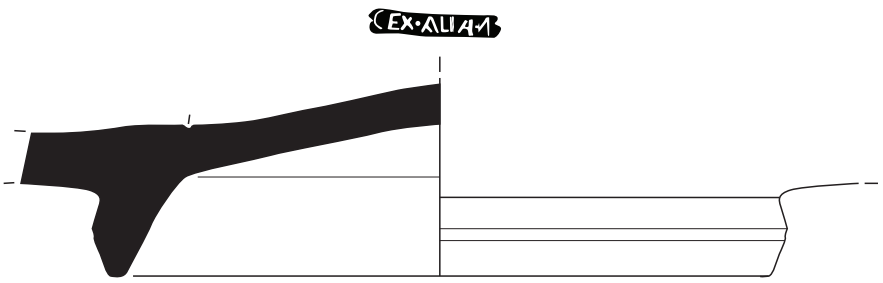
Nº 257 - T.S.H. - La Rioja
Marca danificada



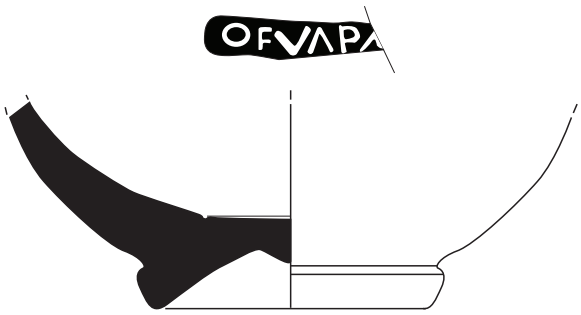
Nº 259 - T.S.H. - La Rioja



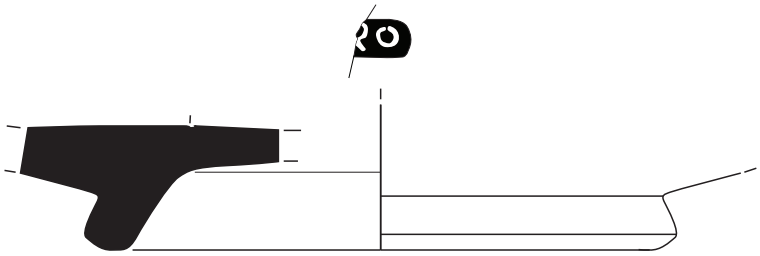
Nº 260 - T.S.H. - La Rioja



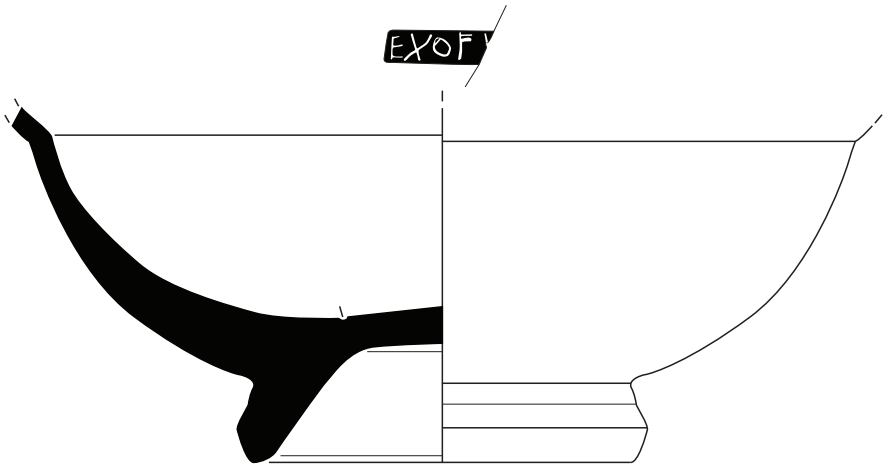
Nº 261
T.S.S.G. -
La Graufesenque
Drag. 18/31



Nº 262 - T.S.S.G.
La Graufesenque - Drag. 24/25

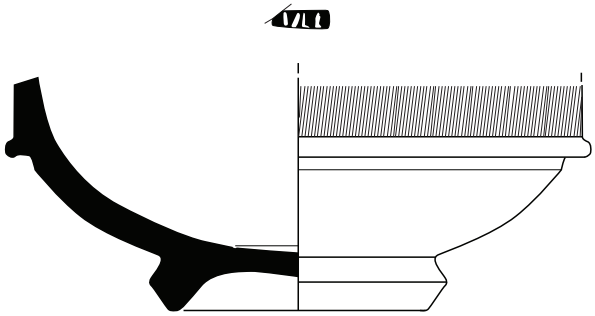


Nº 263 - T.S.S.G.
La Graufesenque

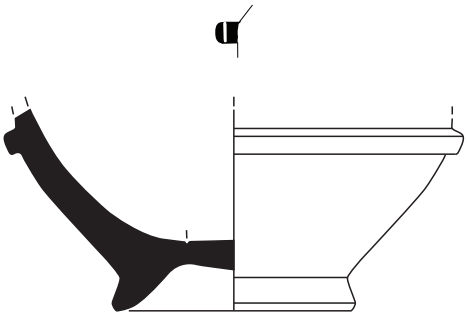


Nº 264
T.S.H. - La Rioja
Drag. 27

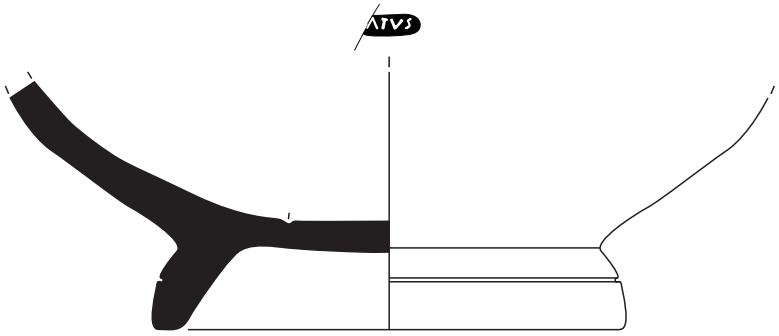
Nº 265 - T.S.H. - La Rioja



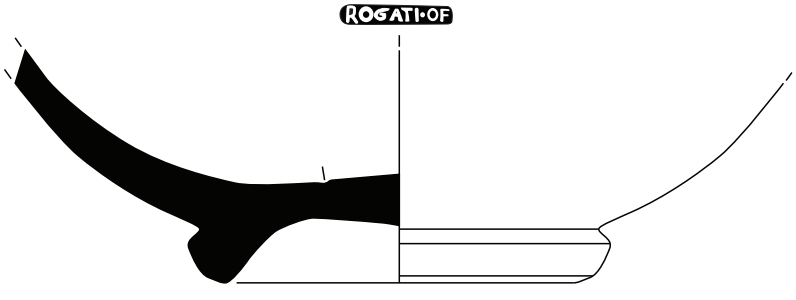
Nº 266 - T.S.S.G.
La Graufesenque - Drag. 24/25



Nº 267 - T.S.S.G.
La Graufesenque - Drag. 24/25

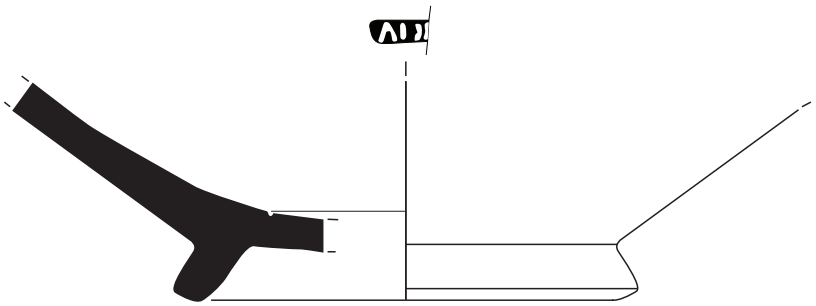


Nº 268 - T.S.S.G. - La Graufesenque

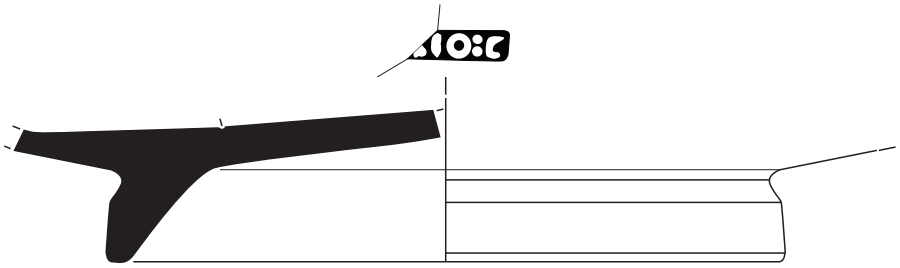


Nº 269
T.S.S.G. -
La Graufesenque

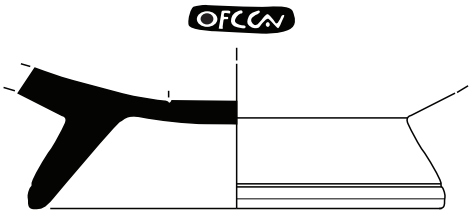
Nº 270 - T.S.S.G.
La Graufesenque



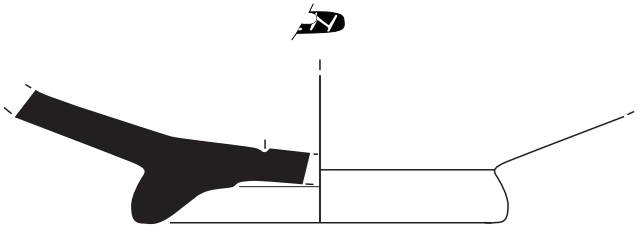
Nº 271 - T.S.S.G.
La Graufesenque



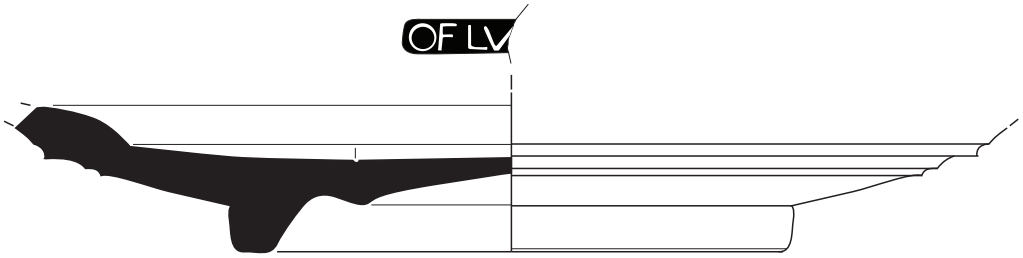
Nº 272 - T.S.S.G.
La Graufesenque - Drag. 18/31



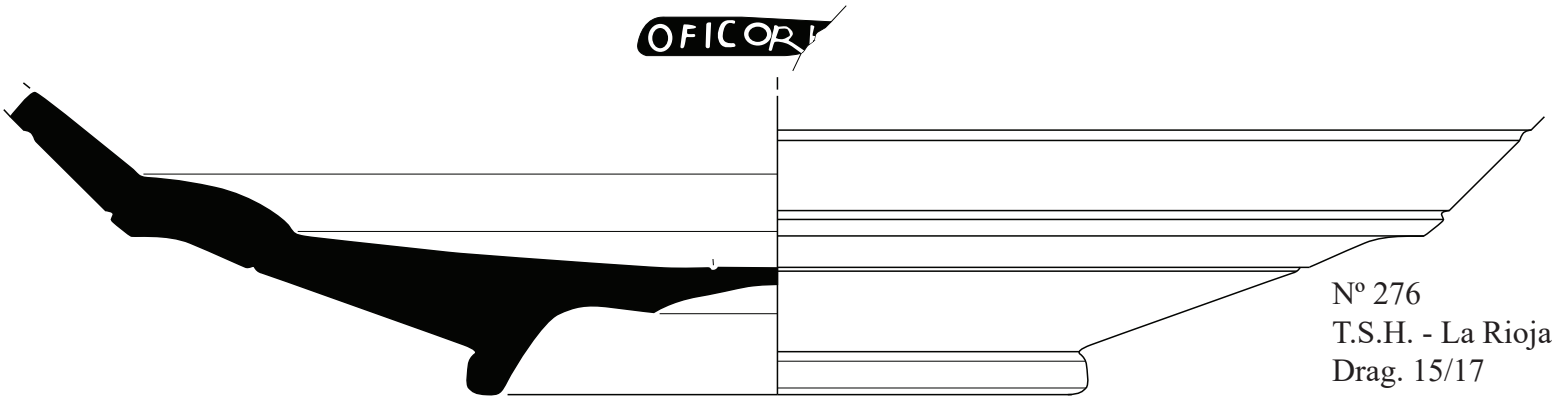
Nº 273 - T.S.S.G.
La Graufesenque



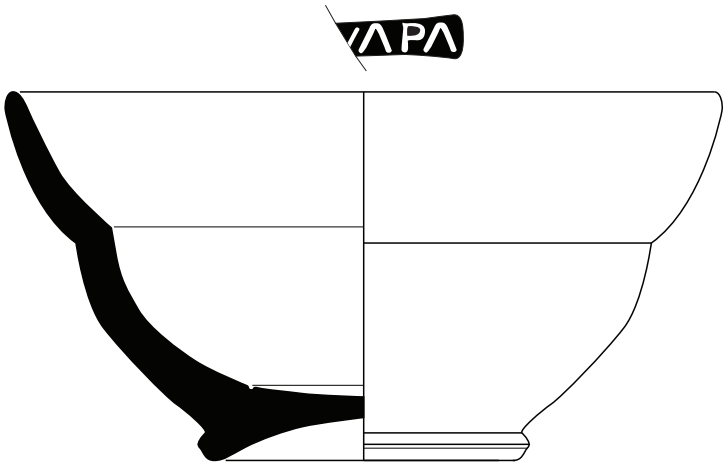
Nº 274
T.S.H. - La Rioja



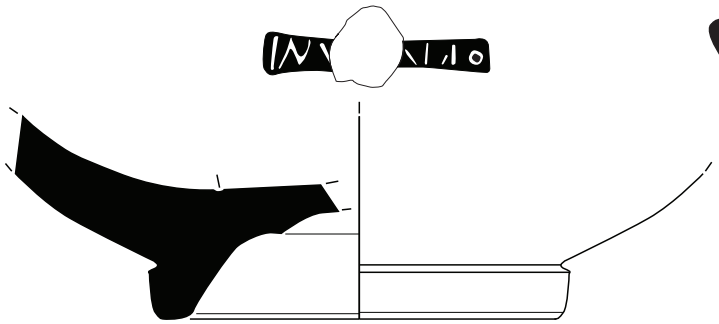
Nº 275
T.S.H. - La Rioja
Drag. 15/17



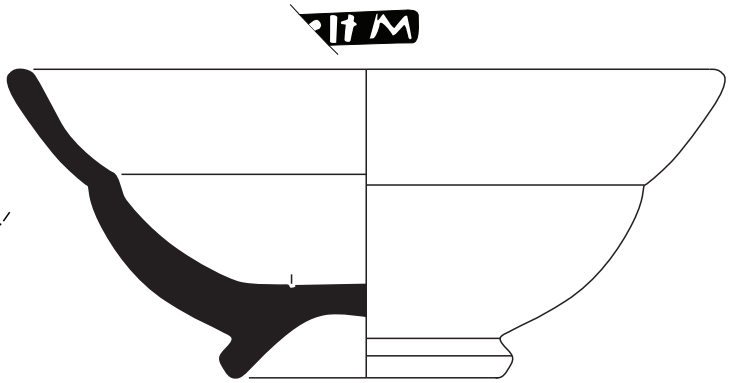
Nº 276
T.S.H. - La Rioja
Drag. 15/17



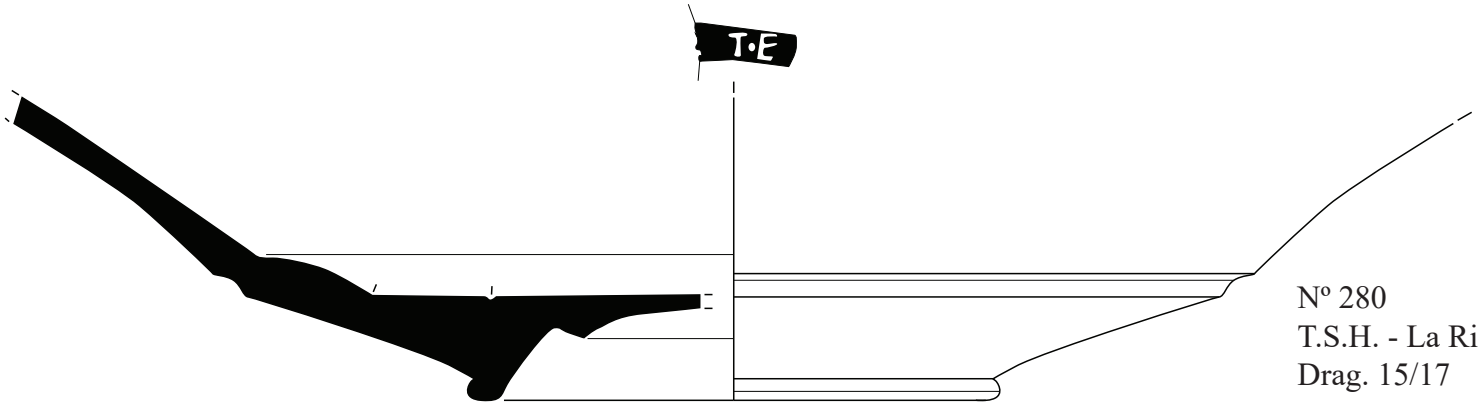
Nº 277
T.S.H. - La Rioja
Drag. 27



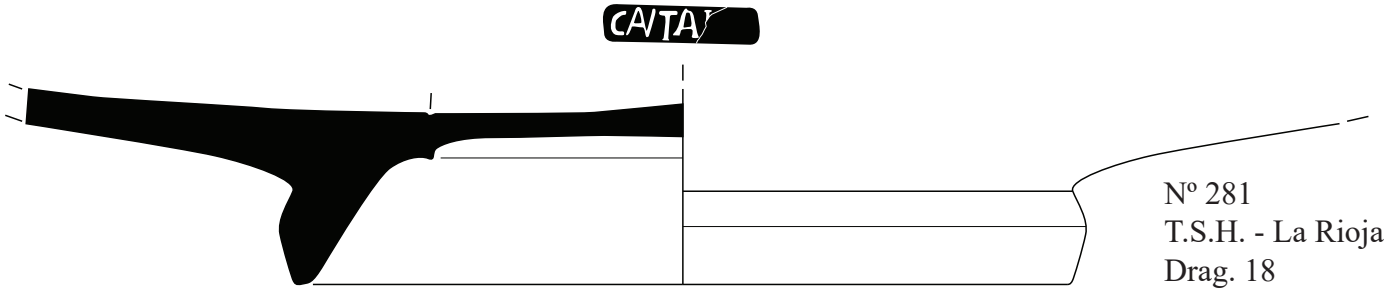
Nº 278 - T.S.H. - La Rioja



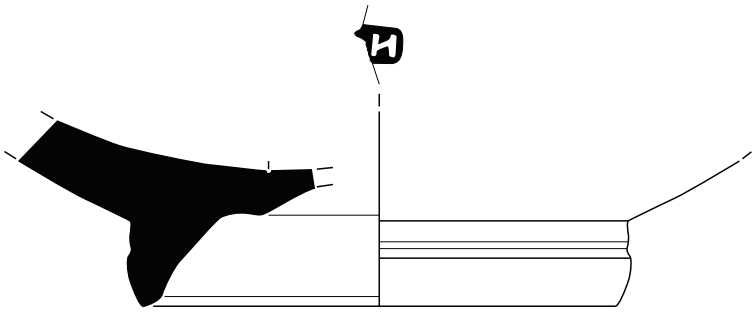
Nº 279 - T.S.S.G.
La Graufesenque - Drag. 27



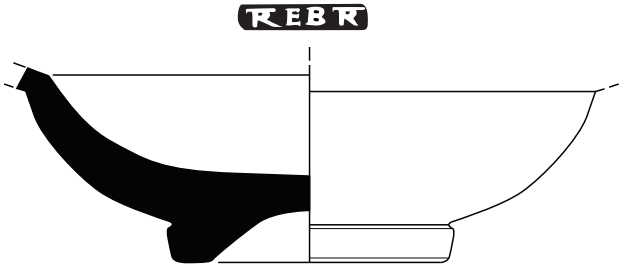
Nº 280
T.S.H. - La Ri
Drag. 15/17



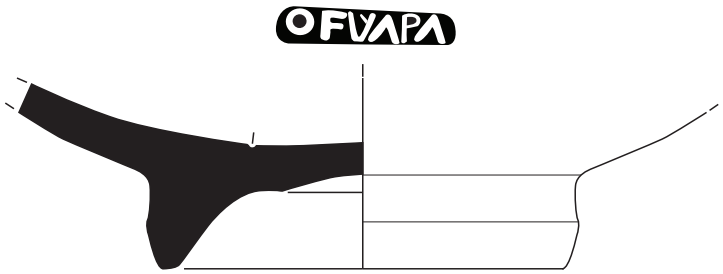
Nº 281
T.S.H. - La Rioja
Drag. 18



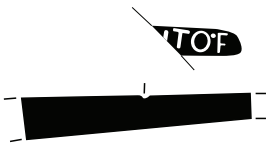
Nº 282 - T.S.H. - La Rioja



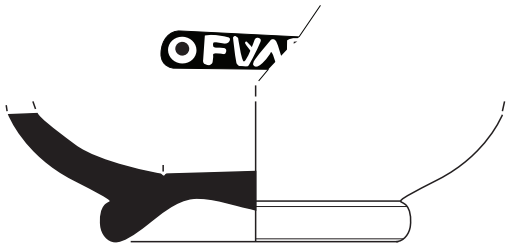
Nº 283 - T.S.H. - La Rioja - Drag. 27



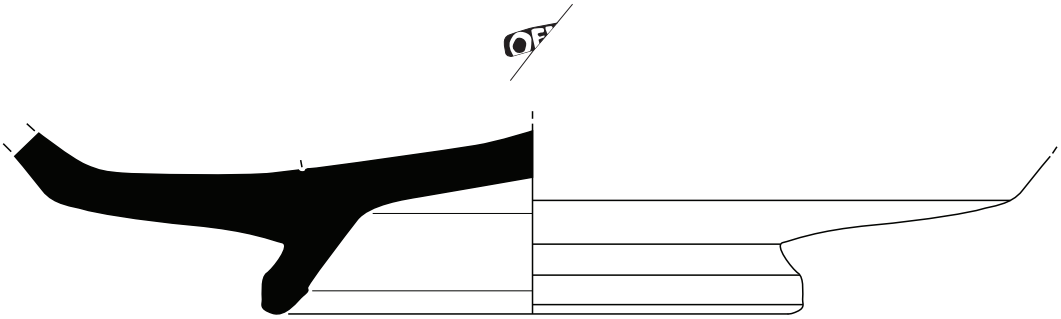
Nº 284 - T.S.H. - La Rioja



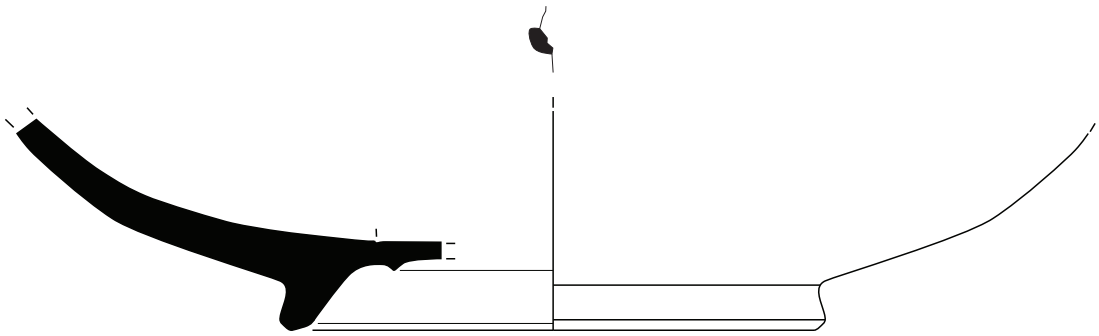
Nº 285
T.S.H. - La Rioja



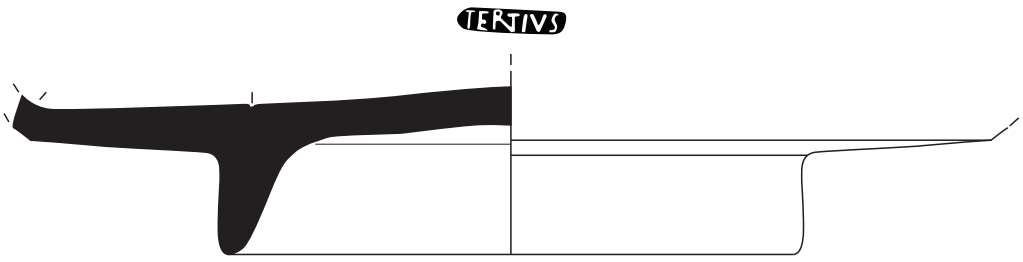
Nº 286
T.S.H. - La Rioja



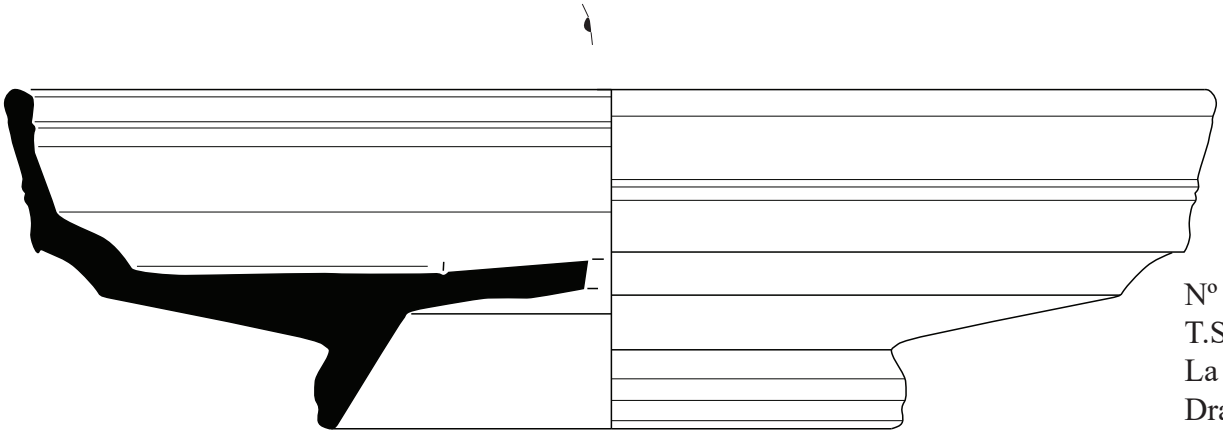
Nº 287
T.S.S.G. -
La Graufesenque
Drag. 18/31



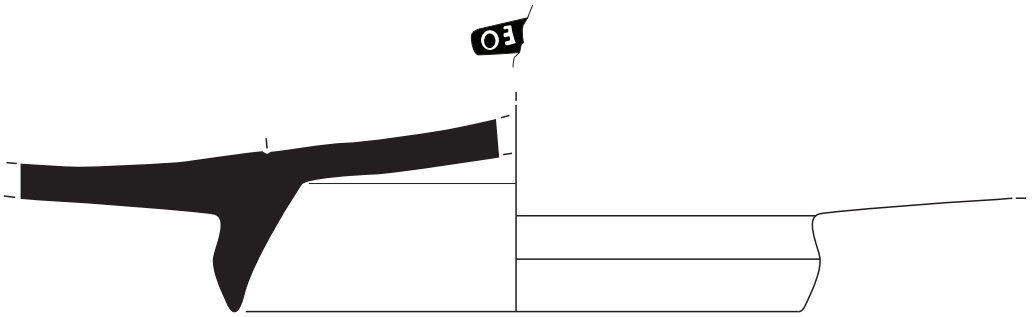
Nº 288
T.S.S.G. -
La Graufesenque
Ritt. 8/Drag. 42
(Rever Ori...?)



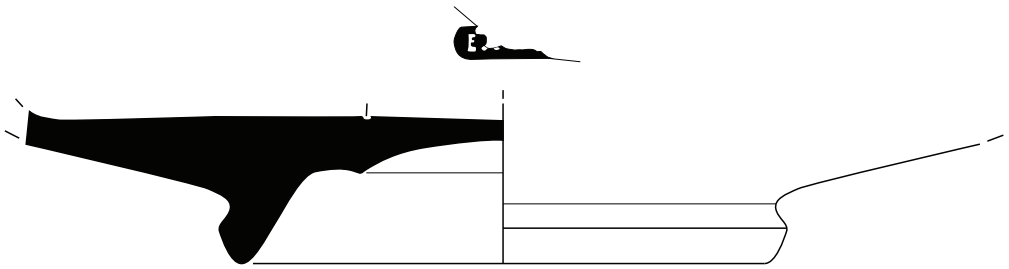
Nº 289
T.S.S.G. -
La Graufesenque
Drag. 18



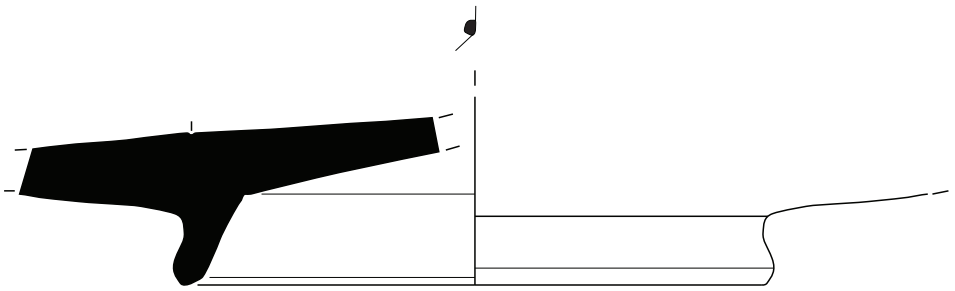
Nº 290
T.S.S.G. -
La Graufesenque
Drag. 15/17



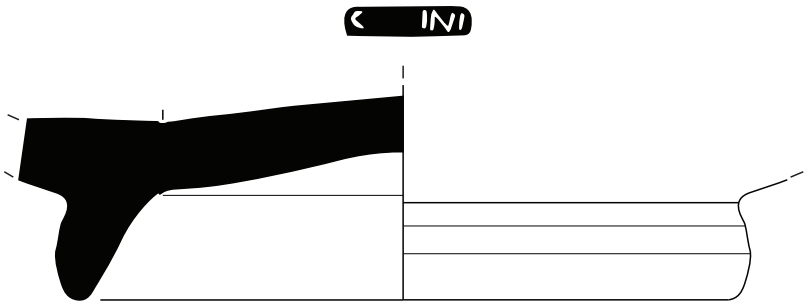
Nº 291
T.S.S.G. -
La Graufesenque



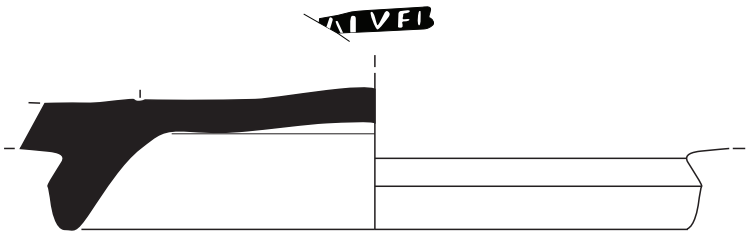
Nº 292
T.S.H. - La Rioja
Drag. 18



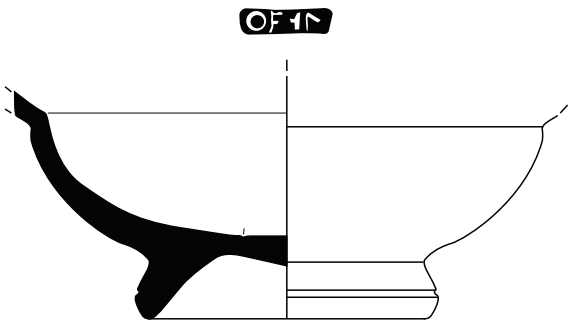
Nº 293
T.S.H. - La Rioja



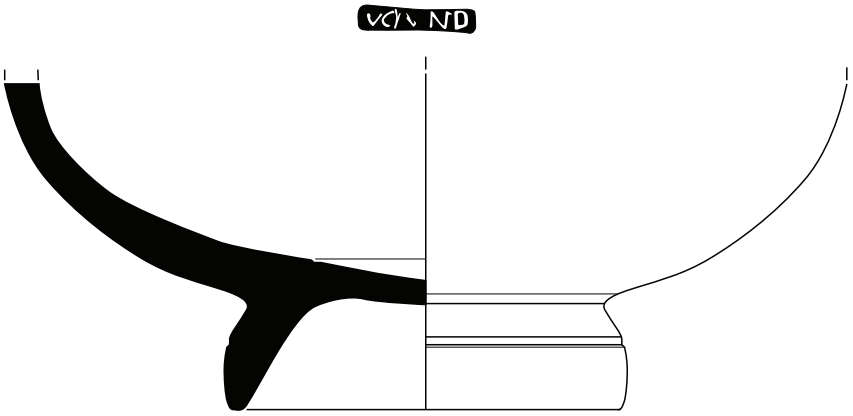
Nº 294
T.S.H. - La Rioja
Mal Impressa



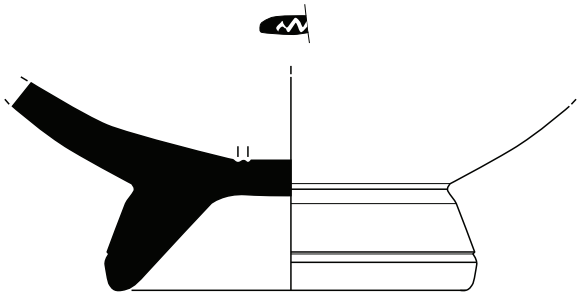
Nº 295 - T.S.H. - La Rioja



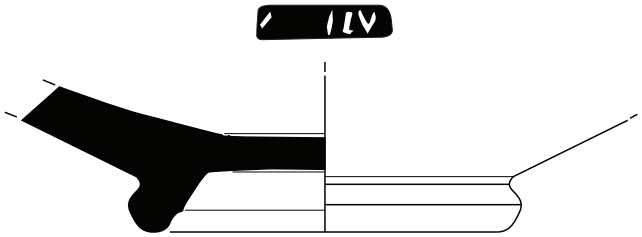
Nº 296 - T.S.S.G. - La Graufesenque
Drag. 27



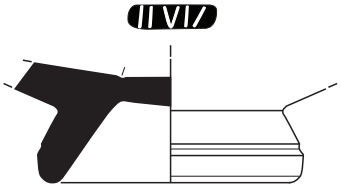
Nº 297
T.S.S.G. -
La Graufesenque



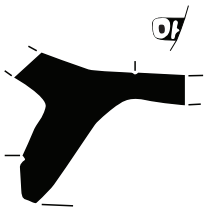
Nº 298 - T.S.S.G.
La Graufesenque



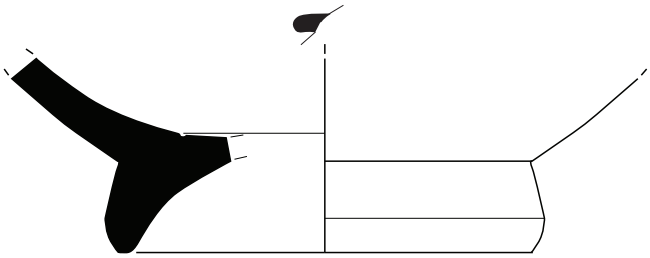
Nº 299 - T.S.S.G.
La Graufesenque - Mal Impressa



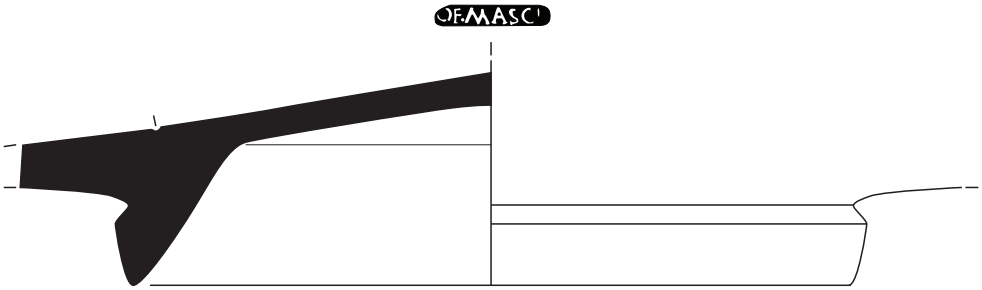
Nº 300 - T.S.S.G.
La Graufesenque



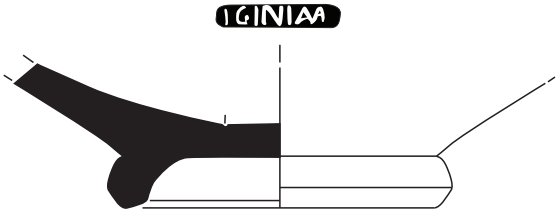
Nº 301 - T.S.S.G.
La Graufesenque - Sem Orientação



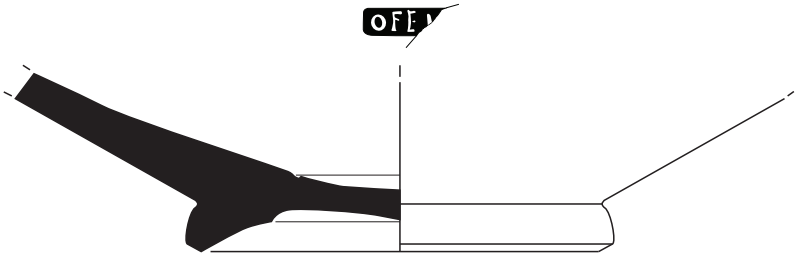
Nº 302 - T.S.S.G.
La Graufesenque



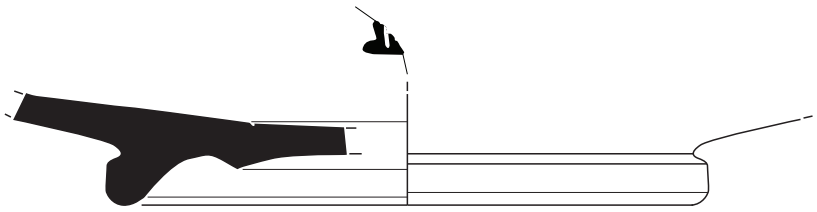
Nº 303 - T.S.S.G.
La Graufesenque



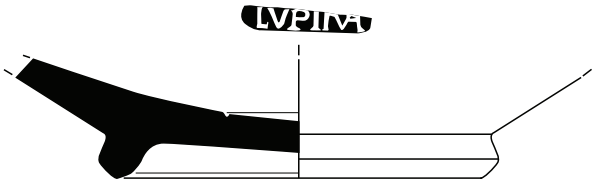
Nº 304 - T.S.S.G.
La Graufesenque



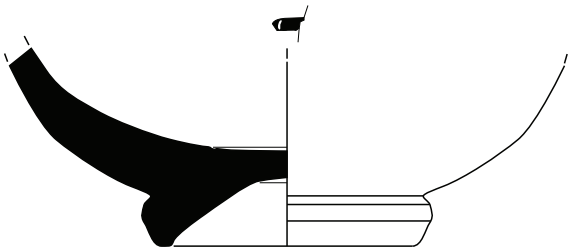
Nº 305 - T.S.S.G.
La Graufesenque



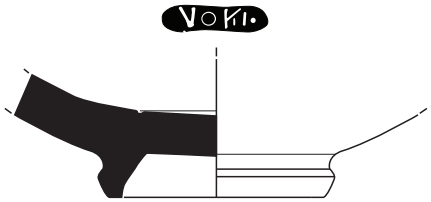
Nº 306 - T.S.H. - La Rioja



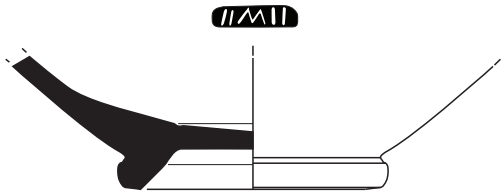
Nº 307 - T.S.S.G.
La Graufesenque



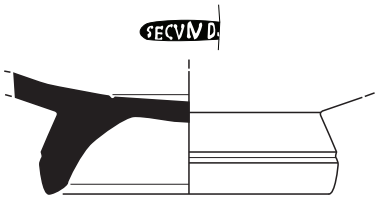
Nº 308 - T.S.H. - La Rioja
Mal Impressa e Danificada



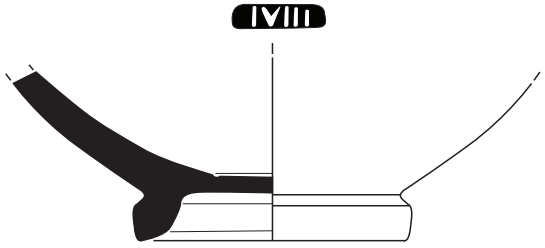
Nº 309 - T.S.S.G.
La Graufesenque



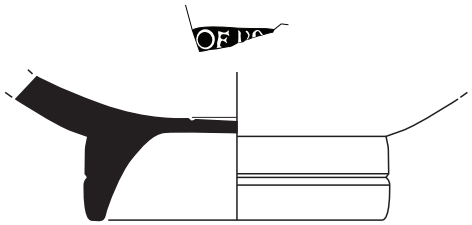
Nº 310 - T.S.S.G.
La Graufesenque



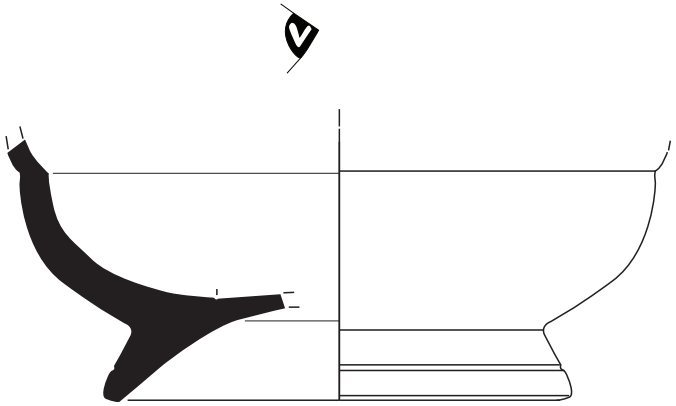
Nº 311 - T.S.S.G.
La Graufesenque



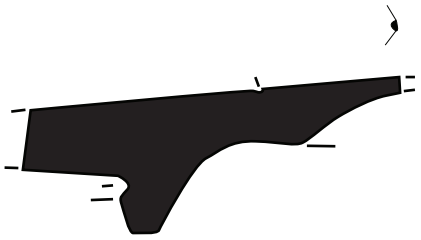
Nº 312 - T.S.S.G.
La Graufesenque



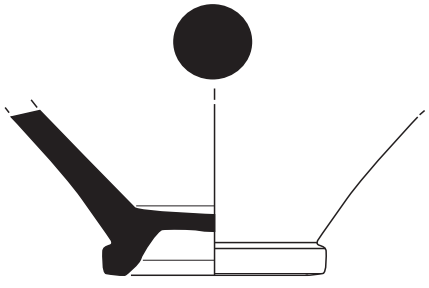
Nº 313 - T.S.S.G.
La Graufesenque



Nº 314 - T.S.S.G.
La Graufesenque

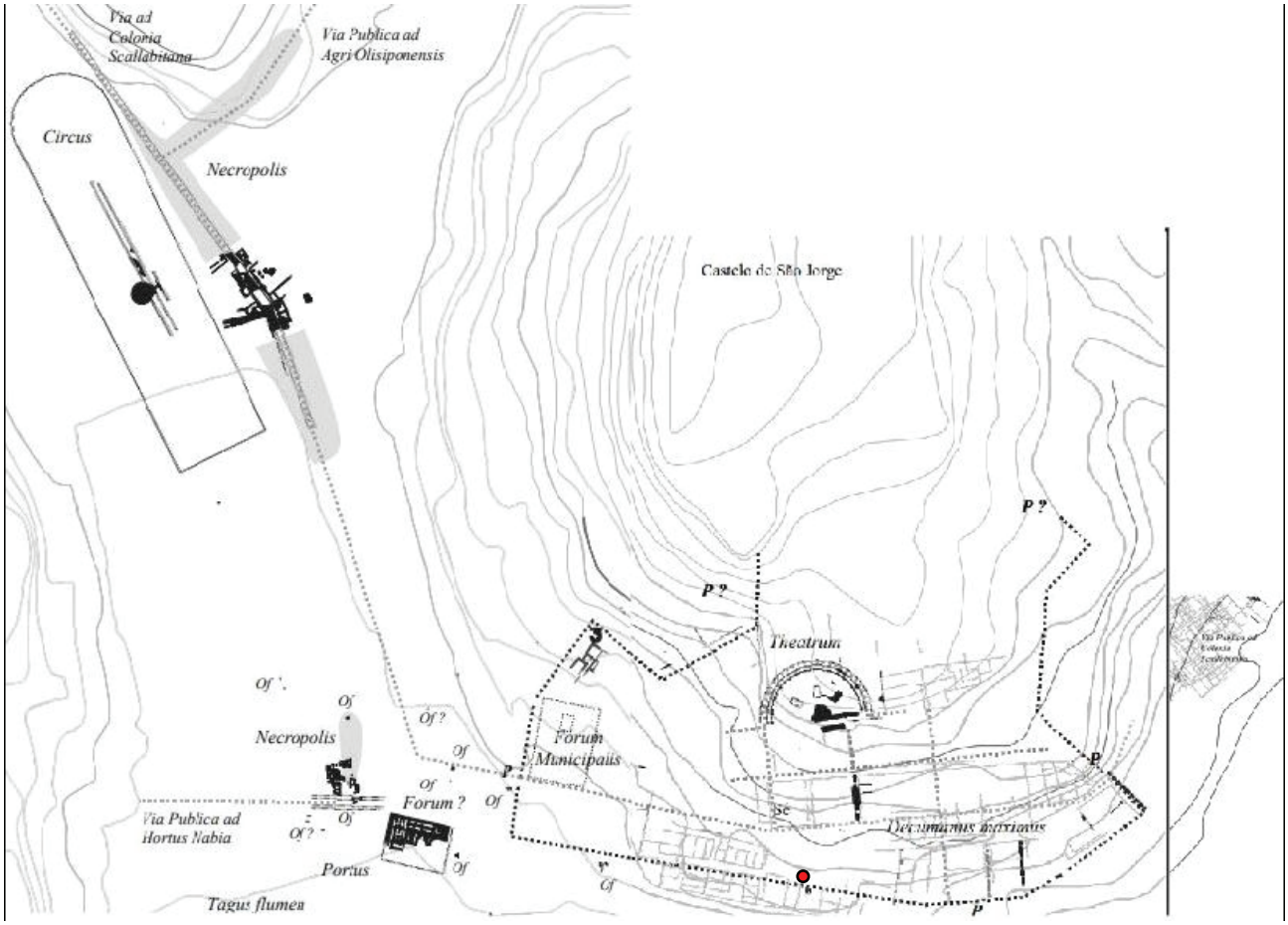


Nº 315 - T.S.H. - La Rioja
Sem Orientação ou Diametro

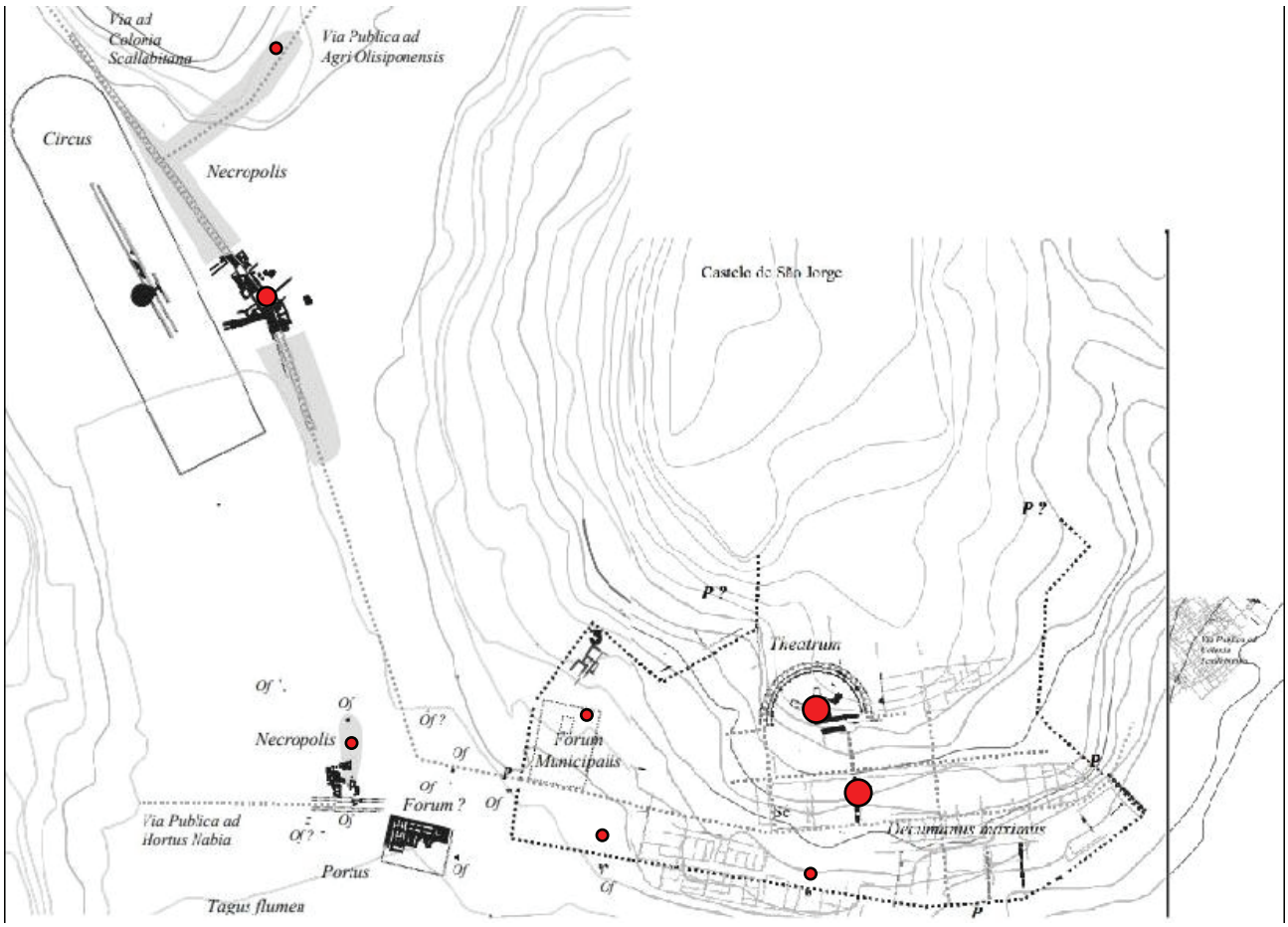


Nº 316 - T.S.I.
Marca Danificada
ou Mal Impressa

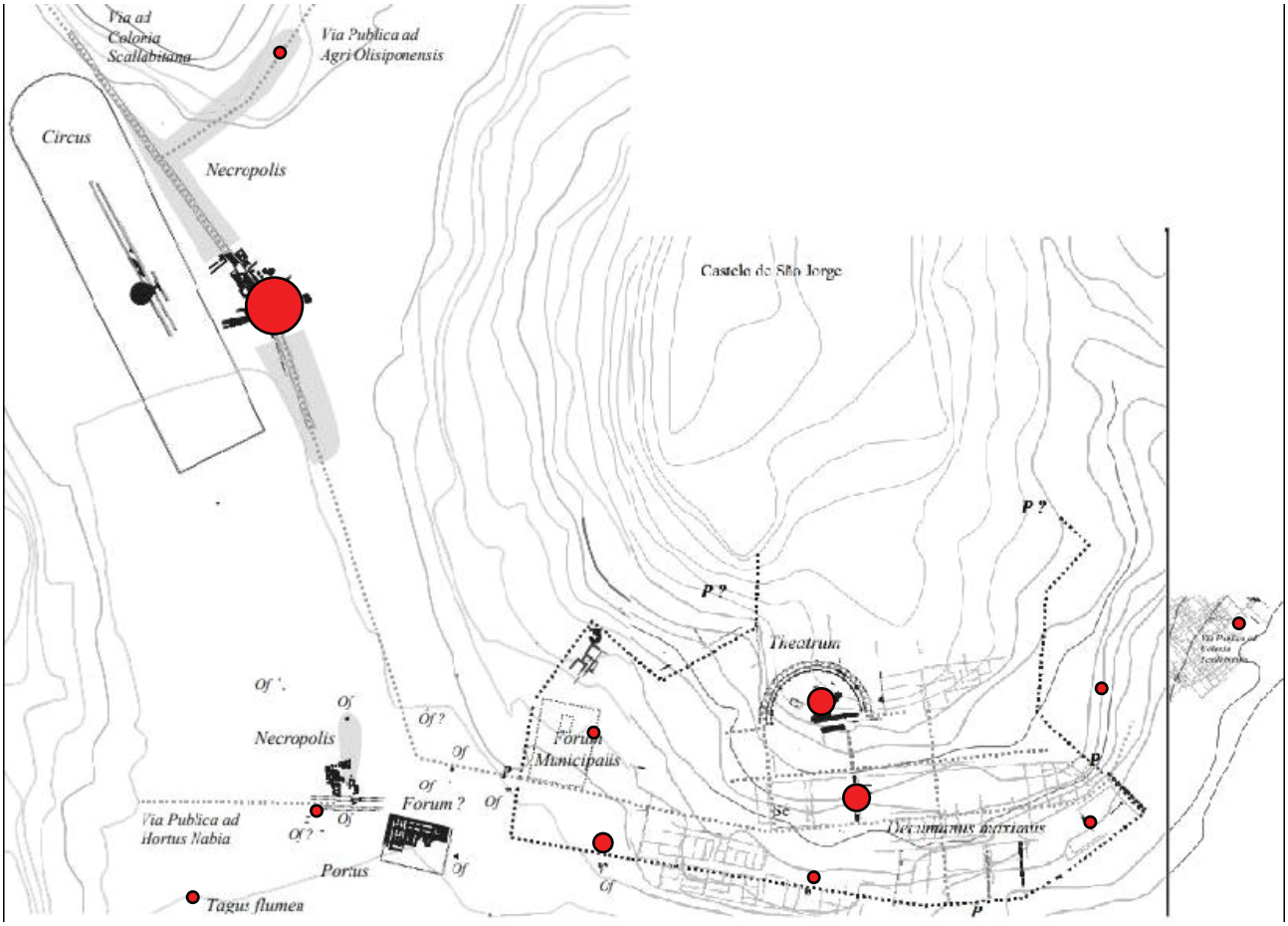
Anexo V - Distribuição de marcas de oleiro em *civitas* selecionadas



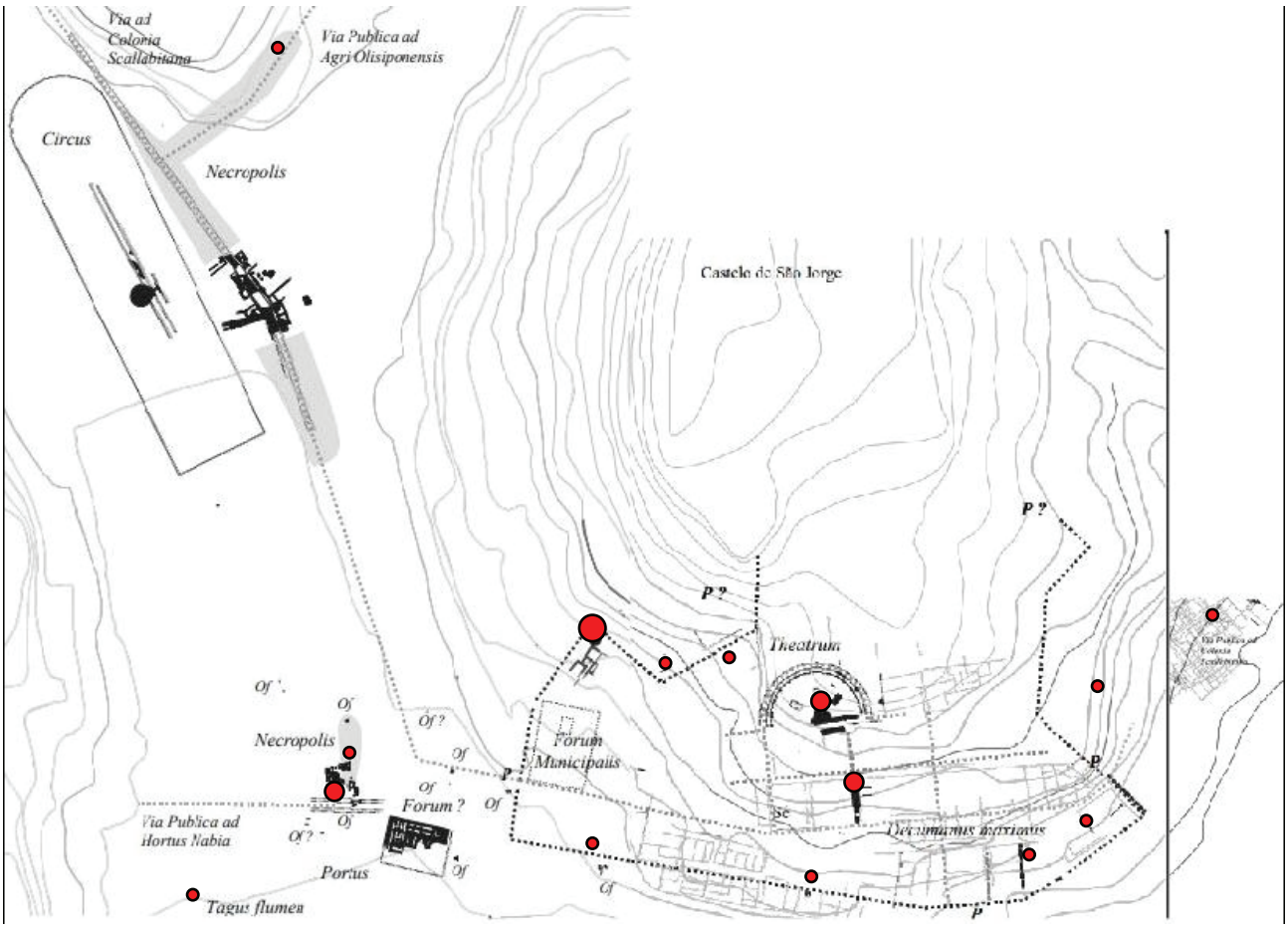
Olisipo - 50 - 25 a.C.



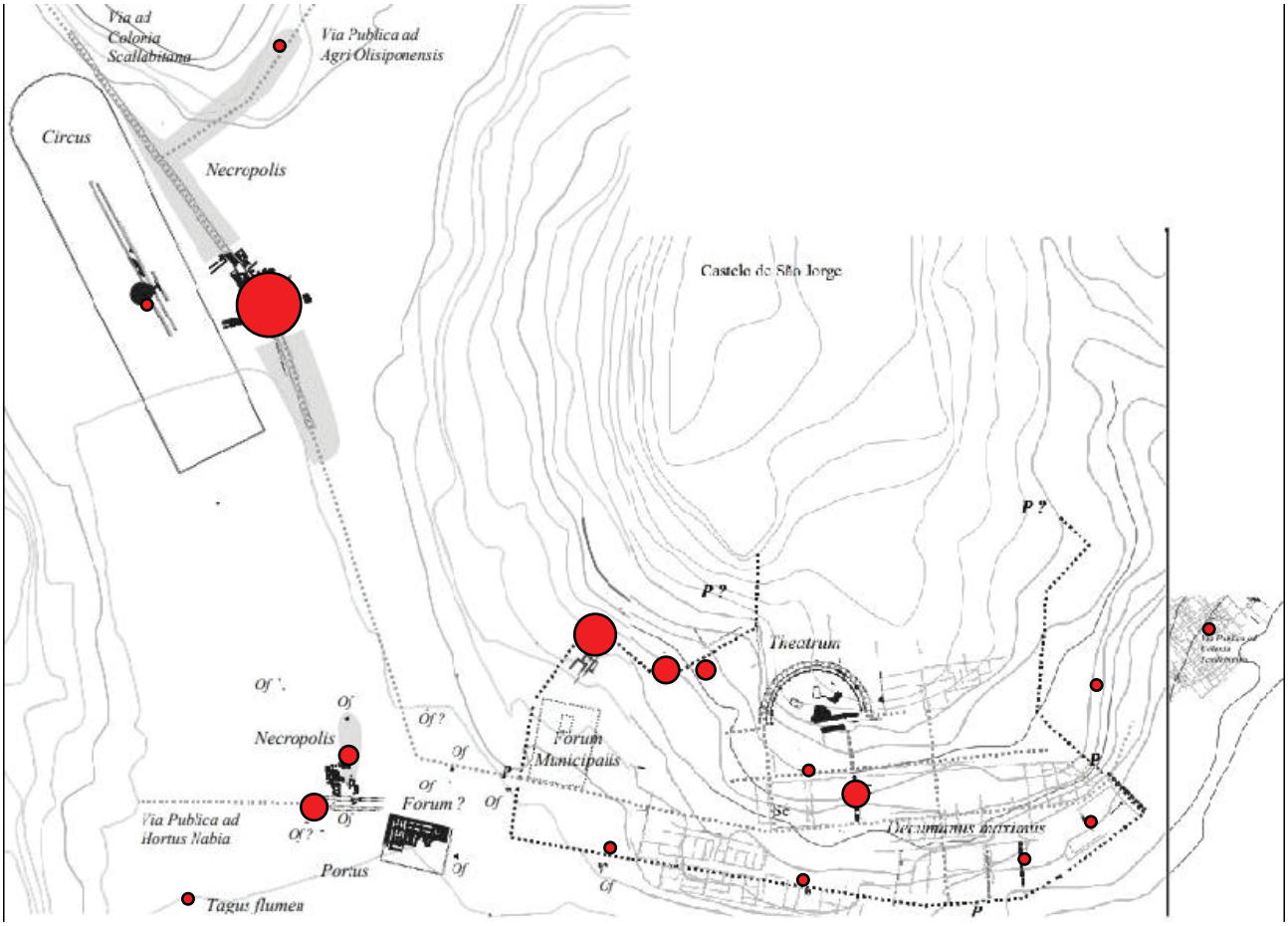
Olisipo - 25 a.C. - 1 d.C.



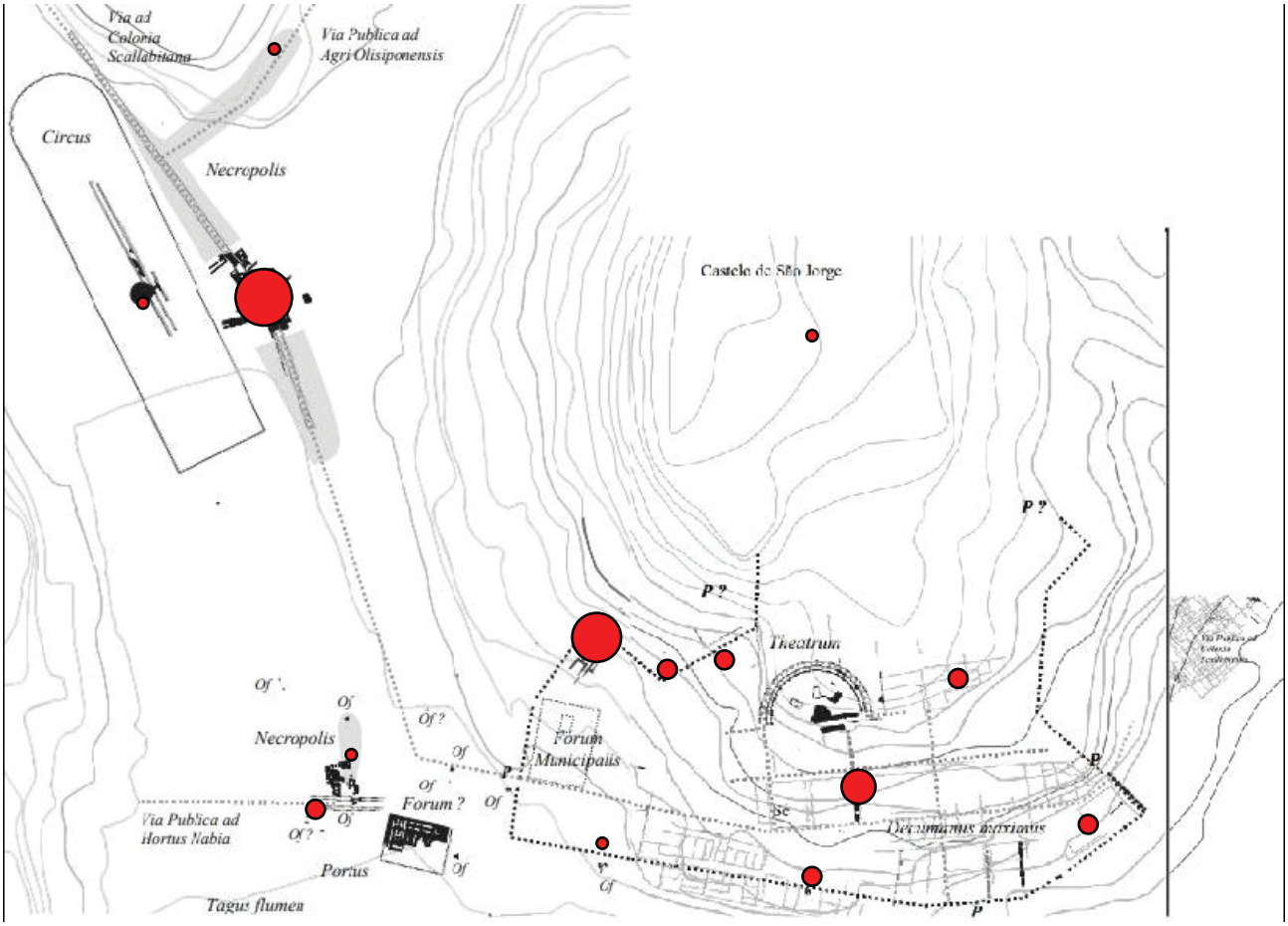
Olisipo - 1 - 25 d.C.



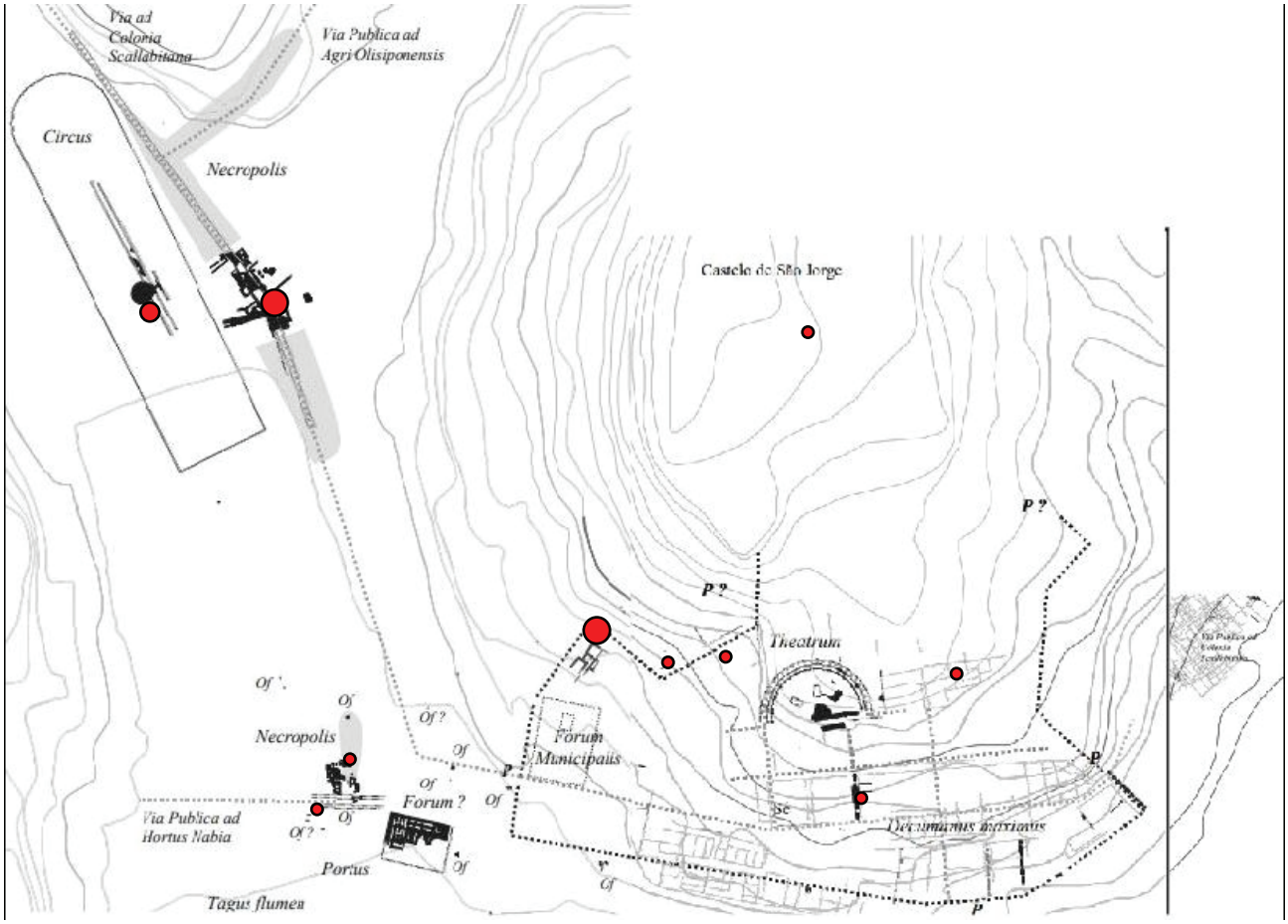
Olisipo - 25 - 50 d.C.



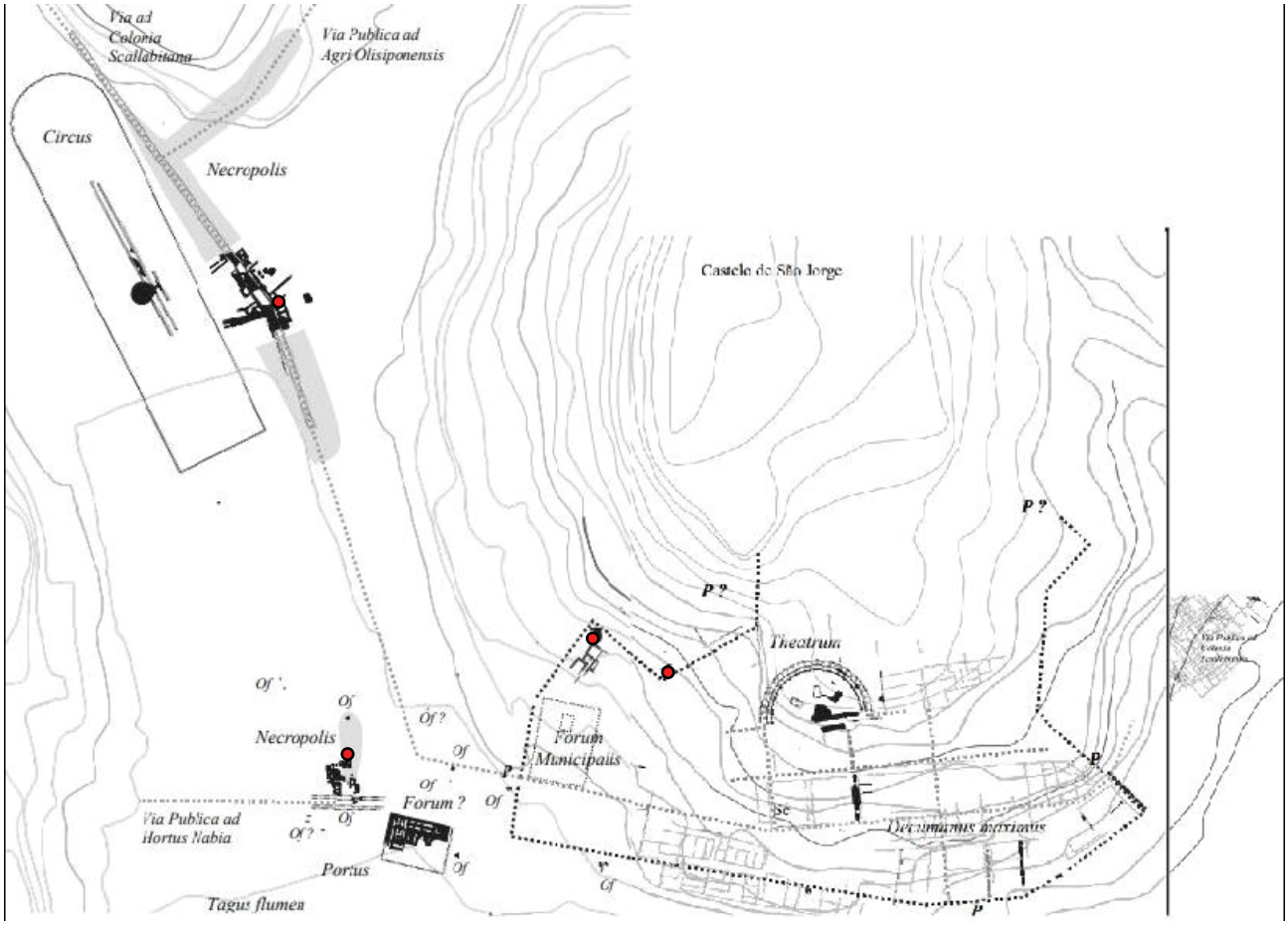
Olisipo - 50 - 75 d.C.



Olisipo - 75 - 100 d.C.

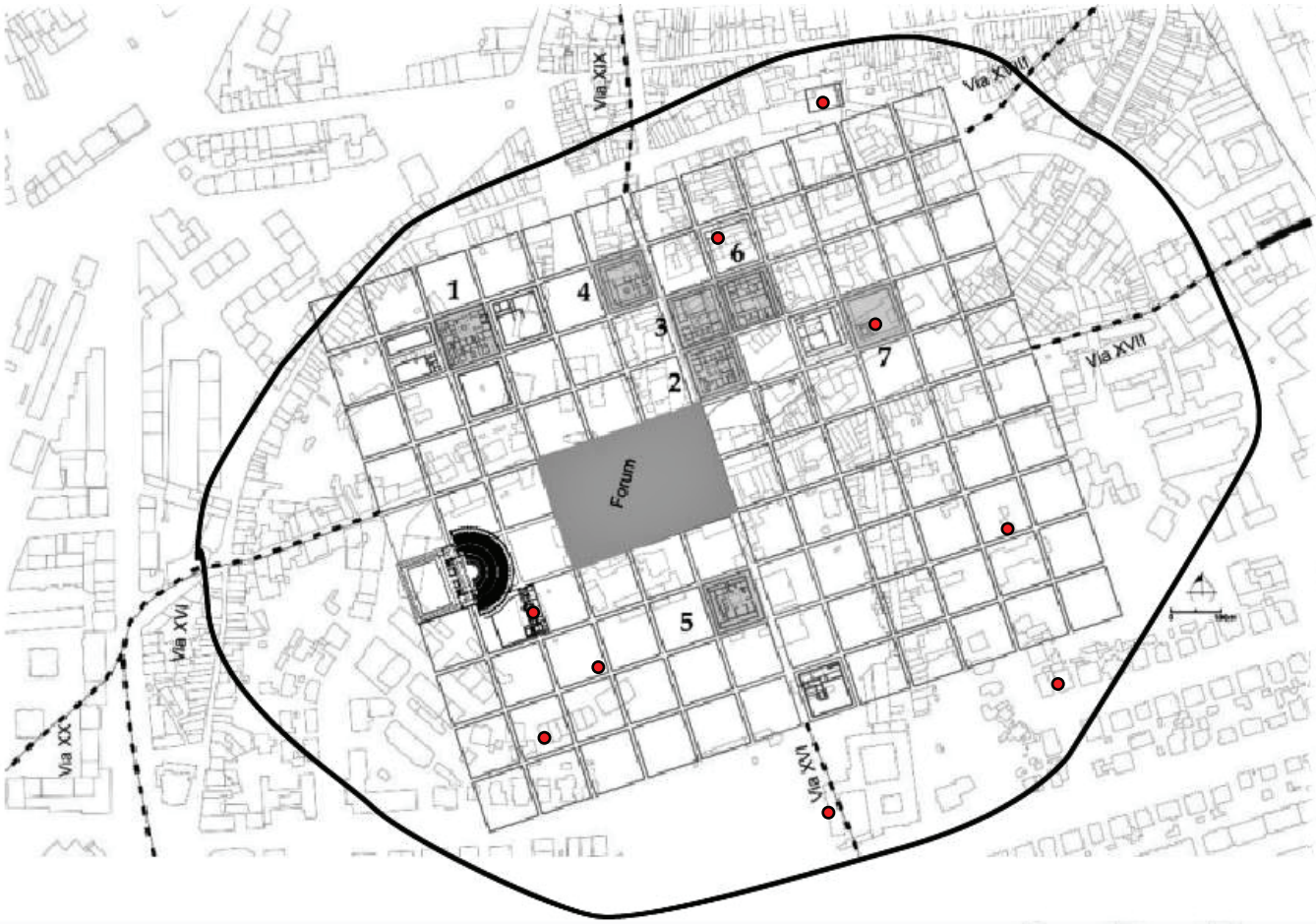


Olisipo - 100 - 125 d.C.



Olisipo - 125 - 150 d.C.

Bracara Avgvsta - 25 a.C. - 1 d.C.

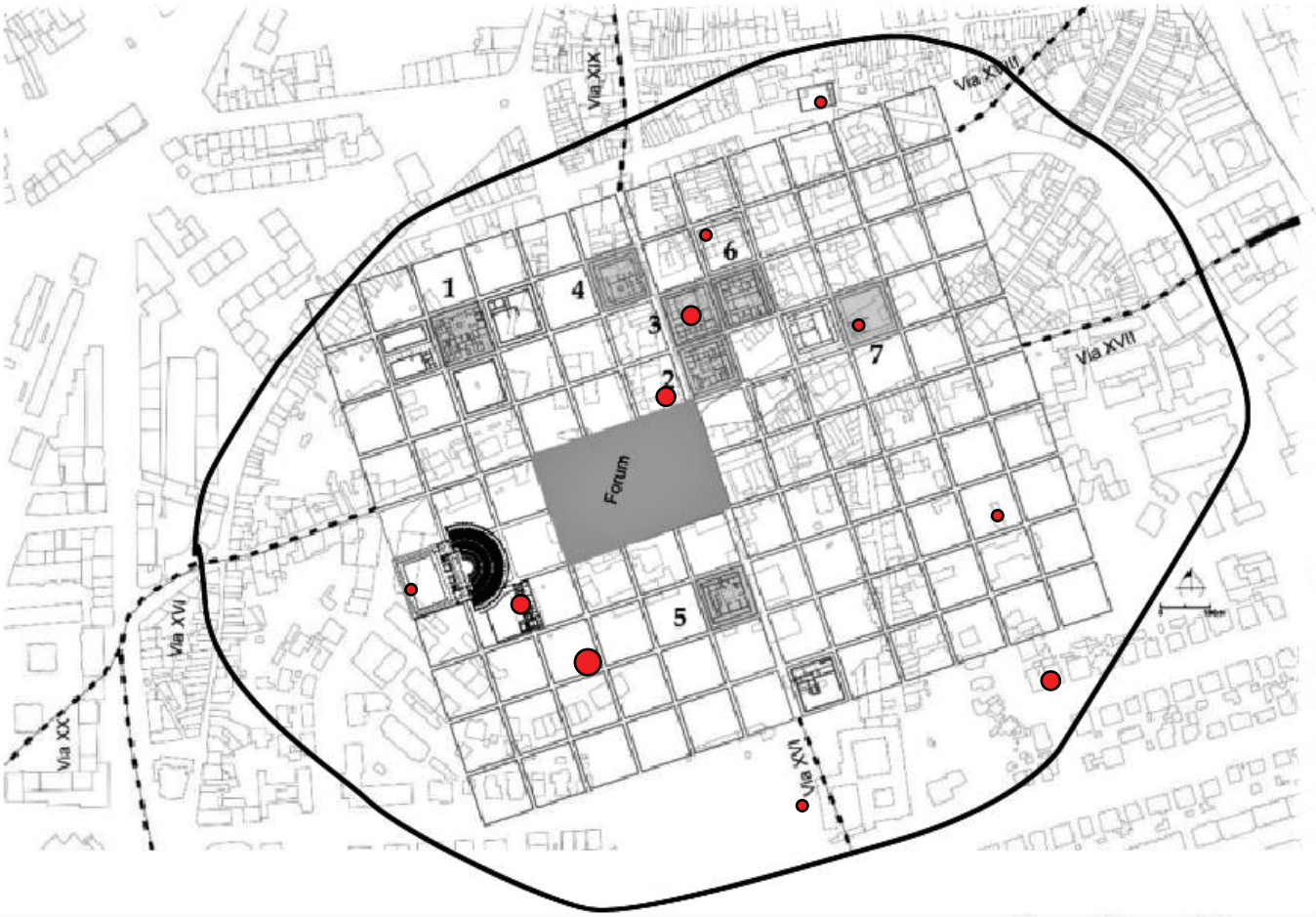


Bracara Avgvsta - 1 - 25 d.C.

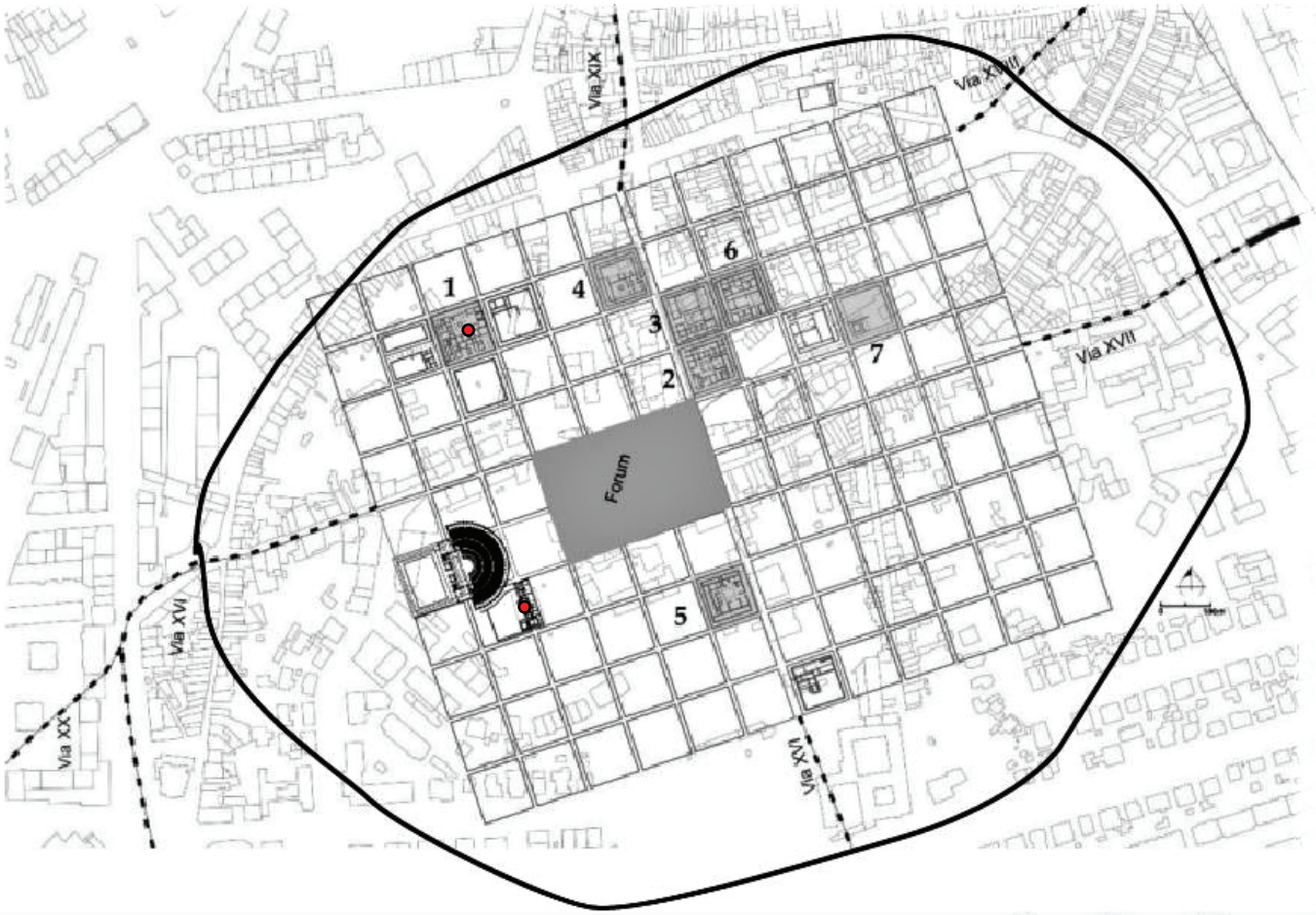
Bracara Avgvsta - 25 - 50 d.C.

Bracara Avgvsta - 50 - 75 d.C.

Bracara Avgvsta - 75 - 100 d.C.



Bracara Avgvsta - 100 - 125 d.C.



Bracara Avgvsta - 125 - 150 d.C.

Conimbriga - 25 - 0 a.C.

Conimbriga – 0 – 25 d.C.

Conimbriga – 25 - 50 d.C.

Conimbriga – 50 – 75 d.C.

Conimbriga – 75 - 100 a.C.

Conimbriga – 100 - 125 d.C.

Conimbriga – 125 - 150 d.C.

Conimbriga – 150 - 200 d.C.

Anexo VI – Tabelas de resumos das marcas de oleiro, cartelas e formas de *terra sigillata* da *Lvsitania*

VI.1. – *Terra Sigillata* Itálica

1. Atestação dos centros de produção na *Lvsitania*

1.1 – *Arretivm* (Arezzo, Itália)

Posição Primária	Posição Secundária	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia	Fase[1]	OCK
P. Cornelivs[2]		24	5 a.C. – 40 d.C.	B/C	623/624
P. Cornelivs	Anteros	2	+ 5 d.C.	B/C	627
	Anthvs	3	+ 5 d.C.	B/C	628
	Apollo()	1	+ 5 d.C.	B/C	630
	Comen	1	+ 5 d.C.	B/C	-
	Diome(des)	3	5 – 20 d.C.	B/C	638
	Epigo(nvs)	2	+ 10 d.C.	B/C	641
	Favstvs	1	-		643
	Felix	2	-		664
	Firmvs	5	+ 15 d.C.	C	646
	Frvctvs	1	+ 1 d.C.	B/C	647
	Gemellvs	2	+ 1 d.C.	B/C	648
	Heracla	1	+ 15 d.C.	C	651
	Himeros	1	+ 5 d.C.	B/C	654
	Ingen(vvs)	2	+ 5 d.C.	B/C	655
	Memor	2	+ 1 d.C.	B/C	659
	P(h)ras(tvs)	1	-		666
	Phile()	1	+ 1 d.C.	B/C	663
	Philon(nicvs)	1	+ 5 d.C.	B/C	665
	Plocamvs	1	+ 5 d.C.	B/C	668
	Potvs	5	+ 5 d.C.	B/C	669

[1] Fase comercial enunciada por Kenrick em (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000, 36)

[2] Aptou-se aqui por juntar, para os propósitos desta tabela, as marcas de oleiro internas e externas ou Intra decorativas, agrupando assim, por exemplo, *P. Cornelivs* (1) e (2), de maneira a facilitar a análise. Na base de dados efetuada durante a pesquiza, estes encontram-se separados.

	Primvs	3	+ 5 d.C.	B/C	672
	Qvartio	1	+ 1 d.C.[3]	B/C	674
	Speratvs	3	+ 1 d.C.	B/C	676
	Strativs	1	+ 1 d.C.	B/C	677
P. Cornelivs (Total)		70	-		
Rasinivs		19	15 a.C. – 40 d.C.	C	1623/4
Rasinivs	Celer	3	+ 30 d.C.	B/C	1635
	Evticvs	1	+ 1 d.C.	B/C	1650
Rasinivs (Total)		22	-		
C. Vibienvs (2)		10	1 – 40 d.C.	B/C	2373
L. Tettivs		1	20 – 1 a.C.	B	2094
L. Tettivs	Samia (1)	8	20 a.C. – 5 d.C.	B	2109
	Menoph(ilvs)	1	15 a.C. – 10 d.C.	B	2098
L. Tettivs (Total)		10	-		
L. Titivs		5	15 a.C. – 30 d.C.	B/C	2203
L. Titivs	Felix	1	-		2219
	Thyrsvs (2)	2	20 a.C. – 10 d.C.	B/C	2246
L. Titivs (Total)		8	-		
L. Ti() Hy()		1	+ 15 d.C.	C	2129
Vmbricivs (1)		6	10 a.C. – 50 d.C.	B/C	2441
L. Vmbricivs (1)	Scavrvs Hilarvs	1	+ 20 a.C.	B	2487
Sex. Annivs (1)		5	20 a.C. – 10 d.C.	B/C	183
Sex. Titivs		1	30 – 15 a.C.	A/B	2251
S(ex.) Pe()		1	40 – 20 a.C.	A	1383
S(ex.) V(illivs) Nat(alis)		2	1 – 15 d.C.	B	2430/1
M. Perennivs (4)		5	20 a.C. – 20 d.C.	B/C	1391
C. Vmbricivs	Philologvs	4	+ 15 d.C.	C	2448
L. Gellivs		4	15 a.C. – 50 d.C.	B/C	879
A. Annivs	Crispvs	3	15 a.C. – 5 d.C.	B	123
A. Sestivs	Soter	1	20 – 1 a.C.	B	1945
	Priamvs	2	30 – 10 a.C.	A/B	1942
	Dama Hilarvs	3	30 – 10 a.C.	A/B	1951
A. Sestivs (Total)		6	-		

[3] Considerou-se que quando um oleiro não possui data de término definida, esta foi calculada como uma geração, ou seja, 25 anos.

Sestivs	Pila	1	+ 40 d.C.	C/D	1924
Annivs		2	15 a.C. – 5 d.C.	B	116
Annivs	Acvtvs	1	+ 10 d.C.	B/C	118
Annivs (Total)		3	-		
L. Annivs (2)		1	10 a.C. – 10 d.C.	B	164
Ateivs (2)		3	15 a.C. – 5 d.C.	B	267
C. Arvivs		3	15 a.C. – 15 d.C.	B	254
Camvrivs		3	30 – 70 d.C.	C/D	514
L. Camvrivs		3	1 – 20 d.C.	B/C	711
Savfeivs		3	15 a.C. – 30 d.C.	B/C	1800
L. Savfeivs	Philomvsvs	1	+ 10 d.C.	B/C	1818
	Felix	1	+ 10 d.C.	B/C	1813
	G(avsa)	1	15 a.C. – 10 d.C.	B	1824
(L.) Savfeivs		3	-		
A. Avilivs	Eros	3	20 – 10 a.C.	B	397
A. Vibivs		1	30 – 10 a.C.	A/B	2397
A. Vibivs	Scrofv(la)	2	40 – 15 a.C.	A/B	2400
A. Vibivs (Total)		3	-		
C. Annivs	Ingenvvs	2	10 a.C. - 10 d.C.	B	150
	Primvs	1	+ 10 d.C.	B/C	155
	Apollo	2	15 a.C. – 5 d.C.	B	131
	Gemelvs	1	+ 15 d.C.	C	147
	Onesimvs	1	30 a.C. – 15 d.C.	A/B	152
C. Annivs (Total)		7	-		
C. Gavivs (2)		2	1 – 30 d.C.	B/C	869
C. Volusenvs (2)		2	1 – 20 d.C.	B/C	2500
Cn. Ateivs (2)		2	15 a.C. – 5 d.C.	B	275
Cn. Ateivs	Eros	1	15 a.C. – 30 d.C.	B/C	290
	Evhodvs (2)	1	5 a.C. – 25 d.C.	B/C	292
Cn. Ateivs (Total)		4	-		
Gavivs		2	10 a.C. – 20 d.C.	B/C	867
Gellivs		2	10 – 50 d.C.	B/C	878
P. Clod(ivs) Proc(vlvs)		2	40 – 100 d.C.	D	592
P. Hertorivs		2	30 – 10 a.C.	A/B	933
Hertorivs		1	30 a.C. – 10 d.C	A/B	932

C. Caenivs		1	+ 15 d.C.	C	480
C. Memmivs		8	10 a.C. – 20 d.C.	B/C	1138
C. Memmivs	Primvs	1	15 a.C. – 5 d.C.	B	1156
C. Memmivs (Total)		9	-		
C. Mvrrivs		1	1 – 30 d.C.	B/C	1203
C. Sertorivs Procvlvs		1	15 a.C. – 5 d.C.	B	1913
Calidivs (Strigo)	Onirvs	1	+ 10 d.C.	B/C	501
	Protvs	1	15 – 5 a.C.	B	504
Calidivs (Strigo) (Total)		2	-		
L. C. Petr(onivs) Coria		1	40 – 10 a.C.	A/B	1430
L. Pri()		1	10 a.C. – 10 d.C.	B	1520
L. Tarqvitvs		1	15 a.C. – 15 d.C.	B	2040
M. P() Capito		1	50 – 100 d.C.	D	1350
Manneivs		1	30 – 70 d.C.	C/D	1099
Pila		1	40 – 15 a.C.	A/B	1464
Primvs (1)		1	5 a.C. – 40 d.C.	B/C	1529
Pvblivs	Samo	1	15 – 5 a.C.	B	1577
	Arch()	1	15 a.C. – 5 d.C.	B	1557
	Acvtvs	1	15 – 5 a.C.	B	1555
Pvblivs (Total)		3	-		
Rvfrenvs		1	1 – 30 d.C.	B/C	1728
T. Rvfrenvs		1	1 – 40 d.C.	B/C	1730
Villivs		3	1 – 40 d.C.	B/C	2428
Total (103)		242			

1.2 – Itália Central

Posição Primária	Posição Secundária	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia	Fase	OCK
A. Coronvanivs*		1	15 a.C. – 5 d.C.	B	683
C. Cvrtivs		2	1 – 20 d.C.	B/C	718
C. Me() R()*		3	20 – 70 d.C.	C/D	1133
C. Memmivs	Anthvs*	2	30 a.C. – 15 d.C.	B	1139
C. Pac(ideivs)	Par()	1	15 a.C. – 5 d.C.	B	1367
C. Titivs		1	1 – 20 d.C.	B/C	2170
C. Valerivs*		1	1 – 15 d.C.	B/C	2293

C. Valerivs	Tyrannvs Ant()	1	10 a.C. – 10 d.C.	B	2298
Carvs*		1	1 – 15 d.C.	B/C	518
Epo()*		1	+ 1 d.C.	B/C	772
Favstvs (2)		2	1 – 20 d.C.	B/C	815
Gallvs		1	10 a.C. – 30 d.C.	B/C	864
Helivs		1	+ 30 a.C.	A/B	914
Heraclio		2	+ 1 d.C.	B/C	922
Herm() (2)		2	+ 15 .C.	C	925
Ianvarivs (1)		1	10 a.C. – 15 d.C.	B	961
L. Mammivs*		1	-		1092
L. Nonivs	Svriscvs*	1	+ 10 a.C.	B	1282
L. Vibivs*		1	15 – 5 a.C.	B	2419
L. Vmbricivs	Archebvs*	1	20 – 1 a.C.	B	2455
M. Servilivs	Figvlvs	1	+ 1 d.C.	B/C	1919
P. C() N()*		1	20 – 10 a.C.	B	466
P. Messenivs	Menopilvs	1	40 – 1 a.C.	A/B	1171
Priscvs (1)		1	1 – 50 d.C.	B/C	1542
Romanvs (1)		1	10 a.C. – 10 d.C.	B	1713
Sergivs Felix		1	10 a.C. – 10 d.C.	B	1881
Sex. Avillivs*		1	+ 10 d.C.	B/C	410
Stephanvs Strato		2	+ 10 d.C.	B/C	1996
Vibi(vs?)*		1	15 a.C. – 15 d.C.	B/C	2379
Daphnvs*		1	+ 1 d.C.	B/C	722
Total (30)		38			

1.4 –*Lyon* (La Muette, Itália)

Posição Primária	Posição Secundária	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia	Fase	OCK
Rvsticvs (1)		1	10 – 1 a.C.	B	1742
Rasinivs (3)		1	10 – 1 a.C.	B	1624
Vrbanvs (2)		1	10 a.C. – 10 d.C.	B	2529
Total (3)		3			

1.5 – *Pisae* (Pisa, Itália)

Posição Primária	Posição Secundária	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia	Fase	OCK
Ateivs (3)		16	5 a.C. – 25 d.C.	B/C	268
Cn. Ateivs (3)		1	5 a.C. – 40 d.C.	B-D	276
Cn. Ateivs	Rvfvs*[4]	3	+ 15 d.C.	B/C	310
	D()*	1	+ 30 d.C.	C/D	287
	Crestvs	1	5 a.C. – 25 d.C.	B/C	285
	Crestvs Evhodvs	1	5 a.C. – 10 d.C.	B	286
	Evhodvs (2)	2	5 a.C. – 25 d.C.	B/C	292
	Evryalvs*	1	1 – 20 d.C.?	B/C	294
	Mahes	1	5 a.C. – 20 d.C.	B/C	299
	Primvs*	1	+ 5 d.C.	B/C	307
	Xanthvs	3	5 a.C. – 20 d.C.	B/C	316
	Zoilvs	2	5 – 40 d.C.	B/C	318
	Sabinvs*	1	+ 5 a.C.	B	311
Cn. Ateivs (Total)		18	-		
Evhodvs (2)		15	5 a.C. – 40 d.C.	B/C	787
Mahes (2)		1	5 a.C. – 20 d.C.	B/C	1087
Xanthvs (1 e 2)		14	5 a.C. – 50 d.C.	B-D	2535/6
Zoilvs (2)		22	5 a.C. – 50 d.C.	B-D	2544
Chres()		3	10 a.C. – 10 d.C.	B	548
C. P() P(isanvs)		7	50 – 100 d.C.	D	1342
L. Rasinivs Pisanvs		1	50 – 120 d.C.	D	1690
M. Valerivs		3	15 a.C. – 15 d.C.	B	2315
M. Valerivs	Evhemervs*	1	10 a.C. – 10 d.C.	B	2316
Mvrrivs*		1	1 – 30 d.C.	B/C	1202
Sex. Avillivs	Manivs (1)	2	10 a.C. – 20 d.C.	B/C	415
Sex. M(vrrivs) Fes(tvs)		3	60 – 150 d.C.	D	1212
Valerivs (2)		1	15 a.C. – 15 d.C.	B/C	2291

[4] O asterisco indica uma incerteza quanto à proveniência do oleiro em relação ao centro de Pisa

Volvsvs	2	10 a.C. – 20 d.C.	B/C	2523
Total (28)	110			

1.6 – *Scoppieto* (Itália)

Posição Primária	Posição Secundária	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia	Fase	OCK
L. Plotivs		1	25 – 75 d.C.	C/D	1484
L. Plotivs	Por()	1	25 – 75 d.C.	C/D	1485
Total (2)		2			

1.7 – *Vasanello* (Itália)

Posição Primária	Posição Secundária	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia	Fase	OCK
Eros (3)		2	10 – + 1 a.C.	B	778
Felix (2)		1	10 – 1 a.C.	B	820
Qvartio (2)		1	10 a.C. – 10 d.C.	B	1599
Total (3)		4			

1.8 – *Pvteoli* (Pozuolli, Itália)

Posição Primária	Posição Secundária	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia	Fase	OCK
Agathemervs		4	10 a.C. – 10 d.C.	B	53
C.Tap(vrivs?)		4	10 a.C. – 10 d.C.	B	2036
Ennivs		4	+ 1 d.C.	B/C	761
Specvlator		4	1 – 15 d.C.	B/C	1978
Vrbanvs (1)		4	+ 1 d.C.	B/C	2528
Apella*		3	20 – 1 a.C.	B	215
Epigonvs		3	+ 10 a.C.	B	770
Naevivs (2)		3	1 – 20 d.C.	B/C	1232
L. Vrbanvs		2	10 a.C. – 10 d.C.	B	2530
Pharnaces (2)		2	1 – 20 d.C.	B/C	1437
Philargvrvs (1)		2	1 – 20 d.C.	B/C	1444
Serenvs (2)		2	10 a.C. – 10 d.C.	B	1878
Anthvs (1)		1	10 a.C. – 10 d.C.	B	200

Atticvs (2)	1	+ 1 d.C.	B/C	339
Atticvs (3)*	1	10 a.C. – 10 d.C.	B	340
C. Avrelivs	1	1 – 30 d.C.	B/C	423
Coma(zon)	1	1 – 20 d.C.	B/C	601
Corinthvs	1	1 – 30 d.C.	B/C	608
Hermaiscvs	1	1 – 20 d.C.	B/C	926
Ivlivs	1	10 a.C. – 10 d.C.	B	991
L. Nostivs*	1	30 a.C. – 15 d.C.	A/B	1295
L. Valerivs Titvs	1	+ 10 d.C.	B/C	2314
Naevivs Agathemervs	1	+ 1 d.C.	B/C	1233
Nicos(tratvs) (3)	1	+ 1 d.C.	B/C	1271
Primvs (2)	1	+ 1 d.C.	B/C	1530
Q. Pompeivs Serenvs	1	10 a.C. – 10 d.C.	B	1500
Vitvlvs (1)	1	+ 1 d.C.	B/C	2435
Ingen(vvs) (2)*	1	+ 15 d.C.	C	980
Princeps (1)	1	1 – 20 d.C.	B/C	1539
Total (29)	54			

1.9 – Centro de Produção desconhecido, incerto ou variado

Posição Primária	Posição Secundária	Centros Produtores[5]	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia	Fase	OCK
C. Annivs	Cerdo	A - L	1	15 a.C. – 5 d.C.	B	137
Ateivs (5)		A – L – P	9	15 a.C. – 30 d.C.	B/C	270
Cn. Ateivs (5)		A – L – P	3	15 a.C. – 50 d.C.	B-D	278
Amar(antvs)		P?	3	+ 1 d.C.	B/C	83
Amar() L. Ple()		P?	1	1 – 50 d.C.	B/C	1477
A. Sestivs		A – E	3	40 – 10 a.C.	A/B	1926
Darevs		L?	1	30 – 20 a.C.	A	724
(H)ermeros		C?	1	10 a.C. – 10 d.C.	B	929
A. Titivs (3)		A – E	2	30 – 10 a.C.	A/B	2167
A. Titivs	Figvlvs (2)	A – E	1	30 – 15 a.C.	A/B	2168
C. Crispinivs		?	3	+ 10 d.C.	B	707

[5] Enumera—se aqui os centros produtores em que as punções se encontram atestadas. A = Arezzo; P = Pisa; E = Etrúria; IC = Itália Central; L = Lyon; S = Scoppieto;

C. Sentivs (1)		E?	3	20 a.C. – 20 d.C.	B/C	1861
C. Sentivs	Philoti(mvs)	E?	1	+ 20 a.C.	B	1867
Crestvs (1)		P – L	22	10 a.C. – 30 d.C.	B/C	698
L. Vmbricivs						
L. Vmbricivs	Manci(anvs) Sabbio	?	1	+ 15 d.C.	C	2475
	Hospes	?	1	+ 15 d.C.	C	2471
	H()	T	1	+ 50 d.C.	D	2470
A. Avillivs		?	1	15 a.C. – 30 d.C.	B/C	395
A. Vibivs Figvlvs		?	1	20 – 5 a.C.	B	2398
Ama()		?	1	15 – 35 d.C.	C	79
Anteros		?	1	15 a.C. – 5 d.C.	B	199
Avi()		?	1	?	-	370
Avillivs		?	7	20 a.C. – 40 d.C.	B/C	371
Avillivs	Phil()	?	1	30 a.C. – 15 d.C.	B	381
C. C() S()		?	1	?	-	426
C. Chrestivs		?	3	15 a.C. – 5 d.C.	B	330
C. Ma()		?	3	+ 15 d.C.	C	1078
C. Me()		?	5	1 – 30 d.C.	B/C	1132
C. Me()	Vibivs	?	1	?	-	?
C. Memmivs	Vernas	?	2	?	-	1158
C. P() E()		?	1	40 – 10 a.C.	A/B	1138
C. Rasinivs		?	1	+ 15 d.C.	C	1686
Chrestvs (2)		?	7	15 a.C. – 15 d.C.	B/C	553
Cres()		?	1	+ 1 d.C.	B/C	690
Dio(medes) Scro(fvla)		?	1	?	-	?
Eros (5)		?	3	+ 10 a.C.	B	780
Felix (5)		?	3	?	-	823
Fvscvs (2)		?	1	10 a.C. – 10 d.C.	B	858
Her()		?	4	+ 10 a.C.	B	916
Hilarvs (5)		?	4	20 a.C. – 10 d.C.	B	953
Ivnivs		?	2	10 a.C. – 10 d.C.	B	1000
L. Fastidienvs		?	3	+ 15 d.C.	C	809
L. Milit(ivs)		?	1	+ 15 d.C.	C	1183
L. Tettivs	Sariva	?	2	20 – 1 a.C.	B	2106

L. Ti() Fe(lix)		?	1	+ 15 d.C.	C	2137
L. Vmbricio Hospes		?	1	+ 15 d.C.	C	2471
L. R() A()		?	1	?	-	1610
Me()		?	1	1 – 30 d.C.	B/C	1132
Mvr()		?	1	+ 1 d.C.	B/C	1197
P. Attivs		?	3	20 – 1 a.C.	B	347
Posid(onivs?)		?	1	+ 30 a.C.	A/B	1512
Pvpivs		?	1	1 – 20 d.C.	B/C	1585
Ranivs		?	1	?	-	1617
Restit(vtvs?)		?	1	+ 15 d.C.	C	1703
Rvfvs (3)		?	1	1 – 30 d.C.	B/C	1739
Sex()		?	1	30 – 1 a.C.	A/B	1958
Stati()		?	1	+ 1 d.C.	B/C	1988
Statilia Canopvs		?	2	20 – 1 a.C.	B	1991
T. Qvadratvs		?	1	+ 15 d.C.	C	1597
T. Son()		?	1	?	-	?
T. Ver(a)nivs	Davvs	?	1	?	-	2342
Tarqvit(tivs)		?	2	20 – 1 a.C.	B	2038
Titivs		?	1	30 a.C. – 15 d.C.	A/B	2149
Stantibvs	Chrestvs	?	1	?	-	?
C. Gavivs	Fervs	?	1	?	-	?
L. Tettivs	Pamphilvs	?	1	+ 20 d.C.	C	2100
P. Cornelivs	Comvnivs	?	1	?	-	?
Stativs	Anteros	?	1	?	-	?
Stativs	Svaves	?	1	?	-	?
Crispinivs (1)		?	6	10 a.C. – 10 d.C.	B	702
Nat(alis?) (2)		?	1	+ 15 d.C.	C	1256
Vettivs Felix		?	1	+ 10 d.C.	B/C	2350
A() (2)		?	1	15 a.C. – 15 d.C.	B/C	2
Ivcvndvs (4)		?	1	10 a.C. – 10 d.C.	B/C	990
L. Avillivs		?	1	30 – 70 d.C.	C/D	403
L. At()		?	1	30 a.C. – 15 d.C.	A/B	264
Marc()		?	1	25 – 75 d.C.	C/D	1114
Marivs (2)		?	1	?	-	1125
Sex. Arvivs		?	1	1 – 15 d.C.	B/C	259

Philosi(tvs)	?	1	10 a.C. – 10 d.C.	B	1460
Pri() (2)	?	1	10 a.C. – 10 d.C.	B	1519
C. R()	?	1	?	-	1604
Q. Arvivs	?	1	10 a.C. – 15 d.C.	B/C	257
Total		134			

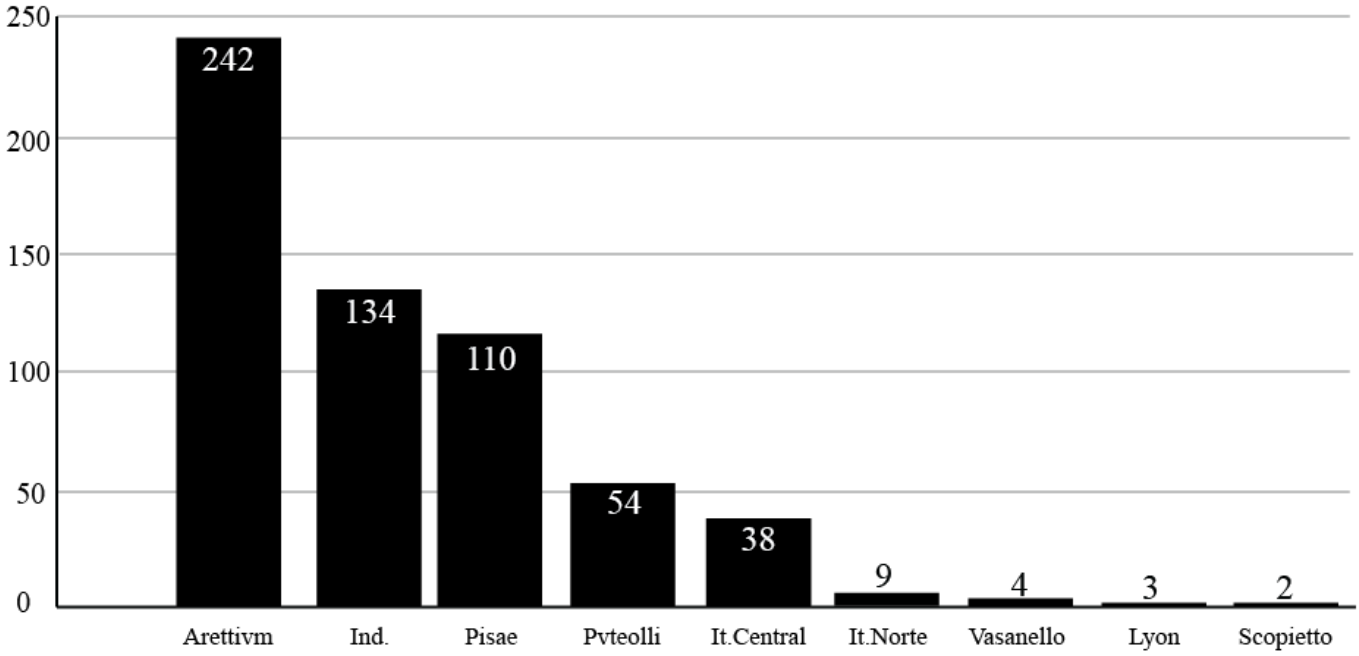


Figura 1: Quantidade de marcas de oleiro de terra sigillata de cada centro de produção.

2. Cartelas

Cartela	OCK[6]	Nº	%	Gráfico
Retangular de uma linha	450-456	200	≈27.10027	A
In Planta Pedis	600-617	155	≈21.00271	B
Retangular de duas linhas	100-340	147	≈19.9187	C
Impercetível, incompleta ou irregular	999	133	≈18.02168	D
Circular	501-568	43	≈5.826558	E
Retangular mista	381-398	11	≈1.490515	F
Elíptica	471-478	10	≈1.355014	G
De lados côncavos	361-376	8	≈1.084011	H

[6] Referimo-nos aqui ao Sistema de classificação enunciado no *Corpus Vasorum Arretinorum* (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000, 529–34)

Em forma de Trevo	571-580	7	≈0.948509	I
Retangular de lados arredondados	458-462	6	≈0.813008	J
In Tabella Ansata	341-353	5	≈0.677507	K
Em forma de “couro”	431-444	4	≈0.542005	L
Quadrangular	401-430	2	≈0.271003	M
Rhombi	481-488	1	≈0.135501	N
Em forma de crescente	571-586	1	≈0.135501	O
Abstrata ou Grafomorfa	621-900	5	≈0.677506	P
In Plantae Manvs	591-594	0	0	-
Total (16)	-	738	≈100	-

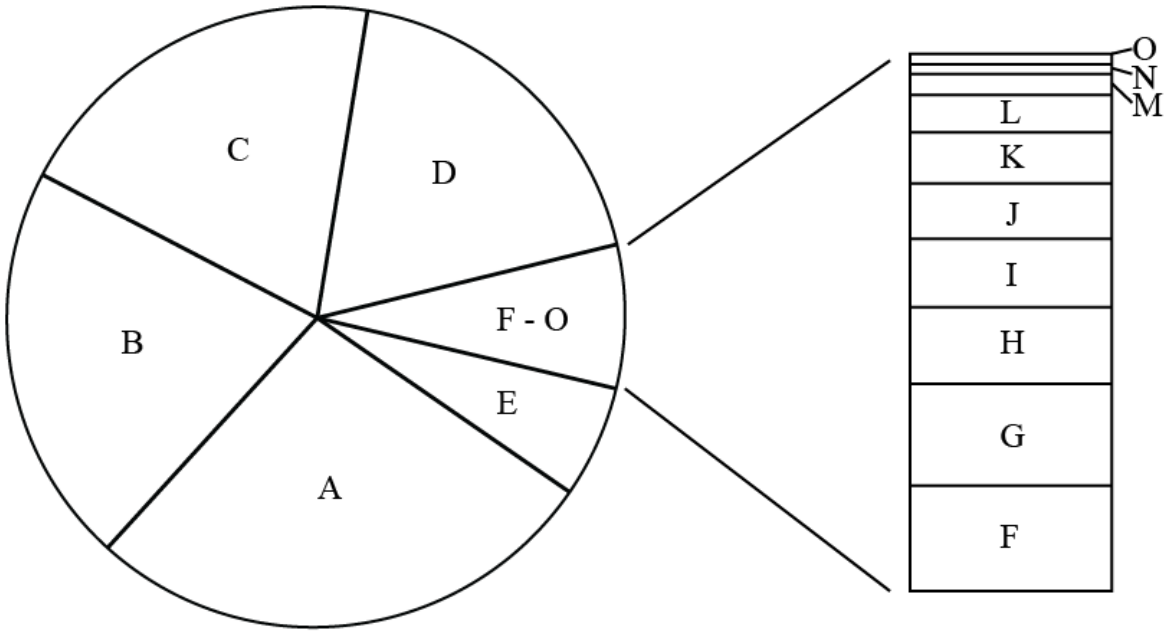


Figura 2: Percentagem de marcas de oleiro de acordo com a cartela

3. Formas

Forma	Tipologia	Variante	Fragmentos
Cálice	Consp. R.1		2
	Consp. R.4	R.4	1
		R.4.2.1.	1
	Não Identificado		6
	Total		10
Pratél	Consp. 12	12	2
		12.3	1

		12.5	1
	Consp. 18	18.2	1
	Consp. 20	20.4	1
	Consp. B.1	B.1.2	1
	Consp. B.1	B.1.3	1
		B.1.4	3
		B.1.8	1
	Não Identificado		8
	Total		17
Prato	Consp. 1	1.1.3	1
	Consp. 4	4.3	2
	Consp. 11	11.1	2
	Consp. 12	12	1
		12.3	2
	Consp. 18	18	1
		18.1.1	1
		18.2	1
	Consp. 20	20	1
		20.4	2
	Consp. 21	21.3-7	1
	Consp. B.2	B.2.2	1
		B.2.3	1
		B.2.4	4
		B.2.5	1
		B.2.7	2
		B.2.10	1
	Não Identificado		98
	Total		123
Taça	Consp. 7	7.1	1
	Consp. 8	8.1	1
	Consp. 9	9.1.1	1
	Consp. 14	14	1
		14.1	2
	Consp. 15	15	2
	Consp. 22	22	29
		22.1	2
		22.1.2	1
		22.1.22	1
		22.2	2
		22.2.1	3
		22.5	1
		22.5.1	1
		22.5.2	1
	Consp. 22/23		18
	Consp. 23	23	7
		23.1	1
		23.2	4

	Consp. 24	24.3	1
		24.3.1	1
	Consp. 26	26	4
		26.1	1
		26/27	2
	Consp. 27	27	2
		27.1	1
	Consp. 28		1
	Consp. 31	31	1
		31.1-23	1
	Consp. 31/33		6
	Consp. 32	32	2
		32.1	1
	Consp. 33	33	2
		33.1	1
		33.2	3
		33.4	1
	Consp. 34	34.1	1
	Consp. 35	35.1.1	1
	Consp. 36		1
	Consp. B.3	B.3.2	1
		B.3.4-7	1
		B.3.7-11	1
		B.3.9	1
		B.3.10	2
		B.3.11	1
		B.3.12	3
		B.3.12-19	5
		B.3.13	4
		B.3.15	2
		B.3.16	3
		B.3.16-17	1
		B.3.17	1
		B.3.19	2
		B.3.20	1
	Consp. B.4	B.4	2
		B.4.1	2
		B.4.2	3
		B.4.3	2
		B.4.4	1
		B.4.6	3
		B.4.7	4
		B.4.8	3
		B.4.9	4
		B.4.10	3
		B.4.11	4
		B.4.12	4

		B.4.13	12
		B.4.14	1
	Consp. B.4 (cont)	B.4.1-10	7
		B.4.1-13	12
		B.4.3-11	6
		B.4.11-13	7
		B.4.12/13	1
	Não identificado		110
	Total		333
Forma não identificada			254
Total			738

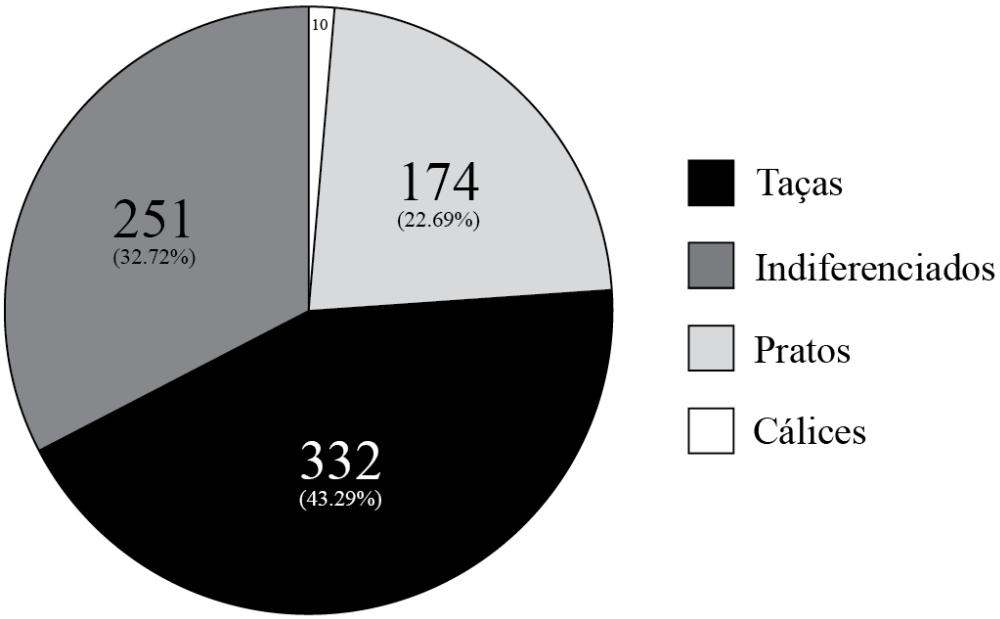


Figura 3: Percentagem de formas de terra sigillata itálica

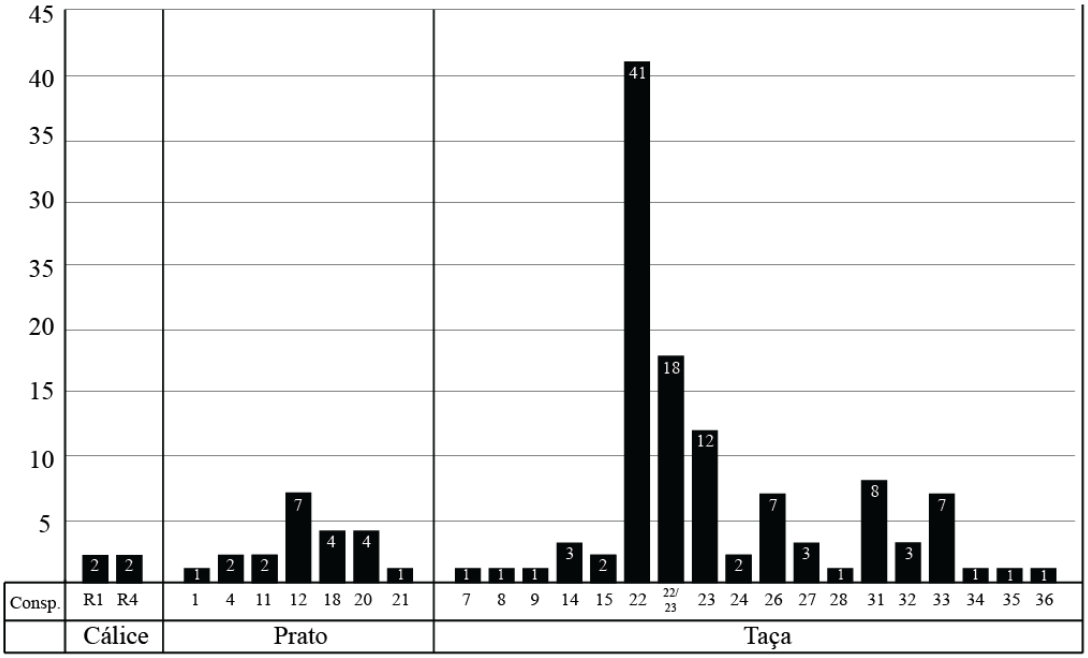


Figura 4: Número de formas de terra sigillata itálica

V.2. – *Terra Sigillata* Sudgálica

1. Marcas de Oleiro

2.1 – Grupo de La Graufesenque (Millau, França)

Oficina	Grupo de produção[1]	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia	Fase[2]
Primvs III	G – R	25	40 – 80 d.C.	C/D
Sabinvs III	G – R – B	24	50 – 80 d.C.	C/D
Mommo	G	22	60 – 85 d.C.	D
Castvs I	G	20	40 – 70 d.C.	C/D
Mvrranvs I	G	19	45 – 90 d.C.	C/D
Licinvs	G	19	35 – 65 d.C.	C/D
Secvndvs I	G	19	25 – 50 d.C.	C
Silvanvs I	G	19	30 – 80 d.C.	C/D
Secvndvs II	G – E	19	60 – 90 d.C.	D
Modestvs I	G	18	40 – 65 d.C.	C/D
Vitalis II	G	18	70 – 100 d.C.	D/E
Passenvs (Passienvs)	G	16	50 – 75 d.C.?	C/D
Patricivs I	G	15	65 – 90 d.C.	D
Rvfinvs III	G	14	65 – 90 d.C.	D
Vitalis I	G	14	50 – 65 d.C.	C/D
Cantvs	G	13	25 – 55 d.C.	C
Niger II	G	13	45 – 70 d.C.	C/D
Maccarvs I	G	12	30 – 65 d.C.	C/D
Crestio	G	11	45 – 75 d.C.	C/D
Bassvs II	G	10	45 – 70 d.C.	C/D
Eme-	G	10	50 – 75 d.C.	C/D
Lvcceivs I	G	10	30 – 65 d.C.	C/D
Albinvs III	G	9	30 – 65 d.C.	C/D
Capito I	G	9	40 – 60 d.C.	C/D
Senicio	G	9	30 – 65 d.C.	C/D
Crestvs I	G	8	65 – 90 d.C.	D

[1] G = La Graufesenque; R = Le Rozier; B = Banassac; E = Espalion; V = Valerie; C = Cárrade.
[2] De acordo com (Dannel 2002)

Damonvs	G	8	20 – 60 d.C.	B/C
Labio	G	8	45 – 75 d.C.	C/D
Memor	G	8	60 – 90 d.C.	C/D
Masclvs I (Mascvlvs)	G – M – R	7	35 – 65 d.C.	C/D
Pavllvs I (Pavlvs)	G – R	7	35 – 65 d.C.	C/D
Aper I	G	7	50 – 70 d.C.	C/D
Amandvs II	G	6	30 – 65 d.C.	C/D
Ardanvs	G	6	50 – 70 d.C.	C/D
Gallicanvs II	G	6	40 – 65 d.C.	C/D
Lvpvs II	G	6	40 – 65 d.C.	C/D
Severvs II	G	6	25 – 50 d.C.?	C?
Silvinvs II	G	6	70 – 100 d.C.	D/E
Martialis I	G – R – B	5	50 – 75 d.C.	C/D
Felix I	G – R	5	55 – 85 d.C.	C/D
L. Cosivs Virilis	G – R	5	75 – 110 d.C.	D/E
Primvs I	G – E	5	25 – 50 d.C.	C
Rvfinvs II	G – V	5	20 – 50 d.C.	B/C
Albvs I	G	5	45 – 75 d.C.	C/D
Anivs	G	5	- 70 d.C.	C/D
Bilicatvs (Bilicatos)	G	5	10 – 50 d.C.	B/C
Chrestvs	G	5	45 – 60 d.C.	C
Cocvs I	G	5	35 – 65 d.C.	C/D
Gaivs I	G	5	70 – 110 d.C.?	D/E
Maccarvs II	G	5	60 – 85 d.C.	D
Mercator I (Mercatoris?)	G	5	70 – 110 d.C.	D/E
Nicivs I	G	5	15 – 45 d.C.?	B/C
Rogatvs	G	5	30 – 60 d.C.	C
Rvsticvs	G	5	30 – 50 d.C.	C
Sabinvs I	G	5	15 – 45 d.C.	B/C
Salvetvs I (Salve tu - Salve?)	G	5	30 – 60 d.C.	C
Senomant-	G	5	30 – 60 d.C.?	C
Silvinvs I	G	5	30 – 60 d.C.?	C
Ivcvndvs II	G – R	4	30 – 60 d.C.	C

Aqvitanvs	G	4	40 – 65 d.C.	C/D
Ardacvs II	G	4	30 – 65 d.C.	C
Carbo	G	4	60 – 85 d.C.	D
Cennatvs	G	4	40 – 65 d.C.	C/D
Festvs I	G	4	20 – 50 d.C.	B/C
Firmo II	G	4	60 – 85 d.C.	D
Frontinvs	G	4	70 – 95 d.C.	D/E
Ingenvvs II	G	4	35 – 65 d.C.	C/D
Lepidvs II	G	4	15 – 45 d.C.	B/C
Matvgenvs II	G	4	50 – 65 d.C.	C/D
Secvndinvs I	G	4	?	?
Tertivs III	G	4	50 – 75 d.C.	C/D
Silvivs I	G – R	3	40 – 75 d.C.	C/D
Ve- I	G – R	3	55 – 85 d.C.	C/D
Amandvs III (Amandinvs?)	G	3	90 – 125 d.C.	E
Angivs	G	3	50 – 70 d.C.	C/D
Ave (I) ou Avetv ou Ave tu ou Ave Vale etc…	G	3	20 – 45 d.C.	B/C
Criciro I	G	3	60 – 80 d.C.	D
Donatvs I	G	3	30 – 60 d.C.	C
Firmo I	G	3	30 – 60 d.C.	C
Fvscvs II	G	3	85 – 120 d.C.	D/E
G. Salarivs Aptvs	G	3	50 – 65 d.C.	C/D
Martivs II	G	3	50 – 65 d.C.	C/D
Pvdens II	G	3	60 – 85 d.C.	D
Qvartvs III	G	3	45 – 75 d.C.	C/D
Scottivs I	G	3	20 – 45 d.C.	B/C
Sextivs Can- (Sex-Can-)	G	3	80 – 110 d.C.	D/E
Tabvr (Tabvrvs?)	G	3	45 – 75 d.C.	C/D
Vapuso (Vapvsvs)	G	3	25 – 50 d.C.?	C?
Victor I	G	3	40 – 70 d.C.	C/D
Avitvs II	G – R	2	60 – 80 d.C.	D

Abitvs (Habitvs)	G	2	40 – 70 d.C.	C/D
Ainvs	G	2	?	?
Albanvs II	G	2	60 – 80 d.C.	D
Albinvs II	G	2	25 – 45 d.C.	C
Annivs I	G	2	55 – 70 d.C.?	C/D
Bassvs III	G	2	85 - 120 d.C.	D/E
Bellicvs I	G	2	45 – 70 d.C.	C/D
Bionis (Bio)?	G	2	55 – 75 d.C.	C/D
C. Cincius Senovirus (G. Cingius)	G	2	90 - 130 d.C.	D/E
C. Ivlivs Celer (Cicelr- etc.)	G	2	50 – 75 d.C.	C/D
C. Silvivs Patricivs	G	2	60 – 90 d.C.	D
Cacabio (Cacabvs?)	G	2	40 – 60 d.C.	C
Carantvs I	G	2	65 – 95 d.C.	D/E
Carvs II	G	2	30 – 55 d.C.	C
Cosiv Vrap- (Cosivs Vrappvs)	G	2	45 – 70 d.C.	C/D
Darra (Darrantvs)?	G	2	35 – 55 d.C.	C
Dodo-	G	2	20 – 50 d.C.	B/C
Evanvs?	G	2	45 – 75 d.C.	C/D
Felicio I	G	2	65 – 85 d.C.	D/E
Firmvs II	G	2	70 – 90 d.C.	D/E
Formosvs	G	2	40 – 70 d.C.	C/D
Fortis I	G	2	45 – 70 d.C.	C/D
Gallvs II	G	2	50 – 70 d.C.	C/D
Lentinvs I	G	2	0 – 100 d.C.	B-E
Lentv-	G	2	55 – 65 d.C.	C/D
Libertvs I	G	2	50 – 75 d.C.	C/D
Mandvilvs	G	2	60 – 80 d.C.	D
Mansvetvs I (Masvetvs)	G	2	50 – 80 d.C.	C/D
Marinvs i	G	2	40 – 65 d.C.	C/D
Mitvs I (Mitvsvs)	G	2	?	?
Montanvs I	G	2	55 – 80 d.C.	C/D

Paestor	G	2	35 – 60 d.C.	C
Pastor I-Ce-	G	2	50 – 65 d.C.	C/D
Pater I	G	2	50 – 75 d.C.?	C/D?
Pavllinvs I	G	2	50 – 70 d.C.	C/D
Peregrinvs I	G	2	65 – 85 d.C.	D/E
Perrvs (Pervs)	G	2	50 – 70 d.C.	C/D
Pontivs	G	2	50 – 75 d.C.	C/D
Pontvs (Pontivs?)	G	2	65 – 95 d.C.	D/E
Primvlvs I	G	2	60 – 85 d.C.	D/E
Primvs III-Sco-	G	2	60 – 80 d.C.	D/E
Scotnvs	G	2	35 – 65 d.C.	C/D
Severvs III	G	2	65 – 95 d.C.	D/E
Vimvs (Vimivs)	G	2	60 – 85 d.C.	D/E
Vivvs I	G	2	40 – 60 d.C.	C
Lavratvs	G	2	25 – 50 d.C.?	C?
L. C- Celsvs	R	2	50 – 75 d.C.	C/D
Germanvs I	G – R – B	1	65 – 90 d.C.	D/E
Salvtvs	G – B	1	90 – 100 d.C.	E
Satto I	G – B?	1	85 – 120 d.C.?	D/E
Biragillvs I	G – B?	1	85 – 120 d.C.?	D/E
Senilis I	G – R	1	50 – 65 d.C.	C/D
Svccessvs II (Svcesvs)	G – R	1	50 – 70 d.C.	C/D
Celadvs	G – R	1	50 – 75 d.C.	C/D
Pvdens I	G – C	1	30 – 65 d.C.	C/D
Corn-	R?	1	- 70 d.C.	B-D
And-	G?	1	- 70 d.C.	B-D
Anextlatvs	G	1	20 – 45 d.C.	B/C
Anteros II	G	1	20 – 40 d.C.	B/C
Apronivs I	G	1	20 – 45 d.C.	B/C
Ateius	G	1	10 – 40 d.C.	B/C
Axo-/Axud-	G	1	55 – 70 d.C.	C/D
Bollvs II	G	1	45 – 60 d.C.	C/D
C. Ex- Albinvs	G	1	55 – 70 d.C.	C/D
Cabvca	G	1	50 – 65 d.C.	C/D
Cabvcatvs	G	1	60 – 80 d.C.	D

Canvsinvs (Canvsinivs)	G	1	55 – 70 d.C.?	C/D?
Carillvs II	G	1	45 – 65 d.C.	C/D
Carvs III	G	1	70 – 95 d.C.	D/E
Cat - I	G	1	70 – 95 d.C.?	D/E?
Celer II	G	1	35 – 55 d.C.	C
Celsvs II	G	1	85 - 110 d.C.	D/E
Cina (Cina-)	G	1	35 – 50 d.C.	C
Cirratvs	G	1	25 – 40 d.C.	C
Coelvs I	G	1	20 – 40 d.C.	C
Copiro	G	1	55 – 85 d.C.	C/D
Cosivs Rufinvs	G	1	70 – 90 d.C.	D
Cotio (Otio)?	G	1	55 – 80 d.C.	C/D
Cotivs I (Cotvs)	G	1	55 – 80 d.C.	C/D
Cotto II	G	1	65 – 90 d.C.?	D
Crispvs II	G	1	20 – 40 d.C.	B/C
Crispvs III	G	1	65 – 95 d.C.	D
Dario (Darionvs?)	G	1	0 – 100 d.C.?	?
Demioncvs	G	1	20 – 45 d.C.	B/C
Diocarvs	G	1	40 – 80 d.C.?	C/D
Dofenvs	G	1	50 – 80 d.C.	C/D
Dontio	G	1	60 – 85 d.C.	D
Eron-	G?	1	50 – 70 d.C.?	C/D?
Felix I/Sev-	G	1	50 – 75 d.C.	C/D
Firmvs I	G	1	40 – 55 d.C.?	C?
Flavivs Sabinvs	G	1	80 – 120 d.C.	D/E
Florvs II	G	1	50 – 75 d.C.	C/D
Fvscvs I ou II	G	1	50 – 80 d.C.?	C/D?
Geminvs I	G	1	40 – 70 d.C.	C/D
Genialis I	G	1	40 – 65 d.C.	C/D
Gratvs I	G	1	75 – 95 d.C.	D/E
Ivbilvs?	G?	1	?	?
L. S- Sabinvs	G	1	80 – 100 d.C.	D/E
L. Ter- Secundus	G	1	65 – 100 d.C.	D/E
L. Tr- Masc(v)lvs	G	1	80 – 105 d.C.	D/E

Laemvs (Laemivs?)	G	1	?	?
Leveos?	G	1	10 – 50 d.C.?	B/C?
Macervs	G	1	50 – 70 d.C.?	C/D
Macrinvs I	G	1	65 – 95 d.C.	D/E
Mal - I	G?	1	20 – 35 d.C.	C
Maponvs	G	1	60 – 85 d.C.	D
Marcvs I	G	1	?	?
Melain- (Melainvs ou Melanio)?	G	1	40 – 65 d.C.	C/D
Melvs I	G	1	30 – 65 d.C.	C/D
Minatu- (Minatus)	G	1	55 – 85 d.C.	C/D
Mont- Cres- (Montius Cres)	G	1	65 – 85 d.C.	C
Neqvres	G	1	50 – 75 d.C.	C/D
Notvs	G	1	- 70 d.C.	B-D
Ocarvs?	G?	1	?	?
Pastor I	G	1	55 – 70 d.C.	C/D
Pi-	G?	1	50 – 70 d.C.?	C/D
Pipervs	G	1	50 – 65 d.C.	C/D
Ponteivs	G	1	70 – 95 d.C.	D/E
Potitvs I	G	1	40 – 65 d.C.?	C/D
Protis	G	1	50 – 65 d.C.	C/D
Qvintanvs	G	1	40 – 65 d.C.	C/D
Qvintvs II (Qvintivs)?	G	1	50 – 70 d.C.	C/D
Regenvs	G	1	30 – 65 d.C.	C/D
Res-	G	1	40 – 70 d.C.	C/D
Romanvs I	G	1	35 – 70 d.C.?	C/D
Rvfinvs II-G-	G	1	40 – 50 d.C.?	C/D
Rvtaenvs	G	1	50 – 65 d.C.	C/D
Sabinvs IV	G	1	90 - 110 d.C.	D/E
Sentrvs I	G	1	25 – 45 d.C.?	C
Sentrvs II	G	1	45 – 65 d.C.	C/D
Silanvs II	G	1	30 – 55 d.C.?	C
Svlpicivs	G	1	85 – 110 d.C.	D/E
T. Ivlivs Aplastvs	G	1	85 – 120 d.C.	D/E

Tertivs II	G	1	15 – 50 d.C.	B/C
Tvsso	G	1	50 – 70 d.C.	C/D
Va- Va- (Vava-) ?	G	1	40 – 70 d.C.	C/D
Vaxivs?	G	1	65 – 85 d.C.	C
Vervs II	G?	1	30 – 50 d.C.	C
Vibivs?	G	1	10 – 35 d.C.?	B/C
Vo- I	G	1	55 – 100 d.C.	C-E
Volvs	G	1	35 – 50 d.C.	C
Vrbanvs II	G	1	50 – 65 d.C.	C/D
Total (232)	873			

2.2 – Grupo de Montans (Millau, França)

Oficina	Grupo de produção[3]	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia
Contouca	M	1	15 – 35 d.C.
Donicatvs	M	1	50 – 70 d.C.?
Fronto I (Frontvs)	M	1	25 – 50 d.C.
Ivllvs II	M	1	40 – 65 d.C.?
L. Paconivs	M	1	5 – 25 d.C.?
Lvcivs I	M?	1	20 – 70 d.C.?
Nomvs II	M	1	70 – 110 d.C.
Repentinvs I	M	1	30 – 65 d.C.
Albinvs I	M	1	40 – 70 d.C.
Micio (Micivs)?	M	1	40 – 70 d.C.?
Virecvs	M	1	0 – 100 d.C.
Bollvs I (Bolvs)	M – S	1	15 – 40 d.C.
Total (12)	12		

2.3 – Sudgálica sem proveniência certa (França)

[3] M = Montans; S = Saint-Sauveur

Oficina	Grupo de produção	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia
Acvtvs I	?	10	25 – 50 d.C.
Vinivs I	?	2	70 – 100 d.C.?
Logirnvs	?	1	60 – 90 d.C.?
Agilis II	?	1	0 – 100 d.C.?
Caesvs	?	1	?
Naevivs	?	1	?
Ar- II	?	1	?
Selivm	?	1	?
Adivtor II	?	1	65 – 100 d.C.
Total (9)	20		

2.4 – Total

Grupo	Número	Percentagem %
La Graufesenque	873	≈68.58%
Montans	12	≈0.94%
Não identificado	20	≈1.57%
Não identificável	367	≈28.91%
Total	1272	100%

2. Cartelas

Cartela	Número	Percentagem %
Retangular estreita	1022	≈80.35%
Retangular com reentrâncias nas arestas menores.	27	≈2.122%
Irregular ou indefinida	16	≈1.26%
Intradecorativa	2	≈0.16%
Impercetível	205	≈16.12%
Total	1272	100%

3. Formas e Tipologias

Forma	Tipologia	Número	Percentagem (%)
Taça	Ritt. 1	1	≈0.140449%
	Ritt. 5	3	≈0.421348%
	Ritt. 8	34	≈4.775281%
	Ritt. 9	4	≈0.561798%
	Drag. 24/25	121	≈16.99438%
	Drag. 27	236	≈33.14607%
	Drag. 29	30	≈4.213483%
	Drag. 33	33	≈4.634831%
	Drag. 35	3	≈0.421348%
	Drag. 37	4	≈0.561798%
	Ind	245	≈34.41011%
	Total	714	100%
Prato	Curle 23	1	≈0.337838%
	Drag. 15/17	49	≈16.55405%
	Drag. 16	2	≈0.675676%
	Drag. 18	93	≈31.41892%
	Drag. 18/31	11	≈3.716216%
	Drag 36	2	≈0.675676%
	Ind.	138	≈46.62162%
	Total	296	100%
Pratel	Drag. 18R	3	≈42.85714%
	Ind.	4	≈57.14286%
	Total	7	100%
Identificados		630	≈49.53%
Forma, mas sem tipologia		387	≈30.42%
Não identificados		255	≈20.05%
Total		1272	100%

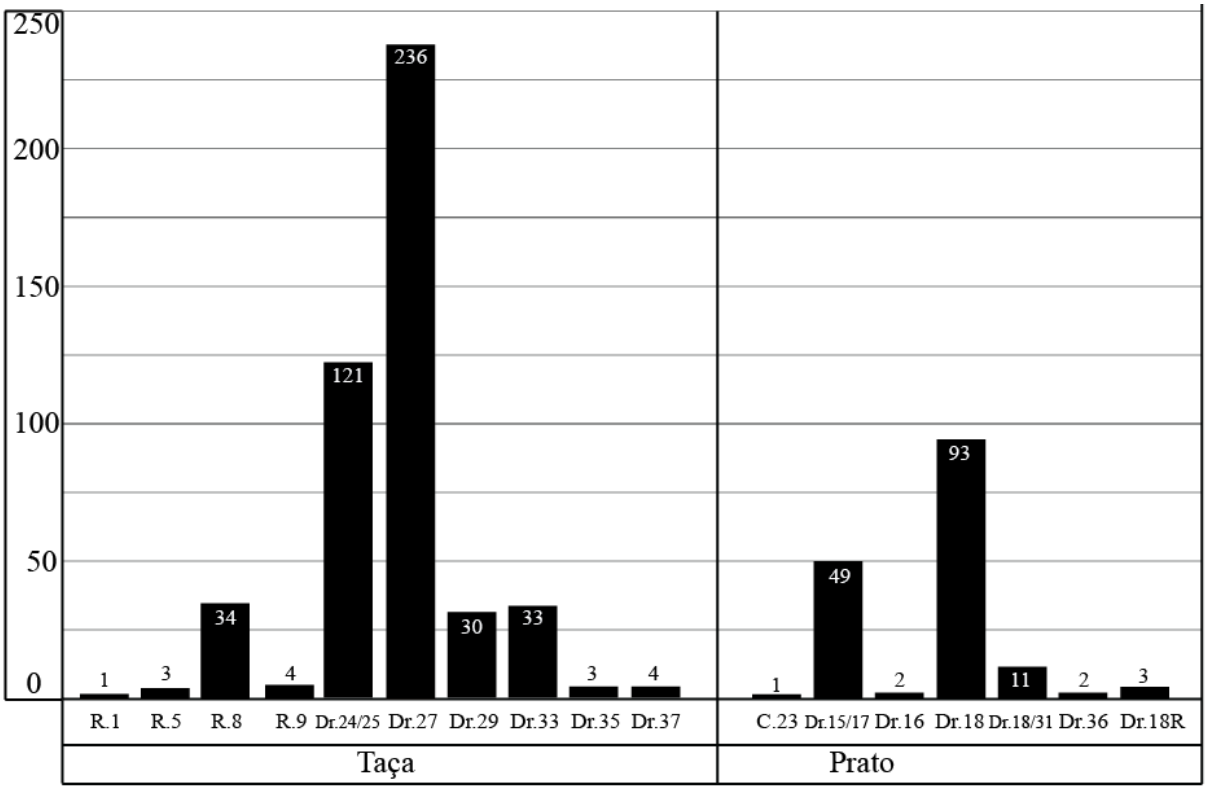


Figura 1: Formas de terra sigillata sudgálica

V.1. – *Terra Sigillata* Hispânica

3.3.1.1 – Complexo de *Tritivm Magallvm* (La Rioja, Espanha)

Oficina	Grupo de produção[1]	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia
Valerivs Paternvs	T.M.	269	90 – 200 d.C.
Lapillivs	T.M.	76	70 – 150 d.C.
Sempronivs	T.M.	53	70 – 100 d.C.
Flaccvs Tritienses	T.M. (L.R.)	38	85 – 100 d.C.
Firmvs Tritiensis	T.M. (L.R.)	36	70 – 150 d.C.
Flaccvs	T.M.	29	85 – 100 d.C.
Cantaber	T.M. (L.R.)	27	70 – 100 d.C.
Attivs Paternvs	T.M.	23	85 – 100 d.C.
Paternvs Ale()	T.M. (L.R.)	22	85 – 100 d.C.
Attivs Britto	T.M.	21	70 – 100 d.C.
Pet(ronivs) Eros	T.M. (L.R.)	19	70 – 100 d.C.
Se() Ni()	T.M.	17	?
Miccio	T.M. (L.R.)	17	85 – 100 d.C.
L. Sempronivs	T.M.	15	?
Trebivs Tritiensis	T.M. (B)	15	90 – 105 d.C.
Octavivs Maternvs	T.M. (L.R.)	15	85 – 100 d.C.
Firmvs	T.M.	13	85 – 100 d.C.
Lvc() Firmvs	T.M. (L.R.)	12	85 – 100 d.C.
Caivs Lv()	T.M. (L.R.)	11	?
Lvpianvs	T.M. (L.R.)	11	90 – 105 d.C.
C. I() A() E() F()	T.M. (B)	10	?
Agilianvs	T.M.	9	150 – 210 d.C.
Brito	T.M. (L.R.)	8	85 – 100 d.C.
Clodivs	T.M. (L.R.)	8	85 – 100 d.C.
Svrivs	T.M. (L.R.)	8	85 – 100 d.C.
Fvlvivs	T.M. (L.R.)	7	?
Fvlvivs Paternvs	T.M. (L.R.)	7	?
Attivs Festvs	T.M. (L.R.)	6	85 – 100 d.C.

[1] T.M. – Grupo de *Tritivm Magallvm*; T.M. (L.R.) = Trício, La Rioja; T.M. (B) = Bezares; T.M. (A.R.) = Arenzana de Arriba

L. Nasde	T.M. (L.R.)	6	?
Satvrninvs	T.M. (L.R.)	6	70 – 80 d.C.
Nasde	T.M. (L.R.)	6	85 – 100 d.C.
Maternvs Blandvs	T.M. (L.R.)	6	?
M. Asse(ellivs?) (Masse?)	T.M. (L.R.)	6	210 – 220 d.C.
Attivs	T.M. (L.R.)	5	85 – 100 d.C.
C. N() C()	T.M. (L.R.)	5	?
Senico	T.M. (L.R.)	5	?
Segivs Tritiensis	T.M. (L.R.)	5	?
L. Sempronivs Valerianvs	T.M.	4	?
Annivs Mart()	T.M. (L.R.)	4	?
Maternvs Tritiensis	T.M. (L.R.)	4	90 – 100 d.C.?
Aemilivs	T.M. (L.R.)	3	?
Aemilivs E()	T.M. (L.R.)	3	?
Aemilivs Fr(onto)	T.M. (L.R.)	3	?
Flavinvs	T.M. (L.R.)	3	?
Karacter	T.M. (L.R.)	3	?
Lvc(ivs?)	T.M. (L.R.)	3	100 – 150 d.C.
Lvcivs Pi()	T.M. (L.R.)	3	?
Valerivs S()	T.M. (L.R.)	3	?
Titivs	T.M. (L.R.)	3	?
Rvfvs	T.M. (L.R.)	3	?
Patricivs Lv()	T.M. (L.R.)	3	?
Acvnicvs	T.M.	2	?
Sempronivs Valerivs	T.M.	2	?
S. Venvstvs	T.M.	2	?
Paternvs	T.M.	2	?
Segivs Avitvs	T.M. (B)	2	?
Memmo	T.M. (A.R.)	2	?
Ateditivs	T.M. (L.R.)	2	?
Attivs Flaccvs	T.M. (L.R.)	2	85 – 90 d.C.
C. I() A() E() I() G() L() O()	T.M. (L.R.)	2	70 – 100 d.C.
Canivs	T.M. (L.R.)	2	?
Cornelivs F()	T.M. (L.R.)	2	?
G. Fvlvivs Paternvs Festvs	T.M. (L.R.)	2	100 – 105 d.C.

G. S() R()	T.M. (L.R.)	2	?
Gaivs Tritiensis	T.M. (L.R.)	2	?
Ianvarivs	T.M. (L.R.)	2	?
L. Clodivs	T.M. (L.R.)	2	?
Valerivs Ma()	T.M. (L.R.)	2	?
Titivs Aio	T.M. (L.R.)	2	?
T.Elv(ivs)	T.M. (L.R.)	2	?
Sentivs	T.M. (L.R.)	2	?
S() Ma() Tr(itiensis)	T.M. (L.R.)	2	?
Octavivs Fronto(nvs)	T.M. (L.R.)	2	85 – 100 d.C.
Novvs	T.M. (L.R.)	2	85 – 90 d.C.
Mimvs	T.M. (L.R.)	2	?
Mamilivs Praesens	T.M. (L.R.)	2	?
Sempronivs Valerivs	T.M.	2	?
M. Valerivs	T.M. (L.R.)	2	?
Qvelid	T.M.	1	?
Soteros	T.M.	1	?
Agileivs	T.M.	1	?
Iv(nivs) M()	T.M. (B?)	1	?
A. R()	T.M. (B)	1	?
Frontonivs Paternvs	T.M. (B)	1	?
Fvscvs	T.M. (B)	1	?
T. L() S()	T.M. (B)	1	90 – 105 d.C.
Perticivs	T.M. (B)	1	?
Abivs Ci()	T.M. (L.R.)	1	?
Accvnes	T.M. (L.R.)	1	?
A. C() T()	T.M. (L.R.)	1	?
Aemilivs Maternvs	T.M. (L.R.)	1	?
Albinvs	T.M. (L.R.)	1	95 – 105 d.C.
Annivs O()	T.M. (L.R.)	1	?
Caemaro	T.M. (L.R.)	1	?
Cvrivs	T.M. (L.R.)	1	?
Elonivs	T.M. (L.R.)	1	?
Fvlvivs M()	T.M. (L.R.)	1	?
Gaivs	T.M. (L.R.)	1	?

Lvber	T.M. (L.R.)	1	?
Vllo	T.M. (L.R.)	1	?
Vil()	T.M. (L.R.)	1	?
Valerivs Firmvs	T.M. (L.R.)	1	?
V.K.	T.M. (L.R.)	1	?
V() Bir()	T.M. (L.R.)	1	?
Titvs Lvpv()	T.M. (L.R.)	1	?
Titvs Fvlvivs Paternvs	T.M. (L.R.)	1	?
Sempronivs Paternvs	T.M. (L.R.)	1	?
Scme()	T.M. (L.R.)	1	?
Scapvla	T.M. (L.R.)	1	?
Q. Fabivs Tritiensis	T.M. (L.R.)	1	?
Pontivs	T.M. (L.R.)	1	?
Pompeivs	T.M. (L.R.)	1	?
Poapril	T.M. (L.R.)	1	?
V() P() Ari()	T.M. (L.R.)	1	?
P. At() Octavivs Tri(tiensis)	T.M. (L.R.)	1	?
Oem()	T.M. (L.R.)	1	?
Octavivs Aes()	T.M. (L.R.)	1	?
Nastvs	T.M. (L.R.)	1	90 – 100 d.C.
N. Aqv() T()	T.M. (L.R.)	1	?
MAS()	T.M. (L.R.)	1	?
Martialis	T.M. (L.R.)	1	?
Manlio	T.M. (L.R.)	1	85 – 90 d.C.
Mallvvs	T.M. (L.R.)	1	?
M() Flavivs Lvpianvs	T.M. (L.R.)	1	?
Total (124)	997		

3.2 – Complexo de *Andújar* (Jaén, Espanha)

Oficina	Grupo de produção	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia	Fase[2]
C. A() H()	A	18	+ 70 d.C.?	2ª
C. S()	A	5	?	?

[2] De acordo com (Fernández García 2019, 22-35)

C. A()	A	3	+ 70 d.C.?	2ª
F()	A	2	?	?
T. I() F()	A	2	?	?
P. T()	A	2	+ 70 d.C.?	2ª
A. H() E()	A	1	+ 70 d.C.?	2ª
C. A() F()	A	1	?	?
C. L()	A	1	+ 70 d.C.?	2ª
L. C() A()	A	1	+ 70 d.C.?	2ª
L. C() S()	A	1	?	?
L. I() A()	A	1	+ 70 d.C.?	2ª
Titvs Oppivs	A	1	85 – 90 d.C.?	1ª/2ª
T. I() S() F()	A	1	?	?
T. I()	A	1	?	?
P. E() S()	A	1	+ 70 d.C.?	2ª
O() V() P() C()	A	1	?	?
M. S() M()	A	1	- 70 d.C.?	1ª
M. C()	A	1	+ 70 d.C.?	2ª
T. I() L()	A	1	?	?
Ivstvs Otavivs	C	1	?	?
Total (22)	47			

3.3 – Terra Sigillata Hispânica Indeterminada (Espanha)

Oficina	Grupo de produção	Atestações na *Lvsitania*	Cronologia
Octavivs	?	3	?
N. Protae	?	3	?
Iv()	?	2	?
Volivs	?	2	?
Tannvs	?	2	?
Seliesivs FI()	?	2	?
M. P() M()	?	2	?
Annivs Festvs	?	1	85 – 100 d.C.
C. F()	?	1	?
C. M()	?	1	?
Caivs	?	1	?

Calvinvs Paternvs	?	1	?
Co()	?	1	?
Ennivs	?	1	70 – 80 d.C.
Festvs	?	1	?
L()	?	1	?
L. Marcelvs	?	1	?
Tefr()	?	1	?
Se() Va() P()	?	1	?
Scren()	?	1	?
Q. Amanema	?	1	?
Pontivs Pe()	?	1	?
P. A()	?	1	?
P. Ca()	?	1	?
Opicivs	?	1	?
Mir() N()	?	1	?
Mallvs Maternvs Tritiensis	?	1	?
Malvti	?	1	?
M. P() R()	?	1	?
M. Fla(vinivs)	?	1	?
Anivs Fabri(civs)	?	1	?
Total (31)	40		

2. Cartelas

Cartela	Número	Percentagem %
Retangular estreita	1375	≈80.13%
Retangular com reentrâncias nas arestas menores.	83	≈4.84%
Irregular ou indefinida	10	≈0.58%
Intra decorativa	14	≈0.82%
Impercetível	234	≈13.64%
Total	1716	100%

3. Formas e Tipologias

Forma	Tipologia	Número	Percentagem (%)
Prato	Hisp. 4	13	≈3.542234%
	Hisp. 17	1	≈0.27248%
	Drag. 15/17	230	≈62.6703%
	Drag. 17	4	≈1.089918%
	Drag. 18	9	≈2.452316%
	Drag. 18/31	5	≈1.362398%
	Drag. 36	23	≈6.26703%
	Ind.	82	≈22.34332%
	Total	367	100%
Taça	Ritt. 8	5	≈0.50813%
	Drag. 24/25	10	≈1.01626%
	Drag. 27	585	≈59.45122%
	Drag. 29	1	≈0.101626%
	Drag. 33	23	≈2.337398%
	Drag. 33/46	3	≈0.304878%
	Drag. 35	10	≈1.01626%
	Drag. 37	10	≈1.01626%
	Drag. 42	1	≈0.101626%
	Drag. 46	9	≈0.914634%
	Ind.	327	≈33.23171%
	Total	984	100%
Cálice	Ludowici Tb	2	100%
	Total	2	100%
Identificados		944	≈55.01165501%
Formas identificadas		409	≈23.83449883%
Não identificados		363	≈21.15384615%
Total		1716	100%

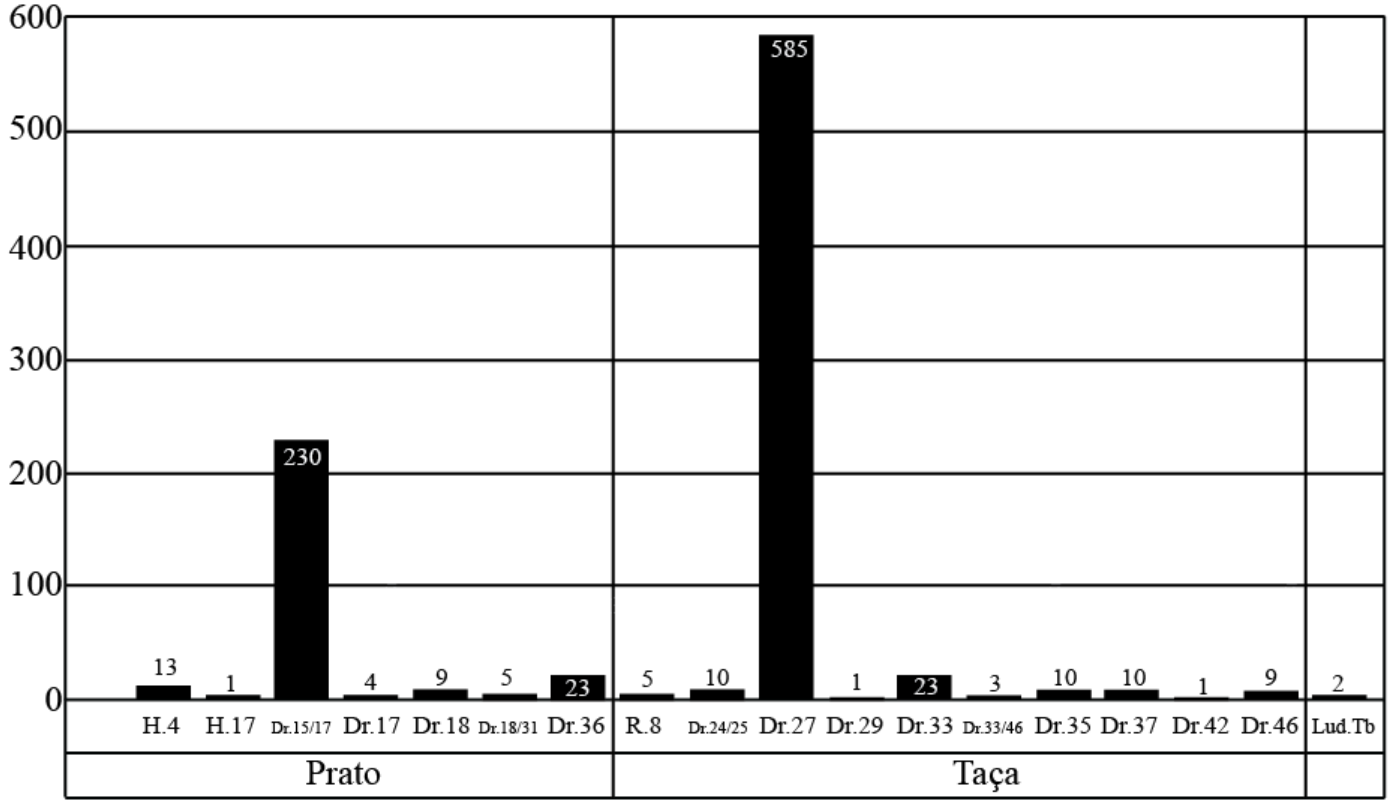
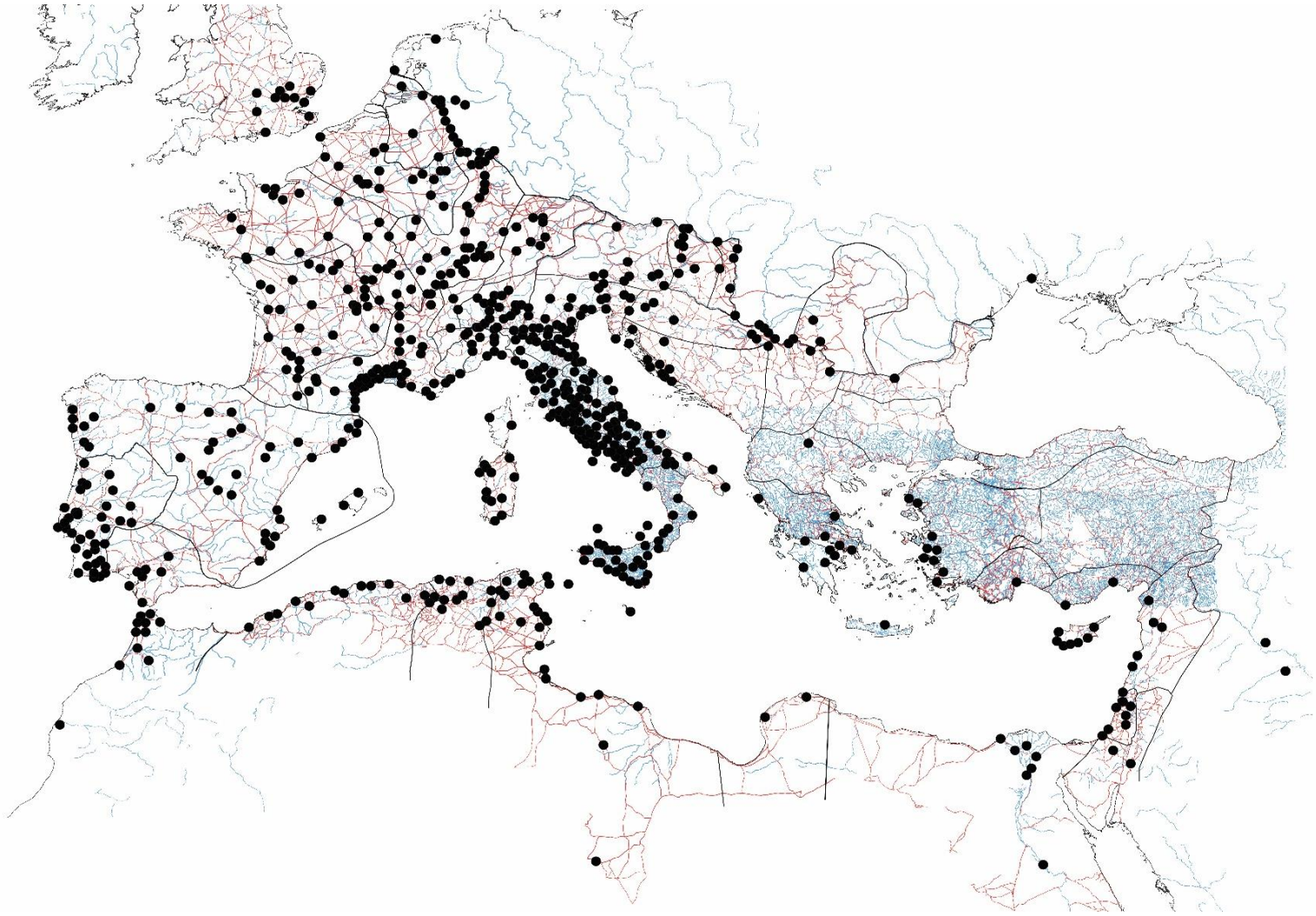
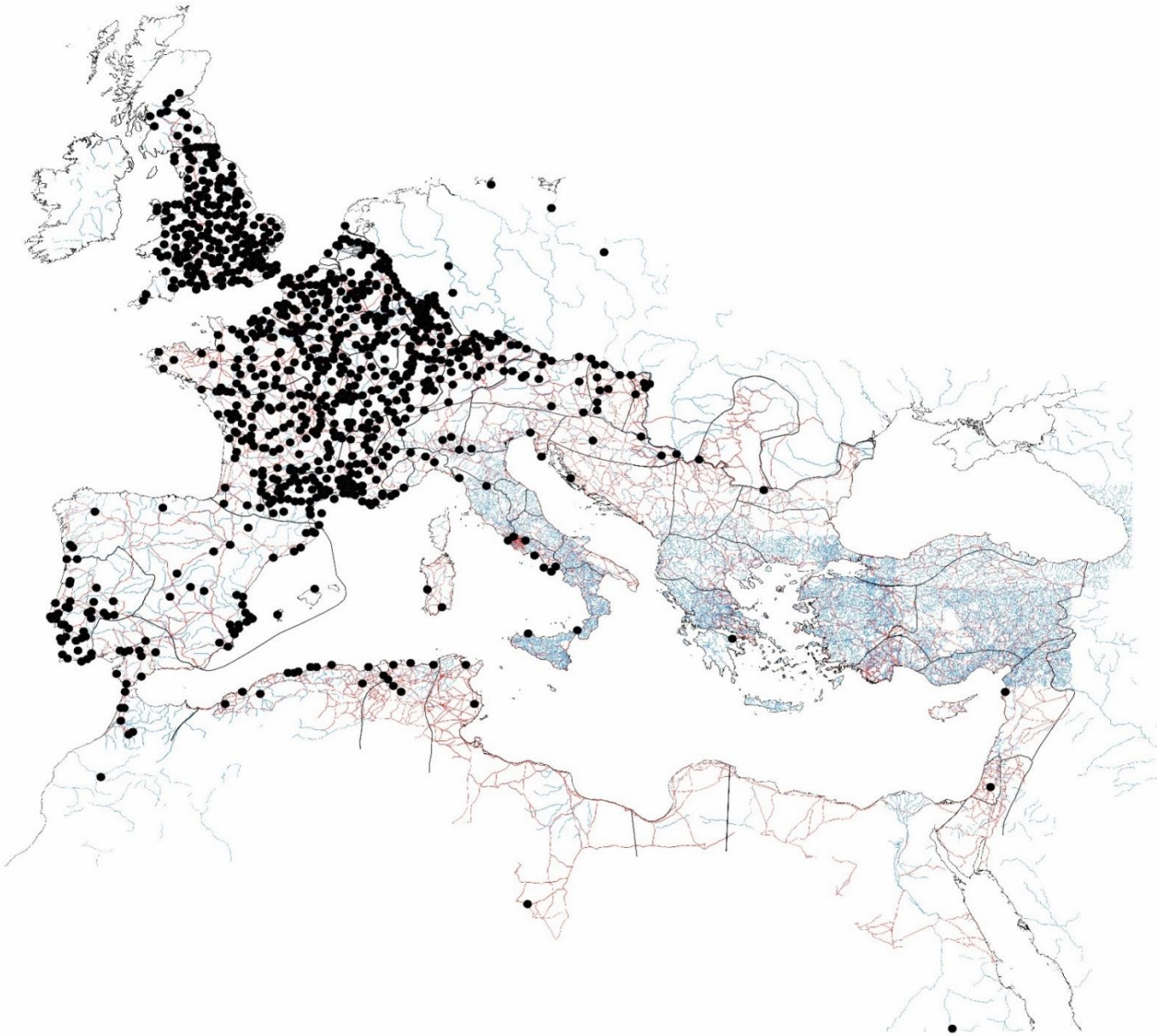


Figura 1: Formas de terra sigillata hispânica

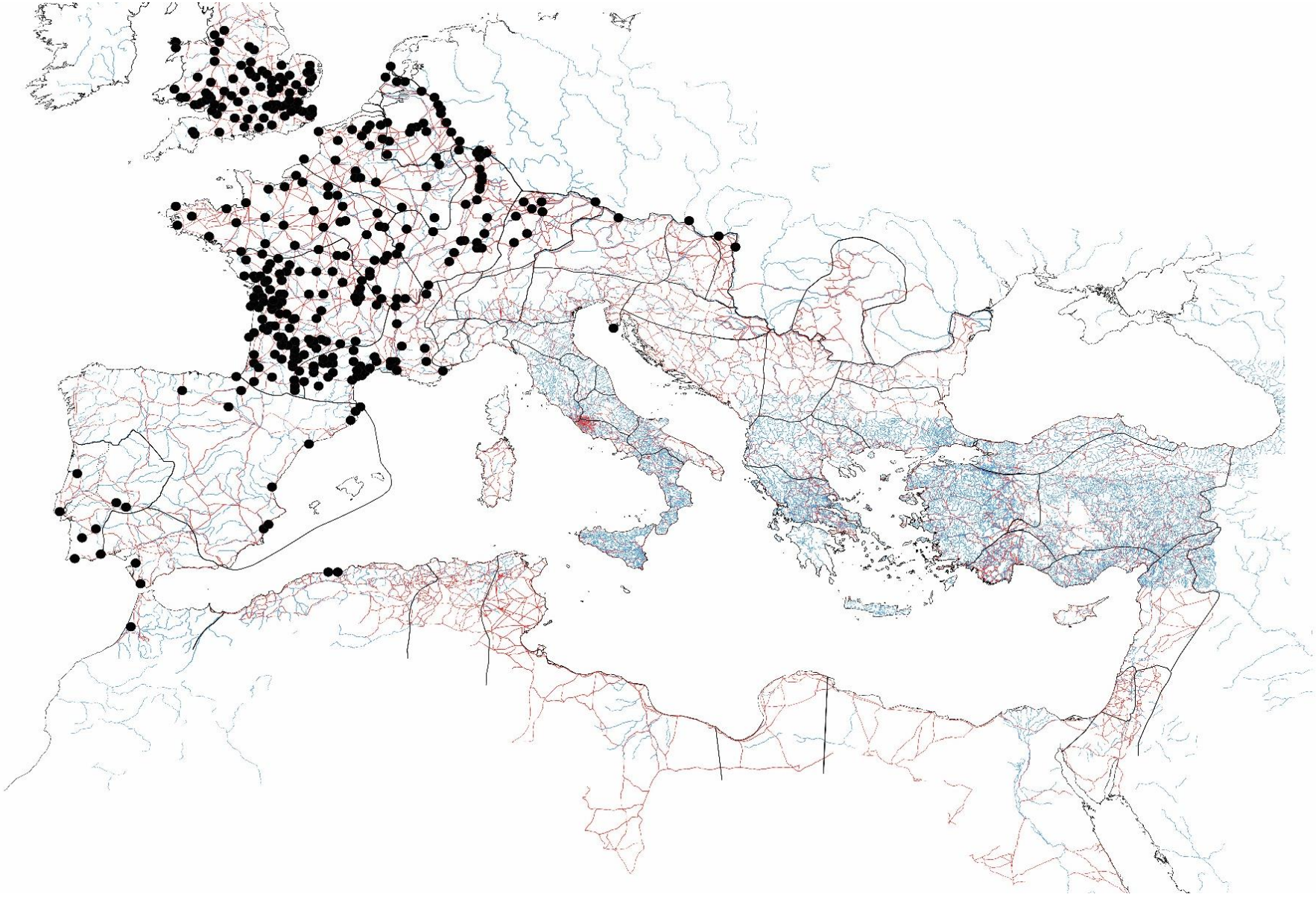
Anexo VII – Mapa de distribuição do consumo dos vários centros produtores de *terra sigillata*



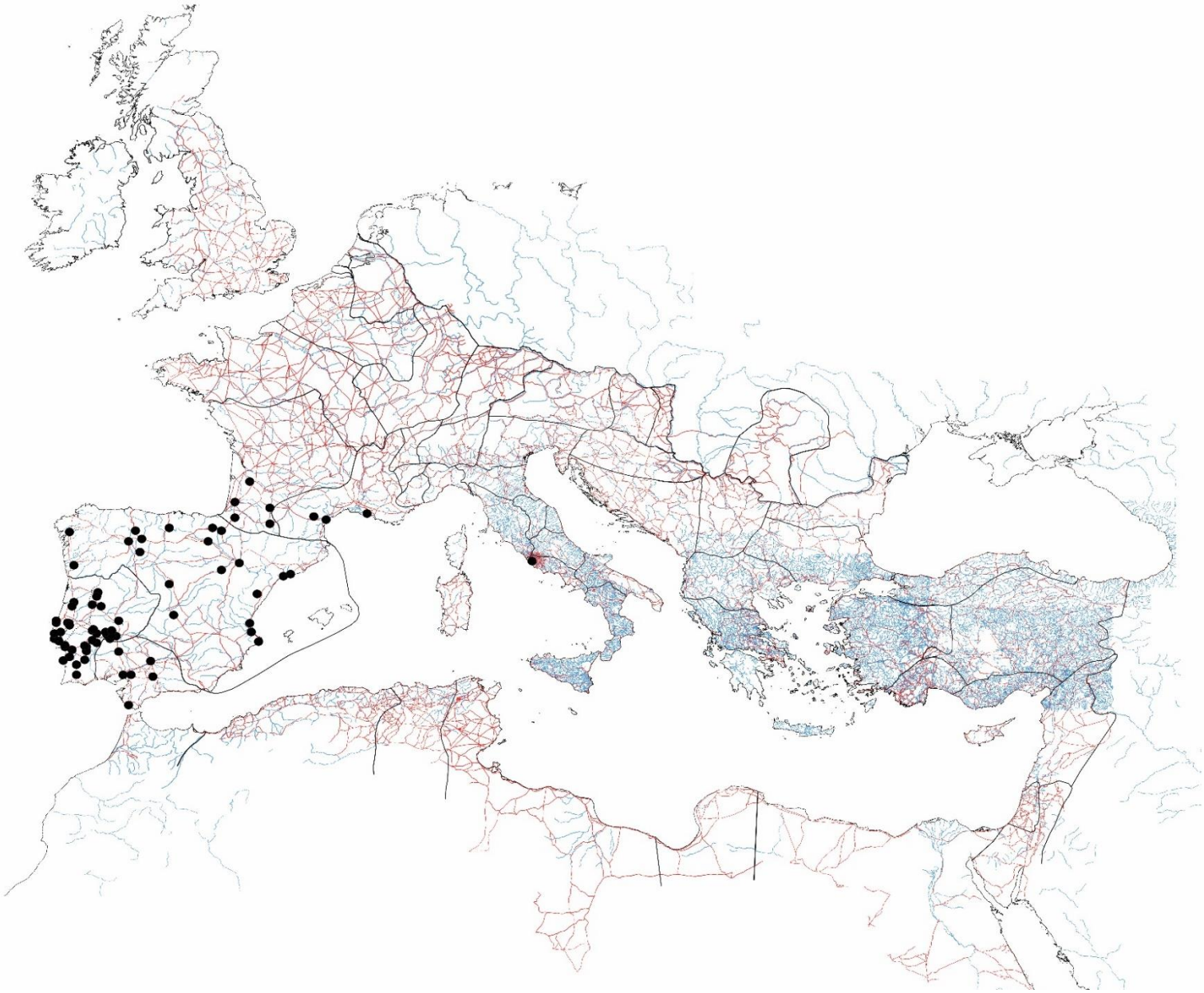
Dispersão das marcas de oleiro em terra sigillata itálica (50 a.C. – 160 d.C.) (Oxé, Comfort & Kenrick 2000)



Dispersão das marcas de oleiro provenientes de La Graufesenque (30 – 120 d.C.) (Hartley & Dickinson 2008)

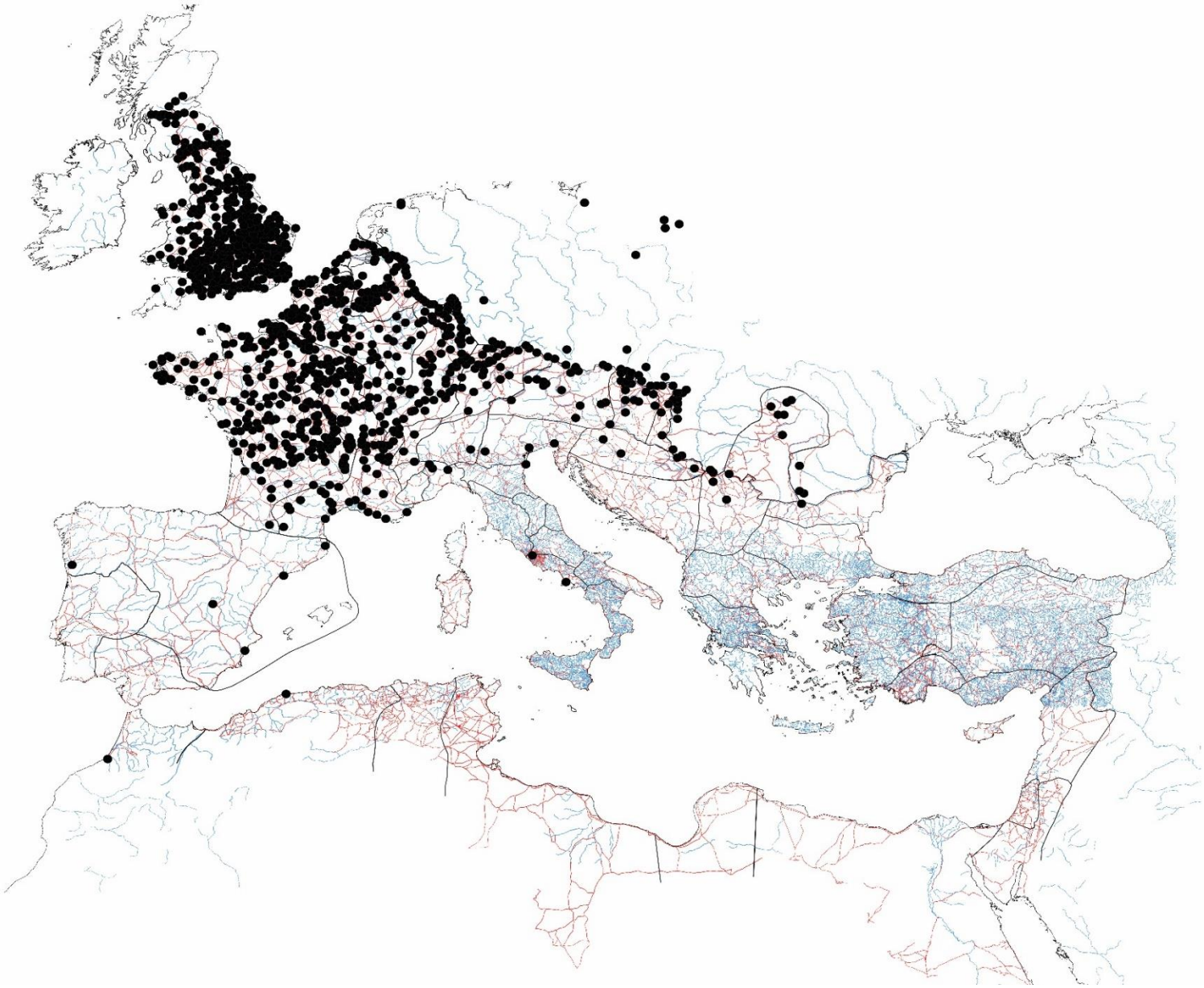


Dispersão das marcas de oleiro provenientes de Montans (50 a.C. – 180 d.C.) (Hartley & Dickinson 2008)

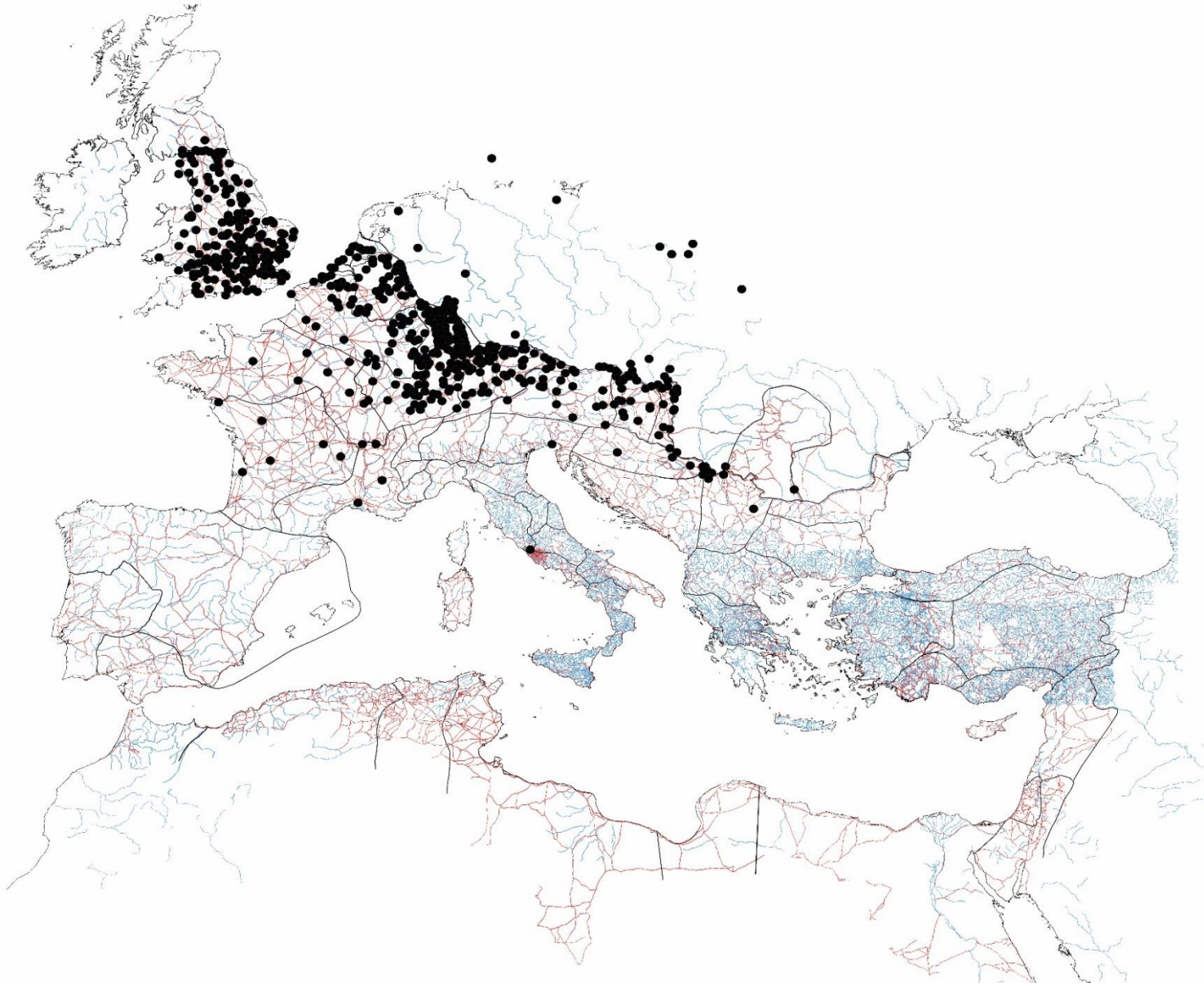


Dispersão das marcas de oleiro provenientes de La Rioja (50 – 220 d.C.) (Mayet 1984)

Dispersão das marcas de oleiro provenientes de Andújar (50 – 180 d.C.) (Mayet 1984; Fernandéz García 2019)



Dispersão das marcas de oleiro provenientes de Lezoux (40 – 200 d.C.) (Hartley & Dickinson 2008)



Dispersão das marcas de oleiro provenientes de Rheinzebern (80 – 260 d.C.) (Hartley & Dickinson 2008)

Anexo VIII: Cálculo do Coeficiente de Relação de Pearson

1. Dados e Fórmulas

Cálculo de correlação entre duas variáveis.

- x – Número de marcas de oleiro em terra sigillata num intervalo de 5 anos
- y – Número de fragmentos ou N.M.I. de terra sigillata num intervalo de 5 anos
- n – Número de intervalos de 5 anos
- r – Coeficiente de correlação

Tabela para avaliar resultados[1]

Valor do Coeficiente de Correlação	Interpretação
0.9 – 1	Correlação muito elevada ou perfeita
0.7 – 0.89	Correlação elevada
0.5 – 0.69	Correlação moderada
0.3 – 0.49	Correlação baixa
0.0 – 0.29	Correlação negligenciável

Fórmula de Pearson para o coeficiente de correlação:

$$r = \frac{n(\sum xy) - (\sum x)(\sum y)}{\sqrt{[n\sum x^2 - (\sum x)^2][n\sum y^2 - (\sum y)^2]}}$$

[1] (Hinkle, Wiersma, and Jurs 2003)

2. Caso 1 – *Mirobriga*

Tabela de valores:

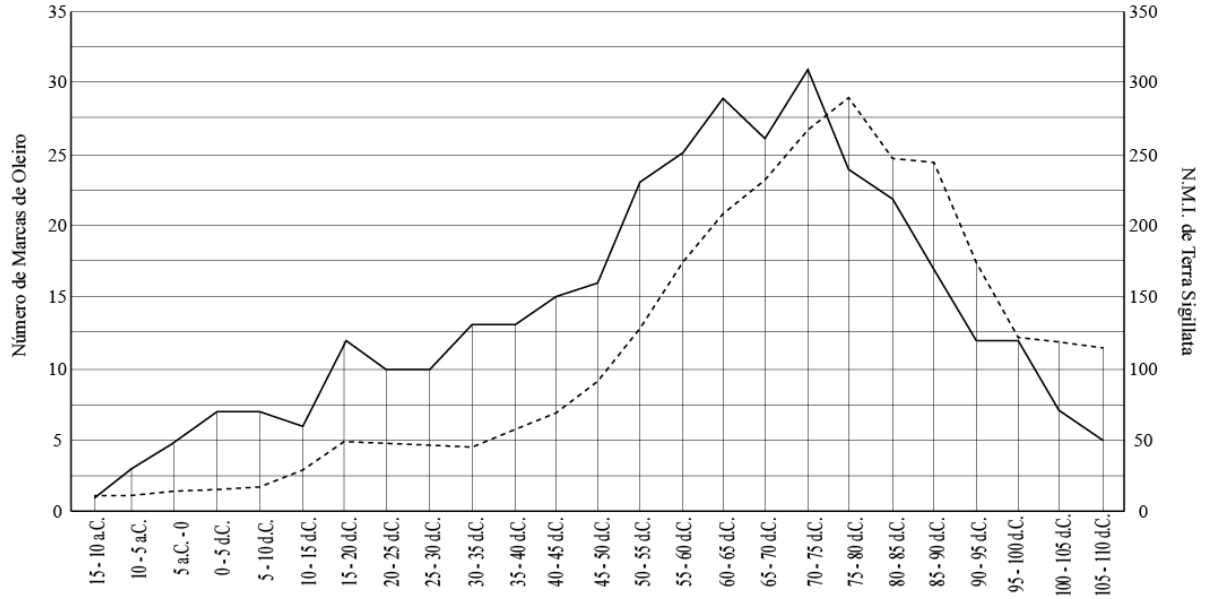
Datação	Total de Marcas[2] (x)	Total de Terra Sigillata[3] (y)	xy	x^2	y^2
15 - 10 a.C.	1	10	10	1	100
10 - 5 a.C.	3	10	30	9	100
5 - 0 a.C.	5	13	65	25	169
0 - 5 d.C.	7	14	98	49	196
5 - 10 d.C.	7	15	105	49	225
10 - 15 d.C.	6	25	150	36	625
15 - 20 d.C.	12	43	516	144	1849
20 - 25 d.C.	10	41	410	100	1681
25 - 30 d.C.	10	40	400	100	1600
30 - 35 d.C.	13	40	520	169	1600
35 - 40 d.C.	13	50	650	169	2500
40 - 45 d.C.	15	60	900	225	3600
45 - 50 d.C.	16	80	1280	256	6400
50 - 55 d.C.	23	110	2530	529	12100
55 - 60 d.C.	25	150	3750	625	22500
60 - 65 d.C.	29	180	5220	841	32400
65 - 70 d.C.	26	200	5200	676	40000
70 - 75 d.C.	31	230	7130	961	52900
75 - 80 d.C.	24	250	6000	576	62500
80 - 85 d.C.	22	212	4664	484	44944
85 - 90 d.C.	17	210	3570	289	44100
90 - 95 d.C.	12	150	1800	144	22500
95 - 100 d.C.	12	105	1260	144	11025
100 - 105 d.C.	7	102	714	49	10404
105 - 110 d.C.	5	100	500	25	10000
∑ (25)	351	2440	47472	6675	386018

Cálculo:

$$r = \frac{n(\sum xy) - (\sum x)(\sum y)}{\sqrt{[n\sum x^2 - (\sum x)^2][n\sum y^2 - (\sum y)^2]}} <=>$$

$$r = \frac{25(47472) - (351)(2440)}{\sqrt{[25 \times 6675 - 351^2][25 \times 386018 - 2440^2]}} <=> \boldsymbol{r = 0.822167032}$$

[2] Baseado em (Quaresma 2012)
[3] Baseado em (Quaresma 2012)



Curva de Correlação de Miróbriga (baseado em Quaresma 2012). Marcas de oleiro sendo a linha preta, e N.M.I. de terra sigillata a tracejado.

2. Caso 2 – *Conimbriga*

Tabela de valores:

Datações	Total de Marcas	Total de T.S.[4]	xy	x^2	y^2
20 - 15 a.C.	1	100	100	1	10000
15 - 10 a.C.	10	100	1000	100	10000
10 - 5 a.C.	27	100	2700	729	10000
5 - 0 a.C.	34	100	3400	1156	10000
0 - 5 d.C.	45	100	4500	2025	10000
5 - 10 d.C.	46	100	4600	2116	10000
10 - 15 d.C.	42	100	4200	1764	10000
15 - 20 d.C.	49	70	3430	2401	4900
20 - 25 d.C.	47	40	1880	2209	1600
25 - 30 d.C.	49	40	1960	2401	1600
30 - 35 d.C.	64	40	2560	4096	1600
35 - 40 d.C.	63	150	9450	3969	22500
40 - 45 d.C.	83	300	24900	6889	90000
45 - 50 d.C.	96	312	29952	9216	97344
50 - 55 d.C.	96	325	31200	9216	105625
55 - 60 d.C.	96	325	31200	9216	105625
60 - 65 d.C.	96	325	31200	9216	105625
65 - 70 d.C.	84	325	27300	7056	105625
70 - 75 d.C.	101	325	32825	10201	105625
75 - 80 d.C.	80	300	24000	6400	90000

[4] Baseado em: (Alarcão, Delgado, and Mayet 1977)

80 - 85 d.C.	115	280	32200	13225	78400
85 - 90 d.C.	108	280	30240	11664	78400
90 - 95 d.C.	98	280	27440	9604	78400
95 - 100 d.C.	95	150	14250	9025	22500
100 - 105 d.C.	73	10	730	5329	100
105 - 110 d.C.	59	10	590	3481	100
110 - 115 d.C.	37	10	370	1369	100
115 - 120 d.C.	37	10	370	1369	100
120 - 125 d.C.	35	10	350	1225	100
125 - 130 d.C.	35	10	350	1225	100
130 - 135 d.C.	35	10	350	1225	100
135 - 140 d.C.	35	10	350	1225	100
140 - 145 d.C.	35	20	700	1225	400
145 - 150 d.C.	34	10	340	1156	100
150 - 155 d.C.	22	5	110	484	25
155 - 160 d.C.	17	5	85	289	25
160 - 165 d.C.	17	5	85	289	25
165 - 170 d.C.	17	5	85	289	25
170 - 175 d.C.	17	5	85	289	25
175 - 180 d.C.	17	5	85	289	25
180 - 185 d.C.	17	5	85	289	25
185 - 190 d.C.	17	5	85	289	25
190 - 195 d.C.	17	5	85	289	25
195 - 200 d.C.	18	5	90	324	25
200 - 205 d.C.	2	5	10	4	25
205 - 210 d.C.	2	5	10	4	25
∑ (46)	2220	4737	381887	155852	1166969

Cálculo:

$$r = \frac{n(\sum xy) - (\sum x)(\sum y)}{\sqrt{[n\sum x^2 - (\sum x)^2][n\sum y^2 - (\sum y)^2]}} <=>$$

$$r = \frac{46(381887) - (2220)(4737)}{\sqrt{[46 \times 155852 - 2220^2][46 \times 1166969 - 4737^2]}} <=> \boldsymbol{r = 0.842682}$$

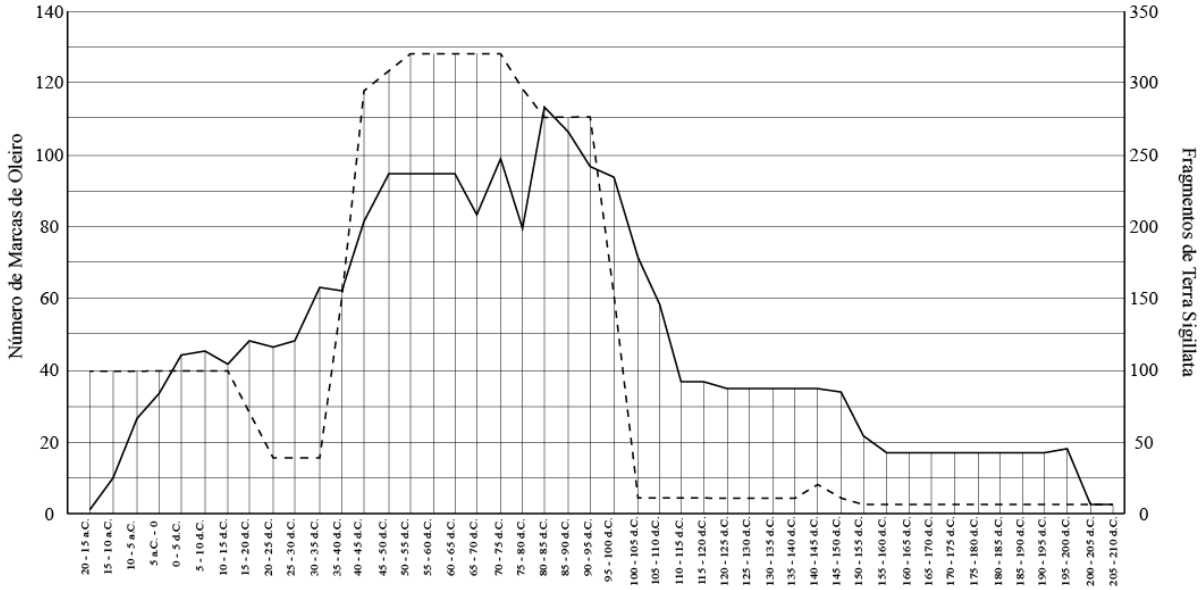


Figura 1: Curva de Correlação de Conimbriga (baseado em Alarcão, Delgado, and Mayet 1977). Marcas de oleiro sendo a linha preta, e fragmentos de terra sigillata a tracejado.

3. Caso 3 – Represas

Tabela de valores:

Datações	Total de Marcas[5]	Total de T.S.	xy	x^2	y^2
30 - 25 a.C.	1	25	25	1	625
25 - 20 a.C.	1	25	25	1	625
20 - 15 a.C.	9	25	225	81	625
15 - 10 a.C.	20	52	1040	400	2704
10 - 5 a.C.	25	95	2375	625	9025
5 - 0 a.C.	37	94	3478	1369	8836
0 - 5 d.C.	49	93	4557	2401	8649
5 - 10 d.C.	51	92	4692	2601	8464
10 - 15 d.C.	53	91	4823	2809	8281
15 - 20 d.C.	59	122	7198	3481	14884
20 - 25 d.C.	63	150	9450	3969	22500
25 - 30 d.C.	68	150	10200	4624	22500
30 - 35 d.C.	64	150	9600	4096	22500
35 - 40 d.C.	67	225	15075	4489	50625
40 - 45 d.C.	59	405	23895	3481	164025
45 - 50 d.C.	65	417	27105	4225	173889
50 - 55 d.C.	58	430	24940	3364	184900

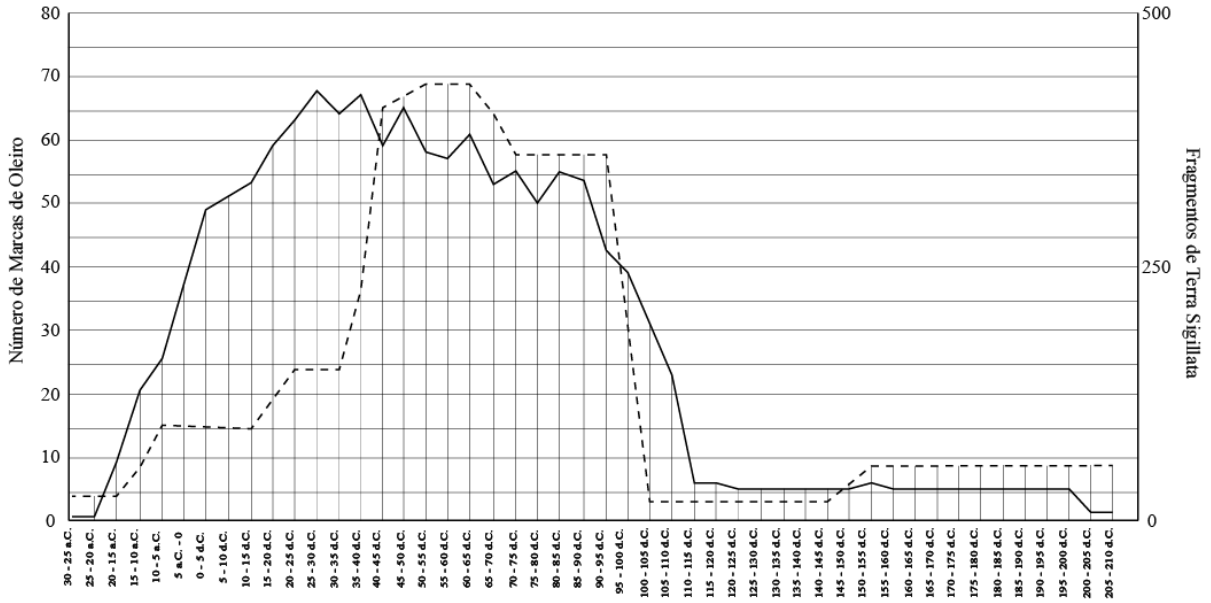
[5] Baseado em (Lopes 1994)

55 - 60 d.C.	57	430	24510	3249	184900
60 - 65 d.C.	61	430	26230	3721	184900
65 - 70 d.C.	53	400	21200	2809	160000
70 - 75 d.C.	55	360	19800	3025	129600
75 - 80 d.C.	50	360	18000	2500	129600
80 - 85 d.C.	55	360	19800	3025	129600
85 - 90 d.C.	54	360	19440	2916	129600
90 - 95 d.C.	43	360	15480	1849	129600
95 - 100 d.C.	39	174	6786	1521	30276
100 - 105 d.C.	31	20	620	961	400
105 - 110 d.C.	23	20	460	529	400
110 - 115 d.C.	6	20	120	36	400
115 - 120 d.C.	6	20	120	36	400
120 - 125 d.C.	5	20	100	25	400
125 - 130 d.C.	5	20	100	25	400
130 - 135 d.C.	5	20	100	25	400
135 - 140 d.C.	5	20	100	25	400
140 - 145 d.C.	5	20	100	25	400
145 - 150 d.C.	5	37	185	25	1369
150 - 155 d.C.	6	55	330	36	3025
155 - 160 d.C.	5	55	275	25	3025
160 - 165 d.C.	5	55	275	25	3025
165 - 170 d.C.	5	55	275	25	3025
170 - 175 d.C.	5	55	275	25	3025
175 - 180 d.C.	5	55	275	25	3025
180 - 185 d.C.	5	55	275	25	3025
185 - 190 d.C.	5	55	275	25	3025
190 - 195 d.C.	5	55	275	25	3025
195 - 200 d.C.	5	55	275	25	3025
200 - 205 d.C.	1	55	55	1	3025
205 - 210 d.C.	1	55	55	1	3025
∑ (48)	1365	6752	324869	68607	1953002

Cálculo:

$$r = \frac{n(\sum xy) - (\sum x)(\sum y)}{\sqrt{[n\sum x^2 - (\sum x)^2][n\sum y^2 - (\sum y)^2]}} <=>$$

$$r = \frac{48(324869) - (1365)(6752)}{\sqrt{[48 \times 68607 - 1365^2][48 \times 1953002 - 6752^2]}} <=> \boldsymbol{r = 0.768527}$$



Curva de Correlação de Represas (baseado em Lopes 1994). Marcas de oleiro sendo a linha preta, e fragmentos de terra sigillata a tracejado.

4. Somatório dos Casos

Tabela de valores:

Datações	Total de Marcas	Total de T.S.	xy	x^2	y^2
30 - 25 a.C.	1	25	25	1	625
25 - 20 a.C.	1	25	25	1	625
20 - 15 a.C.	10	125	1250	100	15625
15 - 10 a.C.	31	162	5022	961	26244
10 - 5 a.C.	55	205	11275	3025	42025
5 - 0 a.C.	76	207	15732	5776	42849
0 - 5 d.C.	101	207	20907	10201	42849
5 - 10 d.C.	104	207	21528	10816	42849
10 - 15 d.C.	101	216	21816	10201	46656
15 - 20 d.C.	120	235	28200	14400	55225
20 - 25 d.C.	120	231	27720	14400	53361
25 - 30 d.C.	127	230	29210	16129	52900
30 - 35 d.C.	141	230	32430	19881	52900
35 - 40 d.C.	143	425	60775	20449	180625
40 - 45 d.C.	157	765	120105	24649	585225
45 - 50 d.C.	177	809	143193	31329	654481
50 - 55 d.C.	177	865	153105	31329	748225
55 - 60 d.C.	178	905	161090	31684	819025
60 - 65 d.C.	186	935	173910	34596	874225
65 - 70 d.C.	163	925	150775	26569	855625
70 - 75 d.C.	187	915	171105	34969	837225

75 - 80 d.C.	154	910	140140	23716	828100
80 - 85 d.C.	192	852	163584	36864	725904
85 - 90 d.C.	179	850	152150	32041	722500
90 - 95 d.C.	153	790	120870	23409	624100
95 - 100 d.C.	146	429	62634	21316	184041
100 - 105 d.C.	111	132	14652	12321	17424
105 - 110 d.C.	87	130	11310	7569	16900
110 - 115 d.C.	43	30	1290	1849	900
115 - 120 d.C.	43	30	1290	1849	900
120 - 125 d.C.	40	30	1200	1600	900
125 - 130 d.C.	40	30	1200	1600	900
130 - 135 d.C.	40	30	1200	1600	900
135 - 140 d.C.	40	30	1200	1600	900
140 - 145 d.C.	40	40	1600	1600	1600
145 - 150 d.C.	39	47	1833	1521	2209
150 - 155 d.C.	28	60	1680	784	3600
155 - 160 d.C.	22	60	1320	484	3600
160 - 165 d.C.	22	60	1320	484	3600
165 - 170 d.C.	22	60	1320	484	3600
170 - 175 d.C.	22	60	1320	484	3600
175 - 180 d.C.	22	60	1320	484	3600
180 - 185 d.C.	22	60	1320	484	3600
185 - 190 d.C.	22	60	1320	484	3600
190 - 195 d.C.	22	60	1320	484	3600
195 - 200 d.C.	23	60	1380	529	3600
200 - 205 d.C.	3	60	180	9	3600
205 - 210 d.C.	3	60	180	9	3600
$\sum$ (48)	3936	13929	2039331	517124	9200767

Cálculo:

$$r = \frac{n(\sum xy) - (\sum x)(\sum y)}{\sqrt{[n\sum x^2 - (\sum x)^2][n\sum y^2 - (\sum y)^2]}} <=>$$

$$r = \frac{48(2039331) - (3936)(13929)}{\sqrt{[48 \times 517124 - 3936^2][48 \times 9200767 - 13929^2]}} <=> \boldsymbol{r = 0.895937301}$$

Anexo IX – Oleiros de *terra sigillata* atestados em *Conimbriga*

1. *Terra Sigillata* Itálica

Nº 106[1] – *Clod*(*ivs*) *Proc*(*vlvs*) (OCK 587)

Este exemplar, exumado nas escavações pré 1954, apresenta uma leitura dificultada pelo seu pequeno tamanho, e pela leveza da impressão. No entanto, a leitura "CꟻPR" só apresenta dificuldades na última letra. Ainda assim foi possível atribuir esta marca à punção 587.10 do OCK. Este oleiro operou em Arezzo entre 40 e 100 d.C. [2] (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 185).

Este exemplar, apesar da marca completa, foi difícil de identificar. Primeiramente, o seu fabrico é do **grupo I.1[3]**, ainda que a sua cronologia seja de 40 a 100 d.C., ou seja, tardo-itálica. Por esta peça não apresentar a pasta típica das produções tardo-itálicas (Silva 2013, 184), foi inicialmente atribuída ao complexo hispânico de *Trittivm Magallvm*, como *terra sigillata* hispânica, pensando-se ser umo punção nova de *Clodivs*[4]. No entanto, a identificação com o oleiro *Clod*(*ivs*) *Proc*(*vlvs*) deixa poucas dúvidas, sendo uma correspondência exata.

Estampado no fundo de uma taça de forma indeterminada, não se conhece mais nenhuma marca deste oleiro na Península Ibérica. A sua distribuição encontra-se maioritariamente na Península Itálica, Norte de África e na Grécia, com os maiores depósitos sendo em Coríntio (Hayes 1973) e Roma (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

[1] Sempre que, no decorrer da dissertação, exista um número a negrito, este refere-se a uma entrada na base de dados das marcas de oleiro em *terra sigillata* na *Lvsitania*, apresentada como o **Anexo II**.

[2] É também necessário mencionar que o exemplar apresentado no OCK é esquemático, ainda que compreensível (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 185).

[3] Sempre que no decorrer no texto se referir um grupo de fabrico, estes estão descritos no **capítulo 3**, quando se diferenciam as diferentes produções.

[4] Como discriminado no **capítulo 3** do presente volume, os fabricos iniciais de *Tritivm Magallvm* em tudo se assemelham aos de Arezzo, sendo difíceis de distinguir macroscopicamente.

Nº 111 – *Q. Arvivs* (OCK 257)

Este exemplar, exumado durante as escavações pré 1964, encontra-se incompleto, lendo-se apenas: QA(*rv*). Pelo tamanho da cartela, das letras, e a distância entre estas, foi possível identificar o punção como sendo o 257.7 do OCK (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 114). O exemplar em que o punção foi aplicada não conserva mais do que o centro do fundo, sendo possível atribuir tipologia ou forma.

A olaria deste oleiro é desconhecida, conhecendo-se, no entanto, a sua filiação com um escravo designado "*secvndvs*" (OCK 258). A sua cronologia é dada pelo OCK como entre 10 a.C., durando até depois de 15 d.C., pelo uso da cartela "*In Planta Pedis*" na suo punção 527.9 (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 114). Esta marca é única na *Lvsitania*, estando este oleiro atestado em Tarragona (Ventura Solsona 1949), nas Ampúrias (Almagro 1955), bem como em Norte de África e na Península Itálica (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 121 – *Evhodvs* (2) (OCK 787)

Esto punção, estampada num fundo de taça, foi identificada como o punção 787.34 do OCK, estando completa e sendo de fácil leitura. Este oleiro é um dos mais importantes dependentes de *Cn. Ateivs*, sendo esto punção específica produzida em Pisa, aquando do período de laboração de *Cn. Ateivs* nesse mesmo centro produtor, datando-se de entre 5 a.C. e 40 d.C. (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Silva 2013, 570). Este exemplar, exumado durante as escavações pré 1964, tinha sido publicado previamente em (Alarcão 1971a).

Este oleiro é dos mais prolíficos das *officinae* italianas, estando largamente atestado na Província, com exemplares em *Olisipo*, *Scallabis* (**nº 690** & **1172** - Silva 2013, 273 & 570), *Avgvsta Emerita* (**nº 1476**, **1749**, **1482**, **1498**, **1499**, **1500**, **1501**, **1536**, **1554**, **1564** - Outeiriño 1990, 27–28; Bustamante-Álvarez 2014a, 242–48; 2014b), *Salacia Imperatoria* (**nº 3151** - Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 4, entre outros) e no arqueossítio de Torre Águila (Talavera de Real, Badajoz) (**nº 2797** - Martín 1993, nº 9). Para além disto este oleiro encontra-se atestado em grandes números perto do *Limes Germanicvs* (especialmente Neuss, Haltern e Mainz), na *Gallia*, Itália e Norte de África (especialmente em *Cyrene*).

Nº 123 – *Specvlator* (OCK 1978)

Este punção, identificada como a 1978.5 do OCK pela sua distinta grafia, foi marcado num fundo indeterminado, e exumado nas escavações pré 1954. Encontra-se completa, lendo-

se: “SPECLAT” e estando inserida numa cartela *In Planta Pedis*. Este oleiro produzia taças lisas em *Puteoli*, entre o virar da era e até depois de 15 d.C., como é deduzível pela cartela desta mesma marca. *Specvlator* era um dependente de *N. Naevivs Hilarvs* (ainda que esto punção não apresente essa dependência) (Oxé, Comfort & Kenrick 2000). Esta marca encontrava-se já publicada por Adília de Alarcão (Alarcão 1971a, nº 17).

Esta marca encontra-se atestada na província em *Olisipo* (**nº 888** & **1076** - Silva 2005, fig. 18; Bolila 2011, nº 237; Silva 2013, 290 e 432) e na *Ammaia* (**nº 1400** - Quaresma 2021, Fig. 44 nº 291). Para além disto encontra-se atestado em *Cartagena*, na *Alexandria*, *Germania Inferior* e na Península Itálica (particularmente no centro de produção) (Silva 2013, 287).

Nº 124, 551 & 576 – *Vmbricivs* (1) (OCK 2441)

Este produtor de Arezzo encontra-se atestado com três fragmentos em *Conimbriga*. No fragmento **nº 124**, distingue-se o punção incompleta de 2441.27 [lendo-se VMB(*ri*)] do OCK num fundo indeterminado, tendo esta marca sido exumada nas escavações antigas, e publicada por Adília Alarcão (Alarcão 1971, nº 34). Os fragmentos **nº 551** (OCK 2441.21, prato) e **576** (OCK 2441.30, Consp. B 4.12) foram exumados durante as campanhas Luso-Francesas numa recolha de superfície e nas escavações das termas públicas a sul do fórum, respetivamente. A **nº 576** foi descoberta nas camadas que datam a construção da fase de Trajano das termas, sendo residual, visto que este oleiro produz entre 10 a.C. e 50 d.C. (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 214-217; Ettlinger 2002). Ambas encontram-se publicadas nos *Fouilles de Conimbriga* (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: 63).

Estas marcas não são únicas na *Lvsitania*, encontrando-se este oleiro atestado em *Avgvsta Emerita* (**nº 1546** & **1628** - Outeiriño 1990, 104; Mayet 1978, 192) e em Almeirim (Santarém) (**nº 1222** - Mendes, Pimenta & Silva 2017, 1205–17). Fora da Província, a sua distribuição é quase universal ao império, sendo que a sua maior influência parece ser na costa entre Roma e os pilares de Hércules. Deste oleiro grandes quantidade foram exumadas em Roma, Tarragona (Ventura Solsona 1949), Coríntio (Hayes 1973), Ampúrias, *Puteoli* e Cartágo, entre outras (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000).

Nº 126 – *L. Fastidienvs* (OCK 809)

Esto punção foi exumada durante as escavações antigas e já publicada por Adília Alarcão (Alarcão 1971, nº 18). Estampado num fundo de forma indeterminada, é possível

estabelecer correspondência com o punção 809.1, cuja cartela "*In Planta Pedis*" data para uma data posterior a 15 d.C. O sítio de operação deste oleiro mantém-se desconhecido.

As punções deste oleiro não são, no entanto, novas à província, com exemplares deste oleiro descobertos perto do *postcaenivm* no Teatro Romano de Lisboa, em *Olisipo* (**nº 691** - Fernandes & Sepúlveda 2009, 161; Silva 2013, 273–74) e no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3235** - Ribeiro 1959b, nº 100; Alarcão 1971a; Lopes 1994, nº 1610). Fora da *Lvsitania*, este oleiro encontra uma difusão muito dispersa, encontrando-se as suas marcas na *Hispania*, Norte de África, *Gallia*, Itálica, Grécia, Turquia, Síria e Egito, sendo encontrado sempre em pequenos números (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000).

Nº 127, 567 & 591 – *Crestvs (1)* (OCK 698)

Em *Conimbriga* foram exumados três fragmentos com marcas de oleiro desta *officinae*, sendo o **nº 127** (OCK 698.57) exumado durante as escavações antigas, e publicado por Adília Alarcão (A. Alarcão 1971a). Ao passo que os fragmentos **nº 567** (OCK 696.57) e **591** (OCK 698.56, prato) foram exumados durante as escavações Luso-francesas e publicados nas *Fouilles de Conimbriga* (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: p. 63, nº 236 & 238). Estes dois últimos foram recuperados durante a escavação de 1970 das ternas do Sul. A **nº 591** foi descoberta nas camadas que datam a construção da fase de Trajano das termas, e **567** abaixo deste estrato (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol I: 310). Este oleiro produziu em Pisa e Lyon-La Muette entre 10 a.C. e 30 d.C., sendo um dos mais bem-sucedidos libertos do grande feitor *Cn. Ateivs*. Como se identifica pelo *cognomen*, esta marca deverá ser após a emancipação (Silva 2013, 267).

Encontra-se bem representado em toda a província, com exemplares em *Aeminivm* (**nº 7** - Ricardo Silva, Carvalho & Fernández 2018, 133, nº 23), *Olisipo* (**nº 689** - Fernandes & Sepúlveda 2009; Rodrigo Silva 2013, 273–74), *Avgvsta Emerita* (**nº 1483**, **1486**, **1507**, **1508**, **1509**, **1510**, **1534**, **1542**, **1571**, **1572**, **1573**, **1574** - Bustamante-Álvarez 2014a, nº 5; 2014b; Mayet 1978, nº 64; Outeiriño 1990, 41–43), *Arucci* (**nº 2853**, **2854** - Caeiro 1976, nº 3 e 4) *Ossonoba* (**nº 3029** - Viegas 2008b; 2008a; 2011, 134), *Salacia* (**nº 3047** - Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 8) e no arqueossítio da Lezíria (Castro Marim, Faro) (**nº 3637** - Arruda & Dias 1985, Pl. 3.3). Fora da província, encontra-se bem atestado no ocidente do império, com os maiores conjuntos descobertos em Fréjús (Gallia Narbonensis - Guéry 1972) e no *Limes Germanicvs* (Vechten e Neuss especialmente). Conjuntos menores (mas numerosos) na península itálica, ibérica, na gália e no Norte de africa.

Nº 130 – *Mvr()* (OCK 1197)

Este fragmento foi exumado durante as escavações antigas, sendo esta o punção 1197.2, estampada no fundo de uma Consp. 24.3.1. (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Ettlinger 2002). O punção encontra-se completa, com o "M" anexo ao "V". Este oleiro é assim designado, portanto, por poder corresponder aos vários "*Mvrrii*". A sua cronologia data-se apenas por um inicio, no virar na era, e o seu centro de produção é desconhecido (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000).

Esto punção apresenta uma difusão pouco marcada, com apenas um outro fragmento na província, no teatro romano de lisboa, em *Olisipo* (**nº 694** - Fernandes & Sepúlveda 2009, 139–68; Rodrigo Silva 2013, 269). No resto do império regista-se raramente entre a costa da *Gallia Narbonensis* e Cartago, sendo provável que esta distribuição esparsa se deva a que esto punção pertencesse a um *Mvrranvs* com outras punçãos (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000).

Nº 276 – *Avi()* (OCK 370)

Este fragmento foi recuperado durante as escavações da zona B levadas a cabo pelo Dr. Alarcão. Trata-se do punção 370.1 do OCK, estampada no fundo de uma Consp. 22 (Ettlinger 2002; Oxé, Comfort & Kenrick 2000), e previamente publicado em diversas dissertações de mestrado (Margalho 2012; Cunha 2009)[5]. Não se conhece o centro de produção nem a cronologia deste oleiro, por ser umo punção parcial que pode compreender várias *officinae* com essa fórmula. É inédita na *Lvsitania* e o único outro exemplar foi exumado em Roma (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000).

Nº 426 – *Ateivs (2)* (OCK 267)

Fragmento recuperado durante as escavações Luso-francesas, mas para o qual não conseguimos encontrar correspondência na respetiva publicação. O punção não corresponde a nenhum exemplar do OCK, apresentando um ligeiro defeito de impressão por cima do "T", ganhando a cartela o aspeto de símbolo hieroglífico "ḥtp" ou de um pão sobre uma esteira[6]. No entanto a leitura "ATEI" não apresenta quaisquer dúvidas, e a grafia é mais semelhante ao

[5] Fica aqui anotado que este relatório de estágio (Margalho 2012) deve ser lido com alguma cautela. Visto ter como propósito a sistematização informática de *terra sigillata*, as suas identificações de oleiros são muitas vezes erróneas.

[6] Isto é uma coincidência, sendo o hieróglifo usado só por ser a comparação mais próxima à forma da cartela. Isto resulta provavelmente de uma impressão deficiente por parte do oleiro.

oleiro *Ateivs* (2), que operou em Arezzo entre 15 e 5 a.C. Foi descoberta no contexto da canalização das termas de Trajano, sendo assim residual (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol I: 220-221).

Na província, encontra-se atestado em *Avgvsta Emerita* (**nº 1593** - Outeiriño 1990, 22) e no arqueossítio de Mesas do Castelinho (Almodôvar) (**nº 3640** - Viegas 2019, fig. 5 nº 36). Fora da península, os seus maiores depósitos são em Arezzo, Vechten e Neuss (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000).

Nº 545 – *Gavivs* (OCK 867)

Fragmento de taça, forma Consp. B 4.11, exumado durante as escavações Luso-Francesas, com o punção 867.2 do OCK de *Gavivs*, que trabalho em Arezzo entre 10 a.C. e 20 d.C. (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 269; Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Ettlinger 2002). Esta peça foi recuperada do solo das ruas que circundavam o fórum de *Conimbriga* na sua fase flávia (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol I: 210-214).

A distribuição deste oleiro é escassa, com um fragmento em *Avgvsta Emérita* (**nº 1608** - Outeiriño 1990, 59) sendo a única outra atestação provincial. Apresenta alguma representação na *Tarraconensis* e *Baetica*, sendo o foco da sua distribuição na zona de Arezzo, Cartágo e Roma (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 547 & 555 – *L. Titivs* (OCK 2203)

As marcas **nº 547** (punção 2203.20, forma de Consp. B 3.16) e **555** (punção 2203.18, forma de Consp. B 4.12) foram ambas exumadas durante as campanhas Luso-francesas de 64 a 71, e publicadas no *Fouilles de Conimbriga*, bem como no artigo da Dr. Adília Alarcão (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol IV: 263 & 264; Alarcão 1971, nº 55). O oleiro de ambas as marcas é *L. Titivs*, que operou em Arezzo entre 15 a.C. e 30 d.C., produzindo tanto vasos lisos como decorados (Ettlinger 2002; Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 444–46). A peça **nº 555** foi exumada do solo das ruas que circundavam o fórum de *Conimbriga* na sua fase flávia, ao paço que a **nº 547** foi descoberta no nível de construção das termas de Trajano, sendo assim ambas residuais (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 210-217).

Na província, estas marcas encontram paralelos nos arqueossítios de Represas (Beja) (**nº 3218** & **3539** - Ribeiro 1959, nº 126; Alarcão 1971, nº 56; Lopes 1994, nº 1591) e de Troia (Setúbal) (**nº 3579** - Baltasar 1985, Fig. 1). Fora da península este oleiro encontra-se

representado tanto no oriente como no ocidente, apresentando maiores números na Península Itálica e no *Limes Germanicvs*, especialmente nos sítios de Roma, Arezzo, e Neuss, e no oriente em Coríntio e Alexandria (Hayes 1973; Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Kadous 1988; Guéry 1972).

Nº 548 – *A. Annivs Crispvs* (OCK 123)

Este fragmento de *terra sigillata*, com a forma Consp. 18.2 (pratel) apresenta uma marca de oleiro bilinear danificada, na qual se consegue ler "(…)/CRISP(…)". Visto o punção ser exatamente igual à do OCK nº 123.9, atribuiu-se a *A. Annivs Crispvs*, oleiro que trabalhou entre 15 a.C. e 5 d.C., provavelmente em Arezzo (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 95; Ettlinger 2002). Por ter sido exumado durante as escavações Luso-francesas, no contexto da construção das termas de *Trajano*, encontra-se já duplamente publicado, tanto nas *Fouilles de Conimbriga*, como no artigo de Adília Alarcão (Alarcão 1971, nº 28; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol IV: 43 nº 239 & Vol I: 214-217).

Este fragmento é digno de análise no que toca à sua forma. Tanto Kenrick[7], como Adília Alarcão e o presente autor concordam que o fragmento de fundo apresenta a forma de Consp. 18.2 (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol IV: Pl. 7 nº 96). No entanto, como consta do OCK, não se conhecia que este oleiro produzisse pratéis, pensando-se o seu reportório ser maioritariamente taças, e raramente pratos. Este facto tem sido repetido, no entanto, merece nova examinação (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 95; Silva 2013, 409).

No que toca à sua distribuição, encontra paralelos na Praça da Figueira, em *Olisipo* (**nº 871** - Silva 2005, fig. 12 nº 6; Bolila 2011, nº 222; Silva 2013, 431–32) e no anfiteatro de *Avgvsta Emerita* (**nº 1557** - Outeiriño 1990, 19), sendo ambos os fragmentos taças. Fora da província, a sua distribuição é pouca, e maioritariamente concentrada no ocidente (ainda que tenha sido atestado no Egipto), com o maior depósito no *Limes Germanicvs*, especialmente em Neuss (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 549 – *L. Tettivs Sariva* (OCK 2106)

Esta marca de oleiro, estampada no fundo de uma taça, foi exumada durante as campanhas Luso-francesas, no contexto das ruas que rodeiam o fórum de fase flávia (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol I: 210-215). No entanto, não foi encontrada nas publicações

[7] Que adicionou este fragmento à base de dados "Samian Ware – R.G.Z.M." (ID do fragmento: 190427).

respetivas, sendo assim inédita (apesar do fragmento vir mencionado no inventário dos *fouilles*). A identificação do oleiro é exata. A leitura "(…)RIV/(…)ETI" corresponde à punção 2106.3 do escravo *Sariva*, pertencendo ao feitor *L. Tettivs* (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 427). Esta relação de escravatura (que aliás o feitor *L. Tettivs* tinha com vários dependentes) é fácil de averiguar na interpretação do texto completo da marca de oleiro presente – "SARIV/L.TETI", sendo o genitivo "*Tetti*" indicador da posse do sujeito anterior.

A distribuição desta parceria entre o escravo e o feitor é reduzida. Na *Lvsitania*, o único outro fragmento de que se deriva paralelo provém de *Salacia Imperatoria* (**nº 3093** - Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 18). No resto do império, a sua quantidade é sempre pequena, nos sítios de Tarragona, Mauritânia, *Narbonensis* e Itália, entre outros (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 552 – *Posid(onivs?)* (OCK 1512)

O fragmento de fundo de prato com a presente marca de oleiro foi exumado em contexto de superfície durante as escavações Luso-francesas, e divulgada previamente nas respetivas publicações (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: Nº 253 & Vol. I: 308; Alarcão 1971, nº 39). Trata-se do punção 1512.2 (OCK) do oleiro *Posid*(*onivs*), lendo-se "POSD" numa cartela retangular. Este oleiro fabricava pratos numa olaria desconhecida, posteriormente a 30 d.C. (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 338). A sua distribuição é muito reduzida, existindo apenas um fragmento em Venosa (Salvatore 1991, 151–64), Minturno, Berenice e dois em Alexandria (Kadous 1988, nº 205; Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 553 – *C. Cvrtivs* (OCK 718)

O fragmento de fundo de taça (Consp. B 4.1-10) com a presente marca de oleiro (OCK 718.1) foi exumado durante a escavação Luso Francesa da canalização do fórum flaviano de *Conimbriga*, e publicada nos respetivos tomos (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: Nº 240 & Vol. I: 205-210; Alarcão 1971, nº 45; Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 209; Ettlinger 2002). Esto punção em que se lê "C. CVRTI", entre uma cartela alta com molduras nos lados maiores, torna bem claro o nome do oleiro, que fabricava vasos lisos a partir de 20 a.C., na Itália Central (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 209).

A sua distribuição é maioritariamente ocidental, com a mesmo punção usada no fragmento de *Salacia Imperatoria* (**nº 3065** - Alarcão 1971, nº 44; Faria, Ferreira & Diogo

1987, nº 18). Fora da *Lvsitania* encontra-se atestado na *Baetica* e *Tarraconensis*, bem como na África do Norte, apresentando um depósito em Roma (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 554, 569 & 572 – *Ateivs (3)* (OCK 268)

Este oleiro é o mesmo que *Ateivs* (2) (**nº 426**), sendo que o (2) refere-se à sua produção de Arezzo entre 15 e 5 a.C. Em 5 a.C. ele imigra para Pisa (provavelmente para cortar custos de transporte), onde começa a produzir *terra sigillata*, até 25 d.C., designando esta produção de *Ateivs* (3) (Oxé, Comfort & Kenrick 2000). Estes fragmentos foram recuperados durante as escavações Luso-francesas, e devidamente publicados (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol IV: Nº 231, 247 & 230, respetivamente; Alarcão 1971, nº 9).

O fragmento **554** é uma taça com a forma Consp. B 4.7, suportando o punção 268.48 do OCK, exumada do contexto da construção das latrinas do fórum, cuja cronologia é incerta (apesar disto, a presença de *terra sigillata* hispânica aponta para uma cronologia de meados do século I) (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 230-231; Ettlinger 2002; Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Quaresma 2021). O fragmento **569** é uma taça (Consp B 4.1-13) com uma marca em forma de trevo trilobado, na qual se lê as iniciais "AT(…)"[8]. Foi descoberta no contexto da construção das termas de Trajano (Comfort 1961; Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol IV: nº 247). O fragmento **572** é um fundo de taça (Consp. B 4.1-13) com o punção 268.138 do OCK. Este fragmento foi exumado no contexto da escavação dos pavimento do principado de Cláudio, perto das termas (Ettlinger 2002; Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol I: 192-193).

As produções pisanas de *Ateivs* encontram-se mais bem representadas na *Lvsitania* do que as suas contrapartes de Arezzo. Para além de *Conimbriga*, encontram-se fragmentos com as suas punções em *Olisipo* (**nº 735** - Silva 2013, 320; 2015, 46), *Ammaia* (**nº 1396** & **1397** - Quaresma 2021, nº 127), *Avgvsta Emerita* (**nº 1560**, **1592**, **1594** & **1625** - Outeiriño 1990, 22; Mayet 1978, nº 1), *Ossonoba* (**nº 3026** - Viegas 2008b, 219; 2008a; 2011, 134), *Salacia* (**nº 3055** - Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 3) e nos arqueossítios de Torre Águila (Badajoz) (**Nº 2798** - Martín 1993, Pl. II nº 8), Represas (Beja) (**nº 3226** & **3253** - Ribeiro 1959, nº 86 & 87; Alarcão 1971; Lopes 1994, nº 1599 & 1629) e Mesas do Castelinho (Almodôvar) (**nº 3641** - Viegas 2019, nº 37). Fora da província, a sua distribuição é vasta e numerosa no ocidente do

[8] No entanto, devido ao dano sofrido pela marca, a sua interpretação é difícil. Atribuímos a *Ateivs* (3) devido a essa mesma atribuição por Howard Comfort, em 1957 (altura em que a marca se apresentaria mais completa?).

Império, com especial atenção para o *Limes Germanicvs*, Pisa e Roma, a baía de Narbonne, Tarragona e os pilares de Hércules (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Ettlinger 2002)

Nº 557 – *Zoilvs (2)* (OCK 2544)

Zoilvs, juntamente com *Crestvs*, *Evhodvs* e *Xanthvs* integram o grupo de libertos de *Cn. Ateivs* (dirigente das *officinae ateianas*), com a sua libertação ocorrendo algures após a deslocação deste para Pisa, em 5 a.C. (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Silva 2013). Este exemplar, estampado numa taça da forma Consp. B 4.11, apresenta o punção de 2544.24 do OCK (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Ettlinger 2002) e foi exumado durante a escavação Luso Francesa dos solos da esplanada das termas de Trajano (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol I: 225-227; Vol IV: nº 268).

Este oleiro, como a maioria dos que participaram da *officina ateiana*, era prolífico, com uma grande difusão na *Lvsitania*. Encontra-se atestado em *Aeminivm* (**nº 5** - Silva, Carvalho & Fernández 2018, 130, nº 18), *Egitania* (**nº 1427** - Ferreira 1969; Alarcão 1971), *Olisipo* (**nº 841** - Silva 2013, 307–8), *Avgvsta Emerita* (**nº 1485**, **1489**, **1494**, **1502**, **1503**, **1504**, **1505**, **1543**, **1565**, **1566**, **1581** & **1582** - Bustamante-Álvarez 2014a, nº 9; 2014b, nº 9; Outeiriño 1990, 33–101), *Myrtilis* (**nº 3022** - Alarcão 1971), *Salacia* (**nº 3132** - Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 35; Sepúlveda, Faria & Faria 2000, nº 45) e nos arqueossítios de Represas (Beja) (**nº 3132 & 3222** - Ribeiro, Oleiro & Viana 1957, Fig. 1; Ribeiro 1959, nº 8 & 9; Lopes 1994, 1595 & 1634), Troia (Setúbal) (**nº 3607** - Maia 1971, 136), S. Cucufate (Vidigueira) (**nº 3706** - Étienne, Mayet & Alarcão 1990, Pl. XIII nº 4), Vila do Cardílio (Torres Novas) (**nº 3711** - Alarcão 1971, est. IV-13) e no Monte Manuel Galo (Mértola) (**nº 3714** - Alves 2014, 394). Fora da península denota-se o padrão das *officinae ateianas*, com uma maior presença no Limes Germanicvs, Península Ibérica, Norte de África, mas no caso de Zoilvs, uma especial preponderância na Baia de Narbonne, com os casos de Fréjus (4) (Brentchaloff 1982) e Saint-Rémy-de-Provence (2) (Bémont 1976), bem como nas Ampúrias e Tarragona (Ventura Solsona 1949).

Nº 558 & 568 – *P. Cornelii Firmvs* (OCK 646)

Como se denota em ambos os fragmentos, *Firmvs*, escravo de *P. Cornelivs*, produzia taças em Arezzo, fabricando só a partir de 15 d.C. Os fragmentos de *Conimbriga* correspondem às formas Consp. B. 4.1-10 e B. 3.13, respetivamente, partilhando ambas o punção 646.6 do OCK. Esto punção inverte a formula normal de dependência, colocando o escravo por cima do

dominvs (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000, 152–53; Ettlinger 2002). O fragmento **558** foi exumado durante a escavação do fórum flávio, ao passo que o fragmento **568** foi descoberto durante a escavação das camadas de "ocupação bárbara" (repartição das divisões por várias famílias) da *Insula* do Vaso Fálico e da rua das termas. Foram descobertos e publicados pelas escavações Luso-francesas (Alarcão 1971, nº 22 & 21; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 210-250, Vol. IV: nº 242 & 243).

Tem-se observado e analisado em vários volumes a predisposição de *P. Cornelivs* e dos seus escravos para o mercado Ibérico, e especialmente *Lusitano* (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Silva 2013). Esta combinação em específico encontra paralelo em *Olisipo* (**nº 716** - Silva 2013, 253), *Avgvsta Emerita* (**nº 1599** - Mayet 1978, nº 6; Outeiriño 1990, 48) e *Salacia* (**nº 3105** - M. Ferreira, Mata & Sepúlveda 2014, nº 1). Fora da *Lvsitania*, encontra-se apenas representado nas Ampúrias, Roma e em pequenos sítios da Península Itálica (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 559 – *Stephani Strato* (OCK 1996)

Este fragmento de taça cónica (típica destes oleiros - Consp. B. 4.1-10), exumado durante as escavações Luso-francesas (na zona das insulas a sul do fórum), apresenta o punção 1996.1 do OCK destes oleiros oriundos da Itália central (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 412; Ettlinger 2002; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 261). Oxé inicialmente interpretou a associação destes oleiros como uma parceria. No entanto, esto punção, pelo seu uso do genitivo (lê-se "STRATO/STEPANI") claramente indica uma relação de subordinação de *Strato* perante *Stephanvs*, provavelmente enquanto escravo deste (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 412).

Para além do fragmento de *Conimbriga*, só se conhece outro exemplar na *Lvsitania*, na capital provincial (**nº 1474** - Outeiriño 1990, 84). A distribuição das punçãos desta parceria é bastante limitada, sendo exemplares encontrados apenas em Tarragona (Ventura Solsona 1949), Saintes (Aquitânia) (Tilhard 1991) e Roma (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 560 – *Volvsvs* (OCK 2523)

Este oleiro é, segundo Kenrick, a mesma pessoa que *M. Valerivs Volvsvs* (OCK 2317, 2318 e 2523). O OCK aponta também a dificuldade de distinguir entre estas punçãos e as de *Volvs* (pela sua semelhante escrita e grafia). Apesar de isto ter influenciado a atribuição da marca **nº 345** (que fazemos ainda com reservas) a *Volvs*, a atribuição da marca **560** foi facilitada

pela decoração tipicamente itálica da cartela, em forma de louro (OCK 2523.3). Este oleiro produziu cerâmica a partir de Pisa, entre 10 a.C. e 20 d.C. (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 503). Este fundo de prato foi exumado durante as campanhas Luso-francesas, na escavação dos contextos Trajano da Insula do Vaso Fálico (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 233-234, Vol. IV: nº 267).

O único paralelo destes punções na *Lvsitania* é a descoberta na Praça da Figueira, em *Olisipo* (**nº 892** - Silva 2005, fig. 20 nº 26; Bolila 2011, nº 240; Silva 2013, 421–32). De facto, a distribuição deste oleiro dá-se maioritariamente na zona de *Narbonne*, com menores distribuições no *Limes Germanicvs* e no Norte de África, estando quase ausente de outros contextos (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 560 – *P. Cornelii Speratvs* (OCK 676)

Este fragmento de taça, de forma Consp. B. 4.1-10, apresenta o punção 676.1 do OCK do escravo de *P. Cornelivs, Speratvs*. Este dependente produziu a partir do virar da era, a partir de Arezzo, normalmente em formas lisas (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 200; Ettlinger 2002). O fragmento em questão foi exumado durante a escavação Luso Francesa dos contextos da construção das termas de Trajano (Etienne, Alarcão, & Mayet 1976, Vol. I: 214-216, Vol. IV: nº 260). Exceto as marcas de *Conimbriga, Olisipo* (**nº 879** - Silva 2005, fig. 14 nº 14; Bolila 2011, nº 230; Silva 2013, 421–32) e *Avgvsta Emerita* (**nº 1513** – Outeiriño 1993, 53), só se conhecem marcas deste dependente em Arezzo, Roma e Cherchell (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 562 – *Vrbanvs (1)* (OCK 2528)

O oleiro responsável por esto punção (OCK 2528.3) fabricou cerâmica lisa a partir de *Puteoli*, a partir do virar da era. Uma possível dificuldade na identificação deste oleiro é o facto de partilhar o nome com outros oleiros itálicos (designado *Vrbanvs* (2) – OCK 2529) de *Lyon-La Muette* e sudgálicos (*Vrbanvs* I e II) (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 504). Esta marca foi exumada durante a escavação do solo da esplanada das termas de Trajano, no decorrer das intervenções Luso-francesas (Etienne, Alarcão, & Mayet 1976, Vol. I: 224-226).

Apesar do punção de *Conimbriga* ser facilmente identificada e ter sido publicada corretamente (Alarcão 1971, nº 57; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol . IV: nº 265), o mesmo não ocorreu com o exemplar de *Olisipo*, primeiramente identificado com *Vrbanvs* (2) (**nº 700** - Silva 2013, 271; Fernandes & Sepúlveda 2009, 133–34). A grafia única desto punção leva a

querer que será umo punção nova e desconhecida, como afirma Silva (2013, 274). *Olisipo*, de facto, é o único outro caso provincial onde se verificam marcas deste oleiro (**nº 700**, **731** & **893** - Silva 2005, fig. 20, nº 27; Bolila 2011, nº 241; Silva 2013, 273–432; Fernandes & Sepúlveda 2009, 138). Fora da *Lvsitania*, as marcas de oleiro de *Vrbanvs* (1) encontram-se exclusivamente em *Lixvs* (*Maritania Tingitania*) (Limane 1988), Cartágo (Cagnat 1899) e na zona que rodeia *Puteoli* (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 563 – *C. Memmivs* (OCK 1138)

O fragmento de prato que ostenta esta marca (OCK 1138.21) foi exumado durante as escavações Luso-francesas, na escavação da canalização do fórum flávio (Alarcão 1971, nº 31; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 205-210; Vol. IV: nº 248). O seu oleiro, *C. Memmivs*, produzia maioritariamente vasos lisos em Arezzo, entre 10 a.C. e 20 d.C., tendo ao seu encargo vários dependentes (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 279). Paralelos provinciais incluem as marcas de *Avgvsta Emerita* (**nº 1488**, **1517** & **1613** - Bustamante Álvarez 2014a, nº 8; 2014b, nº 8; Outeiriño 1990, 66–67; Mayet 1978, nº 16), *Arvcci* (**nº 2856** - Caeiro 1976, nº 6), *Salacia* (**nº 3071** & **3072** - Diogo 1980a; 1980b; Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 12) e Represas (Beja) (**nº 3229** - Ribeiro 1959, nº 40; Alarcão 1971; Lopes 1994, 1602). Fora da província, as punçãos deste oleiro encontram-se maioritariamente na costa do mediterrâneo ocidental, com depósitos maiores em Tarragona (Ventura Solsona 1949), Cherchell (Mauritania) (Bémont 1976) e Roma (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 564 – *P. Cornelii Anthvs* (OCK 628)

Este fragmento de taça, com a forma de Consp. B. 4.1-13, apresenta o punção 628.6 (OCK) do escravo de *P. Cornelivs* designado de *Anthvs*, estando o nome do *dominvs* por cima do escravo, na posição típica. Este parece operar em Arezzo a partir de 5 d.C., produzindo vasos lisos (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 193; Ettlinger 2002)[9]. Foi exumado durante a escavação dos contextos da última década do século I a.C., onde posteriormente assentariam as termas, no decorrer das intervenções Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 187, Vol. IV: nº 226).

[9] Esta marca é atribuída com algumas reservas, podendo também ser *P. Cornelii Firmvs* (OCK 646), visto que a marca se lê como "P. CORNE/(…)VS". Foi atribuído a *Anthvs* pela semelhança da moldura na cartela à punção 628.6.

Os únicos paralelos provinciais são de Represas (Beja) (**nº 3224** & **3543** - Alarcão 1971, nº 5; Lopes 1994, nº 1597; Ribeiro 1959, nº 23). Este oleiro apresenta uma distribuição com preferência pela costa de África e pela costa ocidental da Península Ibérica [com outros exemplares em *Bracara Avgvsta* - (Morais 2005)], apresentando também um grande depósito em Roma (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 565 & 596 – *Naevivs (2)* (OCK 1232)

Naevivs (1) e (2) são o mesmo oleiro, sendo que (1) designa as marcas decorativas externas, e (2) as marcas internas. As marcas externas poderiam ser usadas em conjunção com marcas dos seus dependentes, como *Primvs* (OCK 339), *Pharnaces* (OCK 1437) ou *Atticvs* (OCK 1530). *Naevivs* trabalhou em *Puteoli*, entre 1 a 20 d.C., produzindo vasos lisos (em que usava as punções (1)) e decoradas (2) (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 296). Estes fragmentos de taça apresentam punções diferentes (1232.22 e 1232.18 do OCK, respetivamente), e o fragmento **565** apresenta a forma de Consp. B. 4.1-13. (Ettlinger 2002; Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 296). Apenas o fragmento **596** foi recuperado de um contexto datado, da construção das termas de Trajano, ainda que ambos tenham sido exumados durante as escavações Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 214-217; Vol. IV: nº 246 & 251).

O único outro exemplar deste oleiro na província é paradigmático. Do fórum da *Egitania* (Idanha-a-Velha) foi exumado uma marca claramente deste oleiro, lendo-se "NAEVI" numa cartela com moldura. Esta marca não corresponde a nenhuma das punções conhecidas, sendo que a mais parecida, OCK 1323.9, não apresenta nem moldura, nem o "N" anexo ao "A". Trata-se provavelmente de umo punção nova (**nº 1426** - Carvalho 2009, fig. 15). Este oleiro encontra-se distribuído por todo o mundo romano, com destaque para Tarragona (Ventura Solsona 1949) e *Olbia*, na atual Ucrânia (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 566 – *Agathemervs* (OCK 53)

Este fragmento de taça, com a forma de Consp. B. 4.1-13, apresenta o punção 53.9 (OCK) de *Agathemervs*, escravo de *N. Naevivs Hilarvs* (OCK 1233) que trabalhou em *Puteoli* entre 10 a.C. e 10 d.C., produzindo maioritariamente vasos lisos. *Agathemervs* assinava maioritariamente com as letras "AGA" (como neste caso), sendo necessário algum cuidado a distinguir este do oleiro *Acastvs* (OCK 7) (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 85). O exemplar

aqui estudado foi exumado durante as intervenções Luso-francesas, na zona das Insulas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 294, Vol. IV: 225; Alarcão 1971, nº 1).

Na província existem outros três exemplares deste oleiro, em *Olisipo*, dos quais dois (**nº 681** & **1075**) partilham o punção com o exemplar de *Conimbriga*, e o último (**nº 1110**) apresenta o punção 53.8, que Silva (2013, 328) afirma ser o mesmo punção que 53.9, mas menos danificado (Silva 2013, 273–328; Fernandes & Sepúlveda 2009; Amaro & Sepúlveda 2007, nº 1). Fora da península, este oleiro apresenta uma distribuição com uma maior força na costa ocidental Europeia, afetando Londres, a *Gallia* e a zona do *Limes Germanicvs*, bem como a costa oriental da Turquia, Judeia, Arábia e Egito (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000; Bes 2015).

Nº 570 – *Nicos(tratvs)* (3) (OCK 1271)

Este fragmento de taça cónica, que ostenta o punção 1271.2 do OCK, foi exumada do contexto de construção das termas de *Trajano*, durante as intervenções Luso-francesas (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 214-216, Vol. IV: nº 252). *Nicos*(*tratvs*) (3) era um oleiro que produzia em *Puteoli*, a partir do virar da era, fabricando taças cónicas lisas. Nicostratvs (1), (2) e (3) apresentam caracteres gregos nas suas punções, e tanto (2) como (3) parecem ter produzido em *Puteoli*. Serão estes três oleiros somente uma pessoa? (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 301). Este é o único caso do oleiro na *Lvsitania*, sendo que outros casos extralusitanos compreendem Córdoba, Leida, Roma e Cártago, entre outros, sempre em poucas quantidades (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 571 & 582 – *Qvadratvs* (2) (OCK 1595)

Estes dois fragmentos de prato apresentam exatamente a mesmo punção, 1595.7 do OCK, e foram exumados exatamente do mesmo contexto, o pavimento da rua das termas do principado de Cláudio (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 349; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 192-193, Vol. IV: Nº 256 e 257). O oleiro que os produziu, *Qvadratvs*, operou no vale do Pó entre 1 a 30 d.C. (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 249). A sua distribuição é muito interessante. Apenas cinco fragmentos (contando com os de *Conimbriga*) se conhecem fora da zona da *Pannonia*, *Dalmatia* e *Noricvm*, nenhum deles na Península Ibérica. O bruto da sua distribuição encontra-se principalmente na costa norte do Adriático, em importantes cidades como *Venetia*, *Aqvileia*, *Osor*, *Emona* (Oxé, Comfort & Kenrick 2000) e principalmente Magdalensberg, na província de *Noricvm* (Schindler & Scheffenegger 1977).

Nº 574 – *Felix* (5) (OCK 823)

O termo *Felix* (5) não se refere, provavelmente, a um único oleiro, mas a um número de oleiros que assinavam com o nome (ou adjetivo) "*felix*". Devido à abundância de punções com esta grafia, tanto em casos itálicos como sudgálicos, torna-se difícil distinguir tanto a proveniência como o punção exata. O exemplar de *Conimbriga* (OCK 823.6) está estampado numa taça de forma Consp. B. 4.13 (Ettlinger 2002; Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 224). Este foi exumado durante as escavações Luso-francesas das ruas que rodeavam o fórum flávio (Alarcão 1971, nº 64; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 210-213, Vol. IV: nº 244).

Na província, marcas de *Felix* (5) foram encontradas em *Olisipo* (**nº 1072** - Silva 2013, 290) e *Avgvsta Emerita* (**nº 1575** - Outeiriño 1990, 57). Fora da província, a sua distribuição é maioritariamente ocidental e itálica, com grandes depósitos em Roma, e de segunda ordem em Bologna, Ampúrias e Neuss (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 575 – *Cn. Ateivs* (3) (OCK 276)

O grande feitor das *officinae ateianas* aparece mais uma vez, desta vez assinando com o *praenomen* e *nomen*. A terceira entrada deste nome no OCK refere-se às suas produções de Pisa, entre 5 a.C. a 40 d.C. Este exemplar consiste no punção 276.31 (OCK), em forma de trifólio, estampado no fundo de uma taça de forma Consp. B. 4.1-13 (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 128–29; Ettlinger 2002). Este fragmento foi recuperado durante a escavação dos contextos de construção das termas de *Trajano*, no decorrer da intervenção Luso Francesa (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 214-216; Vol. IV: nº 227).

A distribuição deste oleiro e dos seus dependentes foi ilustrado na **figura 4**, para comparação com os produtos de *P. Cornelivs*, no **capítulo 3** do presente tomo. Na *Lvsitania*, encontram-se paralelos das suas produções Pisanas em *Olisipo* (**nº 867** - Silva 2005, fig. 11 nº 2; Bolila 2011, nº 218; Silva 2013, 421–32), *Avgvsta Emerita* (**nº 1493** & **1497** - Bustamante Álvarez 2014a, nº 8; 2014b, nº 8; Outeiriño 1990, 23), *Caetobriga* (**nº 2918** - Silva & Cabrita 1964, Fig. 29), *Salacia* (**nº 3054** - Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 2) e *Ossonoba* (**nº 3054** - Gamito & Maia 1976; Viegas 2011, 134; Martins 2019, 50). Fora da província denota-se uma preferência pelo mercado ocidental, com uma dispersão concentrada no Nordeste da *hispania*, baía de *Narbonne* e no *Limes Germanicvs*.

Nº 577 – *L. S(avfeivs) G(avsa)* (2) (OCK 1824)

L. Savfeivs Gavsa é um oleiro bem atestado em Arezzo, que produz a partir de 15 a.C., com o auxílio dos seus muitos escravos e dependentes (21 no total), até aproximadamente 15

d.C. (devido à ausência de punções *In Planta Pedis*). Neste tipo de punções (no caso de *Conimbriga* – OCK 1824.9) assina apenas com as iniciais do seu *tria-nomina* (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 384–85). Este exemplar, estampado no fundo de uma taça de forma Consp. B. 4.12-13, foi exumado durante a escavação do nível de construção das latrinas do fórum, no decorrer das campanhas Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 230-231, Vol. IV: nº 259; Alarcão 1971, nº 23; Ettlinger 2002).

Para além do exemplar de *Conimbriga*, apenas se conhecem marcas deste oleiro em Tarragona (Ventura Solsona 1949) e Ampúrias (Bémont 1976) na Península. Estas punções com as iniciais do oleiro apresentam uma distribuição de fragmentos com uma clara preferência pela Península Itálica e o *Limes Germanicvs* (Oberaden, Neuss, Mains e Xanten) (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 578 & 580 – *Cn. Ateivs* (5) (OCK 278)

Nova entrada para o feitor das *Officinae Ateianas*, sendo que desta vez se torna impossível atribuir centro de produção exato. Estas punções podem ter sido fabricadas tanto em Arezzo, Pisa ou *Lyon-La Muette*[10], possuindo assim uma datação entre 15 a.C. e 50 d.C. (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 122). O fragmento **nº 578** é uma taça com a forma Consp. B. 4.12, que apresenta o punção 278.92 (OCK), recuperada durante a escavação do contexto de abandono do habitat indígena, na zona da palestra do que viriam a ser as termas de *Trajano*. O fragmento **nº 580** é também uma taça, de forma Consp. B.4.1-13, marcada com o punção 278.69 (OCK), exumada durante a escavação do contexto de destruição Visigoda do fórum (Ettlinger 2002; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 188-245; Vol. IV: nº 228 e 229; Alarcão 1971, nº 6; Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 122–24).

Como seria de esperar, a distribuição é em tudo semelhante às menções prévias do mesmo oleiro. Na *Lvsitania*, paralelos para a entrada (número 5) deste oleiro no OCK encontram-se em *Scallabis* (**nº 1130** - Viegas 2003a, 91; 2003b, tb 3; Silva 2013, 607, Ol. Sc. 43) e *Avgvsta Emerita* (**nº 1561** - Outeiriño 1990, 23).

Nº 579 – *Rasinivs* (2) (OCK 1623)

[10] Em termos de fabrico, o fragmento **nº 578** aproxima-se mais do grupo **It. 1**, ao passo que o fragmento **nº 580** do grupo **It. 2** (descritos no **cap. 3**). No entanto, devido às particularidades e variações dos fabricos itálicos, não atribuímos proveniência segura para nenhuma das punções.

Dominvs da *officina* mais duradoura fundada durante o principado de Augusto. Fabricou cerâmica em Arezzo entre 15 a.C. e 40 d.C., com possível produção também em *Puteoli* (ou *Cumae*), ainda por comprovar (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 353–55). A marca de oleiro de *Conimbriga* apresenta o punção 1623.48 (OCK) estampado numa taça de forma Consp. B. 4.1-13. Este fragmento foi exumado durante a escavação do setor sudoeste do fórum das campanhas Luso-francesas (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 353–55; Ettlinger 2002; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 290, Vol. IV: nº 258; Alarcão 1971, nº 43).

Este oleiro encontra-se muito bem representado na *Lvsitania*, com fragmentos em *Ebvrobrittivm* (**nº 613** & **634** - Silva 2013, 676–82), *Olisipo* (**nº 791** & **792** - Silva 2013, 339–40), *Scallabis* (**nº 1142** - Viegas 2003c, 92; 2003a, tb 3; Silva 2013, 607, nº 56), *Avgvsta Emerita* (**nº 1487**, **1521**, **1545**, **1549**, **1614**, **1615**, **1616**, **1617** & **1618** - Bustamante Álvarez 2014a, nº 7; 2014b, nº 7; Outeiriño 1990, 73–103; Mayet 1978, nº 20), *Salacia* (**nº 3078** & **3079** - Diogo 1980b; Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 15) e no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3259** - Ribeiro 1959, nº 52; Alarcão 1971; Lopes 1994, 1635). Fora da província, este oleiro encontra-se bem representado em todo o mundo romano, com uma concentração de fragmentos superior na zona da *Tarraconensis*, Africa do Norte e na Península Itálica (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 581 – *P. Cornelii Potvs* (OCK 669)

Novo punção da *officina* de *P. Cornelivs*, ilustre *dominvs* arretino, desta vez em conjunto com o seu escravo *Potvs*, que fabrica vasos lisos a partir de 5 d.C. Este fragmento de prato, que apresenta o punção 669.3 (OCK), foi exumado no contexto da destruição Visigoda do fórum, durante as intervenções Luso-francesas (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 199; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 233, Vol. IV: nº 254; Alarcão 1971, nº 40). Paralelos para estas punções encontram-se em *Ebvrobrittivm* (**nº 666** - Silva 2013, 692), *Olisipo* (**nº 688** - Fernandes & Sepúlveda 2009; Silva 2013, 273–74) e no arqueossítio de Represas (Beja) **(nº 3231** & **3243** - Ribeiro, Oleiro & Viana 1957, Fig. 1; Ribeiro 1959, nº 18 e 25; Alarcão 1971; Lopes 1994, nº 1604 e 1618). Fora da província, encontram-se em Ampúrias, Tarragona, Tipasa (África) e Roma (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Silva 2013, 267).

Nº 583 – *Cn. Ateivs Crestvs* (OCK 285)

O dependente da *officina ateiana* estampa outro fragmento de *Conimbriga*, desta vez assinando o seu *tria-nomina* completo, ao invés de somente o seu *cognomen*, como nos

fragmentos **nº 127, 567** e **591,** com umo punção em forma de trifólio estampado num fundo de prato (OCK 285.26). Sabe-se que o *libertvs* adotou o *praenomen* e *nomen* do seu feitor (*Cn. Ateivs*) e que estas punções não se referem ao antigo *dominvs;* devido à posição dos nomes quando em punções de duas linhas (em que o nome "*Crestvs*" aparece sempre na posição dominante), e às terminações (normalmente "*Atei Crespi*", indicando concordância entre os dois nomes e posse do punção estampado). Mesmo depois de liberto, continuou a fabricar em Pisa, entre 5 a.C. e 25 d.C. (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 134).

Este exemplar é o único deste género conhecido na província, tendo sido exumado do contexto do pavimento de Cláudio da rua das termas, no decorrer das escavações Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 192-194, Vol. IV: nº 237; Alarcão 1971, nº12). Os seus produtos assinados com tria-nomina encontram o seu mercado preferencial na *Gallia*, com maiores depósitos em Fréjus e Neuss, no *Limes Germanicvs* (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 584 – *Herm()* (2) (OCK 925)

Este fragmento de taça, de forma Consp. B. 4.11-13, apresenta o punção 925.4 (OCK) de um oleiro de nome desconhecido, caracterizado pelos punções "*In Planta Pedis*" da Itália Central (datado assim como posterior a 15 d.C.) (Ettlinger 2002; Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 243). Este fragmento foi exumado no solo da esplanada das termas de Trajano, no decorrer das escavações Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 224-226, Vol. IV: nº 245; Alarcão 1971, nº 26). O único outro exemplar que se conhece na *Lvsitania* foi retirado da muralha de *Avgvsta Emerita* (**nº 1610** - Outeiriño 1990, 61). Fora da província, só se conhece fragmentos deste oleiro em *Cartago*, *Cyrene* e *Roma* (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 585 – *Cn. Ateivs Xanthvs* (OCK 316)

Tal como no fragmento **nº 583**, trata-se de um dos *libertvs* de *Cn. Ateivs* que decidiu tomar o mesmo *praenomen* e *nomen* do seu antigo *dominvs*. Este, juntamente com *Crestvs*, *Evhodvs* e *Zoilvs* perfazem os libertos de *Cn. Ateivs* que controlam as produções Pisanas da *Officina ateiana*, em fases mais tardias. *Xanthvs* em particular parece ter tido maior impacto a curto prazo, no período intermédio das *officinae,* com apenas uma marca radial e sem marcas tardias, sendo datado de 5 a.C. a 20 d.C. (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 142; Silva 2013, 272). A marca de *Conimbriga* apresenta o punção 316.24 em forma de trevo (OCK) estampada num

fragmento de taça. Este fragmento foi exumado no contexto da canalização do fórum flávio, durante as campanhas Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 190-250, Vol. IV: nº 232; Alarcão 1971, nº 7; Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 142; Ettlinger 2002).

Estas punções de *Xanthvs* encontram-se atestadas na *Lvsitania* em *Ebvrobrittivm* (**nº 670** - Silva 2013, 729) e no arqueossítio de Casal do Belo (Loures) (**nº 1300** - Silva 2013, 493). Como aponta Kenrick, este tipo de punção (com o tria-nomina) apresenta uma distribuição maioritariamente pela costa atlântica e a fronteira norte do Império, com fragmentos em Colchester, Neuss e Amiens (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 587 – *Me()* (OCK 1131)

Marca incompleta de um punção desconhecido, com um oleiro igualmente enigmático, aplicada numa taça. Datado do virar da era, este fragmento foi exumado no contexto da construção do fórum flávio, no decorrer das campanhas Luso-francesas. É o único exemplar deste punção conhecido (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 277; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 196-197, Vol. IV: nº 250; Alarcão 1971, nº 29).

Nº 588 – *C. Tap(vrivs?)* (OCK 2036)

Oleiro de *Puteoli*, fabricando taças troncocónicas e hemisféricas entre 10 a.C. e 10 d.C. O fragmento de *Conimbriga* apresenta a forma de Consp. B. 4.1-13 e o punção 2036.4 (OCK) (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 417; Ettlinger 2002). Este foi exumado durante a escavação das termas no sul da cidade, por baixo da canalização, no decorrer das campanhas Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 300-310, Vol. IV: nº 233; Alarcão 1971, nº 8). A maioria dos fragmentos conhecidos deste oleiro encontram-se na *Lvsitania*, em *Scallabis* (**nº 1143** - Viegas 2003a, 92; 2003c; Silva 2013, 607), *Avgvsta Emerita* (**nº 1629** - Vélez, Vera & García 2009, fig. 28 nº 15) e *Mirobriga* (**nº 2925** - Alarcão 1971; Dias 1976, 18; Quaresma 2012, 84). Fora da *Lvsitania*, só se conhecem fragmentos em Neuss, Tarragona e Alexandria (Oxé, Comfort & Kenrick 2000). Esta incidência na *Lvsitania* pode indicar um comércio que tinha como alvo esta província, num espaço de tempo curto (Silva 2013, 605).

Nº 589 – *L. Pri()* (OCK 1520)

O oleiro que criou esto punção ainda não foi identificado, e o seu reduzido número de produção indica que esto punção deverá ser de um dos vários oleiros com essas iniciais. Este fragmento de taça, com a forma Consp. B. 4.1-13, apresenta o punção 1520.1 (OCK). Foi

exumado no contexto dos solos da esplanada das termas de Trajano, no decorrer das campanhas Luso-francesas. É o único exemplar deste punção conhecido (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 277; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 196-197, Vol. IV: nº 250; Alarcão 1971, nº 29).

Nº 590 – *S. Avillivs Manivs* (1) (OCK 415)

Este oleiro enigmático trabalhou em Pisa entre 10 a.C. e 20 d.C., produzindo taças, normalmente lisas. Ao longo da sua produção a ordem em que organiza os seus nomes, bem como a sua terminação, varia. Isto dificulta a perceção do seu estatuto social (escravo *versus libertvs*). No exemplar de *Conimbriga,* que mostra o punção 415.4 (OCK) no fundo de uma Consp. B 4.1-13, ambos os nomes terminam no genitivo, indicando um estatuto de *libertvs*. No entanto, outros punçãos (como 415.2) mostram o nome "*S. Avillii*" em posição dominante sobre "*Manivs*", que, combinado com as diferentes terminações, denota uma posse de *Avillivs* sobre o sujeito *Manivs*. *S. Avillivs* é também um nome associado a outros escravos, adicionando fatores à já difícil distinção (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 160; Ettlinger 2002).

O fragmento de *Conimbriga* foi exumado durante a escavação do contexto de construção das termas de *Trajano*, no decorrer das campanhas Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 214-216, Vol. IV: º 234). Na *Lvsitania* o único outro exemplar publicado das marcas desta *officina* foi exumado em *Olisipo* (**nº 1067** - Silva 2013, 290). Em geral, esta *officina* está esparsamente distribuída, maioritariamente no ocidente, com depósitos em Roma, Neuss, Banasa, Tarragona, Ampúrias, entre outros, sempre em pequenas quantidades (Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Silva 2013, 284).

Nº 595 – *C. Me*() (OCK 1132)

O fragmento de *Conimbriga* apresenta o punção 1132.10 (OCK) no fundo de uma taça de forma Consp. 23.2. Apesar de não se conhecer o centro de produção deste oleiro, foi possível datá-lo do virar da Era. Devido à cartela "*In Planta Pedis*" este fragmento pode ser datado como posterior a 15 d.C. (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 277; Ettlinger 2002). Este exemplar foi recuperado durante a escavação do contexto de construção da Insula de Andercus, no decorrer das intervenções Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 194-196, Vol. IV: nº 249; Alarcão 1971, nº 30).

Este tipo de marcas encontra-se bem representado na *Lvsitania*, com fragmentos em *Olisipo* (**nº 883** - Silva 2013, 431–32), *Scallabis* (**nº 1131** - Viegas 2003a; 2003c; Silva 2013, 607), *Arucci* (**nº 1302** - Caeiro 1976, Fig. 3 nº 1) e no arqueossítio do Castro de Romariz (Santa

Maria da Feira) (**nº 1302** - Vilarinho 2019). Estas marcas encontram-se também particularmente bem representadas no resto da Península Ibérica, Península Itálica e no Norte de Africa (Oxé, Comfort & Kenrick 2000).

Nº 122, 556, 573, 586 – Anepigráficos ou não identificáveis

Em *Conimbriga* foram detetadas duas marcas anepigráficas, e duas marcas grafomorfas de origem itálica. O fragmento de fundo de prato, **nº 573**, apresenta uma marca abstrata, composta por quadrados dentro de outros quadrados. Este tipo de marcas, datada de após 15 d.C., está particularmente bem representada em Dangstetten (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 519). O fragmento de prato **nº 556** apresenta uma marca do punção 2580.6, consistindo de uma folha de palma (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 522). Ambos os fragmentos abstratos anepigráficos foram recuperados durante a escavação dos solos do fórum flávio, no decorrer das escavações Luso-francesas (Etienne, Alarcão, & Mayet 1976, Vol. IV: nº 271 & 272; Alarcão 1971, nº 37 e 61).

Os fragmentos **nº 122** e **586** são o que o OCK nomeia "*unattributable*", referindo-se a marcas de punções que parecem formar palavras coerentes e legíveis, mas que pela sua raridade e pelos danos nos exemplares não possibilitam a leitura, ou atribuição a qualquer grupo produtor (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 523). O fragmento de taça **nº 122** apresenta o punção 2585.104 (OCK), onde e distingue um "E" numa marca alta com molduras nos lados. O fragmento de taça **nº 586** apresenta o punção 2585.133, onde se consegue ler "CVLA(…)" numa cartela radial, com uma imagem do Sol a marcar o centro. Este foi recuperado no contexto de destruição da insula a oeste do fórum, durante as escavações Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 243-245; Vol. IV: nº 241), ao contrário da **nº 122**, que foi recuperada durante as escavações antigas (Oxé, Comfort & Kenrick 2000, 526; Alarcão 1971, nº 17).

Impressões truncadas, destruídas ou não identificáveis.

Foi impossível estabelecer paralelos ou identificar as marcas **nº 38** – **45**, exumados durante as escavações antigas, e as marcas **256**, **278**, **284**, **353**, **546**, **550, 597** e **3560**, recuperados durante as escavações Luso-francesas. As marcas **nº 40** a **44, 145, 278, 546 e 550** apresentam apenas cantos ou pequenos fragmentos de cartela, tendo sido atribuídos às olarias itálicas pelas qualidades do seu fabrico, e pelas formas, sendo que a **nº 40**, **41**, **44** e **278** apresentam a forma de Consp. 22. (Ettlinger 2002). Deste conjunto merece também destaque

as marcas **nº 41**, pela sua cartela "*In Planta Pedis*", datando o fragmento de 15 d.C. e o fragmento **nº 278**, pela sua cartela em forma de couro (Oxé, Comfort & Kenrick 2000). Das marcas **38**, **39**, **42**, **43**, **45** e **353** só se reconhecem as primeiras letras (ou últimas, caso sejam marcas retrógradas), sendo impossível estabelecer qualquer paralelo seguro com punções de oleiros. Destaque para o fragmento **30**, onde no fundo de uma Consp. 22.5.2 se vê um "Ⱥ" no início da marca (Ettlinger 2002).

O fragmento **nº 284** apresenta um início de marca de oleiro com as letras "CC", estampada num fundo de Consp. 31 com uma grafia aproximada às do oleiro *C. Cae*() *Clem*(*ens*) (OCK 475.2) e *C. Caenivs* (OCK 480.2). Pela falta da restante marca não se atribuiu nenhum dos dois candidatos, sendo ainda possível datar o fragmento de depois de 30 d.C., devido à sua forma (Ettlinger 2002; Oxé, Comfort & Kenrick 2000). Este fragmento foi recuperado durante a escavação da zona B (Alarcão 2010).

O fragmento **nº 597** apresenta umo punção muito danificada, onde se consegue ler "CR", inserido numa cartela "*In Planta Pedis*", estampado numa taça com a forma Consp. 27.1. As semelhanças mais claras são aos oleiros C. R() (OCK 1604), C. R() C() (OCK 1606) ou C. R() P() (OCK 1607) (Oxé, Comfort, & Kenrick 2000; Ettlinger 2002). No entanto, devido ao dano da marca e à semelhança entre estes decidiu-se não se preferir por qualquer um destes. Este foi recuperado nos contextos de destruição do fórum flávio, no decorrer das escavações Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 244-246, Vol. IV: nº 270). O fragmento **nº 3560** apresenta umo punção completa numa cartela "*In Planta Pedis*", sendo que dentro destas estão letras mal impressas: "NK". A forma do vaso é de a Consp. 36.3. Por ter sido recuperada durante as escavações antigas, não se conhece o seu contexto (Ettlinger 2002).

2. *Terra Sigillata* sudgálica

Nº 48 – *Cennatvs*

No fundo do que aparenta ser um prato aparece uma marca de difícil leitura. A marca lê-se "(…)ΛΛ", ou seja, dois "A" sem o traço horizontal. Pelo tamanho da marca, e a grafia das letras, associamos esta marca à punção 13a do oleiro *Cennatvs* (Hartley & Dickinson 2008, Vol. II: 333-334). No entanto, o punção completa ler-se-ia "CIIΛΛ", sendo ela própria um

punção interessante associar a este nome. No entanto, punções idênticas apareceram atestados em grande número na escavação de La Graufesenque, na fossa de *Gallicanvs*, *Cirratvs*, *Malaval* e no canal 3, não deixando muitas dúvidas na associação ao oleiro (Genin 2007, 91). Hartley e Dickinson defendem uma cronologia de 40 até meados da década de 65 d.C., ao passo que Pollack defende um inicio mais precoce, desde o principado de *Tiberivs* (Hartley & Dickinson 2008, Vol. II: 334; Polak 2000, Supplementum 9:197; Silva 2013, 608). Este fragmento foi exumado durante as escavações antigas, sendo inédito, e não se conhecendo a sua estratigrafia ou contexto.

Na *Lvsitania*, marcas desta *officina* tem paralelos em *Scallabis* (**nº 1147** - Viegas 2003a; 2003c; Silva 2013, 1147)e nos arqueossítios de Azeitada (Almeirim) (**nº 1247** - Silva 2013, 645) e Represas (Beja), com este último apresentando, provavelmente, um punção novo, no qual se lê "(…)IINATV" (**nº 3417** - Ribeiro 1959, nº 95; Lopes 1994, nº 6065). Fora da provincia, encontra-se atestado maioritariamente no sul da França, na zona de *Narbonne*, com grandes depósitos em *Narbonne* e *Saint-Romain-en-Gal* (1), chegando também a atingir o *Limes Germanicvs*, a *Britannia* e a costa mediterrânia da Hispânia (com *Sagvntvm*, Valência e *Cartagena*) (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000)

Nº 54 – *Tabvr* (*Tabvrvs*?)

Esta marca, apesar de completa, é de difícil atribuição, por estar parcialmente mal impressa. A sua leitura é "TA(B)VR", estando as letras do centro e da extremidade direita de difícil leitura, apesar das restantes serem perfeitamente legíveis. Tanto o tamanho como a grafia correspondem exatamente com o punção 2a do oleiro *Tabvr* (*Tabvrvs*?), diferindo, no entanto, a forma da cartela (Hartley & Dickinson 2008, Vol. IX: 3-4). No caso de *Conimbriga*, esta cartela é perfeitamente retangular, sem as arestas arredondadas. Sugere-se que esta é o mesmo punção, que ao longo do tempo se foi desgastando com o uso, ganhando as arestas arredondadas, como acontece em outros casos. Este oleiro de La Graufesenque parece ter fabricado vasos entre 45 d.C. até ao início da dinastia flávia, estando ausente de contextos de fundação flávios (Hartley & Dickinson 2008, Vol. IX: 4)

Inédita e desprovida de contexto, encontra paralelos na *Lvsitania* nos casos de *Avgvsta Emerita* (**nº 1829** - Mayet 1978, nº 179) e Represas (Beja) (**nº 3365** - Ribeiro 1959, nº 125; Lopes 1994, 3975). O exemplar de Avgvsta Emérita deverá ser umo punção nova, lendo-se "(…)TAB<u>VR</u>", com o "T" danificado, e as letras "VR" em nexo (Mayet 1978, nº 179). Este oleiro apresenta uma distribuição relativamente pequena, com apenas dois fragmentos

(excetuando os do presente tomo) fora da *Gallia*, na *Britania* (Richborough e Lincoln) (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 70 & 91 – *Acvtvs I*

A marca **nº 70** lê-se apenas "ΘFI(…)", sendo no entanto possível atribuir esta marca ao punção 7a' de *Acvtvs I*, devido à cartela, e ao tamanho, estilo e posição das letras. No fragmento de taça (**nº 91**) é possível ler "ACV(…)", com uma grafia, cartela e dimensões iguais ao punção 25p do mesmo oleiro (Hartley & Dickinson 2008, Vol. I: 57-58). O nome deste oleiro é de matriz celta, e comum às três zonas de produção (itálica, sudgálicas e hispânica). De facto, este oleiro opera nas fases ainda iniciais tanto de La Graufesenque como de Montans, entre 25 e 50 d.C., com influências itálicas (especialmente de *Puteoli*) nos seus produtos e punções. O facto de operar em ambos os centros de produção ao mesmo tempo indica que os punções de *Acvtvs* referir-se-ão não a um individuo, mas a uma *officina*, ou outro coletivo (Hartley & Dickinson 2008, Vol. I: 68).

O fragmento **nº 70** apresenta uma pasta de fabrico **G.1**, o que em conjunção com o seu inicio "ΘFI(…)" (ausente em Montans) poderia ser atribuído ao centro de La Graufesenque, ao contrário do fragmento **91**, cuja cartela em com reentrâncias nos lados menores (*swallow tail*) e pasta de fabrico **G.4** poderiam indicar uma confeção em Montans (Hartley & Dickinson 2008, Vol. I: 68). No entanto, devido à dificuldade na distinção de fabricos os dois centros, o autor preferiu não explicitar grupos para os fragmentos de *Acvtvs*. Segundo o NOTS, o fragmento **70** deverá ter sido produzido entre 40 e 50 d.C., devido ao cruzamento de datações de contextos fechados (Hartley & Dickinson 2008, Vol. I: 68). Os fragmentos de *Conimbriga* foram recuperados durante as escavações antigas, na *insvla* a sul da rua do fórum, e na canalização das termas.

Esta *officina* está muito bem representada na *Lvsitania*, com fragmentos em *Ebvrobrittivm* (**nº 684** - Silva 2013, 684), *Avgvsta Emerita* (**nº 1663** & **1679** - Bustamante Álvarez 2009, nº 1; 2010, L. 10 nº 11; Mayet 1978, nº 27), *Salacia* (**nº 3180** - Faria, Ferreira, & Diogo 1987, nº 26) e nos arqueossítios de Represas (Beja) (**nº 3327**, **3342** & **3372** - Lopes 1994, nº 1620, 2110 e 3982; Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Ribeiro 1959, nº 1) e Torre de Palma (Monforte) (**nº 3673** - Ferreira 1969; Diogo 1980c, 2:nº 3). Está também representada em grandes quantidades em Tarragona, Ampúrias, toda a *Gallia* (destaque para Poitiers, Narbonne, Bordeaux e Augst), no *Limes Germanicvs* (Neuss, Mainz, Vechten, Velsen e

Nijmenen) e no Sul da *Britannia* (Silchester e Londres, por exemplo, chegando a Iorque) (Polak 2000; Tilhard 1991; Hartley & Dickinson 2008).

Nº 72, 131, 291, 455, 482 & 524 – *Niger* II

Niger II trata-se de uma das *officinae* mais atestadas em *Conimbriga*, com seis fragmentos (de taça). Três deles são inéditos, provenientes das escavações antigas, e três foram recuperados durante as escavações Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 304, 305 e 307). O fragmento **131** apresenta o punção 3b'' completa. O fragmento **291** apresenta a forma de Drag. 27 com o punção 3b'''', que partilha com o fragmento **455**, ainda que este tenha a forma de Drag. 24/25. O fragmento **524** apresenta o punção 5b no fundo de uma taça com a forma Drag. 27, e o fragmento **482** apresenta o punção 7a, no fundo de uma taça indeterminada (Hartley & Dickinson 2008; Py 1993; Dragendorff 1896). Excetuando os fragmentos **131** e **455**, foram todos recuperados no contexto de fundação das termas de Trajano (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 214-218)

Os punções de *Niger* II designam uma *officina*, ou seja, uma organização de várias pessoas, da qual a mais importante deveria de ter o nome de *Niger*. Desta oficina contava ainda um trabalhador designado por *And-* nas suas marcas, responsável por vasos com decoração em roleta. Sabe-se também do uso de moldes de *Modestvs* I, *Mommo*, entre outros, por esta *officina*. Parece ter produzido entre 45 e 70 d.C., sendo raros os fragmentos em contextos de fundação flávia, mas abundantes aquando da revolta de *Bovdica* (61 d.C.), sendo o encerramento datado de entre 65 e 70 d.C. (Hartley & Dickinson 2008).

Na *Lvsitania* esta *officina* encontra-se representada em *Olisipo* (**nº 749** & **962** - Silva 2005, 179; 2013, 225–463), *Avgvsta Emerita* (**nº 1780, 1781, 1782 & 1783** - Mayet 1978, nº 130-133) e *Balsa* (**nº 2888** - Viegas 2006; 2011, 318). Esta *officina* está representado em grandes quantidades, maioritariamente no *Limes Germanicvs* (especialmente Vechten, Nijmegen, Mainz e Hofheim) e na *Britannia* (especialmente Londres, Richborough, Colchester, entre outros), bem como nas cidades de Lyon, Augst, Paris e inclusivamente em *Banassac*, o que levou Comfort a questionar uma possível produção desta *officinae* nesse centro (depois desacreditada) (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000).

Nº 104, 132, 483 & 484 – *Patricivs* I

Em *Conimbriga* foram exumados quatro fragmentos com as marcas dos punções de *Patricivs* I (6c, 3h, 3e e 4c, respetivamente), *officina* que fabricou cerâmica em La Graufesenque. O término desta *officina* é controversa, com Hartley e Dickinson apontando um início em 65 d.C. e um final em 90 d.C., devido a fragmentos encontrados em contextos de fundação de 90 d.C. (Cheserholm, Vindolanda, Corbridge, Holt, entre outros) (Hartley & Dickinson 2008). Já Pollak sugere um término mais tardio, devido a uma grande presença deste oleiro no "*Grand Four*" de La Graufesenque, datado de entre 80 d.C. e 130 d.C. (Polak 2000, Supplementum 9:286; Genin 2007, Vol. II: 133-149). Os fragmentos de *Conimbriga* (exceto o 104 e 484) foram encontrados no contexto de canalização das termas de *Trajano*, parecendo isto dar algum apoio à teoria de Polak (Etienne, Alarcão, & Mayet 1976, Vol. I)

É sugerido que talvez o "cabeça" desta *officina* fosse o mesmo oleiro que assina com "*C. Silvivs Patricivs*", devido às semelhanças das suas punções. Ambos se encontram atestados na *Lvsitania*, com "*C. Silvivs Patricivs*" atestado em *Scallabis* (**nº 1153** - Viegas 2003a; 2003c; Silva 2013, 612) e no arqueossítio de Matacães (Torres Vedras) (**nº 1276** - 2013, 546) (Hartley & Dickinson 2008). O que toca à *officina* de *Patricivs* I, a sua distribuição na *Lvsitania* é vasta, estando presente em *Ebvrobrittivm* (**nº 660** & **661** - Silva 2013, 225–699), *Olisipo* (**nº 751** & **964** - Silva 2013, 225–699; 2005, Fig. 40 nº 92), *Avgvsta Emerita* (**nº 1789** - Mayet 1978, nº 139), *Balsa* (**nº 2889** - Viegas 2006; 2011, 318), *Caetobriga* (**nº 2914** & **2919** - Silva & Cabrita 1964, Fig. 5; Silva et al. 2014, Fig. 9 nº 5) e nos arqueossítios de Represas (Beja) (**nº 3375** & **3412** - Ribeiro 1959, nº 114; Lopes 1994, nº 3985 e 6060) e Tróia (Setúbal) (nº 3610 – Maia 1971, 149). Fora da *Lvsitania*, esta *officina* está bem representada em toda a *Brittania* Romana, no *Limes Germanicvs* e no lado oriental da Gallia, e moderadamente bem representado na costa mediterrânia da *Hispania* (especialmente *Tarragona* e *Hispalis*) e nos pilares de hércules (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000).

Nº 108 – *Scottivs* I

Scottivs I (juntamente com *Acvtvs* I, entre outras) foi das primeiras *officinae* a exportar em massa as cerâmicas de La Graufesenque, como demonstra a sua presença na fossa de *Cirratvs*, e em contextos longínquos (Genin 2007, Vol. II: 55-70; Polak 2000, 319). Algumas dos seus punções ainda afirmam que o seu produto era confecionado em Arezzo (24a), apresentando também cartelas tipicamente aretinas. Este oleiro parece ter produzido entre 20 e 45 d.C., sendo que o seu término é datado pela sua raridade em contextos militares pós Cláudio

(Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000). O fragmento de *Conimbriga* apresenta a suo punção 22a estampado no fundo de uma taça.

Produto deste oleiro são relativamente escassos na *Lvsitania*, com fragmentos em *Avgvsta Emerita* (**nº 1808** - Mayet 1978, nº 158) e em Represas (Beja) (**nº 3296** - Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Ribeiro 1959, nº 58; Lopes 1994, 434). Fora da província, está particularmente bem representado na *Gallia* do Norte, em cidades como Augst, Alésia e Vindonissa, bem como nos contextos tibéro-claudios do *Limes Germanicvs* (Vechten, Nijmegen, Neuss, Mainz, etc…) (Polak 2000; Hartley & Dickinson 2008).

Nº 110 – *Ivcvndvs* I

Officina pré-flávia de Montans, inédita em *Conimbriga*, visto que o fragmento foi exumado durante as escavações antigas. Inicialmente o punção deste fragmento (2b) foi confundida com o punção 19b de *Ivcvndvs* III (visto que a cerâmica de La Graufesenque é mais comum em *Conimbriga*). No entanto, a disposição das letras, e a presença do último "I" em "IVCVNDI" difere o punção 2b de "IVCVND" do 19b de *Ivcvndvs* III. Este oleiro das operou em *Montans* entre 40 e 70 d.C., não tendo qualquer ligação com as *officinae* de *Ivcvndvs* presentes em La Graufesenque. Não se conhecem outros fragmentos deste oleiro na província, e como é de esperar, a sua distribuição está limitada maioritariamente à Aquitânia, como a maioria dos produtores pré-100 d.C. de Montans, com grandes depósitos em Poitiers, Saintes e Bordeaux (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000; Tilhard 2004).

Nº 112, 347, 441, 448 & 463 – *Secvndvs* II

Oleiro que produziu entre 60 e 90 d.C. em La Graufesenque e provavelmente Espalion e até em Banassac[11]. É também possível que se trate de uma *officina*, com o oleiro *L. Tertivs Secvndvs* como cabecilha, devido à semelhança das suas datações, produtos, punçãos, e devido a terem sido ambos atestados em grandes quantidades no enchimento do "*Grand Four*" de La Graufesenque (Polak 2000, Supplementum 9:325; Genin 2007, 135–36).

Dos fragmentos de *Conimbriga*, os **nº 112** e **347** são inéditos. O **nº 121** apresentando o punção 10d marcada numa taça. O fragmento nº 347 apresenta um punção mais enigmático, e provavelmente novo. Foi atribuído a *Secvndvs* II devido ao tamanho e estilo de letra, mas não

[11] Análises químicas apontaram fragmentos de Brive com o punção "SECVN.F" (31b) como sendo de Espalion, e existem vários fragmentos com as suas marcas em Banassac (Polak 2000, 325).

corresponde a nenhuma dos punções publicados, lendo-se "SECVND(…)". Os fragmentos **441** e **448** têm a forma de Drag. 27, apresentando as punções 15b e 10d, respetivamente. O fragmento **nº 463** apresenta o punção 25a estampada no fundo de um prato (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896). Em termos de contexto, o fragmento **441** provém do nível de construção das termas de *Trajano*; o **nº 448** do solo das ruas que rodeiam o fórum flávio, e o **nº 463** da construção do fórum flávio, tendo todos eles sido exumados nas campanhas Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 196-230, Vol. IV: nº 338, 339 e 342).

Em termos de distribuição, os produtos de *Secvndvs* II estão atestados em grandes quantidades em grande parte do mundo ocidental Romano. Na *Lvsitania*, existem fragmentos em *Olisipo* (**nº 756**, **847** & **980** - Silva 2013, 225–466; Sepúlveda et al. 2002; Silva 2005, nº 104), *Scallabis* (**nº 1151** - Viegas 2003a; 2003c; Silva 2013, 612), *Avgvsta Emerita* (**nº 1809**, **1812** & **1813** - Mayet 1978, nº 159, 162 e 163), *Salacia* (**nº 3307** - Encarnação, Ferreira & Sepúlveda 2019, 193), *Balsa* (**nº 2892** - Viegas 2006; 2011, 318) e nos arqueossítios de Torre Águila (Badajoz) (**nº 2804** & **2835** - Martín 1993, L. X nº 53. l. LVIII Nº 14) e Represas (Beja) (**nº 3307**, **3393** & **3396** - Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Ribeiro 1959, nº 59 e 61; Lopes 1994, nº 1170, 4251 e 4254). Fora da província, encontra-se particularmente bem atestado em Tarragona, na zona oriental da *Gallia* (Lyon, Narbonne, Vienne, Vindonissa, etc…), no *Limes Germanicvs* (Vechten, Nijmegen, Valkenburg, Mainz, etc…) e na *Britannia* (Londres, Richborough, Colchester, York, Chamelon, etc…) (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000; Tilhard 2004).

Nº 113, 450, 481 & 604 – *Rvsticvs*

Rvsticvs foi um oleiro em La Graufesenque entre 30 e 50 d.C. que, apesar de um reduzido volume de exportações, apresenta um grande número de punções (Hartley & Dickinson 2008). Em *Conimbriga*, o fragmento **113** é inédito, apresentando o punção 8a marcada no fundo de uma taça. Os fragmentos **450** e **481** apresentam as punções 7a e 19b num prato e numa taça, respetivamente. O exemplar **604** mostra o punção 6a marcada num prato com a forma Drag. 15/17, exposto no Museu e proveniente do solo das ruas que rodeiam o fórum flávio. Excetuando este, o único fragmento contextualizado é o **nº 450**, exumado na escavação do pavimento Cláudio das ruas das termas sul (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 192-225, Vol. IV: nº 328, 329 e 330).

O único outro fragmento publicado na *Lvsitania* é oriundo de Represas (Beja), também de um fragmento de Drag. 15/17 (**nº 3406** - Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Ribeiro 1959, nº 56; Lopes 1994, 5038). Apesar de um volume de exportação reduzido, nota-se uma preferência pelos mercados da baía de *Narbone* (*Narbonne* e Saint-Rémy de Provenence) e pelo *Limes Germanicvs*. A sua ausência quase completa da *Britannia* (dois fragmentos, em *Camulodunum* (Colchester) e em *Ratae* (Leicester)) não se deve a uma cronologia pré-Cláudia, mas sim a uma incapacidade de penetrar esse mercado, talvez por falta de mediação comercial (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000)

Nº 115 – *Aper* I

As marcas de *Aper* provavelmente designam uma *officina* influente em La Graufesenque, que operou entre 50 até 70 d.C. O fragmento de *Conimbriga* apresenta um engobe marmoreado, comum desta *officina*, com o punção 9b (um dos cinco punções utilizados nos seus produtos marmoreados), normalmente exportados para a *Itália*, *Hispania* e *Gallia Narbonensis*. Um dos aspetos mais interessantes deste oleiro é a sua distribuição, com uma concentração mais elevada que o normal na *Gallia Narbonensis* (especialmente *Narbonne* 4) e na *Hispania*, em relação a uma falta relativa de exportação para mercados mais típicos de La Graufesenque como a *Gallia*, o *Limes Germanicvs* ou a *Britannia* (Hartley & Dickinson 2008, Vol. I: 212-214; Polak 2000, Supplementum 9:165). Na *Lvsitania*, este oleiro encontra-se atestado em *Olisipo* (**nº 803** - Silva 2013, 365–66), *Avgvsta Emerita* (**nº 1687**, **1688**, **1689** & **1690** - Mayet 1978, nº 35-38) e no arqueossítio do Alto dos Cacos (Almeirim) (**nº 1242** - Silva 2013, 655).

Nº 117, 141, 449, 468 & 606 – *Sabinvs* III

Das marcas de *Sabinvs* III, tecnicamente três são inéditas, visto que o fragmento **nº 468** foi erroneamente publicado no *Fouilles* como sendo se *Salvetvs*. Os autores não se aperceberam do ponto perto do "S", lendo "OSA⊥(…)" em vez do que a marca realmente mostra: "O·SΛB(…)", correspondendo à punção 19b (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 336). O fragmento **117** apresenta o punção 24a'', e o **nº 141** o punção 14-b numa taça de forma Drag. 24/25. Os fragmentos **nº 449** e **606** (Drag. 18) foram publicados no *Fouilles*, mostrando as punções 1a e 41a' marcadas em pratos (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896). O fragmento **449** foi recuperado do contexto de construção do fórum flaviano, ao paço que os fragmentos **468** e **606** foram recuperados dos níveis de construção das termas de Trajano (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I, Vol. IV: nº 332 e 333).

Figura 1: Comparação entre a fotografia e o desenho do "*Fouillets de Conimbriga*" da marca nº 480 (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: no 336)

É difícil averiguarmos a quem o nome nas punções se refere, devido à operação simultânea de vários *Sabini* em La Graufesenque. É provável que este grupo de punções se refira a *L. N- Sabinvs*, sendo também possível *C. Ivlivs Sabinvs* e *L. S. Sabinvs*. Torna-se, portanto, difícil dividir as *officina* com o nome "*Sabinvs*". A grafia diferente em diferentes punções, por exemplo, pode dever-se tanto a *officinae* diferentes com o mesmo nome (*sabinvs*) ou à mesma *officina* utilizar vários manufatureiros de punções. Tudo o que podemos afirmar com certeza sobre esta *officina* é que produziu grandes volumes de *terra sigillata* entre 50 a 80 d.C., nas olarias de La Graufesenque, Le Rozier e Banassac (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000).

Na *Lvsitania* encontramos fragmentos deste oleiro em *Olisipo* (**nº 754**, **973**, **974, 975**, **976, 977**, **978** & **1094** - Silva 2005, 200; 2013, 225–466), *Scallabis* (**nº 1185** - Viegas 2003a; 2003b; Silva 2013, 296), *Avgvsta Emerita* (**nº 1707** & **1863** - Mayet 1978, nº 55; Bustamante Álvarez 2009, nº 52), *Mirobriga* (**nº 2971** - Almeida 1964; Quaresma 2012, 114), *Ossonoba* (**nº 3040** - Martins 2019, Est. 12 nº 94) e nos arqueossítios de Vale dos Tijolos (Almeirim) (**nº 1227** - Mendes, Pimenta & Silva 2017), Torre Águila (Badajoz) (**nº 2833** - Martín 1993, LVIII nº 11), Represas (Beja) (**nº 3318** - Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Ribeiro 1959, nº 57; Lopes 1994, nº 1349), Troia (Setúbal) (**nº 3586** - Baltasar 1985), Mesas do Castelinho (Amodôvar) (**nº 3654** - Viegas 2019, nº 99) e S. Cucufate (Beja) (**nº 3702** - Étienne, Mayet & Alarcão 1990, XIV nº 33). Fora da província, este oleiro encontra-se bem representado em todo o ocidente romano, com destaque para o *Limes Germanicvs*, *Britannia* e para a Baia de *Narbonne*, com grandes depósitos também no Norte de África e na costa mediterrânea da Espanha (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 120 – *Crestio*

Crestio é outro nome que tem gerado controvérsia na investigação das marcas de oleiro. Hartley e Dickinson distinguem duas *officina*. *Crestio*, a mais antiga (45 – 75 d.C.), apresenta

punções, normalmente, com uma variação do texto "OF CRESTIO(nis)". *Crestvs* I (65 – 90 d.C.) assina normalmente com "OF CRESTI", sendo que a terminação em "I" indica posse da *officina*. No entanto, este "I" pode também significar um diminutivo de "*Crestionis*" (Hartley & Dickinson 2008). Para além desta objeção, Polak apresenta mais duas, a sobreposição da datação dos dois oleiros (podendo estar os dois ativos ao mesmo tempo, no período de 65 – 75 d.C.) e a semelhança na grafia de ambos os oleiros (Polak 2000, Supplementum 9:213). No caso de *Conimbriga*, o fragmento **nº 120** apresenta claramente o punção 5a de *Crestio*. Esto punção de La Graufesenque é datada de entre 50 e 65 d.C., devido à sobreposição de datação de *Crestio* e do seu principal fabricante de taças decoradas, *Modestvs* I (Hartley & Dickinson 2008; Mees 1995). Por ter sido recuperado durante as escavações antigas, este fragmento é inédito, e infelizmente carece de contexto estratigráfico.

Na *Lvsitania*, as marcas de *Crestio* encontram paralelos em *Aeminivm* (**nº 8** - Silva, Carvalho & Fernández 2018, nº 24), *Olisipo* (**nº 845** - Sepúlveda et al. 2002; Silva 2013, 375), *Avgvsta Emerita* (**nº 1717**, **1718** & **1719** - Mayet 1978, nº 65-67), *Balsa* (**nº 2897** & **2898** - Nolen 1994, Est. 16; Viegas 2011, 318), *Ossonoba* (**nº 3034** - Viegas 2003b; 2008b; 2008a; 2011, 145) e no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3408** & **3419** - Lopes 1994, nº 6056 e 6057). O mercado extra provincial deste oleiro é típico os oleiros sudgálicos, com um grande volume de consumo nas grandes *civitates* gálicas ocidentais (*Narbonne*, *Lyon* e *Augst*), no *Limes Germanicvs* e na *Britannia* (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 120 – *Lvcceivs* I

O fragmento **nº 120** de *Conimbriga* apresenta o punção 1e de *Lvcceivs* I, estampado no fundo de um prato. Este oleiro deve ter iniciado a sua produção durante o principado de *Tiberivs*, devido à sua presença num dos fornos de La Graufesenque, às suas formas precoces, e à sua presença em contextos militares de conquista da *Britannia*. Datado de 30 a 65 d.C., não se conhece nenhum contexto flávio onde este apareça (Hartley & Dickinson 2008; Genin 2007). O fragmento de *Conimbriga* é despromovido de contexto arqueológico, por ter sido recuperado durante as escavações antigas.

Na *Lvsitania*, marcas deste oleiro podem encontrar-se em *Olisipo* (**nº 737** - Silva 2013, 320; 2015, 47), *Avgvsta Emerita* (**nº 1662**, **1750**, **1856** & **1857** - Bustamante Álvarez 2009, nº 31-33; 2010, L. 10 nº 10; Mayet 1978, nº 99), *Ossonoba* (**nº 3033** - Viegas 2011, 145), e nos arqueossítios de Azeitada (Almeirim) (**nº 1251** - Silva 2013, 645) e Represas (Beja) (**nº 3439** & **3544** - Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Ribeiro 1959, nº 38 e 39; Lopes 1994, nº 6297). De

facto, a preferência deste oleiro pelos mercados ibéricos (destaque para Tarragona, Ampúrias e Alicante (2)) e do norte de África (Cherchell e Tiddis), bem como pela *Gallia Narbonensis* (Narbonne (4) e Saint-Rémy-de-Provence (2)) foi já apontado em publicações anteriores (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 133, 340 & 478 – *Licinvs*

Licinvs foi um nome de *officina* de origem celta que operou em La Graufesenque. A sua origem deriva-se das duas maneiras pela qual esta assina: "*Licinvs*" e "*Licnvs*", ambos versões latinizadas do nome "*Licnos*". Esta *officina* deve ter trabalhado entre 35 e 65 d.C., estando bem representado na famosa fossa de *Gallicanvs* (Genin 2007; Hartley & Dickinson 2008). O fragmento **340** apresenta uma particularidade típica desta *officina*, estando estampado com "·LIC·INIANAO(f)". Neste punção (7c') a marca denota um adjetivo ao invés do nome da *officina*, afirmando que o prato é "Liciniano" ou que a *officina* é "Liciniana". Este tipo de punções, atribuído primeiramente a um segundo oleiro por Oswald, foram rapidamente compreendidos como oriundos de uma só *officina*, de *Licinvs* (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000, Supplementum 9:252). Os fragmentos **133** e **478** são mais típicos, com as punções 54a "(…)LICIN" e 39b "(…)INI", respetivamente. O fragmento **478** foi publicado no *Fouilles*, tendo sido exumado durante a escavação dos contextos de construção das termas de Trajano (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 322). As restantes estão descontextualizadas.

Na *Lvsitania* encontramos paralelos desta *officina* em *Olisipo* (**nº 478**, **713**, **824**, **945**, **946** & **947** - Silva 2005; 2013, 243–463), *Ammaia* (**nº 1405** - Quaresma 2021, Fig. 21 nº 129), *Capera* (**nº 1436** - Alcón 2001, L. I nº 6), *Avgvsta Emerita* (**nº 1635**, **1700**, **1701**, **1748**, **1749** & **1855** - Mayet 1978, nº 47, 48, 97 & 98[12]; Bustamante Álvarez 2009, nº 29 e 30; 2010), *Ossonoba* (**nº 3038** - Martins 2019, Anexo 1. nº 30) e no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3384** & **3440** - Ribeiro 1959, nº 37 e 103; Lopes 1994, nº 4003 e 6298). No entanto, a distribuição volumosa deste oleiro nota-se uma tendência para os mercados Atlânticos, especialmente na *Gallia* ocidental e *Britannia* (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000)

Nº 134 – *Geminvs* I

[12] Mayet, trabalhando de acordo com as publicações de Oswald, classificou erroneamente as marcas **nº 1700** e **1701** como *Cantinvs*. Estes punções, 10a' e 7c respetivamente, apresentam a versão adjetivada do punção "LICINIANAOF", mas muito desgastada nas pontas, pelo que se parece ler, em retrógrado: "CANAINI", visto que o "O" danificado parece um "C".

Geminvs foi um dos oleiros que produziu em La Graufesenque entre 40 e 70 d.C., sendo relativamente incógnito, devido ao seu pequeno volume de produção. Encontra-se somente atestado em *Conimbriga*, no que toca à *Lvsitania*, com o punção 2a, sendo esta peça descontextualizada. No que toca a à sua distribuição fora da península, conhecem-se raros fragmentos em Tarragona, Ampúrias, Bram, Narbonne, Lyon, Poitiers e nos fortes do *Limes Germanicvs*, nunca mais do que um ou dois de cada vez (Hartley & Dickinson 2008; Tilhard 2004; Polak 2000).

Nº 135 & 346 – *Eme-*

Esta *officina* produziu vasos em La Graufesenque entre 50 e 75 d.C., assinando sempre apenas com a fórmula "IIMII". Isto pode significar várias coisas, podendo ser uma abreviatura, para "*Emeritvs*", por exemplo. Pode também ser o imperativo do verbo "*Emere*", que significa comprar, exultando a compra do produto, ou ainda ser umo punção grafomorfa (Hartley & Dickinson 2008). Os fragmentos de *Conimbriga* apresentam o punção 1a estampada no fundo de taças, tendo sido recuperadas durante as escavações antigas, e na intervenção da Zona B por Alarcão, respetivamente.

Em termos de distribuição, na *Lvsitania* encontramos exemplares desta *officina* em *Olisipo* (**nº 747**, **806**, **930**, **931**, **932** & **933** - Silva 2005; 2013, 225–463) e *Avgvsta Emérita* (**nº 1649** & **1726** - Bustamante Álvarez 2009, nº 27; 2010; 2014a; 2014b; Mayet 1978, nº 74). Fora da província a sua distribuição, bem como volume de produção, é igualmente pequena, cingindo-se maioritariamente na costa mediterrânea da *Hispania* e *Gallia*. De facto, os maiores depósitos deste oleiro encontram-se em *Narbonne* (2) e *Olisipo* (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 137 – *Gallicanvs* II

Esta *officina* ganhou renome entre os investigadores de marcas de oleiro em *terra sigillata*, ironicamente, pela sua fossa de vasos rejeitados escavada em La Graufesenque, apelidada "Fossa de *Gallicanvs*". Nesta fossa *Gallicanvs*, e em menos quantidade oleiros seus contemporâneos, despejaram vasos com defeitos de fabrico de uma única fornada, no principado de Nero (Genin 2007, Vol. II: 83-107). Este oleiro parece ter operado entre 40 e 65 d.C., sendo o punção presente em *Conimbriga*, 10b', dos mais tardios, sendo encontrado em contextos flávios de Nijmegen (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000).

Na *Lvsitania* este oleiro encontra-se atestado em *Olisipo* (**nº 936** & **1056** - Silva 2005; 2013, 384–463), *Avgvsta Emerita* (**nº 1734** - Mayet 1978, nº 82) e nos arqueossítios de Torre

Águila (Badajoz) (**nº 2809** - Martín 1993, L. XV, nº 75b) e Represas (Beja) (**nº 3339** - Lopes 1994, nº 2004). Ao contrário do que a fossa com o seu nome levasse a crer, o seu volume de produção é inferior a muitos outros, sendo a sua distribuição típica dos oleiros de La Graufesenque, com maior representação na *Gallia Narbonensis*, *Limes Germanicvs* e na *Britannia* (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 138, 460, 492 & 607 – *Secvndvs* I

Encontra-se aqui outra ocorrência do nome comum "*Secvndvs*" para designar uma *officina*. A diferença entre esta *officina* e a *officina* de *Secvndvs* II basea-se inteiramente na cronologia, sendo que esta parece ter funcionado entre 25 e 50 d.C., nas fases mais precoces de La Graufesenque. Esta datação é auxiliada, em parte, pela fossa de *Cirratvs* e a sua ocorrência em *Velsen*. Dos exemplares de *Conimbriga*, o único inédito é o **nº 138**, apresentando o punção 6b no fundo de uma taça (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000; Genin 2007).

O fragmento **460** apresenta o punção 6b estampado no fundo de um Drag. 27, tendo sido recuperado no contexto da construção das termas de Trajano. O fragmento **492** foi erroneamente publicado como pertencendo a *Ivcvndvs*. O erro é fácil de justificar, pois no punção 6c de *Secvndvs* I o "S" é alongado, parecendo um "I", e a moldura não permite distinguir "II" de "V". Como tal, "SIICV(…)" foi lido como "IVCV(…)". Esto punção encontra-se estampada no fundo de uma Drag. 15/17, recuperada na escavação do pavimento do fórum flávio. O fragmento **nº 607** apresenta o punção 2f estampado no fundo de uma taça com a forma Drag. 24/25, tendo sido exumada no lado oriental do fórum, durante as escavações Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 274, 340 e 341; Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896).

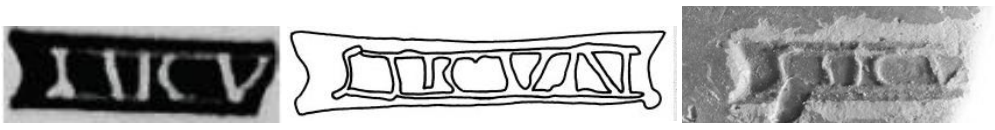


Figura 2: Da esquerda para a direita, a ilustração do "*Fouillets de Conimbriga*" da marca 492, o punção 6c de *Secvndvs* I (*Samian Project*) e a fotografia do fragmento nº 492 (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: no 274)

Na *Lvsitania*, encontramos paralelos desta *officina* em *Olisipo* (**nº 755** - Silva 2013, 225), *Scallabis* (**nº 1183** & **1184** - Viegas 2003a; 2003c; Silva 2013, 592), *Avgvsta Emerita* (**nº 1810**, **1811**, **1814**, **1815** & **1868** - Mayet 1978, nº 160-165; Bustamante Álvarez 2009, nº 59), *Caetobriga* (**nº 2913** - Silva et al. 2014, Fig. 8 nº 9), *Vipasca* (**nº 3198** - Ferreira & Andrade

1964, fig. 5) e nos arqueossítios de Armês (Sintra) (**nº 1299** - Silva 2013, 532), Represas (Beja) (**nº 3308** & **3386** - Lopes 1994, 1171 e 4243), Tróia (Setúbal) (**nº 3602** - Santos 1958, 183; S. Ferreira 1969; Maia 1971, 145; Étienne, Makaroun & Mayet 1994, fig. 12 nº 8) e S. Cucufate (Beja) (**nº 1699** - Étienne, Mayet & Alarcão 1990, Pl. XIV nº 30). Este oleiro produziu grandes volumes de *terra sigillata*, exportados maioritariamente para os mercados típicos de La Graufesenque, como o *Limes Germanicvs*, a *Britannia* e a *Gallia* oriental (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 140 – *Vitalis* II

Vitalis II é a segunda *officina* mais prolifica de La Graufesenque (superada apenas por *Primvs* III). De facto, não se sabe se as *officinas* de *Vitalis* I e II seriam *officinas* separadas, ou a mesma *officina* dirigida pelo mesmo homem. As diferenças entre as *officinas* baseiam-se na grafia das punções, bem como em diferenças cronológicas. No entanto, uma única *officina* poderia ter contratado vários artesãos de punções em momentos diferentes. Esta *officina* (de *Vitalis* II) operou entre 70 e 100 d.C., já na fase de quebra de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000). O fragmento de *Conimbriga* apresenta o punção 27b' estampada no fundo de uma taça.

Na *Lvsitania* encontramos paralelos para esta *officina* em *Olisipo* (**nº 758**, **812**, **830** & **992** - Silva 2005; 2013, 226–466), *Avgvsta Emerita* (**nº 1639**, **1647**, **1835**, **1836**, **1837** & **1839** - Bustamante Álvarez 2009; 2010; 2014b; Mayet 1978, nº 185-189), *Caetobriga* (**nº 2920** - Silva & Cabrita 1964, Fig. 3), *Mirobriga* (**nº 2974** & **2975** - Quaresma 2012, 114; Artur 1983, 64) e nos arqueossítios do Vale de Tijolos (Almeirim) (**nº 1214** & **1229** - Silva 2013, 631; Mendes, Pimenta & Silva 2017), Represas (Beja) (**nº 3364** - Lopes 1994, 3974) e S. Cucufate (Beja) (**nº 3703** - Étienne, Mayet & Alarcão 1990, Pl. XIV nº 34). Fora da província denota-se a dispersão típica dos oleiros de La Graufesenque, com especial impacto no *Limes Germanicvs*, onde é o oleiro mais prolifico presente em vários fortes, como *Vechten* e *Nijmegen*.

Nº 142 & 508 – *Abitvs* (*Habitvs*)

Apesar da forma correta do nome ser "*Habitvs*", este oleiro preferia omitir a primeira letra, assinando "*Abitvs*". Esta *officina* de La Graufesenque esteve em operação entre 40 até 70 d.C. O fragmento **nº 508** apresenta o punção 10a (estampada no fundo de uma taça Drag. 27), parece inicialmente estar escrito da forma correta (*Habitvs*), pois a forma da sua cartela parece formar um "H" no início do nome (parecendo isto ser mera coincidência). Este punção é

frequentemente lida como "ABD", pela deformação do "T", que parece um "D". O fragmento **142** apresenta o punção 8d estampado no fundo de uma taça, sendo este inédito (Polak 2000, Supplementum 9:157; Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: 232). Estes são os únicos fragmentos desta *officina* conhecidos na província da *Lvsitania*, sendo que produziu em quantidades reduzidas, normalmente exportando para os mercados típicos de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000).

Nº 143 & 502 – *Bollvs* II

Bollvs refere-se a uma *officina* de produção reduzida, que deverá ter funcionado exclusivamente entre os principados de Cláudio e Nero, estando atestado na Fossa de *Gallicanvs*. Estranhamente, é dos oleiros com uma proporção de *terra sigillata* marmoreada mais elevada, especializando-se talvez neste ramo. O fragmento **nº 143** de *Conimbriga* apresenta o punção 1a estampada no fundo de um prato de forma Drag. 15/17. O fragmento **nº 502**, publicado no *Fouilles*, apresenta o punção 4a no interior de uma taça de forma Drag. 24/25. Os fragmentos de *Conimbriga* são únicos na província. Fora dela é atestado raramente nos mercados típicos de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000, Supplementum 9:188; Genin 2007; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 243).

Nº 151 – *Pastor* I

Pastor I produz normalmente associado a outro nome "*Pastor -Ce-*", não se conhecendo o nome do segundo oleiro. Oswald (1931, 229) sugeriu "*Censor*", mas o oleiro *Censor* é das fazes mais tardias de La Graufesenque, ao passo que esta *officina* está datada de 50 a 65 d.C. Fora de La Graufesenque só se conhecem 30 marcas de oleiro desta *officina*, sendo apenas seis assinadas somente por "*Pastor*". O fragmento de *Conimbriga* apresenta a suo punção 1a, "(…)ORIS", impressa no fundo de um prato. É inédito e único na península, existindo apenas um exemplar de *Pastor -Ce-* em *Avgvsta Emerita* (**nº 1788**), com o punção 2a estampada no fundo de uma Drag. 37 (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Mayet 1978, nº 138).

Nº 171 & 495 – *Martialis* I

O bruto da produção da *officina* de *Martialis* I foi produzido em La Graufesenque, entre 50 e 75 d.C., apesar de também estar atestado em Le Rozier e Banassac. O fragmento **nº 171** apresenta o punção 12a no fundo de uma Drag. 27, ao passo que o fragmento **495** apresenta o punção 14a no fundo de um prato. Este último foi recuperado durante a escavação dos contextos

de construção das termas de Trajano (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 291). O seu volume de distribuição é normal, e no seu padrão de distribuição nota-se uma preferência pelos mercados do norte da *Gallia* e *Germania*, para o detrimento da *Britannia* (Hartley & Dickinson 2008). Para além dos exemplares de *Conimbriga*, conhecem-se três exemplares em *Avgvsta Emerita* (**nº 1665**, **1671** & **1758** - Bustamante Álvarez 2010; 2009; 2014b; Mayet 1978, nº 108).

Nº 172 – *G. Salarivs Aptvs*

G. Salarivs Aptvs foi um oleiro que fabricou vasos em La Graufesenque, entre 50 e 65 d.C. Referem-se estes punções provavelmente a uma pessoa, e não uma *officina*, como denota o uso do *tria-nomen*. A sua produção é de pequeno volume, e apresenta uma preferência por os mercados da Península Ibérica, como demonstrado nas Ampúrias e em Tarragona. O fragmento **nº 172**, exumado durante as escavações antigas de *Conimbriga*, apresenta o punção 4a "GSA:AP+", estampado no fundo de uma Drag. 27 (Polak 2000; Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896). Para além desta existem outras duas marcas na *Lvsitania*, em *Avgvsta Emerita* (**nº 1805** & **1806** - Mayet 1978, nº 155 e 156).

Nº 258 & 447 – *Passenvs* (*Passienvs*)

Os punções da *officina* de *Passienvs* apresentam por vezes o nome com "i", e por vezes sem ele, "*Passenvs*". No entanto, trata-se da mesma *officina*, não só pela semelhança nos seus produtos, mas por ambas as soletrações ocorrerem simultaneamente dúzias de vezes em *Oberwinterthur Keramiklager*. Esta *officina* era importante para o mecanismo de produção de La Graufesenque, elaborando moldes destinados à compulsão de taças decoradas, normalmente utilizados também por outras *officinae* (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000; Silva 2013). O fragmento **nº 258**, inédito, apresenta o punção 53a estampada no fundo de uma taça. O fragmento **nº 447**, publicado no *Fouilles*, apresenta o punção 53a estampada no fundo de uma Drag. 27 (Dragendorff 1896; Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 309).

Paralelos para esta *officina* na *Lvsitania* encontram-se em *Olisipo* (**nº 963** - Silva 2005; 2013, 462), *Ammaia* (**nº 1410** - Quaresma 2021), *Avgvsta Emerita* (**nº 1784**, **1785**, **1786** & **1787** - Mayet 1978, nº 134-137), *Mirobriga* (**nº 2958**, **2959**, **2960**, **2961** & **2962** - Quaresma 2012, 113–14; 2003; Pereira Maia 1971) e nos arqueossítios de Represas (Beja) (F. Ribeiro 1959b, nº 113; Lopes 1994, nº 2872 e 3983) e na Ilha do Pessegueiro (Sines) (**nº 3636** - Silva

et al. 1984, Fig. 16 nº 1). A difusão deste oleiro, de grande volume, encontra-se maioritariamente centrada no *Limes Germanicvs* e na *Britannia*, e em menos quantidade na *Gallia* (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 272 – *Mansvetvs* I (*Masvetvs*)

Oleiro enigmático no que toca ao seu volume de produção. Os róis de fornalha descobertos em La Graufesenque indicam que *Mansvetvs* seria dos oleiros com o maior número de vasos nas fornadas da sua altura (Marichal 1981). No entanto, fora de La Graufesenque, raros são os fragmentos com a sua marca, não se conhecendo mais de meia centena em todo o mundo. Especula-se que ele produzisse vasos para outras *officinae*, raramente assinando esses vasos com o seu nome (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000). O fragmento de *Conimbriga* apresenta o punção 6a no fundo de uma taça. O único paralelo na província provem de *Avgvsta Emerita* (**nº 1755** - Mayet 1978, nº 105).

Nº 273 – *Martivs* II

A *officina* de *Martivs* II operou em La Graufesenque entre 50 e 65 d.C., distinguindo-se de *Martialis* pelas decorações dos seus vasos. Este era sócio de *Castvs* I (**nº 274**), tendo símbolos semelhantes nas suas listas de fornada, partilhando fornecedores de cerâmica, mão de obra (como indicam as listas de fornada, e semelhanças entre os seus vasos) e até contactos para mercados de exportação, sendo que tanto ele como o sócio se encontram ausentes do mercado do Danúbio (Marichal 1981; Hartley & Dickinson 2008). O fragmento de *Conimbriga* apresenta o punção 2a, estando inédito. Para deste, esta *officina* está atestada na *Ammaia* (**nº 1408** - Quaresma 2021, fig. 15 nº 18) e em *Avgvsta Emerita* (**nº 1677** - Bustamante Álvarez 2009; 2010). O seu volume de produção é reduzido, estando atestado nos mercados preferências típicas de La Graufesenque.

Nº 274 – *Castvs* I

Socio de *Martivs* II, recuperamos igualmente algumas das suas listas de fornadas. Devido a estas listas de fornadas, conseguimos deduzir que o volume de produção desta *officina* era de 300.000 vasos por ano, ou 3.000.000 a cada dez anos (Marichal 1981). Desta quantidade enorme de vasos (tendo em conta que esta *officina* parece ter trabalhado entre 40 e 70 d.C.), apenas se conhecem 800 fragmentos com a sua marca. O fragmento de *Conimbriga*, inédito, apresenta o punção 10a (Hartley & Dickinson 2008).

Paralelos desta *officina* na *Lvsitania* encontram-se em *Olisipo* (**nº 855**, **917**, **920** & **921** - Silva 2005; 2013, nº 354-463), *Avgvsta Emerita* (**nº 1642**, **1668**, **1709** & **1847** - Bustamante Álvarez 2010; 2009; 2014b; Mayet 1978, nº 57), *Salacia* (**nº 2144** & **2163** - Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 28 e 29), *Balsa* (**nº 2895** - Pereira 2014, Est. 116 nº 6; Viegas 2011, 318; Nolen 1994, Est. 16) e nos arqueossítios de Telhal (Sintra) (**nº 1828** - Silva 2013, 527), Alto da Caparide (Cascais) (**nº 1291** - Silva 2013, 523), Torre Águila (Badajoz) (**nº 2807** - Martín 1993, L. XIV nº 72), Represas (Beja) (**nº 3551** - Ribeiro 1959a, nº 92; Lopes 1994, nº 4253), Monte de S. Francisco (Fronteira) (**nº 3563** - Carneiro & Sepúlveda 2011, Est. 2-3; Carneiro 2004, fig. 49), Mesas do Castelinho (Almodôvar) (**nº 3650** - Viegas 2019, fig. 10 nº 96) e Monte Molião (Lagos) (**nº 3666** - Oswald 1931). Fora da província, é de notar uma abnormal concentração da sua exportação na *Gallia Narbonensis*, bem como uma maior exportação do que o normal para a *hispania*, seguindo-se os mercados tipicamente sudgálicaos (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 275, 294, 434, 452, 469 & 477 – *Primvs* III

Enfrentamos então a *officina* com o maior volume de produção de La Graufesenque, e se *Vitalis* II dominou o mercado no principado de *Domiciano*, *Primvs* III dominou na era entre Nero e o inicio da dinastia Flávia. Isto verifica-se também na *Lvsitania*, onde é o oleiro sudgálico mais representado, e o mesmo se denota em *Conimbriga*. Para além da sua produção em La Graufesenque, punções únicas desta *officina* foram encontradas em Le Rozier, provavelmente aplicadas nessa olaria. Esta *distingue-se* de *Primvs* I pela grafia, parece ter operado entre 40 e 80 d.C., estando bem representada em contextos como a fossa de *Gallicanvs*, Vindolanda, Cala Culip IV, Oberwinterthur Keramiklager, Colchester, entre outros (Hartley & Dickinson 2008; Genin 2007; Nieto & Puig 2001).

Em *Conimbriga*, o fragmento **nº 275** apresenta o punção 30b estampado numa taça. O fragmento **294**, inédito, apresenta vestígios do punção 36b, lendo-se "(…)MI" no fundo de uma taça. As taças **nº 434** e **452** são idênticas, apresentando ambas o punção 18j' estampada no fundo de uma Drag. 27. O **nº 434** foi recuperado durante a escavação dos níveis de construção das termas de Trajano. O fragmento **nº 469** apresenta o punção 35g, recuperado durante as escavações do nível de construção do fórum flávio, ao passo que o prato **nº 477** apresenta o punção 38d. Apenas os últimos quatros se encontravam publicados nas *Fouilles* (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, nº 320-324; Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896).

Na *Lvsitania* encontramos paralelos para esta *officina* em *Ebvrobrittivm* (**nº 619** - Silva 2013, 684), *Capera* (**nº 1443** - Alcón 2001, L. I nº 3), *Avgvsta Emerita* (**nº 1672**, **1793**, **1794**, **1795**, **1797**, **1798**, **1799**, **1800**, **1801** & **1802** - Bustamante Álvarez 2009; 2010; 2014b; Mayet 1978, nº 143-152), *Baesvris* (**Nº 2875** - Viegas 2011, 459)[13], *Balsa* (**nº 2903** - Nolen 1994; Viegas 2011, 318) e nos arqueossítios de Torre Águila (Badajoz) (**nº 2811** - Martín 1993, L. XLIV, nº 206), Represas (Beja) (**nº 3316**, **3430** & **3548** - Ribeiro 1959a, nº 50 e 51; Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Lopes 1994, nº 1183 e 6285), Troia (Setúbal) (**nº 3609** - Maia 1971, 148) e na Ilha do Pessegueiro (Sines) (**nº 3762** - Silva et al. 1984, 31). Fora da Província, este oleiro encontra-se em grandes volumes, basicamente em todo o ocidente imperial romano (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 295, 516, 519, 539 & 544 – *Mommo*

A officina de *Mommo* produziu vasos em La Graufesenque entre 60 e 85 d.C. os seus punções são difíceis de distinguir de *Momo*, sendo que de facto só o é possível pela grafia e pelo estilo de marcas (Hartley & Dickinson 2008). Isto dificultou a atribuição dos fragmentos **nº 516** e **519 (24)**, onde se lê "MOMO(…)", no fundo de duas Drag. 27. A grafia exata não correspondia às punções distintas de *Momo*, e pela grafia, bem como pelo estilo de letra, atribuímos a *Mommo*. A marca **295** é inédita, apresentando o punção 11b no fundo de uma taça. Os fragmentos **539** e **544 (24)**, publicados no *fouilles* (bem como 516 e 519), apresentam as punções 27a e 98j. Destes fragmentos, apenas o **nº 519** e **544** apresentam horizontes estratigráficos cronológicos, tendo ambos sido recuperados durante a escavação dos níveis de construção das termas de Trajano (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 296, 298, 299 e 303; Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896).

Na *Lvsitania* encontramos paralelos para este oleiro em *Olisipo* (**nº 722**, **957**, **958** & **959** - Silva 2005; 2013, 256–463), *Scallabis* (**nº 1148** e **1162** - Viegas 2003a; 2003c; Silva 2013, 612), *Avgvsta Emerita* (**nº 1643**, **1772**, **1773** & **1775** - Bustamante Álvarez 2010; 2009; Mayet 1978, nº 122, 123 e 125), *Mirobriga* (**nº 2948** & **2949** - Pereira Maia 1971; Quaresma 2012, 113) e nos arqueossítios de Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira) (**nº 1269** - Silva 2013, 505), Torre Águila (Badajoz) (**nº 2831** - Martín 1993, L. LVIII nº 9), Represas (Beja)

[13] Este punção, 18b, é atribuída com algumas incertezas. Viegas classificou erroneamente como pertencendo a *Celadvs* (Viegas 2011, 459). No entanto, *Celadvs* não produziu nenhumo punção (conhecida) com os lados menores bífidos, ou em forma de "*Swallow tail*". O punção 18b de *Primvs* III é a que mais se aproxima, apesar da perna de se ler apenas "(…)RIM", e a perna do "R" ser pouco nítida.

(**nº 3294** & **3545** - Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Ribeiro 1959a, nº 41 e 42; Lopes 1994, nº 6) e Troia (Setúbal) (**nº 3612** - Maia 1971, 162). Este oleiro, com o seu grande volume de produção, encontra-se bem representado nos mercados típicos de La Graufesenque (*Limes Germanicvs, Britannia* e *Gallia*), e em menos quantidade na *Hispania* e África do norte[14]. sendo de notar uma concentração anormalmente grande na Itália, em Pompeia, bem como a sua presença na *Dalmatia* (Zadar (1)) (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 293 & 297 - *C. Ex- Albinvs*

Este oleiro assina com o seu tria nomina, tratando-se assim de uma única pessoa ao invés de uma *officina*. Operou entre 55 e 70 em La Graufesenque, não possuindo qualquer indício de associação à *officina* homónima (*Albinvs*). O fragmento **nº 293** foi de difícil atribuição, mas apresenta o punção 1a deste oleiro no fundo de uma taça. Ou por desgaste do punção, ou má impressão, a marca apresenta uma leitura difícil, de: "(C)·EX·AL(B)IIVI". Tanto o tamanho como o formato da cartela, e a grafia, são exatamente iguais à punção 1a, sendo que apenas o "C" e "B" se encontram omissos, ou impressos tão levemente que se torna impossível de os ler[15]. Já o fragmento **nº 297** não levantou tantas questões, estando o punção 1a claramente impressa no fundo de um prato do tipo Drag. 18/31 (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896). Os fragmentos de *Conimbriga*, inéditos, são os únicos na *Lvsitania*, provavelmente devido ao pouco volume de produção deste oleiro. Conhecem-se menos de vinte marcas deste oleiro em todo o mundo, a maioria no *Limes Germanicvs* ou na *Britannia* (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 304, 459 & 465 – *Salvetvs* I (*Salve Tv – Salve*?)

Salvetvs designa uma *officina* de La Graufesenque, que operou entre 30 e 60 d.C., e que se encontra bem representada na fossa de *Cirratvs*, e mais residualmente na de *Gallicanvs* (Hartley & Dickinson 2008; Genin 2007). O nome da *officina* é alvo de debate, podendo ser o *nomen* do principal feitor "*Salvetvs*" como indicam os punçãos com a escrita

[14] Ainda que a menor representação na *Hispania* e norte de África seja uma constante, parece ao autor que isto se deve à falta de estudos nestas áreas, pelo menos para o benefício de bases de dados como o R.G.Z.M. De facto, uma esmagadora maioria das marcas encontra-se ausente desta base, e parece acontecer o mesmo nos territórios espanhóis.

[15] Inicialmente este fragmento foi atribuído aos centros de produções hispânicas, por parecer apresentar a marca "(…)EX·ALB(…)", sendo a formula "Ex" típica das produções hispânicas. No entanto, o fabrico do fragmento é **G.2**, e a marca assemelha-se mais a *C. Ex- Albinvs* que a qualquer marca hispanica averiguada. "*Ex"*, neste caso, denota um *nomem* gálico típico de *peregrinvs*, como "*Exobnvs*", "*Exomnivs*", etc…

"SALVETVSF(*ecit*)" (Hartley & Dickinson 2008); ou um punção que tem o objetivo de cumprimentar o leitor, com a frase "*Salve Tu*" (significando: Saudação a si), como indica as punções "SALVE·TV" ou somente "SALVE" (Polak 2000, Supplementum 9:316; Silva 2013, 294). Estas hipóteses não são mutuamente exclusivas, podendo "*Salvetvs"* ter usado o seu nome como trocadilho (Hartley & Dickinson 2008).

O fragmento **304** apresenta o punção 5k estampada no fundo de uma taça. Os fragmentos **459** e **465**, ambos recuperados durante as escavações Luso-francesas, apresentam os punções 11i e 5o (respetivamente) estampadas no fundo de taças com a forma de Drag. 27[16]. O fragmento **459** foi recuperado na escavação do pavimento do fórum flávio, ao passo que o fragmento **465** foi exumado dos níveis de construção das termas de *Trajano* (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 335 e 349). Para além dos fragmentos de *Conimbriga*, na *Lvsitania* encontramos paralelos apenas em *Olisipo* (**nº 1095** - Silva 2013, 296) e no fórum da *Ammaia* (**nº 1412** - Quaresma 2021). Fora da península, o mercado preferencial deste oleiro parece ser o *Limes Germanicvs*, sendo a sua pouca prevalência na *Britannia* resultado provável da sua cronologia maioritariamente pré invasão (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 305 & 454 – *Rogatvs*

Officina de La Graufesenque especializada em taças, operando entre 30 a 50 d.C. As duas punções de *Conimbriga* são iguais (punção 1a), estampadas no fundo de uma taça e um prato, respetivamente. A **nº 454** foi exumada na escavação da canalização do fórum flaviano, no decorrer das campanhas luso-francesas (Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, nº 327). Na província existem paralelos desta *officina* em *Olisipo* (**nº 968** - Silva 2013, 462) e *Avgvsta Emerita* (**nº 1804** - Mayet 1978, nº 154). O volume de produção deste oleiro é relativamente baixo, estando atestado maioritariamente na *gallia narbonensis* e no *Limes Germanicvs*, e quase ausente da *Britannia* (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000).

Nº 308 – *Cotio* (*Otio*)?

Officina de escassa produção que operou em La Graufesenque, provavelmente entre 50 e 80, estando quase ausente de sítios datáveis, e sendo assim datado pelas formas. As marcas

[16] Existe um terceiro fragmento inserido na base de dados "*Samian Ware*" do R.G.Z.M., no entanto, não foi possível encontrar nem a sua versão física, nem o seu registo em qualquer documento ou publicação. Pensamos ser uma entrada redundante, a ser eliminada.

parecem grafomorfas, lendo-se com dificuldade "*Cotio*". Na evolução do punção 1a (estampada em *Conimbriga* no fundo de um prato) o oleiro recorta o "T" inicial para parecer um "C", e o "F" para parecer um "C", alterando a leitura de "ↃOTIO·I[F](*ecit*)" para "Ↄ:OITOC" em escrita retrograda, indicando uma possível leitura de "*Otio*". O fragmento é único na *Lvsitania*, sendo que o pouco volume de exportação desta *officina* encontra-se concentrado, maioritariamente, em Augst e Londres (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000).

Nº 309 & 488 – *Cantvs*

Cantvs foi uma *officina* precoce de La Graufesenque, operando entre 25 e 55 d.C., estando atestado nas fossas de *Cirratvs* e *Gallicanvs.* O fragmento **nº 309** apresenta o punção 5a no fundo de uma taça. O fragmento **nº 488** apresenta o punção ϕ1 no fundo de uma Drag. 27, tendo sido recuperado na escavação da canalização do fórum flávio (Hartley & Dickinson 2008; Genin 2007; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, nº 247; Dragendorff 1896). De facto, na distribuição deste oleiro denota-se uma preferência pelos mercados ibéricos e sudgálicos, negligenciando os mercados típicos de La Graufesenque (*Britannia* e *Limes Germanicvs*) (Hartley & Dickinson 2008). Na *Lvsitania* este oleiro está atestado em *Olisipo* (**nº 804** & **1087** - Silva 2013, 295–366), *Avgvsta Emerita* (**nº 1702**, **1703** & **1704** - Mayet 1978, nº 50-52), *Ossonoba* (**nº 3031** - Viegas 2008a; 2008b; 2011, 145), *Salacia* (**nº 3134** & **3143** - Dias 1978; Faria, Ferreira & Diogo 1987; Sepúlveda, Faria & Faria 2000) e no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3432** & **3438** - Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Ribeiro 1959b, nº 15; Lopes 1994, nº 6290 e 6296).

Nº 321, 498 & 523 – *Capito* I

Officina de La Graufesenque que deve ter operado entre 40 e 60 d.C. Em *Conimbriga*, o fragmento **nº 321** apresenta o punção 2b. O fragmento **nº 498** apresenta o punção 3a no fundo de um prato. A leitura deste é problemática, lendo-se "(…)APIIO". No entanto, o segundo "I" parece ser um "T" danificado. O fragmento **nº 523** apresenta o punção 3-b marcado no fundo de uma taça com a forma de Ritt. 8. Este foi recuperado no contexto de construção da insula a oeste do fórum (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: 249 e 250; Hartley & Dickinson 2008; Py 1993). Na *Lvsitania*, esta *officina* encontra-se representada em *Olisipo* (**nº 918** & **919** - Silva 2005; 2013, 462–63), *Scallabis* (**nº 1146** - Silva 2013, 612; Viegas 2003a; 2003c), *Ossonoba* (**nº 3032** - Viegas 2008b; 2008a; 2011, 145), *Vipasca* (**nº 3187** - Ferreira & Andrade 1964) e no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3333** - Lopes 1994, nº 1927). Fora da *Lvsitania*,

apresenta um volume de distribuição médio a pequeno, e uma dispersão típica das *officinae* de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 325, 423 & 438 – *Tertivs* III

Tertivs III, *officina* distinta de *Tertivs* II pela sua cronologia, esteve em funcionamento em La Graufesenque entre 50 e 70 d.C. O fragmento **nº 325** apresenta o punção 12b no fundo de um prato de forma Drag. 18/31. O fragmento **423** apresenta o punção 14a estampado no fundo de uma taça de forma Drag. 24/25, recuperado na escavação das canalizações do fórum flávio. Já o fragmento **438** apresenta o punção 10a' estampado no fundo de um prato de forma Drag. 18. (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 261 e 262). Na *Lvsitania* só se conhece mais uma marca desta *officina*, em *Avgvsta Emerita* (**nº 1727** - 1978, nº 75), sendo que os mercados preferenciais desta *officina* se alinham com os mercados típicos de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 333 & 532 – *Ivcvndvs* II

Devido à existência de várias *officinae* homónimas, é difícil distinguir as marcas de *Ivcvndvs* II dos restantes *Ivcvndi*. Este trabalho em La Graufesenque entre 30 e 60 d.C., estando atestado nas Fossas de *Cirratvs* e *Gallicanvs*. O fragmento **nº 333** apresenta o que parece ser a marca de um punção inédito. Semelhante ao punção 6d em grafia, tamanho e cartela, lê-se "VCIV:ND", parecendo ter-se danificado o punção 6d, formando um traço que aparenta ser um "I", ou alternativamente, esta marca foi mal impressa. Já o fragmento **532** apresenta a marca do punção 4a' estampada no fundo de um prato. Este último foi exumado durante as escavações dos contextos de construção da insula do vaso fálico (Hartley & Dickinson 2008; Py 1993; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 273).

Na *Lvsitania* encontramos paralelos para esta *officina* em *Olisipo* (**nº 938** - Silva 2005; 2013, 463), *Avgvsta Emerita* (**nº 1741** - Mayet 1978, nº 89), *Baesvris* (**nº 2878** - Viegas 2003b; 2011, 457), *Mirobriga* (**nº 2935** - Dias 1976; Quaresma 2012, 112), *Salacia* (**nº 3181** - Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 32) e nos arqueossítios de Azeitada (Almeirim) (**nº 1249** - Silva 2013, 645), Alto da Caparide (Cascais) (**nº 1292** - Silva 2013, 523), Represas (Beja) (**nº 3410** - Lopes 1994, nº 6058) e Troia (Setúbal) (**nº 3597** - Sousa 1996, nº 3). Este oleiro apresenta uma dispersão típica de La Graufesenque, com um predominar das *Gallias*, do *Limes Germanicvs* e da *Britannia* (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 339 & 528 – *Masclvs* I (*Mascvlvs*)

Officina de La Graufesenque ativa entre 35 e 65 d.C., bem atestada na fossa de *Cirratvs* e contextos tibéro-cláudios, mas raro em fundações Vespasianas. Esta *officina* produzia também moldes, e teve grande influências nas *officinae* de *Masclinvs* I. A sua produção está também atestada nas olarias mais pequenas de Millau e Rajol. Os exemplares de *Conimbriga* apresentam os punções 5e e 17a estampados no fundo de pratos (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 292). Na *Lvsitania* esta *officina* está representada em *Avgvsta Emerita* (**nº 1759** & **1760** - Mayet 1978, nº 109 e 110), *Mirobriga* (**nº 2945** - Dias 1976; Quaresma 2012, 113) e Represas (Beja) (**nº 3363** - Lopes 1994, nº 3949). Na distribuição desta *officina* denota-se uma semelhança com a *officina* de *Licinivs*, com um favoritismo pela *Gallia Lugdunensis* e a *Britannia*, em detrimento da *Germania*. Isto ocorre provavelmente devido ao uso dos mesmos comerciantes e *procvratores* para distribuir os seus produtos (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 343 – *Lvpvs* II

Lvpvs II designa uma *officina* de La Graufesenque que parece ter operado entre 40 e 70 d.C., especializando-se em Drag. 30 (produzindo moldes em conjunto com *Sabinvs* III), estando presente em alguns campos militares de fundação Vespasiana (Polak 2000; Dragendorff 1896). O fragmento de *Conimbriga* apresenta o punção 3b estampado no fundo de uma taça. Nesta marca é possível ler "LVPIMA(ni)", indicando que foi o próprio *Lvpvs* que a confecionou (ainda que isto possa ser só publicidade). Na *Lvsitania*, encontramos paralelos deste oleiro em *Olisipo* (**nº 856** & **948** - Silva 2005; 2013, 354–463), *Avgvsta Emerita* (Mayet 1978, nº 101) e nos arqueossítios de Faião (Sintra) (**nº 1296** - Silva 2013, 535) e Represas (Beja) (**nº 3436** - Lopes 1994, nº 6294). Fora da *Lvsitania*, este oleiro é mais prevalente nos mercados típicos das *officinae* de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 417 & 541 – *Labio*

Officina prolifica que operou a partir de La Graufesenque, entre 45 e 75 d.C. Esta parece ter produzido os seus próprios moldes (ainda que estes não venham marcados), como indica a homogeneidade da sua decoração. O fragmento **nº 417** apresenta o punção 1a estampada no fundo de uma taça Drag. 29, tendo sido recuperado durante a escavação dos níveis de ocupação pós-romana das termas. O fragmento **nº 541** apresenta o punção 7a, estampada num fundo indeterminado (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 248-250, Vol. IV: nº 280 e 281; Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896). Na *Lvsitania* encontramos paralelos desta *officina* em *Avgvsta Emerita* (**nº 1754**, **1746** & **1747** - Mayet 1978, nº 94-96), *Mirobriga* (**nº 2937** - Dias

1976; Quaresma 2012, 112), *Salacia* (**nº 3167** - Dias 1978; Faria, Ferreira & Diogo 1987, 3167) e no arqueossítio de Paredes (Alenquer) (**nº 1289** - Silva 2013, 510). A diferença entre os volumes que esta *officina* exportou para a *Germania Inferior* e *Germania Superio*r parece favorecer uma hipótese de fluxo de vasos pelo Reno, com a ajuda de um intermediário em Lyon. No entanto, Silva propõe que a supremacia na *Germania inferior* pode ser explicada através do comércio atlântico com especial incidência na península ibérica (Hartley & Dickinson 2008; Silva 2013, 509–10).

Nº 421 – *Ivcvndvs* III

Ivcvndvs III assina também fragmentos com a sua marca *Sex. Ivlivs Ivcvndvs*, parecendo o primeiro tratar-se de punções de *officinae* (devido ao comum uso do termo "OF"), e o segundo de punções pessoais. A ligação entre estes dois oleiros nomes é feita pela semelhança na grafia das suas punções, dos seus produtos, e pelo facto de serem os dois oleiros mais atestados no naufrágio Cala Cvlip IV (com uma carga quase totalmente produzida da *officina* de *Ivcvndvs* III). Este parece ter operado entre 70 e 90 d.C. em La Graufesenque, sendo esta a única diferença de *Ivcvndvs* II (que fabrica de 30 a 60 d.C.)[17]. O fragmento de *Conimbriga* apresenta o punção 6a estampado no fundo de uma Drag. 24/25, exumado nos níveis de construção do fórum flávio (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: 275; Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896).

Na *Lvsitania* encontramos paralelos deste oleiro em *Olisipo* (nº 809 - Silva 2013, 366), *Avgvsta Emerita* (**nº 1738**, **1739**, **1740** & **1853** - Mayet 1978, nº 86-88; Bustamante Álvarez 2009, nº 26), *Baesvris* (**nº 2877** & **2879** - Viegas 2003b; 2011, 457) e *Salacia* (**nº 3166** - Beirão et al. 1980; Faria, Ferreira & Diogo 1987). Esta *officina* apresenta um elevado volume de produção, estando bem representado no *Limes* e na *Britannia*, mas também em *Narbonne*, na Península Ibérica e no Norte de África (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 424 & 493 – *Damonvs*

Officina precoce de La Graufesenque, que no início da sua produção ainda utiliza punções bilineares, no estilo itálico. Esta parece estar ativa entre 20 e 60 d.C., apresentando

[17] E possível que *Ivcvndvs* II e III sejam a mesma oficina em períodos diferentes, explicando isso a diferença nas punções. Apresenta-se então a teoria que a *officina* de *Ivcvndvs* II e III são a mesma *officina*, com uma interrupção em 70 d.C., data em que *Sex. Ivlivs Ivcvndvs* se torna uma figura importante nessa *officina* (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000, Supplementum 9:241–43).

uma parceria com *Scottivs* I. O fragmento **nº 424** de *Conimbriga* apresenta o punção 11c estampada no fundo de uma taça de forma Ritt. 8. Já o fragmento **nº 493** atribuímos a este oleiro com mais reserva. Lendo-se "(…)O", foi atribuído a este oleiro por tanto o formato de letra, como a cartela e o tamanho corresponderem ao punção 5a, e por não existir outra combinação entre a cartela distinta e "O" plausível. Este fragmento foi exumado durante a escavação da canalização das termas de Trajano (Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, nº 244).

Na *Lvsitania*, encontra-se atestado em *Avgvsta Emerita* (**nº 1720**, **1721**, **1722** & **1723** - Mayet 1978, nº 68-71) e nos arqueossítios de Paredes (Alenquer) (**nº 1288** - Silva 2013, 510) e Troia (Setúbal) (**nº 3594** - Silva 2010, Est. 1 nº 12). Esta *officina* é particularmente curiosa pela sua distribuição, pois apesar do seu volume de produção mediano, apresenta uma grande quantidade de fragmentos para lá dos Alpes, indicando um sistema de distribuição, e um intermediário, diferente das *officinae* suas contemporâneas. De facto, se esta *officina* for a mesma que *Damonvs* em Lezoux, parece ter usado o mesmo intermediário para obter uma distribuição semelhante (sendo que o *Damonvs* de Lezoux também se encontra bem atestado na Península Itálica) (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 429 – *Laemvs* (*Laemivs*?)

O fragmento de *Conimbriga* é um dos quatro fragmentos conhecidos desta *officina* em todo o mundo romano, sabendo-se que trabalhou em La Graufesenque (por estar lá atestado) algures no primeiro século d.C. O fragmento em questão apresenta o punção 2b "LAEM" estampado no fundo de uma taça de forma Drag. 24/25. Este foi descoberto durante a escavação do pavimento da esplanada das termas de Trajano. Este contexto apresenta, ao ver do autor, uma grande residualidade (estando presentes fragmentos com marcas do século I a.C., bem como *terra sigillata* hispânica), pelo que não se pode deduzir do contexto qualquer datação precisa (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. I: 224-227, Vol. IV: nº 283; Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896).

Nº 430 & 444 – *Bassvs* II

A *officina* de *Bassvs* II (distinta de *Bassvs* III por cronologia, formas e grafia de punções) associou-se à *officina* de *Bassvs* I (que produzia em Carrade) e de *Bassvs-Coelvs*, sendo que esta última partilha moldes e às vezes até punções com a primeira, provavelmente sendo uma sucursal. Esta *officina* produziu em La Graufesenque entre 45 e 70 d.C. O fragmento

nº 430 apresenta o punção 13a estampado no fundo de uma taça de forma Drag. 24/25, sendo que este foi recuperado durante a escavação dos níveis de construção do fórum flávio. Já o fragmento **nº 444** apresenta o punção 15f estampado no fundo de uma taça de forma Drag. 27, tendo sido exumado durante a escavação da canalização das termas de Trajano (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 310 e 326).

Na *Lvsitania* esta *officina* encontra-se representada em *Olisipo* (**nº 912**, **913** & **1086** - Silva 2013, 295–466), *Avgvsta Emerita* (**nº 1696**, **1697** & **1698** - Mayet 1978, nº 44-46) e *Mirobriga* (**nº 2930** & **2931** - Dias 1976; Quaresma 2012, 2931). Fora da *Lvsitania*, a distribuição do volumoso total de exportação deste oleiro apresenta algumas particularidades, estando atestado em poucas quantidades na *Britannia*, especialmente na fase inicial da sua produção (sendo que em fases mais tardias, e os punções de *Bassvs-Coelvs* já se encontram mais presentes). Esta mudança gradual de mercado pode estar relacionada com o seu intermediário de exportação (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 431 -*Perrvs* (*Pervs*)

Perrvs designa uma *officina* de La Graufesenque que operou entre 50 e 70 d.C., estando presente na fossa de *Gallicanvs*. O exemplar de *Conimbriga* apresenta o punção 6a estampado no fundo de uma taça com a forma de Drag. 24/25, tendo sido exumado durante a escavação da canalização das termas de Trajano (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: 260). Na *Lvsitania* o único outro fragmento desta *officina* que se conhece foi exumado em *Avgvsta Emerita* (**nº 1790** - Mayet 1978, nº 140). A sua distribuição segue o padrão normal dos oleiros de La Graufesenque, com especial incidência na *Britannia*, *Limes Germanicvs* e na *Gallia Oriental* (Hartley & Dickinson 2008, 127).

Nº 433, 494 & 531 – *Modestvs* I

Modestvs designa uma *officina* prolifera de La Graufesenque, que operou entre 40 e 65 d.C. Os seus punções parecem ter sido todos gravados pela mesma mão (exceto 5a, 8a e Φ1), com um estilo de letra típico de Nero, ao contrário dos vasos, que claramente envolvem diferentes oleiros na sua manufatura. Não se conhece nenhuma associação desta a outras *officinas*. No entanto, o elevado volume de produção, bem como a qualidade dos produtos, leva a querer que esta *officina* estaria separada em seções, talvez diferindo entre produtos decorados e não decorados, sendo que esta produzia moldes, mas também os comprava (Hartley & Dickinson 2008; Mees 1995; Polak 2000).

O fragmento **nº 433** apresenta o punção 29c estampado no fundo de uma taça de forma Drag. 27, tendo sido recuperado no contexto de construção das termas de *Trajano*. O fragmento **nº 494** apresenta o punção 9h gravado no fundo de uma taça Drag. 27, recolhido na escavação dos contextos pré-imperiais da zona onde posteriormente se implantariam as termas de *Trajano*. O fragmento **nº 531** apresenta o punção Φ2 gravado no fundo de um prato, exumado durante a escavação do pavimento das ruas anexas ao fórum flaviano (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 294, 295 e 297).

Esta *officina* está representada na *Lvsitania* em *Olisipo* (**nº 721**, **955** & **956** - Silva 2005; 2013, 256–463), *Avgvsta Emerita* (**nº 1656**, **1669**, **1765**, **1766**, **1767**, **1768**, **1769**, **1770**, **1771**, **1859** & **1860** - Mayet 1978, nº 115-121; Bustamante Álvarez 2009, nº 6, 7, 38 e 39; 2014b; 2010) e no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3415** - Lopes 1994, nº 3415). Fora da península, apesar de claramente se usar o Reno como rota de escoamento de produtos, a *Germania* baixo apresenta um volume de vasos inferior ao esperado. Isto, em conjunto com os números altos da *Britannia*, bem como da *Gallia Lugdunensis* e *Gallia Belgica*, leva a querer que os intermediários de *Modestvs* I utilizassem o *Saône-Maas* como rota de escoamento (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 437 – *Peregrinvs* I

Officina de La Graufesenque que operou entre 65 e 85 d.C., produzindo maioritariamente pratos com as formas Drag. 18 e Drag. 15/17. O fragmento **nº 437** apresenta a suo punção 3a, já algo de deteriorada, visto que se lê mais facilmente "PEREGRN" do que "PEREGRIИ", sendo que a linha horizontal do "*И*" se tornou de difícil compreensão. Esta marca, estampada no fundo de um prato de forma Drag. 18, foi exumado da canalização do fórum flávio (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 317). O único outro fragmento produzido por esta *officina* na *Lvsitania* foi recuperado no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3434** - Lopes 1994, nº 6292). A distribuição deste oleiro parece ser maioritariamente na *Britannia*, negligenciado outros mercados típicos, como as *Gallias* ou a *Germania* (Hartley & Dickinson 2008)

Nº 440 – *Silvinvs* II

Silvinvs II denomina uma *officina* de La Graufesenque que funcionou entre 70 a 100 d.C., produzindo um número reduzido de formas. O fragmento **nº 440** apresenta o punção 8a estampado no fundo de um prato, tendo sido exumado durante a escavação dos contextos de

construção das termas de *Trajano* (Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 348). Paralelos para esta *officina* na *Lvsitania* encontram-se em *Olisipo* (**nº 986** - Silva 2005; 2013, 462–66), *Avgvsta Emerita* (**nº 1869** - Bustamante Álvarez 2009, nº 65), *Mirobriga* (**nº 2972** & **2973** - Quaresma 2012, 114) e no arqueossítio de Vale de Tijolos (Almeirim) (**nº 1228** - Mendes, Pimenta & Silva 2017). A sua exportação, de pouco volume, encontra-se distribuída maioritariamente pelo *Limes Germanicvs* e a *Britannia* (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 442, 529 & 537 – *Albinvs* III

Officina de La Graufesenque que operou entre 30 e 65 d.C. Esta *officina* parece ter sido bastante organizada, visto que certos punções, como 5a ou 5b só aparecem estampados em taças, ou que 8a e 11a só aparecem estampados em Drag. 29., 9a em pratos, e apenas 4a parece ser estampado tanto em pratos como em taças. Esta *officina* apresenta alguma especialização em taças (66% da produção) e especialmente em taças decoradas, com um domínio da Drag. 29 (Dragendorff 1896; Hartley & Dickinson 2008).

O fragmento **nº 442**[18] apresenta o punção 5b grafado no fundo de uma taça de forma Drag. 27, recuperado da escavação do pavimento das ruas anexas ao fórum flávio. O fragmento **nº 529** apresenta o punção 4a estampado no fundo de uma taça. O fragmento **537** apresenta o punção 4a, num fundo indeterminado, exumado durante a escavação dos contextos de construção da *insvla* a oeste do fórum (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 234, 235 e 334).

Figura 3: Fotografia do fragmento nº 442 e do punção 5b de *Albinvs* III (Hartley & Dickinson 2008)

Na *Lvsitania*, esta *officina* encontra-se atestada em *Scallabis* (**nº 1201** - Silva 2013, 621), *Ammaia* (**nº 1402** - Quaresma 2021, Fig. 85 nº 520), *Avgvsta Emerita* (**nº 1657** & **1680** - Bustamante Álvarez 2009, nº 2; 2010; Mayet 1978, nº 28), *Salacia* (**nº 3162** - Beirão et al. 1980; Faria, Ferreira & Diogo 1987) e no arqueossítio de Tróia (Setúbal) (**nº 3581** - Baltasar

[18] Pela marca estar incompleta, lendo-se "(…)ABN", os autores do "*Fouilles de Conimbriga*" identificaram erroneamente esta marca como umo punção de *Sabinvs* III. Pelo tamanho e a grafia, só pode ser uma marca criada pelo punção 5b de *Albinvs* III, talvez mal impressa (Etienne, Alarcão & Mayet 1976; Hartley & Dickinson 2008).

1985, Fig. 3). A distribuição da produção deste oleiro é bastante equilibrada nos mercados típicos da *terra sigillata* de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 445 & 456 – *Pavllinvs* I

Esta *officina* é algo de desconhecida, devido ao seu reduzido volume de produção. Não está atestado em qualquer centro produtor, pensando-se ter a sua produção em La Graufesenque devido à pasta dos seus vasos (G.2). A sua datação provém da forma que produzia, taças Drag. 27, datadas entre 50 e 70 d.C. Os fragmentos de *Conimbriga* são dois dos quinze conhecidos em todo o mundo romano, apresentando o punção 1a estampado no fundo de duas taças de forma Drag. 27. O fragmento **nº 445** foi exumado no contexto de construção do fórum flaviano (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 314 e 315).

Nº 446 – *Tertivs* II

Officina homónima de *Tertivs* III que produziu entre 15 e 50 d.C. em La Graufesenque. O fragmento **nº 446** apresenta o punção 2a mal impressa, lendo-se "TERTI" com dificuldade, sendo o tamanho da marca e das letras igual ao punção. Esta marca esta estampada no fundo de uma taça com forma de Drag. 27. Produziu em pouco volume, exportando maioritariamente para o *Limes Germanicvs* e pela *Gallia*, sendo a *Britannia* desvalorizada devido à sua cronologia de produção mais precoce (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 350).

Nº 451 & 608 – *Silvanvs* I

A *officina* de *Silvanvs* I é uma das de maior duração em La Graufesanque, produzindo de 30 a 80 d.C., com uma patente evolução estilística tanto nos punçãos como nas formas e decorações. O fragmento **nº 451** apresenta o punção Ψ2 estampado no fundo de uma taça de forma Drag. 27. O fragmento **nº 608** parece apresentar um punção novo estampado no fundo de uma Drag. 24/25. Esta marca apresenta como texto "IIWΛ:F", sendo a sua leitura "SIL VΛNΛ:F(*ecit*)". O primeiro "S" é alongado, e com o uso do punção começa a assemelhar-se mais a um "I", como acontece, por exemplo, no punção Ψ2 do mesmo oleiro. O "L", ainda que ligado com o "I", não apresenta a perna, sendo outra opção de leitura "SILVΛNΛ:F(*ecit*)". O "V", "Λ" e "N" aparecem ligados, dando a semelhança a um "W". Não se encontrou paralelo exato para esta marca, mas o punção mais semelhante é o 6d de *Silvanvs* I. Este foi exumado

durante a escavação do pavimento das ruas anexas ao fórum (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, nº 345 e 346; Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896).

Na *Lvsitania* esta *officina* encontra-se atestada em *Olisipo* (**nº 984** & **985** - Silva 2005; 2013, 462–66), *Capera* (**nº 1452** - Alcón 2001, L. I nº 22), *Avgvsta Emerita* (**nº 1633**, **1674**, **1820**, **1821**, **1822**, **1823**, **1824**, **1825** & **1826** - Mayet 1978, nº 170-176; Bustamante Álvarez 2009, nº 62-63; 2010; 2014b), *Salacia* (**nº 3168** - Dias 1978; Faria, Ferreira & Diogo 1987) e nos arqueossítios de Azeitada (Almeirim) (**nº 1257** - Silva 2013, 645) e Represas (Beja) (**nº 3343**, **3398** & **3399** - Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Ribeiro 1959a, nº 65; Lopes 1994, nº 2506, 4256 e 4257). Apresenta um grande volume de exportação, talvez consequência da sua longa atividade, maioritariamente para os mercados preferenciais da *terra sigillata* de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 453 – *Silvinvs* I

A *officina* de *Silvinvs* I operou em La Graufesenque entre 30 e 60 d.C., estando atestado na fossa de *Cirratvs*, *Gallicanvs* e nos depósitos de *Narbonne*. O fragmento **nº 453** apresenta o punção 2a estampado numa taça com a forma Drag. 24/25 (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000, Supplementum 9:336; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 347). Na *Lvsitania* encontramos fragmentos desta *officina* em *Avgvsta Emerita* (**nº 1645** & **1827** - Bustamante Álvarez 2010; 2009, nº 60; 2014b, nº 4; Mayet 1978, nº 177) e Troia (Setúbal) (**nº 3587** - Baltasar 1985, Fig. 9). O seu volume de exportação é relativamente diminuto, com uma maior incidência na *Gallia*, e uma distribuição esparsa na *Britannia* (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 461 – *Severvs* II

Officina precoce de La Graufesenque, que operou entre 25 e 55 d.C., atestado na *Vigne Grande*. O fragmento **nº 461** apresenta o punção 2a estampado no fundo de uma taça, recuperado no contexto da destruição do fórum flávio (Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 343). Na *Lvsitania* este encontra-se atestado em *Olisipo* (**nº 811** & **983** - Silva 2005; 2013, nº 365-466) e *Avgvsta Emerita* (**nº 1646** - Bustamante Álvarez 2009, nº 64; 2010; 2014b). Como a maioria dos oleiros precoces, a sua distribuição é escassa, maioritariamente na *Gallia* oriental e no *Limes Germanicvs* ocidental (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 464 – *Pavllvs* I (*Pavlvs*)

Officina que operou em La Graufesenque e Le Rozier, entre 35 e 65 d.C., estando atestado, no final da sua cronologia, na fossa de *Gallicanvs*, com punções que apresentam por vezes um "L", ou dois (Genin 2007). O fragmento **nº 464** apresenta o punção 9c (com dois "L") no fundo de um prato de forma indeterminada. Este fragmento foi exumado durante a escavação da canalização do fórum flávio (Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV). Na *Lvsitania* encontramos este oleiro atestado em *Scallabis* (**nº 1116** & **1149** - Silva 2013, 612–24; Viegas 2003a; 2003c) e nos arqueossítios de Azeitada (Almeirim) (**nº 1255** & **1256** - Silva 2013, 645) e Represas (Beja) (**nº 3340** & **3369** - Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Ribeiro 1959a, nº 46 e 89; Lopes 1994, nº 2008 e 3979). A distribuição do produto desta *officina* é relativamente típica da *terra sigillata* de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 466 – *Severvs* III

Officina prolífica de La Graufesenque, que operou entre 65 e 95 d.C., tendo como possível capataz o oleiro *Pvdens* (originando os punções *Severvs* III-*Pv*(*dens*)). O fragmento **nº 466** apresenta a suo punção 9d, algo de danificada, lendo-se "(…)VER", sendo que o último "R" não apresenta o semicírculo superior (Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 344). Na *Lvsitania* encontramos exemplares produzidos nesta *officina* em *Scallabis* (**nº 1152** - Silva 2013, 612–24; Viegas 2003a; 2003c), e nos arqueossítios de Represas (Beja) (**nº 3402** - Ribeiro 1959a, nº 63; Lopes 1994, nº 4323) e Troia (Setúbal) (**nº 3601** - Maia 1971, 222; Étienne, Makaroun & Mayet 1994, Fig. 12 nº 7). A distribuição do produto desta *officina* é relativamente típica da *terra sigillata* de La Graufesenque, sendo que a sua produção tardia de Drag. 24/25 se destinava ao Norte de África, onde esta forma se comercializou durante mais tempo (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 470 & 601 – *Festvs* I

Officina pré-flávia de La Graufesenque, que operou entre 20 e 50 d.C., com um volume de produção relativamente pequeno. O fragmento **nº 470**, exumado nas escavações dos níveis de construção do fórum flávio, apresenta o punção 4a. O fragmento **nº 601** apresenta o punção 6a gravado no fundo de uma taça de forma Drag. 27, tendo sido recuperado na escavação dos contextos de construção das termas de *Trajano* (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 268 e 365). O único outro sítio com marcas desta *officina* na *Lvsitania* é *Avgvsta Emerita* (**nº 1658** & **1711** - Bustamante Álvarez 2009, nº 23;

2010; 2014b; Mayet 1978, nº 59[19]). Devido ao seu pouco volume de produção, a sua distribuição é esparsa, com uma maior concentração na baía de *Narbonne* (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 474 – *Pontivs*

O fragmento **nº 474** apresenta uma marca de difícil interpretação, em que se lê "PONT(///)", sendo que a parte danificada apresenta quatro traços em diferentes ângulos. Na base de dados "*Samian Ware*" aparece identificado como *Frontinivs,* com o punção Φ- s, cuja leitura deveria ser "(F)RONT(INI)", sendo este um punção danificado [20]. O autor não acha esta interpretação satisfatória. Esta entrada na base de dados baseia-se, provavelmente, no desenho do livro "*Fouilles de Conimbriga*" (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 319). No entanto, o desenho desta publicação é errôneo, deturpando a realidade[21]. No volume mencionado o desenho lê-se "PONTINI" claramente, ao contrário da sua contraparte empírica. Isto levou a uma identificação errônea na base de dados "*Samian Ware*" e no "*Fouilles*", os autores destes volumes identificam esta marca como pertencendo a *Pontinvs* (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 319). No entanto, não há provas para a existência desta *officina*, sendo uma maioria das marcas de "*Pontinvs*" leituras erróneas de punções de *Frontinvs* ou *Pontivs* (Hartley & Dickinson 2008).

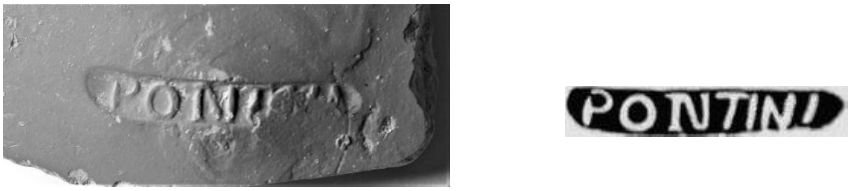


Figura 4: Fotografia da marca nº 474 e a ilustração apresentada no "*Fouillets de Conimbriga*" (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: no 319)

O desenho e a fotografia da presente publicação mostram a realidade do que se conserva da marca, sendo que esta se encontra "borrada" ou mal impressa. O punção mais semelhante é

[19] Pelo fragmento **nº 1711** só apresentar como marca "(…)ESTVS" Mayet leu erroneamente como "(CHR)ESTVS", apesar de o punção ser exatamente igual à 6a de *Festvs* I "FESTVS" (Mayet 1978; Hartley & Dickinson 2008).

[20] O número do *Samian Research* ID é 65915, disponível em : <https://www1.rgzm.de/Samian/Home/Frames.htm?IPSInput.cfm>.

[21] Este caso explicita perfeitamente a necessidade de uma metodologia de desenho e digitalização cuidada e com redundâncias, de maneira a minimizar a possibilidade de erros.

o 1a da *officina* de *Pontivs*, tanto pela grafia, mas também por a última letra (borrada e incompleta) parece ser o último "S" do punção 1a, bem distinto por ser retrogrado e alongado. A penúltima letra aparenta ser também um "V", levando à leitura "PONT(IVS)" (Hartley & Dickinson 2008). Esta leitura é obviamente feita com muitas cautelas.

Pontivs é um oleiro de La Graufesenque, que consta das listas de fornada de *Logirnvs*, como "*Pontijos*", versão celta do mesmo nome, provavelmente estando ligado a este através de contrato. Aparece também atestado num armazém de *terra sigillata* de La Graufesenque. Parece ter operado, a partir das formas que produziu, entre 50 e 75 d.C. (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000; Marichal 1981). Este fragmento em particular foi recuperado no contexto de construção do fórum flávio (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 319). Na *Lvsitania* este oleiro encontra-se atestado em *Olisipo* (**nº 846** - Sepúlveda et al. 2002; Silva 2013, 375) e *Avgvsta Emerita* (**nº 1792** - Mayet 1978, nº 1792). No total só se conhecem treze fragmentos de *terra sigillata* seguramente efetuados por *Pontivs*. Existe debate se este será ou não o mesmo oleiro que *Pontvs*, com Polak negando esta ideia devido à diferente soletração, e Hartley e Dickinson afirmando que não seria uma impossibilidade, apesar de manterem os registos separados (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000, Supplementum 9:293). A adição de "I" ao nome aquando de uma latinização de nomes indígenas é algo comum, como se denota, por exemplo, em *Passenvs*, entre outros.

Nº 475 – *Scotnvs*

Officina que operou em La Graufesenque entre 35 e 65 d.C., sendo por vezes confundida com *Scottivs* (apesar das diferentes grafias) e que parece adquirir moldes decorativos de outras olarias, como *Mvrranvs* I, *Modestvs* I e *Silvinvs* I (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000, Supplementum 9:318). Em La Graufesenque, aparece atestado na fossa de *Cirratvs* e no depósito Cluzel 15 (Genin 2007, Vol. II). O fragmento **nº 475** apresenta o punção 3a grafado no fundo de uma taça de forma Drag. 24/25. Este foi exumado durante a escavação dos contextos de construção das termas de Trajano (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 337). O único outro fragmento desta *officina* na *Lvsitania* encontra-se em *Avgvsta Emerita* (**nº 1667** - Bustamante Álvarez 2009, nº 53; 2010; 2014b). Esta *officina* produziu e exportou em volumes medianos, exportando para os mercados típicos de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 480 – Va- Va- (Vava-?)

Officina relativamente desconhecida, que deverá ter produzido em La Graufesenque entre 40 e 70 d.C. Os punções parecem referir-se a *Va*(*lerivs*) *Va-*, podendo também associar-se a uma *peregrinvs* cujas primeiras letras sejam *Va-*. O fragmento de *Conimbriga* apresenta o punção 1a estampado no fundo de uma taça de forma Drag. 27, Este foi exumado durante a escavação dos contextos de construção das termas de Trajano (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 337). Este fragmento é o único na província, sendo que em todo o mundo romano se conhecem menos de meia centena de marcas (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 491 – *Frontinvs*

Officina de grande capacidade de produção, que operou em La Graufesenque entre 70 e 95 d.C. Esta *officina* destaca-se pela sua produção de peças decoradas, produzindo moldes, e sendo o próprio *Frontinvs* o autor das decorações que ornamentavam as taças fabricadas pela sua *officina*, como se denota nas suas assinaturas em cursivo. O fragmento **nº 491** apresenta o punção 1a grafado no fundo de um prato com a forma de Drag. 18, tendo sido exumado na escavação do contexto de construção das termas de Trajano (Hartley & Dickinson 2008; Polak 2000; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 271). Na *Lvsitania*, esta *officina* encontra-se representada em *Ebvrobrittivm* (**nº 642** - Silva 2013, 706), *Salacia* (**nº 3165** - Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 31), *Collipo* (**nº 3763** - Silva 2013, 705) e em Portalegre (**nº 3764** - Silva 2013, 705; Ruivo 1999). Fora da *Lvsitania* os vasos desta *officina* encontram-se distribuídos de acordo com o padrão normal da *terra sigillata* de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 496 – *Avitvs* II

Officina que poderia pertencer a *Flavivs Avitvs*, antes deste obter a cidadania (ainda que isto não seja certo). Esta *officina* fabricou em La Graufesenque e Le Rozier entre 60 e 80 d.C. O fragmento **nº 496**, único na *Lvsitania*, apresenta o punção 9b estampado no fundo de uma taça de forma Drag. 24/25, tendo sido exumado no contexto da construção do fórum flávio. A distribuição desta *officina* encontra-se maioritariamente no sul da *Britannia* e no ocidente do *Limes Germanicvs* (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 263).

Nº 500 – *Amandvs* II

Officina que produziu vasos em La Graufesenque, entre 30 e 65 d.C., sendo esta difícil de distinguir da sua homónima, *Amandvs* III, que produz decorações diferentes de acordo com o período. O fragmento de *Conimbriga* foi inicialmente mal desenhado nos "*Fouilles*", apresentando um ponto entre o "F" e o "M", lendo-se "OF.ΛM(…)". Devido ao estilo de letra característico, tamanho e grafia, foi possível equiparar esta marca ao punção 3d de *Amandvs* II. Este fragmento foi exumado no contexto de construção das termas de *Trajano* (Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 300). Na *Lvsitania* encontramos fragmentos criados por esta *officina* em *Olisipo* (**nº 741** & **902** - Silva 2005; 2013, 225–463), *Avgvsta Emerita* (**nº 1685** - Mayet 1978, nº 33) e nos arqueossítios de Quinta da Barradinha (Alenquer) (**nº 1207** - Silva 2013, 515) e Represas (Beja) (**nº 3550** - Ribeiro 1959a, nº 80). Fora da *Lvsitania* os vasos desta *officina* encontram-se distribuídos de acordo com o padrão normal da *terra sigillata* de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008).

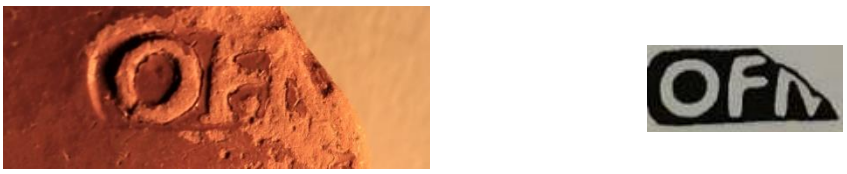


Figura 5: Fotografia do fragmento nº 500 e desenho apresentado no "*Fouilles de Conimbriga*" (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 300).

Nº 506 – *Felix* I -*Sev*-

A associação entre *Felix* I e *Sev*(*ervs*?) parece mais uma parceria do que uma relação entre feitor e capataz, devido ao grande número de punções assinadas com estes nomes. Esta parceria produziu vasos em La Graufesenque, entre 50 e 75 d.C. O exemplar **nº 506** apresenta o punção 1a estampado no fundo de uma taça de forma Drag. 27. Este foi recuperado durante a escavação dos níveis de fundação do fórum flávio, sendo o único exemplar na provincia. Isto parece dever-se ao facto desta *officina* exportar pouco volume de cerâmica, maioritariamente para o *Limes Germanicvs* e a *Britannia* (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 267).

Nº 507 & 522 – *Ivllinvs* I

Ivllinvs I denomina uma *officina* que produziu vasos em La Graufesenque, entre 65 e 110 d.C., sendo um dos produtores tardios. O fragmento **nº 507** apresenta o final do punção 3b "(…)ИИ", tendo sido recuperado dos níveis de construção das termas de *Trajano* (apesar de ser uma dos seus punções mais antigos). O fragmento **nº 522** apresenta o punção 9a estampado

no fundo de uma taça de forma Drag. 27 (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 277 e 278). Na *Lvsitania*, o único outro sítio com uma marca desta *officina* publicada é *Olisipo* (**nº 940** - Silva 2005; 2013, 462–63). Esta *officina* mostra uma distribuição típica das *officinae* de La Graufesenque, podendo talvez apontar-se uma preferência para o *Limes* e a *Britannia*, negligenciando a *Gallia* (Hartley & Dickinson 2008; Silva 2013, 439).

Nº 510 – *Dodo-*

Officina de nome abreviado e desconhecido, que parece ter fabricado vasos em La Graufesenque, entre 20 e 50 d.C. O fragmento **nº 510** apresenta o punção 1a carimbado no fundo de uma taça de forma Drag. 27. Este foi exumado durante a escavação do contexto de destruição das latrinas do fórum. O único outro fragmento desta *officina* publicado na *Lvsitania* provém de *Avgvsta Emerita* (**nº 1848** - Bustamante Álvarez 2009, nº 22). Esta *officina* apresenta um volume de produção muito escasso, conhecendo-se menos de quinze fragmentos em todo o mundo romano (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 255).

Nº 511 – *Annivs* I

Officina obscura devido ao seu pequeno volume de produção, e pela facilidade com que outros nomes são confundidos com estes. O exemplar de *Conimbriga*, **nº 511**, apresenta uma marca onde se pode distinguir "AИИII", ainda que o "A" se encontre danificado, e o último "I" esteja impresso levemente. Parece, portanto, ser um exemplar marcado com o punção 2a de *Annivs* I, cujo único outro exemplar conhecido é de Colchester. Na *Lvsitania* existe outro paralelo, em *Olisipo* (**nº 905** - Silva 2005; 2013, nº 462-463). Parece então que das oito marcas desta *officina* conhecidas, duas encontram-se na *Lvsitania* (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 238).

Nº 512 – *Firmo* II

Officina que operou em La Graufesenque entre os anos 60 e 85 d.C. O fragmento **nº 512** apresenta o punção 8b estampado no fundo de uma taça de forma Drag. 24/25, recuperada durante a escavação do contexto de construção das termas de *Trajano*. Na *Lvsitania*, esta *officina* está representada em *Ammaia* (**nº 1404** - Quaresma 2021, Fig. 44 nº 292), *Avgvsta Emerita* (**nº 1730** - Mayet 1978, nº 78) e no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3334** - Ribeiro 1959a, nº 101; Lopes 1994, 1928). Fora da provincia, o seu mercado preferencial é a *Britannia*,

ao contrário do seu homónimo mais antigo, *Firmo* I, que apresenta uma clara preferência pela *Gallia* e pelo *Limes* (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 269).

Nº 513 – *Carvs* II

Carvs II designa uma *officina* de pouco volume de produção que fabricou vasos em La Graufesenque, entre 30 e 55 d.C. O fragmento **nº 513** apresenta o punção 16a "CARI:·F" estampado no fundo de uma taça de forma Drag. 27. É o único exemplar desta *officina* na província, sendo que a distribuição do pequeno volume de produção desta *officina* se concentra, sobretudo, no *Limes Germanicvs* e na *Gallia* (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 251).

Nº 526 – *Bellicvs* I

Officina de La Graufesenque, atestada nos depósitos de Cluzel 15 e na fossa de *Gallicanvs*, que deve ter operado entre 45 e 70 d.C. O fragmento **nº 526** apresenta o punção 4a, lendo-se "(…)ELLICI", tendo sido recuperado na escavação do pavimento das ruas anexas ao fórum flaviano. Este é um de dois fragmentos encontrados na *Lvsitania* desta *officina*, estando o outro publicado no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3383** - Ribeiro 1959a, nº 33; Lopes 1994, nº 4002). Apesar da sua cronologia, e médio volume de produção, encontra-se totalmente ausente da *Britannia*, estando representado no *Limes Germanicvs* e na *Gallia*, especialmente no porto de *Narbonne* (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 266).

Nº 527 – *Formosvs*

Formosvs designa uma *officina* que manufaturou pratos em La Graufesenque, entre as datas de 40 a 70 d.C., estando atestado na fossa de *Gallicanvs*. O fragmento **nº 527** apresenta o seu punção 2a estampado no fundo de um prato, tendo sido exumado durante a escavação do contexto de destruição pós-romano da insula de *Andercvs*. Este é um de dois fragmentos encontrados na *Lvsitania* desta *officina*, estando o outro publicado em *Avgvsta Emerita* (**nº 1664** - Bustamante Álvarez 2009, nº 24; 2010; 2014b). Esta *officina* apresenta um volume de produção reduzido, e encontra-se presente na *Gallia*, *Britannia* e *Germania*, sempre em quantidades módicas (Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 270).

Nº 533 – *Maccarvs* I

Maccarvs I designa uma das mais prolificas *officinae* do período Tibério-cláudio (30 – 65 d.C.) em La Graufesenque. O fragmento **nº 533** apresenta o punção 6a "OFI·MACCA(…)", num fundo indeterminado (Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 288). Esta *officina* encontra-se bem representada na *Lvsitania*, com exemplares em *Ebvrobrittivm* (**nº 667**), *Olisipo* (**nº 807** & **949** - Silva 2005; 2013, 365–693), *Avgvsta Emerita* (**nº 1753** - Mayet 1978, nº 103), *Mirobriga* (**nº 2941**, **2942**, **2943** & **2944** - Quaresma 2012, 112–13) e nos arqueossítios de Vale dos Tijolos (Almeirim) (**nº 1225** - Mendes, Pimenta & Silva 2017), Azeitada (Almeirim) (**nº 1252** - Silva 2013, 645), Mesas do Castelinho (Almodôvar) (**nº 3653** - Viegas 2019, nº 98) e Monte de São Francisco (Saturnino) (**nº 3765** - Carneiro 2004; Silva 2013, 353). Também curioso observar que o seu volume de exportação para o *Limes Germanicvs* ocidental é relativamente pequeno, especialmente quando comparado com os seus outros mercados preferenciais, da *Britannia* e da *Gallia* (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 534 – *Ivstvs* I

Officina que produzia vasos em La Graufesenque, entre 60 e 85 d.C., parecendo vender ou trocar moldes com o oleiro *Sex. Ivlivs Ivcvndvs* e, por consequência, a sua *officina* de *Ivcvndvs* III. O fragmento **nº 534** apresenta o punção 12a estampado no fundo de um prato, tendo sido exumado no contexto da canalização do fórum flávio (Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 279). Na *Lvsitania*, este oleiro está atestado em *Avgvsta Emerita* (**nº 1743** & **1744** - Mayet 1978, nº 92 e 93) e *Balsa* (**nº 2899** - Nolen 1994; Viegas 2011, 318). Esta *officina* produziu um volume médio de vasos, sendo a sua dispersão típica das *officinae* de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 535 – *Bilicatvs* (*Bilicatos*)

Juntamente com a *officina* de *Acvtvs* I esta é uma das *officinae* mais antigas e duradouras de La Graufesenque, produzindo vasos de *terra sigillata* entre 10 a 50 d.C. Existem punções conjuntas destas *officinae* designadas "*Acvtvs* I – *Bilicatvs*", e a sua distribuição é semelhante, podendo isto significar uma partilha de intermediários. Devido a esta associação, pensa-se que *Bilicatvs* iniciou carreira como um oleiro contratado ou subordinado à *officina* de *Acvtvs* I. Após isto inicia uma carreira independente com a sua própria *officina*, contratando três outros oleiros (Hartley & Dickinson 2008, Vol. II).

O fragmento **nº 535** apresenta o punção 4a estampado no fundo de um prato. Na *Lvsitania*, esta *officina* encontra-se também atestada em *Olisipo* (**nº 914** - Silva 2005; 2013, 462–63), *Baesvris* (**nº 2874** - Viegas 2011, 433) e nos arqueossítios de Represas (Beja) (**nº 3295** - Lopes 1994, nº 433) e no Sítio da Lezíria (Castro Marim) (**nº 3638** - Arruda & Dias 1985, Est. III nº 4[22]). A sua distribuição, semelhante a *Acvtvs* I, mostra uma preferência pela *Gallia Aqvitania*, com uma proporção elevada também no *Limes Germanicvs* e na *Britannia* (Hartley & Dickinson 2008).

Nº 536 & 538 – *L. C- Celsvs*

L. C- Celsvs foi o oleiro mais significativo da sucursal de Le Rozier, não tendo operado em La Graufesenque (sendo um dos poucos a estar somente atestado na sucursal) e sendo particularmente descuidado, pois parte e danifica punções mais frequentemente que o normal. Este oleiro produziu vasos decorados, apesar de não ser ele o fabricante dos moldes, entre 50 e 75 d.C. Os fragmentos **536** e **538** apresentam o mesmo punção, 3a, em que se lê "L·C·C·ELS·I:Ɵ", e foram ambos recuperados no contexto do pavimento das termas de Trajano. O fragmento **nº 536** é uma taça com a forma de Drag. 33. Estes fragmentos são os únicos desta olaria na *Lvsitania*, sendo a sua distribuição típica dos oleiros de La Graufesenque, com especial incidência no *Limes Germanicvs* (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 252 e 253).

Nº 543 – *Cacabio* (*Cacabvs*?)

Officina de curta duração e pouco volume de exportação, produzindo em La Graufesenque entre 40 e 60 d.C., estando representado na fossa de *Gallicanvs*. O fragmento **nº 543** apresenta o punção 1a estampado num fundo indeterminado, recuperado na escavação do pavimento das ruas anexas ao fórum flávio. O fragmento de *Conimbriga* é um de dois exemplares na *Lvsitania*, estando o outro em *Avgvsta Emerita* (**nº 1673** - Bustamante Álvarez 2009, nº 10; 2010; 2014b). Não se conhecem mais de vinte fragmentos desta *officina*, para além dos presentes na *Lvsitania* (Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 282).

[22] As autoras do artigo identificam a marca como pertencendo a "*Stabilio*" de Arezzo. No entanto, por não encontrar correspondência, e pela marca ser exatamente igual ao punção 6a de *Bilicatvs*, esta marca foi identificada como tal.

Nº 598 – *Anivs*

Anivs denomina uma *officina* sudgálicas indefinida, que se pode de facto tratar de várias *officinae* ou oleiros, que provavelmente produziram vasos em La Graufesenque. O fragmento **nº 598** apresenta uma marca em que se lê "ANII", sendo semelhante ao punção 6a do oleiro sudgálico. Na *Lvsitania*, esta *officina* está atestada em *Olisipo* (**nº 904 -** Silva 2005; 2013, 462–63) e nos arqueossítios da Necrópole de Paredes (Alenquer) (**nº 1211** - Barbosa 1970, 29) e em Represas (Beja) (**nº 3324** & **3427** - Lopes 1994, nº 3324 e 3427). Fora da *Lvsitania*, só se conhecem quatorze marcas de oleiro seguramente pertencentes a esta *officina* (Hartley & Dickinson 2008; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 237).

Nº 599 – *Felix* I

Officina que fabricou vasos em La Graufesenque e em Le Rozier, entre 55 e 85 d.C. O fragmento **nº 599** apresenta o punção 4a estampado no fundo de um prato com a forma Drag. 18, tendo sido recuperado durante a escavação da canalização do fórum flávio. Na *Lvsitania*, esta *officina* está atestada em *Ebvrobrittivm* (**nº 678** – Silva 2013, 690), *Olisipo* (**nº 1091** – Silva 2013, 295), *Capera* (**nº 1458 -** Alcón 2001, L. I nº 28) e no arqueossítio de Troia (Setúbal) (**nº 3584 -** Baltasar 1985). Fora da província, este oleiro parece ter exportado grandes volumes de *terra sigillata*, sendo que a distribuição desta se assemelha a distribuição padrão da *terra sigillata* de La Graufesenque, com preferência pelos mercados da *Gallia*, *Britannia* e *Limes Germanicvs* (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 265).

Nº 600 – *Eron-*

Oleiro que produziu, ou exportou, pouquíssimos volumes de *terra sigillata*, provavelmente a partir de La Graufesenque, entre 40 e 70 d.C. O fragmento **nº 600** apresenta uma marca fragmentária "IIR$\underline{\underline{\text{O}}}$(…)", correspondendo ao punção 1b. Esta marca encontra-se no fundo de uma Drag. 24/25. Este fragmento é um dos sete conhecidos em todo o mundo romano (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 259).

Nº 602 & 3756 – *Lentinvs* I

Lentinvs I foi uma *officina* que deverá ter produzido em La Graufesenque, por vir mencionado numa das listas de fornada, algures no século I d.C. Em todo o mundo romano, só

se conhecem três fragmentos com marcas de oleiros criadas pelos seus punções, estando dois deles em *Conimbriga*. Tratam-se de dois pratos idênticos, em tamanho e forma (Drag. 15/17), que apresentam o punção 1a marcado no seu fundo. Foram também exumados da mesma unidade estratigráfica, o que é curioso, tendo como contexto o pavimento das ruas anexas ao fórum flávio. O terceiro também se encontra na *Lvsitania*, tendo sido exumada no Alto da Cidreira (Cascais) e publicada por Nolen (**nº 1205 -** 1988, 74) que no entanto não a ilustrou (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Nolen 1988, 74; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 284; Marichal 1981).

Nº 603 – *Lepidvs* II

Officina primordial e de reduzida exportação de La Graufesenque que produziu *terra sigillata* entre 15 e 45 d.C. O fragmento **nº 603** não corresponde a nenhum punção conhecido, sendo provavelmente nova. Lê-se "FLƎPI(…)", não deixando muitas dúvidas quanto ao nome impresso. Esta marca está estampada no fundo de uma Drag. 27, tendo sido exumada do contexto do pavimento das ruas anexas ao fórum flávio. Na *Lvsitania* este oleiro está atestado em *Olisipo* (**nº 941** – Silva 2005; 2013, 463) e nos arqueossítios de Represas (Beja) (**nº 3407** – Lopes 1994, nº 5042) e Troia (Setúbal) (Sousa 1996, nº 2). Fora da *provincia* a sua distribuição é típica dos oleiros iniciais de La Graufesenque, com uma diminuta presença na *Britannia*, e uma supremacia em *Narbonne* e no *Limes Germanicvs* (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 286).

Nº 605 – *Rvtaenvs*

Oleiro que veio a formar *officina* já relativamente tarde na sua carreira. Produziu vasos de *terra sigillata* em La Graufesenque entre 50 e 65 d.C. O fragmento **nº 605** apresenta o punção 4a marcado no fundo de uma taça de forma Drag. 27, recuperado durante as escavações da canalização do fórum flávio. Este é o único fragmento conhecido na península, com uma distribuição esparsa, maioritariamente na *Britannia*, *Limes Germanicvs* e *Gallia* (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 331).

Anepigráficos, duvidosos ou não identificáveis

Foram identificados 255 fragmentos de *terra sigillata* com marca de oleiro em *Conimbriga* fabricados em olarias sudgálicas. Não foi possível atribuir *officina* a 106 destes fragmentos, sendo que alguns parecem ser ou grafomorfos, ou apresentam marcas típicas de certas *officinas*, mas devido ao dano sofrido, causam uma incerteza suficiente para se inserirem

neste grupo. Destes 106, 79 estão tão reduzidos ou fragmentados que não apresentam qualquer esperança de identificação segura (normalmente restando apenas os cantos da marca, ou apenas uma letra).

O fragmento **nº 116** apresenta as letras "RO(…)", bastante semelhantes ao punção 1a de *Rogatvs*, que fabricou vasos em La Graufesenque, entre 30 e 50 d.C. No entanto, devido à natureza incompleta da marca, decidiu-se deixar este oleiro como indeterminado. O fragmento **nº 330**, em que se lê "O(…)INI", não foi possível identificar devido à sua semelhança a várias *officinae* com punções semelhantes. Já o fragmento **nº 334** apresenta paralelos idênticos no punção 3d de *Amandvs* II, que produziu em La Graufesenque entre 30 e 65 d.C. No entanto, lê-se somente "ΛMN(…)", omitindo o "OF." que caracteriza o punção mencionado, apesar das restantes letras serem iguais, podendo tratar-se, talvez, de um punção 3d partido nos cantos (Hartley & Dickinson 2008).

O fragmento **nº 332** está mal impresso ao ponto de ser quase ilegível, parecendo ler-se "OXFE", podendo possivelmente ser um punção grafomorfo, ainda que sem paralelos. O mesmo acontece com a marca **nº 302** e com a marca **nº 335**, onde só se consegue ler "ATI(…)", apesar de a marca se encontrar completa. Já o fragmento **nº 336** é muito provavelmente grafomorfo, lendo-se "IIVII", ou "IIMI", ou ainda "IINV", sendo um dos traços quase impercetível. Existem punções parecidos a esta marca, como *Levivs* (*Levvs*?), *Ave I*, *Avitvs* II, entre outras, mas que não correspondem exatamente, sendo meramente parecidos (Hartley & Dickinson 2008). Em tudo semelhante a este é o fragmento **nº 348**, em que se lê "IVIII", ou "IIIΛI", também este grafomorfo.

O fragmento **nº 341** apresenta a marca incompleta "OFI.I(…)", podendo pertencer a qualquer um dos *Ivcvndvs*, ou a outras *officinae* cuja primeira letra seja "I". A marca **nº 345** é mais enigmática, parecendo mal impressa. Lê-se "VOKIL", ou "T.IOΛ", dependendo da orientação da marca. Inicialmente pareceu tratar-se de uma marca de *Volvs*, que fabricou em La Graufesenque entre 35 e 50 d.C. (Hartley & Dickinson 2008). No entanto, não se encontrou correspondência para esta marca, e a grafia peculiar parece excluir-lha de ser grafomorfa. Não se apresentam hipóteses interpretativas de momento.

O fragmento **nº 419** apresenta uma marca semicircular com as letras "CO" no fundo de uma taça com a forma de Ritt. 8. A marca encontra-se bastante mal impressa, pelo que identificação da *officina* ou oleiro foi impossível, sendo a proveniência atribuída pela pasta e

pela forma do fragmento (Py 1993). O fragmento **nº 428** apresenta uma marca incompleta, em que se lê "(…)MA" no fundo de uma taça de forma Drag. 24/25. O estilo de letra é distinto o suficiente para fazer querer tratar-se do punção 7b de *Senomant-*, oleiro que operou em La Graufesenque entre 30 e 60 d.C. No entanto, devido às incertezas quanto ao próprio punção 7b, que se conhece apenas pelos desenhos de Hermet, decidiu-se que este punção permaneceria como não identificado (Dragendorff 1896; Hartley & Dickinson 2008; Hermet 1934).

As marcas **nº 458**, **463**, **468** e **521** parece, ser grafomorfas, lendo-se respetivamente "VIN", "VII", "IIVA" e "IINI", com a penúltima podendo-se tratar de *Evanvs*, ainda que sem qualquer correspondência. A marca **nº 490**, incompleta, é exatamente igual ao punção 1a de *Maccarvs* I. No entanto, por se ler apenas "(…)RVS", e por outros oleiros apresentarem grafia semelhante, decidiu-se manter em aberto a identificação desta marca. O fragmento **nº 499** apresenta uma marca em que se lê "MAI", estampada no fundo de uma taça de forma Drag. 27. O desenho do "*Fouilles*" está mal-executado, atribuindo uma perna de "L" ao último "I", lendo "MAL", que claramente não corresponde ao exemplar. No tomo de referência "*Names on Terra Sigillata*", a única entrada que os autores dão como sendo deste oleiro é exatamente o fragmento **nº 499** de *Conimbriga*. Ou seja, o desenho errôneo da publicação levou a uma entrada no tomo de referência errônea, reforçando a necessidade de registo cuidado, com bastantes redundâncias de segurança (Hartley & Dickinson 2008; Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, nº 290).

Figura 6: Fotografia do fragmento nº 499 e ilustração do "*Fouilles de Conimbriga*" (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, nº 290)

Na marca **nº 504** é possível ler ":MIT.I:". A escrita aponta para uma origem na *officina* de *Mitvs* I (*Mitvsvs*). No entanto, devido a uma falta de exemplares para comparação, e à raridade desta *officina*, preferiu-se não atribuir proveniência (Hartley & Dickinson 2008). Já a marca **nº 517**, onde se lê "IIVA(…)" não foi atribuída devido à sua semelhança aos punções de dois oleiros, *Evanvs* e *Nivalis* III. A marca **nº 518**, em que se lê "GA(…)" parece ser o punção 4a de *Gallvs* II (oleiro em La Graufesenque entre 50 e 70 d.C.), mas pela natureza incompleta da marca, e pela semelhança entre punções que começam com "GA", foi deixada como não identificada (Hartley & Dickinson 2008). A marca **nº 520** apresenta o texto "EME",

tendo sido inicialmente atribuída a Eme-, mas posteriormente descartada por não se conhecer nenhuma marca dessa *officina* com a grafia presente (Hartley & Dickinson 2008).

3. *Terra Sigillata* Hispânica

Nº 73 & 178 – *Fvlvivs Paternvs*

Desconhece-se se este nome se refere a um oleiro, a um conjunto de oleiros, ou a uma *officina*, visto que o estudo da *terra sigillata* hispânica se encontra numa fase relativamente embrionária. Foram encontradas marcas assinadas só por *Fvlvivs* e só por *Paternvs*, não se sabendo se os vasos com a presente marca tratam, ou não, de uma associação entre os dois oleiros ou simplesmente de homónimos. O nome do oleiro poderia ser *G. Fvlvivs Paternvs*, ou ainda *G. Fvlvivs Paternvs Festvs*, utilizando o duplo cognome, assinando com várias abreviaturas (Bustamante Álvarez 2010, 186; Mayet 1984, 199). O mesmo acontece para marcas semelhantes, com mais do que um nome mencionado (como *Paternvs Ale*(), *G. Fvlvivs Paternvs Festvs*, etc…). Devido a tudo isto, todas as marcas serão tratadas como pertencendo a *officinae*, sendo que uma associação de dois oleiros independentes pode incluir-se neste termo.

A marca **nº 73** lê-se "(…)VLV·P(…)", correspondendo à punção M.212, tendo sido recuperado durante as escavações antigas, desprevenido de contexto. A marca **nº 178**, exumada durante as intervenções de Mayet na casa dos repuxos, apresenta o punção M. 213 (sendo de facto o exemplar desta publicação), estampado no fundo de um prato com a forma Drag. 15/17 (Mayet 1984, Pl. CCXI, nº 213; 1973, nº 28; Dragendorff 1896). Para além dos exemplares de *Conimbriga*, foram encontrados quatro fragmentos em *Avgvsta Emérita*, três dos quais em contextos datados de 80 – 105 d.C., na Rua Almendralejo 41 (**nº 2077**, **2078**, **2079** & **2496** - Bustamante Álvarez 2010, 194; Mayet 1984, 136 nº 211). Na *Lvsitania* encontra-se ainda um fragmento em Torre de Águila (Badajoz) (**nº 2844** - Martín 1993). Fora da *Lvsitania*, esta *officina* de *Tritivm Magallvm* encontra-se representada em *Volubilis*, Tossal de Manises e *Bracara Avgvsta* (Mayet 1984, 136; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 102).

Nº 96 & 221 – *Brito*

Os punções deste oleiro parecem estar sempre no nominativo, sendo que o termo "OF", sempre presente no início das marcas, indica o estatuto de *officina*. Não se sabe se existiria uma associação entre este *Brito* e *Attivs Brito*, ou *Octavivs Brito*, sendo bem possivel que se tratasse da mesma *officina*, trabalhando em colaborações. É ainda possível que este oleiro seja o mesmo oleiro que *Brittonis*, escrevendo o seu nome por vezes com um "T", e por vezes com dois. No entanto, por não existirem certezas sobre nenhuma das afirmações anteriores, cada oleiro foi diferenciado de outras variantes do mesmo nome.

A marca **nº 96** apresenta o punção M. 74 estampado no fundo de uma taça, ao passo que o fragmento **nº 221**, recuperado durante a escavação da Casa dos Repuxos, apresenta o punção M. 73 (Mayet 1984, 122 nº 73; 1973, nº 7). Na *Lvsitania* esta *officina* está atestada em *Avgvsta Emerita*, onde seis dos sete fragmentos são taças da forma Drag. 27, exumados do contexto da Rua Almendralejo 41, datados de entre 80 e 100 d.C. (**nº 1938**, **1939**, **1940**, **1941**, **1942**, **1943**, **1944** & **2465** - Bustamante Álvarez 2010, 190; Mayet 1984, 123), bem como em no arqueossítio da Herdade do Reguengo (Vaiamonte), em contextos funerários (**nº 3720** & **3733** - Caeiro 1979, Estampa A; Mayet 1984, 123). Fora da *Lvsitania*, esta *officina* de Arenzana de Arriba (La Puebla – *Tritivm Magallvm*) encontra-se representada em *Cotta*, Astorga, Mallén e *Bracara Avgvsta* (Mayet 1984, 122-3; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 94[23]).

Nº 103 & 214 – *Fvlvivs*

Trata-se possivelmente da mesma entidade que *G. Fvlvivs Paternvs Festvs*, sem que a associação (se alguma) seja clara. Este *nomen* possui origem itálica, mas está muito bem representado na epigrafia da Península Ibérica (Mayet 1984, 198). Os exemplares de *Conimbriga* apresentam ambos a fórmula "OF(*ficina*)", indicando que se trataria, já nesta altura, de uma *officina*. Para ambos não se encontrou nenhum punção de referencia correspondente, ainda que as leituras de "(…)FFVL(…)" e "EXOFFVL" (respetivamente) não apresentem muitas dúvidas quanto ao oleiro que as produziu. O segundo fragmento, exumado durante a escavação da Casa dos Repuxos, apresenta a forma de Drag. 27 (Mayet 1973, nº 27; Dragendorff 1886).

[23] Supostamente há um fragmento em Lisboa, no entanto, isto parece ser confusão devido aos fragmentos da Herdade do Reguengo (Vaiamonte) que, por estarem armazenados no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa) são frequentemente publicados como sendo de Lisboa, apesar de não ser essa a sua proveniência.

Na *Lvsitania*, encontramos fragmentos desta *officina* em *Capera* (**nº 1434** e **1435** - Alcón 2001, nº 4 e 5), *Avgvsta Emerita* (**nº 2495** - Mesquíriz 1985; Fernández Miranda 1970; Mayet 1984, 210) e no arqueossítio do Monte de S. Francisco (Fronteira) (**nº 3562** - Carneiro 2004, fig. 49; Carneiro & Sepúlveda 2011, 2.9). Em nenhum dos casos foi possível atribuir datação, e em *Capera* destaca-se o uso do genitivo "FVLVI". Fora da *Lvsitania*, esta *officina* de *Tritivm Magallvm* encontra-se representada somente em *Volubilis* (Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 102).

Nº 146, 190, 191, 193, 198, 203, 206, 254, 261, 279, 298, 301, 313, 320, 322, 364 & 415 - *Valerivs Paternvs*

Tratamos agora do que é sem dúvida a *officina* com a maior produção de toda a Hispânia, e em termos de representatividade, a mais atestada de toda a *Lvsitania*. Primeiramente, estas marcas devem-se referir a uma *officina* e nunca a uma única pessoa, sendo que tanto o número de vasos produzidos como a cronologia (com quase 110 anos de atividade oleira, entre 90 e 200 d.C.) não o permitem. Em segundo lugar, devido ao uso constante das fórmulas "OF(*ficina*)" e "EXOF(*fficina*)". Mayet afirma que esta *officina* seguiria um modelo estritamente hierárquico, com o próprio *Valerivs Paternvs* à cabeça.(Mayet 1970, 35). Esta ideia de que *Valerivs Paternvs* seria o dirigente da *officina* só se aplica no início, sendo improvável que uma pessoa seja capaz de gerir uma *officina* grande por mais de 100 anos. Talvez se tenha tornado um negócio familiar, ou herdado pelos seus libertos.

Bustamante afirma que se poderia tratar de uma comuna, ou associação de oleiros, devido ao alto número de punções (Bustamante Álvarez 2010, 201–5). Apesar de ser evidente que se trata de uma *officina* com mais do que uma pessoa, o alto número de punções não contribui para essa ideia, visto que não sabemos se a produção de punções era delegada a um ou mais membros da *officina*. Desconhecemos também o objetivo dos diferentes punções, podendo ser somente para substituir punções partidos, ou para marcar diferentes tipos de produtos (como ocorre, por exemplo, em *Albinvs* III de La Graufesenque (Hartley & Dickinson 2008)). Diferentes punções podem ainda ter sido utilizadas em diferentes olarias (sendo que esta officina operou em *Tritivm Magallvm*, Arenzana de Arriba e talvez outras). Em geral, o número de diferentes punções numa *officina* não se pode correlacionar com o número de oleiros que nela operavam, pois, a produção de punções poderia ser um trabalho especializado com um objetivo específico. De La Graufesenque sabe-se que os oleiros que assinavam com

umo punção encontravam-se numa minoria, através das listas de fornadas (Dannell 2002; Marichal 1981).

Bustamante refere também três distintas fases cronológicas para a operação da *officina*, diferenciando os modos da sua operação interna, através de diferenças formais nos vasos e nas respetivas marcas de oleiro. Esta ideia apoia-se, em parte, em estudos prévios de Linde. Uma teoria derivada destas fases cronológicas é que a *officina* de *Valerivs Paternvs* evoluiu de uma comuna de oleiros desorganizada, sem uma imagem corporativa homogénea para uma maior organização e estandardização, na sua segunda fase (Bustamante Álvarez 2010, 200–205; Linde 1996). Sendo estes estudos estratigráficos, dificilmente se questiona a sua veracidade. No entanto, algumas observações quanto aos punçãos, e as conclusões que derivam do seu estudo, são necessárias.

Desde a primeira fase à última fase, as marcas que resultam dos punçãos são incrivelmente semelhantes entre si, mas raramente iguais. Parece difícil que um punção seja utilizado 3-4 vezes, e que imediatamente se torne inutilizável e se crie outro basicamente igual (podendo isto dever-se às publicações ao invés da peça). No entanto, desde o início da produção é possível distinguir dois tipos de punção desta *officina*. O primeiro apresenta uma letra mais elaborada (tipicamente - "EXʘFVʎPΛ", B.370, 371, 381, 389, 393, 408, 414), normalmente com um ponto no centro do "O" e um "ʎ" a substituir o primeiro "A", utilizando a forma "EXOF". O segundo tipo é mais simplificado, tipicamente uma variação de "OFVΛPΛ", sempre muito semelhante (Bustamante Álvarez 2010, Anexo I). Isto parece apontar para um mínimo de dois oleiros encarregues de fabricar punções. Na opinião do autor, um estudo detalhado não só das marcas, mas dos punçãos, torna-se imperativo para o caso de *Valerivs Paternvs*.

Ainda outra teoria prevalente é a de sucursais de *Valerivs Paternvs*, sendo apontados sítios prováveis como *Avgvsta Emérita*, Andújar, ou outros sítios, baseando-se sempre na grande percentagem de fragmentos em relação aos outros oleiros (Mayet 1970; 1984; Bustamante-Álvarez 2010; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999). Isto parece apressado, visto que este oleiro aparece sempre em proporções de semelhante superioridade numérica, sempre que o conjunto é grande o suficiente. O caso extremo de *Avgvsta Emérita* dever-se-á ao excecional consumo desta cidade, e do seu papel enquanto centro de redistribuição. Para além disto, mesmo que o consumo fosse excecionalmente alto apenas em um centro de consumo, poderíamos estar perante uma relação de contratos com intermediários de

abastecimento que daria preferência a esta *officina*, e não exatamente devido a uma sucursal nas proximidades do centro de consumo, ou dentro deste (Fulford 2018)[24].

Das treze marcas de *Conimbriga* (**nº 146, 190, 191, 193, 198, 203, 206, 254, 261, 279, 298, 301, 313, 320, 322** & **364**), quatro estão estampadas no fundo de taças da forma Drag. 27, existindo ainda dois fragmentos de pratos com forma Drag. 18, um Drag. 15/17 e uma taça decorada, com forma Drag. 37, cuja marca é Intra decorativa, lendo-se "V(*alerivs*) P(*aternvs*)" com orientação retrograda. De facto, a marca intradecorativa de *Valerivs Paternvs* é frequente na forma Drag. 37, levando a querer que talvez esta *officina* produzisse moldes. Todos os fragmentos se encontram publicados previamente (Mayet 1984; 1976; Etienne, Alarcão & Mayet 1976; Cunha 2009; Margalho 2012). Na *Lvsitania* esta *officina* encontra-se amplamente representada, em *Ebvrobrittivm* (**nº 636** – Silva 2013, 678), *Olisipo* (**nº 1040** - Silva 2005; Ribeiro 2010; Silva 2013, 475–76), *Ammaia* (**nº 1357**, **1358**, **1359**, **1360**, **1361**, **1362**, **1363**, **1364** & **1421** – Quaresma 2021; Mayet 1984), *Avgvsta Emerita* (**nº 2236 – 2421** & **2571 – 2643** – Mayet 1984, 95; Bustamante Álvarez 2010, Anexo I), *Caetobriga* (**nº 2923** – Mayet 1984, 184), *Ossonoba* (**nº 3037** – Viegas 2011, 145), Balsa (**nº 3766** & **3767** – Nolen 1994, nº 9 e 10) *Salacia* (**nº 3141** & **3177** - Beirão et al. 1980; Sepúlveda, Faria & Faria 2000; Faria, Ferreira & Diogo 1987; Mayet 1984), *Vipasca* (**nº 3200** - Ferreira & Andrade 1964; Mayet 1984) e nos arqueossítios de Telhal (Sintra) (**nº 636** – Silva 2013, 527), Póvoa de Mileu (Guarda) (**nº 2669** – Pereira 2012), Cabezo II (Badajoz) , La Orden (Badajoz), Las Termas (Badajoz), Conde III (Badajoz), Torre Águila (Badajoz), La Floriana (Badajoz), Los Lomos (Badajoz), El Castillo (Badajoz), Torre (Badajoz) (fragmentos de Badajoz – **nº 2676 – 2794** – Linde 1996; Martín 1993) , Represas (Beja) (**nº 3448**, **3470**, **3501** & **3529** - Ribeiro 1959a; Mayet 1984; Lopes 1994), Paço Ducal de Vila Viçosa (Vila Viçosa) (**nº 3626**, **3627** & **3628** - Alarcão 1960; Mayet 1984), Torre de Palma (Monforte) (**nº 3688**, **3689** & **3690** - Mayet 1984), Torres Novas (**nº 3766** - Bustamante Álvarez 2010, 204) e na Vila de D. Pedro (Beja) (**nº 3709** - Maia & Maia 1974, 126).

Fora da *Lvsitania* esta *officina* encontra-se atestada em *Arcobriga*, Arementero, *Asturica Augusta*, Banasa, *Baelo Claudia*, Barcino, *Bracara Avgvsta*, Cepedosa, Coca, *Complutum*, El Batanejo, Fuente del Maetro, Guadajira, Hornachos, Iruña, La Cocosa, La Coruña, La Ñorica y El Prado, Lebrija, Liédana, Lixus, *Lucus Augusti*, Hornachos, Sala,

[24] Para se defender o caso para uma sucursal tem que se primeiro encontrar as estruturas de produção da sucursal, e depois provar a produção da *officina* em questão na sucursal, na opinião do autor.

Stocktdat, Riotinto, *Saguntum*, Santa Coloma de Somoza, *Segobriga*, Sevilha, *Tarraco*, Valeria, Valentia, Villafranca de los Barros, Villalaco e Villavieja de Muñó (Bustamante Álvarez 2010, 200–205).

Nº 150, 242, 243, 367 & 400 – *Paternvs Ale*()

Paternvs é um dos nomes mais frequentes nas marcas de oleiro hispânicas, sendo que provavelmente seria comum na população. O mais provável é que existissem vários homónimos, distinguindo-se pelo *nomen* ou *cognomen*. No presente caso não é possível averiguar o *cognomen*, mas trata-se de um oleiro com escrita diferente de outros *Paternvs*. O número de fragmentos e a distribuição destas marcas de oleiro levam a querer que se tratasse de uma *officina*, devido ao alto volume de produção. A sua produção aparece atestada tanto em *Tritivm Magallvm* como em Arenzana de Arriba (La Puebla) (Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999; Mayet 1984). No entanto, não se conhece até agora nenhum uso do termo "OF(*ficina*)" nos seus punções. De facto, os punções que produzem estas marcas apresentam quase sempre o mesmo texto: "PATER·ALE".

Em *Conimbriga* encontra-se atestada por cinco fragmentos, dos quais apenas um (**nº 150**) é inédito. O fragmento **nº 367** foi exumado durante a escavação dos contextos de século IV d.C. das ruas anexas às termas de Trajano, ao passo que o fragmento **nº 400**, uma taça de forma Drag. 27, foi exumado durante a escavação da canalização dessas mesmas termas, ambos durante as campanhas Luso-francesas (Etienne, Alarcão, & Mayet 1976, nº 396 e 397). Já os fragmentos **nº 242**, uma taça com a forma de Drag. 27, e o **nº 243**, uma taça com a forma de Drag. 33, foram exumados durante as escavações anteriores a 1964 (Mayet 1973, nº 55-56).

Esta *officina*, datada de entre 80 – 110 d.C., segundo os contextos da Rua Almendralejo 41. Encontra-se portante atestada em *Avgvsta Emerita* (**nº 2169-2187**, **2544**, **2545** & **2546** - Bustamante Álvarez 2010, nº 296-314; Mayet 1984; Mesquíriz 1985; Fernández Miranda 1970), bem como no arqueossítios de Represas (Beja) (**nº 3446** - Lopes 1994, 178) e Herdade do Reguengo (Monforte) (**nº 3717** & **3731** - Caeiro 1979, nº 9; Mayet 1984, 161). Fora da província conhecem-se marcas desta *officina* em *Italica*, *Lacimurga*, Valencia, Sala, na Villa de Doña María en Badajoz e nas coleções da Universidade de Sevilha e na *Hispanic Society* (Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 117; Bustamante Álvarez 2010, 198; Mayet 1984, 161).

Nº 173, 192, 212, 218 & 225 – *Firmvs Tritiensis*

O nome *Firmvs* é outro nome comum nas produções tritienses. No entanto é difícil distinguir se os vasos de *Firmvs Tritienses* e *Firmvs* são de duas produções diferentes. Ambas as *officinae* apresentam grafia semelhante (e se fosse diferente isso poderia ser evidências de pessoas diferentes a talhar os punções), as suas datações intercetam-se (70 – 155 d.C., 80 – 110 no caso de *Firmvs*) e a única coisa que os parece distinguir é a fórmula da marca de oleiro. "*Firmvs*" assina normalmente com "FIRMIO(*fficina*)", denotando a sua posse sobre a *officina* que produziu o fragmento. *Firmvs Tritiensis* também usa a formúla "OF(*ficina*)" em algumas dos seus punções, mas o texto mais comum é "FIRMITRI(*tiensis*)", utilizando mais uma vez o genitivo. Por motivos de precisão separámos os dois oleiros na análise, mas é necessário relembrar que poderia muito bem ser a mesma *officina*, utilizando punção diferentes.

O uso do adjetivo "*Tritiensis*" merece também análise, sendo provavelmente um método propagandístico que surgiu durante o principado de Vespasiano, de maneira a melhorar as vendas dos produtos de *Trittivm Magallvm*. Isto parece ocorrer à semelhança das marcas *In Planta Pedis* da Itália e das marcas de propaganda falsa "*Arretinorvm*" da *Gallia* do sul (Bustamante Álvarez 2010, 193; Dannell 2002; Oxé, Comfort & Kenrick 2000). Esta noção de "*marketing*" por parte dos oleiros romanos merece atenção, não sendo isolada e tendo precedente. Os fragmentos de *Conimbriga* foram todos exumados durante as escavações antigas, contando com quatro taças, duas das quais com a forma Drag. 27 (**nº 173** e **192**) e uma Drag. 33/46 (**nº 218**) (Mayet 1973; 1984, 133–34).

Na *Lvsitania*, esta *officina* encontra-se representada em *Avgvsta Emerita*, de onde vinte e cinco fragmentos foram recuperados em contextos da Rua Almendralejo 41, datados entre 70 - 155 d.C. (**nº 1989 - 2015, 2488** & **2489 -** Bustamante Álvarez 2010, nº 117-142; Mayet 1984, 133), bem como nos arqueossítios do Vale dos Tijolos (Almeirim) (**nº 1236 -** Mendes, Pimenta & Silva 2017), Represas (Beja) (**nº 3513** – Mayet 1984, 133; Lopes 1994, nº 4932) e Torre de Palma (Monforte) (**nº 3676** – Mayet 1984, 133). Fora da província encontramos esta *officina* atestada em Sevilha, *Volubilis*, Banasa, Lixus, Sala, *Italica* e na coleção González Posada (Bustamante-Álvarez 2010, 193; Mayet 1984, 133; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 100).

Nº 175 & 185 – *Se*() *Nico*()

Estas marcas são relativamente raras, estando de momento atestadas apenas em *Conimbriga* (Mayet 1973, nº 600-602), *Aeminivm* (**nº 27** – Alarcão 1971a; Mayet 1984, 174), *Ammaia* (**nº 1345** & **1346** - Quaresma 2021, nº 463-464) e, fora da província, em Lugo (Sáenz

Preciado & Sáenz Preciado 1999, 126). Normalmente utiliza a fórmula "OF(*ficina*)", indicando a posse da mesma. Os seus nomes são de difícil compreensão, sendo que os seus punções normalmente lêem-se "OF·SE·NICO". Não se encontra atestado em nenhum centro de produção, ainda que os seus fabricos se encontrem no **grupo H.2**, de *Trittivm Magallvm*. Os fragmentos de *Conimbriga* foram todos recuperados durante as escavações antigas, sendo que ambas as marcas se encontram no fundo de taças com a forma de Drag. 27 (Dragendorff 1896; Mayet 1973, nº 600-602)

Nº 176, 233, 244, 245, 247, 249, 250, 251, 376 & 398 – *L. Sempronivs*

Sempronivs é outro dos nomes de origem itálica comuns na produção e distribuição de *Tritivm Magallvm*, Não se sabe se este oleiro, "*Sempronivs*", "*L. Sempronivs Valerivs*" e "*Sempronivs Paternvs*" serão a mesma pessoa (em momentos contemporâneos ou diferentes), homónimos, associações de diferentes oleiros, ou as várias permutações entre estas hipóteses. Para obter clareza de registo, dividiram-se todas as permutações. Os punções lêem-se normalmente como permutações de "OF·L·SEM", sendo que por vezes se apresentam versões alternativas das letras "F" (I'), "L" (ʎ) e "E" (II). O *praenomen* deste oleiro é *Lvcivs*, como indicam os fragmentos **nº 398** e **233** de *Conimbriga*, onde se lê: "(…)O(*fficina*)λV(*civs*)SEM(*pronivs*)" e "O.LV(...)S(...)IIM", respetivamente (Mayet 1973).

Dos fragmentos de *Conimbriga*, oito foram exumados durante as escavações antigas, dos quais se contabilizaram seis taças (duas das quais Drag. 27) e um prato com a forma de Drag. 15/17; ao passo que duos foram exumadas dos níveis de construção das termas de Trajano, aquando das escavações Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 390-391; Mayet 1973, 41–49; 1984). Na *Lvsitania* encontramos esta *officina* atestada em *Aeminivm* (**nº 16** & **20** - A. Alarcão 1971, nº 20 e 24; Mayet 1984), *Capera* (**nº 1445** - Alcón 2001, nº 15) e *Avgvsta Emerita* (**nº 2527** & **2528** - Mayet 1984, 147–48). Já fora da província esta *officina* foi publicada em León, *Volubilis*, *Tarraco*, *Lugo*, Castro de Barbantes, Barcino, Estremera, Sala, Tossal de Manises, *Bracara Avgvsta*, Mallén, Almodovar (Córdoba), *Italica*, Riotinto, El Pradillo e *Bilbilis* (Bustamante Álvarez 2010, 188; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 90; Mayet 1984, 117).

Nº 179 – *Agilianvs*

Agilianvs designa uma *officina* de *Tritivm Magallvm*, atestada nos contextos tardios da Rua Almendralejo 41, datado de entre 150 e 210 d.C. O seu nome deriva do nome "*Agilievs*",

outro oleiro atestado em *Tritivm Magallvm*, mas até agora sem relação com este primeiro (Bustamante Álvarez 2010, 186). Esta *officina* utiliza, ainda que raramente, as formulas "OF(*ficina*)" e "EX OF(*ficina*)", denotando o seu estatuto. No entanto, a assinatura mais comum é simplesmente o genitivo do seu nome "AGILIANI", como apresenta o fragmento **nº 179** de *Conimbriga*, estampado no fundo de um prato com a forma de Drag. 15/17, exumado durante as escavações antigas (Mayet 1973; 1984, 117; Dragendorff 1896).

Na *Lvsitania*, esta *officina* encontra-se representada em *Ebvrobrittivm* (**nº 663** – Silva 2013, 700), *Olisipo* (**nº 714** & **1101** – Silva 2013346; Silva et al. 2013, nº 307), *Avgvsta Emerita* (**nº 1874**, **1875**, **1876** & **2448** - Bustamante Álvarez 2010, nº 1-3; Mesquíriz 1985; Fernández Miranda 1970; Mayet 1984) e no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3466** – Lopes 1994, nº 1206; Mayet 1984, 117). Já fora da província esta *officina* encontra-se atestada em *Sagvntvm*, Torraza, Sala, *Tarraco*, Villareal, Lugo, *Volubilis*, Astorga, *Bracara Avgvsta*, *Arcobriga*, Álava, Albacete, *Baelo Claudia*, Chellah, Lixus, *Segobriga*, e Valência (Bustamante Álvarez 2010, 188; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 90; Mayet 1984, 117).

Nº 180, 211, 216, 224 & 384 – *Flaccvs Tritiensis*

A *officina* de *Flaccvs Tritiensis* é outro exemplo de um nome muito utilizado nas olarias de *Tritivm Magallvm*. Tal como no caso de *Sempronivs*, não é possivel perceber se "*Attivs Flaccvs*" e "*Flaccvs*" são a mesma *officina* que a que usa a marca de "*Flaccvs Tritiensis*", ainda que as marcas sejam todas elas semelhantes. Tratamos *Flaccvs Tritiensis* como uma *officina* devido ao seu elevado volume de produção e exportação. No entanto, estas marcas apresentam sempre uma variação do mesmo texto "FLACCI·TR(*itiensis*)", não utilizando expressões relacionadas com "*officina*". De facto, nenhum dos "*Flacci*" utiliza o termo *officina* nos seus punções.

Dos fragmentos de *Conimbriga*, os três primeiros foram exumados nas escavações antigas, e o último foi exumado durante a intervenção na canalização do fórum flávio, aquando das escavações Luso-francesas. Os fragmentos **nº 180** e **684** têm a forma de pratos, especificamente de Drag. 15/17 (Dragendorff 1896; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, nº 381; Mayet 1973; 1984, 134). Na *Lvsitania* esta *officina* encontra-se representado em *Ammaia* (**nº 1321** & **1322** – Quaresma 2021, nº 363), *Avgvsta Emerita* (**nº 2020**, **2048-2068**, **2492-2494** - Bustamante Álvarez 2010, Anexo V nº 147 e 175-195; Mayet 1984, 135), *Mirobriga* (**nº 3008** – Quaresma 2012, 154) e nos arqueossítios do Paço Ducal de Vila Viçosa (Vila Viçosa) (**nº 3634** - Alarcão 1971; Mayet 1984), Herdade do Reguengo (Monforte) (**nº 3722**, **3723**, **3724** &

3725 - Caeiro 1979; Mayet 1984), Torre de Águila (Badajoz) (**nº 2841** & **2842** - Martín 1993, nº 14 & 15) e no Museu Arqueológico de Sines (Sines) (**nº 3751** - Diogo, Trindade & Costa 1997). Fora da província encontramos estas marcas em Barcelona, Cástulo, Itálica, *Lixvs*, Sala, *Segobriga*, *Tarraco*, Villafranca de los Barros, *Complvtvm*, *Astorga* e *Volubilis* (Bustamante Álvarez 2010, 193-94; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 100; Mayet 1984, 134).

Nº 181 & 373 – *G. Fvlvivs Paternvs Festvs*

Estas marcas, provavelmente resultantes da mesma *officina* que *Fvlvivs Paternvs* (ou de uma associação entre esta e outra), são relativamente raras. Os fragmentos de *Conimbriga* perfazem metade dos fragmentos conhecidos, apresentado sempre uma fórmula semelhante: "EXO(*fficina*)·FVL(*vii*)·PAT(*erni*)·FES(*ti*)". O texto indica que se trataria de uma *officina*, e a fórmula "EXOF" tende a ser mais tardia que a sua contraparte simplificada (Bustamante Álvarez 2010). No caso de *Conimbriga*, a marca **nº 181** encontra-se estampada no fundo de um prato com a forma de Drag. 15/17. Já a marca **nº 373** foi estampada no fundo de uma taça, e exumada do contexto de construção do fórum flávio, durante as escavações Luso-francesas (Mayet 1973, nº 215; Etienne, Alarcão, & Mayet 1976, Vol IV: nº 216; Mayet 1984, 136–37). Este oleiro provavelmente produziu no grande complexo de La Rioja, apresentado fabricos do **grupo Hi.1**.

Fora de *Conimbriga*, apenas se conhece um fragmento em *Avgvsta Emerita*, exumado na unidade estratigráfica 1433 da Rua Almendralejo 41, datada de 100-120 d.C., coincidindo com os outros *Fvlvivs*. O outro fragmento encontra-se em *Bracara Avgvsta* (**nº 2076** - Bustamante-Álvarez 2010, 194–95). É curioso talvez pensa na associação entre "*G. Fvlvivs Paternvs Festvs*" e "*Fvlvivs*" da mesma maneira que se encara "*Ivcvndvs III*" e *Sex. Ivlivs Ivcvndvs*. Tanto as marcas assinadas com *Sex. Ivlivs Ivcvndvs* como *G. Fvlvivs Paternvs Festvs* apresentam menores números e padrões de distribuição, apesar de serem oriundos (especulativamente) da mesma *officina*, talvez por representarem variantes feitas por encomenda, ou uma produção mais reduzida por motivos de *marketing* (Hartley & Dickinson 2008; Oxé, Comfort & Kenrick 2000; Bustamante Álvarez 2010)

Nº 182 & 362 – *Attivs Brittonis*

Officina atestada em *Tritivm Magallvm* (Los Pozos) que parece ter produzido entre 70 e 110 d.C., de acordo com a estratigrafia da Rua Almendralejo 41 (Bustamante Álvarez 2010, 189; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 92). O nome *Britto* indica um possível

homónimo, ou ainda uma mudança de estatuto (ou de punção) nas *officinae* de *Britto*. Este gentilício é bastante comum na Península Ibérica, possuindo raízes celtiberas. O fragmento **nº 182**, com a marca "ATTIBRITTON", estampada no fundo de uma taça de forma Drag. 27, exumada durante a escavação da casa dos repuxos (Mayet 1973, nº 6; 1984, 120–21). Já o fragmento **nº 362** é apenas possível ler "ATT(…)", sendo a marca igual à anterior em grafia e tamanho. Este foi exumado durante a escavação dos contextos de construção do fórum flávio (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 375; Mayet 1984, 121).

Na *Lvsitania*, esta *officina* encontra-se atestada em *Aeminivm* (**nº 15**, **22** & **26** - Alarcão 1971, nº 19, 26 e 30), *Avgvsta Emerita* (**nº 1885 - 1908** & **2454 - 2458** - Bustamante Álvarez 2010, 183; Mayet 1984, 121) e nos arqueossítios de Torre Águila (Badajoz) (**nº 2814**, **2815** & **2838** - Martín 1993, Pl. XLVI, XLVIII e LVIII) e Represas (Beja) (**nº 3444**, **3454**, **3459**, **3497** & **3532** - Ribeiro, Oleiro & Viana 1957; Ribeiro 1959, 12; Mayet 1984, 121–22; Lopes 1994, nº 5, 493, 1169, 4322, 5730). Já fora da província, encontramos exemplares produzidos nesta *officina* em *Banasa*, Ibiza, Ilerda, Iruña, *Lixvs*, *Nvmantia*, Salamanca, *Segobriga*, Sevilha, Soria e Varea (Bustamante Álvarez 2010, 189; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 92).

Nº 183, 184, 186, 199, 204, 382 & 383 – *S*() *Ni*()

Officina de *Tritivm Magallvm*, sem aparente ligação à de *Se*() *Nico*(), visto que as marcas são bastante diferentes entre elas (Mayet 1984, 175–76; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 126). As letras *S*() *N*() poderão ser as iniciais da *officina*, ou ainda representar algo mais. Normalmente as marcas desta *officina* apresentam alguma variação do texto "EXOFSN", sendo que formula "*Ex Of*(*ficina*)" está sempre presente. As cartelas destas marcas de oleiro normalmente apresentam os lados menores bífidos (em forma de "*swallow tail*"), ainda que não exclusivamente.

Conimbriga é até agora o centro de consumo mais atestado para esta *officina*, e dos sete fragmentos, seis são pratos com a forma de Drag. 15/17, existindo apenas uma taça (**nº 199**). Os fragmentos **nº 183**, **184**, **186** & **199** foram recuperados nas escavações antigas, ao passo que o fragmento nº **204** foi exumado durante as escavações de Alarcão da zona anexa à muralha tardo-antiga (Mayet 1984, 175–76; 1973, nº 65-69). Já os fragmentos **nº 382** e **383** foram exumados durante as campanhas Luso-francesas (Mayet 1984; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 399 e 402).

Na *Lvsitania*, encontramos fragmentos com marcas desta *officina* em *Aeminivm* (**nº 34**, **35** & **36** - Mayet 1984, 175), *Ammaia* (**nº 1343** & **1344** – Quaresma 2021), *Avgvsta Emerita* (**nº 2567**, **2568** & **2569** – Mayet 1984, 176) e nos arqueossítios de Torre Águila (Badajoz) (**nº 2821** – Martín 1993, L. XII) e Represas (Beja) (**nº 3555** – Ribeiro 1959, nº 119). Já fora da *provincia* esta *officina* encontra-se atestado em *Ercavica*, *Segobriga* e Trício (Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 92).

Nº 188, 408 & 411 – *Maternvs Tritiensis*

Maternvs Tritiensis é uma *officina* de *Tritivm Magallvm*, atestada no Prado Alto, que poderá ter associação com *Maternvs* (podendo ser a mesma pessoa ou um homónimo) e ainda *Annivs Maternvs Tritiensis*, ainda que a grafia seja díspar. Mais provável é a associação a *S*() *Maternvs Tritiensis*, devido à semelhança entre a grafia das marcas (Silva 2013, 488). O fragmento **nº 188** foi exumado durante as escavações antigas, apresentado a marca "(…)TERNI·T(*ritiensis*)" no fundo de um prato. Os fragmentos **408** e **411** foram exumados durante as escavações Luso-francesas, com o **411** sendo recuperado na canalização das termas de Trajano, apresentando a marca "(…)MATRI(*tiensis*)" no fundo de uma taça. A marca de **408** é igual à do **nº 188** (Mayet 1973, nº 58; 1984, 151; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 393 e 398).

Os únicos outros sítios onde esta *officina* se encontra atestada na *Lvsitania* é em *Olisipo* (**nº 785** – Silva 2013, 488) e nos arqueossítios de Represas (Beja) (**nº 2449** – Lopes 1994, nº 477) e Torre de Palma (**nº 3768** - Silva 2013, 488; Bustamante Álvarez 2010, 565). Fora da província esta oficina encontra-se atestada em *Segobriga*, *Complvtvm*, *Arcobriga*, Tarraco, *Baelo Clavdia*, *Volvbilis*, Léon, Arcaya (Alava) e Lugo (Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 111).

Nº 189 – *Attivs Paternvs*

Como já foi possível verificar nesta dissertação. O gentilício "*Attivs*" é muito numeroso na Península Ibérica, especialmente nas *officinae* de *Tritivm Magallvm*, onde é utilizado nas *officinae* de *Brito*, *Flaccvs* e *Paternvs*, entre outros. É, portanto, bem provável que este oleiro corresponda à mesma oficina que *Paternvs* e *Attivs Paternvs Tritiensis*. O fragmento de *Conimbriga*, com forma de prato, apresenta a marca "(…)ATERNOF(*ficina*)", sendo atribuído a esta *officina* por ser idêntico ao punção M.58. Este fragmento foi exumado durante as

escavações antigas (Mayet 1984, 121–22). Esta *officina* está datada de 80 a 110 d.C. nos contextos da rua Almendralejo nº 41 (Bustamante Álvarez 2010, 189-190).

Na *Lvsitania*, esta *officina* está representada em *Aeminivm* (**nº 21** - Alarcão 1971, nº 22; Mayet 1984), *Ebvrobrittivm* (**nº 646** – Silva 2013, nº 709), *Olisipo* (**nº 1030** & **1031** – Silva 2013, 475-76), *Avgvsta Emerita* (**nº 1931-1935** & **2460-2464** - Bustamante Álvarez 2010, nº 58-62; Fernández Miranda 1970; Mayet 1984, 121–22), *Salacia* (**nº 3148** & **3170** - Ferreira 1969; Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 19 e 37; Mayet 1984, 121–22) e nos arqueossítios de Torre Águila (Badajoz) (**nº 2820** – Martín 1993, L. XII), Troia (Setúbal) (**nº 3588** - Baltasar 1985, Fig. 10; Mayet 1984), Paço Ducal de Vila Viçosa (Vila Viçosa) (**nº 3632** - Alarcão 1960, nº 13), Herdade do Reguengo (Monforte) (**nº 3719** – Mayet 1984, 122), Torre de Palma (Monforte) (**nº 3769** – Silva 2013, 469), Elvas (**nº 3771** - Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 93) e Padrãozinho (**nº 3770** – Silva 2013, 469). Fora da província este oleiro encontra-se atestado em *Baelo Claudia*, Balbases, Barcelona, *Cantabria*, Campillo, Carmona, *Juliobriga*, Los Castillones, Los Santos de Maimonas e Valência (Bustamante Álvarez 2010, 190) (Bustamante Álvarez 2010, 191; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 93).

Nº 136 & 593 – *C. F*()

As marcas deste oleiro são raras, e muito particulares, só se conhecendo dois exemplares. A escrita da marca é "OXOCF(…)", demonstrando uma formula estranha no inicio da marca, de "OXO". Possivelmente anepigráfica, o fragmento de *Conimbriga* apresenta apenas o inicio da marca "OXO(…)", só sendo identificado por comparação com a marca de *Avgvsta Emerita*, exumado em contextos de 70 e 80 d.C. na escavação da rua Almendralejo nº 41 (**nº 1946** – Bustamante Álvarez 2010, nº 73).

Nº 194, 195, 205, 259 & 319 – *Trebivs Tritiensis*

Apesar do nome desta *officina*, este está atestado não só em *Trítivm Magallvm*, mas especialmente (e em maior número), em Bezares (Los Morteros), onde deverá ter produzido entre 80 e 105 d.C., segundo os contextos datados da rua Almendralejo nº 41 (Bustamante Álvarez 2010, 201; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 129). Torna-se irónico o facto de em Bezares estar atestado pela sua marca "TREBTR(*itiensis*)", indicando origem *tritiense* do fragmentos produzidos em Bezares (Mayet 1984, 181). Esta *officina* parece ter sido produtora de taças, das formas Drag. 27 e Ritt. 8, sendo que até agora não se conhecem fragmentos de prato produzidos nela.

De entre os fragmentos de *Conimbriga* distinguem-se duas punções – "TREBTR" (**nº 194**, **259** e **319**) e "TREBTR" (**nº 195** e **205**). Destes fragmentos dois têm a forma de Drag. 27 (**nº 194** e **319**) e um de Ritt. 8 (**nº 259**). Todos foram exumados durante as escavações antigas (Mayet 1973, 70-73; 1984, 180-181; Cunha 2009, nº 64). *Conimbriga* é o seu maior centro de consumo na *Lvsitania*, estando representado também em *Aeminivm* (**nº 2** - Ferreira 1969; Alarcão 1971, nº 15; Mayet 1984, 181), *Ammaia* (**nº 1356** – Quaresma 2021, nº 295), *Capera* (nº 1442 - Alcón 2001, L.I), *Avgvsta Emerita* (**nº 2235** – Bustamante Álvarez 2010, nº 62) e nos arqueossítios de Póvoa de Milleu (Guarda) (**nº 2673** - Pereira 2012, P. 78) e Troia (Setúbal) (**nº 3591** – Baltazar 1985, Fig. 13). Fora da província encontramos esta *officina* atestada em Cherchel, Valeria, *Complvtvm* e *Baelo Clavdia* (Bustamante Álvarez 2010, 201; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 129).

Nº 196, 202, 315, 393 & 412 – *Sempronivs*

Sempronivs designa uma *officina* prolífica que fabricou vasos em *Tritivm Magallvm* (Loz Pozos), entre 70 e 100 d.C., segundo as datações dos contextos em que está presente, na rua Almendralejo nº 41 (Bustamante Álvarez 2010, 201; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 129). É possível que seja a mesma *officina* que *L. Sempronivs Valerivs* e das suas permutações, ainda que não existam provas concretas para isto. Este é uma das *officinae* mais produtivas da Península, superado apenas por *Valerivs Paternvs* e *Lapillivs*, e equiparado a *Flaccvs*. A *officina* utiliza tanto as formulas "EX OF(*ficina*)" e "OF(*ficina*)", normalmente abreviando o nome para "SEM(*pronivs*)".

Em *Conimbriga* as suas marcas estão estampadas em dois pratos [**196** (Drag 15/17) e **202**] e duas taças [**315** (Drag. 27) e **393**]. Os primeiros dois fragmentos foram recuperados nas escavações antigas e o **nº 315** durante as escavações da zona B de Alarcão (Mayet 1973; 1984; Cunha 2009; Margalho 2012). O fragmento **nº 393** foi exumado no contexto de construção do fórum flávio, e o fragmento **nº 412** foi recuperado durante a escavação da canalização das termas de Trajano (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 404 e 405).

Na *Lvsitania* encontra-se também representado em *Aeminivm* (**nº 29** - Alarcão 1971, nº 37), *Scallabis* (**nº 1195** – Silva 2013, 587), *Ammaia* (**nº 1307**, **1347**, **1348**, **1349**, **1350** & **1351** – Quaresma 2021; Dias & Quaresma 2015, Fig. 28), *Capera* (**nº 1446**, **1447** & **1448** - Alcón 2001, L. I), *Avgvsta Emerita* (**nº 2201-2225**, **2356**, **2555-2564** – Mayet 1984, 173; Bustamante Álvarez 2010, 200-01), *Vipasca* (**nº 3199** - Ferreira & Andrade 1964, Fig. 3), *Salacia* (**nº 3175** - Dias 1978, nº 13; Faria, Ferreira & Diogo 1987; Mayet 1984) e nos arqueossítios de Póvoa

de Mileu (Guarda) (**nº 2662** & **2668** – Pereira 2012, P. 77 e 78), Torre Águila (Badajoz) (**nº 2826** - Martín 1993, L. XII), Represas (Beja) (**nº 3487** & **3489** - Ribeiro 1959, nº 121; Mayet 1984, 173; Lopes 1994, nº 3183 e 3224), Paço Ducal de Vila Viçosa (Vila Viçosa) (**nº 3622** - Alarcão 1960, nº 1; Mayet 1984, 173), Torre de Palma (Monforte) (**nº 3684** & **3685** – Mayet 1984, 173), S. Cucufate (Beja) (**nº 3696** - Étienne, Mayet, & Alarcão 1990, nº 233) e Herdade do Reguengo (Monforte) (**nº 3732** – Mayet 1984, 173). Fora da província encontramos paralelos em Acinipo, Almodóvar, Arcaya, Arapiles, *Astorga*, *Baelo Clavdia*, Banasa, Campillo, Cercadilla, Ciudad Real, Campillo, Castroberde de Campos, Coca, *Complvtvm*, Córdoba, Ibiza, Ilerda, *Italica*, Lacipo, León, *Lixvs*, *Lvcvs Avgvsti*, *Galicia*, Sala, Medellín, *Nvmancia*, Palência, Sevilha, *Segobriga*, Sala, Tarraco, Valência, Valeria, *Volvbilis* e Zaragoza (Bustamante Álvarez 2010, 200-201; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 124-25).

Nº 174, 207, 397 & 403 – *Caivs Lvc*()

As marcas desta *officina* são recorrentemente mal interpretadas como "Calvo", devido à grafia mais frequente desta marca "CΛ(*i*)LV(*c*)O(*fficina*)". O nome deste oleiro só se torna evidente quando se vêm marcas como "CAI·LVC·OFI(*cina*)", com uma grafia em tudo semelhante à anterior. Esta *officina* parece ter produzido em *Tritivm Magallvm* (Prado Alto) entre 80 e 100 d.C., de acordo com rua Almendralejo nº 41 (Bustamante Álvarez 2010; Silva 2013, 297; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 95-96). O fragmento **nº 207**, recuperado durante as escavações antigas, apresenta a marca "CALVO" com uma grafia retrograda. A marca nº 174 apresenta a marca "(…)AI·LV·OFI", estampado no fundo de um prato com a forma de Drag. 15/17. O fragmento **nº 397** foi recuperado durante a escavação dos níveis do século IV d.C. das termas de Trajano, ao paço que o fragmento **nº 403** foi exumado na canalização dessas mesmas termas (Mayet 1973, nº 9; 1984, 112; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 376 e 377).

Na *Lvsitania* encontramos paralelos para esta *officina* em *Aeminivm* (**nº 19** - Alarcão 1971, nº 25; Mayet 1984, 126), *Ebvrobrittivm* (**nº 622** – Silva 2013, 685), *Olisipo* (**nº 862** & **1103** – Mayet 1984, 123 nº 111; Silva 2013, 298), *Capera* (**nº 1431** – Alcón 2001, L. I) e no arqueossítio da Herdade do Reguengo (Monforte) (**nº 3721** - Mayet 1984, 126). Fora da província está atestado em *Numancia*, Valência, *Baelo Clavdia*, Rio Tinto, Ponte de Sôr, Doña Maria, Alcalá de Henares, Padilla del Duero, Leão, Astorga, *Complvtvm*, *Segobriga* e Mave (Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 95-96).

Nº 208, 210, 213 & 306 – *Flaccvs*

Trata-se provavelmente da mesma *officina* que *Flaccvs Tritiensis* e talvez *Attivs Flaccvs*, que produziu em *Tritivm Magallvm*, datado de 80 a 110 d.C. nos contextos da rua Almendralejo nº 41 (Bustamante Álvarez 2010, 193-94; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 100-101). As marcas desta *officina* apresentam maioritariamente a mesma fórmula, com o genitivo indicando posse da peça, pré-venda, lendo-se "FLACCI". Os fragmentos de *Conimbriga* foram todos recuperados ou em escavações antigas, ou na escavação da casa dos repuxos, pelo que estão despromovidos de contexto (Mayet 1973, nº 19, 20 e 25; Mayet 1984, 134).

Na *Lvsitania* encontramos paralelos desta *officina* em *Olisipo* (**nº 775**, **1032** & **1060** – Silva 2005, Fig. 55; 2013, 231-476; Ribeiro 2010, Est. 19), *Avgvsta Emerita* (**nº 2016-2050** & **2491** – Mayet 1984, nº 189; Bustamante Álvarez 2010, nº 143-177), *Caetobriga* (**nº 3150** - Silva & Cabrita 1964; Mayet 1984), *Salacia* (**nº 3150** & **3172** - Dias 1978; Faria, Ferreira & Diogo 1987; Mayet 1984, 135) e no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3533** – Mayet 1984, 135; Lopes 1994, nº 5731). Fora da provincia este oleiro está representado em *Banasa*, *Complvtvm*, *Italica*, Sala, Tarraco, Valeria e Villafranca de los Barros (Bustamante Álvarez 2010, 200-201; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 124-25).

Nº 209 – *Flavinvs*

Devido à raridade destas marcas de oleiro, não se sabe se se trataria de uma *officina* ou de um oleiro, e onde ou quando produziu. As marcas de oleiro em si são bastante claras na sua leitura, lendo-se "FLAVINI". O fragmento de *Conimbriga* é proveniente das escavações antigas e desprovido de contexto. A marca, estampada no fundo de uma taça Drag. 27, lê-se "FLΛVINI" (Mayet 1973, nº 26; Dragendorff 1896). Para além do fragmento de *Conimbriga* conhecem-se apenas fragmentos em *Olisipo* (**nº 863** – Mayet 1984, nº 204), Represas (**nº 3469** – Ribeiro 1959, nº 53; Mayet 1984; Lopes 1994, nº 1210), *Italica*, *Complvtvm* e Aldealengua (Salamanca) (Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 101).

Nº 215, 317, 357, 360 & 399 – *Cantaber*

Officina que produziu em Arenzana de Abajo, no complexo de *Tritivm Magallvm*, entre 70 e 100 d.C., segundo os contextos datados da rua Almendralejo nº 41 (Bustamante Álvarez 2010, 192; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 97). O nome desta *officina* alude à zona da Cantábria da Península Ibérica, estando isso provavelmente relacionado com o fundador da *officina* (ainda que não haja provas disso). Esta *officina* produz uma grande quantidade de

vasos, apresentando duas formulas base para os seus punções: "CANTABRI" e "CANTABRI·OF(*ficina*)", sendo a primeira variação a mais comum (Mayet 1984, 127-28; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 97).

Os fragmentos de *Conimbriga* apresentam todos a primeira formula, contando com um prato e três taças (das quais uma, **nº 357**, apresenta a forma de Drag. 27). Os dois primeiros fragmentos foram recuperados durante a escavação da zona B de Alarcão. O fragmento **nº 357** foi exumado durante a escavação da canalização das termas de Trajano, ao passo que o fragmento **nº 360** foi recuperado durante a escavação dos contextos de destruição pós-romana da Insula do Vaso Fálico (Mayet 1973, nº 10; 1984, 127-28; Cunha 2009, nº 73; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 378-380).

Na *Lvsitania* encontramos paralelos para esta *officina* em *Avgvsta Emerita* (**nº 1955-1963** & **2466-2471** - Mayet 1984, 127-28; Bustamante Álvarez 2010; nº 82-90), Caetobriga (**nº 3772** – Diogo 1980, 23 nº 20) *Salacia* (**nº 3050**, **3139**, **3149** & **3171** - Faria, Ferreira & Diogo 1987; Dias 1978; Sepúlveda, Faria & Faria 2000; Ferreira 1969; Mayet 1984) e nos arqueossítios de Torre Águila (Badajoz) (**nº 2822**, **2823** & **2840** – Martín 1993, L. XII e LVIII), Represas (Beja) (**nº 3451**, **3472** & **3530** – Ribeiro 1959, nº 81; Mayet 1984; Lopes 1994, nº 480, 1971, 5728), Troia (Setúbal) (**nº 3589** – Baltazar 1985, Fig. 11) e Torre de Palma (Monforte) (**nº 3675** – Mayet 1984, nº 125). Fora da *Lvsitania* este oleiro encontra-se representado em Alicante, Arcaya, Aronche, *Baelo Clavdia*, Barcino, Chellah, *Italica*, Libia, La Cocosa, León, *Sagvntvm*, *Tarraco*, Thamusida, Tossal de Manises, Valencia, *Volvbilis* e na Coleção González Posada (Mayet 1984, 127-28; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 97).

Nº 217 – *Abivs Ci()*

Estas marcas de oleiro são relativamente raras, ocorrendo apenas em *Conimbriga*, Sala, Chellah e Santo Tomé. Como tal, não se conhece nem o centro de produção nem a cronologia destes vasos, ainda que o seu fabrico corresponda ao **grupo H.2** de *Tritivm Magallvm*. Na marca de *Conimbriga* é possível ler-se "OFI·ABI·CI" estampado no fundo de uma taça (Mayet 1973, nº 1; 1984, 115; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 88).

Nº 219 – *Canivs*

Estas marcas parecem apresentar o nome "*Canivs*" ao invés de "*C. Anivs*" devido à pontuação recorrente nas marcas, de "(…)·CANIS", ou "(…)·CAN·(…)". O nome *Canivs* não se conhece na epigrafia romana hispânica, sendo o paralelo mais próximo o oleiro "*Canvs*" de

La Graufesenque, ainda que se escreva de maneira diferente (Mayet 1984, 195). Esta *officina* é relativamente rara, com marcas apenas conhecidas em *Conimbriga*, *Vipasca* (**nº 3185** - Ferreira & Andrade 1964, nº 3), Banasa, e Cástulo (Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 96-97). Utiliza tanto as formulas "EX.OF(ficina)" como "OF(ficina)". O fragmento **nº 219** apresenta uma marca em que se lê "CΛNIOF", numa cartela retangular de cantos curvos (Mayet 1973, nº 11).

Nº 220 & 222 – *Accvnicvs*

Officina que operou em *Tritivm Magallvm* (Los Pozos), com uma produção avolumada, mas de distribuição maioritariamente local. Torna-se difícil de distinguir de *Accvnes* se as marcas forem fragmentárias, apesar de serem *officinae* diferentes. É curioso observar que as punções por vezes apresentam um único "C" inicial (*Acvnicvs*) e, mais frequentemente, dois (*Accvnicvs*), indicando que o oleiro poderia estar indeciso quanto à soletração do nome da *officina* (Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 88-89).

Os fragmentos de *Conimbriga* apresentam o texto "ACVN(…)" e "ACCVN(…)", respetivamente, ambos estampados no fundo de taças, a última das quais uma Drag. 27. Foram identificados com este oleiro devido à semelhança de sua grafia, e a sua inclusão na monografia de Mayet sobre este mesmo nome (Mayet 1973, nº 3 e 5; 1984, 115-16).

Na *Lvsitania* o único paralelo que encontramos para este oleiro são os fragmentos de *Avgvsta Emerita* (**nº 3773** & **3774** - Mayet 1984, 116). Fora da província encontramos paralelos para este oleiro em Huerña (Léon), *Volvbilis*, *Astorga*, Lugo, Belo, *Segobriga*, *Complvtvm*, *Italica*, Sala, Corella, Ilurco, Castro de Vigo, *Bilibis* e *Tarraco* (Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 88-89).

Nº 226 – *Caivs*

Officina de compulsão reduzida, do qual não se conhece o centro de produção. Estas marcas apresentam apenas a fórmula "OF(*ficina*)" antes ou depois do *praenomen* "*Caivs*", normalmente abreviado para "CAI". Como ferramenta de *marketing* esto punção é estranha, visto que *Caivs* é um *praenomen* bastante comum, e que esta *officina* partilha com pelo menos outras duas em *Tritivm Magallvm*. O fragmento **nº 226** apresenta a marca "OFCAI" estampada no fundo de uma taça de forma Drag. 27, replicando assim o outro exemplar lusitano de *Avgvsta Emerita* (**nº 1951**). Fora da *provincia* encontramos paralelos para este oleiro em Banasa, Cotta,

Lixvs, *Lvcentvm*, Sala e *Volubis* (Mayet 1973, nº 30; 1984, 125; Bustamante Álvarez 2010, 192, nº 78; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 124-25).

Nº 227 – *Firmvs*

Esta *officina* é provavelmente a mesma *officina* que *Firmvs Tritiensis*, que produziu vasos a partir de *Tritivm Magallvm* entre 80 e 110 d.C., de acordo com os contextos datados da rua Almendralejo nº 41 (Bustamante Álvarez 2010, 193; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 100). O fragmento **nº 227** apresenta uma das punções mais atestadas da *officina*, em que se lê "FIRMIO(*fficina*)" estampado no fundo de uma taça, desprovida de contexto (Mayet 1973, nº 13). Para além de *Conimbriga*, esta *officina* está atestada na *Lvsitania* em *Avgvsta Emerita* (**nº 1975-1988** & **2483-2488** - Mayet 1984, 133; Bustamante Alvarez 2010, 193-94) e no arqueossítio de Horta da Torre (Fronteira) (**nº 3571** - Carneiro & Sepúlveda 2011, Est. 2). Fora da província encontra-se atestado em Banasa, Cotta, Ilici, *Italica*, *Lixvs*, Sala, *Hispalis*, *Valeria* e *Volvbilis* (Bustamante Álvarez 2010, 193; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 100).

Nº 229, 232, 234, 236, 237, 238, 252, 271, 280, 369, 386, 395 & 401 – *Lapillvs*

Lapillvs é a segunda *officina* mais produtiva da Península, atrás apenas de *Valerivs Paternvs*. A sua produção está atestada em *Tritivm Magallvm* (El Quemão) e através dos contextos da rua Almendralejo nº 41 datamo-lo de entre 70 e 150 d.C. Bustamante observa que a formula "OF(*ficina*)" aparece no caso de *Lapillvs* em contextos anteriores à "EXOF(*ficina*)", e que ambas são posteriores ao simples uso do genitivo. As cartelas bífidas parecem também ser posteriores ao início do século II d.C. (Bustamante Álvarez 2010, 194-95; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 106-7).

Os fragmentos de *Conimbriga* foram todos estampados no fundo de taças, duas das quais com a forma de Drag. 27 (**nº 229** e **232**). Nove destes fragmentos foram encontrados ou durante as escavações da zona B de Alarcão, ou nas escavações antigas (Mayet 1973; 1984, 141-43). O fragmento **nº 386** foi recuperado durante a escavação da canalização das termas de Trajano. Nesta marca está presente a marca "EXOF·LAPILLI", dando credencia à ideia cronologia apontada por Bustamante. Já o fragmento **nº 401** foi recuperado na escavação dos níveis de construção das termas de Trajano, mas apresenta o texto de "LAPILLI" (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 277, 283 e 284; Bustamante Álvarez 2010, 194).

Na *Lvsitania* encontramos paralelos para esta *officina* em *Aeminivm* (**nº 31** – Mayet 1984, nº 273), *Olisipo* (**nº 1033 -** Silva 2005, nº 151; 2013, 476; Ribeiro 2010, nº 221), *Scallabis* (**nº 1126**, **1194** & **1204 -** Diogo 1984; Viegas 2003a; 2003b; Silva 2013, 581-86), *Ammaia* (**nº 1324-1329** & **1420** – Mayet 1984, 143; Quaresma 2021, Fig. 60, 75 e 102), *Avgvsta Emerita* (**nº 2082-2109** & **2500-2521 -** Mayet 1970; 1984, 143-46; Bustamante Álvarez 2010, 194-95), *Salacia* (**nº 3140 -** Faria, Ferreira & Diogo 1987, nº 29; Sepúlveda, Faria & Faria 2000, nº 59), *Capera* (**nº 3775 -** Jiménez Marzo 2008, 182) e nos arqueossítios de Quinta da Barradinha (Alenquer) (**nº 1209** – Silva 2013, 576), Vale dos Tijolos (Almeirim) (**nº 1237** & **1238 -** Mendes, Pimenta & Silva 2017), Azeitada (Almeirim) (**nº 1263** – Silva 2013, nº 647), *Centvm Cellae* (Castelo Branco) (**nº 1270 -** Leitão 1980, 100), Torre de Águila (Badajoz) (**nº 2818** & **2824** – Martín 1993, L. XII e XLIX), Monte de S. Pedro (Sabrosa) (**nº 3560** – Carneiro & Sepúlveda 2011, Est. 2) e Torre de Palma (Monforte) (**nº 3678** & **3679** – Mayet 1984, 143-46).

Fora da península encontramos exemplares desta *officina* em Aldealengua, *Astorga*, *Bracara Avgvsta*, Cabriana, *Baelo Clavdia*, Campillo, Castillones, Córdova, Belmonte, Carmona, Coca, *Complvtvm*, Huerta, Fuente del Maestro, Ibiza, Ilerda, Hontalba, Iruña, *Italica*, León, *Lvcvs Avgvsti*, Monte Mozinho, Ourense, Puig des Molins, San Juan de Tabagón, *Segobriga*, Sevilha, *Tarraco*, Valencia, Valderal, *Valeria*, Villafranca de los Barros e Villaverde (Bustamante Álvarez 2010, 193-94; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 100-01; Mayet 1984, 143-46).

Nº 230, 235, 359, 402 & 409 – *Lvpianvs*

Officina que fabricou vasos em *Tritivm Magallvm*, que parece estar datada, segundo os contextos da rua Almendralejo nº 41, de entre 80 e 100 d.C. (Bustamante Álvarez 2010, 196; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 109-110). O seu nome é a versão de *cognomen* do *nomen Lvpvs* (lobo), e é bem conhecido no mundo romano (Mayet 1984, 199).

Os fragmentos de *Conimbriga* apresentam todos um texto semelhante, lendo-se "OF(*ficina*)LVPIANI", em fundos de taça, das quais duas tem a forma de Drag. 27 (**nº 230** e **235**). Os fragmentos **nº 230** e **235** foram recuperados durante as escavações antigas (Mayet 1973, nº 52 e 53), e os restantes durante as campanhas Luso-francesas. O fragmento **nº 402** foi recuperado durante a escavação da canalização das termas de Trajano, ao passo que o fragmento **nº 409** foi recuperado durante a escavação dos níveis de construção dessas mesmas termas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 387-389).

Na *Lvsitania* encontramos paralelos desta *officina* em *Ammaia* (**nº 1333** & **1334** - Neves 1972, 20; Mayet 1984, nº 322; Quaresma 2021, Fig. 102), *Avgvsta Emerita* (**nº 2119-2121** – Bustamante Álvarez 2010, nº 246-248) e nos arqueossítios de Torre Águila (Badajoz) (**nº 2817** – Martín 1993, L. XLIX) e Represas (Bejas) (**nº 3477** & **3499** – Mayet 1984, 147; Lopes 1994, nº 2103 e 4911). Fora da *Lvsitania* encontramos fragmentos desta *officina* em Arcaya. Oboza. Fuenteabillo, *Lixvs*, Sala, *Segobriga*, Vigo, Villanueva de Gállego, Castro de Vigo e *Volvbilis (*Bustamante Álvarez 2010, 196; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 109-110).

Nº 231 & 246 – *L. Sempronivs Valerianvs*

Talvez este nome corresponda ao *tria nomina* de *Sempronivs*, ainda que não existam provas disto. Só se conhecem três punções deste oleiro, sendo que este provavelmente operou a partir de *Tritivm Magallvm*. A sua produção parece ser muito reduzida, estando atestado apenas em *Conimbriga*, Torre de Palma (Monforte) (**nº 3682** & **3683** – Mayet 1984, 148-149), *Tritivm Magallvm*, Cotta, Sala, *Volvbilis* e Valência (Mayet 1984, 148; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 109). A fórmula utilizada é sempre a mesma, consistindo no texto de "O(fficina)·L·SEM·VALE". Os fragmentos de *Conimbriga* encontravam-se impressos no fundo de dois pratos, com a forma de Drag 15/17, sendo que ambos foram recuperados durante as escavações antigas (Dragendorff 1896; Mayet 1973, nº 43 e 50; 1984, 148)

Nº 239 & 241 – *L. Annivs*

Oleiro com uma produção reduzida, do qual nem se sabe nem o centro de produção ou cronologia, com o seu fabrico aproximando-se de **Hi.2** (*Tritivm Magallvm*). *Annivs* é um gentilício de uma família itálica que se instalou na zona do Ebro, e que é apresentado por variados *officinatores* de *Tritivm Magallvm* (Mayet 1984, 197). As marcas de *Conimbriga* apresentam o mesmo punção, "LVCI·ANNI", com o fragmento **nº 239** estampado no fundo de um prato, e o **nº 241** estampado no fundo de uma taça com a forma Drag. 27. Ambos foram recuperados durante as escavações antigas (Mayet 1973, nº 38 e 39; Mayet 1984). Marcas deste oleiro encontram-se apenas em *Capera* (nº 1437 – Alcón 2001, L. I), Valencia, *Segobriga* e Ilerda (Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 107).

Nº 240 – *V. Parvs*

Esta é a única marca conhecida desta *officina* que, pela pasta, parece ter produzido em *Tritivm Magallvm*. O fragmento apresenta o texto "OF·V·PARI", estampado no fundo de uma taça. A marca apresenta letras finas, e a interpretação da quarta letra é questionável. Parece ou

existir um ponto na parte inferior do "P", ou que esta seja um "B" com a volta inferior danificada, podendo o texto ser "OF·V·P.ARI" ou "OF·V·BARI". Por ter sido exumado durante as escavações antigas, não apresenta contexto estratigráfico, sabendo-se apenas que foi recuperado nas grandes termas de *Trajano* (Mayet 1973, nº 80; 1984 nº 725).

Nº 248 – *Octavivs Maternvs*

Octavivs Maternvs é o nome de uma *officina* que fabricou vasos em *Tritivm Magallvm* (Los Pozos) entre 80 e 110 d.C., segundo os contextos datados da rua Almendralejo nº 41. As marcas desta officina normalmente apresentam variações da fórmula "OCT(*avii*)·MΛ(*terni*)·OF(*ficina*)" (Bustamante Álvarez 2010, 198; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 116). Tanto *Octavivs* como *Maternvs* são nomes muitos utilizados tanto na epigrafia romana hispânica como no centro de produção de *Tritivm Magallvm*, estando também associados aos nomes *Fronto, Blandvs, Paternvs, Aestivvs*, entre outros (Mayet 1984, 199).

O fragmento de *Conimbriga* apresenta a marca "OCT·MΛ·O" estampada no fundo de uma taça, recuperada durante as escavações antigas (Mayet 1973, nº 54). Na *Lvsitania* encontramos paralelos para esta *officina* em *Avgvsta Emerita* (**nº 2150-2167** & **2539-2541** – Mayet 1984, 159; Bustamante Álvarez 2010, 198), *Mirobriga* (**nº 2999** - Dias 1976, 162; Quaresma 2012, 154) e no arqueossítio de Troia (Setúbal) (**nº 3611** - Maia 1971, 160; Mayet 1984, 148). Fora da província encontramos fragmentos desta *officina* em *Lvcvs Avgvsti*, Cáparra, *Italica*, Sala e na coleção da *Hispanic Society* (Bustamante Álvarez 2010, 198; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 116).

Nº 253 – *Lvcretivs Firmvs*

Officina que produziu vasos a partir de *Tritivm Magallvm*, segundo os contextos datados da rua Almendralejo nº 41 entre 80 e 110 d.C. (Bustamante Álvarez 2010, 196; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 109). O nome *Lvcretivs* é conhecido através do punção "EXOF(*ficina*)LVCRIITI(i)FI(*rmi*)", apesar de as marcas mais frequentemente apresetarem uma variação da formula "OF(*ficina*)·LVC(*retii*)·FIR(*mi*)". Existe a possibilidade de se tratar de duas *officinae*, um *Lvcretivs* e um *Lvcivs* (como aponta Bustamante). Até provas do contrário agrupamos tudo como parte desta *officina* (Mayet 1984, 146, Bustamante Álvarez 2010, 196).

O fragmento de *Conimbriga* apresenta a marca "OFI·LVC·FIR" estampada no fundo de uma taça, recuperada durante as escavações antigas (Mayet 1973, 40; Mayet 1984, 146). Na

Lvsitania encontramos paralelos desta *officina* em *Olisipo* (nº 3776 – Mayet 1984, 146), *Ammaia* (**nº 1331** - Neves 1972, 17; Mayet 1984; Quaresma 2021, Fig. 85 e 102), *Capera* (**nº 1438** – Alcón 2001, L. I nº 2) e *Avgvsta Emerita* (nº 2112-2118 & 2524-2526 – Mayet 1984, 146; Bustamante Álvarez 2010, nº 239-245). Fora da província encontramos marcas desta *officina* em *Italica* e na coleção da *Hispanic Society* (Bustamante Álvarez 2010, 196; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 109).

Nº 277 – *M. Ase(llivs*?)

Officina de compulsão escassa que provavelmente terá produzido em *Tritivm Magallvm*, apresentando fabrico do tipo **His.2**. Para além do fragmento de *Conimbriga*, foram exumadas apenas quatro marcas de oleiro desta *officina*, todas em *Avgvsta Emerita*. Uma destas marcas (**nº 2123**) foi exumado na escavação da rua Almendralejo nº 41, na unidade estratigráfica 1262, datada do final do século III d.C. (**nº 2123**, **2530**, **2531** & **2532** – Mayet 1984, 150; Bustamante Álvarez 2010, 197[25]). O fragmento de *Conimbriga* apresenta a marca "MASII" estampada no fundo de uma taça de forma Drag. 27., recuperado durante as escavações da zona B de Alarcão. Esta é uma de duas punções conhecidas, sendo que na segunda, mais recorrente, é possível ler "OF(*ficina*)M·ASE", normalmente estampado no fundo de uma Drag. 27 (Mayet 1984, 150).

Nº 312 – *Cornelivs F(vscvs*?)

Officina de compulsão escassa, que provavelmente produziu em *Tritivm Magallvm* (El Quemão). O nome *Cornelivs* é extremamente frequente durante o período romano na Península Ibérica. É possível especular sobre a ligação com o *Cornelivs Fvscvs* mencionado na epigrafia emeritense. Apenas conhecemos dois fragmentos desta *officina* (Mayet 1984, 198). O fragmento de *Conimbriga* apresenta a marca "(…)OFICOR<u>F</u>(…)" estampada no fundo de um prato com a forma de Drag. 15/17. Este fragmento, recuperado durante a escavação da zona B de Alarcão, apresenta uma marca incompleta, sendo que o último "F" pode ser também um "E" ou ainda outra letra de características semelhantes. O outro fragmento provém da *Ammaia* (**nº 1320** - Quaresma 2021, Fig. 75).

Nº 366 – *Aemilivs Fro(ntonivs?)*

[25] Bustamante lê a marca como "Masse" (Bustamante Álvarez 2010, 197).

O único fragmento que se conhece deste oleiro é exatamente o de *Conimbriga*. Trata-se da marca "AE.FRO(…)" estampado no fundo de um prato de forma Drag. 15/17, que apresenta um fabrico do género **Hi.1**, de *Tritivm Magallvm*. Este foi exumado durante as campanhas luso-francesas, na área das termas de *Trajano*, mas carece de contexto cronologicamente datado. Tanto *Aemilivs* como *Frontonivs* são nomes conhecidos na epigrafia romana peninsular, com *Aemilivs* sendo comum nas olarias setentrionais (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 374; Mayet 1984, 117).

Nº 372 & 374 – *T. Elv(ivs?)*

Este é outra *officina* conhecido apenas pelos fragmentos de *Conimbriga*. Os fragmentos apresentam duas marcas conseguidas com diferentes punções, mas com o mesmo texto: "OFTELV". O fragmento **nº 374** é uma taça, da forma Drag. 27, recuperada durante a escavação da canalização das termas de *Trajano*. Já o fragmento de taça **nº 372** foi recuperado durante a escavação dos níveis de construção do fórum flávio. O fabrico destes fragmentos é do tipo **His.1** de *Tritivm Magallvm* (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 409-10; Mayet 1984, 177).

Nº 377 – *Miccio*

Officina de grande capacidade produtiva, que parece ter operado a partir de *Tritivm Magallvm* entre 70 a 100 d.C., segundo os dados da rua Almendralejo nº 41. O seu nome é de matriz indígena celta, estando este bem representado na epigrafia da Península Ibérica e na *Gallia* (Bustamante Álvarez 2010, 197; Mayet 1984, 152-54). O fragmento de *Conimbriga* apresenta a marca "IIX·OI'·MICCI" estampado no fundo de uma taça, tendo sido exumado da canalização do fórum flávio (Mayet 1984, 154; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 394).

Na *Lvsitania* encontramos esta *officina* representada em *Olisipo* (**nº 3777** – Mayet 1984, 154), *Ammaia* (**nº 1341** – Comfort 1961, Nº 17; Mayet 1984, 154), *Avgvsta Emerita* (**nº 2125-2134**, **2535** & **2536** – Mayet 1984, 153) e nos arqueossítios de Brejos I (Óbidos) (**nº 1287** – Silva 2013, 734), Herdade do Reguengo (Monforte) (**nº 3728** – Mayet 1984, 154) e Rouca (Alandroal) (**nº 3734-3737** - Comfort 1959; Mayet 1984; Rolo 2010, 361-393). Fora da provincia encontramos paralelos para esta *officina* em Alora, *Baelo Clavdia*, Castellar de Santisteban, Campillo, Castillones, Cástulo, Collado de los Jardines, Cotta, Ilerda, Iruña,

Lvcvntvm, Málaga, *Nvmantia*, *Tarraco*, Torres d'Ares, Tossal, Valência e na coleção de R.A.H. (Bustamante Álvarez 2010, 197; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 112-13).

Nº 407 & 410 – *Svrvs*

Officina de produção modesta, que provavelmente produziu em Tritivm Magallvm (devido à pasta dos seus vasos) entre 80 e 105 d.C., de acordo com os dados da rua Almendralejo nº 41. O nome desta *officina* é algo de desconhecido, não se conhecendo paralelos epigráficos para o nome, que significaria "o Sírio" (Bustamante Álvarez 2010, 201; Mayet 1984, 176). A maioria dos investigadores soletra o nome como "*Svrivs*", e a evidência mais anedótica para este nome é a ligação com um dos elefantes de *Hannibal*, e a numismática cartaginense com o nome do mesmo (Scullard 1953).

Os fragmentos de *Conimbriga* apresentam marcas incompletas, em que se lê "(…)SVRI" e "(…)VRI", tendo sido recuperados na canalização das termas de Trajano (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 407 e 408). Na *Lvsitania* foram também encontradas marcas desta *officina* em *Avgvsta Emerita* (**nº 2227-2232** – Bustamante Álvarez 2010, 201), e nos arqueossítios de Póvoa do Mileu (Guarda) (**nº 2652** – Pereira 2010, Pr. 75), Represas (Beja) (**nº 3483** – Mayet 1984, 176; Lopes 1994, nº 2944) e Torre de Palma (Monforte) (**nº 3687** – Mayet 1984, 176). Fora da província encontramos paralelos em Arapiles, *Baelo Clavdia*, Cotta, *Lixvs*, *Italica* e *Volubilis* (Bustamante Álvarez 2010, 201; Sáenz Preciado & Sáenz Preciado 1999, 127).

Nº 593 – *C. A() F()*

Apenas se conhecem duas marcas, efetuadas com a mesmo punção, deste oleiro. Este oleiro poderá corresponder, segundo Bustamante, a *Caivs Attivs Festvs*, visto que os três nomes são comuns na península, e especialmente nas *officinae* setentrionais. Bustamante aponta também uma cronologia de 70 a 80 d.C., de acordo com os dados estratigráficos da rua Almendralejo nº 41. Este oleiro, devido à complexidade artística da sua produção, e à qualidade do seu fabrico, é apontado como um dos oleiros iniciais das produções hispânicas, que pretendia competir com os produtores Gauleses (Bustamante Álvarez 2010, 190).

Nas marcas é possível ler "C∶A∶F∶", no caso de *Conimbriga* estampado no fundo de um prato de forma Hispânica 4 (Mayet 1984, Cunha 2009; Margalho 2012), e numa taça de forma Drag. 33 no caso de *Avgvsta Emerita* (**nº 1495** – Bustamante Alvarez 2010, 190). O centro de produção deste oleiro também é desconhecido. Mayet e Bustamante apontam *Tritivm*

Magallvm como uma possibilidade. O engobe escuro e brilhante do fragmento de *Conimbriga* parece corroborar esta possibilidade[26] (Mayet 1984, 124; Bustamante Álvarez 2010, 190). No entanto, a fórmula utilizada no punção aponta para as *officinae* béticas, devido ao seu das três iniciais, muito comum nessa região.

Nº 594 – *Segivs Tritiensis*

Officina que produziu vasos em Arenzana de Arriba (La Puebla) entre 70 e 100 d.C., segundo os dados da rua Almendralejo nº 41. *Segivs* é um nome indígena comum nas *officinae* setentrionais, apesar de raro na península, estando também associado aos nomes *Nomvs Vetivs*, *Primvs* e *Avitvs*. É possivel que *Segivs* seja um diminutivo dos nomes indígenas *Segitritvs* ou *Seginvs* (Mayet 1984, 200; Bustamante Álvarez 2010, 199).

O fragmento de *Conimbriga* apresenta uma marca em que se lê "OF·SEGI·TRI", estampado no fundo de um prato com a forma de Drag. 36. Este fragmento foi recuperado durante uma escavação antiga, estando despromovido de contexto (Mayet 1973, 48; 1984, nº 568; Dragendorff 1886). Esta *officina* encontra-se representada na *Lvsitania* em *Ebvrobrittivm* (nº 629 & 651 – Silva 2013, 709-725), *Olisipo* (**nº 1038 -** Silva 2005, Ribeiro 2010; Silva 2013, 475), *Avgvsta Emerita* e no Paço Ducal de Vila Viçosa (Vila Viçosa). Fora da província encontramos paralelos em *Arcobriga*, *Ercavica*, *Italica*, Portoalegre e *Tarraco* (Bustamante Álvarez 2010, 200).

N' 609 & 3563 – *L. Nas*() *De*()

Oleiro produtor de taças, normalmente Drag. 27 e Drag. 36, entre 80 e 105 d.C., de acordo com os contextos datados da rua Almendralejo nº 41. Não se tem certeza de onde estava localizada a sua *officina,* mas pelo fabrico dos fragmentos parece ter produzido em *Tritivm Magallvm* (Mayet 1984, 145; Bustamante Álvarez 2010, 198). Normalmente assina com variações de "L·NAS·DII". O uso do *tria nomina* e a falta de marcas com as fórmulas "OF(*ficina*)" indica que talvez se trate de um oleiro, ao invés de um plural. O *cognomen* deverá ser *Decimvs*. Quanto ao *nomen,* algumas possibilidades são *Naselivs*, *Nasennivs*, *Nasidivs* ou ainda *Nassivs* (Mayet 1984, 199).

[26] Devido ao facto de o vaso de *Conimbriga* estar inteiro, não foi possível observar a sua pasta e, por isso, descrever o seu fabrico.

Os fragmentos de *Conimbriga* apresentam a marca "LNA(S)DII" estampado em taças. O fragmento **nº 609** foi recuperado na escavação dos contextos de construção do fórum flávio (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 395). Na *Lvsitania* este oleiro está representado em *Ebvrobrittivm* (**nº 649** & **650** – Silva 2013, 709), *Avgvsta Emerita* (**nº 2137-2143** – Bustamante Álvarez 2010, 197-98) e no arqueossítio de Represas (Beja) (**nº 3516** & **3534** - Ribeiro 1959, 110-11; Lopes 1994, nº 4935 e 5991). Fora da província encontramos este oleiro atestado em Arcaya, Cástulo, *Complvtvm*, Cotta, Huerta, Aroche, *Volvbilis*, León e Sala (Bustamante Álvarez 2010, 198).

Anepigráficos, duvidosos ou não identificáveis

Um total de 111 das 248 marcas de oleiro hispânicas exumadas em *Conimbriga* ficaram por identificar. Destas, 98 apresentavam apenas os cantos e as primeiras ou últimas letras das punções, com quinze mostrando as fórmulas "EXOF" ou "OF". Os fragmentos **148** e **314** apresentam texto legível e compreensível, mas, ou pela grafia ser confusa, ou por não encontrarmos paralelo exata, preferimos deixar como não identificados. O fragmento **nº 148** apresenta o texto "IIVST(…)" estampado no fundo de uma taça. A marca parece sugerir a leitura de "Ivstvs" ou "Evst(…)". No entanto, não se encontra correspondências para nenhuma destas leituras em outros sítios. O fragmento **nº 314** apresenta o texto "OFIV(…)ИCI", estampado no fundo de uma taça. As ultimas letras são pouco claras, pondendo também lêr-se "(…)ΛCI" ou "(…)IΛↃ". Devido a esta dificuldade, não apresentamos leituras possíveis. A pasta deste fragmento é do tipo **Hi.4**, sendo típica de Andújar, especialmente do Grupo III de Andújar definido em (Quarema 2012).

Os fragmentos **nº 82** e **197** apresentam marcas mal impressas e de difícil compreensão. O **nº 82**, recuperado durante as escavações antigas, onde se vê uma marca retangular na qual só se consegue distinguir as letras "MV", com dificuldade, impresso no fundo de uma taça. O fragmento **nº 197** apresenta estampado no fundo de uma taça com a forma de Drag. 27 (Dragendorff 1896), um texto em que se pode ler "QΛΛИIIIMA". A marca encontra-se muito mal impressa, com letras finas e de formatos confusos. É possível que se possa ler "Q. AMANE.MA", mas só se aceitarmos os primeiros dois "A" como "AMA", ainda que estes pareçam separados. É também possível que estas marcas sejam grafomorfas.

As marcas **nº 365**, **370**, **378**, **379**, **396**, **414**, **415** e **487** são fragmentárias, impossibilitando a sua identificação. Todas estas marcas foram recuperadas durante as

escavações Luso-francesas (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV). O fragmento **nº 379** apresenta o texto "T(…)OMTR", estampado no fundo de uma taça com a forma de Drag. 27. Não existem paralelos para esta marca, mas deve originar de *Tritivm Magallvm*, devido à fórmula "TR(itiensis)" (Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 416). O fragmento **nº 487** apresenta uma marca com letras muito finas e quase ilegíveis, onde se pode ler "EXO(FV)VN", com as letras centrais basicamente ilegíveis. Esta marca também não apresenta paralelos, encontrando-se estampada no fundo de um prato com a forma de Drag. 15/17 (Mayet 1984; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 427).

A marca **nº 370** apresenta o texto "IIXO(F?)NOI", podendo tratar-se dos oleiros *Nomvs*, ou ainda de outro oleiro que comece com as iniciais "NO", sendo que a pasta parece ser típica de *Tritivm Magallvm* (Mayet 1984, nº 740; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 427). O fragmento **nº 365** apresenta a marca "EX·OF(…)AV(…)", estampado no fundo de um vaso de forma indeterminada. A marca apresenta espaço para letras antes do "A" e depois do "V", ainda que nenhuma lá se encontre. Este fragmento foi recuperado durante a escavação da canalização das termas de Trajano (Mayet 1984, nº 756; Etienne, Alarcão & Mayet 1976, Vol. IV: nº 419).